

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

PATRICIA CORNWELL

O FATOR SCARPETTA



Sumário

[Dedicatoria](#)

[Intro](#)

[Capitulo 1](#)

[Capitulo 2](#)

[Capitulo 3](#)

[Capitulo 4](#)

[Capitulo 5](#)

[Capitulo 6](#)

[Capitulo 7](#)

[Capitulo 8](#)

[Capitulo 9](#)

[Capitulo 10](#)

[Capitulo 11](#)

[Capitulo 12](#)

[Capitulo 13](#)

[Capitulo 14](#)

[Capitulo 15](#)

[Capitulo 16](#)

[Capitulo 17](#)

[Capitulo 18](#)

[Capitulo 19](#)

[Capitulo 20](#)

[Capitulo 21](#)

[Capitulo 22](#)

[Capitulo 23](#)

[Seis dias depois](#)

[Creditos](#)

[Creditos1](#)

CORNWELL

O FATOR SCARPETTA

88 68 65 69

*Para Michael Rudell,
advogado, amigo, homem do Renascimento
E, como sempre, para Staci*

Aos vivos devemos respeito.
Aos mortos, só a verdade.
Voltaire, *Œuvres complètes*, 1785

Um vento gelado vinha do East River, fazendo esvoaçar o casaco da dra. Kay Scarpetta, que andava apressada pela rua Trinta.

Faltava uma semana para o Natal, mas não havia nem sinal das festas no lugar que ela chamava de Triângulo Trágico de Manhattan, três vértices ligados pela morte e pela desgraça. Atrás dela estava o Memorial Park, uma enorme barraca branca que abrigava os restos empacotados a vácuo, não identificados ou não reclamados, dos mortos no Marco Zero. À frente e à esquerda ficava o prédio gótico de tijolinhos do antigo Hospital Psiquiátrico Bellevue, agora um abrigo para os sem-teto. Diante dele, havia uma rampa de acesso à área de carga do Instituto Médico Legal, com um portão de garagem de aço cinza, aberto. Um caminhão dava marcha a ré, descarregando mais paletes de compensado. Tinha sido um dia barulhento no necrotério, um martelar constante nos corredores, que propagavam o som como num anfiteatro. Os técnicos funerários estavam atarefados na montagem de urnas comuns de pinho, para adultos e crianças, com dificuldade para acompanhar a crescente demanda de sepultamentos no cemitério de indigentes de Potter's Field. Tinha a ver com a economia. Tudo tinha.

Scarpetta lamentava ter de carregar a caixinha de papelão com um cheeseburger e fritas. Quanto tempo teriam ficado esperando um cliente no balcão aquecido da cafeteria da Escola de Medicina da Universidade de Nova York? Era tarde para o almoço, quase três horas, e ela sabia muito bem a resposta à pergunta sobre o gosto do lanche, mas não tinha tempo de fazer um pedido ou de se dar ao trabalho de ir ao bufê de saladas para comer algo saudável, ou que pelo menos lhe desse algum prazer. Até aquela hora, tinham sido quinze casos: suicídios, acidentes, homicídios e indigentes mortos sem assistência médica ou, pior ainda, sozinhos.

Ela chegara ao trabalho às seis da manhã para começar mais cedo. Terminou as duas primeiras autópsias às nove, reservando a pior para o final: uma mulher jovem com ferimentos e elementos contraditórios que demandavam tempo. Scarpetta levou mais de cinco horas com Toni Darien, traçando diagramas detalhados, tomando notas, tirando dezenas de fotos, colocando o cérebro inteiro da mulher num balde de formol para análise posterior, coletando e conservando um número incomum de tubos com secreções e amostras de órgãos e tecidos, manipulando e documentando todo o possível num caso que, se não era raro, era inusitado por seus aspectos contraditórios.

O assassinato e a causa da morte da mulher de vinte e seis anos eram lamentavelmente comuns e não exigiriam um prolongado exame post mortem para

que se respondesse às perguntas mais rudimentares. Ela morreria em decorrência de um trauma brusco, um único golpe na parte posterior da cabeça, desferido com um objeto cuja superfície provavelmente tinha várias cores. O que não fazia sentido era o resto. Quando o corpo foi encontrado, numa das esquinas do Central Park, a uns dez metros da rua 110 Leste, pouco antes do amanhecer, imaginou-se que ela estivesse correndo debaixo de chuva quando foi sexualmente atacada e morta. Sua legging de corrida e a calcinha estavam em volta dos tornozelos, o moletom e o top esportivo levantados acima dos seios. Havia um cachecol de lã acrílica amarrado em volta do pescoço com um nó duplo, e, à primeira vista, a polícia e os investigadores legistas do Instituto Médico Legal responsáveis pela cena do crime acharam que ela tinha sido estrangulada com uma peça de sua própria roupa.

Mas não tinha. Quando Scarpetta examinou o corpo no necrotério, nada foi encontrado que indicasse que o cachecol fosse o instrumento causador da morte, nem mesmo que tivesse contribuído para isso. Não havia sinal de asfixia, nenhuma reação vital como vermelhidão ou hematoma, apenas uma abrasão seca no pescoço, como se o cachecol tivesse sido amarrado depois da morte. Claro que era possível que o assassino tivesse golpeado a cabeça dela e, num momento posterior, a tivesse estrangulado, talvez achando que ainda não estava morta. Mas, nesse caso, quanto tempo ele teria passado com ela? Com base na contusão, no inchaço e na hemorragia encontrada no córtex cerebral, podia-se afirmar que ela sobrevivera ao golpe algum tempo, talvez horas. E no entanto havia muito pouco sangue na cena do crime. Foi só quando viraram o corpo de Toni que viram o ferimento na cabeça: uma lesão de quatro centímetros, bastante inchada, da qual corria um fio de líquido. A ausência de sangue foi atribuída à chuva.

Scarpetta tinha sérias dúvidas a esse respeito. O ferimento no couro cabeludo devia ter sangrado muito, e era pouco provável que uma chuva intermitente, no máximo moderada, tivesse lavado a maior parte do sangue dos cabelos longos e espessos da mulher. Teria o agressor lhe fraturado o crânio, e depois disso passado um longo tempo com ela ao relento, numa noite chuvosa de inverno, antes de apertar um cachecol em volta de seu pescoço para ter certeza de que ela não viveria para contar a história? Ou os nós faziam parte de um ritual sexual violento? Por que o livor mortis e o rigor mortis contradiziam o que a cena do crime aparentemente declarava? Toni parecia ter sido morta no parque, no fim da noite passada, ou seja, trinta e seis horas antes. Scarpetta estava intrigada com o caso. Talvez estivesse imaginando coisas. Talvez não estivesse pensando com clareza, até porque estava estressada e o nível de açúcar em seu sangue estava baixo, já que ela não comera nada o dia todo, só café, baldes de café.

Ela estava meio atrasada para a reunião das três horas com a equipe e precisava chegar em casa às seis para ir à academia e jantar com o marido, Benton Wesley,

antes de ir correndo para a CNN, a última coisa que gostaria de fazer. Nunca devia ter aceitado aparecer no programa *Relatório Crispin*. Sabe Deus por que tinha concordado em conversar ao vivo com Carley Crispin sobre as mudanças post mortem sofridas pelos cabelos e a importância da microscopia e outras disciplinas da medicina forense, que eram mal compreendidas pela indústria do entretenimento, a mesma com que Scarpetta agora se envolvera. Ela passou pela área de descarga, com seu almoço na caixinha, entre pilhas de caixas e caixotes cheios de material de escritório e de necrotério, carrinhos de carga, carrinhos de mão, paletes. O vigia atrás do acrílico estava ocupado com o telefone e mal a viu quando ela passou por ele.

Ao chegar ao topo de uma rampa, ela abriu uma pesada porta metálica com o cartão magnético que trazia num cordão e entrou numa cripta de azulejos brancos com detalhes verde-azulados que parecia levar a toda parte e a parte alguma. Quando começou a trabalhar ali como prestadora de serviços, vivia se perdendo. Ia dar no laboratório de antropologia quando procurava o de neuropatologia ou o de cardiologia, ou no vestiário masculino em vez do feminino, ou na sala de decomposição em vez da sala de autópsia, ou na câmara frigorífica errada, ou na escadaria errada, até mesmo no andar errado quando tomava o velho elevador de carga.

Em pouco tempo, ela captou a lógica daquela distribuição, seu fluxo circular inteligente, que começava na rampa de acesso. Da mesma forma que a área de carga, a rampa de acesso ficava atrás de um enorme portão de garagem. Quando a equipe de transporte do Instituto Médico Legal trazia um corpo, a maca era posta na rampa e passava por um detector de radiação que ficava sobre a porta. Se o alarme não disparasse, indicando a presença de material radioativo, como radiofármacos usados no tratamento de alguns tipos de câncer, a próxima parada seria na balança de plataforma, onde o corpo era pesado e medido. O destino seguinte ia depender das condições do corpo. Se estivesse em más condições, ou se fosse considerado potencialmente perigoso para os vivos, seria posto na câmara frigorífica de decomposição, próxima à sala de decomposição, onde a autópsia seria feita em isolamento, com ventilação adequada e outras medidas de precaução.

Se estivesse em boas condições, seria levado numa maca pelo corredor situado à direita da rampa de acesso, numa viagem que poderia incluir diversas paradas, a depender do estado de decomposição do corpo: a sala de raios X, a sala de coleta de amostras histológicas, o laboratório de antropologia forense, duas outras câmaras frigoríficas para corpos recentes que ainda não tinham sido examinados, o elevador para os que deveriam seguir para identificação no andar de cima, os armários para as provas periciais, a sala de neuropatologia, a sala de patologias cardíacas, a sala principal de autópsia. Depois do caso encerrado, com o corpo pronto para ser

entregue, fechava-se o círculo com a viagem até perto da rampa de acesso, para uma outra câmara frigorífica, que era onde Toni Darien deveria estar agora, envolta num saco e dentro de uma gaveta.

Mas ela não estava lá. Permanecia numa maca estacionada diante da porta de aço inoxidável da câmara frigorífica, onde uma técnica de identificação ajeitava um lençol azul em volta de seu pescoço, até o queixo.

“O que estamos fazendo?”, perguntou Scarpetta.

“Tivemos um certo tumulto lá em cima. Ela vai ser vista.”

“Por quem e por quê?”

“A mãe dela está no saguão e disse que não sai daqui sem vê-la. Não se preocupe. Eu cuido disso.” O nome da técnica era René, tinha trinta e poucos anos, cabelo preto e crespo, olhos de ébano, e era especialmente hábil para lidar com as famílias. Não era comum que surgissem problemas com parentes de mortos. Quase sempre René conseguia acalmá-los.

“Pensei que o pai tinha feito a identificação”, disse Scarpetta.

“Ele preencheu o formulário e viu a foto que você me enviou... Foi pouco antes de você descer à cantina. Minutos depois, a mãe chegou e os dois começaram a discutir no saguão, armaram uma confusão e ele acabou indo embora enfurecido.”

“São divorciados?”

“É óbvio que se detestam. Ela insiste em ver o corpo, não aceita um não como resposta.” As mãos de René, protegidas por luvas roxas de nitrilo, tiraram da testa da morta uma mecha de cabelo molhado e arrumaram outras mechas atrás das orelhas, para que as suturas da autópsia não ficassem aparentes. “Sei que você tem uma reunião de equipe daqui a pouco. Eu cuido disto.” René olhou para a caixa de papelão que Scarpetta segurava. “Você nem almoçou ainda. O que comeu hoje? Provavelmente nada, como sempre. Quantos quilos você perdeu? Vai acabar no laboratório de antropologia, confundida com um esqueleto.”

“Sobre o que eles discutiam no saguão?”, Scarpetta perguntou.

“Agências funerárias. A mãe quer uma que fica em Long Island, o pai prefere outra de New Jersey. A mãe quer enterro; o pai, cremação. Os dois ficaram lá brigando por causa dela.” René tocou de novo o cadáver, como se ele participasse da conversa. “E então começaram a se acusar mutuamente de tudo o que você possa imaginar. A certa altura, o doutor Edison apareceu, de tanto que eles gritavam.”

Ele era o legista chefe e também o chefe de Scarpetta enquanto ela estava trabalhando na cidade. Estava sendo um pouco difícil para ela se acostumar a ser supervisionada, tendo sido ela mesma chefe ou profissional liberal durante a maior parte da carreira. Mas Scarpetta não gostaria de assumir o Instituto Médico Legal de Nova York, o que não quer dizer que tivesse sido convidada ou que provavelmente viesse a ser. Comandar uma repartição dessa magnitude seria como ser prefeita de

uma metrópole.

“Bem, você sabe como funciona”, disse Scarpetta. “Um desentendimento, e o corpo não vai a parte alguma. Vamos dar um tempo na liberação do corpo até que o departamento jurídico resolva outra coisa. Você mostrou a foto à mãe, e daí?”

“Tentei, mas ela não quis olhar. Diz que quer ver a filha e que não vai embora antes disso.”

“Ela está na sala da família?”

“Deixei-a lá. Pus a pasta em sua mesa, com cópias do formulário.”

“Obrigada. Vou dar uma olhada quando subir. Você a leva para o elevador e eu cuido das coisas na outra ponta”, disse Scarpetta. “Talvez você possa avisar o doutor Edison de que não estarei na reunião das três. Na verdade, ela já começou. Com sorte, consigo vê-lo antes que vá para casa. Preciso falar com ele sobre este caso.”

“Vou avisá-lo.” René segurou o guidão da maca de aço. “Boa sorte na TV esta noite.”

“Diga ao doutor que baixe as fotos da cena do crime, mas só amanhã poderei mandá-las para ele e concluir o protocolo da autópsia.”

“Vi as chamadas do programa. São legais.” René ainda falava da televisão. “Mas não suporto Carley Crispin e aquele, como se chama, o que faz perfis psicológicos o tempo todo? Doutor Agee. Estou enjoada, cansada de ouvi-los falar sobre Hannah Starr. Aposto que Carley vai perguntar a você sobre isso.”

“A CNN sabe que não discuto casos em andamento.”

“Você acha que ela está morta? Eu tenho certeza de que está.” A voz de René perseguiu Scarpetta até o elevador. “Como era mesmo o nome dela em Aruba? Natalee? As pessoas só desaparecem por um motivo: alguém quer que elas desapareçam.”

Eles tinham prometido. Carley Crispin não faria isso com ela, não se atreveria. Scarpetta não era apenas mais uma médica-legista, uma pessoa de fora, um convidado pouco frequente, uma apresentadora, pensava ela enquanto o elevador subia. Era a principal analista de medicina forense da CNN, e tinha sido claríssima com o produtor executivo do programa, Alex Bachta: não iria debater o caso de Hannah Starr, nem sequer falar sobre a bela gigante das finanças que tinha desaparecido na véspera do dia de Ação de Graças, tendo sido vista pela última vez ao sair de um restaurante em Greenwich Village e tomar um táxi. Se o pior tivesse acontecido, se ela estivesse morta e o corpo aparecesse na cidade de Nova York, ficaria dentro da jurisdição de Scarpetta e ela poderia acabar tendo de assumir o caso.

Scarpetta desceu no primeiro andar, seguiu por um longo corredor, passou pela Divisão de Operações Especiais. Atrás de outra porta trancada ficava o saguão,

decorado com sofás e poltronas em bordô e azul, mesinhas e revisteiros, além de uma árvore de Natal e uma menorá na janela debruçada sobre a Primeira Avenida. Sobre a mesa da recepção, gravadas em mármore, as inscrições *Taceant colloquia. Effugiat risus. Hic locus est ubi mors gaudet succurrere vitae*. Que cessem as conversas. Que fuja o riso. Este é o lugar em que os mortos têm a alegria de ajudar os vivos. Um rádio detrás do balcão tocava “Hotel California”, dos Eagles. Filene, uma das seguranças, tinha decidido que o saguão vazio estava a seu dispor para enchê-lo com o que ela chamava de sua música.

“... Você pode se despedir quantas vezes quiser, mas nunca poderá partir”, cantarolava Filene baixinho, alheia à ironia.

“Alguém deve estar na sala da família, não?”, Scarpetta se deteve diante do balcão.

“Ah, desculpe.” Filene abaixou-se e desligou o rádio. “Não pensei que ela pudesse ouvir. Mas tudo bem. Não posso viver sem minha música. É que fico tão entediada, sabe? Sentada aqui o tempo inteiro e nada acontece.”

O que Filene costumava ver naquele lugar nunca era alegria, e esse era o motivo, mais do que o tédio, pelo qual ela ouvia seu rock suave alto-astral sempre que podia, estivesse na recepção ou lá embaixo, no escritório do necrotério. Scarpetta não se importava, desde que não houvesse parentes enlutados ouvindo música ou letras que pudessem ser provocantes ou interpretadas como desrespeitosas.

“Diga à senhora Darien que estou chegando”, disse Scarpetta. “Preciso de uns quinze minutos para verificar umas coisas e dar uma olhada no formulário. Vamos segurar o som até que ela vá embora, está bem?”

Diante do saguão, à esquerda, ficava a ala administrativa que ela dividia com o dr. Edison, dois assistentes executivos e a chefe da equipe, que estava em lua de mel até depois do Ano-Novo. Num prédio de meio século, sem espaço de sobra, não havia como instalar Scarpetta no terceiro andar, onde os patologistas forenses em tempo integral tinham suas salas. Quando ela estava na cidade, ocupava a antiga sala de conferências do chefe no térreo, com vista para a entrada de tijolos turquesa do Instituto Médico Legal na Primeira Avenida. Ela destrancou a porta e entrou. Pendurou o casaco, pôs a caixa do almoço sobre a mesa e se sentou diante do computador.

Abriu um buscador na internet e digitou *BioGraph*. Na parte superior da tela apareceu a pergunta *Você quis dizer: Biography*. Não, ela não quis. *Biograph Records*. Nada do que ela procurava. *American Mutoscope and Biograph Company*, a mais antiga empresa cinematográfica dos Estados Unidos, fundada em 1895 por um inventor que trabalhara para Thomas Edison, este, por sua vez, antepassado distante do chefe do Instituto Médico Legal, num grau de parentesco remoto. Coincidência interessante. Nenhuma ocorrência para *BioGraph* com B e G

maiúsculos, como estava escrito na parte de trás do estranho relógio que Toni Darien usava no pulso esquerdo quando o cadáver chegara ao necrotério naquela manhã.

Nevava forte em Stowe, Vermont. Grandes flocos de neve caíam pesadamente e se amontoavam nos galhos dos abetos e pinheiros. Os cabos do teleférico que cruzava as Montanhas Verdes pareciam uma tênue teia de aranha, paralisada e quase invisível no meio da tempestade. Ninguém esquiando naquele troço, ninguém fazendo nada que não fosse ficar em casa.

O helicóptero de Lucy Farinelli permanecia retido perto de Burlington. Pelo menos estava a salvo num hangar, mas Lucy e Jaime Berger, promotora distrital do condado de Nova York, não iriam a parte alguma nas próximas cinco horas — talvez mais, não antes das nove da noite — enquanto esperavam que a tempestade se deslocasse para o sul. Por volta das nove, o tempo permitiria as condições de voo, com teto acima de três mil pés, visibilidade de cinco milhas ou mais e vento nordeste de trinta nós. Mesmo enfrentando um vento de popa infernal na volta para Nova York, elas chegariam a tempo para o que tinham de fazer, mas Berger estava de péssimo humor, tinha ficado o tempo todo ao telefone na outra sala, sem fazer o menor esforço para ser agradável. A seu ver, o mau tempo tinha retido as duas mais do que o pretendido, e como era Lucy quem pilotava, a culpa era dela. De nada importava que a previsão do tempo tivesse errado feio, que o que começara como duas tempestades pequenas tivessem se unido na altura de Saskatchewan, Canadá, convergindo com uma massa de ar do ártico para criar uma espécie de monstro.

Lucy baixou o volume do vídeo do YouTube, um solo de bateria de Mick Fleetwood para “World Turning”, gravado ao vivo num show de 1987.

“Está me ouvindo?”, perguntou ao telefone a sua tia Kay. “O sinal está péssimo e o tempo não ajuda.”

“Muito melhor. Como está indo a busca?” A voz de Scarpetta chegou até Lucy.

“Até agora não encontrei nada. O que é estranho.”

Lucy tinha três MacBooks ligados, cada tela dividida em quadrantes que mostravam as atualizações do Centro Meteorológico para a Aviação, um fluxo de dados de pesquisas sobre redes neurais, links que avisavam que poderiam conduzir a sites de interesse, o e-mail de Hannah Starr, o e-mail de Lucy e uma gravação feita por uma câmera de segurança do ator Hap Judd usando jaleco no necrotério do Hospital Park General antes de ficar famoso.

“Tem certeza do nome?”, ela perguntou, percorrendo os monitores com os olhos, o pensamento saltando de um assunto a outro.

“Tudo o que sei é o que está gravado no fundo de aço.” A voz de Scarpetta parecia séria e apressada. “BioGraph.” Soletrou outra vez. “É um número de série. É possível que não seja encontrado pelos navegadores comuns. É como os vírus. Se você já não souber o que está procurando, não vai encontrar.”

“Não é como um software antivírus. Os buscadores que eu uso não empregam esse tipo de software. Faço buscas de código aberto. Não estou encontrando BioGraph porque não existe na internet. Não há nada publicado sobre isso. Em nenhum fórum, em nenhum blog, em nenhuma base de dados, em parte alguma.”

“Por favor, só não vá invadir sistemas”, disse Scarpetta.

“Ora, eu só exploro a vulnerabilidade dos sistemas.”

“Claro, se uma porta está sem chave e você entra na casa de alguém, isso não é invasão de propriedade.”

“Não há menção alguma a BioGraph, senão eu a teria encontrado.” Lucy não ia entrar na polêmica habitual entre elas, de que os fins justificam os meios.

“Não sei como isso é possível. O relógio parece bem sofisticado, tem até uma porta usb. É preciso carregá-lo, provavelmente numa docking station. Deve ser bastante caro.”

“Não encontro nada, nem procurando sobre relógios ou aparelhos ou seja lá o que for.” Lucy observava os resultados que se sucediam, a busca de sua rede neural passando por uma infinidade de palavras-chave, textos de âncora, arquivos, urls, tags, endereços de e-mail e endereços IP. “Procuro, procuro e não acho nada parecido com o que você descreveu.”

“Tem de haver uma maneira de saber o que é isso.”

“Isso não é nada. O que estou dizendo”, disse Lucy, “é que não existe nenhum relógio ou dispositivo BioGraph, nem coisa alguma que pudesse remotamente se encaixar com o que Toni Darien estava usando. O relógio BioGraph dela não existe.”

“O que você quer dizer com ‘não existe’?”

“Quero dizer que não existe na internet, dentro da rede de comunicação ou, metaforicamente, no ciberespaço. Em outras palavras, o relógio BioGraph não existe no mundo virtual”, disse Lucy. “Se eu vir fisicamente essa coisa, provavelmente saberei do que se trata. Principalmente se você tiver razão e for algo como um coletor de dados.”

“Não posso mostrá-lo a você antes que os laboratórios terminem de examiná-lo.”

“Merda, não deixe que eles usem chaves de fenda e martelos”, disse Lucy.

“Não, eles só estão pesquisando DNA. A polícia já procurou impressões digitais. Por favor, diga a Jaime que ela pode me ligar quando quiser. Espero que estejam se divertindo. Lamento estar sem tempo para conversar agora.”

“Se eu a vir, direi isso a ela.”

“Ela não está com você?”, sondou Scarpetta.

“O caso Hannah Starr e agora este. Jaime está um pouco enrolada, com muita coisa na cabeça. Você mais do que ninguém sabe como é isso.” Lucy não estava disposta a discutir sua vida pessoal.

“Espero que ela tenha passado um aniversário feliz.”

Lucy não queria falar sobre o assunto. “Como está o tempo aí?”

“Está ventando, frio. Nublado.”

“Vocês vão ter mais chuva, talvez neve, no norte da cidade”, disse Lucy. “O tempo pode abrir lá pela meia-noite, porque a tempestade está perdendo força ao dirigir-se para aí.”

“Vocês duas estão quietinhas, espero.”

“Se eu não puser esta máquina para voar, Jaime vai sair atrás de um trenó de cachorros.”

“Me ligue antes de sair e, por favor, tenha cuidado”, disse Scarpetta. “Tenho de desligar, preciso falar com a mãe de Toni Darien. Estou com saudades. Vamos jantar, fazer alguma coisa um dia desses?”

“Claro”, disse Lucy.

Lucy desligou e aumentou o som do YouTube outra vez, com Mick Fleetwood ainda na bateria. Com as duas mãos nos MacBooks, como se estivesse dando seu próprio show com um solo de teclado, ela clicou em outra atualização da meteorologia e num e-mail que acabava de chegar à caixa de correio de Hannah Starr. As pessoas eram esquisitas. Se você conhece alguém que desapareceu e pode até ter morrido, por que continua a lhe mandar e-mails? Por acaso o marido de Hannah Starr seria estúpido, pensou Lucy, a ponto de não lhe ocorrer que o Departamento de Polícia de Nova York e a promotoria distrital estariam monitorando os e-mails de Hannah, ou que contratariam uma perita em informática forense como ela para isso? Durante as três últimas semanas, Bobby vinha mandando mensagens diárias a sua esposa desaparecida. Talvez soubesse exatamente o que estava fazendo, querendo que os agentes da lei vissem que ele escrevia para sua *bien-aimée*, seu chuchuzinho, seu *amore mio*, o amor de sua vida. Se a tivesse matado, não estaria escrevendo mensagens de amor para ela, não é mesmo?

De: Bobby Fuller

Enviada em: quinta-feira, 18 de dezembro 15:24

Para: Hannah

Assunto: Non posso vivere senza di te

Minha pequena,

Espero que você esteja em segurança e lendo isto. Meu coração, levado pelas asas de minha alma, vai encontrá-la onde quer que você esteja. Não se esqueça. Não consigo comer nem dormir. B.

Lucy checou o endereço IP dele, já o reconhecia com uma olhada. Era do apartamento de Bobby e Hannah em North Miami Beach onde ele definhava, escondido da imprensa num entorno palaciano que Lucy conhecia muito bem. Tinha estado nesse mesmo apartamento, não fazia muito tempo, com a adorável ladra que ele tinha como esposa. Sempre que Lucy via um e-mail de Bobby, se perguntava como ele se sentiria se acreditasse realmente que Hannah estava morta.

Ou talvez ele soubesse que ela estava morta, ou que não estava. Talvez soubesse

exatamente o que tinha acontecido por ter algo a ver com isso. Lucy não fazia ideia, e quando tentava se pôr no lugar dele, não conseguia. Tudo o que importava para ela era que Hannah estava colhendo o que tinha semeado, e colhia mais cedo do que seria de se esperar. Ela merecia tudo o que lhe havia acontecido, tinha perdido tempo e dinheiro de Lucy e agora lhe roubava algo muito mais precioso. Três semanas de Hannah. Nada com Berger. Mesmo quando ela e Lucy estavam juntas, estavam separadas. Lucy estava assustada. Estava furiosa. Às vezes se sentia capaz de fazer coisas terríveis.

Ela encaminhou o último e-mail de Bobby para Berger, que estava andando de cá para lá na outra sala. O som de seus passos na madeira de lei. Lucy ficou curiosa a respeito de um website cujo endereço começava a piscar num quadrante de um dos MacBooks.

“E agora, o que estamos tramando?”, disse ela para a sala vazia da cabana que alugara para uma escapada-surpresa no aniversário de Berger num resort cinco estrelas com conexão sem fio de alta velocidade, lareiras, colchões de penas e lençóis de algodão de oitocentos fios. A escapada tinha tudo menos o que se pretendia — intimidade, romantismo, diversão — e Lucy punha a culpa em Hannah, em Hap Judd, em Bobby, em todo mundo. Lucy se sentia perseguida por eles e rejeitada por Berger.

“Isso é ridículo”, disse Berger ao entrar, referindo-se ao mundo além das janelas, tudo branco, só a forma das árvores e a silhueta dos telhados através da neve que caía em lufadas. “Será que algum dia vamos sair daqui?”

“E o que é isto agora?”, resmungou Lucy, clicando num link.

A busca de um endereço IP tinha localizado um site hospedado pelo Centro de Antropologia Forense da Universidade do Tennessee.

“Com quem você estava falando?”, perguntou Berger.

“Com minha tia. Agora estou falando comigo mesma. Preciso falar com alguém.”

Berger ignorou a indireta, não estava a fim de se desculpar por ter dito o que não podia evitar. Não era culpa dela se Hannah Starr tinha desaparecido, se Hap Judd era um depravado que devia ter informações, e, como se isso não bastasse, agora uma corredora tinha sido estuprada e morta no Central Park na noite passada. Berger devia dizer a Lucy que precisava ser mais compreensiva. Que não devia ser tão egoísta. Precisava crescer e parar de ser insegura e carente.

“Podemos passar sem a bateria enlouquecedora?” As dores de cabeça de Berger estavam de volta. Acontecia com frequência.

Lucy saiu do YouTube e a sala ficou em silêncio, nenhum barulho além do gás queimando na lareira. “Mais do mesmo troço maluco”, disse ela.

Berger pôs os óculos e inclinou-se para olhar. Tinha cheiro de óleo de banho Amorvero, não usava maquiagem, nem precisava. O cabelo curto e escuro

despenteado, ela estava muito sensual, vestida com um conjunto de moletom preto sem nada por baixo, o casaco com o zíper aberto, deixando à vista o colo, embora ela não quisesse dizer nada com aquilo. Lucy não sabia o que Berger queria dizer, ou por onde andavam seus pensamentos nos últimos dias, a maior parte do tempo. Presente não estava, pelo menos não emocionalmente. Lucy teve vontade de abraçá-la, mostrar-lhe o que costumava acontecer entre elas, como as coisas eram antes.

“Ele está no site da fazenda de corpos, e duvido que esteja pensando em se matar e doar o corpo para a ciência”, disse Lucy.

“De quem você está falando?” Berger estava lendo um formulário que aparecia na tela de um dos MacBooks, cujo cabeçalho dizia:

Centro de Antropologia Forense
Universidade do Tennessee, Knoxville
Questionário de doação de corpo

“De Hap Judd”, disse Lucy. “Ele aparece ligado a este site pelo endereço IP, porque acaba de usar um nome falso para fazer uma encomenda. Espere, vamos ver o que esse canalha está pretendendo, vamos seguir essa pista.” Abriu páginas da internet. “Nesta tela agora. Fordisc Software. Um programa interativo de computador que roda em plataforma Windows. Classifica e identifica restos de esqueletos. O cara é mórbido mesmo. Isso não é normal. Estou te dizendo, ele vai nos levar a alguma coisa.”

“Vamos ser francas. Você acha que vai chegar a alguma coisa porque quem procura acha”, disse Berger, deixando implícito que Lucy não estava sendo franca. “Está tentando encontrar indícios para aquilo que você já acha que aconteceu.”

“Estou encontrando indícios porque ele está deixando indícios”, disse Lucy. Fazia semanas que elas vinham discutindo sobre Hap Judd. “Não sei por que você é tão cética. Acha que estou inventando tudo?”

“Quero falar com ele sobre Hannah Starr, e você quer crucificá-lo.”

“Você precisa meter muito medo nele se quiser que ele fale. Principalmente sem a presença de uma droga de advogado. Eu dei um jeito para que isso aconteça, para lhe dar o que você quer.”

“Se algum dia conseguirmos sair daqui e se ele aparecer.” Berger se afastou da tela do computador e disse decidida: “Talvez ele vá fazer um antropólogo, um arqueólogo, um explorador em seu próximo filme. Algum *Caçadores da arca perdida* ou outro desses filmes de múmias, com tumbas e maldições antigas”.

“Certo”, disse Lucy. “Método de interpretação, imersão total em seu próximo personagem pervertido, escrevendo outro de seus paupérrimos roteiros. Esse será o álibi que vai apresentar quando formos atrás dele por causa do Park General e de seus interesses bizarros.”

“Nós *não* vamos atrás dele. Eu vou. Você não vai fazer nada além de mostrar a

ele o que encontrou em suas pesquisas de computador. Marino e eu vamos conversar com ele.”

Lucy verificaria isso mais tarde com Pete Marino, quando não houvesse risco de Berger ouvir a conversa. Ele não tinha o menor respeito por Hap Judd e com certeza não tinha medo dele. Marino não tinha escrúpulo em investigar uma pessoa famosa ou metê-la na cadeia. Berger parecia intimidada por Judd, Lucy não entendia por quê. Nunca tinha visto Berger intimidada por quem quer que fosse.

“Venha cá.” Lucy puxou-a para perto de si, sentou-a no colo. “O que está acontecendo com você?” Fez-lhe um chamego nas costas, deslizou as mãos por dentro do casaco de moletom. “Por que está tão assustada? Vai ser uma longa noite. Devíamos tirar um cochilo.”

Grace Darien tinha cabelos longos e escuros, o mesmo nariz arrebitado e os lábios carnudos de sua filha assassinada. Com o casaco de lã vermelha abotoado até o pescoço, parecia miúda e acabrunhada diante da janela que dava para a cerca de ferro preto e para os tijolinhos cobertos por uma trepadeira seca do Bellevue. O céu estava cor de chumbo.

“Senhora Darien? Sou a doutora Scarpetta.” Entrou na sala das famílias e fechou a porta.

“É possível que tenha havido um engano.” A sra. Darien afastou-se da janela, com as mãos muito trêmulas. “Continuo achando que isso não é possível. Não pode ser. É outra pessoa. Como vocês podem ter certeza?” Sentou-se à mesinha de madeira perto do bebedouro, com a fisionomia perplexa e inexpressiva, um laivo de terror nos olhos.

“Fizemos uma identificação preliminar de sua filha por meio dos objetos pessoais encontrados pela polícia.” Scarpetta puxou uma cadeira e sentou-se diante da mulher. “Seu ex-marido também viu uma foto.”

“A que tiraram aqui.”

“Sim. Por favor, permita-me dizer que lamento muitíssimo.”

“Ele chegou a dizer que só a vê uma ou duas vezes por ano?”

“Vamos comparar a arcada dentária dela com o prontuário do dentista e faremos teste de DNA, se necessário”, disse Scarpetta.

“Posso lhe dar os dados do dentista. Ela ainda vai ao mesmo que eu.” Grace Darien remexeu dentro da bolsa, e um batom e um estojo de pó tilintaram sobre a mesa. “A pessoa com quem falei quando cheguei em casa e ouvi a mensagem. Não consigo lembrar o nome, uma mulher. Depois ligou outro detetive, um homem. Mario, Marinaro.” A voz dela tremia e ela piscava para reter as lágrimas, tirando um bloquinho e uma caneta.

“Pete Marino?”

Ela rabiscou alguma coisa e arrancou a página, as mãos desajeitadas, quase

paralisadas. “Não sei de cabeça o telefone de nosso dentista. Aqui estão o nome e o endereço.” Estendeu o papel a Scarpetta. “Marino. Acho que sim.”

“É um detetive do Departamento de Polícia de Nova York, locado no escritório da promotora distrital Jaime Berger. O departamento dela vai assumir a investigação criminal.” Scarpetta enfiou o papel na pasta que René tinha deixado para ela.

“Ele disse que estavam indo ao apartamento de Toni para pegar a escova de cabelos, a escova de dentes. Provavelmente já foram, não sei, não me disseram mais nada”, continuou a senhora Darien, com a voz trêmula e pastosa. “A polícia falou primeiro com Larry porque eu não estava em casa. Fui levar o gato ao veterinário. Tive de pôr o gato para dormir, imagine que situação. Era isso o que eu estava fazendo enquanto eles tentavam me encontrar. O detetive da promotoria disse que poderiam obter o DNA em objetos do apartamento dela. Não entendo como vocês podem ter certeza de que é ela se ainda não fizeram os testes.”

Scarpetta não tinha dúvida sobre a identidade de Toni Darien. A carteira de motorista e as chaves do apartamento estavam num bolso do agasalho que chegou com o corpo. Raios X post mortem mostraram fraturas cicatrizadas na clavícula e no braço direito, coincidentes com os ferimentos sofridos por Toni cinco anos antes quando foi atropelada andando de bicicleta, segundo informações do Departamento de Polícia de Nova York.

“Falei com ela sobre isso de correr na cidade”, disse a senhora Darien. “Não sei quantas vezes, mas ela nunca corria depois do anoitecer. Não sei por que teria saído na chuva. Ela detesta correr na chuva, principalmente se estiver fazendo frio. Acho que deve haver um engano.”

Scarpetta pôs uma caixa de lenços mais perto dela. “Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, tirar algumas dúvidas antes que a senhora a visse. Pode ser?” Depois de vê-la, Grace Darien não teria condições de falar. “Qual foi a última vez que teve contato com sua filha?”

“Terça de manhã. Não sei exatamente a que horas, provavelmente por volta das dez. Liguei para ela e conversamos.”

“Dois dias atrás, dezesseis de dezembro.”

“Sim.” Ela enxugou os olhos.

“Nada desde então? Nenhum outro telefonema, correio de voz, e-mail?”

“Não conversávamos nem trocávamos e-mails todos os dias, mas ela mandou uma mensagem de texto. Posso mostrá-la.” Pegou a carteira. “Devo ter dito isso ao detetive, eu acho. Como disse que ele se chamava?”

“Marino.”

“Ele queria o endereço de e-mail dela, porque disse que vão precisar vê-lo. Dei o endereço, mas é claro que não sei a senha.” Ela revirou a bolsa em busca do telefone, dos óculos. “Liguei para Toni na terça de manhã para perguntar se ela

queria peru ou tender. Para o Natal. Ela não quis nem um nem outro. Disse que ia trazer peixe, e eu disse que comeria o que ela quisesse. Foi uma conversa normal, principalmente sobre coisas como essa, já que os dois irmãos dela virão. Todos nós juntos em Long Island.” Tirou o telefone da bolsa, pôs os óculos e começou a procurar algo com as mãos trêmulas. “É lá que eu moro. Em Islip. Sou enfermeira, trabalho no Hospital Mercy.” Deu o telefone a Scarpetta. “Essa é a mensagem que ela mandou na noite passada.” Puxou mais lenços da caixa.

Scarpetta leu a mensagem:

De: Toni

Ainda estou tentando tirar uns dias de folga mas o Natal é uma loucura. Alguém tem de me substituir, e ninguém quer, principalmente por causa do horário. xxoo

CB# 917-555-1487

Recebida em: quarta-feira, 17 dez. 20:07

“Este 917 é o telefone de sua filha?”, perguntou Scarpetta.

“É o celular dela.”

“Pode me explicar o que ela quis dizer com essa mensagem?” Ela queria ter certeza de que Marino ficaria sabendo disso.

“Ela trabalha à noite e nos fins de semana, e está tentando conseguir alguém que a substitua para tirar uma folga durante as festas”, disse a sra. Darien. “Os irmãos dela estão vindo.”

“Seu ex-marido disse que ela trabalhava como garçonne no Hell’s Kitchen.”

“Ele deve ter dito isso como se ela servisse pratos feitos ou fritasse hambúrgueres. Ela trabalha no lounge do High Roller Lanes, um lugar ótimo, de muita classe, não é um boliche vagabundo qualquer. Ela quer ter seu próprio restaurante um dia, em Las Vegas, Paris ou Monte Carlo.”

“Ela trabalhou na noite passada?”

“Normalmente, ela não trabalha na quarta-feira. Costuma ter folga de segunda a quarta, e depois trabalha muitas horas de quinta a domingo.”

“Os irmãos sabem o que aconteceu?”, perguntou Scarpetta. “Não seria bom que ficassem sabendo pelos jornais.”

“Larry provavelmente lhes contou. Eu teria esperado um pouco. Pode não ser verdade.”

“Queremos dar atenção a qualquer pessoa que por algum motivo não deva ficar sabendo pelos jornais.” Scarpetta foi o mais cortês que pôde. “Ela teria um namorado? Alguma outra pessoa importante?”

“Bem, imagino que sim. Estive no apartamento de Toni em setembro e havia todos aqueles bichinhos de pelúcia na cama, um monte de perfumes e coisas assim, e ela não explicou bem de onde tinham vindo. E no Dia de Ação de Graças ficou o tempo todo às voltas com mensagens de texto, ora alegre, ora chateada. Você sabe como as pessoas são quando se apaixonam. Só sei que ela conhece muita gente no trabalho,

uma porção de homens atraentes e interessantes.”

“É possível que ela tenha contado alguma coisa para seu ex-marido? Sobre um namorado, por exemplo?”

“Eles não tinham intimidade. O que a senhora não sabe é por que ele está fazendo isso, o que Larry pretende na verdade. É tudo para me atingir e fazer todo mundo pensar que ele é um pai dedicado e não o bêbado e jogador compulsivo que abandonou a família. Toni nunca ia querer ser cremada e, se o pior aconteceu, vou contratar a mesma agência funerária que cuidou de minha mãe, a Levine and Sons.”

“Até que a senhora e o senhor Darien entrem em acordo sobre o destino dos restos de Toni, temo que o Instituto Médico Legal não libere o corpo”, disse Scarpetta.

“Vocês não podem lhe dar ouvidos. Ele deixou Toni quando ela ainda era um bebê. Por que alguém lhe daria ouvidos?”

“A lei exige que desentendimentos como o de vocês sejam resolvidos, se necessário nos tribunais, antes que o corpo seja liberado”, disse Scarpetta. “Sinto muito. Sei que a última coisa de que a senhora precisa é de mais frustração e preocupação.”

“Que direito ele tem de aparecer de repente, depois de vinte e tantos anos, fazendo exigências, querendo objetos pessoais dela? Brigar comigo no saguão e dizer àquela garota que queria os pertences de Toni, fosse lá o que fosse que ela tivesse consigo quando chegou, pode até não ser ela. Dizer aquelas coisas horríveis sem piedade! Estava bêbado e só viu um retrato. E a senhora acredita nisso? Oh, Deus. O que é que eu vou ver? Diga-me o que é para eu saber, o que devo esperar.”

“A causa da morte de sua filha foi um trauma forte e brusco que fraturou o crânio e atingiu o cérebro”, disse Scarpetta.

“Alguém lhe deu uma pancada na cabeça.” A voz dela tremeu, e ela desatou a chorar.

“Sim. Ela sofreu um ferimento grave na cabeça.”

“Quantos? Um só?”

“Senhora Darien, devo avisá-la desde já que qualquer coisa que eu lhe disser é sigilosa, e que é meu dever ter cuidado e bom senso sobre aquilo que estamos discutindo agora”, disse Scarpetta. “É fundamental que nenhuma informação que possa nos ajudar a encontrar o agressor de sua filha vaze. Espero que a senhora compreenda. Depois que a investigação policial terminar, poderemos marcar um encontro e discutir tudo em detalhes, como a senhora gostaria.”

“Toni estava correndo na chuva no lado norte do Central Park ontem à noite? Para começo de conversa, o que ela estaria fazendo lá? Alguém se preocupou em fazer essa pergunta?”

“Todos nós temos uma porção de perguntas, mas infelizmente até agora há pouquíssimas respostas”, disse Scarpetta. “Mas pelo que sei, sua filha tem um

apartamento no Upper East Side, na Segunda Avenida. Fica a vinte quadras do lugar em que ela foi encontrada, o que não é muito para uma corredora assídua.”

“Mas isso foi no Central Park depois de escurecer. Perto do Harlem depois de escurecer. Ela nunca estaria correndo num lugar desses depois de escurecer. E ela detestava chuva. Detestava sentir frio. Alguém chegou por trás dela? Ela lutou com ele? Oh, meu Deus.”

“Repito o que disse a respeito de detalhes, sobre o cuidado que precisamos ter neste momento”, disse Scarpetta. “O que posso lhe dizer é que não encontrei sinais óbvios de luta. Ao que parece, Toni levou um golpe na cabeça, o que causou uma grande contusão e uma hemorragia cerebral, com um período de sobrevivência que durou o bastante para uma reação dos tecidos.”

“Mas ela não devia estar consciente.”

“O que encontramos indica um período de sobrevivência, mas é isso mesmo, ela não devia estar consciente. Ela não deve ter tido ideia alguma do que aconteceu, da agressão. Não podemos ter certeza até que saiam os resultados de alguns exames.” Scarpetta abriu a pasta, tirou dela o histórico médico e colocou-o diante da sra. Darien. “Seu ex-marido preencheu. Ficaria grata se a senhora desse uma olhada.”

O formulário tremia nas mãos da sra. Darien, que o percorria com os olhos.

“Nome, endereço, lugar de nascimento, nome dos pais. Por favor, diga-me se devo corrigir alguma coisa”, disse Scarpetta. “Se ela tinha pressão alta, diabetes, hipoglicemia, problemas de saúde mental... Ou se estava grávida, por exemplo.”

“Ele marcou *não* para tudo. Que diabos ele sabe?”

“Não sofria de depressão, mau humor, mudança de comportamento que tenham lhe parecido estranhos?” Scarpetta pensava no relógio BioGraph. “Tinha dificuldade para dormir? Alguma coisa diferente estava acontecendo? A senhora disse que a hora tardia não era habitual a Toni.”

“Talvez algum problema com um namorado, ou no trabalho, já que a economia está desse jeito. Algumas das garotas que trabalham com ela foram demitidas”, disse a sra. Darien. “Ela estava meio para baixo, como todo mundo. Principalmente nesta época do ano. Ela não gosta do inverno.”

“Sabe se ela tomava algum remédio?”

“Só remédios sem receita, pelo que sei. Vitaminas. Ela se cuida muito.”

“Me interessa saber quem é o clínico dela, seu médico, ou médicos. O senhor Darien não preencheu essa parte.”

“É porque ele não sabe. Nunca pagou as contas. Toni se sustentava desde o colégio, e não sei bem quem é seu médico. Ela nunca fica doente, tem mais energia que qualquer pessoa que eu conheça. Sempre em atividade.”

“Sabe de alguma joia que ela usasse no dia a dia? Anéis, pulseira, um cordão que raramente tirasse?”, perguntou Scarpetta.

“Não sei.”

“Algum relógio?”

“Acho que não.”

“Um relógio digital esportivo, de plástico preto? Um relógio preto grande? Viu alguma coisa assim com ela?”

A sra. Darien fez que não.

“Já vi relógios como esses usados por pessoas que estão se submetendo a exames médicos. Em sua profissão, a senhora com certeza já os viu também. Relógios que são monitores cardíacos, ou são usados por pessoas que têm distúrbios do sono, por exemplo”, disse Scarpetta.

Houve um lampejo de esperança nos olhos da sra. Darien.

“E quando a senhora viu Toni no Dia de Ação de Graças, ela não estava usando um relógio como o que acabo de descrever?”

“Não.” A sra. Darien balançou a cabeça. “É o que eu quero dizer. Pode não ser ela. Nunca a vi usando uma coisa dessas.”

Scarpetta perguntou se ela queria ver o corpo agora. Ambas se levantaram e entraram numa sala contígua, pequena e nua, que tinha apenas umas fotos de vistas de Nova York nas paredes verde-claras. Havia uma janela interna que chegava à cintura de uma pessoa, mais ou menos da altura de um ataúde sobre um suporte, e do outro lado havia uma tampa de aço — na verdade, a porta do elevador que trouxera o corpo de Toni do necrotério.

“Antes de abrir a tampa, gostaria de explicar o que a senhora verá”, disse Scarpetta. “Quer se sentar no sofá?”

“Não. Não, obrigada. Prefiro ficar de pé. Estou pronta.” Os olhos dela, arregalados, revelavam pânico, e ela ofegava.

“Vou apertar um botão.” Scarpetta mostrou um painel na parede com três botões, dois pretos e um vermelho, como os dos elevadores antigos. “Quando a tampa se abrir, o corpo vai estar bem aqui.”

“Sim. Compreendo. Estou pronta.” Ela mal podia falar, apavorada. Tremia como se estivesse congelando e respirava tão rápido como se tivesse acabado de fazer exercícios.

“O corpo está numa maca, dentro do elevador, do outro lado da janela. A cabeça estará para o lado esquerdo. O resto do corpo está coberto.”

Scarpetta apertou o botão preto superior, e a porta de aço se abriu em duas folhas com um forte rangido. Através do acrílico riscado, via-se Toni Darien amortalhada em azul, o rosto lívido, os olhos fechados, lábios secos e descorados, o cabelo longo e negro ainda molhado. A mãe dela apertou as palmas das mãos contra a janela. Apoiando-se para não cair, ela começou a gritar.

Pete Marino estava confuso ao examinar a quitinete, tentando descobrir a personalidade do lugar, tentando intuir o que ele tinha a lhe dizer.

A cena de um crime é como gente morta. Tem muito a dizer se você compreender sua linguagem silenciosa, e o que lhe chamava a atenção agora era que tanto o laptop quanto o celular de Toni Darien tinham desaparecido, mas os carregadores continuavam na tomada. Marino ficou desconfiado porque nada mais tinha sumido, nem estava desarrumado, e a polícia agora estava convencida de que o apartamento nada tinha a ver com o crime. No entanto, ele tinha a sensação de que alguém tinha estado lá. Não sabia por que, era algo que ele sentia na nuca, como se alguma coisa o observasse ou tentasse chamar-lhe a atenção e ele não conseguisse ver o que era.

Marino saiu para o corredor, onde um policial fardado do Departamento de Polícia de Nova York tomava conta do apartamento, já que ninguém podia entrar sem ordem expressa de Jaime Berger. Ela queria que o apartamento ficasse lacrado até ter certeza de que não precisava mais dele, tinha sido irreduzível ao telefone, mas cada hora dizia uma coisa. Não se prenda muito ao apartamento, tratando-o como se fosse a cena do crime. Afinal, qual era a dela? Marino tinha muito tempo de estrada para levar qualquer pessoa muito a sério, inclusive sua chefe. Ele agia por conta própria. Para ele, o apartamento de Toni Darien era a cena do crime, e ia virá-lo pelo avesso.

“Vou lhe pedir uma coisa”, disse Marino ao policial que estava do lado de fora e cujo sobrenome era Mellnik. “Acho que devo ligar para Bonnell. Preciso falar com ela sobre o sumiço do laptop e do celular, para ter certeza de que ela não os levou.”

Bonnell era a investigadora do Departamento de Polícia de Nova York que já tinha passado pelo apartamento com o pessoal da polícia técnica.

“O quê, você não tem telefone?” Mellnik estava encostado na parede do corredor mal iluminado, e havia uma cadeira dobrável no alto da escada.

Quando Marino fosse embora, Mellnik levaria a cadeira de volta para o interior do apartamento e ficaria lá sentado até precisar ir ao banheiro, ou até que aparecesse alguém para o turno da meia-noite. Trabalhinho danado de chato. Mas alguém tinha de fazê-lo.

“Você está muito ocupado?”, disse Marino.

“Não é porque fico andando de um lado para outro, coçando o saco, que não estou ocupado. Estou ocupado pensando.” Deu uns tapinhas no cabelo escuro empastado, era um sujeito baixinho e atarracado. “Vou tentar localizá-la, mas é como eu te disse. Quando cheguei aqui, o cara que eu rendi me encheu a cabeça com o que tinha ouvido dos caras da polícia técnica. Onde está o telefone dela? Onde está

o laptop dela? Mas eles não acreditam que alguém tenha entrado e levado essas coisas. Não há sinal disso. Acho que está na cara o que aconteceu com ela. Por que as pessoas ainda vão correr no parque de noite, principalmente mulheres? Vá entender.”

“A porta estava trancada quando Bonnell chegou com a polícia técnica?”

“É como eu te digo, o zelador abriu a porta, um sujeito chamado Joe, mora no primeiro andar, na outra ponta.” Indicou a porta. “Você pode ver por si mesmo. Não há sinal de que alguém tenha forçado ou quebrado a fechadura. A porta estava com chave, as persianas abaixadas, tudo no lugar, tudo normal. Foi isso o que o cara que esteve aqui antes de mim disse, e ele viu tudo o que o pessoal da técnica fez.”

Marino examinou a maçaneta e o ferrolho com as mãos enluvadas. Tirou do bolso uma lanterna, fez um exame minucioso e não viu nenhum sinal de arrombamento. Mellnik tinha razão. Nada tinha sido danificado ou arranhado recentemente.

“Encontre Bonnell para mim”, pediu Marino, “e a operadora também, assim posso ouvir tudo diretamente dela. Porque vão me perguntar sobre isso cinquenta vezes assim que a chefe voltar à cidade, se não antes. A maior parte das pessoas que leva o laptop de um lugar leva também o carregador. Isso me intriga.”

“A polícia técnica teria levado o carregador junto com o laptop. Eles não levaram nada”, disse Mellnik. “Talvez a vítima tivesse um carregador extra, pensou nisso? Pode ter levado o laptop para algum lugar onde houvesse um carregador, ou quem sabe tinha outro. Acho que foi isso o que aconteceu.”

“Tenho certeza de que Berger vai te mandar um agradecimento por escrito pelo palpite.”

“Como é trabalhar com ela?”

“O sexo é ótimo”, disse Marino. “Só queria que ela me desse um pouco mais de tempo para eu me recuperar. Cinco, dez vezes por dia, chego a ficar sem fôlego.”

“Tá, e eu sou o Homem-Aranha. Pelo que eu soube, os homens não fazem a cabeça dela. Olho para ela e digo, de jeito nenhum. Pode ser um boato maldoso porque ela é poderosa, certo? Uma mulher com tanto poder e importância? Você sabe o que dizem, não quer dizer que seja verdade. Veja o que acontece com minha namorada. Ela é bombeira. Só por causa disso, ou é lésbica ou posa de biquíni para um calendário, isso é o que eles acham.”

“Não brinca! Ela vai sair no calendário das bombeiras? Este ano? Vou encomendar o meu.”

“Eu disse que era uma suposição. Agora, a minha pergunta. É uma fofoca essa história de Jaime Berger? Eu adoraria saber, confesso. Está tudo na internet, sobre ela e a filha, ou sobrinha, sei lá, da doutora Scarpetta. A garota que era do FBI e agora faz toda a pesquisa de computador para Berger. O que quero dizer é: será que Jaime Berger odeia os homens e por isso quer mandá-los para a cadeia? Quase

sempre são homens que ela prende, isso é certo. Claro que não são as mulheres as que cometem a maior parte dos crimes de sexo, mas mesmo assim... Se alguém sabe das coisas, suponho que seja você.”

“Não espere o filme. Leia o livro.”

“Que livro?” Mellnik sentou-se na cadeira dobrável e tirou o telefone do cinturão. “De que livro você está falando?”

“Talvez você devesse escrevê-lo, já que é tão curioso!” Marino passou os olhos por todo o corredor, carpete marrom, paredes de um amarelo sujo, um total de oito apartamentos no segundo andar.

“Como eu estava dizendo, estive pensando que não quero fazer uma merda de trabalho como este a vida toda, talvez eu mude para investigações, sabe?” Mellnik continuou falando como se Marino estivesse muito interessado e eles fossem velhos amigos. “Ser mandado para o departamento de Jaime Berger, como você, desde que ela não odeie homens. Ou talvez para a força-tarefa do FBI encarregada de assaltos a bancos, ou terrorismo, alguma coisa assim, em que você vai todos os dias para um escritório de verdade, te pegam em casa, te tratam com respeito.”

“Não tem porteiro”, disse Marino. “Para entrar no prédio só tendo uma chave ou tocando a campainha para chamar alguém, como eu fiz quando cheguei. Na área comum onde ficam as caixas de correio, você tem duas opções. Entra à esquerda, passa por quatro apartamentos, inclusive o do zelador, e sobe a escada. Ou então entra à direita, passa pela lavanderia, pelo quadro de luz, pelos hidrômetros e pelo depósito, e pega aquela outra escada. Sobe dois lances e está aqui, a menos de dois metros da porta de Toni. Se alguém entrou no apartamento, talvez tivesse as chaves por algum motivo, poderia chegar e sair sem ser visto pelos vizinhos. Há quanto tempo você está aqui?”

“Cheguei às duas. Como eu disse, havia outro agente aqui antes de mim. Acho que mandaram alguém para cá assim que o corpo foi encontrado.”

“Sim, eu sei. Foi coisa de Berger. Quantas pessoas você já viu aqui, moradores?”

“Desde que cheguei? Ninguém.”

“Ouvindo uma torneira aberta, passos, qualquer barulho nos outros apartamentos?”, perguntou Marino.

“De onde eu estava, aqui mesmo, no alto da escada, ou do lado de dentro? Está tudo muito parado. Mas só estou aqui há quanto tempo?” Olhou o relógio. “Umas duas horas.”

Marino enfiou a lanterna no bolso do casaco. “Todos estão fora a esta hora do dia. Não é um prédio indicado para aposentados ou para quem não pode sair de casa. Além disso, não tem elevador, então se você for velho, inválido ou doente, é uma péssima escolha. Não é regido pela lei do inquilinato, não é uma cooperativa nem uma comunidade fechada. Os moradores não ficam muito tempo, só uns poucos

anos. Uma porção de solteiros e casais sem filhos. Idade média na casa dos vinte, trinta anos. Quarenta apartamentos, oito deles atualmente desocupados, e aposto que não há um monte de corretores tocando a campainha do zelador. Por causa da crise econômica, que é a causa de tantos apartamentos vazios, todos eles desocupados nos últimos seis meses.”

“Como é que você sabe? Você tem poderes sobrenaturais, como o Médium?”

Marino tirou do bolso um bolo de papéis dobrados. “cctr. Eles têm uma lista com todos os moradores deste edifício, quem são, o que fazem, se já foram presos, onde trabalham, qual carro eles têm, quem eles comem.”

“Nunca estive lá.” Ele se referia ao Centro Criminal em Tempo Real, divisão de tecnologia da informação do Departamento de Polícia de Nova York, na Police Plaza 1, que na cabeça de Marino se equiparava à ponte de comando da nave espacial *U.S.S. Enterprise*.

“Não há animais aqui”, acrescentou.

“O que os animais têm a ver com isso?” Mellnik bocejou. “Desde que me passaram para o turno da noite, vivo moído. Não durmo porra nenhuma. Minha namorada e eu vivemos nos desencontrando.”

“Em prédios em que as pessoas ficam fora o dia todo, quem levaria o cachorro para passear?”, continuou Marino. “Os aluguéis aqui começam em mil e duzentos. Não é o tipo de gente que pode bancar babá de cachorro ou queira ter esse trabalho. Quer saber de mais uma coisa? Volto ao ponto de partida. Quase nada acontece, não há olhos nem ouvidos. Durante o dia, quero dizer. Seria o momento que eu escolheria para entrar no apartamento, se tivesse segundas intenções. Faria a coisa à luz do dia, hora em que a rua e a calçada estão cheias mas o interior do prédio está vazio.”

“Lembre-se de que ela não foi atacada aqui”, disse Mellnik. “Foi morta quando corria no parque.”

“Encontre Bonnell. Vamos começar seu treinamento para investigador mais cedo. Quem sabe você chega a ser um Dick Tracy.”

Marino voltou para dentro do apartamento, deixando a porta aberta. Toni Darien vivia como uma porção de gente que está começando a vida, num espaço minúsculo que Marino parecia preencher completamente, como se o mundo tivesse encolhido em volta dele. Uns quarenta metros quadrados, calculava, não que seu apartamento no Harlem fosse muito maior, mas pelo menos ele tinha um quarto de dormir, não precisava dormir na porcaria da sala, e tinha um quintal, uma faixa de grama artificial com uma mesa para piquenique que ele dividia com os vizinhos, nada do que se gabar, mas bem mais civilizado do que aquilo. Meia hora antes, assim que chegara ao apartamento, ele fez o que sempre fazia na cena de um crime: deu uma olhada geral sem se deter em detalhes.

Agora ia prestar mais atenção, a começar pelo vestíbulo, que tinha espaço bastante para dar meia-volta, e era o que havia, uma minúscula mesa de ratã. Sobre ela, um cinzeiro do Cæsars Palace, talvez para guardar as chaves, que tinham sido encontradas num chaveiro enfeitado com um dado de prata no bolso do agasalho que ela usava quando foi morta. Talvez ela fosse como o pai, talvez gostasse de jogar. Marino tinha investigado Lawrence Darien: algumas prisões por dirigir embriagado, falência e, alguns anos antes, envolvimento com um cassino ilegal no condado de Bergen, New Jersey. Havia indícios de ligações com o crime organizado, possivelmente com a máfia genovesa. As encrencas com a polícia saltavam à vista, o cara era um vigarista, um perdedor, tinha se formado em engenharia bioelétrica pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, mas depois abandonou a família, era um caloteiro. O tipo exato para criar uma filha pronta para se envolver com caras errados.

Toni não parecia ser dada à bebida. Até o momento, Marino não via nela nada de festeira, ou do tipo sujeito a compulsões, na verdade era o oposto, controlada, ambiciosa, obcecada com o corpo, uma natureba saudável. Na mesinha de ratã ao lado da porta havia um porta-retrato com uma foto dela numa competição, quem sabe uma maratona. Ela tinha boa aparência, como uma modelo, cabelos escuros e compridos, alta e mais para magra, corpo típico de corredora, sem quadris, sem peitos, uma fisionomia determinada, correndo decidida numa via repleta de corredores, gente nas calçadas torcendo. Marino se perguntou quem teria feito a foto, e quando.

A poucos passos da entrada ficava a cozinha. Um fogão de duas bocas, geladeira, uma pia simples, armário de três portas e duas gavetas, tudo branco. Sobre a bancada havia uma pilha de cartas, nenhuma delas aberta, como se ela tivesse entrado em casa com a correspondência, que foi depositada ali enquanto ela se ocupava de outra coisa, ou simplesmente porque não lhe interessava. Marino folheou diversos catálogos, circulares com cupons — o que ele chamava de lixo postal — e um aviso em papel rosa vivo alertando os moradores para o fechamento da água no dia seguinte, 19 de dezembro, das oito ao meio-dia.

Ao lado havia um secador de pratos de inox com uma faca, um garfo, uma colher, um prato, uma tigela, uma caneca com um cartum do *Far Side*: o garoto na Escola Midvale para Superdotados empurrando uma porta onde se lia puxe. A pia estava vazia e limpa, uma esponja e uma embalagem de detergente líquido, nenhuma migalha na bancada, nenhuma mancha de comida, o piso de madeira imaculado. Marino abriu o armário que ficava sob a pia, onde encontrou uma pequena lata de lixo forrada com uma sacola plástica. Dentro dela, uma casca de banana já escura e com cheiro forte, mirtilos murchos, uma embalagem de leite de soja, borra de café, uma porção de toalhas de papel.

Desdobrou alguns desses papéis e detectou um cheiro de mel e cítrico, como amônia com fragrância de limão, talvez lustra-móveis ou limpa-vidros. Viu um spray de Windex com fragrância de limão, um frasco de lustra-móveis com cera de abelhas e óleo de laranja. Parecia que Toni era muito ativa, talvez obsessiva, e estivera limpando e arrumando da última vez que estivera em casa. Para que ela usaria o Windex? Marino não via nada de vidro. Foi até a parede oposta, espiou entre as persianas, passou o dedo enluvado sobre um painel de vidro. As janelas não estavam sujas, mas também não pareciam ter sido limpas recentemente. Talvez ela tivesse usado o Windex para limpar um espelho ou algo assim, ou talvez outra pessoa tenha passado por ali e limpado impressões digitais e DNA, ou achando que estava. Marino voltou à cozinha, o que lhe exigiu não mais de dez passos. As toalhas de papel foram para o saco de provas periciais. Para pesquisa de DNA.

Toni guardava o cereal na geladeira, diversas caixas de Kashi integral, mais leite de soja, mirtilos, queijos, iogurte, alface-romana, tomates cereja, um potinho plástico de massa com um molho que parecia de parmesão, talvez comprado para viagem, ou talvez ela tivesse jantado fora e trazido a sobra para casa. Quando? Ontem à noite? Ou a última refeição que fez no apartamento teria sido uma tigela de cereal com uma banana e mirtilos e uma xícara de café... Café da manhã? Ela não tinha tomado café esta manhã, isso era certíssimo. Será que tomou café aqui ontem de manhã, esteve fora o dia todo e jantou num restaurante, talvez italiano? E depois? Voltou para casa, pôs o resto da massa na geladeira, e em algum momento da noite chuvosa saiu para correr? Ele pensou no conteúdo do estômago dela, estava curioso a respeito do que Scarpetta teria encontrado na autópsia. Tinha tentado encontrá-la algumas vezes naquela tarde, e acabou deixando diversas mensagens.

O piso de madeira rangia sob as botas pesadas de Marino, e ele voltou para a sala. O trânsito na Segunda Avenida era barulhento, motores e buzinas de carros, gente nas calçadas. O barulho permanente e o movimento podem ter dado a Toni uma falsa sensação de segurança. Era pouco provável que ela se sentisse isolada, a um andar do nível da rua, mas provavelmente mantinha as persianas abaixadas depois do anoitecer para que de fora não pudessem ver o interior de seu apartamento. Mellnik dissera que as persianas estavam abaixadas quando Bonnell e os rapazes da polícia técnica chegaram, levando a crer que teriam sido baixadas por Toni. Quando? Se sua última refeição tinha sido feita na manhã da véspera, ela não teria se dado ao trabalho de erguer as persianas ao despertar? Era óbvio que ela gostava de olhar pelas janelas, já que tinha colocado uma mesinha e duas cadeiras entre elas. A mesa estava limpa, com um único jogo americano de palhinha sobre ela, e Marino imaginou-a sentada ali na véspera, comendo seu cereal. Mas com as persianas fechadas?

Entre as janelas havia uma TV de tela plana num suporte de parede de um só

braço, uma Samsung de trinta e duas polegadas, o controle remoto na mesinha diante do sofá de dois lugares. Marino pegou o controle e ligou a TV para saber o que ela estivera vendo antes de ser assassinada. Apareceu o programa de notícias *Headline News* e um dos âncoras falava sobre o assassinato de “uma corredora no Central Park, cujo nome ainda não tinha sido divulgado pelas autoridades”. Corte para o prefeito Bloomberg fazendo uma declaração sobre o caso, o comissário de polícia Kelly, as coisas que os políticos e os responsáveis dizem sempre para ganhar a confiança do público. Marino ouviu até que mudaram o assunto para o último escândalo de socorro financeiro à AIG.

Devolveu o controle remoto à mesinha de centro, exatamente onde o encontrara, tirou um bloco do bolso e anotou o canal em que a TV estava sintonizada, perguntando-se se a polícia técnica ou Bonnell teriam notado esse detalhe. Provavelmente não. Perguntou-se em que momento Toni estivera vendo o noticiário. Seria a primeira coisa que ela fazia ao se levantar? Ligaria o noticiário durante o dia ou antes de dormir? Quando teria sido a última vez que viu as notícias? Onde teria se sentado? Do modo como o suporte de parede estava virado, a TV ficava de frente para a cama de casal. A cama estava coberta com uma colcha de cetim azul-claro, com três bichinhos de pelúcia nos travesseiros: um guaxinim, um pinguim e um avestruz. Marino se perguntou se alguém teria dado a ela os bichinhos de presente, talvez a mãe dela, menos provavelmente um namorado. Não pareciam o tipo de coisa que um rapaz daria de presente, a menos que fosse gay. Marino cutucou o pinguim com o dedo enluvado, olhou a etiqueta, depois olhou as outras duas. *Gund*. Tomou nota.

Ao lado da cama havia uma mesinha de cabeceira com uma gaveta. Dentro dela, uma lixa de unhas, algumas pilhas aa, um frasco pequeno de Motrin, alguns livros velhos sobre crimes verídicos, como os cometidos pelos assassinos em série Jeffrey Dahmer e Ed Gein. Marino anotou os títulos, folheou cada um dos livros em busca de anotações que Toni pudesse ter feito, mas não achou nada. Entre as páginas do livro sobre Jeffrey Dahmer havia uma nota fiscal de 18 de novembro de 2006, data em que o livro teria sido comprado no sebo Moe’s Books em Berkeley, Califórnia. Uma mulher que mora sozinha lendo essas coisas aterrorizantes? Talvez alguém tivesse lhe dado os livros. Marino colocou-os num saco de provas periciais. Ia mandá-los para o laboratório em busca de impressões digitais, DNA. Um palpite que teve.

Do lado esquerdo da cama estava o guarda-roupa, com peças modernas, sensuais: leggings, suéteres com desenhos brilhantes, tops curtinhos estampados com silk-screen, peças de elastano, alguns vestidos insinuantes. Marino, que não era muito versado em moda, não reconheceu as etiquetas. Baby Phat, Coogi, Kensie Girl. No chão havia dez pares de sapatos, entre eles tênis Asics de corrida como os que ela

usava quando foi assassinada, e um par de botas de pele de cordeiro para o inverno.

A roupa de cama estava dobrada e empilhada numa prateleira alta, ao lado de uma caixa de papelão, que ele retirou do móvel para olhar o que tinha dentro. DVDs, filmes, quase todos de comédia e ação, a trilogia *Onze homens e um segredo*, outro tema ligado a jogo. Ela gostava de George Clooney, Brad Pitt, Ben Stiller. Nada muito violento ou assustador como os livros que estavam ao lado da cama. Talvez ela já não comprasse DVDs, talvez visse os filmes, inclusive de horror, se era o que ela gostava, pela TV a cabo, talvez tivesse pay-per-view. Talvez visse filmes em seu laptop. Onde diabos estaria o laptop? Marino fez fotos e mais anotações.

Deu-se conta de que até o momento não vira um só casaco de inverno. Havia umas jaquetas corta-ventos e um casaco longo de lã vermelha que parecia fora de moda, talvez dos tempos de colégio, talvez herdado da mãe ou de outra pessoa, mas nada de sobretudo para o inverno rigoroso, para andar pela cidade num dia como aquele. Uma parca, um casaco de esqui, alguma coisa acolchoada. Havia uma porção de roupas informais, roupas de corrida, incluindo agasalhos e impermeáveis, mas o que ela vestia para ir ao trabalho? Com que roupa saía para fazer compras, para jantar ou para correr quando fazia frio de verdade? Não tinha sido encontrado nenhum casaco pesado junto ao corpo, só um agasalho, o que a Marino pareceu pouco compatível com o tempo horrível da noite anterior.

Entrou no único banheiro do apartamento e acendeu a luz. Uma pia branca, uma banheira branca com um chuveiro dentro, uma cortina de plástico azul com peixinhos e forro branco. Diversas fotos emolduradas nas paredes de azulejos brancos, mais imagens dela correndo, não era a mesma corrida da foto da entrada. Ela usava números diferentes nessas fotos, deve ter participado de muitas corridas, parece que gostava muito disso, e também de perfumes, tinha seis vidros de fragrâncias diferentes na bancada, marcas de grifes. Fendi, Giorgio Armani, Escada, e ele se perguntou se ela os teria comprado num outlet, ou talvez encomendado pela internet com setenta por cento de desconto, como ele fizera no mês passado, para adiantar as compras de Natal.

Só agora lhe ocorria que não tinha sido uma boa ideia dar a Georgia Bacardi um perfume chamado Trouble, perfume com nome de problema, comprado por 21,10 dólares, um bom desconto porque vinha sem caixa. Na ocasião em que Marino o encontrou no eBay, o nome pareceu-lhe divertido e charmoso. Agora, que os dois estavam com problemas, já não lhe parecia tão engraçado. Tantos problemas que tudo o que faziam era brigar, seus encontros e telefonemas cada vez menos frequentes, os mesmos sinais de sempre. A história se repetia. Ele nunca tivera um relacionamento duradouro, se não fosse assim nem estaria saindo com Georgia, estaria bem-casado, talvez ainda com Doris.

Abriu o armarinho de remédios que havia sobre a pia, sabendo que uma das

primeiras perguntas que Scarpetta lhe faria seria sobre seu conteúdo. Motrin, Midol, fita atlética, Band-Aids, curativos para os pés, um bastão para tratamento de bolhas, um monte de vitaminas. Havia três receitas médicas, todas para a mesma coisa, mas preenchidas em momentos diversos, a mais recente pouco antes do Dia de Ação de Graças. Diflucan. Marino não era farmacêutico, mas sabia para que servia o Diflucan, sabia o inferno que a necessidade de usá-lo representava para as mulheres de quem ele gostava.

Talvez Toni tivesse um problema crônico de infecção por fungos, talvez estivesse transando adoidado, ou talvez fosse por causa de tanto correr. Usar roupas ou tecidos que não respiram, como couro encerado ou plástico. A retenção de umidade é o inimigo número um, era o que sempre lhe tinham dito, além de não lavar a roupa em água bem quente. Ele sabia de mulheres que punham as calcinhas no micro-ondas, e uma com quem ele saía na época em que era policial em Richmond tinha deixado de usá-las, alegando que a ventilação era a melhor prevenção, o que para ele era perfeito. Marino fez o inventário de tudo o que havia no armário de remédios e debaixo da pia, a maior parte era de cosméticos.

Ainda estava no banheiro tirando fotos quando Mellnik apareceu, falando ao telefone, com o polegar para cima a indicar que tinha localizado a detetive Bonnell.

Marino pegou o telefone e disse: “Sim?”.

“Em que posso ajudar?” Uma voz de mulher, agradável, grave, do jeito que Marino gostava.

Ele não conhecia Bonnell, nunca tinha ouvido falar dela até aquele dia. Isso não era necessariamente raro numa repartição do tamanho do Departamento de Polícia de Nova York, que tinha uns quarenta mil policiais, entre eles seis mil detetives. Marino fez um sinal com a cabeça, indicando a Mellnik que esperasse no corredor.

“Preciso de umas informações”, disse Marino. “Trabalho com Berger e acho que não nos conhecemos.”

“Eu me reporto diretamente à promotoria distrital”, ela disse. “Deve ser por isso que nunca nos encontramos.”

“Nunca ouvi falar de você. Há quanto tempo está em Homicídios?”

“O bastante para saber que não se deve fazer triangulação.”

“Você é matemática?”

“Se Berger quer informação, pode me ligar.”

Marino estava acostumado com gente que tentava passar por cima dele para ter acesso a Berger. Estava acostumado a ouvir todo tipo de baboseira para justificar por que alguém teria de falar com ela e não com ele. Bonnell não devia estar havia muito tempo em Homicídios, do contrário não estaria tão hostil e defensiva, ou talvez tivesse ouvido fofocas e decidido que não gostava de Marino sem que ele tivesse feito nada, sem lidar diretamente com ele.

“Sabe como é, ela está um pouco ocupada agora”, ele disse. “Foi por isso que me pediu para fazer umas perguntas em seu lugar, já que amanhã não quer começar o dia com um telefonema do prefeito indagando que diabos ela está fazendo para evitar mais prejuízo para a indústria do turismo, ou para o que resta dela. Uma semana antes do Natal uma corredora é estuprada e morta no Central Park, e pode haver quem desista de trazer mulher e filhos para ver o espetáculo das Rockettes.”

“Imagino que ela não tenha falado com você.”

“Sim, ela falou comigo. O que você acha que estou fazendo no apartamento de Toni Darien?”

“Se Berger quer informações, ela tem meu número”, disse Bonnell. “Terei muito prazer em fazer o possível para ajudá-la.”

“Por que você está querendo me dar uma volta?” Não fazia nem um minuto que Marino estava ao telefone e já se estressara.

“Quando foi que você falou com ela pela última vez?”

“Por que você está perguntando?” Alguma coisa estava acontecendo. Alguma coisa que Marino não estava entendendo.

“Talvez fosse bom você responder à minha pergunta”, disse Bonnell. “É uma via de mão dupla. Você pergunta, eu pergunto.”

“Seu pessoal ainda não tinha limpado a cena no parque hoje de manhã e eu já estava falando com ela. Assim que foi avisada, ela me telefonou, já que é ela a responsável por esta maldita investigação.” Agora era Marino quem parecia na defensiva. “Estive falando com ela pelo telefone o dia todo.”

Não era bem verdade. Ele falara com Berger três vezes, a última vez já havia umas três horas.

“O que estou querendo dizer”, prosseguiu Bonnell, “é que talvez você devesse falar de novo com ela em vez de falar comigo.”

“Se eu quisesse falar com ela, ligaria para ela. Liguei para você porque tenho perguntas a fazer. Você tem algum problema com isso?”, disse Marino, andando para lá e para cá.

“Deveria ter.”

“Como você disse que era seu nome? E não me dê as iniciais.”

“L. A. Bonnell.”

Marino se perguntou como seria ela e que idade teria. “Prazer. Eu sou P. R. Marino. ‘Relações Públicas’ ao contrário, um de meus dons especiais. Só preciso confirmar que seu pessoal não levou o laptop e o celular de Toni Darien. Que eles já não estavam aqui quando vocês chegaram.”

“Não estavam. Só os carregadores.”

“Toni não tinha uma pochete, uma carteira? Além de umas bolsas vazias no armário, não vejo nada que ela pudesse usar no dia a dia. E duvido que tenha levado

uma bolsa ou carteira ao sair para correr.”

Pausa, e depois: “Não. Não vimos nada disso”.

“Bem, isso é importante. Porque se Toni levava uma pochete, uma carteira, ela sumiu. Vocês coletaram alguma coisa aqui para os laboratórios?”

“Até agora não estamos considerando o apartamento como cena do crime.”

“É curioso que vocês descartem o apartamento, decidindo categoricamente que ele não está ligado ao crime de alguma forma. Como é que vocês sabem que a pessoa que a matou não era alguém que ela conhecia? Alguém que tenha estado na casa dela?”

“Ela não foi morta aí dentro, nem há sinais de arrombamento, de nada roubado ou revirado.” Bonnell falava como se proferisse um comunicado à imprensa.

“Ei, você está falando com outro policial, não com a merda dos jornais”, disse Marino.

“A única coisa estranha é a falta do laptop e do celular. E talvez da pochete e da carteira. Está bem, concordo em que precisamos solucionar isso”, disse Bonnell num tom menos rude. “Falaremos dos detalhes mais tarde, quando Jaime Berger estiver de volta e a gente puder se reunir.”

“Me parece que vocês deveriam se interessar mais pelo apartamento de Toni, talvez na suposição de que alguém tenha entrado e levado as coisas que estão faltando.” Marino não ia deixar barato.

“Nada indica que ela não tenha deixado esses objetos em algum outro lugar.” Bonnell com certeza sabia de algo que não ia lhe contar pelo telefone. “Por exemplo, ela podia estar com o celular quando foi correr no parque ontem à noite e o agressor o pegou. Talvez o tenha deixado em algum outro lugar quando saiu para correr, na casa de uma amiga, de um namorado. Difícil saber quando ela esteve em casa pela última vez. Difícil saber uma porção de coisas.”

“Vocês conversaram com testemunhas?”

“O que você acha que andei fazendo? Passeando no shopping?” Ela também estava ficando zangada.

“Gente aqui do prédio”, disse Marino, e, depois de um silêncio que ele interpretou como total falta de disposição para responder, acrescentou “Vou transmitir tudo isso a Berger assim que acabar de falar com você. Sugiro que me dê mais detalhes, para que eu não tenha de dizer a ela que tive um problema de cooperação.”

“Ela e eu não temos problemas de cooperação.”

“Ótimo. Vamos deixar assim. Eu lhe fiz uma pergunta. Com quem vocês falaram?”

“Algumas testemunhas”, disse Bonnell. “Um homem que mora no mesmo andar disse que a viu chegar ontem no fim da tarde. Ele acabava de chegar do trabalho e estava indo para a academia quando viu Toni subindo a escada. Ela abriu a porta do apartamento na hora em que ele passava pelo corredor.”

“Ele ia em direção a ela?”

“Há uma escada em cada extremo do corredor. Ele ia para a escada mais próxima do apartamento dele, não do dela.”

“Então ele não se aproximou, não viu muito bem, é o que você está dizendo.”

“Mais tarde entraremos em detalhes. Talvez da próxima vez que falar com Jaime você pudesse dizer a ela que todos nós deveríamos nos reunir”, Bonnell respondeu.

“Você precisa me dar os detalhes agora, essa é uma ordem indireta dela”, disse Marino. “Estou tentando imaginar o que você acaba de relatar. O cara viu Toni quando estava no outro extremo do corredor, a uns trinta metros de distância. Você falou pessoalmente com ele?”

“Uma ordem indireta. Essa é novidade. Sim, eu mesma falei com ele.”

“Qual é o apartamento dele?”

“Duzentos e dez, três portas à esquerda do apartamento da vítima. No outro extremo do corredor.”

“Vou passar lá antes de ir embora”, disse Marino, abrindo o relatório do cctr para ver quem morava no duzentos e dez.

“Não acredito que você o encontre. Ele me disse que estava de saída da cidade para um fim de semana prolongado. Levava umas bolsas e uma passagem de avião. Tenho a impressão de que você está no caminho errado.”

“O que você quer dizer com ‘caminho errado’?” Puta merda! O que é que estavam escondendo dele?

“Quero dizer que suas informações podem ser diferentes das minhas”, respondeu Bonnell. “Estou tentando lhe dizer uma coisa, uma de suas ordens indiretas, e você não me dá atenção.”

“Vamos dividir as informações. Eu lhe dou a minha e quem sabe você me dê a sua. Graham Tourette”, disse Marino, lendo o relatório do cctr. “Arquiteto, quarenta e um anos. Minha informação é a que consigo dando-me o trabalho de averiguar. Não faço ideia de onde você tira sua informação, mas não me está parecendo que você se incomode em averiguar.”

“Foi com Graham Tourette que falei.” Agora Bonnell já não parecia tão agressiva. Estava mais para cautelosa.

“Esse cara, Graham Tourette, era amigo de Toni?”, Marino perguntou.

“Disse que não. Nem sabia o nome dela, mas tem certeza de que a viu entrar no apartamento ontem por volta das seis da tarde. Disse que ela levava a correspondência. Cartas, revistas e um aviso. Não gosto de entrar nesse assunto por telefone e minha chamada em espera está ficando maluca. Preciso desligar. Quando Jaime voltar nos reuniremos.”

Marino não tinha dito a ela que Berger estava fora da cidade. Ocorreu-lhe que Bonnell podia ter falado com ela e não contaria a ele sobre o que elas tinham

conversado. Berger e Bonnell sabiam de algo que Marino desconhecia.

“Que aviso?”, ele perguntou então.

“Um aviso em papel rosa. Ele disse que o reconheceu de longe porque tinha recebido um igual no mesmo dia... ontem.”

“Você olhou a caixa de correio de Toni quando esteve lá?”, perguntou Marino.

“O zelador abriu-a para mim”, disse Bonnell. “É preciso usar uma chave. As chaves estavam no bolso dela quando foi achada no parque. Vou lhe dizer uma coisa. Temos em mãos uma situação muito delicada.”

“Sim, estou sabendo. Homicídios sexuais no Central Park costumam ser situações muito delicadas. Vi as fotos da cena do crime, e não foi graças a você. Tive de consegui-las com o Instituto Médico Legal, aqueles investigadores da morte. Três chaves num chaveiro com um dadinho para dar sorte, que acabou não tendo muito efeito.”

“A caixa de correio estava vazia esta manhã, quando estive lá com a Unidade de Cena do Crime”, disse Bonnell.

“Peguei um telefone fixo desse cara, Tourette, mas não o celular. Você bem que poderia me mandar por e-mail o que conseguiu sobre ele, para o caso de eu querer falar com o sujeito.” Marino deu a ela seu endereço de e-mail. “Precisamos dar uma olhada nas fitas gravadas pela câmera de segurança. Estou supondo que o edifício tenha uma câmera na entrada, ou talvez exista uma nas proximidades e a gente possa dar uma olhada em quem entrava e saía. Acho que seria bom falar com algum de meus contatos no cctr, pedir a eles que acessem aquela câmera ao vivo.”

“Para quê?” Bonnell agora parecia decepcionada. “Temos um policial sentado lá vinte e quatro horas por dia. Você acha que alguém vai voltar lá por algum motivo quando diz que a casa dela está de alguma forma ligada ao crime?”

“Nunca se sabe quem decide dar uma passada”, disse Marino. “Os assassinos são pessoas curiosas, paranoídes. Às vezes moram do outro lado da rua, ou mesmo ao lado. Quem diabos pode saber? Sendo assim, se o cctr puder acessar ao vivo toda a rede de câmeras de segurança, poderemos ter certeza de capturar nós mesmos o vídeo, ter certeza de que ele não será apagado acidentalmente. Berger vai querer o vídeo, essa é a questão principal. Vai querer o arquivo wav da ligação feita à polícia por quem quer que tenha encontrado o corpo hoje de manhã.”

“Não foi uma pessoa só”, Bonnell respondeu. “Diversas pessoas ligaram depois de passar por lá, pensando que tinham visto alguma coisa. Depois que a coisa foi parar nos noticiários, os telefones ficaram fora do gancho. Precisamos conversar. Vamos conversar nós dois. Já que você não vai mesmo calar a boca, é melhor nos vermos pessoalmente.”

“Também estamos conseguindo gravações do telefone de Toni, pesquisando seu e-mail”, prosseguiu Marino. “Com sorte vamos encontrar uma explicação aceitável

para o sumiço do laptop e do celular. Por exemplo, que ela os deixou na casa de uma amiga. O mesmo para a pochete e a carteira.”

“Como eu disse, vamos conversar.”

“Acho que isso é o que estamos fazendo.” Marino não ia deixar que Bonnell assumisse o comando. “Talvez apareça uma pessoa dizendo que Toni esteve de visita, saiu para uma corrida e nunca mais voltou. Encontramos o laptop e o telefone, encontramos a pochete e a carteira, talvez eu me sinta um pouco melhor. Porque neste momento não estou me sentindo muito bem. Por acaso você notou o retrato com a foto dela na mesinha quando passou pela porta?” Marino foi até a porta e pegou a foto outra vez. “Ela está correndo numa competição, está usando o número trezentos e quarenta e três. Há outras fotos no banheiro.”

“E o que há com elas?”, perguntou Bonnell.

“Ela não está usando fones de ouvido, nem iPod em nenhuma das fotos. Não vejo nada parecido com um iPod ou um walkman no apartamento.”

“E daí?”

“E daí que é disso que estou falando. Do perigo de ter ideias preconcebidas”, disse Marino. “Maratonistas, pessoas que participam de competições não podem ouvir música. É proibido. Quando eu morava em Charleston, a Maratona da Marinha foi notícia de primeira página. Eles ameaçavam desclassificar os corredores que aparecessem com fones de ouvido.”

“E o que você está pretendendo provar com isso?”

“Se alguém vem por trás de você e lhe dá uma pancada na cabeça, é provável que você tenha mais chance de ouvi-lo aproximar-se se não estiver ouvindo música a todo volume. E parece que Toni Darien não ouvia música quando corria. Mesmo assim alguém conseguiu aproximar-se por trás dela e golpeá-la na cabeça sem que ela nem se virasse. Isso te interessa de alguma forma?”

“Você não sabe se o assassino a abordou de frente e se ela se virou, abaixou a cabeça ou fez qualquer outra coisa para proteger o rosto”, disse Bonnell. “E ela não recebeu o golpe exatamente na parte posterior da cabeça, foi meio para o lado esquerdo, atrás da orelha esquerda. Então pode ser que ela tenha começado e se virar, reagindo, mas já era tarde. Talvez você esteja fazendo essas suposições porque lhe falem informações.”

“Normalmente, quando as pessoas tentam se proteger, o reflexo faz com que levantem os braços, as mãos, e assim recebem ferimentos típicos de atitude defensiva”, disse Marino. “Nas fotos que vi da cena do crime, ela não apresenta esse tipo de lesão, mas ainda não falei com a doutora Scarpetta e quando o fizer confirmo isso. É como se Toni Darien de uma hora para outra fosse ao chão, o que parece insólito no caso de uma pessoa que está correndo de noite, uma pessoa acostumada a estar atenta ao que há em volta, já que corre com frequência e não usa fones de

ouvido.”

“Por acaso ela estava correndo numa competição na noite passada? O que o faz pensar que ela nunca usava fones de ouvido? Talvez usasse ontem à noite, e o assassino tenha levado o iPod, o walkman.”

“Tudo o que sei de gente que corre para valer é que não usa fones de ouvido, esteja ou não numa competição, principalmente na cidade. É só olhar em volta. Quantos corredores de verdade você vê usando fones de ouvido em Nova York? Assim eles podem usar a ciclovia e evitar ser atropelados por condutores desatentos, ou serem assaltados por trás.”

“Você é corredor?”

“Veja bem. Não sei qual é a informação que você tem e obviamente não quer me passar, mas a informação que tenho só de dar uma olhada no que está debaixo de meu nariz é que devemos ter cuidado ao chegar a conclusões quando não sabemos de porra nenhuma”, disse Marino.

“De pleno acordo. É o que estou tentando fazer você entender, P. R. Marino.”

“L. A. são iniciais de quê?”

“Além de uma cidade da Califórnia, nada. Se você quiser me chamar de outro nome diferente de Bonnell ou seja lá o que for, pode ser L. A.”

Marino sorriu. Talvez ela não fosse um caso perdido. “Sabe que mais, L. A.?”, disse ele. “Estou indo ao High Roller Lanes daqui a pouco. Por que não se encontra comigo lá? Você joga boliche?”

“Pensei que fosse necessário um qi abaixo de sessenta para alugar aqueles sapatos.”

“Provavelmente setenta. Sou bom nisso”, disse Marino. “E levo meus próprios sapatos.”

Para Scarpetta não foi surpresa que Marino tivesse tentado encontrá-la naquele dia. Havia duas mensagens de voz dele no celular, e havia pouco ele enviara uma mensagem de texto, como sempre crivada de erros de digitação e abreviaturas quase indecifráveis, total ausência de pontuação ou de maiúsculas, a menos que fosse feita automaticamente por seu BlackBerry. Ele ainda não sabia inserir símbolos e espaços, ou, o que era mais provável, simplesmente não se importava:

Berger fdc vc sabe volta este noite querend dets caso Darien tenho algo p ela e quero pergintar mta coisa

Marino estava lembrando a Scarpetta de que Jaime Berger estava fora da cidade. Sim, ela sabia muito bem. Quando Berger estivesse de volta a Nova York, à noite, prosseguiriam os hieróglifos de Marino, ela ia querer saber o resultado da autópsia e detalhes sobre indícios que Scarpetta pudesse ter, já que a Unidade de Crimes Sexuais, a cargo de Berger, ia assumir o caso. Ótimo. De qualquer modo, Scarpetta não precisava que lhe dissessem isso. Marino também dizia que tinha informações e perguntas, e pedia que ela ligasse quando pudesse. Ótimo de novo, porque ela também tinha muita coisa a lhe dizer.

Scarpetta tentou responder à mensagem dele ao entrar no escritório, mais uma vez irritada com o BlackBerry que Lucy tinha comprado para ela duas semanas antes. Deveria ter sido uma generosa surpresa, mas Scarpetta considerava-o um presente de grego, como uma coisa encostada no fundo do quintal que só trazia problemas. Sua sobrinha tinha decidido que Berger, Marino, Benton e Scarpetta precisavam ter o mesmo assistente digital maravilhoso e de última geração que ela própria tinha e se incumbiu de instalar um servidor, ou o que ela chamava de ambiente autenticado bidirecional com tripla encriptação e proteção de firewall.

O novo aparelho tinha tela sensível ao toque, câmera fotográfica, gravador de vídeo, gps, tocador de música, e-mail sem fio, mensagem instantânea — em outras palavras, muito mais funções do que Scarpetta tinha tempo ou interesse para aprender a usar. Até agora suas relações diplomáticas com o smartphone não eram muito boas, e ela tinha certeza de que o aparelho era o mais inteligente deles dois. Ela parou para digitar na tela de lcd com os polegares, mas a todo instante precisava deletar e redigitar uma letra porque, ao contrário de Marino, não mandava mensagens repletas de erros:

Ligo depois. Preciso falar com o chefe. Temos problemas — mantenha as coisas em suspenso.

Ela não pretendia mesmo ser mais explícita. Tinha uma enorme desconfiança das mensagens instantâneas, mas cada vez menos conseguia evitá-las, já que todo mundo as usava atualmente.

Dentro do escritório, o cheiro do cheeseburger com fritas era de revirar o estômago, pois seu almoço estava a ponto de adquirir interesse arqueológico. Jogou fora a caixa, pôs a lata de lixo do lado de fora e começou a fechar as persianas das janelas que davam para a escadaria frontal de granito do Instituto Médico Legal, onde ficavam os parentes e amigos dos pacientes que iam parar ali quando não podiam suportar esperar no saguão. Fez uma pausa para olhar Grace Darien entrando no banco de trás de um Dodge Charger branco-sujo, um pouco menos trêmula mas ainda desorientada, chocada.

Ao ver o corpo, ela por pouco não tinha desmaiado. Scarpetta a levou à sala das famílias e ficou com ela por algum tempo, preparou uma xícara de chá quente para ela, cuidou dela o melhor que pôde até achar que a mulher, ainda aturdida, podia ir embora em segurança. Scarpetta se perguntou o que a sra. Darien ia fazer agora. Esperava que a amiga que a levara até lá ficasse junto dela, pois não queria que a sra. Darien ficasse sozinha. Talvez seus colegas de hospital tomassem conta dela e seus filhos chegassem sem demora a Islip. Talvez ela e o ex-marido parassem de brigar a respeito dos restos e dos pertences da filha assassinada, entendessem que a vida é curta demais para amarguras e brigas.

Scarpetta sentou-se a sua mesa, na verdade uma estação de trabalho improvisada que a cercava por três lados, perto da qual havia dois arquivos metálicos que serviam de apoio para uma impressora e um fax. Atrás dela ficava uma mesa com o microscópio Olympus bx41, ligado a um dispositivo de iluminação de fibra óptica e uma câmera de vídeo, de modo que ela pudesse ver slides e indícios num monitor e ao mesmo tempo capturar eletronicamente essas imagens, ou imprimi-las em papel fotográfico. Bem a seu alcance estava uma coleção de velhos amigos: o *Compêndio Cecil de medicina*, a *Patologia* de Robbins, o *Manual Merck*, Saferstein, Schlesinger, Petraco e algumas outras coisas que ela tinha trazido de casa para tê-las por perto. Um kit de dissecação de seus tempos de estudante de medicina na Johns Hopkins e outros objetos de coleção lembravam-lhe a antiga tradição da medicina forense que a precedeu. Balanças de bronze, um almofariz e seu pistilo. Frascos e potes de laboratório farmacêutico. Um kit de cirurgia da época da Guerra Civil. Um microscópio composto do fim do século XVIII. Uma porção de quepes e distintivos policiais.

Tentou ligar para Benton, mas a chamada caiu direto na caixa postal, o que normalmente queria dizer que o celular estava desligado, ou que ele estava em algum lugar onde não podia usá-lo, ou seja, na prisão masculina de Bellevue, onde dava consultoria em psicologia forense. Ligou então para o escritório dele, e sentiu o coração mais leve quando ele atendeu.

“Você ainda está aí?”, ela perguntou. “Quer dividir um táxi?”

“Você está me passando uma cantada?”

“Dizem que você é bem fácil. Preciso de mais uma hora, tenho de falar com o doutor Edison antes de sair. O que você acha?”

“Uma hora, o.k.” Ele parecia desanimado. “Preciso ter uma conversa com meu chefe também.”

“Tudo bem com você?” Ela segurou o telefone entre o ombro e o queixo e abriu o e-mail.

“Pode ser que eu precise matar um leão.” Em sua voz, como de costume grave e serena, ela detectou uma ponta aguda de ansiedade e raiva. Já percebera isso uma porção de vezes nos últimos tempos.

“Pensei que você deveria estar ajudando leões, não os matando”, disse ela. “Mas provavelmente você não vai me falar disso.”

“Tem razão. Não vou falar”, ele respondeu.

Ele queria dizer que não podia falar. Benton devia estar com problemas com um paciente, e isso vinha se tornando constante. No mês anterior, Scarpetta tivera a impressão de que ele estava evitando o hospital psiquiátrico McLean — ligado a Harvard e à cuja equipe ele pertencia — que ficava em Belmont, Massachusetts, onde eles moravam. Ele vinha se mostrando mais estressado e distraído que de costume, como se alguma coisa o devorasse por dentro, alguma coisa de que ele não queria falar, o que queria dizer que estava impedido por lei de falar. Scarpetta sabia quando perguntar e quando deixar para lá, pois havia tempos estava acostumada ao pouco que Benton podia compartilhar com ela.

A vida deles era cheia de segredos, como uma sala que recebe tanto sombra quanto luz. Sua longa jornada juntos estava cheia de desvios e destinos independentes, nem sempre conhecidos do outro, mas embora para ela fosse difícil, para ele, de certa forma, era ainda pior. Só em poucas ocasiões teria sido pouco ético da parte dela discutir seus casos com o marido, psicólogo forense, e pedir sua opinião e sugestões, mas raramente ela podia retribuir. Os pacientes de Benton estavam vivos e gozavam de certos direitos e privilégios que os pacientes mortos de Scarpetta não tinham. A menos que alguém representasse um perigo para si mesmo ou para os demais, ou fosse condenado por um crime, Benton não podia discutir seu caso com Scarpetta sem violar o sigilo profissional.

“Em algum momento teremos de falar sobre quando iremos para casa.” Benton estava voltando ao assunto das festas de fim de ano e de uma ida a Massachusetts que se tornava cada vez mais remota. “Justine quer saber se deve decorar a casa. Talvez pendurar umas luzes brancas nas árvores.”

“Acho que seria uma boa ideia para dar a entender que há alguém lá”, disse Scarpetta, passando os olhos em seus e-mails. “Afasta ladrões e, segundo me disseram, roubos e furtos começam pelo telhado. Vamos pôr umas luzes. Nos arbustos, talvez nas laterais da porta da frente e no jardim.”

“Estou entendendo que não vamos fazer nada além disso.”

“Com o que está acontecendo por aqui”, disse ela, “não tenho ideia de onde vamos estar dentro de uma semana. Estou com um caso bem complicado, e as pessoas estão brigando.”

“Vou tomar nota. Luzinhas para espantar gatunos. O resto, para que a gente se preocupar?”

“Vou levar algumas flores para o apartamento, talvez um pinheirinho que se possa replantar depois”, disse ela. “E quem sabe poderíamos ir para casa por alguns dias, se é o que você quer.”

“Não sei o que quero. Talvez devêssemos mesmo ficar aqui. Assim o problema se resolve. O que você acha? Resolvido? Estamos decididos? Combinar um jantar ou algo assim? Jaime e Lucy. E Marino, imagino.”

“Você imagina.”

“Claro. Se você quiser.”

Benton não ia dizer que queria a presença de Marino. Não queria. Não havia por que fingir.

“Combinado”, disse ela, mas não estava contente com isso. “Vamos ficar em Nova York.” Ela começou a se sentir realmente incomodada agora que as coisas estavam decididas.

Ela pensou no chalé de dois andares, construído em 1910, uma combinação simples de madeira, argamassa e pedra que todos os dias lhe recordava o quanto ela adorava a arquitetura de Frank Lloyd Wright. Por um momento, teve saudade da enorme cozinha, com seus eletrodomésticos de inox, de proporções industriais. Sentiu falta do quarto principal, com profundas claraboias e chaminé de tijolo aparente.

“Tanto faz. Aqui ou em casa”, ela disse. “Desde que estejamos juntos.”

“Deixe-me fazer uma pergunta”, disse Benton. “Por acaso você recebeu alguma correspondência fora do comum, como um cartão de Natal, alguma coisa enviada a seu escritório de Massachusetts, ou para o Instituto Médico Legal aqui em Nova York, ou talvez para a CNN?”

“Um cartão de Natal? De uma pessoa em especial?”

“Só pensei que poderia ter recebido alguma coisa fora do comum.”

“E-mails, cartões eletrônicos, a maior parte do que recebo de estranhos vai para a CNN, e por sorte outras pessoas se encarregam disso.”

“Não estou me referindo exatamente a cartas de fãs. Falo de uma espécie de cartão sonoro, musical. Não é um cartão virtual, mas físico”, disse ele.

“Parece que você tem alguém em mente.”

“É só uma pergunta.” Ele tinha alguém em mente. Um paciente. Talvez o leão que tinha de matar.

“Não”, disse ela, abrindo um e-mail do chefe. *Ótimo*. Ele estava em sua sala, ficaria lá até as cinco.

“Não é o caso de discutir.” Isso queria dizer que Benton não ia discutir o assunto. “Ligue-me quando estiver pronta para ir embora, me encontro com você na saída”, disse ele. “Senti sua falta hoje.”

Benton calçou um par de luvas de algodão para exame e retirou um envelope do FedEx e um cartão de Natal de dentro do saco de provas periciais em que os tinha metido anteriormente.

Era perturbador o fato de um cartão de Natal tão inconveniente ter sido endereçado ao Bellevue. Como é que Dodie Hodge, que tivera alta do McLean havia cinco dias, poderia saber que ele estava no Bellevue exatamente agora? Aliás, como ela podia ter alguma ideia de onde ele estava? Benton considerou algumas possibilidades, estivera obcecado com isso o dia inteiro, com o fantasma de Dodie trazendo à tona o policial que havia nele em lugar do profissional de saúde.

Ele imaginou que talvez ela tivesse visto na TV as chamadas sobre a presença de Scarpetta ao vivo no *Relatório Crispin* daquela noite, e concluiu que Benton estaria acompanhando a mulher, especialmente em virtude das festas, agora tão próximas. Dodie podia então deduzir que, se ele estava na cidade, daria uma passada no Bellevue, pelo menos para apanhar a correspondência. Também era possível que sua doença psiquiátrica estivesse se agravando agora que ela estava em casa, que a insônia tivesse piorado, ou que ela simplesmente não estava sentindo toda a emoção que desejava. Mas nenhuma das explicações aventadas por Benton o satisfazia, e à medida que se passavam as horas ficava mais preocupado e inquieto. Temia que o gesto perturbador de Dodie não fosse típico dela, já que ele não o havia previsto, e que ela não tivesse agido sozinha. E temia por si mesmo. Era como se ela suscitasse nele certas propensões e comportamentos inaceitáveis em sua profissão. Não que ele estivesse sendo ele mesmo nos últimos tempos. Porque não estava.

O envelope vermelho não tinha nada escrito, nem o nome de Benton, nem o de Scarpetta, nem o de Dodie Hodge. Isso pelo menos era coerente com o que ele sabia sobre ela. Enquanto esteve no McLean, ela se recusou a escrever. Recusou-se a desenhar. No início, dizia que tinha vergonha. Depois resolveu que a medicação que vinha tomando no hospital lhe causava tremores e prejudicava sua coordenação motora, o que a impossibilitava de copiar até mesmo a mais simples sequência de desenhos geométricos, ligar números numa certa ordem, separar cartas de baralho ou manipular cubos. Durante quase um mês, tudo o que ela fez foi representar, causar problemas, reclamar, discursar, aconselhar, fofocar, mentir e conversar com qualquer pessoa que se dispusesse a ouvir, às vezes aos berros. Não se cansava de seu teatro autolaudatório e de seu pensamento mágico, era a estrela de seu próprio filme e sua maior fã.

Não havia distúrbio de personalidade que Benton temesse mais do que o tph, o Transtorno de Personalidade Histriônica, e do momento em que Dodie foi presa em Detroit, Michigan, por furto de bagatelas e desvio de conduta, tinha sido o objetivo de todos os envolvidos dar-lhe assistência psiquiátrica e ficar o mais distante possível. Ninguém queria ter nada a ver com essa mulher bombástica que se pôs a gemer e a gritar em pleno Betty's Bookstore Café que era tia do ator de cinema Hap Judd, que estava na lista vip e que portanto não era furto o fato de esconder quatro DVDs de filmes de ação dentro da calça. A própria Betty retirou alegremente as acusações contra Dodie com a condição de que ela nunca mais pusesse os pés em sua loja, ou em Detroit, ou no estado de Michigan. O acordo estipulava que Dodie ficaria internada pelo menos por três semanas e depois disso, se ela concordasse, o caso seria arquivado.

Ela concordou com a exigência desde que fosse internada no McLean, que era para onde iam os vips, os ricos e famosos, além disso, ficava perto de sua propriedade em Greenwich, Connecticut, e também de Salem, em cujas lojas de artigos de magia gostava de fazer compras, onde era paga para ministrar palestras e rituais, e vendia artigos com a marca do filme *Jovens bruxas*. Em vista do alto custo de sua hospitalização privada, ela fez questão de ser avaliada pelo mais proeminente e consagrado especialista, do sexo masculino, com doutorado e experiência no FBI, receptivo ao sobrenatural e tolerante para com outras crenças, inclusive a magia.

Dodie escolheu o psiquiatra forense dr. Warner Agee, que já fizera perfis de criminosos para o FBI, segundo ela, e também para a TV. O pedido foi negado. Primeiro, porque Agee não pertencia ao quadro de especialistas do McLean, e segundo porque a promotoria de Detroit não queria ter nenhum vínculo com o psicólogo forense televisivo, que era como o pessoal do Ministério Público se referia a ele. A simples menção do nome de Agee teria sido o bastante para afastar Benton, não importa quem fosse o paciente, de tanto que ele desprezava o homem. Mas Benton tinha obrigações profissionais para com o McLean, e teve o azar de ser o candidato mais óbvio para a pesada tarefa de avaliar essa mulher que se dizia bruxa e ligada a celebridades. O que se pretendia era mantê-la fora dos tribunais e fora da cadeia — não que alguma cadeia no planeta a quisesse.

Durante as quatro semanas que acompanhou a paciente, Benton passou todo o tempo que podia em Nova York, não só para ficar com Scarpetta, mas também para permanecer longe de Dodie. Ficou tão aliviado quando ela teve alta, na tarde do domingo anterior, que várias vezes procurou se certificar de que ela tivesse sido realmente levada para casa — e não para a propriedade de Greenwich, porque essa era outra mentira. Ela foi para uma casinha em Edgewater, New Jersey, onde morava aparentemente sozinha depois de quatro casamentos, com todos os maridos tendo morrido ou fugido anos antes. Pobres coitados.

Benton tirou o fone do gancho e discou o ramal do chefe da psiquiatria forense do Bellevue, dr. Nathan Clark, e perguntou se ele dispunha de um instante. Enquanto esperava, Benton deu mais uma olhada no envelope do FedEx, nos detalhes que continuavam a surpreendê-lo e preocupá-lo, além de induzi-lo a agir de um modo que ele sabia ser indevido. Não havia endereço do remetente, e o endereço dele do Bellevue estava escrito a mão com uma caligrafia tão regular que parecia impresso. Nada do que ele poderia esperar de uma pessoa como Dodie, que durante toda a permanência no McLean só tinha posto no papel grandes rabiscos floreados quando teve de assinar o nome de várias formas. Benton tirou o cartão grosso e brilhante do envelope. Na primeira página, viu um grande e gordo Papai Noel perseguido por sua mulher, que brandia um rolo de macarrão, e a legenda “Quem é que você está querendo pendurar em sua árvore?!”. Abriu o cartão e ouviu uma gravação com a voz desafinada de Dodie Hodge, cantando uma paródia de uma canção natalina:

Um doce Natal, um Dodie Natal,
Quando você se lembrar de mim,
Enfie uns enfeites onde achar mais legal
E pendure o anjinho em sua árvore
Benton e Kay, feliz Natal!

Mil vezes, a mesma letra enlouquecedora e a mesma saudação naquela voz infantil, entrecortada.

“Não se trata exatamente de um Burl Ives”, disse o dr. Clark ao entrar, de casaco e chapéu, além da surrada bolsa de couro com uma longa tira que lembrava a Benton um embornal de carteiro dos tempos do correio transportado a cavalo e carroças.

“Se você aguentar, isso vai continuar até que o tempo de gravação expire”, disse Benton. “Exatamente quatro minutos.”

O dr. Clark pôs seus pertences numa cadeira e foi até onde estava Benton, inclinando-se para ver o cartão, apoiando ambas as mãos na quina da mesa. Com setenta e poucos anos, tinha recebido o diagnóstico de mal de Parkinson, um cruel castigo para um homem talentoso cujo corpo sempre fora tão ágil quanto a mente. Jogar tênis, esquiar, escalar montanhas e pilotar seu próprio avião — não havia nada que ele tivesse experimentado sem sucesso, e ele amava a vida sem limites. Tinha sido traído pela biologia, pela genética, pelo ambiente, talvez por algo tão prosaico quanto a exposição a tinta com chumbo, ou a velhas tubulações de chumbo, cujos radicais livres causaram danos aos gânglios basais de seu notável cérebro. Ninguém sabia como ele tinha chegado a esse martírio, que avançava rapidamente. Já andava curvado, e seus movimentos eram lentos e canhestros.

Benton fechou o cartão e a voz de Dodie cessou de repente, interrompendo a música. “Fabricação caseira, é óbvio”, disse ele. “O cartão sonoro comum tem uma duração de dez segundos, no máximo quarenta e cinco, mas nunca quatro minutos. Até onde eu sei, para uma gravação mais longa você teria de comprar um módulo de

voz com mais memória. É possível comprá-lo pela internet e fazer um cartão sonoro personalizado. Foi o que fez uma de minhas ex-pacientes. Ou alguém fez por ela.”

Ele levantou o cartão com as mãos enluvadas e virou-o para que o dr. Clark pudesse ver todos os seus cantos de diversos ângulos e como tinha sido montado com exatidão e cuidado.

“Ela encontrou este cartão de Natal ou alguém fez isso por ela”, continuou Benton, “e fez a gravação num módulo, que foi colado no interior do cartão, depois disso um quadrado de papel foi colado por cima, talvez o lado em branco recortado de outro cartão. É por isso que a parte interna está totalmente em branco. Ela não escreveu nada. Ela nunca escreveu nada durante o tempo todo em que esteve no McLean. Dizia que não conseguia escrever.”

“Grafofobia?”

“Isso e remédios, era o que ela dizia.”

“Uma perfeccionista que não consegue conviver com críticas.” O dr. Clark passou para o outro lado da mesa.

“Fingia-se de doente.”

“É. Transtorno autoinduzido. Por que motivo?” O dr. Clark já não estava acreditando no que Benton dizia.

“Dinheiro e atenção são as principais forças motivadoras neste caso. Mas talvez haja algo mais”, disse Benton. “Estou começando a me perguntar quem será essa pessoa que tivemos no McLean durante um mês, qual é a dela. E por quê.”

O dr. Clark sentou-se lentamente, com cuidado, o menor movimento físico já não era fácil para ele. Benton notou o quanto o colega envelhecera desde o verão.

“Lamento aborrecê-lo com isto”, disse Benton. “Sei que está ocupado.”

“Aborrecimento nenhum, Benton. Tenho sentido falta de conversar com você e pensei em ligar. Me perguntava como você estaria.” O dr. Clark disse isso como se eles tivessem algo a dizer, algo que Benton vinha tentando evitar. “Então ela se negou a fazer testes escritos.”

“Não fez o Bender-Gestalt, o desenho de figura complexa de Rey-Osterrieth, o teste de substituição de dígitos por símbolos, o teste de riscar a letra, nem mesmo o teste do traço”, disse Benton. “Nada que lhe exigisse escrever ou desenhar.”

“E os testes da função psicomotora?”

“Não fez o teste dos blocos, nem o do tabuleiro perfurado, nem o ftt.”

“Interessante. Nada que pudesse medir o tempo de reação.”

“A última desculpa que deu foi a medicação que estava tomando, que lhe dava tremores, fazia as mãos chacoalharem tanto que ela não conseguia segurar uma caneta e não queria passar pela humilhação de não conseguir escrever, desenhar ou manipular objetos.” Benton não conseguia deixar de pensar no estado do próprio dr. Clark ao explicar as queixas de Dodie Hodge.

“Nada que lhe exija desempenho físico sob demanda, nada que na cabeça dela possa incitar a crítica ou julgamento. Ela não queria ser avaliada.” O dr. Clark olhou pela janela por trás da cabeça de Benton, como se houvesse algo para ver além dos tijolos de cor bege do hospital e a noite que caía. “Medicação?”

“Suponho que nenhuma, agora. Ela não toma a medicação com pontualidade e não tem interesse por drogas, a menos que a façam sentir-se bem. Álcool, por exemplo. Quando estava hospitalizada, tomava Risperdal.”

“Que pode causar discinesia tardia. Mas não é comum”, considerou o dr. Clark.

“Ela não teve espasmos musculares ou críspações além dos que simulou”, disse Benton. “E, é claro, ela diz que esse estado é permanente.”

“Em tese, o Risperdal pode causar um efeito colateral permanente, principalmente em mulheres mais velhas.”

“No caso dela é simulação, papo-furado. Ela não dá ponto sem nó”, repetiu Benton. “Graças a Deus obedeci a meus instintos e autorizei a gravação em vídeo de todas as minhas sessões com ela.”

“E o que ela achou disso?”

“Ela desempenhava um papel da vez. Qualquer personagem que lhe viesse à cabeça, a depender de seu estado de ânimo. Sedutora, Exército da Salvação, Bruxa.”

“Você acha que ela pode ser violenta?”, perguntou o dr. Clark.

“Ela tem obsessões violentas, diz que recuperou lembranças de abuso em cultos satânicos, que seu pai matava crianças em altares de pedra e tinha relações sexuais com ela. Não há indício algum de que isso tenha ocorrido.”

“E que indício poderia existir?”

Benton não respondeu. Não estava autorizado a checar a veracidade do que um paciente lhe dizia. Não competia a ele investigar. Para Benton, agir desse modo seria um absurdo, quase intolerável, e os limites estariam se confundindo.

“Não gosta de escrever mas gosta de um teatro”, disse o dr. Clark, observando-o atentamente.

“Teatro é o denominador comum”, disse Benton, sabendo que o dr. Clark já estava na pista da verdade.

Ele intuía o que Benton tinha feito — ou pelo menos que tinha feito alguma coisa. Passou pela cabeça de Benton que subconscientemente ele tinha arranjado essa conversa sobre Dodie porque na verdade precisava falar sobre si mesmo.

“Uma ânsia insaciável por teatro e um distúrbio do sono que a atormentou durante quase toda a vida”, prosseguiu Benton. “Ela foi submetida a exames no laboratório de sono do McLean e aparentemente participou de numerosos testes de actigrafia ao longo dos anos, apresentando um indiscutível distúrbio do ritmo circadiano. Sofre de insônia crônica. À medida que o quadro se agrava, mais frágeis se tornam sua capacidade de julgar e sua percepção, e mais caótico seu modo de vida. Sua cultura

geral é extraordinária. Tem uma inteligência brilhante.”

“Alguma melhora com o Risperdal?”

“Seu ânimo se estabilizou um pouco, ficou menos maníaca, disse que estava dormindo melhor.”

“Se ela parou com a medicação provavelmente vai piorar. Que idade tem?”, perguntou o dr. Clark.

“Cinquenta e seis.”

“Bipolar? Esquizofrênica?”

“Seria mais tratável se fosse. Transtornos do Eixo II, personalidade histriônica com traços limítrofes e antissociais.”

“Adorável. E por que lhe prescreveram Risperdal?”

“Quando ingressou, no mês passado, parecia ter alucinações e delírio, mas na verdade é uma mentirosa patológica.” Benton fez um resumo da história da prisão de Dodie em Detroit.

“Há alguma possibilidade de ela acusar você de violar seus direitos civis, alegar que foi internada contra a vontade, que foi coagida e obrigada a tomar uma medicação que lhe causou danos permanentes?”, perguntou o dr. Clark.

“Ela assinou um termo de compromisso para obter a liberdade provisória, recebeu informações sobre direitos civis e foi avisada sobre o direito de ser consultada e tudo o mais. Até o momento, não estou preocupado com litígio, Nathan.”

“Não deve ser para evitar um processo que você está usando luvas, não?”

Benton repôs o cartão e o envelope do FedEx no saco de provas e tornou a lacrá-lo. Tirou as luvas e jogou-as no lixo.

“Quando foi que ela teve alta do McLean?”, perguntou o dr. Clark.

“Domingo passado, à tarde.”

“Você esteve com ela, falou com ela antes que fosse embora?”

“Dois dias antes, na sexta-feira”, disse Benton.

“E na ocasião ela não deu sinal de afeto, não lhe entregou um cartão de Natal, quando podia fazê-lo pessoalmente e ter a gratificação de observar sua reação?”

“Não. Ela falou a respeito de Kay.”

“Entendo.”

Claro que ele entendia. Ele sabia muito bem com que tipo de coisa Benton precisava ter cuidado.

“É possível que Dodie tenha escolhido o McLean porque já sabia que você, o famoso marido da famosa Kay Scarpetta, trabalhava lá?”, perguntou o dr. Clark. “É possível que tenha escolhido o McLean para poder receber atenção exclusiva de sua parte?”

“Ela não escolheu a mim.”

“Escolheu quem?”

“Outra pessoa.”

“Alguém que eu conheço?”, perguntou o dr. Clark, como se suspeitasse de algo.

“Você deve conhecer de nome.”

“Você teria alguma dúvida de que o primeiro escolhido era realmente quem ela queria, já que as motivações e a confiabilidade de Dodie parecem ser problemáticas? O McLean foi escolha dela?”

“O McLean foi.”

“Isso é importante, já que uma vez estando lá ela não poderia escolher alguém que não fizesse parte da equipe.”

“Foi o que aconteceu”, disse Benton.

“Ela tem dinheiro?”

“Diz que sim, de todos os maridos que teve. Ela ficou no Pavilhão, que, como você sabe, nenhum plano cobre. Pagou à vista. Ou melhor, o advogado dela pagou.”

“Quanto está agora? Três mil a diária?”

“Algo assim.”

“Então ela pagou mais de noventa mil dólares à vista.”

“Fez um depósito quando se internou e pagou o saldo todo quando teve alta. Uma transferência bancária, feita através de seu advogado em Detroit”, disse Benton.

“Ela mora em Detroit?”

“Não.”

“Mas tem um advogado lá.”

“É o que parece”, disse Benton.

“E o que ela estava fazendo em Detroit? Além de ser presa.”

“Disse que estava visitando a cidade. De férias. Hospedada no Grand Palais”, disse Benton. “Aplicando sua magia nas máquinas caça-níqueis e na roleta.”

“Ela joga muito?”

“Se você quiser, ela pode te vender alguns amuletos para dar sorte.”

“Percebo que você não gosta nem um pouco dela”, observou o dr. Clark, com a mesma sagacidade no olhar.

“Não estou afirmando que não pesei na escolha que ela fez do hospital. Ou que Kay não tenha pesado”, Benton retrucou.

“O que percebo é que você está começando a ficar com medo”, disse o dr. Clark, tirando os óculos e limpando-os com a gravata de seda cinza. “Há alguma possibilidade de que os acontecimentos recentes estejam fazendo você sentir ansiedade e desconfiança exagerada em relação a pessoas próximas?”

“Você está falando de que acontecimentos, especificamente?”

“Por que você não me diz quais são?”, disse o dr. Clark.

“Não sou paranoico.”

“É o que diz todo paranoico.”

“Vou atribuir isso a sua safra especial de sarcasmo”, disse Benton.

“E como você está? Sem contar esse assunto? Aconteceu muita coisa por aqui, não foi?”, disse o dr. Clark. “Aconteceram muitas coisas de uma vez só neste último mês.”

“Sempre acontece muita coisa.”

“Kay esteve na TV e ficou em evidência.” O dr. Clark voltou a pôr os óculos. “Da mesma forma que Warner Agee.”

Havia algum tempo que Benton sabia que o dr. Clark diria alguma coisa sobre Agee. Ele, Benton, provavelmente vinha evitando o dr. Clark. Provavelmente coisa nenhuma. Ele o vinha evitando. Até aquele dia.

“Passou-me pela cabeça que você pode sentir alguma coisa quando vê Warner no noticiário, esse homem que sabotou sua carreira no FBI, sabotou sua vida inteira porque queria ser você”, disse o dr. Clark. “Agora ele interpreta publicamente o papel de ser você, metaforicamente falando, assumindo a persona do perito criminal, o especialista em perfil criminal do FBI, finalmente sua chance para o estrelato.”

“Há muitas pessoas que afirmam sobre si coisas exageradas ou inverídicas.”

“Você já leu a biografia dele na Wikipédia?”, perguntou o dr. Clark. “O texto diz que ele foi um dos pais da perfilagem criminal e seu mentor. Diz que durante o período em que você esteve na Academia do FBI, como chefe do departamento de ciências comportamentais, começando seu caso adulterino... continuo citando o texto... com Kay Scarpetta, ele trabalhou em numerosos casos com ela. É verdade que ele trabalhou com Kay? Pelo que eu sei, Warner nunca fez perfis para o FBI nem para ninguém.”

“Não sabia que você considerava a Wikipédia uma fonte confiável”, disse Benton, como se o próprio dr. Clark estivesse espalhando essas mentiras.

“Dei uma olhada porque muitas vezes acontece de colaboradores anônimos de enciclopédias on-line e de outros sites, que oferecem informação supostamente objetiva, terem interesse pessoal e nada imparcial, embora velado, no assunto sobre o qual escrevem”, disse o dr. Clark. “Curiosamente, parece que nas últimas semanas a biografia dele foi bastante editada e ampliada. Adivinhe por quem?”

“Talvez pela pessoa biografada.” Benton sentia um nó no estômago, de raiva e ressentimento.

“Imagino que Lucy possa descobrir ou talvez já saiba quem foi e possa fazer com que essa informação errada seja eliminada”, disse o dr. Clark. “Mas talvez não lhe tenha ocorrido checar certos detalhes, como eu fiz, porque você não contou a ela coisas que contou a mim sobre seu passado.”

“Há coisas melhores em que empregar nosso tempo do que indivíduos limitados que procuram desesperadamente chamar a atenção. Lucy não precisa desperdiçar seus recursos de especialista em informática forense em fofocas da internet. Você

está certo, eu não disse a ela tudo o que disse a você.” Benton não se lembrava da última vez em que se sentira tão ameaçado.

“Se você não tivesse me ligado esta tarde, não ia demorar muito para eu inventar um motivo para falar com você e trazer este assunto à baila”, disse o dr. Clark. “Você tem todas as razões do mundo para querer destruir Warner Agee. Eu tenho todas as razões do mundo para esperar que você desista de querer isso.”

“Não vejo o que isso tem a ver com o que estávamos falando, Nathan.”

“Tudo tem a ver com tudo, Benton.” Observou-o, lendo seus pensamentos. “Mas vamos voltar ao assunto de sua ex-paciente Dodie Hodge, porque tenho um palpite de que de alguma forma ela está relacionada a isso. Fiquei impressionado com uma porção de coisas. A primeira é o cartão propriamente dito, a sugestão óbvia de violência doméstica, de um homem que degrada a mulher dizendo que quer ‘pendurá-la em sua árvore’, a mulher ameaçando o marido com a intenção de bater nele com um rolo de macarrão, a conotação sexual. Em outras palavras, uma piada sem graça. O que ela está querendo lhe dizer com isso?”

“Projeção.” Benton obrigou-se a expulsar da sala a fúria que sentia contra Warner Agee. “É o que ela está projetando”, ele ouviu-se dizer num tom aceitável.

“Tudo bem. O que ela está projetando, em sua opinião? Quem é Papai Noel? Quem é a senhora Noel?”

“Eu sou Papai Noel”, disse Benton, e a onda estava passando. Parecia um tsunami, mas arrefeceu e quase já tinha ido embora. Ele relaxou um pouco. “A senhora Noel está brava comigo por algo que eu fiz e ela interpretou como ruim e degradante. Eu, Papai Noel, disse alguma coisa que ela entendeu como uma obscenidade.”

“Dodie Hodge se entende falsamente acusada, degradada, depreciada e banalizada. Mesmo assim, ela sabe que sua percepção é falsa”, disse o dr. Clark. “É o Transtorno de Personalidade Histriônica em ação. A mensagem do cartão é óbvia: coitado do Papai Noel, ele está a ponto de levar uma surra porque sua mulher entendeu mal o que ele disse, e evidentemente Dodie tem senso de humor ou não teria escolhido esse cartão.”

“Supondo-se que foi ela quem o escolheu.”

“Você insiste nisso. Na possibilidade de ela ter contado com ajuda de alguém. Talvez um cúmplice.”

“Na parte técnica”, disse Benton. “Conhecer módulos de voz, comprá-los, montar a porcaria da coisa. Dodie é impulsiva e procura gratificação instantânea. Há neste cartão um grau de deliberação incongruente com o que vi quando ela estava no hospital. E quando foi que ela teve tempo para isso? Como eu disse, ela só teve alta no domingo passado. O FedEx foi enviado ontem, quarta-feira. Como ela sabia que devia mandá-lo para cá? O endereço escrito à mão na etiqueta do FedEx é estranho.

Tudo é estranho.”

“Ela anseia por teatro, e o cartão sonoro é teatral. Você não acha que coincide com as tendências histriônicas dela?”

“Você mesmo observou que ela não estava presente para ver o teatro”, disse Benton. “Teatro não tem graça se não houver plateia. Ela não me viu abrindo o cartão, na verdade nem sabe se eu o abri. Por que não me deu o cartão antes de ter alta, pessoalmente?”

“Outra pessoa pode tê-la induzido a isso. Seu cúmplice.”

“A letra da música me intriga”, disse Benton.

“Que parte?”

“Enfie uns enfeites onde achar legal e pendure o anjinho em sua árvore”, disse Benton.

“Quem é o anjinho?”

“Diga-me você.”

“Poderia ser Kay.” O dr. Clark sustentou o olhar. “‘Sua árvore’ poderia ser uma referência a seu pênis, a sua relação sexual com sua mulher.”

“E uma alusão a enforcamento”, disse Benton.

O legista chefe de Nova York estava debruçado sobre seu microscópio quando Scarpetta bateu de leve na porta aberta.

“Você sabe o que acontece quando falta a uma reunião de equipe, não sabe?”, disse o dr. Brian Edison sem erguer os olhos, colocando um espécime na platina. “Falam de você.”

“Não quero saber.” Scarpetta entrou na sala e sentou-se numa cadeira com braços diante da mesa de seu parceiro.

“Bem, vou amenizar. O assunto da discussão não foi você propriamente.” Ele voltou-se para encará-la, com o cabelo branco desarrumado, os olhos penetrantes como os de uma águia. “Mas foi tangencial. CNN, TLC, Discovery, todas as redes de TV a cabo que possam existir sob o sol. Sabe quantas ligações recebemos a cada dia?”

“Tenho certeza de que você pode contratar uma secretária só para isso.”

“Quando, na verdade, estamos mandando gente embora. Pessoal de apoio, técnicos. Cortamos os serviços de guarda e vigilância”, disse ele. “Deus sabe onde iremos parar se o estado fizer o que está ameaçando e cortar nossa verba em mais trinta por cento. Não estamos na indústria do espetáculo. Não queremos que seja assim, não podemos permitir que aconteça.”

“Sinto muito se estou causando problemas, Brian.”

Ele era provavelmente o melhor patologista forense que Scarpetta conhecia em pessoa e tinha uma ideia absolutamente clara sobre sua missão, que diferia um pouco da de Scarpetta, e não havia meio de fugir disso. Ele entendia a medicina forense como um serviço de saúde pública e não via necessidade de intervenção da mídia nessa atividade, fora seu papel de informar o público sobre questões de vida ou morte, ameaças à saúde e doenças transmissíveis, um tipo de berço potencialmente letal ou um surto de hantavírus. Não que a opinião dele estivesse errada. Simplesmente, todo o resto estava. O mundo tinha mudado, e não necessariamente para melhor.

“Estou tentando tocar a vida por uma trilha que não escolhi”, disse Scarpetta. “Você percorre a mais elevada das trilhas num mundo de trilhas baixas. Então, o que devemos fazer?”

“Baixar ao nível delas?”

“Espero que você não pense que é isso o que estou fazendo.”

“Como você se sente a respeito de sua carreira na CNN?” Ele pegou um cachimbo de madeira que já não podia fumar dentro do edifício.

“Certamente não a vejo como uma carreira”, disse ela. “Faço isso para divulgar informações de uma maneira que considero necessária na nossa época.”

“Se não pode derrotá-los, junte-se a eles.”

“Posso parar se você quiser, Brian. Eu disse isso desde o começo. Nunca farei uma coisa, pelo menos não de propósito, que constranja ou comprometa minimamente este departamento.”

“Bem, não precisamos ficar dando voltas em torno desse assunto de novo”, disse ele. “Na teoria, não discordo de você, Kay. O público está tão mal informado no que se refere à justiça criminal e às questões forenses como sempre esteve. E sim, está mal informado sobre cenas do crime, processos judiciais, legislação e para onde vai o dinheiro dos impostos. Mas, no fundo do meu coração, não acredito que aparecer num desses programas de televisão vá melhorar as coisas. É minha opinião, é claro, e sou bem apegado a minhas convicções, mas de tempos em tempos sinto-me obrigado a lembrar a você que há terrenos minados dos quais você deve se manter longe. Um deles é Hannah Starr.”

“Suponho que foi o tema da discussão da reunião de equipe. A discussão que não era propriamente sobre mim”, retrucou Scarpetta.

“Não vejo esses programas.” Ele brincou displicentemente com o cachimbo. “Mas as Carley Crispins, os Warner Agees da vida, parece que fizeram de Hannah Starr seu brinquedo favorito, a nova Caylee Anthony ou Anna Nicole Smith. Deus permita que não perguntem sobre nossa corredora assassinada quando você estiver no ar esta noite.”

“O acordo com a CNN é não falar sobre casos em andamento.”

“E qual é seu acordo com essa Crispin? Não me parece que ela seja conhecida por jogar limpo, e é ela quem vai estar papagaiando ao vivo esta noite.”

“Pediram-me para discutir microscopia, especificamente a análise do cabelo”, disse Scarpetta.

“Isso é bom, pode ser útil. Sei de uma porção de colegas nossos que trabalham em laboratório e estão preocupados porque as disciplinas científicas passam a ser vistas como desnecessárias depois que o público e os políticos começaram a achar que o DNA é a lâmpada maravilhosa. Esfregando bem a lâmpada, todos os problemas se resolvem e ao diabo com filamentos biológicos, cabelos, toxicologia, documentos suspeitos, até mesmo impressões digitais.” O dr. Edison repôs o cachimbo no cinzeiro que já não usava havia anos. “Estamos bem com a identificação de Toni Darien, suponho. Sei que a polícia vai querer liberar essa informação para o público.”

“Não tenho nada a opor à divulgação do nome dela, mas com certeza não pretendo revelar detalhes sobre o que descobri. Tenho para mim que a cena do crime foi montada, que ela na verdade não morreu onde foi encontrada e que talvez não

estivesse correndo ao ser atacada.”

“Com base em quê?”

“Várias coisas. Ela foi atingida na nuca, recebeu um golpe na parte posterior do osso temporal esquerdo.” Scarpetta tocou a própria cabeça para mostrar onde tinha sido. “Uma possível sobrevivência de horas, evidenciada pela grande massa amorfa flutuante e pelos tecidos hemorrágicos edematosos sob o couro cabeludo. Em algum momento depois da morte, um cachecol foi amarrado em volta do pescoço.”

“Alguma ideia sobre a arma?”

“Uma fratura circular cominutiva que empurrou muitos fragmentos ósseos para o cérebro. O objeto com que ela foi atingida tinha pelo menos uma superfície arredondada de cinquenta milímetros de diâmetro.”

“Não perfurado, mas fragmentado”, ponderou ele. “Então não estamos falando de algo como um martelo, nem de algo redondo com superfície plana. Nada como uma bola de beisebol, já que a superfície é arredondada e tem cinquenta milímetros de diâmetro. Mais ou menos do tamanho de uma bola de bilhar. Estou curioso quanto ao que possa ter sido.”

“Acho que ela está morta desde terça-feira”, disse Scarpetta.

“Estava começando a se decompor?”

“De modo algum. Mas a lividez cadavérica estava instalada, compatível com o fato de ela ter ficado de costas durante bastante tempo após a morte, pelo menos doze horas, sem roupa, com os braços ao longo do corpo e as palmas das mãos para baixo. E não estava assim quando foi encontrada, o corpo não estava nessa posição no parque. Estava de costas, mas os braços estavam acima da cabeça, com os cotovelos levemente dobrados, como se ela tivesse sido arrastada ou puxada pelos pulsos.”

“Rigidez cadavérica?”, perguntou ele.

“Conseguí mexer os membros dela com facilidade. Em outras palavras, a rigidez tinha se instalado e já estava começando a ceder. Mais uma vez, isso leva tempo.”

“Não deve ter sido difícil manipulá-la, movê-la, e suponho que é aí aonde você quer chegar. Que o corpo foi jogado no parque, e que teria sido mais difícil se estivesse rígido”, disse ele. “Desidratação? O que se poderia esperar se ela tivesse ficado num lugar frio que conservasse o corpo por um dia ou dois?”

“Algum ressecamento nos dedos, nos lábios, e mancha esclerótica... Os olhos dela estavam ligeiramente abertos, e a conjuntiva, escura devido ao ressecamento. A temperatura axilar era de dez graus”, continuou Scarpetta. “A mínima de ontem à noite foi de um grau e a máxima, durante o dia, foi de oito. A marca deixada pelo cachecol é uma abrasão superficial seca, marrom e circular. Não há sufusão, nem petéquias na face ou na conjuntiva. A língua não estava protrusa.”

“Post mortem, então”, concluiu o dr. Edison. “O cachecol estava amarrado de

lado?”

“Não. No meio do pescoço.” Ela mostrou em seu próprio pescoço onde estava. “Um nó duplo na frente, que eu não cortei, é claro. Removi o cachecol cortando-o por trás. Nenhuma reação vital, também internamente. O osso hioide, a tireoide e os músculos infra-hioides estavam intactos, nenhum ferimento.”

“Admitindo-se sua hipótese de que ela tenha sido morta num outro lugar e jogada onde foi encontrada, numa esquina do parque, plenamente visível à luz do dia, talvez tivesse sido encontrada mais cedo, esta manhã, quando as pessoas estavam acordadas e saindo”, disse ele. “Há sinais de que tenha sido amarrada? Ou sexualmente agredida?”

“Não há contusões ou sinais de atadura, que eu tivesse visto. Nem lesões defensivas”, disse Scarpetta. “Encontrei uma contusão na face interna e superior de ambas as coxas. A junção posterior dos pequenos lábios mostra uma irritação superficial, com um levíssimo sangramento e pequena contusão adjacente. Os lábios genitais estão avermelhados. Não há secreções visíveis no vestíbulo da vagina nem no canal vaginal, mas existe uma lesão irregular na parede vaginal posterior. Colhi amostras, inclusive esfregaço para o exame de DNA.”

Scarpetta prosseguiu. “Examinei-a também com uma lanterna pericial e recolhi tudo o que havia, inclusive estruturas filamentosas, sobretudo cabelos e pelos”, Scarpetta continuou. “Havia muita poeira e detritos nos cabelos, depilei as bordas da lesão. Com uma lente manual distingui resíduos de tinta, alguns deles incrustados nas partes mais profundas do ferimento. Vermelho vivo, amarelo vivo, preto. Veremos o que diz o exame de laboratório. Estou pedindo a todo o pessoal dos laboratórios que apressem as coisas o mais rápido possível.”

“Acho que você sempre faz isso.”

“Outro detalhe de interesse: as meias estavam trocadas”, disse Scarpetta.

“Como trocadas? Você quer dizer pelo avesso?”

“Meias de corrida desenhadas especialmente para cada pé, direito e esquerdo, e marcadas com as letras D e E. As dela estavam ao contrário, a meia direita no pé esquerdo e a esquerda no pé direito.”

“Não seria possível que ela mesma tivesse confundido as meias, não notando isso quando se vestia?” O dr. Edison começou a vestir o paletó.

“Possível é, claro. Mas se ela era tão detalhista a respeito de sua vestimenta de corrida, ia pôr as meias no pé errado? E estaria ao relento, correndo na chuva e no frio sem luvas, sem nada para aquecer as orelhas, sem casaco, só com um agasalho? A senhora Darien diz que Toni detestava correr com tempo ruim. Ela também não sabe explicar o estranho relógio que Toni usava. Um relógio digital de plástico preto, grandalhão, com a marca BioGraph, possivelmente para registrar algum tipo de dado.”

“Procurou no Google?” O dr. Edison levantou-se.

“Lucy também fez uma busca. Vai dar uma olhada nele depois do exame de DNA. Até agora parece que não há nenhum relógio ou dispositivo chamado BioGraph. Espero que algum dos médicos de Toni ou alguém que ela conhecesse tenha uma ideia de por que ela estava usando aquilo e para que serve.”

“Você já percebeu que seu trabalho temporário aqui está se transformando em permanente?” Ele pegou sua pasta e alcançou o casaco pendurado atrás da porta. “Não creio que você tenha voltado a Massachusetts uma só vez em todo este mês.”

“Estamos ocupados aqui.” Ela se pôs de pé e começou a juntar suas coisas.

“E quem está tocando o bonde para você lá?”

“Todos os caminhos estão nos levando a Boston”, disse ela, pondo o casaco e saindo da sala com o dr. Edison. “Uma repetição dos velhos tempos, o que é uma pena. Meu escritório no distrito nordeste, em Watertown, deve fechar provavelmente no verão. Como se o de Boston não estivesse bastante saturado.”

“E Benton fica para lá e para cá.”

“Ponte aérea”, disse Scarpetta. “Às vezes Lucy lhe dá uma carona de helicóptero. Ele passa muito tempo aqui.”

“Muito gentil da parte dela colaborar com a pesquisa do relógio, o tal BioGraph. Não podemos bancar uma especialista como ela. Mas quando terminarem o exame de DNA, se houver algum tipo de dado nesse aparelho, seja ele o que for, gostaria de saber, se Jaime Berger não se opuser. Tenho uma reunião na prefeitura de manhã, vou ficar à disposição do prefeito e de sua gente. Nosso ramo é péssimo para o turismo. Hannah Starr. Agora Toni Darien. Você sabe o que vou ter de ouvir.”

“Talvez você pudesse lembrar-lhes que se continuarem a cortar nossas verbas, nosso ramo vai ficar pior para o turismo porque não vamos ter como fazer nosso trabalho.”

“Quando vim para cá, no começo dos anos 1990, dez por cento dos homicídios do país eram cometidos aqui em Nova York”, disse ele, enquanto ambos caminhavam pelo saguão, o rádio tocando Elton John. “Dois mil e trezentos homicídios em meu primeiro ano. Ano passado, tivemos menos de quinhentos, um decréscimo de setenta e oito por cento. Parece que todos esqueceram disso. Tudo o que eles lembram é o último assassinato sensacional. Filene e sua música. Acha que devo tomar o rádio dela?”

“Você não faria isso”, disse Scarpetta.

“Tem razão. Aqui as pessoas trabalham duro e não têm muito do que sorrir.”

Saíram para o vento frio da calçada e o barulho do trânsito na Primeira Avenida. A hora do rush estava no auge, táxis costurando e buzinando, sirenes apitando, ambulâncias disparadas para o moderno complexo hospitalar Bellevue, a alguns quarteirões dali, e para o vizinho Langone Medical Center, da Universidade de Nova

York. Passava um pouco das cinco e a escuridão era total. Scarpetta procurou o BlackBerry na bolsa a tiracolo, lembrando-se de que precisava ligar para Benton.

“Boa sorte esta noite”, disse o dr. Edison, dando-lhe um tapinha no braço. “Não vou assistir.”

Dodie Hodge e seu Livro de Magia de capa preta com estrelas amarelas. Levava-o a toda parte.

“Feitiços, rituais, amuletos, venda de coisas como corais, pregos de ferro, saquinhos de seda com sementes de cumaru”, Benton relatava ao dr. Clark. “Tivemos sérios problemas com ela no McLean. Outros pacientes e até mesmo alguns empregados do hospital, ávidos por seus conselhos e talismãs, compravam em sua dita boutique de presentes espirituais, pagos com dinheiro de verdade. Ela alega ter poderes mediúnicos e outras faculdades sobrenaturais, e como se poderia esperar, as pessoas, principalmente quando estão com problemas, são extremamente vulneráveis a alguém assim.”

“Parece que não teve poderes mediúnicos quando roubou os DVDs da livraria de Detroit. Do contrário, teria previsto que seria flagrada”, disse o dr. Clark, dando mais um passo na direção da verdade, tendo o destino bem à frente.

“Se você perguntar, ela dirá que não roubou. Eles lhe pertenciam por direito porque Hap Judd é sobrinho dela”, disse Benton.

“E esse parentesco é real ou é outra mentira? Ou ainda, em sua opinião, um delírio?”

“Não sabemos se existe esse parentesco”, respondeu Benton.

“Não seria difícil averiguar”, disse o dr. Clark.

“Liguei para o escritório da empresária dele em Los Angeles hoje.” A afirmação de Benton era uma confissão. Ele mesmo não sabia por que a tinha feito, mas sabia que devia fazê-la.

O dr. Clark esperava, não quebrou o silêncio, os olhos fixos em Benton.

“A empresária não confirmou nem negou, disse que não lhe competia falar sobre a vida pessoal de Hap Judd”, continuou Benton, sentindo voltar a onda de raiva, dessa vez ainda maior. “Então ela quis saber por que eu estava indagando a respeito de uma pessoa chamada Dodie Hodge, e o modo como ela disse isso me levou a crer que ela sabia perfeitamente de quem eu estava falando, embora fingisse o contrário. Como eu tinha de ser extremamente reservado no que revelava, disse simplesmente que estava tentando confirmar informações recebidas.”

“Você não disse quem era ou por que razão estava interessado?”

O silêncio foi a resposta de Benton. Nathan Clark o conhecia muito bem, porque Benton tinha permitido. Eram amigos. Talvez ele fosse o único amigo de Benton, a única pessoa que Benton permitia entrar em suas áreas restritas, o único além de Scarpetta, e mesmo ela tinha limites, evitava áreas que temia, e esta era a área que

ela mais temia. O dr. Clark estava extraindo a verdade de Benton, e Benton não ia deter o processo. Isso precisava ser feito.

“Esse é o problema de ter pertencido ao FBI, não é?”, disse o dr. Clark. “É difícil resistir ao mistério, a obter informação por todos os meios. Depois de quantos anos mesmo no setor privado?”

“Ela provavelmente pensou que eu era um jornalista.”

“Foi assim que você se apresentou?”

Não houve resposta.

“Em vez de dizer quem você é, de onde está ligando e por quê. Mas isso seria uma violação da hipaa”, prosseguiu o dr. Clark.

“Sim, seria.”

“Mas o que você fez não seria.”

Benton permaneceu em silêncio, permitindo que o dr. Clark chegasse aonde queria.

“Provavelmente teremos de discutir profundamente sobre você e o FBI”, disse o dr. Clark. “Faz tempo que não falamos sobre os anos em que você era uma testemunha protegida e Kay achava que você tinha sido assassinado pelo cartel criminoso da família Chandonne, os tempos mais obscuros, quando você vivia escondido, um horror que ia mais longe do que a maior parte das pessoas consegue imaginar. Talvez você e eu devêssemos explorar como você se sente hoje em relação a seu passado no FBI. Talvez não seja passado.”

“Isso foi há muito tempo. Em outra vida. Em outro FBI.” Benton não queria falar sobre isso, mas falou. Deixou que o dr. Clark fosse além. “Mas provavelmente é verdade. Uma vez policial...”

“... sempre policial. Sim, conheço a frase. Me arrisco a dizer que se trata de algo além de clichês. Você está reconhecendo diante de mim que agiu hoje como um agente da lei, um policial, em vez de um profissional da saúde cuja prioridade é o bem-estar de seu paciente. Dodie Hodge despertou alguma coisa em você.”

Benton não respondeu.

“Alguma coisa que na verdade nunca adormeceu. Você apenas pensava que estivesse adormecida”, prosseguiu o dr. Clark.

Benton continuou em silêncio.

“Então, eu me pergunto: qual terá sido o gatilho? Porque Dodie não é o verdadeiro gatilho. Ela não é tão importante. É mais provável que seja um catalisador”, disse o dr. Clark. “Você concorda?”

“Não sei o que ela é. Mas você tem razão. Ela não é o gatilho.”

“Estou tentado a acreditar que o gatilho é Warner Agee”, disse o dr. Clark. “Nas três últimas semanas, ou algo assim, ele tem sido um convidado frequente do mesmo programa em que Kay estará esta noite. Ele é apresentado como psiquiatra forense

do FBI, o criador do perfil criminal, o especialista supremo em tudo o que se refere a questões seriais e psicopáticas. É compreensível que você experimente fortes sentimentos em relação a ele. Na verdade, você já me disse que tinha impulsos homicidas em relação a ele. Kay conhece Warner?”

“Pessoalmente não.”

“Ela sabe o que ele fez com você?”

“Não conversamos sobre aquele tempo”, Benton respondeu. “Tentamos recomeçar, ir em frente. Há muitas coisas sobre as quais não posso falar, mas ainda que pudesse, ela não ia querer, prefere não querer. Sinceramente, quanto mais eu penso nisso, mais dúvidas tenho sobre do que ela lembra ou não, e tenho o cuidado de não pressioná-la.”

“Talvez você tenha medo do que possa acontecer se ela se lembrar. Talvez você tenha medo da fúria dela.”

“Ela tem todo o direito de ficar furiosa. Mas não fala sobre isso. Acho que ela é quem tem medo de sua própria fúria”, disse Benton.

“E quanto à sua fúria?”

“Fúria e ódio são destrutivos. Não quero me sentir enfurecido nem odiar ninguém.” A fúria e o ódio estavam abrindo um buraco em seu estômago, como se ele tivesse engolido ácido.

“Vou partir do princípio de que você nunca tenha contado a ela os detalhes sobre o que Warner lhe fez. Vou partir do princípio de que vê-lo na TV e nos jornais tem sido extremamente inquietante, abrindo a porta para um espaço no qual você fez o possível para não entrar”, disse o dr. Clark.

Benton não fez comentários.

“Será que você está achando que Warner visou deliberadamente o mesmo programa de Kay porque tem prazer em entrar em competição direta com você? Acho que você mencionou que Carley Crispin andou forçando a barra para ter você e Kay ao mesmo tempo. Na verdade, acho que ela foi longe demais dizendo aquilo no ar. Acho que vi ou ouvi isso em algum lugar. Você se nega a ir ao programa, e faz muito bem. E então, o que acontece? Warner vai. Uma conspiração? Um complô contra você por parte de Warner? Será que tudo tem a ver com a competição dele com você?”

“Kay nunca vai a um programa quando vão outras pessoas, não participa de painéis, se recusa a tomar parte naquilo que ela chama de Circo Hollywood de supostos especialistas gritando uns com os outros e discutindo. E ela quase nunca vai a esse programa, o *Relatório Crispin*.”

“Depois que você voltou da morte, o homem que tentou roubar sua vida está se tornando um especialista célebre, está se tornando você, o homem que ele mais invejava. E agora está aparecendo no mesmo programa, na mesma emissora em que

está sua mulher.” O dr. Clark chamou a atenção para o fato mais uma vez.

“Kay não vai regularmente ao programa, e nunca vai quando há outras pessoas”, Benton repetiu. “Vai ao programa de Carley como convidada, de vez em quando... contra a minha vontade, devo acrescentar. Foi duas vezes para fazer um favor à produção do programa. Carley precisa de qualquer coisa que possa ajudar. Sua audiência está despencando. Na verdade, não é nem mais uma queda, está mais para avalanche.”

“Fico aliviado por você não se pôr na defensiva, ou ser evasivo, a respeito deste assunto.”

“Só quero que ela fique longe disso, é só. Longe de Carley. Kay é boazinha demais, prestativa demais, acha que tem de ser professora de todo mundo. Você sabe como ela é.”

“Um comportamento raro hoje em dia, é claro. Isso dificulta as coisas para você de alguma forma? Talvez te ameace?”

“Gostaria que ela ficasse longe da TV, mas ela tem de viver a vida dela.”

“Pelo que sei, Warner passou a ser o centro das atenções há cerca de três semanas, na época em que Hannah Starr desapareceu”, disse o dr. Clark. “Antes disso, ele ficava nos bastidores. Raramente dava as caras no *Relatório Crispin*.”

“A única forma de uma pessoa desinteressante e sem nenhum carisma, um zé-ninguém, chegar ao horário nobre é conversar com Carley sobre um caso sensacional com grosseira impropriedade. Ou seja, ser uma puta de merda, em outras palavras.”

“É um alívio que você não tenha uma opinião sobre o caráter de Warner Agee.”

“Isso é errado, completamente errado. Mesmo um pobre-diabo como ele sabe que é errado”, disse Benton.

“Até agora você evitou pronunciar o nome dele ou referir-se a ele diretamente. Mas talvez estejamos chegando perto.”

“Kay não sabe dos detalhes do que aconteceu naquele quarto de hotel em Waltham, Massachusetts, em 2003.” Benton olhou nos olhos do dr. Clark. “Ela não sabe detalhe nenhum, não sabe das complicações da máquina, do projeto da máquina que levou a cabo a operação. Pensa que fui eu quem planejou tudo, que escolhi participar de um programa de proteção a testemunhas, que a ideia era minha, que fui eu quem traçou o perfil do cartel Chandonne e previu que eu seria morto, que todos os que me rodeavam seriam mortos, se o inimigo não fosse levado a crer que eu já estava morto. Se eu estivesse vivo, eles teriam ido atrás de mim, atrás de Kay, atrás de todo mundo. Com certeza. Pois bem, fiz tudo certinho e foram atrás de Kay do mesmo jeito, Jean-Baptiste Chandonne foi, e ela só está viva por milagre. Eu não teria feito as coisas assim. Teria feito da maneira como acabei fazendo, tirando do caminho quem queria me tirar do caminho, quem queria tirar Kay e outros mais do caminho. Teria feito o que acabei precisando fazer sem a máquina.”

“O que você chama de máquina?”

“O FBI, o Departamento de Justiça, a Segurança Nacional, o governo, certa pessoa que me deu um conselho imoral. Essa foi a máquina posta em movimento por causa do conselho imoral, um conselho dado em proveito próprio.”

“Conselho de Warner. Influência dele.”

“Havia certas pessoas por baixo do pano influenciando o processo. Uma pessoa em especial, que queria me tirar de seu caminho, queria me punir”, disse Benton.

“Punir por quê?”

“Por eu ter a vida que ele queria ter. Eu era culpado disso, ao que parece, embora nenhuma pessoa que conheça minha vida deva imaginar por que alguém pode querer isso.”

“Se conhecer sua vida interior, talvez”, disse o dr. Clark. “Seus tormentos, seus demônios, talvez. Mas na superfície, você é bem invejável, parece ter tudo. Boa aparência, um pedigree que inclui dinheiro, foi do FBI... a estrela da perfilagem criminal... e agora é um destacado psicólogo forense ligado a Harvard. E tem Kay. Posso entender que alguém cobice sua vida.”

“Kay acha que eu era uma testemunha sob proteção, que fiquei sob estrita cobertura durante seis anos e depois disso renunciei ao Bureau”, disse Benton.

“Porque você se voltou contra o Bureau e perdeu todo o respeito por ele.”

“Há quem acredite que esse é o motivo.”

“Ela acredita?”

“Provavelmente.”

“Quando a verdade é que você sentiu que o Bureau se voltava contra você e perdia todo o respeito por você. Que ele te traiu por causa do que Warner fez”, disse o dr. Clark.

“O Bureau pediu a opinião de seu especialista e recebeu informações e conselhos. Posso entender por que eles ficaram preocupados com a minha segurança. Sem levar em conta qualquer influência tendenciosa, os responsáveis pelas decisões tinham boas razões de preocupação. Posso entender por que se preocuparam com minha estabilidade depois do fato, depois do que eu tinha passado.”

“Então você acha que Warner Agee tinha razão sobre o cartel Chandonne e sobre a necessidade de simular sua morte? Você acha que ele tinha razão sobre sua estabilidade e ao decidir que você já não era apto para o trabalho?”

“Você sabe a resposta. Eu estava ferrado”, disse Benton. “Mas não acho que ele apareça na televisão por causa da rivalidade comigo. Suspeito que seja por alguma outra coisa que nada tem a ver comigo, pelo menos diretamente. Eu poderia ter passado sem o lembrete, isso é tudo. Poderia ter passado sem ele.”

“Interessante. Warner esteve em silêncio, se não invisível, durante toda a sua carreira, que já vai longa e não foi particularmente brilhante”, disse o dr. Clark.

“Agora, de repente, aparece em todos os noticiários nacionais. Reconheço que estou perplexo e possivelmente desorientado a respeito de quais possam ser seus motivos. Não estou certo de que tenha a ver com você, ou pelo menos não somente com você, com a inveja dele e sua atração pela fama. Concordo com você. Provavelmente há outra coisa. Mas nesse caso, o que poderia ser? Por que agora? Talvez seja só pelo dinheiro. Talvez ele, como muita gente, tenha problemas financeiros, o que na idade dele é assustador pra burro.”

“Os programas de atualidades não pagam aos convidados”, Benton respondeu.

“Mas a presença num programa, se for aliciante e polêmica a ponto de elevar seus índices de audiência, pode levar a outras formas de ganhar dinheiro. Vender livros, consultoria.”

“É bem verdade que muita gente perdeu sua aposentadoria e está procurando meios de sobrevivência. Lucros pessoais. Gratificação do ego. Não tenho como saber qual é a motivação”, Benton respondeu. “A não ser que é óbvio que Hannah Starr foi uma boa oportunidade para ele. Se ela não tivesse desaparecido, ele não estaria na TV, não estaria chamando tanta atenção. Como você disse, até agora ele ficava por baixo do pano.”

“Ele. Pronome. Afinal, estamos falando da mesma pessoa. É um progresso.”

“Sim. Ele. Warner. Ele não está bem.” Benton se sentiu derrotado e aliviado ao mesmo tempo. Triste e exaurido. “Não que alguma vez tenha estado bem. Ele não é uma boa pessoa, nunca foi, nunca será. Destrutivo, perigoso, impiedoso, isso sim. Narcisista, sociopata, megalomaniaco. Mas ele não está bem, e a esta altura de sua vida infeliz, isso é provavelmente mais desestabilizador. Ouso dizer que ele é movido por uma insaciável necessidade de aprovação, por seja lá o que for que ele veja como recompensa para o fato de se tornar uma pessoa conhecida com suas teorias obsoletas e sem fundamento. E talvez precise de dinheiro.”

“Concordo com o fato de que ele não está bem. Só não quero que você fique mal”, disse o dr. Clark.

“Não estou mal. Mas admito que não achei graça ao ver a merda da cara dele em todas as merdas de jornais, assumindo a merda do crédito pela minha carreira sem sequer mencionar meu nome, o filho da puta.”

“Você se sentiria melhor se soubesse quais são os meus sentimentos a respeito de Warner Agee, com quem topei ao longo dos anos muito mais vezes do que gostaria de lembrar?”

“Desembuche.”

“Sempre em reuniões de trabalho, quando ele tentava se insinuar de alguma forma, ou, melhor ainda, me diminuir.”

“Grande novidade.”

“Vamos esquecer o que ele fez com você”, prosseguiu o dr. Clark.

“Isso nunca vai acontecer. Ele devia ir para uma merda de cadeia por aquilo.”

“Ele provavelmente vai para o inferno por aquilo. É um ser humano horroroso. Que tal a franqueza?”, respondeu o dr. Clark. “Há pelo menos uma vantagem em ficar velho caindo aos pedaços, em perguntar todos os dias se hoje vai ser pior ou um pouco melhor que ontem. Talvez eu não leve um tombo ou não derrame café na camisa. Uma noite dessas eu estava zapeando de um canal para outro e lá estava ele. Não consegui me conter, tive de assistir. Ele falava, falava, vomitando todos aqueles absurdos sobre Hannah Starr. E não estamos falando apenas de um caso que não foi julgado: a mulher sequer foi encontrada, viva ou morta, e ele fica especulando sobre as coisas horríveis que um assassino serial pode ter feito com ela. É um pobre idiota presunçoso. Me surpreende que o FBI não encontre uma maneira discreta de calar esse papagaio. Ele é uma pedra no sapato, um problema infernal para a Unidade de Análise Comportamental.”

“Ele nunca teve nada a ver com a Unidade de Análise Comportamental, nem com a Unidade de Ciência Comportamental quando eu era o chefe”, disse Benton. “Isso faz parte do mito que ele alimenta. Ele nunca pertenceu ao FBI.”

“Mas você pertenceu. E não pertence mais.”

“Tem razão. Não pertença mais.”

“Então vou recapitular e resumir, e depois tenho de ir embora, senão vou perder um compromisso muito importante”, disse o dr. Clark. “A promotoria distrital de Detroit pediu que você fizesse uma avaliação psicológica de uma acusada, Dodie Hodge, o que não lhe dá o direito de investigá-la por outros crimes.”

“Não, não tenho esse direito.”

“O fato de receber um cartão de Natal não lhe dá esse direito.”

“Não dá. Mas não se trata apenas de um cartão de Natal. É uma ameaça velada.” Benton não ia entregar os pontos quanto a essa questão.

“Depende do ponto de vista. É como provar que uma imagem de Rorschach é um inseto esmagado ou uma borboleta. É o quê? Alguns diriam que sua percepção do cartão como uma ameaça velada é uma atitude regressiva, um claro indício de que seus longos anos como agente da lei, de exposição à violência e ao trauma, deram como resultado uma superproteção das pessoas que você ama e um medo subjacente e generalizado de que os filhos da puta estejam prontos para te pegar. Se você for longe demais com isso, vai correr o risco de acabar sendo visto como o perturbado da história.”

“Vou guardar meus pensamentos perturbados para mim mesmo”, disse Benton. “Não farei comentários sobre gente que não tem remédio e é uma praga.”

“Boa ideia. Não cabe a nós decidir quem não tem remédio e quem é uma praga.”

“Mesmo sabendo que é.”

“Sabemos uma porção de coisas”, disse o dr. Clark. “Uma porção de coisas que

eu preferiria não saber. Venho trabalhando nisto desde um tempo em que a expressão ‘perfil criminal’ não existia, em que o FBI ainda usava submetralhadoras e estava mais preocupado em caçar comunistas do que com os chamados assassinos seriais. Você acha que me apaixono por todos os meus pacientes?” Ele se levantou, segurando-se nos braços da poltrona. “Você acha que eu tenho algum apreço pelo paciente com quem passei horas hoje? O querido Teddy, que acha normal e útil derramar gasolina na vagina de uma menina de nove anos. Como ele me explicou ponderadamente, porque assim ela não engravidaria depois que ele a estuprasse. Ele é uma pessoa responsável? É possível culpar um esquizofrênico que nunca foi tratado, ele mesmo vítima de tortura e abuso sexual repetido na infância? Ele merece a injeção letal, o pelotão de fuzilamento, a cadeira elétrica?”

“Ser culpado e ser considerado responsável são coisas diferentes”, disse Benton. O celular tocou. Ele atendeu, esperando que fosse Scarpetta.

“Estou aqui em frente.” A voz dela em seu ouvido.

“Aqui em frente?” Ele ficou assustado. “Do Bellevue?”

“Caminhei um pouco.”

“Nossa! Está bem. Espere no saguão, não fique aí fora. Entre, estarei aí num instante.”

“Alguma coisa errada?”

“Aí fora está frio, um tempo horrível. Já vou descer”, disse ele, pulando da cadeira.

“Deseje-me sorte. Vou para o tênis.” O dr. Clark parou na porta de entrada, de casaco e chapéu, a bolsa pendurada num dos ombros, como um velho e frágil psicanalista pintado por Norman Rockwell.

“Não castigue demais McEnroe.” Benton começou a arrumar sua pasta.

“O lançador de bolas está na velocidade mais baixa. E ele sempre ganha. Temo que minha carreira de tenista esteja chegando ao fim. Semana passada fiquei na quadra ao lado de Billie Jean King. Levei um tombo, fiquei coberto de saibro dos pés à cabeça.”

“É o que acontece por querer se exhibir.”

“Eu estava recolhendo as bolas com um tubo e tropecei na porcaria da fita, e lá veio ela, inclinou-se sobre mim, querendo saber se eu estava bem. Que maneira de conhecer uma campeã! Cuide-se, Benton. Lembranças a Kay.”

Benton refletiu um pouco sobre o que fazer com o cartão de Dodie, resolveu metê-lo na pasta, sem saber bem por quê. Não podia mostrá-lo a Scarpetta, mas não queria deixá-lo ali. E se acontecesse mais alguma coisa? Nada mais ia acontecer. Ele estava só ansioso, irritado, assombrado por fantasmas do passado. Tudo ia correr bem. Passou a chave na porta da sala, saiu andando apressado, quase correndo, não tinha por que estar ansioso, mas estava. Tão ansioso como vinha se

sentindo havia muito tempo. Um mau pressentimento, sua psique magoada, e ele pôs-se a imaginá-la arroxeadada e ferida. *São emoções lembradas, que já não são reais*, disse ele, ouvindo a própria voz na cabeça. Tinha se passado muito tempo. Isso foi naquela época, e agora não havia nada errado. As portas de seus colegas estavam todas fechadas, todos tinham ido embora, alguns de férias. Faltava exatamente uma semana para o Natal.

Dirigiu-se para o elevador, diante do qual ficava a entrada das dependências dos presos, o barulho habitual vindo daquela direção. Vozes exaltadas, alguém gritando “estão entrando”, porque o guarda da sala de controle nunca abria depressa a porta gradeada. Benton viu de relance um preso com o macacão alaranjado de Rikers Island, acorrentado e escoltado, um policial de cada lado, provavelmente se fingindo de doente, talvez com uma lesão autoinfligida para poder passar as festas ali. Benton lembrou-se de Dodie Hodge quando as portas metálicas se fecharam e ele entrou no elevador. Lembrou-se de seus seis anos de inexistência, isolado e aprisionado à persona de um homem que não existia, Tom Haviland. Seis anos morto por causa de Warner Agee. Benton não suportava o modo como estava se sentindo. Era abominável querer machucar alguém, e ele sabia o que era isso, tinha feito mais de uma vez no cumprimento do dever, mas nunca por ter fantasiado a respeito, por uma espécie de luxúria.

Desejou que Scarpetta tivesse ligado mais cedo, que não tivesse ficado sozinha no escuro naquela parte da cidade, onde havia grande concentração de moradores de rua, indigentes, drogados e graduados em psiquiatria, os mesmos pacientes que entravam e saíam até que o sistema sobrecarregado já não pudesse acomodá-los em lugar nenhum. Quando isso acontecesse, talvez empurrassem um passageiro da plataforma do metrô para baixo de um trem, ou atacassem uma multidão desconhecida com uma faca, causando morte e destruição porque ouviam vozes e ninguém lhes dava ouvidos.

Benton percorreu a passos largos corredores que lhe pareceram intermináveis, passou pela cantina e pela lojinha de presentes, ziguezagueando através do trânsito denso de pacientes, visitantes e funcionários do hospital vestidos com guarda-pós e trajes de centro cirúrgico. Os vestíbulos do Centro Hospitalar Bellevue estavam decorados para as festas, com música alegre tocando e enfeites brilhantes, como se isso de alguma forma tornasse bom o fato de uma pessoa estar doente, ferida ou ser um criminoso louco.

Scarpetta esperava por ele perto das portas de vidro, com seu casaco escuro comprido e luvas pretas de couro, e ainda não o vira no meio da multidão, caminhando para onde ela estava, atento às pessoas ao redor dela e à maneira como alguns a olhavam, como se fosse conhecida. A reação dele ao aproximar-se dela era sempre a mesma, uma aguda mistura de entusiasmo e tristeza, a emoção de estar

com ela manchada pela lembrança da dor de acreditar que nunca mais estaria. Quando ele a observava a certa distância e ela não percebia, ele revivia os tempos em que fazia isso secreta e deliberadamente, desvendando-a, ansiando por ela. Às vezes ele imaginava como teria sido a vida dela se aquilo em que ela tinha acreditado fosse verdade, se ele realmente estivesse morto. Ele se perguntava se ela não estaria em melhor situação. Talvez estivesse. Ele tinha lhe causado sofrimento e dano, trouxera-lhe perigo, prejudicara-a, e não podia se perdoar.

“Talvez você devesse cancelar sua participação”, disse ele quando a alcançou.

Ela se virou para ele surpresa, alegre, seus olhos azuis como o céu, seus pensamentos e sentimentos como o tempo, luz e sombra, sol brilhante e nuvens com neblina.

“Devíamos ter um bom jantar, tranquilo”, ele acrescentou, tomando-lhe o braço, mantendo-a perto de si como se eles precisassem um do outro para se aquecer. “Il Cantinori. Ligo para Frank, vejo se ele pode arrumar mesa para nós.”

“Não me aborreça”, disse ela, com o braço firme em volta da cintura dele. “Melanzane alla parmigiana. Um Brunello di Montalcino. Eu comeria a sua porção e beberia a garrafa inteira.”

“Isso seria de uma gulodice incrível.” Ele a manteve bem perto, como que a protegendo, enquanto eles se dirigiam à Primeira Avenida. Ventava muito e estava começando a chover. “É sério, você bem que podia cancelar, você sabe que sim. Diga a Alex que ficou gripada.” Ele fez sinal para um táxi, que veio rapidamente na direção deles.

“Não posso, e temos de ir para casa”, disse ela. “Temos uma teleconferência.”

Benton abriu a porta traseira do táxi. “Que teleconferência?”

“Jaime.” Scarpetta deslizou para o outro lado do assento e ele entrou atrás dela. Ela deu ao motorista o endereço e disse a Benton: “Ponha o cinto”. Era típico dela o hábito de lembrar às pessoas, mesmo quando não precisavam ser lembradas. “Lucy acha que elas podem sair de Vermont em poucas horas, que a frente fria deve ir para o sul. Enquanto isso, Jaime quer todos nós ao telefone, você, eu, Marino. Ela me ligou há cerca de dez minutos, quando eu estava vindo para cá. Não era um bom momento para conversa, então não sei dos detalhes.”

“Nem mesmo uma pista do que ela quer?”, perguntou Benton, enquanto o táxi pegava a Terceira Avenida em direção ao norte, com os limpadores de para-brisa se arrastando ruidosamente no nevoeiro, que envolvia o cume dos edifícios iluminados.

“A situação desta manhã.” Ela não ia ser mais clara diante do motorista, entendesse ele inglês ou não, pudesse ele ouvi-los ou não.

“A situação com a qual você passou o dia envolvida.” Benton se referia ao caso Toni Darien.

“Surgiu uma dica hoje à tarde”, disse Scarpetta. “Ao que parece, alguém viu

alguma coisa.”

O endereço de trabalho de Marino era azarado: sala número 666, Hogan Place 1. Isso o incomodou mais do que o normal quando ele e L. A. Bonnell pararam no saguão de cerâmica cinzenta entupido de caixas de arquivo empilhadas até o teto, com os três números seis sobre a porta parecendo uma acusação contra seu caráter, uma advertência que seria melhor levar em conta.

“Hum, muito bem”, disse Bonnell, levantando os olhos. “Eu não conseguiria trabalhar aqui. Apenas porque atrai pensamentos negativos. Se as pessoas acreditam que uma coisa dá azar, vai dar azar. Eu me mudaria sem hesitar.”

Ele destravou a porta bege, toda encardida em volta da maçaneta, a pintura lascada nos cantos, o cheiro forte de comida chinesa. Ele estava morto de fome, não via a hora de meter a mão em seus rolinhos primavera e suas costeletas na brasa, e estava contente por Bonnell ter pedido algo parecido, teriyaki de carne, macarrão, e nada cru, nada daquela merda de sushi que parecia isca de pesca. Ela não era nada do que ele tinha imaginado: uma pessoa minúscula e atrevida, uma descontrolada capaz de jogar alguém no chão, algemá-lo com as mãos para trás antes que ele entendesse o que estava acontecendo. Com Bonnell, você saberia o que estava acontecendo.

Media cerca de um metro e oitenta, tinha ossos grandes, mãos grandes, pés grandes, peitos grandes, o tipo de mulher com quem, na cama, um homem poderia se manter plenamente ocupado ou levaria um pé na bunda. Era como Xena, a Princesa Guerreira, usando um terninho de trabalho, só que Bonnell tinha olhos azul-claros, cabelo curto louro pálido, e Marino tinha certeza de que eram naturais. Ele se sentiu envaidecido por estar com ela no High Roller Lanes, viu alguns dos caras olhando, se cutucando. Marino bem que quis poder jogar um pouco e se pavonear.

Bonnell entrou na sala de Marino com as sacolas de comida e comentou: “Talvez devêssemos ir para a sala de conferências”.

Ele não soube ao certo se isso era por causa do número 666 na porta ou porque seu espaço de trabalho era uma lixeira, e disse: “Berger vai ligar pra cá. É melhor ficarmos na linha. Além disso, vou precisar de meu computador e não quero mais ninguém ouvindo a conversa”. Ele largou sua maleta de cena do crime, uma caixa de pesca de quatro gavetas perfeita para suas necessidades, e fechou a porta. “Imaginei que você fosse notar.” Ele falava do número da porta. “Não vá pensar que é algo pessoal sobre mim.”

“Por que eu pensaria que tem a ver com você pessoalmente? Foi você quem escolheu o número de sua sala?” Ela tirou uns papéis, um colete à prova de balas e

a caixa de pesca de uma cadeira e sentou-se.

“Imagine só minha reação quando me mostraram a sala pela primeira vez.” Marino se acomodou atrás de uma cordilheira de entulho que havia em sua mesa de metal. “Quer esperar para comer depois do telefonema?”

“Boa ideia.” Ela olhou em volta como se ali não houvesse lugar para comer, o que não era verdade. Marino sempre encontrava um lugarzinho para pôr um hambúrguer, uma tigela ou uma caixa de isopor.

“Faremos a teleconferência aqui e vamos comer na sala de conferências.”

“Melhor ainda.”

“Devo admitir que quase fui embora. Pensei nisso de verdade.” Ele recomeçou sua história no ponto em que havia interrompido. “Da primeira vez que me mostraram a sala, pensei, deixa disso, você está me sacaneando.”

Ele achou sinceramente que Jaime Berger estivesse brincando, que o número da sala se devesse ao humor negro doentio característico do pessoal da justiça criminal. Ocorreu-lhe até mesmo que talvez ela estivesse jogando na cara dele o real motivo pelo qual ele acabara ficando com ela — que ela tinha feito o favor de contratá-lo, que estava lhe dando uma segunda chance depois da trapalhada que ele tinha feito. Como se fosse um lembrete a cada vez que ele entrasse em sua sala. Durante todos aqueles anos ele e Scarpetta tinham estado juntos, e então ele a ferira daquela forma. Ele se alegrava por não lembrar muita coisa, estava ferrado, um bêbado inconveniente, nunca tinha querido pôr as mãos nela, fazer o que fez.

“Não me considero supersticioso”, disse ele a Bonnell, “mas fui criado em Bayonne, New Jersey. Frequentei a escola católica, fui crismado, fui até coroinha, o que não durou muito porque eu estava sempre me metendo em brigas, e comecei a treinar boxe. Não era o Terror de Bayonne, provavelmente não chegaria a quinze rounds com Muhammad Ali, mas cheguei a semifinalista no campeonato Luvas de Ouro, pensei em me profissionalizar, mas em vez disso virei policial.” Queria que ela soubesse alguma coisa a respeito dele. “Ninguém duvida que 666 é o símbolo da Besta, um número a ser evitado a qualquer preço. E sempre o evitei, fosse num endereço, uma caixa postal, um número de matrícula, uma hora do dia.”

“Hora do dia?” Bonnell questionou, e Marino não soube dizer se ela tinha achado graça, pois seu comportamento era difícil de antecipar ou decifrar. “Não existe uma hora como seis horas e sessenta e seis minutos”, disse ela.

“Seis horas e seis minutos do dia seis, por exemplo.”

“Por que ela não muda você de sala? Não há aqui um outro lugar onde você possa trabalhar?” Bonnell remexeu sua carteira, tirou dela um pen drive e arremessou-o para Marino.

“Isso é tudo?” Marino plugou o pen drive em seu computador. “Apartamento, cena do crime e arquivos wav?”

“Exceto as fotos que você fez hoje.”

“Vou baixar minhas fotos no computador. Não há nada muito importante. Provavelmente nada que você não tenha detectado quando esteve lá com os caras da Unidade de Cena do Crime. Berger diz que estou no sexto andar e minha sala é a sexagésima sexta na sequência. Eu lhe disse que sim, que isso também está no Apocalipse.”

“Berger é judia”, disse Bonnell. “Ela não lê o Apocalipse.”

“É como dizer que se ela não leu o jornal de hoje, nada aconteceu ontem.”

“Não é a mesma coisa. O Apocalipse não é sobre algo que tenha acontecido.”

“É sobre algo que vai acontecer.”

“Algo que vai acontecer é uma predição, ou pensamento mágico, ou fobia”, disse Bonnell. “Não é nada factual.”

O telefone fixo tocou.

Ele agarrou o fone sem demora e disse: “Marino”.

“É Jaime. Acho que estamos todos.” A voz de Jaime Berger.

Marino disse: “Estávamos justamente falando de você”. Olhava para Bonnell, estava achando difícil não olhar para ela. Talvez porque fosse muito grande para uma mulher, bacana em todos os aspectos.

“Kay? Benton? Todo mundo na linha?”, Berger perguntou.

“Aqui estamos.” A voz de Benton parecia vir de longe.

“Vou pôr você no modo viva voz”, disse Marino. “A detetive Bonnell de Homicídios está comigo.” Apertou um botão e pôs o fone no gancho. “Onde está Lucy?”

“No hangar, preparando o helicóptero. Com sorte estaremos indo embora em algumas horas”, disse Berger. “A neve finalmente parou de cair. Se vocês abrirem sua caixa postal, encontrarão dois arquivos que ela mandou antes de sair para o aeroporto. Seguindo o conselho de Marino, pedimos a analistas do cctr que se conectassem ao servidor que opera as câmeras de segurança do lado de fora do edifício de Toni Darien. Tenho certeza de que vocês sabem que o Departamento de Polícia de Nova York tem um acordo com diversos dos principais provedores de câmeras de segurança, de modo que pode acessar as fitas gravadas sem necessidade de recorrer aos administradores desses sistemas para pegar uma senha. O prédio de Toni era monitorado por um desses provedores, de modo que o cctr conseguiu acessar o servidor e procurou as gravações que nos interessam, detendo-se prioritariamente na semana passada, comparando imagens com fotos recentes de Toni, inclusive a que aparece em sua carteira de habilitação e outras encontradas no Facebook, no MySpace. É surpreendente. O arquivo chamado *Gravação Um*, vamos começar com ele. Já o examinei, o segundo também, e o que vi confirma a informação recebida há algumas horas, que vamos discutir em detalhe daqui a

pouco. Vocês precisam baixar o vídeo e abri-lo. Façam isso agora.”

“Está aberto.” A voz de Benton, que não soava nada amigável. Nunca soava amigável, ultimamente.

Marino encontrou o e-mail de que Berger falava e abriu o vídeo, enquanto Bonnell se levantava de sua cadeira e se aproximava para ver, acocorando-se ao lado dele. Não havia som, só imagens do trânsito em frente ao edifício de tijolinhos de Toni Darien na Segunda Avenida. Carros, táxis, ônibus ao fundo, gente passando, vestida para o tempo chuvoso do inverno, alguns com guarda-chuvas, alheios à câmera que os registrava.

“Ela agora vai aparecer.” O tom de Berger era sempre o de uma pessoa no comando, mesmo quando ela conversava normalmente, não importa sobre o quê. “Está com uma parca verde-escura, capuz com borda de pele. O capuz está sobre a cabeça, ela usa luvas pretas e um cachecol vermelho. Uma bolsa tiracolo preta, calça preta e tênis.”

“Seria bom dar um close nos tênis.” Era a voz de Scarpetta. “Para ver se são os mesmos que ela estava usando ao ser encontrada, hoje de manhã. Asics modelo Gel-Kayano, brancos com um relâmpago vermelho e detalhes vermelhos no contraforte. Tamanho trinta e sete.”

“Os tênis que vemos aqui são esbranquiçados, com algo de vermelho”, disse Marino, percebendo a proximidade de Bonnell. Podia sentir o calor do corpo dela bem perto de sua perna, de seu cotovelo.

O vulto de parca verde tinha sido captado pelas costas, o rosto não estava visível por causa da posição dela em relação à câmera e por causa do capuz com borda de pele. Ela se virou para a direita, subiu a escada molhada da frente do prédio já levando as chaves na mão, sugerindo a Marino que se tratava de uma pessoa organizada, que dava atenção ao que estava fazendo, tinha noção do que a rodeava e de sua segurança. Ela destrancou a porta e desapareceu lá dentro. O vídeo mostrava que eram 5:47 da tarde de 17 de dezembro, ontem. Uma pausa e outra gravação do vulto da parca verde com o capuz erguido, a mesma bolsa preta grande no ombro, saindo do edifício e descendo a escada, virando à direita e caminhando na noite chuvosa. O vídeo mostrava que eram 7:01 da noite, 17 de dezembro.

“Uma curiosidade.” Era Benton falando. “Já que não podemos ver o rosto, como é que os analistas da cctr sabem que é ela?”

“Pergunto-me a mesma coisa”, disse Berger. “Mas acredito que seja porque em imagens anteriores fica óbvio que se trata dela. Você já vai vê-las. Segundo o cctr, o que estamos vendo agora são as últimas imagens dela, a última vez em que ela foi vista chegando ou saindo do prédio. Parece que chegou ao apartamento, esteve lá durante pouco mais de uma hora e voltou a sair. A pergunta é: onde esteve depois disso?”

“Eu acrescentaria”, era Scarpetta falando, “que a mensagem de texto que Grace Darien recebeu do celular de Toni chegou aproximadamente uma hora depois deste segundo vídeo. Por volta das oito da noite.”

“Deixei uma mensagem de voz para a senhora Darien”, disse Marino. “Vamos pegar o telefone dela para ver o que mais aquela mensagem nos diz.”

“Não sei se você quer tratar disso agora. Mas a hora da mensagem de texto e a desses vídeos estão em contradição com o que encontrei ao examinar o corpo”, disse Scarpetta.

“Vamos analisar os achados do cctr primeiro”, Berger respondeu. “Depois vamos para os resultados da autópsia.”

Berger acabava de dizer que para ela os achados do cctr eram mais importantes para o caso do que aquilo que Scarpetta tinha a dizer. A declaração de uma só testemunha, e Berger já tinha tudo equacionado? Mas nesse ponto Marino desconhecia os detalhes, só sabia o que Bonnell lhe contara, e ela tinha sido vaga, acabando por admitir que ela e Berger tinham se falado ao telefone e que Berger instruiu-a a não comentar com ninguém o que tinham discutido. Tudo o que Marino conseguira extrair de Bonnell foi que tinha aparecido uma testemunha com informações que deixavam claríssimo que o apartamento de Toni não era relevante para o crime.

“Olhando esses vídeos”, disse Marino, “fico pensando outra vez no que pode ter acontecido com o casaco dela. A parca verde não está no apartamento e não apareceu.”

“Se alguém pegou o celular dela”, Scarpetta insistia no assunto, “essa pessoa poderia mandar uma mensagem de texto para qualquer contato da agenda dela, inclusive sua mãe. Ninguém precisa de senha para mandar uma mensagem. Basta ter o telefone celular da pessoa que você quer que apareça como o remetente de uma mensagem — neste caso, Toni Darien. Se alguém pegou o telefone e procurou as mensagens enviadas e recebidas, essa pessoa teria uma ideia sobre o que escrever e como, se seu objetivo fosse levar um terceiro a crer que a mensagem vinha de Toni, se o objetivo era fazer crer que ela ainda estava viva quando já não estava.”

“Na minha experiência, os homicídios não são planejados de forma tão elaborada, ou tão inteligente quanto você sugere”, disse Berger.

Marino não acreditava no que ouvia. Ela estava dizendo a Scarpetta que isto não é Agatha Christie, não é uma merda de conto policial.

“Em condições normais, seria eu a fazer essa observação”, respondeu Scarpetta, sem mostrar o mais leve indício de ofensa ou irritação. “Mas o homicídio de Toni Darien é qualquer coisa menos normal.”

“Vamos tentar descobrir de onde a mensagem de texto foi enviada, o local físico”, disse Marino. “É tudo o que podemos fazer. É uma pesquisa legítima, uma vez que o

celular dela desapareceu. Concorde. E se outra pessoa ficou com ele e mandou a mensagem para a mãe de Toni? Pode parecer absurdo, mas o que sabemos?” Ele se arrependeu de ter dito “absurdo”. Era como se estivesse criticando Scarpetta, ou duvidando dela.

“Olhando esse vídeo, me pergunto também: como sabemos que a pessoa de casaco verde é Toni Darien?” Era Benton falando. “Não se pode ver seu rosto, em nenhum dos dois vídeos.”

“Só que parece ser uma mulher branca.” Marino voltou o vídeo para ver de novo. “Vejo a mandíbula, uma pontinha do queixo, porque o capuz está erguido, está escuro e ela não está de frente para a câmera. Foi filmada por trás e caminha olhando para baixo. Quando entra e quando sai do prédio.”

“Se abrir o segundo arquivo que Lucy enviou com o nome de *Gravação Dois*”, disse Berger, “você vai ver uma porção de imagens de gravações anteriores, algumas feitas uns dias antes, com o mesmo casaco, o mesmo vulto, a diferença é que podemos ver claramente o rosto de Toni.”

Marino fechou o primeiro arquivo e abriu o segundo. Clicou em mostrar slides e começou a ver imagens congeladas de Toni diante de seu prédio, entrando e saindo. Em todas as imagens ela usava um cachecol vermelho vivo e a mesma parca verde de capuz com borda de pele, só que nessas imagens não chovia e o capuz estava para trás, os longos cabelos castanho-escuros de Toni soltos em volta dos ombros. Em muitas dessas imagens, ela vestia leggings de corrida, em outras usava calças ou jeans. Numa delas, usava meias-luvas verde-oliva e acobreadas, e em nenhuma imagem tinha luvas pretas nem carregava uma grande bolsa preta a tiracolo. Estava sempre a pé, exceto numa imagem em que aparece tomando um táxi sob chuva.

“Isso confirma a declaração que o vizinho me deu”, disse Bonnell, roçando o braço de Marino, terceira vez que fazia isso, mal o tocava mas ele percebia muito bem. “É o casaco que ele descreveu”, ela prosseguiu. “Ele me contou que ela vestia um casaco verde com capuz e trazia a correspondência, que deve ter apanhado ao chegar ao edifício, às 5:47. Imagino que ela abriu a caixa de correio, pegou o que tinha dentro e depois subiu a escada, e foi quando o vizinho a viu. Ela entrou no apartamento e pôs a correspondência na bancada da cozinha, onde eu a encontrei esta manhã quando estive lá com a Unidade de Cena do Crime. A correspondência não tinha sido aberta.”

“Ela estava com o capuz na cabeça dentro do edifício?”, perguntou Scarpetta.

“O vizinho não especificou. Disse apenas que ela vestia um casaco verde com capuz.”

“Graham Tourette”, disse Marino. “Precisamos investigá-lo com cuidado, investigar o zelador também, Joe Barstow. Nenhum deles tem antecedentes criminais além de infrações de trânsito, avançar o sinal, habilitação vencida, um farol traseiro

quebrado, dar marcha a ré, nada disso tendo resultado em prisão. Pediao cctr que levante tudo a respeito de todos os moradores do edifício.”

“Graham Tourette fez questão de dizer que na noite passada estava no teatro com seu parceiro, alguém lhe dera ingressos para o musical *Wicked*”, disse Bonnell. “Então vou em frente e pergunto ao doutor Wesley...”

“Improvável”, disse Benton. “Mais do que improvável que um gay tenha cometido esse crime.”

“Não vi mitene alguma dentro do apartamento”, disse Marino. “Nem na cena do crime. E nas imagens anteriores ela não usa luvas pretas nem leva bolsa preta.”

“Na minha opinião, o crime teve motivação sexual”, disse Benton, como se Marino não estivesse ao telefone.

“Há sinais de agressão sexual na autópsia?”, perguntou Berger.

“Lesões na genitália”, respondeu Scarpetta. “Hematoma, vermelhidão, indícios de algum tipo de penetração, de trauma.”

“Fluido seminal?”

“Não que eu tenha visto. Veremos o que dizem os laboratórios.”

“Acredito que a possibilidade levantada pela doutora é a de que a cena do crime e talvez o próprio crime tenham sido montados”, disse Marino, ainda se sentindo mal por ter dito “absurdo” pouco antes, esperando que Scarpetta não pensasse que com isso ele estivesse dando uma indireta. “Nesse caso, poderia ser um cara gay, certo, Benton?”

“Com base no que eu sei, Jaime”, Benton respondeu a Berger e não a Marino, “suspeito que a montagem tenha sido armada para dissimular a verdadeira natureza do crime, o verdadeiro móvel, em que momento foi cometido e a relação que possa haver entre a vítima e o agressor. A montagem, nesse caso, deu-se para fins de evasão. A pessoa que fez isso tinha medo de ser apanhada. E, reitero, o crime teve motivação sexual.”

“Parece-me que você não crê que quem fez isso seja desconhecido”, disse Marino, e Benton não respondeu.

“Se o que a testemunha diz é verdade, parece-me que estamos tratando exatamente com isso”, disse Bonnell a Marino, tocando-o mais uma vez. “Não creio que se trate de um namorado, talvez nem mesmo de uma pessoa que ela tivesse visto alguma vez antes da noite passada.”

“Teremos de trazer Tourette para uma entrevista. E o zelador”, disse Berger. “Quero falar com eles dois, principalmente com o zelador, Joe Barstow.”

“Por que principalmente com Joe Barstow?” Benton quis saber, parecendo um pouco irritado.

Talvez Benton e a doutora não estivessem se entendendo. Marino não tinha ideia do que estava acontecendo entre eles, fazia semanas que não os via, mas estava

cansado de fazer tudo para ser legal com Benton. Estava envelhecendo, sendo desrespeitado o tempo todo.

“Tenho a mesma informação do cctr que a de Marino. Você tem ideia do histórico de empregos de Barstow?” Berger perguntou a Marino. “Algumas locadoras de veículos, motorista de táxi, além de muitos outros trabalhos. Barman, garçom. Trabalhou para uma empresa de táxis em 2007. Ao que parece, fazia uma porção de bicos enquanto estudava em meio período, na Faculdade Comunitária de Manhattan, entrando e saindo, nos últimos três anos, pelo que posso ver.”

Bonnell levantou-se, abriu um bloco. Permanecia perto de Marino.

“Ele está tentando se formar em videoarte e tecnologia de vídeo”, disse ela. “Toca baixo elétrico, já pertenceu a uma banda, gostaria de dedicar-se à produção de shows de rock e ainda espera sua grande chance no mundo da música.”

Enquanto lia suas anotações, sua coxa encostou em Marino.

“Ultimamente, ele vinha prestando serviços a uma produtora digital”, prosseguiu ela, “fazendo um servicinho aqui outro ali, quase sempre burocrático, ou de mensageiro, o que ele chama de assistente de produção e eu de moleque de recados. Tem vinte e oito anos. Falei com ele durante quinze minutos. Disse que só conhecia Toni de encontros eventuais no edifício, que ele... repito as palavras dele... nunca tinha saído com ela mas que já tinha pensado em convidá-la.”

“Você perguntou diretamente a ele se já tinha saído com ela ou pensado no assunto?”, disse Berger. “Ou ele disse isso de livre e espontânea vontade?”

“Disse espontaneamente. Disse também que fazia vários dias que não via Toni. Que na noite passada estava em seu apartamento, pediu uma pizza e ficou vendo TV porque o tempo estava péssimo e ele estava cansado.”

“Deu uma porção de álibis”, disse Berger.

“É uma conclusão cabível, mas nada rara em casos como este. Todo mundo se imagina suspeito. Ou pelo menos tem alguma coisa na vida que não quer que fiquemos sabendo”, Bonnell respondeu, folheando o bloco. “Falou dela como uma pessoa simpática, que não vivia reclamando, e que, pelo que ele sabia, não era do tipo festeiro, que traz gente de fora para o edifício, como, por exemplo... e agora estou citando outra vez palavras dele... uma porção de caras. Pude ver que ele estava preocupado e assustado. Não parece um chofer de táxi”, acrescentou ela, como se o detalhe fosse relevante.

“Não sabemos se de fato é”, disse Berger. “Não sabemos se tem ou não acesso a táxis, ou o que ele pode fazer por debaixo do pano para não pagar impostos, por exemplo, como fazem uma porção de motoristas independentes desta cidade, sobretudo agora.”

“O cachecol vermelho parece com o que eu tirei do pescoço de Toni”, disse Scarpetta, e Marino a imaginou sentada em algum lugar com Benton, olhando para a

tela do computador, provavelmente em seu apartamento da Central Park Oeste, não muito distante da CNN. “Vermelho forte, brilhante, feito de um tecido de alta tecnologia, fino mas bem quente.”

“Parece que é o que ela está usando”, disse Berger. “O que esses vídeos e a mensagem de texto para a mãe dela tentam provar é que ela estava viva ontem à noite, às 7:01 quando saiu do edifício e continuava viva uma hora mais tarde, até lá pelas oito. Kay, você começou a dizer que tinha uma opinião diferente sobre a hora da morte, diferente do que está implícito nestes vídeos, por exemplo.”

“Minha opinião é que ela não estava viva ontem à noite.” A voz de Scarpetta era firme, como se o que ela acabava de dizer não devesse surpreender ninguém.

“Então quem foi que vimos nos vídeos?”, perguntou Bonnell, incomodada. “Um impostor? Uma outra pessoa que entrou no prédio dela usando seu casaco? Alguém que tinha as chaves?”

“Kay? Estamos de acordo até aqui? Você mantém sua opinião depois de ver os vídeos?”, perguntou Berger.

“Minha opinião se baseia no exame do corpo, não em vídeos”, disse Scarpetta. “E suas características post mortem, particularmente a lividez e a rigidez, remetem a morte dela para muito antes da noite passada. Para a terça-feira.”

“Terça-feira?” Marino se surpreendeu. “Anteontem?”

“Na minha opinião, ela foi ferida na cabeça em algum momento da terça-feira, possivelmente à tarde, horas depois de ter comido uma salada de frango”, disse Scarpetta. “O conteúdo gástrico, parcialmente digerido, se compunha de alface romana, tomate e frango. Depois de atingida na cabeça, sua digestão deve ter se interrompido, portanto o alimento permaneceu não digerido enquanto ela agonizava, o que acho que levou tempo, talvez horas, com base na resposta vital ao ferimento.”

“Havia alface e tomates na geladeira dela”, lembrou Marino. “Portanto, ela pode ter feito sua última refeição no apartamento. Você tem certeza de que a morte não pode ter ocorrido na noite passada, quando ela parece ter estado lá durante uma hora? No intervalo que acabamos de ver no vídeo?”

“Faria sentido”, disse Bonnell. “Ela comeu e, horas mais tarde, digamos que às nove ou dez, saiu e foi agredida.”

“Não faz sentido. O que vi quando a examinei indica que na noite passada ela já não estava viva, e é muito pouco provável que estivesse viva na véspera.” Era a voz serena de Scarpetta.

Ela quase nunca se mostrava irritada ou ríspida, e jamais arrogante, embora tivesse todo o direito de falar no tom que bem entendesse. Depois de tantos anos trabalhando com ela, durante a maior parte de sua vida profissional, numa ou noutra municipalidade, Marino sabia por experiência que quando um corpo lhe dizia algo, era verdade. Mas ele estava tendo dificuldade com o que ela estava dizendo. Parecia

não fazer sentido.

“Muito bem. Temos muito o que discutir”, disse Berger. “Uma coisa de cada vez. Vamos nos concentrar apenas no que vimos nesses vídeos. Vamos assumir que a figura de parca verde não seja um impostor, e seja de fato Toni Dorian, e que ela enviou a mensagem de texto para sua mãe na noite passada.”

Berger não aceitava o que Scarpetta estava afirmando. Achava que Scarpetta se equivocara, e Marino também imaginava isso. Passou pela sua cabeça que Scarpetta tinha começado a crer em sua própria lenda, achava realmente que podia encontrar respostas para tudo e nunca errava. Qual era a frase que a CNN usava o tempo todo? Como era que se referia ao talento dela para desvendar crimes? *O fator Scarpetta. Merda*, pensou Marino. Ele já tinha visto esse filme antes, pessoas acreditando no que a imprensa dizia delas e deixando de fazer o trabalho real, e então se ferravam e caíam no ridículo.

“A pergunta é”, prosseguiu Berger, “para onde foi Toni depois que saiu de seu prédio?”

“Não foi para o trabalho”, disse Marino, tentando lembrar se alguma vez Scarpetta cometera um erro capaz de comprometer o especialista, ou posto a perder um caso nos tribunais.

Não conseguiu se lembrar de nenhum exemplo. Mas antes ela não era famosa e não estava a toda hora na TV.

“Vamos começar com o trabalho, com o High Roller Lanes.” A voz de Berger ecoava forte e alto no microfone. “Marino, vamos começar por você e a detetive Bonnell.”

Marino ficou desapontado quando Bonnell se levantou e foi para o outro lado da mesa. Ele fez um gesto de quem tinha sede, quem sabe ela poderia trazer a Coca zero. Teve uma sensação diferente ao olhar para ela, notou a cor de suas faces, o brilho nos olhos, o quanto ela parecia cheia de energia. Sentiu-a roçando seu braço, embora ela já não estivesse ao lado dele, sentiu suas formas arredondadas e firmes, o peso de seu corpo contra o dele, e imaginou como ela seria, como seria tocá-la, e se sentiu atento e alerta como havia muito não se sentia. Ela tinha de saber o que estava fazendo quando lhe roçava o braço.

“Primeiro vou descrever o lugar, porque não é um boliche comum”, disse ele.

“Parece mais uma coisa de Las Vegas”, disse Bonnell, abrindo uma sacola de papel, de onde tirou duas Cocas zero, uma das quais passou para ele, os olhos encontrando os dele por um instante, como faíscas.

“Bem”, disse Marino, abrindo a lata, de onde jorrou Coca zero, transbordando e molhando a mesa. Ele enxugou a sujeira com diversas folhas de papel e secou as mãos na calça. “Sem dúvida é um lugar para jogadores profissionais. Luzes de néon, telões, sofás de couro e um lounge reluzente com um enorme bar espelhado. Vinte e

tantas pistas, mesas de bilhar, gente muito bem-vestida. Não se pode entrar com aspecto de mendigo.” Ele tinha levado Georgia Bacardi ao High Roller em junho, quando fizeram seis meses juntos. Era bem pouco provável que chegassem a um ano. Da última vez em que se viram, no primeiro fim de semana do mês, ela não quis fazer sexo, encontrou dez maneiras diferentes de dizer-lhe a mesma coisa, que era: pode esquecer. Que não se sentia bem, que estava cansada, que seu trabalho na polícia de Baltimore era tão importante quanto o dele, que estava tendo fogachos, que havia outra mulher na vida dele e que ela estava enjoada, cansada disso. Berger, Scarpetta, até Lucy. Incluindo Bacardi, eram quatro as mulheres da vida de Marino, e a última vez que fizera sexo tinha sido em 7 de novembro, quase seis semanas atrás.

“O lugar é bonito, da mesma forma que as mulheres que atendem as pessoas que jogam”, ele continuou. “Muitas delas tentando abrir caminho para o estrelato, modelos, uma clientela realmente seleta, fotos de gente famosa, até nos banheiros, pelo menos no banheiro masculino. Você viu fotos no banheiro das mulheres?”, perguntou a Bonnell.

Ela deu de ombros e tirou o casaco do terninho, para o caso de ele ter alguma dúvida sobre o que havia embaixo. Ele olhou. Fitou-a sem dissimular.

“No banheiro masculino há uma foto de Hap Judd”, acrescentou Marino, achando que Berger poderia se interessar. “Obviamente não ocupa um lugar de honra, estava na parede bem acima de um mictório.”

“Sabe quando a foto foi feita e se ele vai muito a esse lugar?”, perguntou a voz de Berger.

“Ele e uma porção de celebridades que moram na cidade, ou talvez quando estão filmando aqui, ou seja lá o que for”, disse Marino. “O interior do High Roller parece o de uma churrascaria. Fotos de gente famosa por toda a parte. A de Hap Judd deve ter sido feita no último verão. Das pessoas com quem falei, ninguém soube dizer exatamente quando. Já estive lá, mas não é um frequentador.”

“Qual é o atrativo?”, perguntou Berger. “Não sabia que o boliche tinha tanta importância para as celebridades.”

“Nunca ouviu falar da campanha de caridade ‘Boliche com as estrelas’?”, perguntou Marino.

“Não.”

“Muita gente famosa joga boliche, mas o High Roller é também um lugar da moda”, disse Marino, e seus pensamentos se tornaram letárgicos, como se o sangue tivesse escoado de sua cabeça, correndo para baixo. “O dono é um cara que tem restaurantes, lan houses, estabelecimentos de entretenimento em Atlantic City, Indiana, sul da Flórida, Detroit, Louisiana. Chama-se Freddie Maestro, velho como Matusalém. Aparece em todas as fotos com celebridades, por isso acho que deve passar muito tempo aqui na cidade.”

Tirou os olhos de Bonnell para poder se concentrar.

“O caso é que você nunca sabe quem vai encontrar, foi o que percebi”, prosseguiu Marino. “Assim, para uma pessoa como Toni Darien, talvez isso fizesse parte do interesse do lugar. Ela queria ganhar dinheiro, e as gorjetas eram boas. Ela queria aparecer, fazer contatos. O turno dela era no que eu chamo de horário nobre. De noite, ela começava normalmente por volta das seis e trabalhava até a hora de fechar, lá pelas duas da manhã. De quinta a domingo. Ia para o trabalho a pé ou de táxi, não tinha carro.”

Ele tomou um gole da Coca zero e dirigiu o olhar para o quadro branco que havia na parede, perto da porta. Berger e seus quadros, cada cor com seu significado. Casos prontos para julgamento, em verde; os que não estavam prontos, em azul; datas de audiências, em vermelho; os nomes de quem estava de plantão para crimes sexuais, em preto. Era mais seguro olhar para o quadro. Ele podia pensar melhor.

“De que tipo de contato você fala?”, voz de Berger.

“Na minha opinião, num lugar de alto nível como aquele pode-se encontrar de tudo”, disse Marino. “Assim, talvez ela tenha topado com a pessoa errada.”

“Ou o High Roller Lanes pode não ter nada a ver com nada. Talvez não tenha a menor relação com o que aconteceu com ela.” Bonnell disse o que pensava, o que talvez explique por que ela não se interessou pelas fotos, pelo que mostravam os telões que havia sobre as pistas, ou pela observação de ricos e famosos.

Bonnell estava convencida de que o assassinato de Toni Darien tinha sido aleatório, que ela tinha sido atacada por um facínora, um assassino serial à espreita. Ela podia estar vestida para correr, mas não era isso o que estava fazendo quando foi parar no lugar errado, na hora errada. Bonnell disse que Marino entenderia melhor quando ouvisse a gravação do telefonema que a testemunha deu para a polícia.

“Estou partindo do princípio de que ainda não temos pistas sobre o que aconteceu com o celular e o laptop dela.” Voz de Scarpetta.

“E com a carteira e talvez sua bolsa”, lembrou Marino. “Ao que parece, também desapareceram. Não estão no apartamento, não estavam na cena no crime. Fico pensando o que terá sido feito de seu casaco e das meias-luvas.”

“A falta desses objetos pode fazer sentido em vista da ligação para a polícia. A informação que a detetive Bonnell recebeu”, disse Berger. “O que uma testemunha declarou. É possível que Toni tenha tomado um táxi, levando essas coisas consigo por algum motivo, porque não estava saindo para correr. Ia fazer alguma outra coisa, talvez passar por algum lugar e mais tarde correr.”

“Não havia outros tipos de carregadores no apartamento, além do laptop e do celular?”, perguntou Scarpetta. “Alguma outra coisa?”

“Foi tudo o que vi”, disse Marino.

“Uma estação usb, por exemplo? Algo que indique que ela tinha algum outro

aparelho que precisasse ser carregado, como o relógio que estava usando?”, perguntou Scarpetta. “Parece tratar-se de um monitor, chama-se BioGraph. Nem Lucy nem eu conseguimos encontrá-lo na internet.”

“Como pode haver um relógio com esse nome que não esteja na internet? Alguém tem de vendê-lo, não é?”, disse Marino.

“Não necessariamente.” Quando Benton respondia a ele, era sempre para discordar ou jogá-lo para baixo. “Não se ainda estiver na fase de pesquisa e desenvolvimento, ou fizer parte de um projeto confidencial.”

“Então quem sabe se ela não trabalhava para a porra da cia”, devolveu Marino.

Se o assassinato de Toni tivesse sido obra de uma agência de informações, o responsável não deixaria em seu pulso um monitor de dados.

Benton fez a observação no tom indiferente que empregava ao falar com pessoas de quem não gostava. Um tom seco, insosso, que levou Scarpetta a pensar em terra rachada, em pedra, enquanto permanecia sentada no sofá que havia na sala dos fundos do apartamento que ele tinha transformado em seu escritório, um espaço agradável com vista para a cidade.

“Despiste. Para nos induzir a pensar alguma coisa. Em outras palavras, foi plantado”, ouviu-se a voz de Marino pelo VoiceStation que estava junto ao computador de Benton. “Estou apenas respondendo a sua sugestão de que pode ser parte de um projeto secreto.”

Benton ouviu impassível, sentado em sua cadeira de couro. Atrás dele havia uma parede cheia de livros organizados por tema, de capa dura, numerosas primeiras edições, algumas muito antigas. Marino se aborreceu e acabou explodindo porque Benton o fizera sentir-se como um bobo, e quanto mais falava, mais bobo parecia. Scarpetta queria que os dois parassem de se comportar como adolescentes.

“Então, se vamos por esse caminho, talvez eles quisessem que encontrássemos o relógio porque toda informação que houver nele será falsa”, disse Marino.

“Quem são ‘eles’?” A voz de Benton saiu decididamente desagradável.

Marino achava que não tinha mais obrigação de se defender, e Benton não queria mais fingir que o perdoara. Era como se o que acontecera em Charleston um ano antes fosse entre os dois, e já não tivesse nada a ver com Scarpetta. Como é habitual nas agressões, ela já não era a vítima. Todos os demais, sim.

“Não sei, mas para dizer a verdade, acho que não deveríamos descartar nada.” A voz de Marino altamente invasiva encheu o pequeno espaço privado de Benton. “Quanto mais se trabalha neste ramo, mais se aprende a manter a cabeça aberta. E temos um monte de merda acontecendo neste país com terrorismo, contraterrorismo, espionagem, contraespionagem, os russos, os norte-coreanos, sei lá quem mais.”

“Gostaria de afastar a hipótese da cia.” Berger não era maluca e o rumo que a conversa tinha tomado estava pondo à prova sua paciência. “Não há indício de que estejamos tratando com um ato organizado de motivação política, ou relacionado a terrorismo ou espionagem. Na verdade, as evidências apontam para o contrário.”

“Queria perguntar sobre a posição em que o corpo se encontrava na cena do crime”, disse a detetive Bonnell, com sua fala mansa mas autoconfiante, às vezes sardônica e de difícil interpretação. “Doutora Scarpetta, a senhora encontrou algum

indício de que ela tenha sido puxada pelos braços ou arrastada? Porque achei a posição bem estranha. Quase ridícula, como se ela estivesse dançando ‘Hava Nagila’ pela maneira como estavam as pernas, dobradas como as de uma rã, e os braços para cima. Sei que pode parecer estranho, mas foi a primeira coisa que me passou pela cabeça quando a vi.”

Benton olhava as fotos da cena do crime em seu computador e respondeu antes que Scarpetta pudesse abrir a boca. “A posição do corpo é degradante e debochada.” Clicou em outras fotos. “Ela foi exposta numa posição intencionalmente sexual que pretendia mostrar desprezo e chocar. Não se fez nenhum esforço para dissimular o corpo, pelo contrário. A posição em que ela está foi montada.”

“Fora a posição de que você falou, não há outros indícios de que tenha sido arrastada”, respondeu Scarpetta à pergunta de Bonnell. “Não há arranhões na parte posterior do corpo, nem hematomas em volta dos punhos, mas é preciso levar em conta que ela não iria apresentar respostas vitais a ferimentos. Ela não apresentaria hematomas se tivesse sido agarrada pelos punhos depois de morta. No geral, o corpo estava relativamente livre de ferimentos, com exceção da lesão na cabeça.”

“Vamos admitir que você tenha razão sobre o fato de ela ter sido morta um tempo antes.” Era a voz de Berger, saindo energicamente do reluzente alto-falante preto que Benton usava para as conferências por telefone. “Acho que deve haver alguma explicação para isso.”

“A explicação é aquilo que sabemos que acontece com o corpo após a morte”, disse Scarpetta. “A velocidade com que ele esfria, o modo como o sangue que deixou de circular se aloja nas partes do corpo que ficam para baixo devido à gravidade e o aspecto que essas partes adquirem, e a rigidez característica dos músculos devido à queda do trifosfato de adenosina.”

“No entanto, pode haver exceções”, disse Berger. “É bem sabido que essas características associadas à hora da morte podem variar muito dependendo do que a pessoa estivesse fazendo pouco antes de morrer, das condições do tempo, do tamanho do corpo, de como a pessoa estava vestida e até dos medicamentos que estivesse tomando. Estou certa?”

“A determinação do momento da morte não é uma ciência exata.” Scarpetta não estava surpresa em absoluto pelo fato de Berger contestá-la.

Era uma dessas situações em que a verdade torna tudo imensamente mais difícil.

“Portanto, está dentro do domínio das possibilidades o fato de haver circunstâncias capazes de explicar por que a lividez e a rigidez do corpo pareciam tão avançadas”, disse Berger. “Por exemplo, se ela estivesse despendendo muita energia, se estivesse correndo, talvez fugindo de seu agressor, quando foi atingida na nuca. Isso não poderia explicar uma instalação mais rápida da rigidez cadavérica?”

Ou mesmo uma rigidez instantânea, conhecida como espasmo cadavérico?”

“Não”, respondeu Scarpetta. “Porque ela não morreu logo depois do golpe na cabeça. Sobreviveu durante algum tempo, e na verdade pode ter acontecido qualquer coisa com ela, menos a prática de atividade física. Ela ficou incapacitada, essencialmente em coma, moribunda.”

“Mas se formos objetivos quanto a isso”, disse Berger, como que insinuando que Scarpetta pudesse não ser objetiva, “sua lividez, por exemplo, não nos dirá exatamente quando ela morreu. Há muitas variáveis que afetam a lividez.”

“A lividez não me diz exatamente quando ela morreu, mas me dá uma estimativa. No entanto, ela me diz inequivocamente que o corpo foi removido.” Scarpetta começava a se sentir como se estivesse sentada no banco das testemunhas. “Possivelmente isso ocorreu quando ela foi levada ao parque, e, provavelmente, quem fez isso, seja lá quem for, não entendeu que deixando os braços dela naquela posição estava produzindo uma incongruência óbvia. Os braços dela não estavam acima da cabeça quando a lividez estava em curso, mas ao lado do corpo, com as palmas das mãos voltadas para baixo. Além disso, não há reentrâncias ou marcas provocadas pelas roupas, embora exista uma área esbranquiçada sob a pulseira do relógio, o que indica que ele estava no pulso dela quando a lividez se intensificou e se instalou definitivamente. Suspeito que durante pelo menos doze horas depois da morte ela esteve completamente nua, só com o relógio. Não usava nem mesmo as meias, que eram de um material elástico que teria deixado marcas. Quando ela foi vestida, antes que o corpo fosse levado ao parque, as meias foram postas ao contrário.”

Ela falou sobre as meias anatômicas de corrida usadas por Toni, e explicou que normalmente quando os assassinos vestem suas vítimas depois do ato deixam sinais eloquentes de que isso ocorreu. É frequente que cometam erros. Por exemplo, vestir a roupa de trás para a frente ou pelo avesso. Ou, neste caso, a meia direita no pé esquerdo e vice-versa.

“Por que deixar o relógio no pulso?”, perguntou Bonnell.

“Não seria importante para quem a despiu.” Benton olhou as fotos da cena em sua tela, dando um zoom no relógio BioGraph que Toni trazia no pulso esquerdo. “Retirar joias, exceto com o objetivo de guardar uma lembrança, não é sexualmente tão importante quanto retirar as roupas, expondo a carne nua. Mas tudo depende do que seja simbólico e erótico para o agressor. E quem quer que tenha estado com o corpo, não teve pressa. Porque ficou com ela um dia e meio.”

“Kay, por acaso você já cuidou de um caso em que uma pessoa morta por um período de oito horas tenha o aspecto de ter sido morta quase cinco vezes esse período?” Berger estava de cabeça feita e fazia das tripas coração para induzir o testemunho.

“Só em casos em que a instalação da decomposição é radicalmente acelerada, como num ambiente tropical ou subtropical muito quente”, disse Scarpetta. “Quando eu trabalhava no sul da Flórida, a decomposição acelerada não era rara. Pude vê-la muitas vezes.”

“Na sua opinião, ela foi sexualmente agredida no parque, ou talvez num veículo, e depois transportada e posta na posição que Benton descreveu?”, perguntou Berger.

“Uma curiosidade. Por que num veículo?”, disse Benton, recostando-se na cadeira.

“Estou propondo um cenário possível em que ela tenha sido sexualmente atacada e morta num veículo e depois atirada para fora e arrumada do jeito como foi encontrada”, disse Berger.

“Nada do que eu tenha observado no exame externo ou na autópsia me diz que ela tenha sido morta num veículo”, respondeu Scarpetta.

“Estou pensando nas lesões que ela deveria apresentar se tivesse sido sexualmente agredida no parque, no chão”, disse Berger. “Estou perguntando se, na sua experiência, quando uma pessoa é sexualmente agredida numa superfície dura, como o chão, apresenta hematomas, arranhões.”

“Sim, vejo isso com frequência.”

“Acontece o contrário quando uma pessoa é estuprada, por exemplo, no banco traseiro de um carro, onde a superfície que fica sob a vítima é bem menos áspera do que a terra gelada coberta de pedras, paus e outros fragmentos”, prosseguiu Berger.

“Pelo exame do corpo, não posso afirmar que ela tenha sido atacada dentro de um veículo”, repetiu Scarpetta.

“Ela pode ter entrado no veículo, onde levou um golpe na cabeça, e depois a pessoa a atacou sexualmente, ficou com ela algum tempo antes de lançá-la onde foi encontrada.” Berger não estava perguntando, estava afirmando. “E a lividez, a rigidez e a temperatura do corpo são confusas e enganosas porque o corpo estava pouco vestido e foi exposto a condições de quase congelamento. E se é verdade que ela teve uma morte lenta, com duração de horas, em decorrência do ferimento na cabeça... talvez a lividez tenha se adiantado por causa disso.”

“Todas as regras têm exceções”, disse Scarpetta. “Mas acho que não posso lhe proporcionar as exceções que você procura, Jaime.”

“Fiz muita pesquisa na literatura especializada ao longo dos anos, Kay. A hora da morte é uma coisa com que lido frequentemente no tribunal. Encontrei algumas coisas interessantes. Casos de pessoas com morte lenta, digamos que por problemas cardíacos ou câncer, nos quais a lividez começa a se instalar antes mesmo que elas estejam mortas. E existem também casos de pessoas em que a rigidez começa instantaneamente. Dessa forma, e se no caso de Toni a lividez já estivesse em curso antes da morte e a rigidez tenha sido instantânea por algum motivo fora do comum?

E acho que isso pode acontecer no caso de morte por asfixia, e ela tinha um cachecol amarrado no pescoço, mostrando que pode ter sido estrangulada além de ferida com um objeto rombudo. Não seria possível que ela tivesse morrido muito depois do que você está supondo? Talvez poucas horas antes de ser encontrada? Menos de oito horas?”

“Na minha opinião, isso não seria possível”, disse Scarpetta.

“Detetive Bonnell”, disse Berger, “está com aquele arquivo wav? Talvez possa rodá-lo no computador de Marino. Com sorte poderemos ouvir pelo alto-falante. A gravação do telefonema recebido pela polícia mais ou menos às duas da tarde de hoje.”

“É para já”, disse Bonnell. “Avisem-me se estão ouvindo.”

Benton aumentou o volume do VoiceStation assim que a gravação começou:

“Operador cinco-um-nove, qual é a emergência?”

“Hum, minha emergência é sobre a moça que encontraram no parque hoje de manhã, do lado norte do parque, diante da rua 110.” A voz parecia nervosa, assustada. Devia ser de um homem jovem.

“A que moça o senhor se refere?”

“A moça, hum, a corredora que foi assassinada. Ouvi nos noticiários...”

“Senhor, trata-se de uma emergência?”

“Acho que sim porque eu vi, acho que vi, quem fez isso. Eu estava passando por ali por volta das cinco da manhã. Vi um táxi amarelo encostar e um cara ajudando o que me pareceu uma mulher bêbada a sair do banco traseiro. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que ele devia ser o namorado dela, como se eles tivessem passado a noite toda fora. Não olhei direito. Estava muito escuro e tinha muita neblina.”

“Era um táxi amarelo?”

“E ela estava como que bêbada, ou desmaiada. Foi muito rápido, como eu disse, estava escuro e enevoado, difícil mesmo de ver. Eu estava indo para a Primeira Avenida e dei uma olhada. Não tinha motivo para diminuir a velocidade, mas tenho certeza do que vi, e era sem dúvida um táxi amarelo. A luzinha da capota estava apagada, como se o táxi estivesse ocupado.”

“Você anotou a placa, ou o número de identificação que aparece na porta?”

“Não, não. Não vi motivo para isso, hum, mas vi a notícia, eles disseram que era uma corredora e pelo que me lembro essa moça vestia uma coisa parecida com roupas de corrida. Uma bandana vermelha, ou alguma coisa assim... Acho que vi uma coisa vermelha no pescoço dela, e ela usava um moletom colorido ou alguma coisa assim em vez de casaco, porque notei na mesma hora que ela não estava bem agasalhada. De acordo com a hora em que eles disseram que ela foi encontrada, bem, não foi muito tempo depois que eu passei por ali...”

O arquivo wav parou.

“Fui avisada pelo atendente e falei com esse senhor por telefone, vou vê-lo pessoalmente. Levantamos os antecedentes dele”, disse Bonnell.

Scarpetta lembrou-se do fragmento de tinta amarela que havia encontrado no cabelo de Toni Darien, próximo da área da lesão. Lembrou-se de ter pensado, no necrotério, quando observou o fragmento com uma lente, que a cor lembrava a da mostarda francesa e dos táxis amarelos.

“Harvey Fahley, gerente de projetos da Kline Pharmaceuticals, no Brooklyn, vinte e nove anos, mora num apartamento no Brooklyn”, continuou Bonnell. “A namorada mora em Manhattan, em Morningside Heights.”

Scarpetta não tinha como ter certeza de que se tratava de tinta automotiva. Podia ser de parede, de aerossol, de uma ferramenta, de uma bicicleta, um sinal de trânsito, praticamente de qualquer coisa.

“O que ele me disse é coerente com o que está na gravação da polícia”, disse Bonnell. “Passou a noite com a namorada e estava voltando para casa, para se preparar para o trabalho. Ia em direção à Quinta Avenida, com intenção de cortar caminho pela rua 59 até a ponte de Queensboro.”

Fazia sentido que Berger resistisse à convicção de Scarpetta sobre a hora da morte de Toni. Se o assassino fosse um motorista de táxi, pareceria mais plausível que estivesse passando por ali quando viu Toni na rua, provavelmente caminhando ou correndo tarde da noite. Seria pouco provável que a tivesse recolhido em algum lugar na terça-feira, talvez à tarde, e tivesse ficado com o corpo até quase às cinco daquela manhã.

Bonnell continuava explicando. “Não há nada de suspeito quanto a qualquer coisa que ele tenha dito, nem quanto a seus antecedentes. O mais importante, o modo como a mulher estava vestida, a descrição dela quando estava sendo ajudada a sair do táxi. Como ele poderia saber esses detalhes? Eles não foram tornados públicos.”

O corpo não mente. Scarpetta lembrou a si mesma do que tinha aprendido em seus primeiros tempos de formação: *não tente obrigar o indício a se adequar ao crime*. Toni Darien não tinha sido morta na noite passada. Não tinha sido morta ontem. Não importa no que Berger quisesse acreditar ou o que qualquer testemunha dissesse.

“Harvey Fahley deu uma descrição mais detalhada do homem que estaria ajudando a mulher embriagada a sair do táxi?”, perguntou Benton, olhando para o teto, as mãos unidas, tamborilando com impaciência as pontas dos dedos.

“O homem usava roupa escura, um boné de beisebol, talvez óculos. Dava a impressão de ser magro, quem sabe uma pessoa de porte mediano”, disse Bonnell. “Mas ele não viu direito, porque não reduziu a velocidade e também por causa das condições do tempo. Disse que o próprio táxi lhe bloqueava a visão, já que o homem e a mulher estavam entre o veículo e a calçada, o que realmente ocorreria se

você estivesse dirigindo pela 110 em direção à Primeira Avenida.”

“E o motorista do táxi?”, perguntou Benton.

“Ele não viu direito, mas supôs que houvesse um motorista”, respondeu Bonnell.

“Supôs por quê?”, perguntou Benton.

“A única porta aberta era a traseira do lado direito, como se o motorista ainda estivesse no banco da frente, e o homem e a mulher viessem no banco de trás. Harvey disse que provavelmente teria parado se o motorista fosse a pessoa que estivesse ajudando-a a descer num lugar como aquele. Acharia que a moça estava correndo perigo. Não se deixa uma pessoa bêbada desacordada no meio da rua.”

“Parece que ele está se desculpendo por não ter parado”, disse Marino. “Ele não quer achar que o que realmente viu foi um motorista de táxi jogando na rua uma mulher ferida ou morta. Melhor pensar num casal que passou a noite toda bebendo.”

“A área sobre a qual ele fala na ligação para a polícia”, disse Scarpetta. “A que distância fica do ponto onde o corpo foi encontrado?”

“Uns dez metros”, disse Bonnell.

Scarpetta contou a eles sobre o fragmento de tinta amarela encontrado no cabelo de Toni. Exortou-os a não depositar muitas esperanças nesse detalhe, porque nenhum dos indícios materiais tinham sido examinados ainda e havia também fragmentos microscópicos de tinta vermelha e preta no corpo de Toni. A tinta poderia ter vindo da arma que fraturou o crânio dela. Ou de alguma outra coisa.

“Se ela estava num táxi amarelo, como poderia ter sido morta trinta e seis horas antes?” Foi Marino quem verbalizou a pergunta óbvia.

“O assassino teria sido um taxista”, respondeu Bonnell, com mais segurança do que qualquer um deles tinha se achado no direito de sentir até o momento. “Por qualquer lado que se olhe, se o que Harvey disse é verdade, um taxista pegou-a na noite passada, matou-a e jogou o corpo no parque hoje de manhã. Ou ficou com ela durante algum tempo e depois se desfez do corpo, se a doutora Scarpetta estiver certa sobre a hora da morte. E o táxi amarelo pode ligar Toni Darien a Hannah Starr.”

Scarpetta estava esperando essa suposição.

“Hannah Starr foi vista pela última vez tomando um táxi amarelo”, disse Bonnell.

“Não tenho condições em absoluto de ligar o caso de Toni Darien ao de Hannah Starr”, disse Berger.

“O negócio é o seguinte: se não dissermos nada e acontecer outra vez”, disse Bonnell, “já serão três.”

“Não tenho a menor intenção de fazer essa conexão agora.” O tom de Berger era de advertência: que não passe pela cabeça de ninguém falar publicamente dessa conexão.

“Não é necessariamente isso o que eu penso, não sobre Hannah Starr”, continuou

Berger. “Há outros fatores sobre o desaparecimento dela. Uma porção de coisas que analisei indica que possivelmente o caso dela seja muito singular. E não sabemos se está morta.”

“Nem sabemos se alguém mais viu a mesma coisa que Harvey Fahley”, disse Benton, olhando para Scarpetta, dizendo isso para favorecê-la. “Não seria nada bom se alguma outra testemunha fizesse o que hoje em dia se tornou comum e fosse à mídia em vez de procurar a polícia. Eu não gostaria de estar a menos de dez quilômetros da CNN ou de qualquer outra emissora se o detalhe a respeito do táxi amarelo tiver vazado.”

“Entendo”, disse Scarpetta. “Mas tenha ou não vazado, preocupa-me que minha ausência ao programa desta noite só possa piorar as coisas. Só faça aumentar o sensacionalismo. A CNN sabe que não vou discutir Toni Darien ou Hannah Starr. Não falo de casos em andamento.”

“Eu deixaria isso bem claro.” Benton olhou intensamente para ela.

“Está em meu contrato. Nunca tive problema”, ela lhe disse.

“Concordo com Kay. Eu faria tudo como de hábito”, disse Berger. “Se você cancelar na última hora, isso só vai dar motivo a Carley Crispin para falar sobre o assunto.”

O dr. Warner Agee sentou-se na cama desfeita em sua pequena suíte em estilo inglês antigo, cortinas fechadas para lhe proporcionar privacidade.

O quarto de hotel era cercado de edifícios, janelas bem diante de outras, e ele não pôde evitar a lembrança da ex-mulher e de como foi obrigado a encontrar um lugar para morar. Ficou horrorizado ao perceber quantos apartamentos no centro de Washington tinham telescópios, alguns deles decorativos mas ainda em funcionamento, outros para observação mais séria. Por exemplo, um binóculo Orion montado sobre um tripé diante de uma cadeira reclinável que não dava para um rio, ou um parque, mas para outro edifício alto. O Realtor papagaiava sobre a vista enquanto Agee espreitava diretamente o apart-hotel em frente, buscando uma bunda de fora, andando para lá e para cá, as cortinas abertas.

Que motivo haveria para a existência de telescópios e binóculos em áreas congestionadas de grandes cidades como Washington, ou aqui em Nova York, se não fosse para espiar, para voyeurismo? Vizinhos desavisados sem roupa, fazendo sexo, discutindo e brigando, tomando banho, sentados na privada. Se alguém acha que tem privacidade em sua própria casa ou em quartos de hotel, é bom pensar melhor. Tarados, ladrões, terroristas, governo — não se deixe ver, não se deixe ouvir. Assegure-se de que não estão olhando. Assegure-se de que não estão ouvindo. Se não puderem vê-lo ou ouvi-lo, não poderão pegá-lo. Câmeras de vigilância em cada esquina, rastreamento de veículos, câmeras espiãs, amplificadores de sons, escuta clandestina, estranhos observando seus momentos mais vulneráveis e humilhantes. Basta que a menor informação caia em mãos erradas para que toda a sua vida possa mudar. Se vai jogar esse jogo, faça isso antes que façam o mesmo com você. Agee não deixava persianas ou cortinas abertas nem mesmo durante o dia.

“Sabe qual é o melhor sistema de segurança? Persianas abaixadas.” Conselho que ele vinha dando a vida inteira.

Nunca se disse nada tão verdadeiro, foi exatamente o que ele disse a Carley Crispin quando se conheceram, num dos jantares de Rupe Starr, quando ela era assessora de imprensa da Casa Branca, e Agee, um consultor que transitava em muitas órbitas, não apenas na do FBI. Era o ano 2000, e ela era deslumbrante, escandalosamente atraente, cabelos de fogo, explosiva, inteligente, e muito vívida quando não estava falando com repórteres e podia dizer o que realmente pensava. Não se sabe como os dois foram parar na biblioteca de livros raros de Rupe Starr, folheando velhos volumes sobre uns poucos temas favoritos de Agee: o herege voador Simão Mago e o santo voador José de Cupertino, que indiscutivelmente tinha

a faculdade de levitar. Agee apresentou-a a Franz Anton Mesmer e explicou-lhe os poderes cicatrizantes do magnetismo animal, e depois a Braid e Bernheim e suas teorias sobre a hipnose e o sono nervoso.

Era natural que Carley, com sua paixão jornalística, ficasse menos interessada nos fenômenos paranormais e mais atraída pela estante de álbuns fotográficos, todos eles encadernados em couro florentino. Agee chamava essa seção mais popular da sala de livros raros, com fotos dos supostos amigos de Rupe, de “coleção de cartazes de procura-se”. Durante longas horas solitárias no terceiro andar da enorme casa, Agee e Carley folhearam com cinismo fotos de décadas, sentados lado a lado, indicando as pessoas que conheciam.

“É incrível a quantidade de amigos que o dinheiro pode comprar, e ele os leva a sério. Eu acharia triste se conseguisse sentir pena de um multimilionário de merda”, disse Agee a Carley, uma pessoa que não confiava em ninguém porque ela mesma era mais amoral e mais aproveitadora do que qualquer outro que Rupe Starr pudesse encontrar.

Com a diferença de que Rupe nunca fazia Carley ganhar um tostão. Ela era uma mera atração para os outros hóspedes, o mesmo que Agee. Você não conseguiria sequer uma entrevista para ingressar no clube seletivo de Rupe se não tivesse pelo menos um milhão de dólares, mas poderia ser convidado se ele gostasse de você e achasse que seria divertido de uma ou outra forma. Ele convidava você para jantares e festas como entretenimento para seus convidados de verdade. Os que tinham dinheiro para investir. Atores, atletas, os mais novos gênios de Wall Street invadem a mansão da Park Avenue e, em troca do privilégio de tornar Rupe cada vez mais rico, se misturam a outras celebridades cuja mercadoria não vale dinheiro. Políticos, apresentadores de televisão, colunistas de jornais, peritos forenses, advogados — qualquer pessoa que estivesse nos noticiários ou tivesse uma ou duas boas histórias adequadas ao perfil da pessoa que Rupe estivesse tentando impressionar. Ele investigava seus clientes potenciais para descobrir o que os mobilizava, e depois saía para o recrutamento. Não era preciso que conhecesse uma pessoa para incluí-la em sua lista B. Ela receberia uma carta ou uma ligação. Rupert Starr tem o prazer de convidar.

“É como jogar amendoim para os elefantes”, disse Agee a Carley naquela noite que ele jamais esqueceria. “Nós somos os amendoins, eles são os elefantes. Pesos pesados como nunca seremos, nem ficando velhos como elefantes, e a injusta ironia é que alguns desses elefantes não são velhos o bastante para se juntar ao grupo. Veja esta.” Pôs o dedo na foto de uma garota belíssima que olhava com petulância para a câmera, o braço em volta de Rupe. A página dizia que o ano era 1996.

“Deve ser alguma atrizinha.” Carley tentava imaginar quem seria.

“Tente de novo.”

“Está bem, quem é?”, Carley perguntou. “É bonita de uma maneira especial. Como um rapaz muito bonito. Talvez seja um rapaz. Não, acho que vejo peitos. É.” Virou a página, tocando a mão de Agee, que se assustou um pouco. “Aqui está outra foto. Definitivamente, não é um rapaz. Uau. Bem atraente, se você descontar a roupa de Rambo e a ausência de maquiagem; tem corpo bonito, bem atlético. Estou tentando lembrar onde a vi.”

“Você nunca a viu e nunca vai adivinhar.” Deixou a mão onde estava, esperando que ela a tocasse de novo. “Uma dica: FBI.”

“Deve ser do crime organizado, já que chegou ao plantel de Starr.” Como se os seres humanos não fossem diferentes da valiosa coleção de carros antigos de Starr. “Só pode estar do outro lado da lei, é a única ligação que ela pode ter com o FBI se for podre de rica. A menos que seja como nós. Da lista B.”

“Não é como nós. Ela poderia comprar esta mansão e ainda lhe sobraria um bom troco.”

“Quem é ela, droga?”

“Lucy Farinelli.” Agee encontrou outra foto de Lucy na garagem subterrânea de Starr, ao volante de um Duesenberg, tentando decifrar aquele bólido de valor incalculável que ela não hesitaria em sair dirigindo, e talvez tenha mesmo dirigido, naquele dia ou em outro qualquer, quando estava no Escritório de Contabilidade Starr, contando seu dinheiro.

Agee não sabia. Nunca tinha estado na mansão ao mesmo tempo que Lucy pela simples razão de que seria a última pessoa convidada para diverti-la. No máximo ela poderia lembrar-se dele de Quantico, quando ela, ainda uma adolescente-prodígio, contribuía para projetar e programar a Rede de Inteligência Artificial Criminal, que o Bureau chamava simplesmente de Riac.

“Sim, eu sei quem é.” Carley ficou intrigada ao saber da relação de Lucy com Scarpetta e, principalmente, com Benton Wesley, que era alto e parecia esculpido em mármore, “serviu de modelo para aquele ator de *O silêncio dos inocentes*. Qual era o nome dele, o que interpretou Crawford?”

“Bobagem pura. Benton nem sequer estava em Quantico quando o filme foi rodado. Estava trabalhando em campo, trabalhando num caso, mas ele mesmo diria isso, arrogante imbecil que é”, disse Agee, com raiva mais que justificada. Estava experimentando outras emoções.

“Então você os conhece.” Ela estava impressionada.

“A galera toda. Conheço-os, e eles no melhor dos casos já ouviram falar de mim, sabem da minha existência. Não somos amigos. Bem, fora Benton. Ele me conhece muito bem. A vida e suas interconexões imperfeitas. Benton come Kay. Kay adora Lucy. Benton consegue para Lucy um estágio no FBI. Warner se fode.”

“Por que você se fode?”

“O que é inteligência artificial?”

“Um sucedâneo da coisa em si”, disse ela.

“Você sabe, pode ser difícil quando você usa isto.” Tocou em seus aparelhos auditivos.

“Parece que você está me ouvindo muito bem, não tenho ideia do que quer dizer com isso.”

“Eu teria assumido algumas tarefas, teria tido algumas oportunidades, se não houvesse aparecido um sistema de informática que fizesse isso em meu lugar”, disse ele.

Talvez tenha sido o vinho, um excelente Bordeaux, o fato é que ele começou a contar a Carley sobre sua decepcionante e injusta carreira e o preço que lhe custara, pessoas e seus problemas, policiais e seus traumas e estresses, e o pior de tudo é que os agentes não tinham o direito de ter problemas, não tinham o direito de ser humanos, o FBI vinha antes de tudo, e eram obrigados a descarregar tudo diante de um psicólogo ou analista escolhido pelo Bureau. Fazer de babá, levar pela mão, sendo consultado raramente a respeito de casos criminais, ou nunca, se os casos fossem sensacionais. Ele exemplificou o que queria dizer com um caso acontecido na Academia do FBI em Quantico, Virgínia, em 1985, quando um diretor assistente chamado Pruitt disse a Agee que um surdo não poderia entrar numa prisão de segurança máxima para entrevistar um preso.

Havia riscos implícitos no emprego de um psiquiatra forense que usava aparelho auditivo e fazia leitura labial, e para ser direto, o Bureau não ia aproveitar uma pessoa que podia interpretar mal aquilo que criminosos violentos estavam dizendo ou ficasse pedindo sem parar que repetissem o que tinham dito. E o que aconteceria se eles interpretassem mal o que Agee fazia, um gesto, o modo como ele cruzava as pernas ou inclinava a cabeça? O que aconteceria se um esquizofrênico paranoide que acabara de esquartejar uma mulher e arrancar seus olhos não gostasse da maneira como Agee olhava para seus lábios?

Foi então que Agee ficou sabendo quem ele era para o FBI, quem sempre seria para o FBI. Um deficiente. Um imperfeito. Alguém que não se impunha o bastante. Não se tratava de sua capacidade de avaliar assassinos seriais e homicidas. Tratava-se de aparências, da maneira como ele representaria o Bureau Todo-poderoso. Tratava-se de ser um constrangimento. Agee disse que entendia a posição de Pruitt e faria qualquer coisa de que o FBI precisasse, é claro. Era fazer as coisas como eles queriam ou não fazê-las, e Agee sempre quis estar perto da empolgação do FBI, desde que era um menino franzino brincando de soldado e ladrão, brincando de exército e Al Capone, disparando armas de espoleta que mal podia ouvir.

O Bureau podia aproveitá-lo internamente, disseram-lhe. Situações críticas, gerenciamento de estresse, a Unidade Secreta de Segurança, basicamente serviços

psicológicos para agentes da lei com ênfase nos que estavam saindo de missões altamente secretas. Incluídos no pacote estavam os agentes especiais supervisores, os perfiladores. Como a Unidade de Ciência Comportamental ainda era relativamente nova no que se referia a treinamento e desenvolvimento, o Bureau tinha de se preocupar com aquilo a que os perfiladores eram expostos regularmente e se isso interferia com a coleta de informações e com a eficiência profissional. Nessa altura do diálogo um tanto unilateral, Agee perguntou a Pruitt se o FBI vinha dando bastante atenção à documentação dos próprios criminosos, pois ele, Agee, podia ajudar nessa parte. Se tivesse acesso a dados em bruto, como transcrição de entrevistas, avaliações, fotos de cena do crime e de autópsia — todos os arquivos de um caso, que pudesse assimilar e analisar — seria capaz de criar uma importante base de dados e se firmar como o colaborador valioso que devia ser.

Não era a mesma coisa que estar cara a cara com um assassino, mas era melhor que bancar a Florence Nightingale, cuidador de acamados, parte de um sistema de apoio, enquanto o trabalho real, reconhecido e recompensado, era desempenhado por pessoas inferiores que não tinham a formação, a inteligência e a percepção que ele tinha. Pessoas inferiores como Benton Wesley.

“É claro que você não precisa de uma análise de dados manual se tiver inteligência artificial, se você tiver o Riach”, disse Agee a Carley enquanto olhavam as fotos na biblioteca de Rupe Starr. “No começo dos anos 1990, a estatística computacional e outros tipos de classificação e análise já se faziam automaticamente, todos os meus esforços estavam embutidos no engenhoso ambiente de inteligência artificial de Lucy. Continuar fazendo o que eu fazia teria sido o mesmo que limpar o algodão com a mão depois que Eli Whitney inventou o descaroçador mecânico. Voltei para a avaliação de agentes. Era para isso que eu servia, aos olhos do Foda-seBI.”

“Imagine como eu me sinto sabendo que o presidente dos Estados Unidos ficou com o crédito de ideias minhas.” Carley, como sempre, tinha de falar sobre si.

Depois disso, deram uma volta pela mansão. Enquanto os demais convidados festejavam, a vários andares de distância, Agee levou-a para a cama num quarto de hóspedes, sabendo muito bem que não era ele o motivo da excitação dela. Era sexo e violência, poder e dinheiro, e a conversa sobre *isso*, a entidade de Benton, de Scarpetta e Lucy e quem quer que caísse sob seu encanto. Depois disso, Carley não quis mais nada com ele, mas Agee queria mais, queria ficar com ela, queria dormir com ela pelo resto de seus dias, e quando ela acabou dizendo que ele devia parar de lhe mandar e-mails e mensagens, já era tarde demais. O mal estava feito. Ele nunca conseguia saber com exatidão quem estaria ouvindo suas conversas, ou se estava falando muito alto, e isso fez com que incorresse num lapso, um correio de voz que estava deixando na secretária eletrônica de Carley bem no momento em que sua

mulher estava atrás da porta, trazendo-lhe um sanduíche e uma xícara de chá.

O casamento acabou na mesma hora, e com Carley ele manteve contatos esporádicos à distância; ficava sabendo dela principalmente pelos noticiários, à medida que ela ia de um meio de comunicação para outro. Foi então que, quase um ano depois, ele leu sobre o projeto de um programa de TV, *Relatório Crispin*, rotulado como jornalismo da pesada e conversas profissionais com policiais, com ênfase em casos da atualidade e ligações ao vivo de espectadores. Agee decidiu procurá-la com uma proposta, talvez mais de uma. Estava solitário. Não a esquecera. Francamente, precisava de dinheiro. Seus serviços de consultoria legal raramente eram solicitados, seu vínculo com o FBI fora cortado não muito depois que o de Benton, em parte por causa da situação criada entre os dois, tida como incômoda por alguns e como sabotagem por outros. Nos cinco últimos anos, as atividades de Agee levaram-no de cá para lá, catando migalhas pagas em dinheiro por serviços prestados a indústrias, pessoas e organizações que tiravam bom proveito de sua habilidade para manipular clientes, pacientes, policiais, não importa quem. Agee não fazia nada além de curvar-se diante de gente inferior, viajando constantemente, muitas vezes para a França, mergulhando fundo na invisibilidade, em dívidas e em desespero, e foi então que topou com Carley, cujas perspectivas eram igualmente precárias, eles não eram mais jovens.

O que uma pessoa na situação dela mais precisava era de acesso a informações, soprou-lhe Agee, e o problema que ela ia enfrentar era que os especialistas essenciais para seu sucesso não iam querer aparecer diante das câmeras. Os bons não falam. Não podem falar. Ou, como Scarpetta, têm contratos e ninguém se atreve a perguntar. Mas você pode falar, disse-lhe Agee. Esse foi o segredo que ele ensinou a Carley. Chegue ao estúdio munida do que precisa saber, e não pergunte: afirme. Ele podia ir à caça nos bastidores e fornecer-lhe documentos que respaldassem e validassem suas reportagens especiais, ou pelo menos que não as desacreditassem.

É claro que ele concordaria alegremente em aparecer na tela junto dela toda vez que ela quisesse. Seria uma coisa sem precedentes, fez questão de lembrar. Ele nunca estivera diante de uma câmera, nem em fotos, e raramente dava entrevista. O que ele não disse era que nunca tinha sido convidado, e ela não revelou que sabia que o motivo era esse. Carley não era uma pessoa decente, nem ele, mas ela foi legal com ele, tão legal quanto era capaz de ser. Eles se toleravam e entraram num ritmo, numa harmonia de cumplicidade profissional, e não passou disso, mas agora ele já admitia que aquela noite de Bordeaux na mansão de Starr não se repetiria.

Não era coincidência, porque ele não acreditava em coincidências. O que unira Agee e Carley fazia parte de um destino maior. Ela não acreditava em percepção extrassensorial ou em poltergeists, não enviava nem recebia mensagens telepáticas — qualquer informação que chegasse a ela viria permeada pelo ruído sensorial. Mas

ela confiava no potencial dos Starr — especificamente no de Hannah, filha de Rupe —, e quando Hannah desapareceu eles imediatamente agarraram a oportunidade, o caso pelo qual esperavam. Tinham direito a ele, tinham prioridade, por causa da ligação anterior com Hannah, que, na cabeça de Agee não tinha sido aleatória e sim uma informação transmitida por Hannah, que ele chegara a conhecer na mansão. Apresentou-a a suas preocupações paranormais, depois apresentou-a a pessoas no país e no exterior, uma delas o homem com quem ela se casaria. Ele não acharia impossível que Hannah começasse a enviar sinais telepáticos depois de seu desaparecimento. Nem acharia impossível que Harvey Fahley enviasse algo como resposta. Não um pensamento ou uma imagem, mas uma mensagem.

O que fazer com ele? Agee estava extremamente ansioso e cada vez mais irritado. Respondera ao e-mail de Harvey havia cerca de uma hora e não teve mais notícia dele. Não teria tempo de esperar mais se Carley fosse dar a notícia naquela noite, tendo diante de si a patologista forense que fizera a autópsia do corpo de Toni. Que ocasião melhor poderia haver? Agee é quem devia estar lá, isso seria ainda melhor, mas ele não tinha sido convidado. Ele não podia ser convidado quando Scarpetta estivesse no programa, não poderia estar no estúdio nem no mesmo edifício. Ela se negava a aparecer com ele, não o considerava digno de credibilidade, segundo Carley. Talvez Agee pudesse dar a Scarpetta uma lição de credibilidade e fazer um favor a Carley. Precisava de uma transcrição.

Como conseguir que Harvey se pusesse ao telefone? Como travar uma conversa com ele? Como apoderar-se de sua informação? Agee pensou na possibilidade de enviar-lhe um segundo e-mail e incluir seu próprio número de telefone, pedindo a Harvey que ligasse para ele, mas ele mesmo não poderia tomar a iniciativa. A única forma de atender a seus propósitos seria levar Harvey a discar o 0-800 para deficientes auditivos, mas nesse caso Harvey saberia que estava sendo monitorado por uma terceira pessoa, o sujeito que escrevia as legendas, transcrevendo cada palavra que ele dizia em tempo real. Se ele estivesse desconfiado e traumatizado como parecia, não ia permitir que isso acontecesse.

Mas se Agee tomasse a iniciativa da ligação, Harvey não teria ideia de que suas palavras estavam sendo transcritas, e essa seria uma prova quase tão boa quanto uma gravação, mas perfeitamente legal. Era o que Agee fazia o tempo todo quando entrevistava fontes para Carley, e nas raras ocasiões em que a pessoa protestava e afirmava não ter dito tal coisa, Carley exibia a transcrição, que não incluía a participação de Agee na conversa, só o que a fonte dissera, o que era ainda melhor. Como não havia registro das perguntas e comentários de Agee, o que o entrevistado tinha dito podia ser interpretado como Carley quisesse. A maior parte das pessoas só queria ser importante. Não se incomodava com a tergiversação de suas palavras desde que seu nome fosse citado corretamente ou, quando fosse o caso, ficasse no

anonimato.

Agee batucou impacientemente na barra de espaço de seu laptop, tirando-o do stand-by, procurando novos e-mails em sua caixa de correio da CNN. Nada interessante. Vinha checando a cada cinco minutos, e Harvey não respondia. Outra pontada de irritação e ansiedade, dessa vez mais intensa. Releu o e-mail que Harvey enviara mais cedo:

Caro dr. Agee,

eu o vi no *Relatório Crispin* e se lhe escrevo não é para ir ao programa. Não quero chamar atenção.

Meu nome é Harvey Fahley. Sou testemunha no caso da corredora assassinada que, como acabo de ver nos noticiários, foi identificada como Toni Darien. Eu passava de carro pelo Central Park, indo pela rua 110, e tenho certeza de tê-la visto sendo retirada de **um táxi amarelo**. Agora suspeito que o que tiravam do carro era o corpo dela. Foi poucos minutos antes dela ser encontrada.

Hannah Starr também foi vista pela última vez **num táxi amarelo**.

Dei minha declaração à polícia, a uma investigadora chamada L. A. Bonnell, que disse que não posso falar com ninguém a respeito do que vi. Mas como o senhor é um psiquiatra forense, acho que posso confiar no senhor para usar minha informação com inteligência e na mais estrita confidencialidade.

Minha dúvida óbvia é sobre a pertinência de prevenir o público, mas não acho que caiba a mim fazer isso, e de qualquer forma não posso fazê-lo sob o risco de arranjar problemas com a polícia. Mas se alguma outra pessoa for ferida ou morta, jamais me perdoarei. Já me sinto culpado por não ter parado o carro e passado direto. Deveria ter parado para socorrê-la. Provavelmente já seria tarde, mas e se não fosse? Estou realmente perturbado com isso. Não sei se o senhor atende pacientes particulares, mas vou acabar tendo de falar com alguém.

Peço-lhe que use minha informação como lhe parecer mais adequado, mas que não revele tê-la recebido de mim.

Sinceramente, Harvey Fahley

Agee clicou na pasta de mensagens enviadas e encontrou o e-mail que tinha enviado em resposta quarenta e seis minutos antes, releu-o mais uma vez, imaginando se alguma coisa que ele dissera poderia ter feito Harvey desistir de responder:

Harvey:

Por favor, dê-me um número de telefone onde posso encontrá-lo, e vamos tratar do assunto com ponderação. Enquanto isso, aconselho-o vivamente a não conversar sobre isso com mais ninguém.

Saudações, dr. Warner Agee

Harvey não tinha respondido porque não queria que Agee ligasse. Provavelmente era isso. A polícia lhe dissera para não falar no assunto, e ele tinha receio de divulgar mais do que já havia feito, talvez arrependido de ter procurado Agee para isso, ou quem sabe não abrisse seus e-mails na última hora. Agee não encontrou nenhum Harvey Fahley no catálogo telefônico, encontrou um na internet, mas estava inativo. Ele poderia ter agradecido ou pelo menos acusado o recebimento do e-mail de Agee. Harvey o ignorava. Deveria ter entrado em contato com outra pessoa. Falta de autocontrole, e Harvey passa informação valiosa para outra pessoa e Agee é passado para trás de novo.

Apontou o controle remoto para a TV, pressionou o botão verde e apareceu a CNN na tela. Outra chamada anunciando a presença de Kay Scarpetta esta noite. Agee olhou o relógio. Faltava menos de uma hora. Uma montagem de imagens: Scarpetta saltando de um SUV branco do Departamento de Medicina Legal, com a maleta de cena do crime pendurada no ombro; Scarpetta num macacão branco

descartável na plataforma móvel, um colossal caminhão articulado com espaços separados para atendimento de vítimas de catástrofes, como desastres aéreos; Scarpetta no estúdio da CNN.

“Precisamos do Fator Scarpetta, e para isso temos aqui nossa doutora Kay Scarpetta em pessoa. A melhor cobertura forense da televisão, aqui na CNN.” A chamada da apresentadora antes de emendar numa entrevista com Scarpetta. Agee continuava ouvindo, na memória, como se estivesse em seu quarto, assistindo o comercial mudo na TV muda. Scarpetta e seu fator especial salvando a pátria. Agee observava as imagens dela, imagens de Carley, uma chamada de trinta segundos anunciando o programa daquela noite, um programa em que Agee deveria estar. Carley estava histérica com seus índices de audiência, tinha certeza de que seu programa não teria uma nova temporada se alguma coisa não mudasse radicalmente, e se o programa dela saísse da grade, o que Agee faria? Ele era um manteúdo, sustentado por mortais inferiores, sustentado por Carley, que não sentia por ele o que ele sentia por ela. Se o programa não fosse adiante, ele tampouco iria.

Agee saiu da cama, procurou os aparelhos auditivos na bancada da pia do banheiro e olhou o rosto barbado no espelho, o cabelo grisalho rareando, a pessoa que olhava para ele ao mesmo tempo familiar e estranha. Ele se conhecia e não se conhecia. *Quem é você, afinal?* Abriu uma gaveta, achou uma tesoura e uma lâmina de barbear, colocou-as em cima de uma toalhinha que começava a cheirar a mofo. Ligou o aparelho auditivo e ouviu o telefone tocando. Alguém reclamando do volume da TV outra vez. Baixou o volume, e a CNN passou do que tinha sido um ruído de fundo que ele mal ouvia sem os aparelhos auditivos para um volume moderado que para pessoas com audição normal seria altíssimo e estridente. Voltou para a cama para começar seus preparativos, alcançou dois telefones celulares, um deles um Motorola de Washington em nome dele, o outro um Tracfone descartável pelo qual pagara quinze dólares numa loja de eletrônicos para turistas da Times Square.

Conectou seu aparelho auditivo Bluetooth remoto com o celular Motorola e com o laptop logado no serviço telefônico on-line para deficientes auditivos. Clicou em *Ligações Recebidas* no alto da tela e digitou o número do celular de Washington. Usando o telefone descartável, discou o número 0-800 do serviço, que chamou e ficou pronto para que ele entrasse com o número de dez dígitos que queria acessar: seu número de celular de Washington, seguido do signo de libra.

O telefone descartável que estava em sua mão direita ligou para o Motorola da esquerda, que tocou, e ele respondeu, mantendo-o junto da orelha esquerda.

“Alô?” Em sua voz normal, grave, ao mesmo tempo agradável e tranquilizadora.

“Aqui é Harvey.” Era uma voz de tenor, a voz de uma pessoa jovem, uma pessoa muito perturbada. “Está sozinho?”

“Sim, estou só. Como vai? Parece nervoso”, disse Agee.

“Eu queria não ter visto aquilo.” A voz de tenor balbuciava, como se ele estivesse a ponto de chorar. “O senhor entende? Eu não queria ter visto uma coisa como aquela, não queria me envolver. Eu deveria ter parado o carro. Deveria ter tentado ajudar. E se ela ainda estivesse viva quando a vi sendo arrastada para fora do táxi amarelo?”

“Diga-me exatamente o que você viu.”

Agee falava de maneira lógica, racional, confortavelmente instalado em seu papel de psiquiatra, levando os fones para a frente e para trás para sua orelha esquerda, enquanto a conversa era transcrita em tempo real por um operador que ele nunca vira e com quem nunca falara, uma pessoa identificada apenas como operador 5622. O texto em negrito aparecia na janela aberta do buscador na tela do computador de Agee, enquanto ele falava com vozes diferentes em dois celulares diferentes, inserindo murmúrios e ruídos que davam a impressão de uma conexão precária, enquanto o operador transcrevia apenas o diálogo impessoal de Harvey Fahley:

“... Quando a investigadora falou comigo disse algo sobre a polícia saber que Hannah Starr estava morta porque encontrou cabelos dela decompostos. (inaudível) De onde? Ah, não, a investigadora não disse. Talvez eles já saibam algo sobre um taxista porque Hannah foi vista tomando um táxi amarelo? Talvez eles saibam de uma porção de coisas que não revelaram por causa das possíveis implicações, de como seria ruim para a cidade. Sim, é isso mesmo. Dinheiro (inaudível). Mas se encontraram cabelo de Hannah em decomposição num táxi e ninguém trouxe a público essa informação (inaudível) ruim, muito ruim. (inaudível) Olhe, não estou ouvindo bem. (inaudível) De qualquer forma, não deveria estar falando. Estou realmente assustado. Preciso desligar.”

Warner Agee encerrou a ligação, selecionou o texto, enviou-o para a área de transferência e copiou-o num documento do Word. Anexou esse arquivo a um e-mail que em questão de segundos pousaria no iPhone de Carley:

Carley:

No anexo vai a transcrição do que uma testemunha acaba de me contar numa entrevista telefônica. Como sempre: não é para publicação ou revelação, já que precisamos proteger a identidade da minha fonte. Mas posso proporcionar a transcrição como prova no caso de a emissora ser questionada.

Warner

Clicou em enviar.

O estúdio do programa *Relatório Crispin* lembrava um buraco negro. Revestimento acústico preto, cadeiras e mesa pretas num piso preto e acima um trilho de iluminação preto. Scarpetta supôs que com isso quisessem passar uma ideia de cobertura sóbria dos acontecimentos e dramaticidade convincente, como era do estilo da CNN e tudo o que Carley Crispin não inspirava.

“DNA não é uma bala de prata”, disse Scarpetta ao vivo no ar. “Às vezes nem é importante.”

“Estou impressionada.” Carley, vestida de um rosa-choque que brigava com o cabelo acobreado, estava extraordinariamente animada naquela noite. “O nome mais confiável da perícia criminal não acredita que o DNA seja importante?”

“Não foi isso que eu disse, Carley. O que estou tentando provar é o mesmo que venho tentando provar há duas décadas: o DNA não é a única prova e não toma o

lugar de uma investigação abrangente.”

“Gente, vocês acabam de ouvir!” O rosto de Carley, preenchido e paralisado pelo botox, fitava a câmera. “O DNA não é importante.”

“Repito, não foi o que eu disse.”

“Doutora Scarpetta, sejamos sinceras. O DNA é importante. Na verdade, o DNA poderia se tornar a prova mais importante no caso Hannah Starr.”

“Carley...?”

“Não vou lhe perguntar nada sobre isso”, interrompeu-a Carley com uma mão levantada, experimentando um novo truque. “Citei Hannah Starr como exemplo. O DNA poderia provar que ela está morta.”

Nos monitores do estúdio: a mesma foto de Hannah Starr que vinha aparecendo em todos os noticiários havia semanas. Descalça e bela, vestido branco decotado de verão, no calçadão da praia, sorrindo melancolicamente diante de um fundo de palmeiras e um mar em vários tons de azul.

“É o que uma porção de pessoas da comunidade de justiça criminal decidiu”, continuou Carley. “Mesmo que você não admita isso em público. E não admitindo a verdade” — o tom dela tornava-se acusador — “estará permitindo que se tirem conclusões perigosas. Se ela está morta, não deveríamos saber disso? Bobby Fuller, o coitado do marido, não deveria saber? Não deveria ser aberta uma investigação formal de homicídio e tomar medidas a respeito?”

Nos monitores, outra foto que havia semanas estava em circulação: Bobby Fuller e seu sorriso de dentes branqueados, em roupas de tênis, na cabine de seu Porsche Carrera gt vermelho de quatrocentos mil dólares.

“Não é assim, doutora Scarpetta?”, disse Carley. “Teoricamente falando, o DNA não pode provar a morte de uma pessoa? Se o DNA do cabelo tiver sido colhido em algum lugar, um veículo, por exemplo?”

“O DNA não pode provar que uma pessoa está morta”, disse Scarpetta. “O DNA tem a ver com identidade.”

“O DNA com certeza nos diria que um fio de cabelo encontrado num veículo, por exemplo, pertence a Hannah.”

“Não vou comentar.”

“Mais ainda, se o cabelo mostrasse indícios de decomposição.”

“Não posso discutir fatos referentes a esse caso.”

“Não pode ou não quer?”, disse Carley. “O que é que a senhora não quer que o público saiba? Talvez a inconveniente verdade: apenas que especialistas como a senhora podem estar errados sobre o que aconteceu realmente com Hannah Starr?”

Outra imagem requeada nos monitores: Hannah vestida com um conjunto Dolce & Gabbana, os longos cabelos louros puxados para trás, de óculos, sentada a uma mesa estilo biedermeier num escritório de esquina debruçado sobre o rio Hudson.

“Que seu trágico desaparecimento pode ser algo completamente diferente daquilo que todos, inclusive a senhora, imaginaram?” As perguntas de Carley, postas como fatos, estavam assumindo o tom de interrogatório próprio de um criminalista famoso como F. Lee Bailey.

“Carley, sou uma médica-legista de Nova York. Tenho certeza de que você entende porque não posso ter essa conversa.”

“Tecnicamente, a senhora é uma prestadora de serviços e não servidora do município de Nova York.”

“Sou servidora e diretamente subordinada ao médico-legista chefe do município de Nova York”, rebateu Scarpetta.

Outra foto: a fachada de tijolinhos azuis do prédio da década de 1950, onde ficava o Departamento Médico Legal de Nova York.

“A senhora trabalha como voluntária. Acho que isso saiu nos jornais... a senhora doa seu tempo ao Departamento Médico Legal de Nova York.” Carley virou-se para a câmera. “Para meus espectadores que possam não saber, permitam-me explicar que a doutora Kay Scarpetta é médica-legista em Massachusetts e trabalha também como prestadora de serviços sem remuneração para o Instituto Médico Legal de Nova York.” Dirigindo-se a Scarpetta: “Não que eu consiga entender como é que a senhora consegue trabalhar para Nova York e para a Comunidade de Massachusetts ao mesmo tempo”.

Scarpetta não esclareceu.

Carley pegou um lápis como se pretendesse tomar notas e disse: “Doutora Scarpetta, a verdadeira razão pela qual a senhora diz que não pode falar sobre Hannah é que acredita que ela esteja morta. Se a senhora não acreditasse que ela está morta, não teria problema em emitir sua opinião. Ela não é um caso seu a menos que esteja morta”.

Não era verdade. Os patologistas forenses podem, quando necessário, examinar pacientes vivos ou trabalhar em casos de pessoas desaparecidas supostamente mortas. Scarpetta não ia dar nenhum esclarecimento.

“É inadequado discutir detalhes de qualquer caso que esteja sob investigação, ou que não tenha sido julgado. O que me comprometi a fazer em seu programa esta noite, Carley, foi uma discussão geral sobre provas periciais, especificamente provas vestigiais, das quais a análise microscópica do cabelo é um dos tipos mais comuns.”

“Está bem. Vamos falar sobre provas vestigiais, sobre cabelo.” Bateu com o lápis no documento. “É fato que certos testes aplicados ao cabelo podem provar que ele caiu depois da morte de uma pessoa? Se um fio de cabelo for descoberto num veículo, por exemplo, usado para transportar um corpo?”

“O DNA não vai lhe dizer que uma pessoa está morta”, repetiu Scarpetta.

“Então, hipoteticamente, o que um fio de cabelo poderia nos dizer, suponhamos,

de um cabelo identificado como sendo de Hannah encontrado em algum lugar, digamos, num veículo?”

“Por que não discutimos o exame microscópico do cabelo de modo geral, que foi o que combinamos para esta noite?”

“Em geral, então”, disse Carley. “Diga-nos como é que a senhora é capaz de determinar se aquele fio de cabelo é de uma pessoa morta. A senhora encontrou cabelo em algum lugar, digamos que dentro de um veículo. Como pode afirmar que no momento em que o perdeu a pessoa estava viva ou morta?”

“O fato de haver ou não lesão na raiz pode nos dizer se o cabelo veio de uma pessoa viva ou de um cadáver”, respondeu Scarpetta.

“Exatamente o que digo.” Batia o lápis como um metrônomo. “Porque segundo minhas fontes, no caso Hannah Starr foi encontrado cabelo da vítima, que demonstrou indícios inequívocos da lesão que a senhora associa a morte e decomposição.”

Scarpetta não fazia ideia do que Carley estava dizendo, e imaginou que talvez ela estivesse confundindo detalhes do caso Hannah Starr com o do bebê desaparecido, Caylee Anthony, cujos cabelos, encontrados na mala do carro da família, mostravam supostos sinais de decomposição.

“E então, como a senhora explica que possa haver lesões próprias do cabelo de uma pessoa morta no cabelo de alguém que está vivo?” Carley fuzilava Scarpetta com um olhar que parecia eternamente apavorado.

“Não sei o que você quer dizer com ‘lesões’”, disse Scarpetta, e passou-lhe pela cabeça levantar-se e ir embora do estúdio.

“Lesões causadas por insetos, por exemplo.” Carley batia o lápis com força. “Minhas fontes me informaram que o cabelo encontrado no caso de Hannah Starr mostra indícios de lesões, o tipo de lesão que se vê depois da morte.” Para a câmera: “E isso ainda não foi revelado ao público. Estamos falando disso pela primeira vez aqui, neste instante, em meu programa”.

“Lesões causadas por insetos não indicam necessariamente que a pessoa que perdeu o cabelo estava morta.” Scarpetta respondeu à pergunta evitando o assunto Hannah Starr. “Se você perder cabelo naturalmente, em sua casa, em seu carro, em sua garagem, esse cabelo pode ser, e provavelmente será, danificado por insetos.”

“Talvez possa explicar a nossos espectadores como é que os insetos danificam o cabelo.”

“Eles comem o cabelo. Ao microscópio, as marcas das mordidas ficam visíveis. Ao encontrar cabelo com sinais desse tipo de lesão, geralmente se supõe que o cabelo não caiu recentemente.”

“E se supõe que a pessoa esteja morta.” Carley apontou o lápis para ela.

“Com esse único dado não, não é possível tirar essa conclusão.”

Nos monitores: imagens microscópicas de dois fios de cabelo humanos aumentadas cinquenta vezes.

“Está bem, doutora Scarpetta, aqui estão as fotos que a senhora pediu que mostrássemos ao público”, anunciou Carley. “Diga-nos exatamente o que estamos vendo.”

“Faixa radical post mortem”, explicou Scarpetta. “Ou, nas palavras do eminente perito Nick Petraco, uma faixa elipsoidal opaca que parece composta de uma série de espaços aéreos alongados e paralelos, ao longo do eixo capilar, próximo ao couro cabeludo.”

“Uau, vamos traduzir para nossos espectadores o que é isso.”

“Nas fotos que você está vendo, é a área escura na raiz, em forma de bulbo. Vê a borda escura? Basta dizer que esse fenômeno não ocorre em pessoas vivas.”

“E o que estamos vendo são cabelos de Hannah Starr”, disse Carley.

“Não, com certeza não são.” Se fosse embora, só ia piorar as coisas. *Agente firme*, disse Scarpetta para si mesma.

“Não?” Uma pausa dramática. “São de quem, então?”

“Estou apenas mostrando exemplos do que o exame microscópico do cabelo pode nos dizer”, respondeu Scarpetta, como se a pergunta fosse cabível, quando não era, absolutamente. Carley sabia que o cabelo não era de Hannah Starr. Sabia que a imagem era genérica, era de uma apresentação em PowerPoint que Scarpetta fazia sempre em cursos de medicina legal.

“Não são de Hannah, e não estão relacionados ao desaparecimento dela?”

“São um exemplo.”

“Bem, suponho que é isso o que querem dizer com ‘o fator Scarpetta’. A senhora tira um coelho da cartola para apoiar sua teoria, que claramente é de que Hannah está morta, e é por isso que a senhora está mostrando cabelos de uma pessoa morta. De acordo, doutora Scarpetta”, disse Carley, devagar e com ênfase. “Acredito que Hannah Starr esteja morta. Acredito que seja possível que o que aconteceu com ela possa estar relacionado à corredora brutalmente assassinada no Central Park, Toni Darien.”

Nos monitores: uma foto de Toni Darien vestindo calça apertada e blusa curtinha, pistas de boliche no fundo; outra foto — esta do corpo, na cena do crime.

De onde teria vindo isso? Scarpetta não demonstrou o espanto. Como foi que Carley pôs as mãos numa foto da cena do crime?

“Como sabemos”, disse Carley Crispin para a câmera, “tenho minhas fontes e não posso entrar em detalhes sobre quem são elas, mas posso verificar a informação. Basta dizer que tenho informação de que pelo menos uma testemunha relatou ao Departamento de Polícia de Nova York que o corpo de Toni Darien foi visto sendo arrastado de um táxi amarelo hoje de manhã cedo, que aparentemente um motorista

de táxi estava retirando o corpo do carro. Está sabendo disso, doutora Scarpetta?” Ao ritmo lento do lápis batendo.

“Também não vou falar sobre a investigação do caso Toni Darien.” Scarpetta tentava não se atrapalhar com a foto da cena. Parecia uma das fotos feitas naquela manhã por um investigador do Departamento Médico Legal.

“O que a senhora está dizendo é que há algo a dizer a respeito”, disse Carley.

“Não estou dizendo isso.”

“Permitam-me recordar a todos que Hannah Starr foi vista pela última vez tomando um táxi amarelo depois de um jantar com amigos no Greenwich Village, na véspera do Dia de Ação de Graças. Doutora Scarpetta, a senhora não vai falar a respeito disso, eu sei. Mas deixe-me perguntar algo que a senhora deve ser capaz de responder. A prevenção não faz parte da missão do médico-legista? Não se espera que o perito faça conjecturas a respeito de por que alguém morreu e assim evitar que a mesma coisa aconteça a outra pessoa?”

“Prevenção, com certeza”, disse Scarpetta. “E a prevenção às vezes exige que nós, responsáveis pela saúde e pela segurança da população, tenhamos a máxima cautela quanto à informação que damos ao público.”

“Bem, permita-me que lhe pergunte. Por que não seria de interesse público saber se há um assassino em série dirigindo um táxi amarelo em Nova York, procurando a próxima vítima? Se a senhora tem acesso a uma informação como essa, não deveria torná-la pública, doutora Scarpetta?”

“Se a informação for confiável e puder proteger a população, sim, concordo com você. Deve ser divulgada.”

“Então por que não foi?”

“Não tenho como saber se essa informação foi ou não foi divulgada, ou se é autêntica.”

“Como é possível que a senhora não saiba? A senhora recebe um corpo no necrotério, é informada pela polícia ou por uma testemunha confiável que um táxi amarelo pode estar envolvido, e acha que não é de sua alçada transmitir ao público essa informação, de modo a impedir que outra pobre inocente seja brutalmente estuprada e assassinada?”

“Você está entrando numa seara que está além do meu conhecimento e da minha competência”, respondeu Scarpetta. “A função do médico-legista é determinar a causa e o modo como se deu a morte, proporcionar informação objetiva àqueles cuja tarefa é fazer cumprir a lei. Não se espera de um médico-legista que atue como um funcionário dos tribunais ou que divulgue supostas dicas com base em informações ou boatos, reunidos ou gerados por terceiros.”

O teleprompter avisou Carley de que havia uma ligação em espera. Scarpetta desconfiou que o produtor, Alex Bachta, estivesse tentando mudar o rumo do que

estava acontecendo, alertando Carley a parar enquanto ela estava em vantagem. O contrato de Scarpetta estava sendo violado de todas as formas possíveis.

“Bem, temos muito o que conversar”, disse Carley a seus espectadores. “Mas antes de mais nada vamos atender a uma ligação de Dottie, de Detroit. Dottie, você está no ar. Como vão as coisas em Michigan? Estão contentes porque a eleição acabou e finalmente nos disseram que estamos em recessão, para o caso de vocês ainda não saberem?”

“Votei em McCain e meu marido acaba de ser demitido da Chrysler e meu nome não é...” Scarpetta ouviu uma voz serena e sussurrante pelo auricular.

“Qual é sua pergunta?”

“Minha pergunta é para Kay. Você sabe, Kay, eu me sinto próxima de você. Gostaria que desse uma passada por aqui e tomássemos um café, porque sei que seríamos boas amigas e eu adoraria lhe proporcionar a orientação espiritual que nenhum laboratório lhe daria...”

“Qual é sua pergunta?”, Carley interrompeu.

“Que tipo de teste é preciso fazer para ver se um corpo começou a se decompor? Acho que atualmente estão fazendo testes com uma espécie de robô.”

“Nunca ouvi nada a respeito de robôs”, interrompeu Carley mais uma vez.

“Não perguntei a você, Carley. Não sei mais em que acreditar a não ser que as ciências forenses não estão resolvendo o que vai mal no mundo. Um dia desses eu estava lendo um artigo do doutor Benton Wesley, que é um psicólogo forense respeitadíssimo e marido de Kay, e, segundo ele, a porcentagem de homicídios esclarecidos caiu 30% nos últimos vinte anos e se espera que continue a despencar. Enquanto isso, em cada grupo de trinta adultos no país, um está preso, imagine como seria se fossem capturados todos os que merecem. Onde vamos alojá-los, e como poderíamos pagar por isso? Queria saber, Kay, se é verdade a história do robô.”

“Você está falando de um detector equipado com um dispositivo mecânico olfativo, ou nariz eletrônico, e você está certa”, disse Scarpetta. “Isso existe e está sendo usado em lugar de cachorros para localizar sepulturas clandestinas.”

“Esta pergunta é para você, Carley. É uma pena que você seja tão superficial e tão grosseira. Veja só como você se desacredita noite após...”

“Não é uma pergunta.” Carley desligou o telefone. “E creio que estamos estourando nosso tempo.” Olhou para a câmera e embaralhou uns papéis que estavam sobre a mesa — papéis meramente cenográficos. “Espero vocês amanhã à noite com mais um *Relatório Crispin* e mais detalhes exclusivos sobre o misterioso desaparecimento de Hannah Starr. Estará ligado ao brutal assassinato de Toni Darien, cujo corpo, violentado, foi encontrado esta manhã no Central Park? O elo perdido será um táxi amarelo, e a população deve ser alertada? Conversando comigo mais uma vez estará o psiquiatra forense Warner Agee, ex-FBI, que acredita que as

duas mulheres foram mortas por um violento psicopata sexual que poderia ser um taxista de Nova York, e as autoridades municipais estariam escondendo essa informação para proteger o turismo. Isso mesmo. Turismo.”

“Carley, estamos fora do ar.” A voz de um cinegrafista.

“Foi ao ar a última fala sobre o turismo? Eu devia ter cortado antes a ligação daquela mulher”, Carley disse para o estúdio escuro. “Suponho que devia haver um monte de ligações à espera.”

Silêncio. “Foi ao ar a parte do turismo. Um ótimo gancho, Carley.”

“Bem, isso deve manter o telefone tocando”, disse Carley a Scarpetta. “Muito obrigada. Foi ótimo. Você não achou ótimo?”

“Pensei que tínhamos um acordo.” Scarpetta tirou os auriculares.

“Não perguntei nada a você sobre Hannah ou Toni. Fiz afirmações. Você não vai querer que eu ignore informação confiável. Você não é obrigada a responder sobre qualquer coisa que lhe cause embaraço, e você conduziu o programa perfeitamente. Por que não volta amanhã à noite? Eu teria você e Warner na tela. Vou pedir a ele que faça um perfil do taxista”, disse Carley.

“Baseado em quê?”, disse Scarpetta, com irritação. “Em alguma velha teoria anedótica de perfilagem sem base na pesquisa empírica? Se Warner Agee tem algo a ver com a informação que você acaba de divulgar, você arrumou um problema. Pergunte a si mesma como foi que ele a obteve. Ele não está nem remotamente envolvido nesses casos. E, pelo que me consta, nunca fez perfis para o FBI.”

Scarpetta tirou o microfone, levantou-se e, desviando-se dos cabos, saiu sozinha do estúdio. Cruzou um longo corredor muito iluminado, passou por pôsteres com fotos de Wolf Blitzer, Nancy Grace, Anderson Cooper e Candy Crowley, e não se surpreendeu ao ver Alex Bachta sentado numa cadeira giratória na sala de maquiagem. Olhava sem ver para um televisor sem som e falava ao telefone. Ela pegou o casaco que estava num cabide do armário.

“... Não que haja alguma dúvida, mas concordo, é fato consumado. Não podemos ter esse tipo de... eu sei, eu sei”, dizia Alex à pessoa que estava do outro lado. “Tenho de desligar.”

Quando pôs o fone no gancho, parecia sério, cansado, e tinha a camisa e a gravata amarrotadas. Scarpetta notou o quanto a barba perfeitamente aparada estava se tornando grisalha, como seu rosto estava enrugado, as bolsas sob os olhos. Carley exercia esse efeito sobre as pessoas.

“Não me chame mais”, disse-lhe Scarpetta.

Alex fez sinal para que ela fechasse a porta, enquanto as luzinhas do telefone começavam a piscar.

“Estou fora”, acrescentou ela.

“Calma, calma. Sente-se, por favor.”

“Você quebrou nosso contrato. Mais importante, você quebrou minha confiança, Alex. Pelo amor de Deus, onde foi que você conseguiu a foto da cena do crime?”

“Carley faz sua própria pesquisa. Não tive nada a ver com isso. A CNN não teve nada a ver com isso. Não fazíamos ideia de que Carley ia dizer uma merda sobre táxis amarelos e fios de cabelo. Jesus, espero que seja verdade. Enormes manchetes, bem, isso é ótimo. Mas é bom que seja verdade.”

“Você espera que seja verdade que há um assassino serial dirigindo um táxi amarelo pela cidade?”

“Não foi isso o que eu quis dizer. Jesus, Kay. Isso é um vespeiro, os telefones vão enlouquecer. A assessoria de imprensa do Departamento de Polícia de Nova York nega. Está negando terminantemente. Eles disseram que o detalhe sobre o fio de cabelo de Hannah Starr em decomposição é infundado, pura invenção. É verdade?”

“Não vou te ajudar nessa questão.”

“Maldita Carley. Ela é tão competitiva, tão ciumenta de Nancy Grace, Bill Kurtis, Dominick Dunne. É melhor que tenha alguma coisa para respaldar o que disse, porque vão cair em cima da gente. Nem posso imaginar o que vai acontecer amanhã. Em todo caso, bem interessante a relação entre os táxis amarelos. Não foi negado nem confirmado pelo Departamento de Polícia de Nova York. E então, o que você acha disso?”

“Não acho nada”, disse Scarpetta. “Meu trabalho de analista forense não inclui ajudá-lo a desvendar casos no ar.”

“Teria sido melhor se tivéssemos um vt de gaveta do farejador mecânico.” Alex passou os dedos pelo cabelo.

“Eu não sabia que esse tema seria levantado. Me prometeram que o caso Hannah Starr não seria. Nunca se falou em levantar o de Toni Darien. Deus do céu. Você sabe que ela é um caso do Instituto Médico Legal, que estava na minha sala hoje de manhã. Você me prometeu, Alex. O que há com os contratos?”

“Estou tentando imaginar como seria. É difícil levar a sério, um instrumento de investigação criminal chamado farejador. Mas suponho que a maior parte dos departamentos de polícia não tenha cães farejadores de cadáveres.”

“Você não pode trazer peritos que estejam trabalhando em casos em andamento e permitir que aconteça esse tipo de coisa.”

“Se você tivesse explicado os cães farejadores de cadáveres. Teria sido fantástico.”

“Eu entraria em detalhes sobre isso alegremente, mas não sobre o outro assunto. Você concordou em deixar o caso Starr de fora. Você sabe muito bem que o caso Toni Darien estava de fora.”

“Ouça. Você esteve ótima esta noite.” Os olhos dele encontraram os dela, e ele suspirou. “Sei que você não está de acordo e ficou chateada. Sei que está furiosa,

compreensivelmente. Eu também estou.”

Scarpetta jogou o casaco numa cadeira de maquiagem e se sentou. “Eu deveria ter desistido há meses, há um ano. Nunca deveria ter começado. Prometi ao doutor Edison que nunca discutiria casos em andamento, e ele acreditou em minha palavra. Você me deixou numa situação delicada.”

“Eu não. Carley.”

“Não, fui eu. Eu me pus numa situação delicada, sabia disso melhor que ninguém. Tenho certeza de que você poderá encontrar algum patologista forense, ou um criminalista que vai adorar fazer isso e ficará feliz em poder emitir opiniões e especulações sensacionais em vez de ser prudente, teórico e objetivo como eu.”

“Kay...”

“Não posso ser uma Carley. Não sou assim.”

“Kay, o *Relatório Crispin* está no fundo do poço. Não se trata apenas de índices de audiência, mas ela está sendo malhada por comentadores, blogueiros, e eu estou recebendo reclamações lá de cima, já há algum tempo. Carley era uma jornalista decente, mas não é mais, isso é tão certo como dois e dois são quatro. Ela não foi ideia minha, e para sermos justos com a emissora, sabia-se desde o começo que isto era uma experiência.”

“Então ela foi ideia de quem? Você é o produtor executivo. Que experiência?”

“Uma ex-assessora de imprensa da Casa Branca, era um grande negócio. Não sei o que aconteceu. Foi um erro, e para sermos justos, ela sabia que o programa era um teste. Isso porque prometeu usar seus contatos legais para conseguir convidados importantes como você.”

“Ela conseguiu que eu viesse porque, contando esta, são três vezes que você aponta uma arma para minha cabeça.”

“Tentando resgatar o irresgatável. Bem que tentei. Você tentou. Demos a ela todas as oportunidades. Não importa de quem foi a ideia, nada disso importa, e os convidados, a não ser você, são uma porcaria, um restolho, quem quer aparecer junto dela? Aquele psiquiatra forense fossilizado, o doutor Agee, não quero ouvir nem mais um segundo de seus monólogos pedantes. Neste negócio, se você tiver uma temporada não muito boa, pode ser que consiga tentar mais uma vez. Duas temporadas ruins e você está fora. No caso dela, a resposta é óbvia. O lugar dela é um canal local em alguma cidade do interior. Talvez anunciando a previsão do tempo, ou num programa de culinária, ou num *Acredite se quiser*. A verdade é que o lugar dela não é a CNN.”

“Suponho que o que você está tentando dizer é que ela está demitida”, disse Scarpetta. “Não é uma boa notícia, principalmente nesta época do ano e com esta situação econômica. Ela já sabe?”

“Ainda não. Por favor, não lhe diga nada. Ouça, vou direto ao assunto.” Ele se

encostou na borda da bancada de maquiagem e enfiou as mãos nos bolsos. “Queremos você no lugar dela.”

“Espero que você esteja brincando. Eu nunca poderia. E, de qualquer modo, não é isso o que você quer, na verdade. Não sirvo para esse tipo de teatro.”

“É teatro, certo. Teatro do absurdo”, disse Alex. “Ela o transformou nisso. Ela levou menos de um ano para foder com tudo. Não queremos absolutamente que você faça o mesmo tipo de programa, que faça o programa de bobagens de Carley, claro que não. Um programa sobre crimes no mesmo horário, mas as semelhanças acabam aí. O que temos em mente é completamente diferente. Já estamos discutindo o assunto há algum tempo, e todos nós vemos a coisa do mesmo modo. Você deve ter seu próprio programa, que seja perfeitamente adequado à pessoa que você é.”

“Perfeitamente adequados à pessoa que eu sou seriam uma casa de praia e um bom livro, ou meu escritório numa manhã de sábado quando não há ninguém circulando. Não quero ter um programa. O que eu lhe disse é que poderia colaborar como analista se, e somente se, isso não interferisse na minha vida real, ou causasse problemas.”

“O que fazemos é vida real.”

“Você se lembra de nossas primeiras discussões?”, disse Scarpetta. “Concordei desde que não interferisse em minhas responsabilidades como patologista forense. Depois do que houve esta noite, não há dúvida de que está interferindo.”

“Você lê os blogs, os e-mails. A reação que você causa é fenomenal.”

“Não leio.”

“*O fator Scarpetta*”, disse Bachta. “Ótimo nome para seu novo programa.”

“O que você está propondo é exatamente o que venho tentando manter longe de mim.”

“Por que manter longe de você? Isso já virou um bordão, um clichê.”

“Que é exatamente o que eu não quero me tornar”, disse ela, tentando não demonstrar o quanto se sentia ofendida.

“O que quero dizer é que essa é a voz do povo. Quando um problema parece insolúvel, as pessoas querem o Fator Scarpetta.”

“Você inventou essa voz do povo mandando seu pessoal dizer isso no ar. Por me apresentar dessa forma. Por apresentar dessa forma o que eu tenho a dizer. É constrangedor e ilusório.”

“Vou mandar uma proposta para seu apartamento”, disse Alex. “Dê uma olhada, conversamos depois.”

As luzes de New Jersey piscavam como um milhão de pequenas chamas, e os aviões pareciam estrelas, alguns deles suspensos no espaço escuro, perfeitamente imóveis. Uma ilusão que lembrou a Benton o que Lucy sempre dizia: quando um avião parece parado, é porque está exatamente na sua direção, se aproximando ou se afastando. Melhor saber qual é o caso, ou você estará morto.

Ele se inclinou para a frente, tenso, em sua cadeira de carvalho predileta, diante das janelas que davam para a Broadway, e mandou outra mensagem para Scarpetta. “Kay, não venha para casa sozinha. Por favor, me ligue que vou me encontrar com você.”

Era a terceira vez que ele ligava. Ela não estava atendendo e deveria ter chegado havia cerca de uma hora. Ele teve ímpetos de agarrar os sapatos, o casaco e sair porta afora. Mas isso não seria inteligente. O Time Warner Center e toda a área do Columbus Circle eram enormes. Provavelmente não conseguiria encontrá-la, e ela ficaria preocupada se chegasse e visse que ele não estava. Melhor ficar quieto. Levantou-se da cadeira e olhou para o lado sul, onde ficava a CNN, com suas torres de vidro cinza chumbo pontilhadas de luz branca difusa.

Carley Crispin tinha traído Scarpetta, e as autoridades municipais iam armar um barulhão. Talvez Harvey Fahley tivesse entrado em contato com a CNN, tivesse decidido ser repórter por um dia ou como quer que se chamem as pessoas que nomeiam a si mesmas jornalistas televisivos. Talvez outra pessoa tenha dito que testemunhou alguma coisa, que tinha alguma informação, como Benton temia e previra. Mas os detalhes sobre decomposição de cabelo encontrado num táxi não poderiam ter vindo de Fahley, a menos que ele os tenha inventado, que estivesse inventando mentiras. Quem poderia ter dito uma coisa dessas? Não se encontrou cabelo de Hannah Starr em parte alguma.

Ligou para o celular de Alex Bachta outra vez. Dessa vez o produtor atendeu.

“Estou procurando Kay.” Benton não se deu o trabalho de dizer olá.

“Saiu há poucos minutos, a pé, com Carley”, disse Alex.

“Com Carley?”, perguntou Benton, confuso. “Tem certeza?”

“Absoluta. Elas estavam indo embora ao mesmo tempo e saíram juntas.”

“Sabe para onde foram?”

“Você parece preocupado. Está tudo bem? Pergunto porque, você sabe, a informação sobre o táxi amarelo e Hannah...”

“Não é por isso que estou ligando”, cortou Benton.

“Bem, todos os outros estão. Não foi ideia nossa. Foi coisa de Carley e ela vai ter

de responder por isso. Não me importa quem seja a fonte dela. Ela é a responsável.”

Benton caminhava para lá e para cá diante das janelas, sem o menor interesse por Carley ou por sua carreira. “Kay não atende ao telefone”, disse.

“Posso tentar encontrar Carley para você. Tem problema?”

“Diga a ela que estou tentando encontrar Kay e que é melhor elas tomarem um táxi.”

“É estranho recomendar isso nesse momento, pensando bem. Não sei se eu recomendaria um táxi logo agora”, disse Alex, e Benton se perguntou se ele estaria tentando fazer graça.

“Não quero que ela venha a pé. Não estou tentando assustar ninguém”, disse Benton.

“Então você está com medo de que esse assassino possa estar atrás de...”

“Você não sabe por que estou preocupado, e não quero perder tempo discutindo esse assunto. Apenas localize Kay.”

“Fique na linha. Vou ligar para Carley agora mesmo”, disse Alex, e Benton ouviu-o discando um número em outro telefone e deixando um correio de voz para Carley: “... Ligue-me assim que puder. Benton está tentando encontrar Kay. Não sei se você ainda está com ela. É urgente”. Voltou a falar com Benton. “Talvez elas tenham esquecido de ligar os celulares depois do programa.”

“Este é o número da recepção de nosso edifício”, disse Benton. “Eles podem pôr você em contato comigo, se você souber de alguma coisa. E vou lhe dar meu celular.”

Ele preferia que Alex não tivesse usado a palavra *urgente*. Deu-lhe os números e pensou em ligar para Marino. Sentou-se e deixou o telefone no colo, sem vontade de falar com ele ou tornar a ouvir a voz dele naquela noite, mas precisava de ajuda. As luzes dos arranha-céus nos dois lados do Hudson se espelhavam na água ao longo das margens, o rio escuro entre elas, um vazio, nem uma só barca à vista, uma escuridão deserta e gelada, o mesmo negrume que Benton sentia no peito quando pensava em Marino. Benton não sabia o que fazer e por um momento não fez nada. Dava-lhe raiva que quando Scarpetta estava em perigo, Marino fosse a primeira pessoa que lhe viesse à cabeça, à sua e à de qualquer pessoa, como se ele tivesse sido incumbido por algum poder supremo de cuidar dela. Por quê? Por que precisava de Marino para alguma coisa?

Benton continuava furioso com Marino, e era em momentos como esse que sentia isso com mais força. De alguma forma, com mais força do que na época do incidente. Faria dois anos na próxima primavera, uma infração que na verdade foi criminosa. Benton sabia tudo a respeito, cada detalhe mórbido, defrontou-se com aquilo depois que aconteceu. Marino bêbado como um gambá e enlouquecido, culpou a bebida e a droga potencializadora de desempenho sexual que estava

tomando, um fator se somou ao outro, não importava. Todos lamentaram, não poderiam lamentar mais profundamente. Benton lidou com a situação com elegância e leveza, certamente com humanidade, pôs Marino em tratamento, conseguiu-lhe emprego, e agora deveria ter superado aquilo. Mas não era assim. Pairava sobre ele como um daqueles aviões, brilhante e enorme como um planeta, imóvel e quem sabe a ponto de chocar-se com ele. Ele era psicólogo, e não tinha ideia de por que não conseguia se esquivar, ou, para começar, por que continuava no mesmo espaço aéreo.

“Sou eu”, disse Benton quando Marino atendeu, ao primeiro toque. “Onde você está?”

“Na merda do meu apartamento. Você pode me dizer que diabos aconteceu? De onde Carley Crispin tirou aquela merda? Quando Berger souber vai ser um deus nos acuda. Ela está no helicóptero e ainda não sabe. Quem disse aquilo a Carley? Ela não pode ter tirado essa informação do nada. Alguém disse alguma coisa. Merda! De onde ela tirou a foto da cena do crime? Estou tentando encontrar Bonnell. Surpresa, cai na secretária. Tenho certeza de que ela está no telefone, provavelmente com o comissário, todo mundo querendo saber se temos um assassino em série dirigindo um táxi pela cidade.”

Marino tinha visto Scarpetta no *Relatório Crispin*. Assim parecia. Benton sentiu uma ponta de ressentimento, depois não sentiu mais nada. Não ia se permitir afundar naquele buraco negro.

“Não sei o que aconteceu. Alguém bateu para Carley, é óbvio. Talvez Harvey Fahley, talvez outra pessoa. Você tem certeza de que Bonnell não poderia...”, Benton começou a dizer.

“Você está de brincadeira? Acha que ela deixaria que vazassem detalhes sobre seu próprio caso para a CNN?”

“Não a conheço, e ela estava preocupada porque a população não tinha sido prevenida.”

“Vai por mim, ela não ia achar a menor graça nisso”, disse Marino, como se ele e Bonnell fossem amigos desde criancinhas.

“Você está perto de seu computador?”

“Posso ficar. Por quê? O que a doutora tem a dizer?”

“Não sei. Ela ainda não chegou”, disse Benton.

“Você não sabe? Como assim, não está com ela?”

“Nunca vou à CNN, nunca a acompanho a esse lugar. Ela não quer. Você sabe como ela é.”

“Ela vai a pé sozinha?”

“São seis quarteirões, Marino.”

“Não importa. Não deveria.”

“Bem, ela faz isso. Todas as vezes, vai a pé sozinha, insiste nisso. Tem feito isso desde que começou a aparecer na TV, há mais de um ano. Não quer chamar um táxi e não me deixa acompanhá-la, supondo que eu esteja sempre na cidade quando ela está, o que nem sempre acontece.” Benton estava divagando e parecia irritado. Aborrecia-lhe estar se explicando. Marino o fez sentir-se um péssimo marido.

“Um de nós deveria acompanhá-la quando ela aparece ao vivo na TV”, disse Marino. “Anunciam quando ela vai estar no ar, anunciam no site deles, em chamadas, dias antes. Alguém poderia ficar do lado de fora do edifício esperando por ela, antes ou depois. Um de nós deveria ir com ela, como faço com Berger. Quando a coisa é ao vivo, fica óbvio pra cacete onde e quando a pessoa vai estar.”

Era exatamente o que preocupava Benton. Dodie Hodge. Ela tinha ligado para Scarpetta na TV. Benton não sabia onde Dodie estava. Talvez na cidade. Talvez nas redondezas. Não morava muito longe dali. Bastava atravessar a ponte George Washington.

“Vamos fazer o seguinte. Vou deixar que você lhe passe um sermão sobre segurança, e veremos se ela dá mais atenção a você do que a mim”, disse Benton.

“Talvez eu deva ficar de olho nela sem que ela saiba.”

“A maneira mais rápida de fazê-la ter ódio de você.”

Marino não respondeu, mas poderia tê-lo feito. Podia ter dito que não estava nela ter ódio dele, ou o teria odiado havia muito tempo. Poderia ter começado a odiá-lo naquela noite primaveril em Charleston, fazia um ano e meio, quando Marino, bêbado e descontrolado, avançou sobre ela em sua própria casa. Mas Benton estava em silêncio. Suas palavras ficaram pairando no ar, como um daqueles aviões imóveis, e ele lamentou ter dito aquilo.

“Dodie Hodge”, disse Benton. “A pessoa que supostamente ligou de Detroit. Posso lhe dizer que sei o nome dela porque ela mandou um cartão de Natal anônimo. Para Kay e para mim.”

“Se isso é o que você pode me dizer, há outro troço que não pode me dizer. Deixe-me adivinhar. De uma casa de malucos. Bellevue, Kirby, McLean. Uma de suas pacientes, explicando por que ela supostamente leu algum artigo que você escreveu sobre a merda do percentual de crimes esclarecidos. No entanto, é tudo verdade. Mais vinte anos e nenhum crime será solucionado. Todos vão morar em fortalezas, armados de metralhadoras.”

“Eu não publiquei nenhum artigo sobre esse tema específico.”

Mas omitiu que Warner Agee tinha publicado. Um editorial sem nada de original num jornal que Benton tinha esquecido qual era. Ele tinha Agee como um alerta no Google. Como autodefesa, depois de toda a besteirada que começou a pulular na Wikipédia. O dr. Clark não tinha dito nada que ele já não soubesse.

“Ela é sua paciente. Verdadeiro ou falso?” A voz de Marino. Deus, como ele

falava alto.

“Não posso dizer se era ou não”, disse Benton.

“Passado. Já foi, então. Agora está livre como passarinho. Diga o que quer que eu faça”, disse Marino.

“Acho que seria uma boa ideia dar uma passada no cctr.” Benton ficou imaginando o que o dr. Clark diria.

“De qualquer forma, tenho de ir lá, é possível que amanhã passe a maior parte do dia lá.”

“Eu me referia a esta noite. Agora”, disse Benton. “Talvez essa bosta de sistema de computador nos diga alguma coisa que precisemos saber. Você consegue acessar à distância ou precisa ir a Police Plaza 1?”

“Não posso acessar à distância.”

“Lamento. Detesto obrigar você a sair.”

“Vou trabalhar com os analistas, o que é bom. Não sou como Lucy. Ainda digito com dois dedos e não sei porra nenhuma sobre fontes díspares e alimentação ao vivo. Estou calçando as botas e saindo para a ‘caça’ só por você, Benton.”

Benton estava de saco cheio de Marino tentando acalmá-lo, tentando convencê-lo de que nada tinha acontecido. Benton não estava para amabilidades, foi no máximo educado, sabia disso e não conseguia fazer nada para ser diferente, e isso tinha piorado nas últimas semanas. Talvez tivesse sido melhor que Marino simplesmente lhe dissesse que fosse se foder. Talvez então eles pudessem superar aquilo.

“Se não se importa que eu pergunte, como é que você liga um cartão de Natal a essa moça, Dodie, que acaba de telefonar de Detroit? Supostamente de Detroit”, Marino ia dizendo. “A doutora sabe do cartão?”

“Não.”

“Não para que pergunta?”

“Para todas”, disse Benton.

“Essa Dodie conhece a doutora?”

“Não que eu saiba. Não se trata de Kay. É comigo. Liguei para a CNN por minha causa.”

“Sim, eu sei, Benton. Tudo é por sua causa, mas não foi isso que perguntei.” Agressão, como um dedo cutucando o peito de Benton. *Muito bem. Continue assim e fique bravo. Revide.*

“Reconheci a voz dela”, respondeu Benton.

Em tempos mais remotos, talvez eles dois tivessem saído à rua para uns socos. O comportamento primitivo tinha suas vantagens. Era catártico.

“Num cartão de Natal? Não estou entendendo”, prosseguiu Marino.

“Um cartão musical. Você abre e toca uma fita gravada. Uma gravação de Dodie Hodge cantando uma canção natalina inconveniente.”

“Você ainda o tem?”

“Claro. É uma prova.”

“Prova de quê?” Marino quis saber.

“Vá ver o que acha no computador.”

“Vou perguntar de novo. A doutora não sabe de Dodie Hodge nem sobre o cartão?”

“Não sabe. Avise-me do que encontrar no cctr.” Benton não podia ir pessoalmente cuidar do assunto, não tinha autoridade para isso, e ficava puto por isso.

“Você quer dizer que vou encontrar alguma coisa. É por isso que você insiste”, disse Marino. “Você já sabe o que vou encontrar. Não entende quanto tempo essa sua confidencialidade nos faz perder?”

“Eu não sei o que você vai encontrar. Só precisamos ter certeza de que ela não é perigosa, que nunca foi presa por alguma razão”, disse Benton.

Marino ia encontrar um documento sobre a prisão de Dodie em Detroit. Talvez houvesse mais coisa. Benton estava virando policial de novo, só que por procuração, e a impotência que sentia era intolerável.

“Tenho medo de pessoas instáveis que se interessam agressivamente por gente famosa”, disse Benton.

“Gente como quem, além da doutora? No entanto, o que Dodie fez foi mesmo por você. Por quem mais? Você tem em mente alguma outra pessoa conhecida?”

“Artistas de cinema, por exemplo. Em tese, um artista como Hap Judd.”

Silêncio, e depois Marino disse: “Bem interessante que você o tenha mencionado”.

“Por quê?”

O que será que Marino sabia?

“Talvez fosse bom que você me dissesse por que se lembrou dele”, disse Marino.

“Como já disse, veja o que pode encontrar no cctr.” Benton já tinha falado demais. “Como você sabe, não estou em condições de investigar.”

Ele nem sequer podia pedir para ver a carteira de motorista de um paciente. Não podia apalpar ninguém à procura de armas. Não podia levantar antecedentes. Não podia fazer nada.

“Vou dar uma olhada em Dodie Hodge”, disse Marino. “Vou dar uma olhada em Hap Judd. Se estiver interessado em algo mais, me diga. Posso procurar o que eu quiser. Estou bem contente de não ser um perfilador com todas essas porcarias de restrições. Eu ia ficar maluco.”

“Se eu ainda fosse um perfilador não teria limitações e não precisaria de você para investigar nada”, disse Benton, irritado.

“E se eu estiver com a doutora antes de você? Posso falar de Dodie?”

A ideia de Marino conversar com Scarpetta antes de Benton era muito irritante.

“Se por algum motivo você falar com ela antes de mim, ficaria muito grato se você lhe dissesse que estou tentando encontrá-la.”

“Já ouvi, e estou saindo”, disse Marino. “Estou bem surpreso por ela ainda não estar em casa. Eu poderia mandar um par de viaturas para ficar em observação.”

“Eu não chegaria a isso, a menos que você queira ver essa história nos jornais. Lembre-se de quem é a pessoa que está com ela. Ela saiu com Carley Crispin. A polícia vai atrás delas duas, e qual você imagina que será a chamada do programa de Carley de amanhã?”

“Aposto em *O táxi que aterroriza Manhattan*.”

“Você agora escreve manchetes?”, disse Benton.

“Eu não. Já estão dizendo isso. Estão falando sobre o táxi amarelo. Provavelmente não se ouvirá outra coisa nessas festas. Talvez a doutora e Carley tenham ido tomar um café ou algo assim.”

“Não consigo nem imaginar por que Kay ia querer tomar um café com Carley depois do que ela acaba de fazer.”

“Avise-me se precisar de mais alguma coisa.” Marino desligou.

Benton ligou outra vez para Scarpetta e a ligação caiu direto na caixa postal. Talvez Alex tivesse razão, e ela podia ter se esquecido de ligar o celular, e ninguém a lembrou disso, ou talvez a bateria tivesse acabado. Não era de seu feitio, qualquer que fosse a explicação. Ela devia estar preocupada. Não tinha o costume de ficar incomunicável quando estava em trânsito e sabia que ele a esperava. Alex também não estava respondendo. Benton começou a analisar a gravação que tinha feito da apresentação de Scarpetta no *Relatório Crispin*, uma hora antes, enquanto abria um arquivo no notebook que tinha no colo, com um vídeo feito por ele no Hospital McLean em meados de novembro.

“... Numa manhã destas eu estava lendo um artigo do doutor Benton Wesley, que é o respeitadíssimo psicólogo forense casado com Kay...” A voz entrecortada de Dodie, incorpórea, vinha da TV de tela plana.

Benton fez avançar o vídeo no notebook enquanto observava Scarpetta na TV sobre a lareira desativada que havia no apartamento deles na Central Park Oeste, da época do pré-guerra. Ela estava maravilhosa, seus traços delicados no rosto jovem para sua idade, o cabelo louro penteado informalmente, chegando à gola do conjunto de duas peças azul-marinho com um toque de ameixa. Era incongruente e desconcertante olhar para ela e ver depois a gravação de Dodie Hodge rodando no notebook.

“... Temos alguma coisa em comum, não acha? Estamos quase no mesmo barco, não acha, Benton?” Uma mulher corpulenta e tosca, vestida de modo desleixado, o cabelo grisalho num coque, o *Livro de magia* com sua capa preta coberta de estrelas amarelas diante dela. “Claro que não é a mesma coisa que ter uma estrela do cinema

na família, mas você tem Kay. Quero que você lhe diga que não perco nenhuma das aparições dela na CNN. Por que não mostram você com ela em vez daquele petulante do Warner Agee, aquele que usa aparelhos auditivos que mais parecem sanguessugas cor da pele atrás das orelhas?”

“Parece que você não gosta dele.” Isso porque não era a primeira vez que Dodie fazia comentários desse tipo.

Benton observou a imagem gravada de si mesmo, rígido, impenetrável, vestido com um sóbrio terno escuro e gravata. Estava tenso e Dodie sabia disso. Ela estava achando graça no desconforto dele e parecia intuir que o papo sobre Agee o deixava embaraçado.

“Ele teve sua oportunidade.” Dodie sorriu, mas seus olhos estavam inexpressivos.

“Que oportunidade foi essa?”

“Temos conhecidos em comum, e ele devia ter se sentido honrado...”

Na hora Benton não dera muita atenção ao comentário, estava tomado pelo desejo de sair correndo da sala de entrevistas. Agora tinha recebido um cartão musical, Dodie tinha ligado para a CNN, e ele ficou incomodado com o que ela queria dizer com aquele comentário sobre Agee. Que conhecido Benton e Dodie poderiam ter em comum além de Warner Agee, e como ela o conhecera? A menos que não o conhecesse. Talvez o advogado de Detroit o conhecesse. O pedido absurdo de que fosse Agee o perito que a avaliasse no McLean tinha sido apresentado por seu advogado, um homem chamado Lafourche, de fala mansa, sotaque da Louisiana, que parecia estar escondendo alguma coisa. Benton nunca o conheceu e não sabia nada sobre ele, mas ambos conversaram por telefone algumas vezes, quando Lafourche o chamava pelo pager, localizando-o para saber como estava indo “nossa menina”, fazendo gracinhas e comentários sarcásticos sobre a cliente “que seria capaz de contar histórias como a de *João e o pé de feijão*”.

“... É uma pena que você seja tão superficial e tão grosseira...” A voz de Dodie na televisão em cima da lareira.

A câmera em Scarpetta, que tocava distraidamente o auricular enquanto ouvia, depois punha as mãos sobre a mesa, entrelaçando os dedos calmamente. Um gesto que só alguém que a conhecesse como Benton a conhecia saberia interpretar. Ela estava fazendo força para se controlar. Ele devia tê-la avisado. À merda o regulamento do Hipaa e a confidencialidade. Ele resistiu ao impulso de sair para a noite gélida de dezembro para procurar sua mulher. Observou, escutou, e se deu conta de quanto a amava.

As luzes do Columbus Circle lutavam contra a escuridão do Central Park. Na entrada do parque, a fonte do monumento ao *Maine* e sua escultura dourada da Colúmbia Triunfante estavam desertas.

As barraquinhas vermelhas da feira dominical estavam fechadas, os clientes reduzidos ao mínimo naquela época do ano, e não havia viva- alma em torno da banca de jornais, nem mesmo os policiais de sempre, só um velho com jeito de sem-teto, todo enrolado em panos, dormindo num banco de madeira. Os táxis que passavam em disparada tinham menos luzes de anúncios na capota, e já não havia longas filas de limusines diante de prédios residenciais e hotéis. Para onde quer que olhasse, Scarpetta encontrava símbolos e indícios daqueles tempos funestos, os piores de que ela podia se lembrar. Ela tinha sido criada na pobreza numa região marginalizada de Miami, mas era diferente porque nem todos estavam naquela situação. Eram só eles, os Scarpetta, descendentes de imigrantes italianos batalhadores.

“Você não acha que tem sorte de morar bem aqui?”, perguntou Carley, emergindo da gola levantada de seu casaco, acompanhando Scarpetta sob a luz trêmula de um lampião. “Pagam-lhe bem, hein? Ou talvez o apartamento seja de Lucy. Ela seria perfeita para falar em meu programa sobre pesquisa judicial em informática. Ela ainda é tão amiga de Jaime Berger? Vi-as uma noite no Monkey Bar. Não sei se elas contaram a você. Jaime recusou-se a ir, e não vou pedir-lhe outra vez. Não é justo, eu não lhe fiz nada.”

Carley parecia não ter noção de que não haveria programas futuros, pelo menos não com ela como apresentadora. Ou talvez estivesse jogando verde por suspeitar do que estava ocorrendo na CNN por trás dos panos. Scarpetta estava aborrecida porque quando ela e Alex saíam da sala de maquiagem, encontraram Carley esperando no corredor, a meio metro da porta, supostamente indo embora naquele momento. Ela e Scarpetta poderiam sair juntas, o que não fazia nenhum sentido, já que Carley não morava por ali e sim em Stanford, Connecticut. Não ia a pé nem tomava trem ou táxi, usava um carro fornecido pela emissora.

“Foi no ano passado, depois que ela esteve no *American Morning*. Não sei se você viu.” Carley contornou umas poças de gelo sujo. “Aquele caso de abuso contra animais em que ela esteve, a rede de pet-shops. A CNN chamou-a para falar sobre o caso, como um favor mesmo. E ela se aborreceu porque lhe fizeram perguntas comprometedoras. Então, imagine quem saiu perdendo? Eu. Se você lhe pedisse, talvez ela fosse. Aposto que você poderia levar quem quisesse, com os contatos que tem.”

“Por que não chamamos um táxi para você?”, perguntou Scarpetta. “Você está se desviando de seu caminho e posso ir sozinha muito bem. É logo ali.”

Ela quis ligar para Benton, dizendo porque estava demorando e que não se preocupasse, mas estava sem o BlackBerry. Devia tê-lo deixado em casa, certamente estava na pia do banheiro da suíte, e diversas vezes pensou em pedir o celular de Carley. Mas isso implicaria o uso desse celular para uma ligação privada, para um número sigiloso, e se Scarpetta aprendera alguma coisa sobre Carley naquela noite foi que ela não era confiável.

“Fico feliz pelo fato de Lucy não ter investido sua fortuna com Madoff, e não que ele seja o único vigarista”, disse Carley então.

Um trem do metrô passou fazendo barulho sob seus pés, e da grade veio uma onda de ar quente. Scarpetta não ia morder a isca. Carley estava jogando verde.

“Não saí do mercado quando deveria, esperei que o Dow Jones caísse abaixo de oito mil pontos”, Carley continuou. “E aqui estou, às vezes nos mesmos eventos que Suze Orman, e por acaso eu lhe pedi conselhos? Quanto Lucy perdeu?”

Como se Scarpetta fosse lhe contar, supondo que estivesse a par.

“Sei que ela ganhou uma fortuna com computadores e investimentos, sempre na lista da *Forbes*, entre os cem primeiros. Agora já não”, continuou Carley. “Percebi que ela não está mais na lista. Não é certo que até há pouco tempo ela nadava em dinheiro, por causa das tecnologias de alta velocidade e todo tipo de programas de computador que ela vem inventando desde que usava fraldas? Além disso, tenho certeza de que ela está financeiramente bem orientada. Ou estava.”

“Não vejo as listas da *Forbes*”, disse Scarpetta, e não sabia a resposta. Lucy nunca tinha falado muito sobre suas finanças, e Scarpetta não perguntava. “E não falo sobre minha família”, acrescentou.

“Certamente você não fala sobre uma porção de coisas.”

“Aqui estamos.” Tinham chegado ao edifício de Scarpetta. “Cuide-se, Carley. Tenha boas festas e um feliz ano-novo.”

“Negócios são negócios, certo? Vale tudo. Não se esqueça de que somos amigas.” Carley abraçou-a. Nunca tinha feito aquilo.

Scarpetta entrou para o saguão de mármore reluzente de seu edifício, procurou as chaves nos bolsos do casaco, quando se lembrou de que havia sido ali que deixara seu BlackBerry da última vez. Teria certeza? Não conseguia se lembrar, tentou reconstituir tudo o que tinha feito naquela noite. Teria usado o telefone, tirado o aparelho do bolso na CNN para deixá-lo em algum lugar? Não. Ela tinha certeza de que não.

“A senhora esteve ótima na TV.” O jovem porteiro, contratado havia pouco, impecável em seu uniforme azul, sorriu para ela. “Carley Crispin deixou a senhora em apuros, hein? Se fosse eu, teria perdido as estribeiras. Acabou de chegar uma

coisa para a senhora.” Procurou algo atrás da mesa. Scarpetta lembrou-se que o nome dele era Ross.

“Acabou de chegar?”, perguntou. “A essa hora?” Então se lembrou de que Alex ficara de lhe mandar uma proposta.

“A cidade que nunca dorme.” Ross estendeu-lhe uma caixa do FedEx.

Ela tomou o elevador, apertou o botão do décimo segundo andar e deu uma olhada mais atenta na nota de envio. Procurou confirmar se o pacote vinha de Alex, da CNN, mas não havia endereço do remetente, e seu próprio endereço estava escrito de um jeito estranho:

DRA. KAY SCARPETTA
LEGISTACHEFE DE GOTHAM CITY
1111 CENTRAL PARK OESTE EUA 10023

Referir-se a ela como legista chefe de Gotham City era uma piada. Sem pé nem cabeça. A letra era tão perfeita que parecia de máquina, quase como se tivesse vindo de um computador, mas ela sabia que não era assim, e percebeu uma inteligência mordaz guiando a mão que empunhara a caneta. Perguntou-se de que forma a pessoa sabia que ela e Benton tinham um apartamento naquele prédio. Os endereços e telefones deles não eram públicos nem estavam no catálogo, e ela percebeu, cada vez mais inquieta, que a cópia do remetente estava presa à nota. O volume não tinha sido enviado pelo FedEx. *Meu Deus, que não seja uma bomba.*

O elevador antigo, com portas de bronze decoradas e teto de madeira trabalhada, subia numa lerdeza desesperadora, e ela já imaginava uma explosão abafada, o elevador despencando no poço escuro, estatelando-se no fundo. Sentiu um cheiro desagradável de produto químico alcatroado, como se fosse um aditivo acelerador à base de petróleo, adocicado mas repugnante. Concentrou-se naquilo, sem saber o que era, ou mesmo se era real. Óleo diesel. dppp, peróxido de acetona, C4 e nitroglicerina. Odores e perigos que ela conhecia de incêndios e explosões, de ensinar em cursos de manejo de explosões no fim dos anos 1990, quando Lucy era agente especial do Departamento de Álcool, Fumo, Armas e Explosivos (Afae), e Scarpetta e Benton pertenciam à Equipe de Resposta Internacional do departamento. Antes que Benton morresse e depois vivesse de novo.

Cabelos prateados, carne e ossos chamuscados, o relógio Breitling dele num caldo fuliginoso no local do incêndio em Filadélfia onde ela sentiu que o mundo acabava. Aquilo que ela pensou serem os restos de Benton. Seus objetos pessoais. Ela não suspeitou de nada, estava certa de que ele estava morto porque isso era o que se esperava dela. A sujeira, o cheiro nauseabundo de queimado e acelerantes. O vazio se escancarava diante dela, impenetrável e eterno, sem deixar nada além de isolamento e dor. Ela temia o nada porque sabia como era. Ano após ano de não existência, seu cérebro ficando cada vez mais forte, mas não o coração. Como

explicar? Benton ainda lhe perguntava, mas não com frequência. Ele estava se escondendo do cartel Chandonne, do crime organizado, da escória assassina e, é claro, protegendo-a também. Se ele estivesse em perigo, ela também estaria. Como se ela estivesse menos em perigo, de alguma forma, se ele não estivesse por perto. Não que a tivessem consultado. Era melhor que todos acreditassem que ele estava morto. Foi o que os federais disseram. *Por favor, Deus, que não seja uma bomba.* Cheiro de petróleo, de asfalto. O cheiro fétido de alcatrão, de ácido naftênico, de napalm. Os olhos dela lacrimejavam. Estava enjoada.

As portas de bronze se abriram e ela moveu o pacote o menos possível. Suas mãos tremiam. Não podia deixar a caixa no elevador. Não podia deixá-la no chão, não podia livrar-se dela e pôr em risco outros moradores ou empregados do edifício. Atrapalhou-se, nervosa, com as chaves, o coração disparado, salivando, mal podia respirar. Metal contra metal. Fricção, eletricidade estática, tudo podia acionar aquilo. Respire fundo, devagar, fique calma. Destrancou a porta do apartamento com um clique fortíssimo. *Por favor, Deus, que não seja o que estou pensando.*

“Benton?”

Entrou, deixando a porta da frente escancarada.

“Olá? Benton?”

Pôs a caixa do FedEx com cuidado no meio de uma mesinha na sala vazia, entre obras de arte e móveis em estilo colonial. Imaginou janelões estourando, um enorme coquetel molotov explodindo e uma chuva de estilhaços afiados como lâminas despencando pelos vinte andares. Tirou da mesinha uma escultura de cristal, uma terrina ondulada de cores vibrantes, e colocou-a no tapete, com o cuidado de deixar um espaço livre entre a porta da entrada e a caixa do FedEx.

“Benton, onde é que você está?”

Havia uma pilha de papéis na cadeira de balanço dele, diante da janela que dava para as luzes do Upper West Side e para o rio. De longe, os aviões pareciam ovnis sobre as pistas brilhantes do aeroporto de Teterboro. Lucy provavelmente estava pilotando seu helicóptero, vindo para Nova York, para o condado de Westchester. Scarpetta não gostava que Lucy voasse depois do anoitecer. Se houvesse uma pane, ela poderia apelar para uma manobra de autorrotação, mas como ia enxergar onde pousar? Se tivesse uma pane no motor sobre milhares de árvores?

“Benton!”

Scarpetta atravessou o corredor que levava à suíte. Inspirava profundamente e engolia saliva sem parar, tentando conter o ritmo cardíaco e acalmar as vísceras. Ouviu uma descarga.

“Que merda está acontecendo com seu celular?” A voz de Benton foi seguida de sua aparição na porta do quarto. “Recebeu alguma de minhas mensagens? Kay? Qual é o problema?”

“Não se aproxime”, disse ela.

Ele ainda estava de terno, de flanela azul-marinho, que não parecia caro porque ele nunca usava nada caro para ir a prisões ou departamentos forenses, tinha cuidado com a impressão que causava aos presos e pacientes psiquiátricos. Tinha tirado a gravata e os sapatos, a camisa branca estava desabotoada no pescoço e para fora da calça. O cabelo prateado parecia ter sido penteado com os dedos.

“O que aconteceu?”, ele perguntou, sem sair da porta. “Alguma coisa aconteceu. O que foi?”

“Pegue os sapatos e o casaco”, disse Scarpetta, pigarreando. “Não se aproxime. Não sei o que posso ter no corpo.” Estava louca para lavar as mãos com água sanitária, se descontaminar, tomar um bom banho quente, tirar camadas de maquiagem e lavar os cabelos.

“O que aconteceu? Você colidiu com alguém? Aconteceu alguma coisa? Estava tentando te encontrar.” Benton parecia uma estátua na soleira da porta, o rosto pálido, os olhos olhando por cima dela, para a porta da frente, como se tivesse medo de que entrasse alguém.

“Precisamos sair daqui.” Ela sentiu a maquiagem para televisão ficando pegajosa, pesada, como cola. Ela estava com aquele cheiro, pensava que estava. Piche, enxofre, com suas moléculas entranhadas na maquiagem, no laquê, no nariz. Cheiro de apocalipse, de inferno.

“A pessoa que ligou de Detroit? Tentei avisar você”, disse Benton. “O que está havendo? Alguém fez alguma coisa?”

Ela tirou o casaco, as luvas e atirou-os no corredor, chutou-os para tirá-los do caminho e disse: “Precisamos sair daqui. Agora. Um pacote suspeito. Está na sala. Pegue casacos bem quentes para nós dois.” *Não passe mal. Não vomite.*

Ele desapareceu dentro do quarto e ela ouviu-o mexer no closet, cabides arranhando o varão. Ele reapareceu com um par de coturnos, um casaco de lã e uma jaqueta de esqui que não usava havia tanto tempo que ainda tinha um bilhete de teleférico preso no zíper. Ele lhe entregou a jaqueta e saíram em disparada pelo corredor. O rosto de Benton adquiriu uma expressão dura quando ele olhou para a porta escancarada, a caixa do FedEx na sala, a terrina de cristal no tapete oriental. *Abra as janelas para diminuir a pressão e os danos se houver uma explosão. Não, não abra. Não entre na sala. Não chegue perto da mesinha. Não entre em pânico. Evacue o apartamento, feche a porta e evite que outras pessoas entrem. Não faça barulho. Não provoque ondas de choque.* Ela fechou a porta com cuidado, deixando-a sem chave para que a polícia pudesse entrar. Havia mais dois apartamentos no andar.

“Você perguntou na recepção como isso chegou?”, disse Benton. “Estive aqui a noite toda. Ninguém ligou para dizer que havia uma entrega.”

“Só notei certos detalhes quando já estava no elevador. Não, não perguntei. Tinha um cheiro estranho.” Ela vestiu a jaqueta de Benton, que a engoliu, chegava-lhe quase até os joelhos. Aspen. Quando fora a última vez que tinham ido lá?

“Que cheiro?”

“Adocicado, de piche, de ovo podre. Não sei. Eu devia ter desconfiado. E a nota de embarque, o jeito como estava o endereço. Eu não devia ter levado a caixa para cima. Devia ter deixado na recepção e tirado Ross de lá, manter todo mundo longe até que a polícia chegasse. Deus, como sou burra.”

“Você não é burra.”

“Sim, sou burra, tudo bem. Fiquei transtornada com Carley Crispin, sou estúpida como o diabo.”

Ela tocou a campainha do apartamento ao lado, de esquina, que pertencia a um estilista que ela só vira de passagem. Isso era Nova York. Você podia morar ao lado de uma pessoa durante anos e nunca conversar com ela.

“Acho que ele não está”, disse Scarpetta, tocando a campainha, batendo na porta. “Não tenho visto sinal dele ultimamente.”

“Como estava endereçada?”, perguntou Benton.

Ela lhe falou sobre a cópia do remetente ainda afixada, sobre a referência a ela como médica-legista chefe de Gotham City. Descreveu a caligrafia pouco comum, e tocou a campainha uma vez mais. Depois foram até o terceiro apartamento, no qual morava uma senhora que tinha sido atriz de comédias havia décadas, mais conhecida por suas aparições no *Jackie Gleason Show*. Seu marido tinha morrido havia cerca de um ano, e isso era tudo o que Scarpetta sabia dela, de Judy, sem contar que tinha um poodle toy nervosinho que começou a emitir latidos desafinados assim que Scarpetta tocou a campainha. Judy abriu a porta, parecendo surpresa e meio contrariada. Pôs-se diante da porta, como se estivesse escondendo um amante ou um fugitivo, o cachorro saracoteando atrás dos pés dela.

“Sim?”, disse ela, com um olhar inquiridor para Benton, de casaco e só de meias, com os coturnos na mão.

Scarpetta explicou-lhe que precisava usar seu telefone. “Você não tem telefone?” Judy enrolava as palavras um pouco. Tinha ossos finos e um rosto devastado. Bebia.

“Não podemos usar celulares nem telefones em nosso apartamento e não temos tempo de explicar”, disse Scarpetta. “Precisamos usar sua linha fixa.”

“Minha o quê?”

“Seu telefone, e depois a senhora precisa descer conosco. É uma emergência.”

“Claro que não. Não vou a nenhum lugar.”

“Entregaram um pacote suspeito. Temos de usar seu telefone, e todos os que estiverem neste andar precisam descer o mais rápido possível”, explicou Scarpetta.

“Por que você o trouxe para cá? Por que fez isso?”

Scarpetta sentiu cheiro de álcool. Sabe-se lá que receitas médicas seriam encontradas no armário de remédios de Judy. Irritabilidade depressiva, abuso de drogas, nenhum motivo para viver. Ela e Benton entraram para uma sala revestida de madeira, abarrotada de antiguidades francesas e estatuetas de porcelana. Ladrões, casais apaixonados em gôndolas e carruagens, a cavalo e em balanços, beijando-se e conversando. No peitoril de uma janela havia um elaborado presépio de cristal, e em outro, um Papai Noel da Royal Doulton, mas não havia luzinhas, árvore de Natal ou menorá, só objetos de coleção e fotos de um passado ilustre, entre eles um Prêmio Emmy numa cristaleira laqueada em estilo Vernis Martin, com cenas de cupidos e amantes pintadas à mão.

“Aconteceu alguma coisa em seu apartamento?”, perguntou Judy, entre os latidos estridentes do cachorro.

Benton foi até o telefone, que estava num console de madeira dourada. Discou um número de memória, e Scarpetta não teve dúvida sobre quem ele estava tentando encontrar. Benton sempre lidava com as situações com eficiência e discrição, o que ele chamava de “linha direta”, obter informação direto da fonte, que naquele caso era Marino.

“Trouxeram um pacote suspeito para cá? Por que fizeram isso? Que tipo de seguranças são eles?”, Judy continuava.

“Provavelmente não é nada. Mas temos de ter certeza”, Scarpetta acalmou-a.

“Você ainda está na central? Bem, não se preocupe com isso agora”, disse Benton a Marino, acrescentando que havia uma remota possibilidade de que tivessem entregado um pacote suspeito a Scarpetta.

“Aposto que uma pessoa como você é assediada por todo tipo de maluco lá fora.” Judy estava vestindo um casaco comprido de chinchila com punhos festonados. O cachorro pulava para cima e para baixo, com latidos cada vez mais frenéticos enquanto Judy pegava a guia dele num aparador de cedro polido.

Benton segurou o fone com o ombro e começou a calçar as botas, dizendo: “Não, no apartamento de uma vizinha. Não quisemos usar o nosso para não emitir sinais eletrônicos sem saber o que havia no pacote. Um suposto FedEx. Na mesinha da sala. Estou descendo neste instante.”

Desligou. Judy cambaleava, curvando-se para engancha a guia na coleira do poodle, couro azul e fecho Hermès, provavelmente com o nome do cachorro neurótico gravado. Saíram do apartamento e pegaram o elevador. Scarpetta sentia o cheiro fortemente adocicado de dinamite. Uma alucinação. Imaginação sua. Era impossível sentir cheiro de dinamite. Não havia dinamite nenhuma.

“Está sentindo cheiro de alguma coisa?”, perguntou a Benton. “Lamento que seu cachorro esteja tão incomodado.” Era um jeito de dizer a Judy que fizesse aquela coisa maldita calar a boca.

“Não sinto cheiro de nada”, disse Benton.

“Talvez meu perfume.” Judy cheirou os pulsos. “Ah! Você quer dizer um cheiro ruim. Espero que não tenham mandado antraz para vocês, ou seja lá como se chame. Por que vocês tinham de trazer isso para cima? Isso é justo com os outros?”

Scarpetta lembrou-se de sua bolsa, que tinha ficado no apartamento, na mesa ao lado da entrada. Carteira, credenciais, tudo estava lá, e a porta estava sem chave. Não conseguia se lembrar do que tinha acontecido com seu BlackBerry. Devia ter examinado o pacote antes de levá-lo para cima. O que havia de errado com ela?

“Marino está a caminho mas não chegará antes dos outros”, disse Benton, sem se dar ao trabalho de explicar a Judy quem era Marino. “Ele está no centro, na central, em Operações de Emergência.”

“Por quê?” Scarpetta observava os andares que iam ficando para trás.

“cctr. Fazendo uma pesquisa de dados. Ou estava indo para lá.”

“Se isso fosse uma cooperativa, não teríamos aceitado você.” Judy disse isso para Scarpetta. “Você vai à TV, fala desses crimes horríveis e veja só o que acontece. Traz as coisas para casa e expõe a todos. Gente como você atrai malucos.”

“Vamos esperar que não seja nada, peço desculpas por incomodar a senhora. E o cachorro”, disse Scarpetta.

“Porcaria de elevador mais lerdo. Calma, Fresca, calma. Ela só late. Não faz mal a uma mosca. Não sei para onde você espera que eu vá. Suponho que para o saguão. Não pretendo passar a noite inteira sentada no saguão.”

Judy olhava direto para a porta de bronze do elevador, o rosto crispado de insatisfação. Benton e Scarpetta já não falavam. Imagens e sons de que Scarpetta não lembrava havia muito. Então, no fim dos anos 1990, a vida tinha ficado tão trágica quanto era possível, nos tempos do Afae. Voando baixo sobre pinheiros arbustivos e solo tão arenoso que parecia neve enquanto as pás do rotor propeliavam o ar, emitindo um barulho ritmado. Cursos d’água metálicos eram encrespados pelo vento, e aves assustadas pareciam uma pitada de pimenta atirada contra a névoa, indo para a velha base de dirigíveis de Glynco, Geórgia, onde o Afae tinha seus paióis de explosivos, casas para explosão de artefatos, casamatas de concreto e células para testes de incêndio. Ela não gostava das escolas de investigação de explosões. Deixou de dar aulas nessas escolas depois do incêndio de Filadélfia. Saiu do Afae, Lucy fez o mesmo, ambas seguiram em frente sem Benton.

Agora ele estava ali no elevador, como se aquela parte do passado de Scarpetta tivesse sido um pesadelo, um sonho surreal que ela queria superar mas não podia. Nunca mais ensinou numa escola de investigação de explosões; era uma fuga, nem um pouco objetiva como ela costumava ser. Perturbada com os corpos esfaqueados. Queimaduras e estilhaços, desgarre de tecidos moles, ossos fragmentados, lesão e ruptura de órgãos ocultos, cotos de mãos sangrentos. Pensou no

pacote que tinha levado para o apartamento. Ela não tinha prestado atenção, estava ocupada demais, aflita por causa de Carley e pelo que Alex lhe confiara, totalmente envolvida por aquilo que o dr. Edison chamava de sua carreira na CNN. Ela deveria ter notado logo de início que a nota de embarque não tinha endereço do remetente, que a cópia do remetente ainda estava anexada.

“É Fresca ou Fresco?”, Benton perguntou a Judy.

“Fresca. O nome da bebida. Eu estava com um copo de Fresca na mão quando Bud entrou em casa com ela numa caixa de doceria. Era meu aniversário. Eu devia ter notado a dica, todos aqueles furos em cima. Pensei que fosse um bolo, e então ela latiu.”

“Ah, latiu, com certeza”, disse Benton.

Fresca começou a puxar a guia, latindo num volume avassalador que doía nos ouvidos e apunhalava o cérebro. Scarpetta salivava sem parar, o coração aos saltos. *Não passe mal.* O elevador parou, a pesada porta de bronze se abriu, arrastando no piso. Luzes vermelhas e azuis faiscavam através da porta de vidro do saguão. Entrou uma rajada de ar gélido e com ela meia dúzia de policiais em uniforme de combate, coletes táticos, botas, cintos táticos cheios de porta-baterias, bolsas magnéticas, cassetetes, lanternas e pistolas nos coldres. Um policial pegou um carrinho de bagagem em cada mão e empurrou-os para fora. Outro foi direto na direção de Scarpetta, como se a conhecesse. Era um homem grande, jovem, cabelo e pele escuros, musculoso, com estrelas douradas numa divisa e a bomba vermelha caricatural da brigada antibomba.

“Doutora Scarpetta? Tenente Al Lobo”, disse ele, apertando-lhe a mão.

“Mas o que está acontecendo aqui?”, interpelou Judy.

“Senhora, teremos de evacuar o edifício. Por favor, saia e fique lá fora até liberarmos o local. Para sua própria segurança.”

“Quanto tempo? Senhor, isso não é justo.”

O tenente olhava para Judy como se lhe parecesse conhecida. “Senhora, saia, por favor. Lá fora alguém vai encaminhá-la...”

“Não posso ficar lá fora no frio com meu cachorro. Isso com certeza não é justo.” Fuzilou Scarpetta com o olhar.

“E o bar aí ao lado?”, sugeriu Benton. “Ela pode ficar ali?”

“Não permitem a entrada de cachorros”, disse Judy, indignada.

“Aposto que sim, se pedir com jeito.” Benton acompanhou-a até a porta da rua.

Voltou para onde estava Scarpetta e pegou a mão dela. De repente, o saguão do prédio tinha se transformado num lugar caótico, barulhento e gelado, com a porta do elevador se abrindo e membros da brigada subindo para começar a evacuação dos apartamentos que ficavam imediatamente acima, embaixo e de cada lado do “alvo”, que era como o tenente se referia ao apartamento de Benton e Scarpetta. Começou a

disparar uma saraivada de perguntas.

“Tenho certeza de que não ficou ninguém em nosso andar, o vigésimo”, Scarpetta respondeu. “Um dos vizinhos não atende e parece que não está em casa, embora vocês possam verificar mais uma vez. A outra é ela.” Quis dizer que era Judy.

“Ela lembra alguém. Um daqueles programas antigos, como Carol Burnett. Há só um andar acima de vocês?”

“Dois. São dois andares acima do nosso”, disse Benton.

Através do vidro, Scarpetta viu chegando mais caminhões de emergência, brancos com listras azuis, um deles rebocando um trailer leve. Viu que o trânsito tinha sido interrompido em ambos os sentidos. A polícia tinha fechado aquela parte da Central Park Oeste. Motores a diesel roncavam alto, chegavam sirenes silvando, a área ao redor do edifício começava a parecer um estúdio de cinema, com caminhões e viaturas enfileirados na rua e lâmpadas halógenas brilhando em pedestais e trailers, luzes estroboscópicas de emergência vermelhas e azuis girando sem parar.

Integrantes do esquadrão antibomba abriam as portas dos compartimentos que havia nas laterais dos caminhões, pegando maletas, bolsas, sacos, arneses e ferramentas, subindo as escadas com os braços carregados e empilhando tudo em carrinhos de bagagem. O estômago de Scarpetta tinha se acalmado, mas ela sentiu um frio na barriga ao ver uma técnica do esquadrão antibomba abrir um compartimento e tirar dele uma túnica e uma calça, trinta e tantos quilos de uma couraça acolchoada à prova de fogo. Um traje antibomba. Um SUV preto sem identificação da polícia encostou-se ao meio-fio. Outro técnico saltou do veículo e tirou um labrador chocolate da traseira.

“Preciso que me dê toda a informação que puder sobre o pacote”, disse Lobo a Ross, o porteiro, que estava atrás do balcão da recepção, estupefato e assustado. “Mas temos de levá-lo para fora. Doutora Scarpetta, Benton? Por favor, venham conosco.”

Saíram os quatro para a calçada, onde as lâmpadas halógenas eram tão fortes que feriam os olhos de Scarpetta. O ronco dos motores a diesel soava como um terremoto. Policiais da patrulha e a Unidade de Serviços de Emergência estavam isolando toda a volta do edifício com a fita amarela usada para demarcar cenas de crime. Juntava gente do outro lado da rua, na escuridão profunda do parque. Gente sentada nos muros, falando animadamente e tirando fotos com celulares. Fazia muito frio, rajadas de um frio glacial ricocheteavam contra os edifícios, mas o ar lhe fez bem. Scarpetta começou a desanuviar e conseguiu respirar melhor.

“Descreva o pacote”, disse Lobo a ela. “De que tamanho?”

“Uma caixa da FedEx de tamanho médio, eu diria que trinta e cinco por trinta, e uns oito centímetros de altura. Deixei-a no meio da mesinha da sala. Não há nada entre ela e a porta, está bem acessível para vocês ou, se for o caso, para seu robô. A

porta está sem chave.”

“O peso... a senhora calcula em quanto?”

“Uns oitocentos gramas, no máximo.”

“O conteúdo fez algum movimento quando a senhora carregava a caixa?”

“Procurei não agita-la muito. Mas não percebi nada em movimento.”

“OuvIU alguma coisa ou sentiu algum cheiro?”

“Não ouvi nada. Mas acho que senti um cheiro. Como de petróleo. Cheiro de piche, mas adocicado e repugnante, talvez um artefato pirotécnico sulfuroso. Não o identifiquei, mas era um cheiro forte que me fez lacrimejar.”

“E o senhor?”, perguntou Lobo a Benton.

“Não senti cheiro nenhum, mas não cheguei perto.”

“Senti algum cheiro?”, perguntou Lobo a Ross.

“Não sei. Mas estou resfriado, todo entupido.”

“O casaco que eu estava usando, e as luvas”, disse Scarpetta a Lobo. “Estão no corredor do apartamento. Para o caso de querer levá-los e procurar algum tipo de resíduo.”

O tenente não ia dizer isso, mas ela acabava de dar informações preciosas. Com base no tamanho e no peso da caixa, ela não comportaria mais de oitocentos gramas de explosivos e não era sensível ao movimento, a menos que estivesse equipada com um criativo mecanismo de temporização ligado a um sensor de nível.

“Não vi nada de estranho.” Ross falava rápido, olhando para o teatro que acontecia na rua, luzes iluminando seu rosto infantil. “O cara pôs a caixa no balcão, deu meia-volta e foi embora. Aí eu pus a caixa atrás da mesa, não a levei lá para os fundos porque sabia que a doutora Scarpetta ia voltar logo.”

“Como é que você sabia?”, perguntou Benton.

“Temos uma TV na copa. Nós sabíamos que ela ia aparecer na CNN esta noite...”

“Nós quem?”, quis saber Lobo.

“Eu, o porteiro, e um dos mensageiros. E eu estava aqui quando ela saiu para lá, para a CNN.”

“Descreva a pessoa que entregou o FedEx”, disse Lobo.

“Um cara preto. Casaco comprido, escuro. Luvas. Um boné do FedEx. Uma prancheta. Não sei bem que idade, mas não era velho.”

“Já o viu fazendo entregas ou recolhendo encomendas nesse edifício ou nas vizinhanças?”

“Não que me lembre.”

“Ele chegou a pé, ou estacionou uma van ou um caminhão na frente do prédio?”

“Não vi nenhuma van nem nada disso”, respondeu Ross. “Normalmente eles estacionam onde encontram vaga e chegam a pé. Isso é tudo o que eu notei.”

“O que você está dizendo é que não faz ideia se o cara era mesmo do FedEx”, disse Lobo.

“Não posso provar. Mas ele não fez nada que me chamasse a atenção. Isso é tudo o que eu sei.”

“E depois? Ele deixou o pacote e o que aconteceu?”

“Foi embora.”

“No mesmo segundo? Foi em linha reta para a porta? Você tem certeza de que ele não demorou nada, não deu umas voltas, talvez tenha chegado perto da escada ou sentado no saguão?”

Os policiais da Unidade de Serviços de Emergência saíram do elevador, acompanhando outros moradores do edifício.

“Você afirma que o cara do FedEx chegou e foi direto para sua mesa, fez meia-volta e seguiu direto para a saída?”, perguntou Lobo a Ross.

Ross olhava perplexo a caravana que se aproximava do edifício, viaturas policiais escoltando um dispositivo de desativação de bombas montado sobre um caminhão de catorze toneladas.

“Caramba! Isso é um ataque terrorista ou algo assim? Tudo isso por causa da caixa do FedEx? É alguma brincadeira?”

“Ele não observou a árvore de Natal que está no saguão? Tem certeza de que não se aproximou dos elevadores?”, insistia Lobo. “Ross, você está prestando atenção? Isto é importante.”

“Cruz-credo.”

O caminhão antibomba branco e azul, com o dispositivo de desativação na caçamba coberto por uma lona preta, estacionou bem na frente do edifício.

“Pequenas coisas podem representar muito. Qualquer detalhe mínimo interessa”, disse Lobo. “Vou perguntar outra vez. O cara do FedEx. Afinal, ele foi para algum lugar, mesmo que tenha sido por um segundo? Ao banheiro? Tomar uma água? Olhou para o que havia sob a árvore de Natal do saguão?”

“Acho que não. Cristo!” Olhava apalermado para o caminhão antibomba.

“Você acha que não? Assim não vamos bem, Ross. Preciso ter certeza absoluta de onde ele esteve e onde não esteve. Entende por quê? Vou te explicar por quê. Qualquer lugar onde ele tenha estado terá de ser revistado, para termos certeza de que ele não deixou alguma coisa num lugar que ninguém desconfia. Olhe para mim, estou falando com você. Vamos verificar a gravação das câmeras de segurança, mas seria mais rápido se você me dissesse o que viu. Você tem certeza de que ele não estava carregando nada mais quando entrou no prédio? Diga-me todos os detalhes, o menor detalhe. Depois vou olhar os vídeos.”

“Tenho certeza de que ele entrou direto, entregou-me a caixa e foi direto para a saída”, disse Ross. “Mas não tenho ideia do que ele fez fora do edifício ou se foi

para algum outro lugar. Não fui atrás dele. Não tinha nenhum motivo para me preocupar. O computador com os vídeos das câmeras está lá no fundo. É tudo o que eu sei.”

“Quando ele saiu, foi por onde?”

“Eu o vi saindo por essa porta”, disse Ross, indicando a porta de vidro da frente, “e só isso.”

“Que horas eram?”

“Pouco depois das nove.”

“Então a última vez que você o viu foi há cerca de duas horas, duas horas e quinze.”

“Acho que sim.”

“Ele usava luvas?”, Benton perguntou a Ross.

“Luvas pretas. Podiam ser forradas de pele de coelho. Quando ele me entregou a caixa, acho que vi pele de coelho saindo das luvas.”

Lobo de repente se afastou deles e pegou seu rádio.

“Você se lembra de mais alguma coisa... qualquer coisa... sobre como ele estava vestido?”, perguntou Benton a Ross.

“Roupas escuras. Parece que estava usando botas e calça escuras. E um casaco comprido, abaixo dos joelhos. Preto. Gola levantada, luvas, como eu disse, talvez com forro de pele, e o boné do FedEx. É isso.”

“Óculos?”

“Daqueles de lentes coloridas, que brilham.”

“Que brilham?”

“Sabe como é, espelhados. Ah, outra coisa. Acabo de lembrar. Acho que senti cheiro de cigarro, talvez de fósforos. Como se ele tivesse fumado.”

“Pensei que você estivesse com o nariz entupido, não sentisse cheiro de nada”, lembrou Benton.

“Acabou de passar pela minha cabeça. Acho que senti um cheiro de cigarro.”

“Mas não foi esse o cheiro que você sentiu”, disse Benton a Scarpetta.

“Não”, ela respondeu, sem mencionar que Ross podia ter sentido cheiro de enxofre, que é parecido com o cheiro de fósforo queimado, e que isso podia ter lhe lembrado cigarros.

“E esse homem que Ross está descrevendo”, disse Benton. “Você viu alguém que se encaixe nessa descrição quando estava voltando para cá, ou talvez mais cedo, quando ia para a CNN?”

Ela pensou um pouco mas não lhe ocorreu nada, e de repente teve uma ideia. “A prancheta”, perguntou a Ross. “Ele pediu a você que assinasse alguma coisa?”

“Não.”

“Então para que servia a prancheta?”

Ross deu de ombros, e quando falou soltou uma fumacinha branca. “Ele não pediu para fazer nada. Nada. Só me entregou o pacote.”

“Ele pediu que o entregasse especificamente à doutora Scarpetta?”, perguntou Benton.

“Sim, recomendou que eu o entregasse a ela. E disse o nome dela, agora que o senhor mencionou. Ele disse ‘Isto é para a doutora Scarpetta. Ela está esperando’.”

“Normalmente, o entregador do FedEx é tão específico, tão pessoal? Isso não é um pouco estranho? Nunca ouvi um entregador fazer comentários como esse. Como ele podia saber que ela estava esperando alguma coisa?”, disse Benton.

“Não sei. Acho que foi um pouco estranho.”

“O que havia na prancheta?”, Scarpetta voltou ao assunto.

“Na verdade nem olhei. Talvez recibos, comprovantes de entrega. Vou arrumar problema por causa disso? Minha mulher está grávida. Não preciso de mais problemas”, disse Ross, que não parecia ter idade para ser casado e pai.

“Eu me pergunto por que você não ligou para o apartamento para avisar que o pacote tinha chegado”, disse Benton.

“Porque o cara do FedEx disse que era para ela, como eu lhe contei, e eu sabia que ela ia voltar logo, e achei, agora que estamos repassando tudo isso, que ela estava esperando o pacote.”

“Como você sabia que ela ia voltar logo?”

“Ele estava na recepção quando eu saí, por volta das oito”, respondeu Scarpetta em lugar de Ross, “e me desejou boa sorte no programa.”

“Como sabia que ela ia aparecer no programa desta noite?”, perguntou Benton.

“Vi as chamadas, os anúncios. Olhe só.” Ross apontou para o telhado de um edifício do outro lado do Columbus Circle, onde o painel eletrônico da CNN mostrava as últimas notícias, que podiam ser vistas a várias quadras de distância. “Seu nome está lá em cima, em enormes letras luminosas.”

Bem embaixo do logo da CNN em néon vermelho, o comentário que Scarpetta fizera em off rodava em torno do arranha-céu:

... relacionou Hannah Starr a uma corredora assassinada e disse que a técnica de perfilagem do FBI é “antiquada”, pois não se baseia em dados confiáveis. No *Relatório Crispin* desta noite, a legista dra. Kay Scarpetta relacionou Hannah Starr a uma corredora assassinada e disse que a técnica de perfilagem do FBI...

Pete Marino materializou-se no meio das barricadas da rua, iluminado por trás pelas lâmpadas halógenas resplandecentes, como se estivesse chegando de outro mundo.

Luzes giratórias lançavam flashes em seu rosto envelhecido e nos óculos sem graça de armação metálica. Ele parecia alto e corpulento em sua jaqueta acolchoada, calça cargo e botas. Enfiado na cabeça calva tinha um boné do Departamento de Polícia de Nova York com um símbolo da Unidade de Aviação sobre o visor, um antigo helicóptero Bell 47 que lembrava o filme *M*A*S*H*. Presente de Lucy, presente de grego. Marino detestava voar.

“Suponho que já conheceram Lobo”, disse Marino quando se aproximou de Scarpetta e Benton. “Ele cuidou bem de vocês? Não estou vendo chocolate quente. Um bourbon viria a calhar. Vamos para o meu carro antes que vocês virem picolé.”

Marino começou a andar em direção ao carro, estacionado à frente do caminhão antibomba, inundado pela luz que vinha das lâmpadas halógenas penduradas nos postes. Os policiais tinham retirado a lona e faziam baixar uma rampa de aço especial que Scarpetta já vira em ocasiões anteriores, com uma esteira serrilhada de dentes grandes como os de um serrote. Se você tropeçasse e rolasse pela rampa, se rasgaria até os ossos, mas se escorregasse carregando uma bomba, teria um problema bem mais grave. O dispositivo de desativação de bombas estava montado na plataforma de chapa xadrez do caminhão e parecia um sino de mergulho amarelo vivo lacrado por uma trava de engate, que um policial da Unidade de Serviços de Emergência soltou e removeu. Embaixo dela ficava a tampa, de uns dez centímetros de espessura, à qual o policial amarrou um cabo de aço e, usando um cabrestante, fez baixar até a plataforma. Retirou do recipiente uma bandeja de fio de náilon trançado com molduras de madeira, depositou nela o controle do cabrestante, prendeu o cabo para tirá-lo do caminho, preparando tudo para o técnico cuja tarefa seria isolar o pacote suspeito de Scarpetta em catorze toneladas de aço de alta resistência e assim levá-lo embora para ser desarmado pelo maior perito de Nova York.

“Lamento muito tudo isto”, disse Scarpetta a Marino ao se aproximar do Crown Vic azul-escuro dele, a uma distância prudente do caminhão e do dispositivo de desativação. “Tenho certeza de que não vai ser nada.”

“E eu tenho certeza de que Benton vai concordar comigo. Nunca temos certeza de nada”, disse Marino. “Você e Benton fizeram a coisa certa.”

Benton olhava para o logo de néon vermelho da CNN, para além do Hotel Trump

International, com seu brilhante globo terrestre prateado, uma versão em escala reduzida do globo da altura de dez andares que havia em Flushing Meadows, só que essa representação em aço do planeta era sobre o universo em expansão de Donald Trump, e não sobre a era espacial. Scarpetta olhou para o painel de notícias, que continuava rodando o mesmo absurdo descontextualizado, perguntando-se se Carley teria decidido a hora de exhibir aquilo. Concluiu que sim.

Carley não ia querer que a esparrela que armou viesse à luz enquanto acompanhava sua vítima a sua casa. Espere uma hora, depois crie um problema entre Scarpetta e o FBI, e talvez ela pense duas vezes antes de ir de novo a um programa de televisão. *Maldita*. Era preciso ter esse tipo de conduta? Carley sabia que seus índices de audiência estavam ruins, era por isso. Uma tentativa desesperada e sensacionalista de salvar sua carreira. Talvez sabotagem. Carley devia ter ouvido a proposta de Alex, sabia o que estava reservado para ela. Já não era só uma suspeita. Scarpetta estava convencida disso.

Marino abriu o carro e disse a Scarpetta: “O que você acha de sentar no banco da frente, assim podemos conversar. Desculpe, Benton, vou te enfiar no banco traseiro. Lobo e alguns dos caras das bombas acabam de chegar de Mumbai, onde aprenderam todo o possível para que a mesma merda não aconteça por aqui. A moda na tática terrorista, como Benton provavelmente já sabe, não é mais a dos homens-bomba. São pequenos grupos de comandos muito bem treinados”.

Benton não respondeu, e Scarpetta sentiu sua hostilidade como eletricidade estática. Toda vez que Marino fazia muita força para incluir Benton na conversa, ou ser gentil com ele, só conseguia piorar a situação. Benton se tornava rude, e com isso Marino precisava se afirmar por sentir-se diminuído e zangado. Um vaivém entediante e ridículo, primeiro um, depois o outro, para lá e para cá, e Scarpetta querendo que aquilo acabasse. Que diabos, já estava cheia daquilo.

“Pode crer, você não poderia estar em melhores mãos. Estes caras são os melhores, vão cuidar bem de você, doutora.” Como se Marino tivesse se certificado disso pessoalmente.

“Me sinto muito mal com isso.” Scarpetta fechou a porta e buscou o cinto de segurança, por costume, mas mudou de ideia. Não estavam indo para lugar nenhum.

“Pelo que sei, você não fez nada.” A voz de Benton atrás dela.

Marino ligou o motor e pôs a calefação no máximo. “Provavelmente é uma caixa de biscoitos”, disse a Scarpetta. “Você e Bill Clinton. A mesma coisa. Endereço errado e o esquadrão antibomba é chamado. Acaba sendo biscoitos.”

“Era bem o que eu queria ouvir”, disse ela.

“Você preferia que fosse uma bomba?”

“Eu preferia que nada disso tivesse acontecido.” Ela não conseguia evitar. Estava mortificada. Sentia-se culpada, como se tudo aquilo fosse culpa sua.

“Não precisa pedir desculpas”, disse Benton. “Não vale a pena arriscar, mesmo que não seja nada em nove de dez casos. Esperamos que não seja nada.”

Scarpetta notou que a tela do computador de bordo montado no painel mostrava um mapa do aeroporto do condado de Westchester, em White Plains. Talvez tivesse a ver com Berger, com o voo daquela noite com Lucy, supondo que elas ainda não tivessem chegado. Mas era estranho. Não fazia sentido que Marino estivesse com o mapa do aeroporto aberto. Até o momento, nada fazia sentido. Scarpetta se sentia confusa, insegura, humilhada.

“Alguém já sabe de alguma coisa?”, perguntou Benton a Marino.

“Alguns helicópteros da imprensa estão xeretando na área”, disse ele. “Não vai ter jeito de manter isso em sigilo. Trouxeram o maior dos caminhões antibomba e aí está, vai sair daqui com uma escolta policial igual a um cortejo presidencial quando levarem o pacote da doutora para Rodman’s Neck. O fato de eu ter chamado Lobo diretamente elimina uma série de chateações, mas não posso manter isso na surdina. Não que você precise chamar mais atenção, estou vendo seu nome lá em cima, malhando o FBI.”

“Não malhei o FBI”, disse Scarpetta. “Estava falando de Warner Agee, fora do ar, e isso não foi gravado.”

“Não houve nada disso”, disse Benton.

“Principalmente com a Crespa Crispin, conhecida por queimar suas fontes. Não sei por que diabos você vai àquele programa”, disse Marino. “Não é que este seja o momento de falar nisso, mas que confusão dos diabos. Está vendo como as ruas estão desertas agora? Se Carley continuar com a bosta do táxi amarelo, as ruas vão continuar vazias desse jeito de agora em diante, o que provavelmente é o que ela quer. Outro furo, hein? Trinta mil táxis amarelos e nem uma só corrida, multidões nas ruas desembestadas em pânico como se houvesse um King Kong à solta. Feliz Natal.”

“Uma curiosidade: por que você está com o aeroporto de Westchester em sua tela?” Scarpetta não queria discutir suas mancadas na CNN, nem queria falar sobre Carley ou ouvir os exageros de Marino. “Soube de Lucy e Jaime? Imaginei que a esta hora já tivessem pousado.”

“Eu também”, disse Marino. “Estava fazendo um MapQuest, tentando encontrar o caminho mais curto, não que eu vá para lá. É porque elas estão vindo para cá.”

“Por que estariam vindo para cá? Elas sabem do que está acontecendo?” Scarpetta não queria que a sobrinha aparecesse no meio daquilo.

No passado, como agente especial e investigadora de incêndio do Afae, Lucy costumava lidar com explosivos e incêndios criminosos. Era bem boa nisso, excelente em tudo o que fosse de caráter técnico e arriscado, e quanto mais os outros fugiam de um trabalho, ou fracassavam em seu cumprimento, mais ela se

dedicava a ele e mais se destacava. Seus dons e sua audácia não lhe granjearam amigos. Embora estivesse emocionalmente mais flexível agora, quando deixara a casa dos vinte para trás, conviver com as pessoas ainda não era fácil para ela, e respeitar limites e a lei era quase impossível. Se estivesse aqui, ia ter uma teoria e uma opinião, talvez uma solução, e no momento Scarpetta não estava com ânimo para isso.

“Não aqui neste lugar em que estamos”, estava dizendo Marino. “Aqui quer dizer na cidade.”

“E desde quando elas precisam do MapQuest para encontrar o caminho da cidade?”, perguntou Benton lá de trás.

“É um assunto de que não posso falar.”

Scarpetta olhou para o perfil irregular e tão familiar de Marino, depois para a tela iluminada do computador sobre um console universal. Voltou-se para ver Benton no assento de trás. Ele olhava pela janela, observando o esquadrão de explosivos que saía do edifício.

“Todos estão com os celulares desligados, suponho”, disse Benton. “Seu rádio?”

“Está desligado”, disse Marino, como se estivesse sendo acusado de burrice.

A técnica em explosivos, usando um traje de proteção e capacete, estava saindo do prédio, com os braços estendidos deformados pela roupa acolchoada, segurando um contêiner preto.

“Eles devem ter visto pelos raios X alguma coisa de que não gostaram”, Benton comentou.

“E não estão usando o Androide”, disse Marino.

“Usando quem?”, perguntou Scarpetta.

“O robô. O apelido dele é Androide por causa da técnica em explosivos. O nome dela é Ann Droiden. Há nomes que ficam esquisitos, como um grandalhão chamado Pequeno, ou um negro de sobrenome Branco. Ela é boa. Bem bonita, também. Todos os caras estão sempre querendo que seja ela quem cuide de seus pacotes, se é que vocês me entendem. Ela deve ter uma vida dura, sendo a única mulher do esquadrão de explosivos. Eu a conheço” — como se ele precisasse explicar por que continuava falando sem parar de uma bela perita em explosivos chamada Ann — “porque ela trabalhava na Dois, no Harlem, onde eles guardam o dispositivo de desativação, e ela ainda passa por lá de vez em quando para ver seus velhos parceiros da Unidade de Serviços de Emergência. A Dois não fica longe de minha casa, só umas poucas quadras. Passo por lá, tomo café, levo um agrado para o boxer que lhes faz companhia, o Mac, cachorro danado de bom. Recolhido da rua. Sempre que posso, quando todos estão ocupados, levo Mac para casa, assim ele não fica sozinho a noite toda.”

“Se estão pondo a moça em lugar do robô é porque o que quer que esteja na caixa

não é sensível a movimento”, disse Scarpetta. “Eles devem ter certeza disso.”

“Se fosse sensível a movimento, suponho que estaríamos catando pedaços de você na lua, já que o levou para o apartamento”, disse Marino, com sua diplomacia habitual.

“Poderia ser sensível a movimento e ter um temporizador. Mas obviamente não é”, disse Benton.

A polícia afastou os curiosos, de modo que ninguém ficasse a menos de cem metros da técnica em explosivos que descia a escada da frente do edifício, o rosto encoberto por uma viseira. Ela caminhava devagar, um pouco rígida mas com surpreendente agilidade, na direção do caminhão, com o motor ligado roncando.

“Eles perderam três socorristas no Onze de Setembro. Vigiano, D’Allara e Curtin. O esquadrão antibomba perdeu Danny Richards”, disse Marino. “Daqui você não consegue ver, mas os nomes deles estão pintados no caminhão antibomba, em todos os caminhões da Dois. Numa sala, em frente à cozinha, eles fizeram um santuário com alguns dos objetos pessoais que foram recuperados com os corpos. Chaves, lanternas, rádios, algumas dessas coisas meio derretidas. Dá uma sensação estranha ver a lanterna derretida de um cara, não dá?”

Fazia tempo que Scarpetta não via Marino. Quando vinha a Nova York, era inevitável que estivesse sobrecarregada e um tanto frenética. Não lhe ocorrera que Marino pudesse sentir-se só. Pensou que talvez ele tivesse problemas com a namorada, Georgia Bacardi, uma detetive de Baltimore com quem ele mantinha um relacionamento sério desde o ano anterior. Talvez tivessem rompido, ou estivessem a ponto de romper, o que não surpreenderia. Os relacionamentos de Marino costumavam durar tanto quanto a vida de uma borboleta. Scarpetta se sentia pior. Sentia-se mal por ter levado um pacote para cima sem examiná-lo, e agora sentia culpa por causa de Marino. Ela deveria procurá-lo quando estivesse na cidade. Deveria procurá-lo mesmo quando não estivesse, uma ligação ou um e-mail de vez em quando.

A técnica chegou ao caminhão e subiu, com as botas agarrando-se à esteira serrilhada. Tendo Marino à frente, era difícil enxergar lá fora e adiante, mas Scarpetta entendeu o que estava acontecendo, já que não era alheia ao procedimento. A técnica depositou o contêiner de segurança na bandeja, que deslizou para dentro do dispositivo de desativação. Usando o controle do cabrestante, desenrolou o cabo de aço para recolocar a tampa sobre a abertura redonda do dispositivo. Repôs a trava de engate e apertou-a, provavelmente com as mãos desluvas. Os técnicos em explosivos usavam no máximo luvas Nomex finas, ou de nitrilo, para se proteger do fogo ou de substâncias tóxicas. Uma peça acolchoada e pesadona impossibilitaria o desempenho de qualquer tarefa e provavelmente não salvaria os dedos no caso de uma detonação.

Quando a técnica acabou, o tenente Lobo e outros policiais correram para a traseira do caminhão, puseram a rampa no lugar e cobriram o dispositivo com a lona, que foi amarrada. O caminhão saiu rugindo rua acima, viaturas policiais à frente e atrás, num comboio que parecia um mar de lampejos luminosos avançando pela rua interditada na direção da West Side Highway. Dali, tomaria um caminho seguro para as dependências do Departamento de Polícia de Nova York em Rodman's Neck, provavelmente a via expressa Cross Bronx, a 95 Norte, uma rota que protegesse melhor os veículos em trânsito, as construções e os pedestres contra ondas de choque, perigos biológicos ou estilhaços no caso de algo explodir durante o transporte e liberar seu conteúdo.

Lobo estava vindo até eles. Ao chegar ao carro de Marino, entrou no banco de trás, ao lado de Benton, junto com uma lufada de ar frio.

“Mandeí umas imagens para seu e-mail.” Lobo fechou a porta. “Das câmeras de segurança.”

Marino começou a digitar no Toughbook afixado num suporte entre os dois assentos dianteiros, e o mapa de White Plains foi substituído por uma tela que pedia usuário e senha.

“Esse seu cara do FedEx tinha uma tatuagem interessante”, disse Lobo, recostando-se, mascando chiclete. Scarpetta sentiu um cheiro de canela. “Bem grande, do lado esquerdo do pescoço, um pouco difícil de ver por causa da pele escura.”

Marino abriu um e-mail e descarregou o anexo. A imagem congelada de uma câmera de segurança ocupou a tela, um homem com boné do FedEx indo em direção à recepção.

Benton se ajeitou para ver melhor e disse: “Nada. Não faço ideia. Não o reconheço”.

Scarpetta tampouco reconheceu o homem. Afro-americano, pômulos salientes, barba e bigode, o boné do FedEx enfiado até os olhos, escondidos atrás de óculos espelhados. A gola do casaco de lã preta ocultava parcialmente a tatuagem, que cobria a parte esquerda do pescoço, chegando até a orelha, uma tatuagem de crânios humanos. Scarpetta contou oito caveiras, mas não conseguiu ver sobre o que elas estavam empilhadas, apenas a borda linear de alguma coisa.

“Dá para aumentar?” Ela indicou a tatuagem e o que parecia a quina de uma caixa, que com um clique ficou maior. “Talvez uma urna mortuária. Caveiras empilhadas sobre um ataúde. O que me remete imediatamente a alguém que pode ter servido no Iraque ou no Afeganistão. Caveiras, esqueletos, esqueletos saindo do caixão, lápides. Memoriais de soldados tombados, em outras palavras. Normalmente, cada caveira representa um companheiro perdido. Tatuagens como essa se tornaram comuns nos últimos anos.”

“O cctr pode fazer uma pesquisa sobre isso”, disse Marino. “Se por algum motivo o cara estiver na base de dados deles, talvez possamos usar a tatuagem como pista. Temos uma boa base de dados de tatuagens.”

O cheiro forte de canela voltou, lembrando a Scarpetta palcos de incêndios, a sinfonia de odores inesperados em lugares que queimaram de cima a baixo. Lobo tocou o ombro dela e disse: “Quer dizer que nada nele lhe parece familiar. Nada que lhe venha à mente”.

“Nada”, disse ela.

“Tem cara de meliante”, acrescentou Lobo.

“O porteiro, Ross, disse que não havia nele nada que despertasse suspeita”, disse Scarpetta.

“Tá, foi o que ele disse.” Mascando chiclete. “Claro, ele conseguiu emprego em seu edifício porque estava desempregado, tinha sido demitido do prédio anterior. Porque deixou a recepção sem ninguém. Pelo menos ele foi franco a respeito disso. Claro que ele não disse que em março foi acusado de portar uma substância controlada.”

“Tem certeza de que ele não tem nenhuma relação com esse cara?”, perguntou Benton, referindo-se ao homem que aparecia na tela.

“Não temos certeza de nada”, disse Lobo. “Mas esse cara?”, indicou o homem do pescoço tatuado. “Ele provavelmente não é do FedEx, para dizer o óbvio. Bonés como esse podem ser comprados pelo eBay, sem problemas. Ou se pode fazer um igual. E quando a senhora voltava da CNN?”, perguntou Lobo a Scarpetta. “Não viu ninguém, principalmente alguém que lhe chamasse a atenção?”

“Havia um sem-teto dormindo num banco, é tudo o que me ocorre.”

“Onde?”, perguntou Benton.

“Perto do Columbus Circle. Bem ali.” Scarpetta se voltou e indicou o lugar.

Percebeu que os veículos de emergência e os curiosos tinham ido embora, as lâmpadas halógenas tinham se apagado, a rua voltara à semiobscuridade. Em pouco tempo o trânsito foi liberado, os moradores voltaram ao edifício e os cones, as barreiras e a fita amarela desapareceram como se nada tivesse acontecido. Ela não conhecia outra cidade em que as emergências pudessem ser controladas com tanta rapidez e em que a ordem normal das coisas se restabelecesse tão rápido. Lições do Onze de Setembro. Especialização a um altíssimo preço.

“Ninguém na área agora”, disse Lobo. “Ninguém nos bancos, mas toda essa movimentação pode tê-los espantado. Ninguém mais lhe chamou a atenção quando voltava para casa?”

“Não”, respondeu Scarpetta.

“É porque às vezes as pessoas que deixam presentes antissociais gostam de perambular depois pela área, para ver ou mostrar a alguém o estrago que fizeram.”

“Há outras fotos?”, perguntou Benton, e seu hálito tocou a orelha de Scarpetta, fazendo esvoaçar o cabelo dela.

Marino clicou em mais duas imagens de vídeo congeladas, mostrando-as lado a lado. Eram instantâneos em tela cheia do homem da tatuagem entrando no saguão do prédio, em direção à recepção, e afastando-se dela.

“Não usa uniforme do FedEx”, observou Scarpetta. “Calça reta escura, botas pretas e um casaco preto abotoado até o pescoço. E luvas, acho que Ross tinha razão. Parece que estou vendo uma pontinha de pele, poderia ser forrada de uma coisa assim como pele de coelho.”

“Ainda não acende nenhuma luzinha?”, perguntou Lobo.

“Para mim não”, disse Benton.

“Nem para mim”, concordou Scarpetta.

“Bem, seja ele quem for, mensageiro ou remetente, a dúvida da noite é a seguinte: a senhora conhece alguém que poderia querer feri-la ou ameaçá-la?”, perguntou Lobo.

“Ninguém, especificamente.”

“E em geral?”

“Em geral poderia haver alguém”, disse ela.

“Alguma mensagem estranha de um fã, alguma comunicação enviada a seu escritório em Massachusetts ou para o Instituto Médico Legal daqui? Ou para a CNN?”

“Nada que eu me lembre.”

“Pois eu me lembro de algo”, disse Benton. “A mulher que ligou para você durante o programa dessa noite. Dodie.”

“Exatamente”, disse Marino.

“Exatamente?”, perguntou Lobo.

“Dodie Hodge, talvez uma paciente antiga do McLean’s.” Marino sempre dizia errado o nome do hospital. Não havia apóstrofe S, nunca houve. “Só não fui atrás dela pelo cctr ainda porque fui interrompido pelo pequeno incidente com a doutora.”

“Não a conheço”, disse Scarpetta, e a lembrança da pessoa que ligou referindo-se a Benton pelo nome e mencionando um artigo que ele jamais escrevera provocou-lhe um novo acesso de náusea.

Ela se voltou e disse a Benton: “Não vou perguntar”.

“Não posso dizer nada”, respondeu ele.

“Permita-me que eu diga, já que estou cagando para essa de proteger malucos”, disse Marino a ela. “Essa senhora específica é egressa do McLean’s, e Benton recebeu um cartão musical dela, dirigido a você também, e a seguir você recebeu a ligação ao vivo na TV e o pacote foi entregue.”

“Isso é verdade?”, perguntou Lobo a Benton.

“Não posso provar nada, e nunca disse que ela era paciente do McLean.”

“Vai nos dizer que não era?”, provocou Marino.

“Também não vou dizer isso.”

“Está bem”, disse Lobo. “Vamos ver isso. Sabemos se essa paciente, Dodie Hodge, está na área, talvez na cidade, neste momento?”

“Talvez”, disse Benton.

“Talvez?”, perguntou Marino. “Você não acha que devemos saber se ela está ou não?”

“Só se tivermos certeza de que ela realmente fez alguma coisa ilegal ou que representa uma ameaça”, Benton começava a dizer. “Você sabe como as coisas funcionam.”

“Ora bolas. Regras que protegem todo mundo menos gente inocente”, disse Marino. “Sim, eu sei como funciona. Malucos e menores. Hoje em dia você tem crianças de oito anos matando gente. Mas protegem de todas as maneiras o sigilo delas.”

“Como foi entregue o cartão musical?”, perguntou Lobo.

“FedEx”, chegou a dizer Benton. “Não estou afirmando que não haja ligação. Nem estou dizendo que há. Eu não sei.”

“Vamos verificar com a CNN, rastrear a ligação de Dodie Hodge para o programa”, disse Lobo. “Saber de onde ela ligou. Preciso de uma cópia gravada do programa, vamos querer localizá-la, falar com ela. Ela alguma vez lhe deu motivo para pensar que poderia ser perigosa?”, perguntou a Benton. “Deixe para lá. Você não pode falar sobre ela.”

“Não, não posso.”

“Muito bem. Talvez quando ela mandar alguém pelos ares você possa”, disse Marino.

“Não sabemos quem mandou o pacote, a não ser que veio por meio de um rapaz negro de pescoço tatuado”, disse Benton. “E não sabemos o que há no pacote. Não sabemos na verdade se é algum tipo de explosivo.”

“Sabemos o bastante para que eu me preocupe”, disse Lobo. “O que vimos pelos raios X. Cabos, microbaterias, um microcomputador e o que mais me perturba: um pequeno recipiente transparente, como um tubo de ensaio, com uma espécie de tampão. Não se detectou radiação, mas também não usamos outro tipo de detector para não ter de chegar muito perto.”

“Ótimo”, disse Marino.

“Vocês sentiram algum cheiro?”, perguntou Scarpetta.

“Não cheguei perto”, disse Lobo. “Os que foram até seu andar trabalharam do lado de fora, na escada, e a técnica que entrou no apartamento estava totalmente isolada pelo traje antibomba. Não ia sentir cheiro nenhum, a menos que fosse

fortíssimo.”

“Vocês vão trabalhar nisso hoje à noite?”, perguntou Marino. “Para sabermos que diabos afinal era aquilo?”

“Achamos que esta noite não seria seguro. Droiden, que também é técnica em materiais perigosos, está a caminho de Rodman’s Neck, deve ficar ali algum tempo para transferir o pacote do contêiner para um paiol. Vai usar detectores para saber se há possibilidade de contaminação química, biológica, radiológica ou nuclear, se haverá algum escapamento de gás que possa ser contido com segurança. Como eu disse, os alarmes de radiação não dispararam e não há indício de pólvora branca, mas nunca se sabe. Pelos raios X vimos algo em forma de frasco que obviamente deve conter alguma coisa, o que é preocupante. O pacote será encerrado num paiol, e cuidaremos dele amanhã logo cedo, para torná-lo seguro e saber com que estamos lidando.”

“Vamos nos falando”, disse Marino a Lobo, que já saía do carro. “Provavelmente estarei a noite toda no cctr, vendo o que posso descobrir sobre a maluca da Dodie, do tatuado e o que mais aparecer.”

“Muito bem.” Lobo fechou a porta.

Scarpetta viu-o se afastando na direção de um SUV azul-marinho. Meteu as mãos nos bolsos em busca do celular, e lembrou-se de que aquele casaco não era seu e que estava sem o BlackBerry.

“Precisamos ter certeza de que Lucy não soube de nada disso pelos noticiários, ou por um sumário de notícias do Escritório de Gerenciamento de Emergências”, disse.

O Escritório de Gerenciamento de Emergências publicava atualizações constantes na internet, e o funcionário que precisasse saber de alguma coisa tinha acesso a um sumário de tudo, desde o desaparecimento de tampas de bueiro a homicídios. Se Lucy tivesse visto o esquadrão de explosivos sendo enviado ao Central Park West, ficaria preocupada sem motivo.

“Pelo que sei, até agora elas ainda estavam voando”, disse Marino. “Posso ligar para o telefone do helicóptero.”

“Ligaremos de casa.” Benton queria sair logo do carro. Queria ficar longe de Marino.

“Não ligue para o telefone do helicóptero. Não é preciso distraí-la quando está voando”, disse Scarpetta.

“Vou lhe dizer uma coisa”, decidiu Marino. “Vocês vão para dentro e tentam relaxar, e eu cuido delas. De qualquer forma, tenho de dizer a Berger o que aconteceu.”

Scarpetta pensou que estivesse bem até o momento em que Benton abriu a porta do apartamento.

“Que merda!”, exclamou, tirando a jaqueta e jogando-a numa cadeira, tão furiosa

que sentia vontade de gritar.

A polícia tinha sido bem atenciosa, nada além de uma pegada no piso de madeira, sua bolsa intacta na mesinha estreita da entrada, onde ela a tinha deixado antes de ir para a CNN. Mas a escultura millefiori que ela vira sendo feita por um mestre artesão da ilha de Murano, em Veneza, tinha sido posta no lugar errado. Não estava na mesinha e sim no aparador com tampo de mármore; ela chamou a atenção de Benton para aquilo, e ele não disse uma palavra. Sabia quando ficar em silêncio, e era uma dessas ocasiões.

“Tem marcas de dedos.” Ela aproximou a escultura da luz, mostrando sulcos e cristas, espirais e um arco, detalhes visíveis na borda do vidro colorido. Prova de um crime.

“Vou limpá-la”, ele disse, mas ela não lhe deu a escultura.

“Alguém que não usou luvas.” Ela esfregou o vidro furiosamente com uma ponta da blusa de seda. “Deve ter sido a técnica em explosivos. Eles não usam luvas. Como era o nome dela? Ann. Ela devia estar sem luvas. Pegou a escultura e tirou-a do lugar.” Como se a técnica em explosivos chamada Ann fosse uma ladra. “O que mais eles tocaram aqui no nosso apartamento?”

Benton não respondeu, sabia que era melhor assim. Sabia o que fazer e o que não fazer nas raras ocasiões em que Scarpetta perdia o controle, e ela começou a achar que estava sentindo o cheiro do pacote outra vez, depois sentiu cheiro da baía, da Laguna Veneta. A água salgada rasa e o calor do sol de primavera enquanto ela e Benton desciam do táxi aquático no píer de Colonna, seguindo pela *fondamenta* até a Calle San Cipriano. Não são permitidas visitas à fábrica, mas isso não a detivera. Arrastando Benton pela mão, passaram por uma barca cheia de restos de vidro até o sinal de entrada da “Fornace-Entrata Libera” e uma vez lá dentro Scarpetta pediu uma demonstração, num espaço aberto com fornos como se fosse um crematório, paredes de tijolos pintados de vermelho escuro e pé-direito alto. Aldo, o artesão, baixinho e de bigode, usava shorts e tênis. Pertencia a uma dinastia de sopradores de vidro, uma linhagem ininterrupta que remontava a sete séculos, sendo que seus ancestrais nunca tinham saído da ilha, não tinham permissão de se aventurar pela lagoa sob pena de morte ou de ter as mãos amputadas.

Scarpetta encomendou-lhe na hora que fizesse alguma coisa para eles, para Benton e ela, o casal feliz, o que Aldo quisesse. Era uma viagem especial, sagrada, e ela queria se lembrar daquele dia, de cada minuto. Mais tarde, Benton lhe disse que nunca a ouvira falar tanto, explicando seu fascínio pela ciência do vidro. Areia e cal sodada transformando-se em algo nem líquido nem sólido, sem nenhum dado empírico de que continue mudando depois de moldado em forma de vidraça ou de vaso, dizia ela em seu italiano macarrônico. Depois de cristalizado, apenas graus vibratórios de liberdade continuam ativos, mas a forma está dada. Uma terrina

continua parecendo uma terrina mil anos depois, e as lâminas pré-históricas de obsidiana não perdem o fio. Um pouco de mistério, talvez por isso ela amasse o vidro. Por isso e pelo que ele faz com a luz visível, disse Scarpetta. O que acontece quando se acrescentam agentes de cor, como ferro, cobalto, boro, manganês e selênio para obter verde, azul, púrpura, âmbar e vermelho.

No dia seguinte, Scarpetta e Benton voltaram a Murano para pegar a escultura, que tinha sido temperada lentamente no forno, resfriada e embrulhada em plástico bolha. Ela levou-a nas mãos, guardou-a no compartimento superior da cabine do avião durante toda a volta da viagem a trabalho, de modo algum programada para lazer, mas Benton lhe fizera uma surpresa. Pediu-a em casamento. Aqueles dias na Itália tinham se tornado, pelo menos para ela, mais do que memoráveis. Eram um templo imaginário onde os pensamentos dela se refugiavam quando estava feliz ou triste, e sentiu que seu templo tinha sido pisoteado e maculado ao devolver a escultura de vidro à mesinha de cerejeira, que era o lugar dela. Sentia-se profanada, como se ao entrar tivesse encontrado a casa assaltada, revirada, a cena de um crime. Começou a andar para lá e para cá, em busca de alguma outra coisa fora do lugar ou em falta, examinando pias e sabonetes para saber se tinham lavado as mãos ou puxado a descarga.

“Ninguém esteve nos banheiros”, anunciou.

Abriu as janelas da sala para se livrar do cheiro.

“Sinto o cheiro do pacote. Você deveria estar sentindo”, disse.

“Não sinto cheiro de nada.” Benton estava de pé ao lado da porta da frente, ainda de casaco.

“Sim”, ela insistiu. “Você devia estar sentindo. Tem cheiro de ferro. Não sente, não?”

“Não”, disse ele. “Talvez você esteja se lembrando do cheiro que sentiu. O pacote não está mais aqui. Foi levado embora e estamos em segurança.”

“É porque você não tocou nele, e eu sim. Um cheiro de mofo metálico”, ela explicou. “Como se minha pele estivesse entrado em contato com íons de ferro.”

Benton lembrou-lhe com muita calma que ela estava usando luvas quando carregou o pacote que poderia ser uma bomba.

“Mas ele poderia ter tocado minha pele no espaço entre as luvas e os punhos do casaco.” Ela foi até onde ele estava.

O pacote tinha deixado uma fragrância em seus punhos, um perfume do mal, peróxidos lipídicos dos óleos da pele, do suor, oxidado por enzimas causadoras da corrosão, da decomposição. Como sangue, explicou ela. Parecia cheiro de sangue.

“Cheiro de sangue quando é sentido sobre a pele”, disse ela, e ergueu os pulsos para que Benton sentisse o cheiro.

“Não sinto nada”, disse ele.

“Alguma coisa à base de petróleo, um produto químico, não sei qual. Sei que sinto cheiro de ferrugem.” Ela não conseguia parar de falar naquilo. “Há alguma coisa naquela caixa que é ruim, muito ruim. Ainda bem que você não tocou nela.”

Na cozinha, ela lavou as mãos, os pulsos e os antebraços com água e detergente, como se estivesse se escovando para uma cirurgia, como se estivesse se descontaminando. Usou lustra-móveis na mesinha de centro onde tinha estado o pacote. Soltava fogo pelas ventas, e Benton ficava a seu lado, em silêncio, olhando-a, tentando não interferir em seu desabafo, tentando ser compreensivo e racional, e sua atitude só servia para que ela se sentisse mais aborrecida, mais ressentida.

“Você podia pelo menos ter alguma reação”, disse ela. “Ou talvez não esteja se importando.”

“Estou me importando e muito.” Tirou o casaco. “Não é justo dizer que não estou me importando. Entendo como isso tudo é horrível.”

“Eu não conseguiria dizer se você se importa. Nunca consigo. Nunca fui capaz de afirmar que você se importa.” Como se fosse Benton quem tivesse mandado o pacote que podia ser uma bomba.

“Você se sentiria melhor se eu me descontrolasse?” Olhava para ela, o rosto sombrio.

“Vou tomar uma ducha.”

Ela se despiu, brava, seguiu pelo corredor até a suíte e meteu a roupa numa sacola de lavanderia. Atirou a roupa de baixo num cesto. Entrou no chuveiro, deixando a água o mais quente que podia suportar. O vapor fez com que aquele cheiro penetrasse mais forte pelo nariz, pelos seios da face, o cheiro do pacote, de fogo e enxofre, e o calor e seus sentidos desencadearam outro filme em sua cabeça. Filadélfia, escuridão, tudo queimando, escadas estendidas para o céu noturno, barulho de serras abrindo buracos no telhado e água jorrando das mangueiras na proporção de cinco mil litros por minuto, uma torrente colossal saindo de cima do caminhão de bombeiros para apagar um incêndio grande como aquele.

A água chegava em forma de arco dos caminhões de bombeiros que rodeavam o quarteirão. Via-se a carcaça carbonizada de um carro, retorcida como uma forminha de gelo, os pneus torrados. Alumínio derretido e vidro, gotas de cobre, paredes descascadas e aço retorcido, madeira encoscorada ao redor de janelas quebradas, uma densa fumaça preta. Um poste que parecia um fósforo queimado. Eles diziam que era um incêndio traiçoeiro, do tipo que enlouquece os bombeiros: de início não tão quente, e de repente tão quente que cozinha o capacete. Ela se arrastava através da água suja, um arco-íris de gasolina flutuando na superfície, lanternas perscrutando a escuridão total, líquido gotejando, água pingando de buracos quadrados feitos a machado no telhado de papelão alcatroado. O ar pesado tinha cheiro de marshmallow ácido queimado — doce, penetrante, enjoativo — quando a levaram

até ele, ao que restava dele. Tempos depois, disseram que ele já estava morto quando o incêndio teve início. Tinha sido atraído para ali e levado um tiro.

Scarpetta fechou a água e ficou ali, aspirando nuvens de vapor pelo nariz e pela boca. Não via nada através do vidro enfumaçado do box, mas pelo movimento da luz percebeu Benton entrando. Ela ainda não estava em condições de conversar com ele.

“Trouxe uma bebida para você”, disse ele.

A luz se mexeu de novo, Benton passando pelo box. Ouviu que ele puxava o banquinho da penteadeira e se sentava.

“Marino ligou.”

Scarpetta abriu a porta do box, alcançou uma toalha pendurada e levou-a para dentro. “Por favor, feche a porta do banheiro para não esfriar”, ela disse.

“Lucy e Jaime estão a poucos minutos de White Plains.” Benton levantou-se e fechou a porta. Voltou a se sentar.

“Ainda não pousaram? Que droga está acontecendo?”

“Elas saíram muito tarde por causa do tempo. Um monte de atrasos por causa do tempo. Marino falou com Lucy pelo telefone do helicóptero. Está tudo bem.”

“Eu disse a ele para não ligar, merda. Ela não tem nenhuma necessidade de falar na porcaria do telefone quando está voando.”

“Ele disse que falou com ela por apenas um minuto. Não contou o que tinha acontecido. Vai informá-la quando ela estiver em solo. Tenho certeza de que ela vai ligar para você. Não se preocupe. Elas estão bem.” Benton olhava para ela através do vapor.

Ela se secava dentro do box com a porta entreaberta. Não queria sair. Ele não perguntou o que estava acontecendo, por que ela estava se escondendo no box como uma criança.

“Procurei seu celular outra vez pela casa toda. Não está aqui”, ele disse.

“Tentou ligar para ele?”

“Aposto que está no chão do armário da sala de maquiagem na CNN, onde você pendura seu casaco, se não me engano.”

“Lucy poderá encontrá-lo, se algum dia eu conseguir falar com ela.”

“Acho que você falou com ela hoje, quando ela ainda estava em Stowe.” Era seu modo de incentivá-la a ser razoável.

“Porque eu liguei para ela.” Para Scarpetta, era impossível ser razoável agora. “Ela nunca me liga, ultimamente quase nunca. Muito de vez em quando chega a ligar, quando está atrasada por causa de uma tempestade, ou quando ainda não pousou.”

Benton olhou para ela.

“Ela consegue encontrar a droga do telefone. Tenho certeza de que consegue, já que foi ideia dela instalar um receptor Waas em meu BlackBerry, no seu BlackBerry,

no BlackBerry de Jaime, no BlackBerry de Marino e no pescoço do buldogue dela, assim ela pode saber onde estamos, ou melhor, onde estão nossos telefones, e o cachorro, com uma margem de erro de apenas três metros.”

Benton estava em silêncio, olhando para ela através do ar úmido. Ela ainda se enxugava, o que era inútil por causa do vapor. Ia se secar e depois suar.

“É a mesma tecnologia que a Administração da Aviação Federal está pensando em adotar para aproximação e pouso automáticos, é claro.” Era como se uma outra pessoa estivesse falando pela boca de Scarpetta, alguém que ela não conhecia, ou de quem não gostava. “Talvez usem isso em aviões teleguiados, que me importa? Só que a porra do telefone sabe exatamente a merda do lugar onde ele está, ainda que neste preciso instante eu não saiba, e esse tipo de rastreamento para Lucy é uma brincadeira de criança. Vou lhe enviar um e-mail. Talvez ela ache tempo de localizar meu telefone.” Enxugava o cabelo, à beira das lágrimas, sem saber bem por quê. “Talvez ela ligue por estar um pouquinho preocupada pelo fato de alguém ter deixado uma bomba para mim.”

“Kay, por favor, não fique tão nervosa...”

“Você sabe que eu odeio que me digam para não ficar nervosa. Passei a vida inteira sem ficar nervosa porque não tenho a porra do direito de ficar nervosa. Pois bem, agora estou nervosa e vou continuar assim porque não posso evitar. Se pudesse, não estaria nervosa!!!” A voz dela tremia.

Ela se sentia toda trêmula, como se estivesse ficando doente. Talvez estivesse. Muita gente no Instituto Médico Legal estava gripada. A gripe estava no ar. Fechou os olhos e se encostou nos azulejos molhados, que começavam a esfriar.

“Eu disse a ela que me ligasse de Vermont antes de decolar.” Ela tentou se acalmar, repelir a tristeza e a raiva que tomavam conta dela. “Ela costumava me ligar antes de decolar e assim que pousava, ou só para dizer oi.”

“Você não sabe se ela ligou ou não. Não sabe onde está seu telefone. Tenho certeza de que ela tentou ligar.” A voz de Benton era conciliadora, como acontecia quando ele tentava apaziguar uma situação que estava se tornando explosiva. “Vamos tentar refazer seus passos. Você se lembra de tê-lo nas mãos em algum momento depois de ter saído de casa?”

“Não.”

“Mas tem certeza de que estava no bolso do casaco quando saiu.”

“Não tenho certeza de porra nenhuma a essa altura.”

Ela se lembrava de ter atirado o casaco numa das cadeiras de maquiagem quando estava conversando com Alex Bachtá. Talvez ele tenha caído nessa hora e ainda estivesse na cadeira. Mandou um e-mail para Alex pedindo que alguém desse uma olhada e o mantivesse sob chave até que ela pudesse recuperá-lo. Ela odiava aquele telefone, e tinha cometido uma estupidez tão grande que quase não conseguia

acreditar. O BlackBerry não estava protegido por uma senha, e ela não ia contar isso a Benton. Nem a Lucy.

“Lucy vai rastreá-lo”, disse Benton. “Marino mencionou que você podia querer ir a Rodman’s Neck para ver o que eles encontram, se tiver curiosidade de saber. Ele pega você, a hora que você quiser. De manhã bem cedo, por volta das sete. Vou com você.”

Ela se enrolou na toalha e saiu para um tapete de bambu antiderrapante. Benton, sem camisa e descalço, vestido com a calça do pijama, sentou-se de costas para a penteadeira. Ela odiava se sentir assim. Não queria se sentir assim. Benton não merecia isso.

“Acho que deveríamos extrair o que pudermos dos caras de explosivos, dos laboratórios. Quero saber quem mandou aquele pacote e por que, e o que é aquilo exatamente.” Benton olhava para ela, através do vapor morno.

“Sim, a caixa de biscoitos que algum de seus pacientes solícitos deixou para mim”, disse ela ironicamente.

“Suponho que sejam biscoitos movidos a pilha e uma garrafa de bebida em forma de tubo de ensaio com cheiro de acelerador.”

“Marino quer que você vá também? Não basta que eu vá? Nós dois?” Ela penteava o cabelo, mas o espelho da pia estava embaçado demais para que ela pudesse se ver.

“Qual é o problema, Kay?”

“Só quero saber se Marino convidou você especificamente, é isso.” Limpou o espelho com um pano.

“O que há de errado nisso?”

“Deixe-me adivinhar. Ele não convidou você. Ou, se convidou, foi de má vontade.” Penteava o cabelo, olhando para seu reflexo. “Não estou surpresa pelo fato de ele não ter convidado você, ou tê-lo feito de má vontade. Depois do modo como você o tratou hoje. Na teleconferência. E depois de novo, no carro dele.”

“Não vamos começar a discutir sobre ele.” Benton ergueu seu copo, bourbon puro com gelo.

Ela sentiu um cheiro de Maker’s Mark, que lhe lembrou um caso em que tinha trabalhado havia muito tempo. Um homem que morreu escaldado num rio de fogo quando se incendiaram os barris de uísque que estavam no depósito de uma destilaria engolida pelas chamas.

“Não fui gentil nem rude, apenas profissional”, disse Benton. “Por que você está nesse mau humor todo?”

“*Por quê?*”, ela perguntou, como se ele não estivesse falando sério.

“Além do óbvio.”

“Estou cansada da guerra fria que você faz contra Marino. Não há por que fingir.

Ela está aí, e você sabe disso”, disse ela.

“Não existe guerra nenhuma.”

“Acho que para ele já não existe, mas Deus sabe que já existiu. Ele parece ter superado isso de verdade, mas você não, então ele fica na defensiva e se zanga. Acho isso de uma ironia notável, tantos anos depois que ele teve problema com você.”

“Vamos ser exatos, o problema dele foi com você.” A paciência de Benton estava se dissipando junto com o vapor. Até ele tinha um limite.

“Não estou falando de mim nesse exato instante, mas se você vai trazer o assunto à baila, sim, ele teve um problema importante comigo. Mas não tem mais.”

“Concordo, ele está melhor. Tomara que dure.” Benton brincava com sua bebida como se não conseguisse decidir o que fazer com ela.

No vapor que se dissipava, Scarpetta pôde ver uma nota que deixara para si mesma na bancada de granito: *Jaime — ligar sex. manhã*. Naquela manhã, ela tinha mandado entregar uma orquídea na Hogan Place 1, escritório de Berger, um presente de aniversário atrasado. Talvez uma suntuosa *princess mikasa*. A cor predileta de Berger era azul safira.

“Benton, estamos casados”, disse Scarpetta. “Marino está perfeitamente consciente disso e aceita a situação, provavelmente com alívio. Suponho que deva estar muito mais feliz por ter aceitado isso, tem um relacionamento sério, construiu uma nova vida.”

Ela não estava muito segura a respeito do relacionamento sério de Marino ou de sua nova vida, não depois da solidão que percebera quando estava sentada junto dele no carro. Imaginou-o passando pela garagem da Unidade de Serviços de Emergência no Harlem, a Dois, como ele a chamava, para brincar com um cachorro de rua.

“Ele foi em frente, agora você precisa fazer o mesmo”, dizia ela. “Quero que isso acabe. Seja lá o que for preciso fazer, acabe com isso. Sem fazer de conta. Percebo isso, mesmo que você não diga nada. Estamos nisso juntos, todos.”

“Uma família grande e feliz”, disse Benton.

“É o que eu quero dizer. Sua hostilidade, seu ciúme. Quero que isso acabe.”

“Tome um gole de sua bebida. Vai se sentir melhor.”

“Agora você me trata com paternalismo, e estou ficando irritada.” A voz dela tremia de novo.

“Não estou sendo paternal, Kay.” Com suavidade: “E você já está irritada. Faz tempo que está irritada”.

“Sinto que você está sendo paternal, e não faz tempo que estou irritada. Não sei por que você disse uma coisa dessas. Você está me provocando.” Ela não queria brigar, detestava brigar, mas estava levando as coisas para esse lado.

“Lamento que você ache que estou sendo paternal. Não estou, juro por Deus. Não culpo você por estar irritada.” Ele bebericou seu drinque, fitando-o, fazendo o gelo girar no copo. “A última coisa que quero é provocar você.”

“O problema é que na verdade você não perdoa e com certeza não esquece. Esse é seu problema com Marino. Você não vai perdoá-lo e com certeza não vai esquecer, e afinal, para que isso? Ele fez o que fez. Estava bêbado, drogado, louco e fez algo que não deveria ter feito. Fez sim. Talvez devesse ser eu a não perdoar ou esquecer. Foi a mim que ele maltratou, foi de mim que abusou. Mas isso é passado. E ele sente muito, tanto sente que me evita. Passo semanas sem contato com ele. Ele fica cortês demais quando está perto de mim, perto de nós, cortês demais até em relação a você, quase obsequioso, e tudo o que consegue é tornar as coisas mais incômodas. Nunca vamos superar isso se você não permitir. É com você.”

“É verdade que não esqueço”, disse ele, sério.

“O que não é muito justo, considerando o que alguns de nós tivemos de fazer para perdoar e esquecer”, disse ela, tão alterada que ela mesma se assustou. Sentiu-se como se pudesse explodir como o pacote que tinha sido levado embora.

Os olhos castanhos de Benton olhavam para ela, perscrutando-a em minúcias. Ele sentou-se e ficou imóvel, esperando o que estava por vir.

“Principalmente Marino. Principalmente Lucy. Os segredos que você obrigou-os a guardar. Foi péssimo para mim, mas tão injusto para com eles, ter de mentir por você. Não que eu esteja interessada em desenterrar o passado.” Mas ela não conseguia parar. O passado lhe subia pela garganta e já se assomava. Ela engoliu com força, tentando impedir-se de cuspir fora o passado, sobre toda a vida deles, sobre a vida dela e de Benton juntos.

Ele olhava para ela, com uma brandura, uma tristeza incomensurável nos olhos, o suor se acumulando sob o pescoço, desaparecendo nos cabelos grisalhos do peito, escorrendo para a barriga, molhando a cintura do pijama de algodão cinza que ela comprara para ele. Ele era magro e bem definido, músculos e pele firmes, ainda um homem atraente, bonito. O banheiro parecia uma estufa, úmido e quente depois do longo banho que não a fizera sentir-se menos contaminada, menos suja e boba. Ela não conseguia lavar de si o pacote de cheiro peculiar, o programa de Carley Crispin, o logo da CNN nem nada, e se sentia impotente.

“Bem, você não tem nada a dizer?” A voz dela tremia muito.

“Você sabe o que é isto.” Ele se pôs de pé.

“Não quero brigar.” Lágrimas assomaram-lhe aos olhos. “Devo estar cansada. É só isso. Estou cansada. Desculpe por estar tão cansada.”

“O sistema olfativo é uma das partes mais antigas do nosso cérebro, envia informações que governam as emoções, a memória, o comportamento.” Ele estava atrás dela e passou-lhe os braços em torno da cintura, os dois se olhando no espelho

embaçado. “O cheiro de algumas moléculas estimula todo o tipo de receptores.” Beijou-lhe a nuca, abraçou-a. “Diga-me que cheiro você sentiu. Conte tudo, com todos os detalhes que puder.”

Ela já não conseguia ver nada no espelho, os olhos rasos de lágrimas. Sussurrou: “Asfalto quente. Petróleo. Fósforos acesos. Carne humana queimando”.

Ele pegou outra toalha e pôs-se a esfregar-lhe o cabelo, massageando seu couro cabeludo.

“Não sei. Não sei exatamente”, disse ela.

“Não precisa saber exatamente. É o que isso faz você sentir, é isso o que precisamos saber exatamente.”

“Quem deixou o pacote conseguiu o que queria”, disse ela. “Foi uma bomba, mesmo que acabe não sendo.”

Lucy mantinha o Bell 407 em voo estacionário, na fila que esperava para pousar na pista de taxiamento. O vento sacudia o helicóptero como mãos enormes, enquanto ela aguardava que a torre autorizasse o pouso.

“Outra vez, não!”, disse ela a Berger, no assento da esquerda, o do copiloto, porque ela não era do tipo que viajava no banco de trás se pudesse escolher. “Não acredito, veja onde puseram a merda do carrinho.”

A plataforma de estacionamento oeste do aeroporto do condado de Westchester estava lotada de aeronaves, desde monomotores e aparelhos experimentais de fabricação caseira até um Challenger, de porte mais que médio, e um jatinho executivo Boeing. Lucy esforçou-se para ficar calma, sabendo que agitação e pilotagem formam uma combinação perigosa, mas não era preciso muito para tirá-la do sério. Era irrequieta, não conseguia ficar parada, odiava ficar parada, mas odiar uma coisa não faz com que ela desapareça, e ela não conseguiu se livrar da raiva. Depois de todos os seus esforços para controlar a situação e algumas coisas boas, felizes, terem acontecido, o que tornara aquilo mais fácil, a raiva voltava a sair do saco, talvez mais explosiva do que nunca, depois de tanto tempo abandonada e ignorada. Não tinha ido embora. Ela apenas pensara que tinha ido. “Ninguém mais inteligente, fisicamente bem-dotada ou mais amada que você”, gostava de dizer sua tia Kay. “Por que você está irritada o tempo todo?” Agora era Berger quem dizia isso. Berger e Scarpetta diziam o mesmo. A mesma língua, a mesma lógica, como se suas comunicações fossem emitidas na mesma frequência.

Lucy calculou a melhor aproximação para seu carrinho de bequilha, a pequena plataforma de madeira sobre rodas que tinham posto perto demais de outra aeronave e com a barra de reboque para o lado errado. A melhor solução seria um voo estacionário mais elevado entre as asas do Learjet e do King Air, que formavam um ângulo de sessenta graus. Eles suportariam melhor do que os pequenos o deslocamento de ar provocado pelo rotor do Bell. Depois, desceria direto em cima do carrinho, num ângulo mais pronunciado do que gostaria, e teria de pousar com um vento de vinte e oito nós açoitando a cauda, isso supondo que o controlador do tráfego aéreo voltasse a fazer contato com ela. Todo aquele vento soprando na sua traseira e ela tinha de tomar cuidado para não pousar com potência demais, de modo brusco, para que não entrasse fumaça na cabine. Berger ia reclamar da fumaça, teria uma de suas dores de cabeça, tão cedo não ia querer voar com Lucy de novo. Mais uma coisa que não fariam juntas.

“Isso é de propósito”, disse Lucy pelo intercomunicador, braços e pernas tensos,

mãos e pés firmes nos controles, dando duro para que o helicóptero nada mais fizesse além de manter sua posição a dez metros do solo. “Vou pegar o nome e o número dele.”

“A torre não tem nada a ver com onde põem os carrinhos.” A voz de Berger no auricular de Lucy.

“Você ouviu o que ele disse.” A atenção de Lucy estava do outro lado do parabrisa. Ela perscrutava as formas escuras das aeronaves, um numeroso rebanho de máquinas, observando as cordas ancoradas no pavimento, frouxas, com os extremos desfiados agitando-se sob a luz de seu spot NightSun de vinte milhões de velas. “Disse-me para pegar a Echo Route. Exatamente o que fiz, preocupada em seguir à risca suas instruções. Está de sacanagem comigo.”

“A torre tem coisas mais importantes a fazer do que se preocupar com a posição dos carrinhos.”

“Ele pode fazer o que quiser.”

“Deixa pra lá. Não vale a pena.” O timbre encorpado da voz firme de Berger era como madeira de lei. Cedro, mogno, teca. Lindo, mas inflexível, contundente.

“Toda vez que ele está em serviço é assim. É uma coisa pessoal.” Lucy mantinha o voo estacionário, olhava para fora, com cuidado para não ser arrastada.

“Não importa. Deixa pra lá.” Berger, a advogada.

Lucy se sentia injustamente acusada, não sabia bem de quê. Sentia-se controlada e julgada sem saber por quê. Era assim que sua tia a fazia se sentir. Era assim que todos a faziam se sentir. Mesmo quando Scarpetta dizia que não estava controlando ou julgando, fazia com que Lucy se sentisse controlada e julgada. Scarpetta e Berger não tinham muitos anos de diferença, eram quase da mesma idade, eram de uma geração totalmente diferente, havia toda uma camada de civilização entre Lucy e elas. Ela não achava que isso fosse problema, muito pelo contrário. Finalmente ela encontrara uma pessoa que exigia seu respeito, uma pessoa poderosa, realizada e jamais entediante.

Jaime Berger era irresistível, tinha o cabelo curto escuro e belos traços, muita classe nos genes, se cuidara bem. Era realmente encantadora e esperta como o diabo. Lucy adorava seu modo de olhar, de se movimentar e de se expressar, adorava o jeito como se vestia, seus terninhos ou suas calças de cotelê ou jeans, seu casaco de pele politicamente incorreto. Lucy ainda achava difícil acreditar que finalmente tinha encontrado o que sempre quisera, sempre imaginara. Não era perfeito. Não chegava nem perto da perfeição, e Lucy não entendia o que tinha acontecido. Elas estavam juntas não fazia nem um ano. As últimas semanas tinham sido horríveis.

Pressionando o botão do transmissor, Lucy disse pelo rádio: “Helicóptero novelim-foxtrot continua em espera”.

Depois de uma longa pausa, ouviu-se a voz impertinente de volta: “Chamando helicóptero, você sofreu interferência, repita solicitação”.

“Helicóptero nove-lima-foxtrot em espera”, Lucy repetiu, secamente. Soltando o botão do transmissor, falou com Berger pelo intercomunicador. “Não sofri interferência nenhuma. Você está ouvindo trânsito neste exato momento?”

Berger não respondeu e Lucy não olhou para ela, não olhou para nada que não fosse além do para-brisa. Voar tinha isso de bom. Ela não precisava olhar para ninguém se estivesse brava ou chateada. Nenhuma boa ação fica impune. Quantas vezes Marino tinha lhe dito isso, só que ele usava a palavra *favor*, não *boa ação*. Nenhum favor fica impune, era o que ele lhe dizia desde que ela era criança quando ele estava muito exasperado. Naquele momento, era como se ele fosse seu único amigo. Inacreditável. Não havia muito tempo ela teve vontade de meter uma bala na cabeça dele, como tinha feito com seu filho de merda, um fugitivo, procurado por assassinato, com cartazes de procura-se da Interpol, sentado numa cadeira do quarto 511 do Hotel Radisson em Szczecin, Polônia. Às vezes, saindo do nada, Rocco Junior voltava à cabeça dela, suando, tremendo, olhos esbugalhados, bandejas sujas por toda parte, o ar fedendo depois que ele se borrara todo. Implorando. E quando viu que não ia dar certo, subornando. Depois de tudo o que tinha feito a pessoas inocentes, suplicava uma segunda oportunidade, pedia clemência, ou tentava comprar uma saída.

Nenhuma boa ação fica impune, e Lucy não tinha feito uma boa ação, não se dispôs a fazê-la, porque se tivesse tido piedade e deixado Rocco vivo, ele teria matado o pai policial, para dar-lhe o troco. Peter Rocco Marino Junior tinha mudado o nome, era então Caggiano, de tanto que odiava o pai, e o pequeno Rocco, a erva daninha, tinha ordens, tinha um plano preciso para tirar seu velho de cena, a sangue-frio, quando estivesse em sua viagem anual de pesca, cuidando da vida em sua cabana em Bugs Lake. Como se fosse uma invasão de domicílio que deu errado. *Bem, pense de novo, pequeno Rocco*. Quando Lucy saiu daquele hotel, com os ouvidos zumbindo por causa do disparo, tudo o que sentia era alívio — bem, não exatamente. Era uma coisa sobre a qual ela e Marino não falavam. Ela tinha matado o filho dele, numa execução criteriosa que ficou parecendo suicídio, operação clandestina, era o trabalho dela, o que ela tinha a fazer. Mesmo assim, era filho de Marino, seu único filho, o último ramo de sua árvore genealógica, até onde ela sabia.

O controlador voltou a falar com ela. “Nove-lima-foxtrot aguarde.”

Filho da puta. Lucy imaginou-o sentado na sala escura de controle, rindo ao olhar para ela do alto de sua torre.

“Nove-lima-foxtrot”, respondeu, e depois, para Berger: “Fez a mesma coisa da última vez. Está me provocando”.

“Não se irrite.”

“Eu devia conseguir o telefone dele. Vou descobrir quem é o filho da puta.”

“Você está ficando irritada.”

“Melhor que não tenham perdido meu carro, ou acabado com ele.”

“A torre não tem nada a ver com o estacionamento.”

“Espero que você tenha influência na polícia rodoviária, eu vou acelerar”, disse Lucy. “Não podemos nos atrasar.”

“Não foi uma boa ideia. Devíamos ter deixado para outra ocasião.”

“Outra ocasião não teria sido seu aniversário”, disse Lucy.

Não ia se permitir sentir mágoa, não quando estava pousando com quase noventa por cento de torque, um vento cruzado castigando seu cone de cauda, tentando fazê-lo virar enquanto ela o mantinha firme com os pedais, fazendo correções mínimas com o manche cíclico e o coletivo. Berger estava admitindo, estava dizendo a verdade: ela não queria ter ido a Vermont no seu aniversário. Não que Lucy precisasse ouvir isso, bom Deus. Sozinha diante da lareira, olhando pela janela as luzes de Stowe, olhando a neve, era como se Berger estivesse no México, tão distante, tão preocupada. Como chefe da Unidade de Crimes Sexuais da promotoria de Nova York, ela era responsável pelos casos que acabavam sendo os mais cruentos nos cinco distritos da cidade. Poucas horas depois do desaparecimento de Hannah Starr, generalizou-se a suposição de que ela tinha sido vítima de um crime, possivelmente um crime sexual. Depois de três semanas de pesquisas, Berger tinha uma teoria bem diferente — graças a Lucy e a suas técnicas de informática forense. A recompensa de Lucy? Berger não conseguia pensar em outra coisa. Aí a corredora tinha de morrer. Uma escapada de surpresa, que Lucy planejava havia meses, foi para o espaço. Outra boa ação punida.

Lucy, por outro lado, com suas próprias preocupações e emoções, conseguiu bebericar um Chablis *grand cru* junto da lareira enquanto dava asas, inadvertidamente, a seus próprios pensamentos sombrios, muito sombrios, pensamentos assustadores sobre erros cometidos, sobre o erro que tinha cometido com Hannah Starr. Lucy não se perdoava e não conseguia se livrar daquilo. Tão furiosa e cheia de ódio se sentia que era como estar doente, com fadiga crônica ou mioneuralgia, sempre a fazendo se sentir infeliz. Mas ela não demonstrava nada. Berger não sabia e possivelmente não compreenderia o que ocorria dentro de Lucy. Depois de anos de operações ultrassecretas com o FBI e com o Afae, depois de investigações paramilitares e particulares, ela controlava o que demonstrava e o que guardava para si, tinha de ter controle absoluto sobre si mesma quando a mais leve expressão facial podia arruinar um caso ou causar sua própria morte.

De um ponto de vista objetivo e ético, ela não deveria ter concordado em fazer a análise forense por computador sobre o caso Hannah Starr, era evidente que devia ter recusado, mas não ia fazer isso, sabendo o que Hannah tinha feito

deliberadamente. Com tanta gente no mundo, Lucy tinha de ser a escolhida para cuidar de uma farsa como aquela. Ela tinha sua própria história com Hannah Starr, bastante mais devastadora do que havia imaginado antes de começar a procurar e reconstituir os arquivos eletrônicos e contas de e-mail daquela putinha mimada, e passar dia após dia lendo os e-mails que seu amado maridinho Bobby continuava lhe mandando. Quanto mais Lucy descobria, mais desprezo sentia, mais sua raiva se justificava. Ela não ia parar agora, ninguém poderia convencê-la disso.

O helicóptero permanecia imóvel sobre a linha amarela, ouvindo o controlador de voo mandar de um lado para outro o pobre piloto de um Hawker. O que havia de errado com as pessoas? Quando a economia entrou em queda livre, e o mundo parecia que ia acabar, Lucy tinha achado que as pessoas deviam se comportar melhor, como tinham feito depois do Onze de Setembro. Se não por outra coisa, você fica com medo e entra em modo de sobrevivência. As chances de sobrevivência são maiores se você for civilizado e não sair por aí enchendo o saco dos outros, a menos que tenha algo de palpável a ganhar com isso. Não havia nada palpável com o que o imbecil do controlador de voo estava fazendo com Lucy, com outros pilotos, ele só fazia isso porque estava lá, anônimo, em sua torre, o covarde de merda. Ela estava tentada a confrontá-lo, subir na torre e apertar o botão do intercomunicador pela porta trancada. Alguém a faria entrar. O pessoal da torre sabia muito bem quem era ela. *Cristo*, disse a si mesma. *Calma*. Além do mais, não havia tempo.

Depois do pouso, ela não ia reabastecer. Ela não ia esperar a merda do caminhão-tanque. Ia levar uma vida, talvez nem viesse, do jeito que as coisas estavam indo. Ela ia fechar o helicóptero, pegar o carro e correr para Manhattan. Se não houvesse novos atrasos, elas estariam no apartamento dela no Village à uma e meia. No limite para uma entrevista, às duas, que elas nunca mais conseguiriam marcar e que talvez levasse a Hannah Starr, cujo desaparecimento tinha atraído a atenção mórbida do público desde a véspera do Dia de Ação de Graças, quando ela teria sido vista pela última vez tomando um táxi amarelo na rua Barrow. Ironicamente, a poucas quadras da casa de Lucy, Berger tinha mencionado mais de uma vez. *“E você estava em casa naquela noite. Uma pena que não tenha visto nada.”*

“Helicóptero nove-lima-foxtrot”, ouviu-se no ar a voz do controlador. “Pode seguir para o estacionamento. O pouso está sob sua responsabilidade. Se não conhece bem o aeroporto, deve nos informar.”

“Nove-lima-foxtrot”, disse Lucy sem nenhuma inflexão na voz, como fazia antes de eliminar alguém, ou ameaçá-lo de morte. O helicóptero avançou.

Ela manteve o helicóptero em voo estacionário sobre a plataforma de pouso, fez uma descida vertical e pousou em seu carrinho, situado entre um helicóptero Robinson que lembrava uma libélula e um jatinho Gulfstream que lembrou-lhe Hannah Starr. O vento alcançou o cone de cauda do helicóptero e a cabine se encheu

de fumaça.

“Não conhece bem?” Lucy levou a posição do acelerador ao mínimo e desligou o alarme de baixa rotação. “*Se não conheço bem?* Ouviu isso? Ele está querendo me fazer parecer um piloto de merda.”

Berger ficou em silêncio, no cheiro forte da fumaça.

“Agora ele faz isso todas as vezes.” Lucy ergueu o braço e desligou os interruptores no alto. “Desculpe pela fumaça. Você está bem? Espere dois minutinhos. Sinto muito mesmo.” Ela queria enfrentar o controlador. Não ia deixar passar.

Berger tirou o auricular e abriu a janela, pondo o rosto o mais perto dela que pôde.

“Abrir a janela é pior”, lembrou-lhe Lucy. Ela iria até a torre, pegaria o elevador até lá em cima e ia fazê-lo ver uma coisa ali mesmo na sala de controle, bem na frente de seus colegas.

Ela observou os segundos se escoando no relógio digital, cinquenta e poucos segundos para sair, sua ansiedade e sua raiva só crescendo. Ela ia procurar e descobrir o nome do puto do controlador de voo. O que ela tinha feito a ele ou a qualquer pessoa que trabalhasse ali que não fosse tratá-los com respeito, cuidar de sua vida, dar boas gorjetas e pagar as tarifas? Trinta e um segundos para sair. Ela não sabia o nome dele. Não o conhecia. Não tinha sido nunca menos que profissional quando estava no ar, sem se importar com a rudeza dele, e ele era sempre rude com todos. *Está certo. Se ele queria briga, ia ter. Jesus Cristo.* Ele não fazia ideia de com quem estava se metendo.

Pelo rádio, Lucy ligou para a torre, e o mesmo controlador atendeu.

“Pedindo o telefone de seu supervisor”, disse Lucy.

Ele o deu porque não tinha escolha. Normas da aviação federal. Ela anotou o número em sua prancheta. Ia deixá-lo preocupado. Fazê-lo suar. Ela ligou pelo rádio para o operador de base fixa, o fbo, e pediu que lhe trouxessem o carro e rebocassem o helicóptero para o hangar. Imaginou que a próxima surpresa desagradável seria um arranhão em sua Ferrari. Talvez o controlador tenha cuidado disso também. Desligou o acelerador e silenciou o alarme pela última vez. Tirou o auricular, colocou-o num cabide.

“Estou saindo”, disse Berger ainda na cabine do piloto, escura e fedorenta. “Você não precisa arrumar briga com ninguém.”

Lucy alcançou o freio do rotor, puxou-o para baixo. “Espere até que eu pare as pás. Lembre-se de que estamos no carrinho, não estamos no chão. Não se esqueça disso ao sair. Só um segundinho.”

Berger soltou o cinto de quatro pontos enquanto Lucy concluía as operações. Certificando-se de que o tacômetro do ng marcava zero, ela desligou o comutador da

bateria. Saltaram, Lucy agarrou as bolsas das duas e fechou o aparelho. Berger não esperou, encaminhou-se para o fbo, andando rápido entre as aeronaves, desviando das esteiras e de um caminhão-tanque, sua figura esbelta envolta no casaco longo de mink avançando e retrocedendo. Lucy conhecia a rotina. Berger ia correr para o banheiro feminino, engolir quatro Advil ou um Zomig, e molhar o rosto com água fria. Em outras circunstâncias, ela não entraria no carro de imediato, se daria uma chance de se recompor e caminharia um pouco no ar frio. Mas não havia tempo.

Se não estivessem no apartamento de Lucy às duas, Hap Judd ficaria assustado, iria embora e nunca mais faria contato com Berger. Ele não era do tipo que aceitava desculpas de espécie alguma, sempre achava que a desculpa era um stratagemema. Tinha caído numa armadilha, os paparazzi estavam na virada da esquina, era exatamente o que ele ia pensar, porque era paranoico pra burro e culpado pra burro. Ele as deixaria a ver navios. Contrataria um advogado, e mesmo o mais bobo dos advogados lhe diria que não falasse, e a mais promissora das pistas se perderia. Hannah Starr jamais seria encontrada, nem agora nem nunca, e ela merecia ser encontrada, a bem da verdade e da justiça — ainda que não a favor dela. Ela não merecia algo que tinha negado a todos os demais. Que piada. O público não fazia ideia. O mundo inteiro tinha pena dela.

Lucy nunca tinha sentido pena de Hannah, mas só entendeu exatamente o que sentia por ela havia três semanas. Quando Hannah foi dada como desaparecida, Lucy percebeu claramente o dano que essa mulher podia causar e que de fato causou, só não reconheceu que tinha sido deliberado. Tinha atribuído ao azar, ao mercado, à economia em crise, ao conselho superficial de uma pessoa superficial, um favor que recebeu punição, mas nada malévolo ou premeditado. Errado. Errado. Errado. Hannah Starr era diabólica, era má. Se pelo menos Lucy tivesse dado mais importância a seus instintos, porque a primeira impressão que teve quando ela e Hannah se conheceram, na Flórida, não foi boa, não foi nada boa, ela agora entendia isso. Hannah era gentil e simpática, quase sedutora, mas havia algo mais. Lucy compreendia agora o que na época não quisera compreender. Talvez fosse o modo como Hannah olhava sem parar para as lanchas possantes que passavam, fazendo um ruído insuportável embaixo da varanda de seu apartamento elegante em North Miami Beach, tão forte que Lucy mal ouvia a própria voz. Cobiça, cobiça desenfreada. E competitividade.

“Aposto que você tem uma destas malocada em algum lugar”, disse Hannah, com sua voz rouca e potente, ao ver uma lancha 46 Rider xp casco triplo, motores internos de pelo menos noventa e cinco cavalos cada, saindo para o mar roncando como uma moto Harley à toda, como se seu ouvido estivesse colado aos canos de escape do motor Screamin’ Eagle.

“Não gosto de lanchas de alta velocidade.” Para dizer a verdade, Lucy as odiava.

“Não acredito. Você e todas as suas máquinas? Lembro muito bem como você ficava babando nos carros do meu pai. Você foi a única pessoa que ele deixou dirigir o Enzo dele. Eu não podia acreditar, você era só uma pirralha. Acho que uma Cigarette seria a sua cara.”

“De jeito nenhum.”

“E pensei que te conhecesse...”

“Elas não me levam a nenhum lugar a que eu tenha de ir, a menos que eu tivesse uma vida secreta e transportasse drogas e encomendas para a máfia russa.”

“Vida secreta? Conte, vamos”, dissera Hannah.

“Mas não tenho.”

“Deus, veja essa!” Outra lancha, deixando uma larga esteira de renda branca, saiu do canal litorâneo sob o elevado em direção ao oceano. “Mais uma de minhas ambições. Ter uma dessas um dia. Não uma vida secreta, mas uma lancha como essa.”

“Se você tiver, melhor não me contar. E não estou falando de lanchas.”

“Eu não, querida. Minha vida é um livro aberto.” O anel de brilhante art déco de Hannah faiscou à luz do sol quando ela pôs as mãos no parapeito, olhando a água verde-azulada, o céu azul-claro e a longa faixa de areia escura salpicada de guarda-sóis fechados que pareciam pirulitos e de palmeiras cujas folhas começavam a amarelecer nas beiradas.

Lucy lembrava-se de ter pensado que Hannah bem podia ter saído do anúncio de um resort cinco estrelas, vestida com seu Ungaro de seda prêt-à-porter, loura e bela, com o peso certo para ser sensual e a idade necessária para ter credibilidade como financista de alto nível. Quarenta anos e perfeita, uma daquelas pessoas afortunadas, intocada pela vulgaridade, pelas privações, por qualquer coisa desagradável, o tipo de pessoa que Lucy sempre evitava nas festas e nos jantares nababescos dados pelo pai dela, Rupe Starr. Hannah parecia incapaz de cometer um crime, até porque não precisava se incomodar com coisas sujas como mentir e roubar até as calças de alguém. Lucy não lera corretamente o livro aberto de Hannah, tudo bem, e sofreu um prejuízo incalculável. Um golpe de nove dígitos por causa de um favorzinho de Hannah. Uma mentira leva a outra, e agora estava vivendo uma mentira, embora tivesse seu próprio conceito do que fosse mentir. Uma mentira não era propriamente uma mentira se o resultado final fosse a verdade.

Ela parou no meio da área de estacionamento e tentou encontrar Marino pelo BlackBerry. Naquele momento ele deveria estar em ação, verificando o paradeiro de Hap Judd, para garantir que não resolvesse dar para trás depois de toda a palhaçada de marcar o encontro de madrugada para não ser reconhecido. Não queria que alguma coisa fosse parar na página seis do *Post*, ou se espalhasse pela internet. Talvez ele devesse ter pensado nisso antes de ignorar o contato de Jaime Berger da

primeira vez que ela tentou encontrá-lo, três semanas antes. Talvez devesse ter pensado e ponto final, antes de dar com a língua nos dentes diante de um estranho que, sabe-se lá, acabou sendo um amigo de Lucy, um informante.

“É você?”, a voz de Marino no fone de ouvido. “Estava achando que você tinha decidido visitar John Denver.”

Lucy não riu, não deu sequer um sorriso. Ela nunca brincava com pessoas mortas em acidentes. Aeroplanos, helicópteros, motos, carros, naves espaciais. Não tinha graça.

“Te mandei um MapQuest”, disse Marino, enquanto ela recomeçava a andar pelo asfalto, carregando a bagagem nos ombros. “Sei que aquele seu carro de corrida não tem gps.”

“E por que diabos eu ia precisar de gps para chegar em casa?”

“Há ruas fechadas e desvios por causa de um pequeno incidente que eu não quis mencionar enquanto você estava voando naquela sua máquina mortífera. Além disso, você estava levando o pacote.” Ele se referia a Berger, sua chefe. “Se você se perder ou se atrasar para o encontro das duas, adivinhe quem vai levar a culpa? Ela já vai ficar brava quando eu não aparecer.”

“Não vai aparecer? Melhor ainda”, disse Lucy.

Tudo o que ela tinha pedido a ele era que lhe desse um tempo, que se atrasasse trinta ou quarenta minutos, para que ela tivesse oportunidade de conversar a sós com Hap Judd. Se Marino estivesse lá desde o início, ela não ia conseguir manobrar a entrevista do jeito que queria, e o que queria era uma desconstrução. Lucy tinha um talento especial para o interrogatório, e pretendia descobrir algo que precisava saber para tomar conta da situação.

“Você está acompanhando as notícias?”, perguntou Marino.

“Nas paradas de reabastecimento. Sabemos do que está rolando na internet sobre o táxi amarelo, a relação entre Hannah e a corredora.” Ela supunha que ele tinha se referido a isso.

“Suponho que você não tenha monitorado o Escritório de Emergências.”

“De que jeito? Não tive tempo. Me desviaram duas vezes. Um aeroporto estava sem combustível; o outro, cheio de neve. O que está acontecendo?”

“Um FedEx que deixaram no edifício de sua tia. Ela está bem, mas é melhor você ligar.”

“Um FedEx? Do que você está falando?” Lucy se deteve.

“Não sabemos o que há no pacote. Pode ter algo a ver com uma paciente de Benton. Uma maluca que deixou um presente de Natal para a doutora. Foi levado para Rodman’s Neck pelo trenó do Papai Noel. Não faz nem uma hora, está indo bem na sua direção, pela via expressa Cross Bronx, que você deve cruzar ao sair de White Plains, por isso mandei o mapa. Por via das dúvidas, direcionei você para o

leste do Bronx.”

“Que merda. Com que pessoa do esquadrão de explosivos você falou? Quero falar com essa pessoa.” A sexta delegacia, onde ficava a sede do esquadrão de explosivos, era no Village, perto do apartamento de Lucy. Ela conhecia alguns dos técnicos.

“Obrigado, agente especial do Afae, mas está tudo sob controle. O Departamento de Polícia de Nova York vai dar um jeito de resolver o caso sem sua ajuda. Estou fazendo o que deve ser feito, não se preocupe. A doutora vai te contar tudo. Ela está bem. Essa mesma maluca do Benton pode ter uma relação com Hollywood.” Era o apelido sarcástico que Marino aplicava a Hap Judd. “Vou investigar isso no cctr. Mas talvez a sujeita apareça. O nome dela é Dodie Hodge. Paciente psiquiátrica do McLean’s.”

“Por que ela o conheceria?” Lucy recomeçara a caminhar.

“Pode ser mais uma fantasia, uma alucinação, certo? Mas depois do que aconteceu no edifício de sua tia, talvez você devesse perguntar a Hollywood a respeito dela. Estarei no cctr provavelmente a noite toda. Explique isso à chefe.” Ele se referia a Berger. “Não quero que se enfureça comigo. Mas isso é importante. Vou chegar até o fim disso antes que aconteça algo pior.”

“Então, onde você está? Em TriBeCa?” Lucy se contorcia para passar entre as asas dos jatos, evitando extensões que sobressaíam como nadadeiras dorsais e antenas que podiam arrancar o olho de uma pessoa. Uma vez, ela tinha visto um piloto que tomava café e falava ao telefone abrir a cabeça no *aileron* de seu Junker.

“Passei pela casa de Hollywood há alguns minutos, indo para a cidade. Parece que estava em casa. Isso é bom. Talvez ele apareça”, disse Marino.

“Você devia tê-lo vigiado, garantir que ele venha. Foi o que combinamos.” Lucy não suportava depender de outra pessoa para fazer as coisas. Droga de tempo. Se ela tivesse chegado mais cedo, ia ficar na cola de Hap Judd e garantir que ele não faltasse ao encontro.

“Tenho coisas mais importantes a fazer agora do que perseguir um perverso que se acha o novo James Dean. Ligue se você tiver de pegar um desvio e se perder, Amelia Earhart.”

Lucy tirou o fone do ouvido e acelerou o passo. Pensou em ligar para a tia, depois pensou no número que tinha anotado na prancheta. Talvez fosse bom ligar para o supervisor antes de sair do aeroporto. Talvez fosse melhor esperar até amanhã e ligar para o centro de controle aéreo, ou, melhor ainda, reclamar junto à Administração Federal de Aviação e fazer o cara ser mandado para um curso de reciclagem. Ela punha fogo pelas ventas só de lembrar o que ele dissera pela radiofrequência da torre, para que todos o ouvissem acusá-la de ser um piloto incompetente, de não conhecer o aeroporto que usava para decolagens e pousos várias vezes por semana.

Ela guardava seu helicóptero e o jatinho Citation X ali, por Deus. Talvez fosse por isso. Fazê-la cair um ou dois furos, tripudiar, porque ele tinha ouvido boatos ou estava fazendo suposições sobre o que tinha acontecido com ela durante o que todos chamavam de pior catástrofe econômica desde os anos 1930. Só que não foi a quebra da bolsa o que causou o maior prejuízo. Foi Hannah Starr. Um favor, um presente que o pai dela, Rupe, quis que Lucy aceitasse. Um ato de despedida. Quando Hannah estava saindo com Bobby, era tudo o que ouvia. Lucy daqui, Lucy dali.

“Ele pensava que você fosse uma Einstein. Uma linda Einstein, um pouco machona. Ele adorava você”, dissera Hannah a Lucy havia menos de seis meses.

Sedução ou brincadeira, Lucy não descobriu o que Hannah quis dizer com aquilo, ou o que sabia, ou o que supunha. Rupe conhecia os detalhes da vida de Lucy, isso é certo. Óculos de armações de ouro, cabelos brancos emaranhados, olhos de um azul acinzentado, um homem minúsculo em ternos imaculados, tão honrado quanto inteligente. Não se importava com quem quer que pudesse estar deitando com Lucy, contanto que ficasse longe dos bolsos dele, contanto que não custasse a Lucy mais do que ela queria pagar. Ele aceitava que mulheres amassem mulheres, já que ele também as amava, dizia que ele bem podia ser uma lésbica porque se fosse mulher ia gostar de mulheres. Afinal, o que era uma pessoa? Era o que estava em seu coração, ele dizia. Sempre sorrindo. Um homem bom, decente. O pai que Lucy nunca teve. Quando morreu, em maio, durante uma viagem de negócios à Geórgia, acometido de uma infecção por salmonela que passou por cima dele como uma betoneira, Lucy não queria crer, ficou devastada. Como uma pessoa como Rupe podia ser derrubada por um pimentão? A existência dependia apenas da merda da ideia de pedir comida mexicana?

“Sentimos muito a falta dele. Era meu mentor e meu melhor amigo.” Isso em junho. Hannah em sua varanda, vendo passar lanchas de um milhão de dólares. “Você se deu bem com ele. Pode se dar ainda melhor comigo.”

Lucy disse não, obrigada, mais de uma vez, obrigada. Ela não se sentia à vontade confiando a Hannah Starr toda a sua carteira de ações. Porra, querida, não tem como, Lucy havia dito, polidamente. Pelo menos naquela ocasião ela tinha dado ouvidos a sua intuição, mas devia ter-lhe dado atenção quanto ao que pressentiu em relação ao favor. Não faça. Mas Lucy fez. Talvez por necessidade de impressionar Hannah, com quem Lucy competia. Talvez fosse sua ferida, aquela em que Hannah meteu o dedo porque era astuta o bastante para reconhecê-la. Lucy tinha sido abandonada por seu pai na infância, e na idade adulta não queria ser abandonada por Rupe. Ele tinha administrado o dinheiro dela desde o primeiro momento, e nunca deixou de ser honesto, e se preocupava com ela. Era amigo dela. Teria desejado que Lucy tivesse algo especial quando ele deixasse a vida, porque ela era especial para ele.

“Uma dica que ele teria dado a você se tivesse vivido o bastante”, disse Hannah, roçando os dedos de Lucy ao entregar a ela um cartão com sua esplêndida letra no verso: Financeira Bay Bridge e um número de telefone.

“Você era uma filha para ele, e ele me fez prometer que eu tomaria conta de você”, disse Hannah.

Como ele poderia ter dito tal coisa a Hannah? Lucy entendeu isso tarde demais. Ele tinha ficado doente de repente, Hannah não o vira nem falara com ele antes que morresse, em Atlanta. Lucy não fez essa pergunta até nove dígitos mais tarde, e agora tinha certeza de que havia algo além da substancial propina que Hannah deve ter recebido para conduzir gente rica ao abatedouro. Ela quisera ferir Lucy apenas pelo prazer de feri-la, incapacitá-la, enfraquecê-la.

O controlador de tráfego aéreo não tinha como saber coisa alguma sobre o que acontecera ao patrimônio líquido de Lucy, não tinha como ter a mais remota ideia sobre seu prejuízo e sua degradação. Ela estava ficando ansiosa demais, acesa demais e irracional — de um modo que Berger chamara de patológico —, de péssimo humor porque o fim de semana de surpresa que ela planejava havia meses tinha sido um fracasso, e Berger tinha ficado distante e irritável, rejeitando-a de todos os modos possíveis. Berger a ignorara no chalé e na hora de ir embora. A bordo do helicóptero as coisas não melhoraram. Durante metade do voo ela não falara de nada pessoal, e depois ficou mandando mensagens de texto pelo celular do helicóptero por causa de Carley Crispin, táxis amarelos e quem sabe o que mais, cada desfeita levando de volta à mesma maldita coisa: Hannah. Ela tinha tomado conta da vida de Berger e tirado mais uma coisa de Lucy, dessa vez uma coisa sem preço.

Lucy deu uma olhada para a torre de controle, cuja cabine de vidro brilhava como um farol, e imaginou o controlador, o inimigo, sentado diante de um monitor de radar, fitando alvos e códigos luminosos que representavam seres humanos reais num avião real, todos fazendo o possível para chegar aonde queriam em segurança, enquanto ele rosnava ordens e insultos. *Um bosta*. Ela devia enfrentá-lo. Ela ia enfrentar alguém.

“Então, quem rebocou meu carrinho de bequilha e deixou-o a favor do vento?”, ela perguntou ao primeiro aeroportuário que encontrou no fbo.

“Tem certeza?” Era um rapazinho magro e espinhento, vestido com um macacão enorme de material isolante, raquetes de sinalização nos bolsos do casacão de trabalho. Ele não a olhou nos olhos.

“Se tenho certeza?”, disse ela, como se não tivesse ouvido bem.

“Quer perguntar a meu supervisor?”

“Não, não quero perguntar a seu supervisor. É a terceira vez nas últimas duas semanas que pouso a favor do vento, F. J. Reed.” Ela leu o nome no crachá. “Sabe o

que isso significa? Significa que quem tira meu carrinho de bequilha do hangar o deixa com a barra de reboque virada para o lado errado — e me faz pousar a favor do vento.”

“Não fui eu. Nunca *orienteio* nada a favor do vento.”

“Não existe esse *eio*.”

“Hum?”

“Diz-se ‘nunca oriento’”, disse Lucy. “Você sabe alguma coisa de aerodinâmica, F. J. Reed? As aeronaves, e isso inclui os helicópteros, pousam e decolam com o vento vindo de frente, não vindo da bunda. Os ventos cruzados também fodem com tudo. Sabe por quê? Porque a velocidade do vento é igual à velocidade no ar menos a velocidade no solo, e a direção do vento muda a trajetória do voo, fode com o ângulo de ataque. Se você não estiver contra o vento na decolagem, é mais difícil atingir a sustentação translacional. No pouso, você pode perder altura ainda com potência e se esborrachar. Quem é o controlador com quem falei? Você conhece os caras da torre, não conhece, F. J. Reed?”

“Na verdade, não conheço ninguém da torre.”

“É mesmo?”

“Sim, senhora. O seu é o preto, com o sensor de visão frontal infravermelha e o farol de busca NightSun. Parecido com os da Segurança Nacional. Mas eu saberia se a senhora fosse de lá. Conhecemos quem entra e quem sai daqui.”

Lucy tinha certeza disso. Era ele o cretino que tinha tirado seu carrinho do hangar e o deixara de propósito virado do lado errado porque o animal da torre de controle lhe dissera que fizesse isso, ou pelo menos o incentivara a azucriná-la, fazê-la de boba, humilhá-la e diminuí-la.

“Agradeço. Você disse o que eu precisava saber”, disse ela.

Afastou-se pisando duro e viu Berger saindo do banheiro, abotoando o casaco de pele. Lucy podia jurar que ela tinha lavado repetidamente o rosto com água fria. Não era preciso muita coisa para que Berger sentisse o que ela chamava de “enxaqueca” e Lucy, de “cefaleia”. Elas saíram do fbo e pegaram o 599gtb, com o motor de doze cilindros roncando alto enquanto Lucy percorria com sua lanterna Surefire a reluzente pintura *rosso barchetta*, de um vermelho profundo como o de um bom tinto, procurando o menor arranhão, o menor sinal de que seu supercupê de 611 cavalos tivesse sofrido algum dano ou acidente. Verificou os pneus *run-flat* e olhou dentro do porta-malas enquanto acomodava a bagagem. Pôs-se ao volante de fibra de carbono e perscrutou o painel, tomando nota da quilometragem, verificando em que estação estava o rádio, era melhor que estivesse na que ela havia deixado, assegurando-se de que ninguém tinha pegado a Ferrari para um passeio durante o período em que ela e Berger tinham estado fora, ou, para usar as palavras de Berger, “presas em Stowe”. Lucy pensou no e-mail mandado por Marino, mas não o

procurou. Não precisava da ajuda dele para a navegação, não importava que o trânsito tivesse sido desviado e as ruas fechadas. Ela tinha de ligar para sua tia.

“Não o vejo”, disse Berger, seu perfil puro e adorável na semiobscuridade.

“Melhor para ele que eu não o veja”, disse Lucy, engrenando a primeira.

“Por causa da gorjeta, eu quis dizer. Não dei gorjeta ao guardador.”

“Nada de gorjeta. Alguma coisa está errada. Até que eu descubra o que é, não volto a ser boazinha. Como é que você está se sentindo?”

“Estou bem.”

“Marino diz que alguém, uma antiga paciente de Benton, deixou um pacote no edifício de minha tia. Tiveram de chamar o esquadrão de explosivos. O pacote está em Rodman’s Neck”, disse Lucy.

“É por isso que nunca tiro férias. É só eu sair e veja o que acontece.”

“O nome dela é Dodie Hodge, e Marino diz que ela deve ter alguma ligação com Hap Judd e vai investigá-la pelo cctr.”

“Você encontrou alguma coisa sobre ela?”, perguntou Berger. “Com todas as pesquisas que fez, acho que teria encontrado, se houvesse alguma coisa.”

“Não me diz nada”, disse Lucy. “Devíamos perguntar a Hap sobre ela, descobrir de onde a conhece, se é que a conhece. Não estou gostando nada disso, e agora parece que esse imbecil está ligado de alguma forma a alguém que acaba de deixar um pacote para minha tia.”

“É cedo para fazer essa relação.”

“Marino está até o pescoço de trabalho. Pediu que eu lhe avisasse.”

“E isso quer dizer o quê?”

“Ele só pediu que dissesse a você que tem uma pilha de coisas para resolver. Parecia bem agitado”, disse Lucy.

Ela reduziu para terceira depois que atingiu cem por hora em três segundos. Ganhou a pista de acesso e segurou as pontas na Route 120. Na Parkway, dá para dirigir a cento e sessenta por hora com um pé nas costas. Ela não ia dizer a Berger que Marino não iria à entrevista.

“Devagar”, protestou Berger.

“Que merda. Eu falei com tia Kay sobre essa história de aparecer ao vivo na TV.” Dobrava as esquinas como se quisesse derrapar, o manettino no modo corrida, a direção hidráulica desligada. “É a mesma coisa que te preocupa. Se você aparece ao vivo na TV, todos sabem onde você está. Era óbvio que ela estava na cidade ontem à noite, e há muitas maneiras de dificultar que as pessoas façam merdas como essa. Ela devia dificultar muito a possibilidade de lhe fazerem merdas como essa.”

“Não vamos responsabilizar a vítima. Não foi culpa de Kay.”

“Já lhe disse mil vezes para ficar longe de Carley Crispin, cacete.” Lucy acendeu os faróis altos em cima de um panaca que se arrastava na frente dela, ultrapassou-o,

fazendo-o comer poeira.

“Não é culpa dela. Ela acha que está ajudando”, disse Berger. “Deus sabe a escória que há por aí. Sobretudo nos tribunais. Todo mundo se considera especialista. Devagar e sempre, pessoas inteligentes como Kay precisam pôr as coisas no lugar. Todos nós precisamos.”

“Ajudando Carley. Provavelmente é a única pessoa a quem tia Kay está ajudando. E você não põe as coisas no lugar com gente assim. É claro. Veja só o que aconteceu. Vamos ver quantas pessoas ainda vão tomar táxis de manhã.”

“Por que você é tão inflexível com ela?”

Lucy acelerou e não respondeu.

“Talvez pela mesma razão pela qual é inflexível comigo”, disse Berger, olhando direto para a frente.

“Por que razão seria? Vejo você quanto? Duas noites por semana? Lamento que você tenha detestado seu aniversário.”

“Detesto todos”, disse Berger, da maneira que empregava quando queria aliviar a tensão. “Espere só até passar dos quarenta. Você também vai odiar seus aniversários.”

“Não foi o que eu quis dizer.”

“Eu sei o que você quis dizer.”

Lucy acelerou mais.

“Devo supor que Marino esteja a caminho de seu apartamento?”, perguntou Berger.

“Ele disse que devia se atrasar um pouco.” Uma dessas mentiras que não são bem mentiras.

“Não tenho bons pressentimentos sobre isso.” Berger pensava em Hannah Starr, em Hap Judd. Preocupada, obsessiva, mas não com Lucy. Não importa o quanto Berger a tranquilizasse ou se desculpasse, as coisas tinham mudado.

Lucy tentava lembrar exatamente em que momento. No verão, talvez, quando a municipalidade começou a anunciar cortes de verbas e o planeta começou a sair dos eixos. Depois, nas duas últimas semanas, melhor não lembrar. E agora? Tinha desaparecido. O sentimento tinha desaparecido. Acabou. Mas não podia ser. Lucy não ia permitir que o amor fosse embora. De algum jeito ela tinha de impedir que o amor a abandonasse.

“Vou dizer de novo. Tudo depende do resultado.” Lucy procurou a mão de Berger, puxou-a para si, e acariciou-a com o polegar. “Hap Judd vai falar porque é um sociopata arrogante, porque só age em causa própria, e acredita que isto lhe diz respeito.”

“Não significa que eu me sinta à vontade”, disse Berger, entrelaçando os dedos aos de Lucy. “Está a um fio de cabelo de incitação ao crime. Talvez menos de um

fio de cabelo.”

“Vamos começar outra vez. Está tudo certo. Não se preocupe. Eric levava quatro gramas de maconha da melhor qualidade para tratamento da dor. Não há nada de errado com o uso terapêutico da maconha. Como foi que ele a conseguiu? Talvez com Hap. Ele é maconheiro.”

“Lembre-se de com quem você está falando. Não quero saber nada a respeito de onde Eric... ou você... consegue sua maconha dita terapêutica, e estou supondo que você não tem isso, que nunca teve.” Berger já tinha dito isso antes, muitas vezes. “Seria melhor que eu não descobrisse que você está cultivando isso em casa, em algum lugar.”

“Não estou. Já não faço essas coisas. Há anos que não acendo um. Juro.” Lucy sorriu ao descer a pista de saída para a I-684 South, o contato com Berger tranquilizando-a, restabelecendo sua confiança. “Eric tinha alguns baseados. Por acaso estava se divertindo quando por acaso se encontrou com Hap, que por acaso frequenta os mesmos lugares, é um animal metódico. Não é muito esperto. É fácil encontrá-lo e fazer amizade com ele.”

“Sim, você já disse. E eu continuo dizendo o seguinte: o que vai acontecer se Eric decidir falar o que não deve? Com o advogado de Hap, porque ele vai ter de contratar algum. Depois que eu falar com ele, vai ter.”

“Eric gosta de mim, e lhe dou trabalho.”

“Exatamente. E você confia num faz-tudo.”

“Um maconheiro fichado”, disse Lucy. “Não tem credibilidade, ninguém lhe daria crédito se as coisas chegassem a esse ponto. Não há motivo de preocupação, eu juro.”

“Tenho muitos motivos de preocupação. Você induziu um ator famoso...”

“Ele não é nenhum Christian Bale, pelo amor de Deus”, disse Lucy. “Você nunca tinha ouvido falar de Hap Judd antes disso.”

“Ouvi falar dele agora, e é bem famoso. Para ir direto ao assunto, você o induziu a violar a lei, a usar uma substância controlada, e fez isso na qualidade de servidora pública, como meio de conseguir provas contra ele.”

“Eu não estava aqui, sequer estava em Nova York”, disse Lucy. “Você e eu estávamos em Vermont na segunda à noite quando Hap e meu pau-mandado se divertiram um tanto.”

“Então, foi por isso que você quis me sequestrar em dias úteis.”

“Não fui eu quem resolveu que seu aniversário seria dia 17 de dezembro, e não fazia parte dos meus planos ficarmos isoladas pela neve.” Outra punhalada. “Mas sim, faz sentido mandar Eric ir de bar em bar enquanto estávamos fora da cidade. Especialmente quando você estava fora da cidade.”

“Você não pediu apenas que ele fosse de bar em bar, você deu a ele uma

substância ilegal.”

“Negativo. Eric comprou o bagulho.”

“E como conseguiu o dinheiro?”, perguntou Berger.

“Já falamos sobre isso. Você está ficando louca.”

“A defesa vai alegar indução ao delito, conduta indecorosa por parte do governo.”

“E você vai dizer que Hap estava predeterminado a fazer o que fez.”

“Agora você me ensina o que devo fazer?” Berger riu melancolicamente. “Não sei por que me dei ao trabalho de estudar direito. Resumindo, sejamos sinceras: você fez com que se implantassem ideias na cabeça de Hap que poderiam levá-lo a ser acusado de algo que nunca poderemos provar. Basicamente, você o fez ficar chapado e fez com que seu alcaguete pau-mandado o atraísse para uma conversa sobre o Hospital Park General. Você começou a desconfiar de Hap porque invadiu a conta de e-mail dele e quem sabe de quem mais. Provavelmente da bosta do hospital também. Ai, meu Deus.”

“Conseguí as informações de modo absolutamente legítimo.”

“Por favor.”

“Além disso, nós não temos de provar nada”, disse Lucy. “Não era essa a questão? Assustar aquele merda daquele senhor Hollywood para que ele faça o que deve fazer?”

“Não sei por que te dou ouvidos”, disse Berger, segurando com mais força a mão de Lucy, apertando-a contra si.

“Ele poderia ser honesto. Ele poderia ter sido colaborador. Ele poderia ter sido um cidadão normal obediente às leis, mas acontece que não é”, disse Lucy. “Foi ele quem procurou isso.”

Os holofotes varriam os contraventamentos de aço no alto da ponte George Washington, onde um homem pronto para saltar se segurava nos cabos. Era um homem corpulento, de seus sessenta anos, com as pernas da calça agitadas pelo vento, os tornozelos nus brancos como uma barriga de peixe na luz fulgurante, o rosto transtornado. Marino não conseguia tirar os olhos das imagens ao vivo da TV de tela plana que tinha diante de si.

Esperava que as câmeras focalizassem o rosto do homem. Queria ver o que havia nele e o que não havia. Não importava quantas vezes já tivesse presenciado situações como aquela. Para cada pessoa desesperada era diferente. Marino já vira gente morrendo, gente percebendo que ia viver, gente que ia matar e ser morta, tinha olhado na cara deles e testemunhado o momento exato em que reconheciam que tudo estava acabado, ou não. A expressão nunca era exatamente a mesma. Cólera, ódio, choque, tristeza, angústia, terror, escárnio, prazer, combinações desses sentimentos, ou nada. Tão diferentes quanto as pessoas.

A sala azul sem janelas onde Marino vivia garimpando dados naqueles dias lembrava-lhe a Times Square, a Niketown. Estava rodeado de um atordoante conjunto de imagens, algumas dinâmicas, outras estáticas, todas ampliadas para tamanhos maiores do que o natural, e a parede, com dois andares de altura, mostrava imensos cubos de projeção Mitsubishi. Uma ampulheta girava num dos cubos, enquanto o programa de computador do cctr vasculhava os mais de três terabytes de dados armazenados em busca de alguém que pudesse se encaixar na descrição do homem de boné do FedEx. Na parede, uma imagem dele de três metros de altura, capturada pela câmera de segurança, e ao lado dela uma foto de satélite do edifício de granito do Central Park West onde morava Scarpetta.

“Se pular, ele nunca vai bater na água”, disse Marino, em sua cadeira ergonômica diante de uma estação de trabalho onde estava sendo ajudado por um analista chamado Petrowski. “Jesus! Ele vai cair na merda da ponte. O que ele estava pensando quando começou a subir pela torre? Que ia aterrissar num carro? Acabar com um pobre puto que vai pensando na vida em seu Mini Cooper?”

“As pessoas nessas condições não pensam.” Petrowski, um detetive na casa dos trinta, vestido de terno e gravata estilosos, não estava muito interessado no que acontecia na ponte George Washington lá pelas duas da madrugada.

Estava ocupado adicionando palavras-chave num arquivo de tatuagens. *In vino e veritas*, e *In vino veritas*, e *ossos*, e *caveiras*, agora *caixão*. A ampulheta girava como um bastão de mestre de banda em seu quadrante dos monitores múltiplos,

perto da imagem de vídeo que mostrava o homem de boné do FedEx e da imagem de satélite do edifício de Scarpetta. Na tela plana, o suicida refletia, preso nos cabos como um trapezista maluco. Mais um segundo e o vento ia arrancá-lo dali. Fim.

“Não achamos nada de útil em termos de busca”, disse Petrowski.

“É, você já me disse.”

Ele não conseguia ver direito o rosto do suicida, mas talvez não precisasse vê-lo. Talvez conhecesse essa sensação. Um dia, finalmente, o cara disse *Que se foda*. A questão é o que ele quis dizer com isso. Naquela madrugada, ele podia morrer ou continuar em sua vida infernal, então o que ele quis mostrar quando subiu ao topo da torre norte da ponte e se meteu entre os cabos? A intenção seria dar cabo de si mesmo ou mostrar que estava aborrecido? Marino tentava determinar a condição socioeconômica do sujeito pela aparência, pelas roupas, pelas joias. Difícil saber. Calça cáqui, sem meias, uma espécie de tênis, jaqueta escura, sem luvas. Um relógio metálico, talvez. Aspecto meio relaxado, calvo. Provavelmente perdeu dinheiro, o emprego, a mulher, talvez tudo isso. Marino sabia o que era isso. Sabia muito bem. Um ano e meio atrás ele se sentira da mesma forma, pensou em se atirar de uma ponte, esteve a um triz de lançar sua caminhonete contra a amurada, mergulhando fundo no rio Cooper em Charleston.

“Endereço nenhum, a não ser o da casa da vítima”, acrescentou Petrowski.

Ele se referia a Scarpetta. Era ela a vítima, e Marino se sentiu mal ao ouvir falar dela como vítima.

“A tatuagem é especial. É a melhor coisa que temos.” Marino olhava o suicida aferrado aos cabos bem acima do tabuleiro superior da ponte, bem acima do abismo negro do Hudson. “Que merda, não joguem a merda da luz nos olhos dele. Quantas milhões de velas? As mãos dele vão ficar dormentes. Imagine como aqueles cabos não estão gelados! Faça um favor a si mesmo, camarada, da próxima vez dê um tiro na goela, engula um vidro de comprimidos.”

Marino não conseguia evitar pensar em si mesmo, lembrar da Carolina do Sul, o período mais negro de sua vida. Ele quis morrer. Merecia morrer. Ainda não tinha nenhuma certeza da razão pela qual não tinha morrido, por que não tinha acabado na TV da mesma forma que aquele João-ninguém da ponte George Washington. Marino imaginou policiais e bombeiros, uma equipe de mergulhadores, içando sua caminhonete do rio Cooper, com ele dentro, como teria sido horrível, como teria sido injusto para com os demais, mas quando você está desesperado, arrasado, você não pensa no que é justo. Intumescidos pela decomposição, os corpos dos afogados eram os piores, estufados e esverdeados pelos gases, olhos esbugalhados como os de um sapo, com os lábios e as orelhas, talvez o pau, mordiscados por caranguejos e peixes.

O pior castigo teria sido ficar tão asqueroso, feder tanto a ponto de provocar

vômitos, uma coisa horrorosa na mesa da doutora. Ele se tornaria um caso dela, o escritório dela em Charleston era o único da cidade. Ela se ocuparia dele. De modo algum faria com que ele fosse trazido de uma distância de centenas de quilômetros, de modo algum ela teria convocado outro legista. Ela se encarregaria dele. Marino tinha certeza. Ele já a vira lidar com pessoas conhecidas: enrolava uma toalha no rosto delas, cobria-lhes o corpo nu com um lençol o melhor que podia, por respeito. Porque ela era a melhor para tratar deles, e sabia disso.

“... Não é necessariamente exclusiva, e não deve estar na base de dados”, disse Petrowski.

“O quê?”

“A tatuagem. A descrição física do cara corresponde à metade da cidade.” O suicida na tela plana bem podia ser a cena de um filme que ele já vira. Mal fazia Petrowski virar a cabeça. “Rapaz negro entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos, altura entre um e setenta e dois e um e noventa. Nenhum telefone, nenhum endereço, nenhuma placa de carro, nada para procurar. Não há muito que eu possa fazer.” Como se Marino, na verdade, não devesse ter ido ao oitavo andar do Police Plaza 1 para incomodar o analista do cctr com ninharias como aquela.

Era isso mesmo. Marino poderia ter ligado e perguntado se podia ir. Mas achou melhor aparecer com um disco na mão. Como dizia sua mãe: “Quem quer vai, Pete, quem quer vai”.

O pé do suicida escorregou num cabo e ele se agarrou.

“Uau”, disse Marino para a tela plana, achando que ter pensado na palavra *vai* podia ter feito o suicida escorregar.

Petrowski olhou para onde Marino estava olhando e comentou: “Eles chegam lá e mudam de ideia. Acontece a toda hora”.

“Se você quer mesmo acabar com a vida, por que se submete a isso? Por que muda de ideia?” Marino começava a sentir desprezo pelo suicida, começava a ficar aborrecido. “Se você quer saber minha opinião, é tudo lorota. Malucos como esse? Só querem chamar a atenção, querem aparecer na TV, querem ter um retorno, alguma coisa que não seja a morte, em outras palavras.”

O trânsito no tabuleiro superior da ponte estava se congestionando, mesmo àquela hora, e a polícia começou a isolar uma área bem debaixo do suicida, onde estendeu um colchão de ar. Um negociador tentava dissuadi-lo, enquanto outros policiais subiam pela torre, tentando se aproximar. Todos arriscando a vida por uma pessoa que não dava um tostão pela própria, que tinha dito *Que se foda*, seja lá o que for que isso signifique. O som estava desligado e Marino não ouvia o que estava sendo dito, nem precisava, porque não era um caso dele, não tinha nada a ver com ele, e não devia se envolver com aquilo. Mas ele sempre se distraía no cctr, porque havia ali muitos estímulos sensoriais que, no entanto, não o satisfaziam. As paredes

projetavam todo tipo de imagens, mas não havia janelas, só painéis acústicos azuis, filas de estações de trabalho em arco, com tela dupla, e carpete cinza.

Só quando as persianas da sala de conferências adjacente estavam abertas, e naquela hora não estavam, ele tinha um ponto de referência, conseguia ver a ponte do Brooklyn, a Primeira Igreja Presbiteriana, a Universidade Pace, o velho edifício Woolworth. A Nova York da época em que ele estava entrando para o Departamento de Polícia de Nova York, de quando era um pobre coitado de Bayonne que tinha largado o boxe, tinha deixado de socar as pessoas para começar a ajudá-las. E não sabia por quê. Não sabia como tinha acabado saindo de Nova York para ir parar em Richmond, Virgínia, no início da década de 1980. Estando as coisas nesse pé, parecia que um dia ele tinha acordado para perceber que era o detetive mais famoso da antiga capital da Confederação. O custo de vida mais baixo, um bom lugar para criar filhos. O que Doris queria. Provavelmente tinha sido por isso.

Foi uma merda. O único filho deles, Rocco, saiu de casa, envolveu-se com o crime organizado e estava morto. Doris foi embora com um vendedor de carros e também devia estar morta. Durante a permanência de Marino em Richmond, a cidade tinha um dos maiores índices de homicídios dos Estados Unidos. Os traficantes de drogas tinham ponto no corredor da Interestadual 95, entre Nova York e Miami, onde os crápulas faziam seus negócios em trânsito porque Richmond tinha sua base de clientes, sete conjuntos habitacionais subvencionados pelo governo federal. Grandes lavouras e trabalho escravo. Cada qual colhe o que semeia. Richmond era um bom lugar para traficar drogas e matar gente, porque os policiais eram estúpidos, era o que corria à boca pequena nas ruas e em todo o corredor, de norte a sul da costa leste. Antes, Marino ficava muito ofendido com isso. Agora não mais. Já fazia muito tempo, e de nada serve levar as coisas para o lado pessoal quando elas não são pessoais. A maior parte das coisas acontecia por acaso.

Quanto mais velho ele ficava, menos conseguia ligar um acontecimento em sua vida a outro de uma forma que mostrasse algo inteligente e consciencioso por trás de suas escolhas e confusões, e das confusões daqueles que cruzavam seu caminho, principalmente mulheres. Quantas mulheres tinha amado e deixado, ou simplesmente comido? Lembrava-se da primeira vez, como se fosse hoje. Tinha dezesseis anos e estava no parque estadual Bear Mountain, no píer debruçado sobre o rio Hudson. Mas em geral ele não fazia nem ideia, quase sempre estava bêbado, como podia lembrar? Os computadores não se embebedam, não esquecem, não se arrependem, não se importam com nada. Eles ligam todas as coisas, criam árvores lógicas nos monitores múltiplos. Marino tinha medo de seus próprios monitores múltiplos. Tinha medo de que não fizessem sentido, de que quase todas as decisões que tomara na vida tivessem sido erradas, sem relação umas com as outras, sem razão, sem plano diretor. Ele não queria ver todas as ramificações que não levaram a parte alguma, ou

quantas delas estavam ligadas a Scarpetta. De certa forma, ela tinha se tornado o ícone central de suas conexões e desconexões. De certa forma, ela lhes dava o maior sentido, ou o menor.

“Continuo achando que você pode comparar imagens e fotos”, disse Marino a Petrowski enquanto olhava para o suicida na tela plana. “Supondo que a foto desse cara do FedEx estivesse em alguma base de dados e você comparasse seus traços fisionômicos e sua tatuagem com o que encontramos na câmera de segurança.”

“Entendo o que você quer dizer. Mas achei que já tínhamos concordado em que ele na verdade não trabalha no FedEx.”

“Então você manda seu computador fazer a busca e compara as imagens.”

“Só podemos fazer a busca por palavra-chave ou por categoria. Não por imagens. Talvez algum dia seja possível”, disse Petrowski.

“Então como é que você faz o Google encontrar as imagens que você quer e baixá-las?”, perguntou Marino.

Ele não conseguia tirar os olhos do suicida. Era verdade. O homem devia ter mudado de ideia. O que o teria feito mudar de ideia? Medo de altura? Ou seria toda a merda da atenção? Santo Deus. Helicópteros, policiais, TV ao vivo. Talvez ele tenha decidido ficar mais um pouco por aqui e sair na capa da revista *People*.

“Porque você faz a busca por palavras-chave, não por imagem”, explicou Petrowski pacientemente. “Uma busca de imagem requer uma ou mais palavras-chave, como, por exemplo, está vendo nosso logo ali na parede? Você faz a busca usando as palavras-chave ‘logo cctr’, ou um apelido, e o programa encontra uma ou mais imagens que correspondam a essas palavras-chave — na verdade, encontra o site que hospeda essas imagens.”

“O monitor múltiplo?” Marino olhava confuso para o logo na parede, uma águia e bandeiras americanas.

“Não, o site hospedeiro não é o monitor múltiplo. É uma base de dados — no nosso caso, um armazém de dados, por causa de seu tamanho e de sua complexidade desde que começamos a centralizar tudo. Cada ordem de prisão, qualquer boletim de ocorrência ou crime, arma, mapa, detenção, queixa, citação, revista, delinquência juvenil, o que você quiser. O mesmo tipo de análise que fazemos no contraterrorismo”, disse Petrowski.

“Certo. E se você conseguir relacionar imagens, conseguirá identificar terroristas, nomes diferentes para uma mesma pessoa, então por que não fazemos isso? Está bem. Quase pegaram o homem. Santo Deus. Ter de fazer rapel por causa de um rato como esse.”

Policiais da Unidade de Serviços de Emergência, com arneses e suspensos por cordas, cercaram o homem por três lados.

“Não podemos fazer isso. Talvez algum dia”, respondeu Petrowski, alheio ao

suicida ou ao seu objetivo. “O que acessamos são informações públicas, endereços, localizações, objetos, outras grandes bases de dados, mas não fotos ou rostos reais. O que você pode encontrar depende de palavras-chave, não de imagens ou tatuagens. Você está me acompanhando? Parece que você não está entendendo bem o que digo. Seria bom que prestasse mais atenção em mim do que na ponte George Washington.”

“Gostaria de ver melhor o rosto dele”, disse Marino para a tela plana que mostrava o suicida. “Há alguma coisa nele... É como se eu o conhecesse de algum lugar.”

“De qualquer lugar. Ultimamente, toda hora aparece um novo. É o maior egoísmo. Se você quer acabar com a vida, não leve outras pessoas junto, não as ponha em risco, não onere o contribuinte. Vão dar uma boa surra nele no Bellevue esta noite. Amanhã vamos ficar sabendo que estava envolvido num esquema de pirâmide. Acabamos de sofrer um corte de cem milhões em nosso orçamento e aqui estamos nós, salvando esse bundão da ponte. Daqui a uma semana ele se mata de outra forma.”

“Nada. Vai estar no programa do Letterman”, disse Marino.

“Não me provoque.”

“Volte para aquele bêbado tatuado de Mount Rushmore que vimos há um minuto”, disse Marino, pegando seu café enquanto os policiais da Unidade de Serviços de Emergência arriscavam a vida para salvar gente que não merecia, que aparecia a toda hora e provavelmente já devia ter se esborrachado, para ser resgatado pela Guarda Costeira e levado ao necrotério.

Petrowski clicou num arquivo que já abrira anteriormente e, com o mouse, arrastou a imagem que surgiu para um grande quadrante vazio da tela de um laptop. Apareceu uma foto de prontuário policial nos monitores múltiplos, um negro com uma tatuagem que lhe cobria o lado direito do pescoço: quatro caveiras num afloramento de rochas, que Marino achou que fosse Mount Rushmore, e a frase latina *In vino veritas*.

“Vaso de vinho, fruto da vinha”, cantarolou Marino, e dois policiais da Emergência quase agarraram o suicida. Marino não conseguia ver-lhe o rosto, não podia ver o que ele sentia, ou se ele falava.

“No vinho está a verdade”, disse Petrowski. “Acho que isso é da época dos romanos antigos. Como é o nome dele, Plínio alguma coisa. Tácito, talvez.”

“Mateus e Lancers rosé. Lembra daquele tempo?”

Petrowski sorriu mas não respondeu. Era jovem demais, provavelmente nunca tinha ouvido falar nem do energético Mad Dog ou no vinho de maçã Boone’s Farm.

“A gente bebia uma garrafa de Lancers no carro, e se pegasse a garota, dava a garrafa de lembrança a ela”, prosseguiu Marino. “As garotas punham velas nessas

garrafas, deixavam a cera escorrer toda, um monte de velas de cores diferentes. Era o que eu chamava de vela da porra. Bem, suponho que era preciso estar lá.”

Petrowski e seu sorriso. Marino nunca sabia o que ele indicava, só imaginava que o cara devia ser tímido e reprimido. A maior parte dos caras de informática era assim, menos Lucy. Ela não tinha nada de reprimida, pelo menos ultimamente. Olhou para o relógio, perguntou-se como ela e Berger estariam se saindo com Hap Judd, enquanto Petrowski punha as imagens lado a lado nos monitores múltiplos. A tatuagem do pescoço do homem do FedEx se justapôs à tatuagem das quatro caveiras e à frase *In vino veritas*.

“Não.” Marino tomou outro gole do café, puro e frio. “Olhando bem, não chega nem perto.”

“Tentei dizer isso.”

“Eu estava pensando em semelhanças, como talvez o lugar onde ele fez a tatuagem. Se encontrássemos algo com o mesmo desenho, poderíamos rastrear o tatuador, mostrar-lhe uma foto do cara do FedEx”, disse Marino.

“Não está na base de dados”, disse Petrowski. “Não com essas palavras-chave. Nem *ataúde*, nem *camarada morto no Iraque*, nem nada do que tentamos. Precisamos de um nome, um incidente, um lugar, um mapa, alguma coisa.”

“O que me diz do FBI, da base de dados deles?”, sugeriu Marino. “Aquele sistema de computador novo de um bilhão de dólares, esqueci o nome.”

“Ing, um sistema de identificação de nova geração. Ainda está sendo desenvolvido.”

“Mas já está funcionando, me disseram.” Quem tinha dito isso a Marino fora Lucy.

“Estamos falando de uma tecnologia avançadíssima que abarca uma janela temporal de muitos anos. Sei que as primeiras fases já foram implementadas, entre elas o Iafis, o Codis, acho que também o sfi, Sistema Fotográfico Interestadual. Na verdade, não sei o que mais, você entende, com a economia do jeito que está. Muita coisa foi cortada.”

“Bem, ouvi dizer que eles têm um banco de tatuagens”, disse Marino.

“Com certeza.”

“Então, o que eu digo é que podemos estender o alcance de nossa rede para o nível nacional, talvez até internacional, à procura desse merda do FedEx. Isso supondo que daqui você não possa acessar a base de dados do FBI, o ING.”

“Não tenho como. Não temos compartilhamento. Mas vou mandar pra eles a sua tatuagem. Não há problema. Bem, o cara não está mais na ponte.” Petrowski falava do suicida. Por fim tinha ficado curioso, não sem uma certa irritação.

“Não é bom sinal.” Marino olhou para a tela plana, percebendo que tinha perdido o grande momento. “Que merda! Estou vendo os caras da Emergência, mas não ele.”

“Lá está ele.”

O foco dos helicópteros se deslocava para o suicida no chão, uma imagem distante do corpo no pavimento. Ele evitara o colchão de ar.

“Os caras da Emergência vão ficar furiosos”, foi o resumo que Petrowski fez da situação. “Eles detestam quando isso acontece.”

“Que tal se você mandasse para o FBI esta foto com a tatuagem?” Olhou para a imagem do suposto cara do FedEx nos monitores múltiplos. “Enquanto isso tentamos mais algumas buscas. FedEx. Talvez Uniforme do FedEx, boné do FedEx. Qualquer coisa FedEx”, disse Marino.

“Podemos fazer isso.” Petrowski começou a digitar.

A ampulheta voltou para os monitores, girando. Marino viu que a tela plana que havia na parede tinha ficado preta, a câmera de vídeo do helicóptero da polícia foi desligada porque o suicida também estava desligado. De repente, ele teve uma ideia de por que o suicida lhe parecia conhecido, parecia um ator que ele tinha visto, em que filme mesmo? O chefe de polícia que fica enrolado com uma prostituta? Como era o diabo do nome do filme? Marino não conseguia se lembrar. Ultimamente, isso vinha lhe acontecendo a toda hora.

“Você viu aquele filme com Danny DeVito e Bette Midler? Como era a porra do nome?”, perguntou Marino.

“Não faço ideia.” Petrowski olhou para a ampulheta e para a mensagem *Relatório em andamento*. “O que o filme tem a ver com isso?”

“Tudo tem a ver com tudo. Pensei que essa fosse a razão de ser deste lugar.” Marino mostrou a grande sala azul.

Onze arquivos encontrados.

“Agora estamos esquentando”, disse Marino. “Não posso acreditar que já detestei computadores. Ou os bostas que trabalham com eles.”

No passado, ele realmente detestava computadores e costumava ridicularizar quem trabalhava com eles. Mas agora não. Estava ficando habituado a descobrir informação essencial por meio do que ele chamava de “análise de links” e transmiti-las eletronicamente quase que no mesmo instante. Estava gostando de ir à cena de um incidente para investigá-lo, ou entrevistar um queixoso já conhecendo o que a pessoa que lhe interessava tinha feito no passado, com quem ou a que se parecia, com quem estava aparentado ou associado, se era perigoso para si mesmo ou para outros. Era um admirável mundo novo, Marino gostava de dizer, citando um livro que nunca tinha lido mas talvez lesse um dia.

Petrowski exibia gravações nos monitores múltiplos. Relatórios de assaltos, roubos, um estupro e dois tiroteios em que o nome FedEx era mencionado, em relação a pacotes roubados, a palavras que tenham sido ditas, ao trabalho do envolvido e até mesmo, numa ocasião, ao ataque mortal de um pit bull. Nenhum dos

dados associados a esses relatórios parecia útil até que Marino viu uma citação do departamento de trânsito de 1º de agosto passado, em tamanho gigantesco, num dos monitores múltiplos. Marino leu o sobrenome, o nome, o endereço em Edgewater, New Jersey, sexo, raça, altura e peso.

“Ora, vejam só! Quem nos aparece. Ia pedir que você investigasse essa pessoa, a seguir”, disse ele, enquanto lia os detalhes da infração:

A cidadã foi vista subindo num ônibus metropolitano no Southern Boulevard esquina com rua 149, às 11h30, e começou a discutir com outro passageiro que, segundo ela, tinha tomado seu lugar. A cidadã começou a gritar com o passageiro. Quando este agente se aproximou e lhe pediu que parasse de gritar e se sentasse, ela afirmou: “Você pode ir para o inferno por FedEx, porque eu não fiz nada. Esse homem é um filho da puta mal-educado”.

“Duvido que ela tenha uma tatuagem de caveiras”, disse Petrowski, com ironia. “Não acho que seja o homem do pacote.”

“É incrível, caralho!”, disse Marino. “Pode imprimir isso pra mim?”

“Você devia contar quantas vezes por hora diz ‘caralho’. Se fosse na minha casa, ia ter de pagar um monte de multas.”

“Dodie Hodge!”, disse Marino. “Caralho, é a maluca que ligou para a CNN.”

A agência de pesquisa de informática forense de Lucy, a Connexions, ficava no mesmo edifício em que ela morava, o armazém de uma antiga fábrica de sabão e velas na rua Barrow, em Greenwich Village, tecnicamente no Far West Village. A construção tipicamente românica de dois andares, com arcos abobadados, era tombada, assim como a antiga cocheira que Lucy comprara na primavera passada para usar como garagem.

Ela era o sonho de qualquer comissão de preservação, já que não tinha o menor interesse em alterar a integridade de um edifício histórico, além das adaptações necessárias a suas insólitas atividades cibernéticas e de vigilância. Ainda mais relevante para qualquer ong era sua filantropia, não isenta de interesses pessoais, mesmo considerando que Berger não tinha fé alguma na pureza dos motivos altruístas, em absoluto. Ela não fazia ideia de quanto Lucy tinha doado em circunstâncias que lhe permitissem usufruir de alguma vantagem, e deveria fazer uma ideia, e isso a preocupava. Lucy não deveria esconder-lhe nada, mas escondia, e nas últimas semanas Berger tinha começado a sentir algum desconforto em seu relacionamento, diferente dos receios que experimentara até então.

“Talvez você devesse tê-lo tatuado na mão.” Lucy levantou a mão, a palma para a frente. “Para servir de ponto. Os atores gostam de pontos. *Tudo depende*.” Ela fingiu ler alguma coisa escrita na palma da mão. “Faça uma tatuagem que diga *Tudo depende* e olhe para ela cada vez que estiver a ponto de mentir.”

“Não preciso de ponto e não estou mentindo”, respondeu Hap Judd, mantendo a pose. “As pessoas dizem qualquer coisa, mas isso não quer dizer necessariamente que tenham feito algo errado.”

“Entendo”, disse Berger a Judd, querendo que Marino chegasse logo. Onde diabos estaria ele? “Então aquilo que você quis dizer no bar na noite de segunda-feira, 15 de dezembro, depende de como alguém... neste caso, eu... interprete o que você disse a Eric Mender. Se você afirmou diante dele que é capaz de entender que alguém sinta curiosidade por uma garota de dezenove anos em coma, que queira vê-la nua e talvez tocá-la com intenções sexuais, é uma questão de interpretação. Estou tentando imaginar como poderia interpretar uma coisa dessas além de achá-la um tanto quanto perturbadora.”

“Bom Deus, é isso que eu estou tentando lhe dizer. A interpretação. Não é... não é isso que você está pensando. A foto dela estava em todos os jornais. E era onde eu estava trabalhando na época, por acaso eu tinha um emprego no hospital em que ela estava”, disse Judd, com menos pose. “Sim, eu tinha curiosidade. As pessoas são

curiosas, se forem sinceras. Sou curioso de profissão, curioso sobre todo tipo de coisa. Não significa que eu tenha feito alguma coisa.”

Hap Judd não parecia um astro do cinema. Não parecia o tipo que consegue papéis em produções milionárias, como *Tomb Raider* e *Batman*. Berger não parava de pensar nisso, sentada diante dele à mesa de reuniões de aço escovado no “celeiro” de Lucy, com vigas expostas, piso de madeira tabaco e monitores de tela plana dormindo sobre mesas sem papéis. Hap Judd tinha altura mediana, robusto mas à beira da magreza excessiva, olhos e cabelos castanhos comuns, rosto de Capitão América — perfeito mas insípido, o tipo de aparência que fica bem na tela mas em carne e osso não atrai. Se fosse um vizinho, Berger o despreveria como alinhado, de boa aparência. Se fosse dar-lhe outro nome, seria Hapless ou Haphazard, porque havia nele algo de tragicamente obtuso e inquietante, e Lucy não percebia isso, ou talvez percebesse, e por isso o torturava. Durante meia hora passada, ela o vinha encurralando de tal modo que Berger ficou muito preocupada. Onde estaria Marino? Já devia ter chegado. Era ele quem deveria ajudá-la no interrogatório, não Lucy. Ela estava passando dos limites, estava agindo como se tivesse algo pessoal contra ele, alguma relação preexistente. E talvez tivesse. Lucy tinha conhecido Rupe Starr.

“Só porque eu disse certas coisas a um estranho num bar não quer dizer que eu tenha feito algo.” Judd já tinha dito isso umas dez vezes. “Você tem de perguntar a si mesma por que falei naquilo que supostamente teria feito.”

“Não tenho de me perguntar nada. Estou perguntando a você”, disse Lucy, com o olhar penetrante sustentando o dele.

“Estou dizendo o que sei.”

“Você está nos dizendo o que quer que nós ouçamos”, Lucy devolveu, antes que Berger tivesse chance de intervir.

“Não me lembro de tudo. Estava bebendo. Sou uma pessoa ocupada, muita coisa acontecendo. É inevitável que esqueça algumas coisas”, disse Judd. “Você não é advogada. Por que ela está falando comigo como se fosse advogada?”, perguntou a Berger. “Você não é policial, só uma assistente, ou algo assim”, disse ele a Lucy. “Quem você acha que é para me fazer todas essas perguntas e me acusar?”

“Você se lembra o bastante para dizer que não fez nada.” Lucy não sentiu a menor necessidade de se justificar, segura de si em sua mesa de reuniões, em seu loft, com um computador aberto diante de si, um mapa na tela, uma grade quadriculada que Berger não conseguia reconhecer. “Você lembra o bastante para mudar sua versão”, acrescentou Lucy.

“Não estou mudando nada. Não me lembro daquela noite, sei lá quando foi”, Judd respondeu a Lucy, mas olhando para Berger, como se ela pudesse salvá-lo. “Que merda você quer de mim?”

Lucy precisava parar. Berger já lhe fizera um monte de sinais, mas ela os ignorava, embora na verdade não tivesse nada que estar falando com Hap, pelo menos sem que Berger lhe pedisse explicitamente para expor detalhes referentes à investigação informática, e eles ainda sequer tinham chegado a esse ponto. Onde estaria Marino? Lucy estava agindo como se fosse Marino, estava ocupando o lugar dele, e Berger começava a alimentar desconfianças que nunca tinham lhe ocorrido, provavelmente porque já sabia o bastante, e porque duvidar de Lucy além desse ponto fosse praticamente insustentável. Lucy não era sincera. Conhecera Rupe Starr e não tinha contado isso a Berger. Lucy tinha seus próprios motivos para agir assim, não era promotora, já não era agente da lei, e em sua cabeça não tinha nada a perder.

Berger tinha tudo a perder, o que menos queria era uma celebridade manchando sua reputação. Já tinha de sobra sua cota de manchas, injustamente atribuídas. Seu relacionamento com Lucy não tinha ajudado. Tinha feito qualquer coisa, menos ajudar. Fofocas grosseiras e comentários infames na internet. Uma lésbica que detestava paus, a lésbica judia promotora Berger numa lista neonazista dos dez mais, seu endereço e outros dados pessoais expostos na esperança de que alguém fizesse o que *tinha de ser feito*. Depois vieram os evangélicos, lembrando-a de fazer as malas para a viagem sem volta ao inferno. Berger nunca teria imaginado que ser sincera fosse tão difícil e tão punitivo. Mostrar-se em público com Lucy, não se esconder ou mentir, e isso a ferira, mais do que ela poderia ter imaginado. Em nome de quê? Para ser enganada. Aquilo estava indo longe demais, onde acabaria? Ia acabar, não se preocupe. *Vai acabar*, ela continuava dizendo a si mesma. Em algum momento elas teriam uma conversa e Lucy se explicaria, e tudo ficaria bem. Lucy lhe contaria sobre Rupe.

“O que queremos é que você diga a verdade.” Berger aproveitou a chance de falar antes que Lucy pudesse intervir. “Isso é muito sério. Não estamos de brincadeira.”

“Não sei por que estou aqui. Não fiz nada”, disse-lhe Hap Judd, e ela não gostou do que viu nos olhos dele.

Olhava para ela com atrevimento, olhava-a de cima a baixo, consciente do efeito que isso causava em Lucy. Ele sabia o que estava fazendo, estava sendo desafiador, e às vezes Berger achava que ele estava se divertindo com elas.

“Tenho um sério pressentimento de que vou mandar alguém para a cadeia”, disse Berger.

“Eu não fiz nada!”

Pode ser, talvez não, mas também ele não estava colaborando. Berger tinha lhe dado quase três semanas para que se decidisse a colaborar. Três semanas é muito tempo quando uma pessoa está desaparecida, possivelmente sequestrada, morta, ou, mais provavelmente, ocupada em criar uma nova identidade na América do Sul, nas ilhas Fidji, na Austrália, sabe Deus onde.

“Isso não é o pior”, disse Lucy a ele, com os olhos verdes imperturbáveis, o cabelo curto cor de ouro rosa brilhando na luz que incidia sobre ela. Estava pronta para atacar de novo, como um gato selvagem. “Nem quero pensar no que seus companheiros de cela poderiam fazer com um tarado como você.” Ela começou a digitar, estava com seus e-mails.

“Sabem o que mais? Por pouco não deixei de vir. Estive tão perto de não vir, vocês não imaginam quanto”, disse ele a Berger. A referência à prisão tinha dado resultado. Ele já não estava tão cheio de si. Parou de olhar para o peito dela. Já sem nenhum traço de pose, disse: “E esta é a merda que ganho. Não vou ficar sentado aqui ouvindo merda”.

Não fez menção alguma de levantar-se da cadeira. Balançava uma perna vestida de jeans desbotado, tinha manchas de suor nas mangas da camisa branca folgada. Berger percebeu os movimentos de seu peito, subindo e descendo, uma inusitada cruz de prata num cordão de couro se mexendo sob o algodão branco a cada inspiração. As mãos dele estavam crispadas nos braços da cadeira, um grande anel de prata em forma de caveira brilhava, seus músculos estavam tensos, as veias lhe saltavam no pescoço. Tinha de ficar ali, já não poderia se safar, da mesma forma que não poderia desgrudar os olhos de um desastre de trem a ponto de acontecer.

“Lembra-se de Jeffrey Dahmer?”, perguntou Lucy, digitando, sem levantar os olhos. “Lembra-se do que aconteceu com aquele tarado? O que seus companheiros de cela fizeram? Bateram nele com um cabo de vassoura até ele morrer, talvez tenham feito outras coisas com ele usando o cabo de vassoura. Ele estava na mesma merda que você.”

“Jeffrey Dahmer? Você está falando sério?” Judd riu alto demais. Na verdade não era um riso. Ele estava assustado. “Ela é louca de pedra”, disse a Berger. “Nunca na vida fiz mal a ninguém. Não faço mal às pessoas.”

“Você quer dizer ainda não”, disse Lucy, com o mapa quadriculado de uma cidade na tela, como se estivesse no MapQuest.

“Não vou falar com ela”, disse ele a Berger. “Não gosto dela. Mande-a embora, merda, senão vou eu.”

“Que tal se eu lhe der uma lista das pessoas a quem você fez mal?”, disse Lucy. “A começar pela família e amigos de Farrah Lacy.”

“Não sei de quem você está falando, e quero mais é que você se foda”, explodiu ele.

“Sabe qual é a pena para esse crime?”, perguntou-lhe Berger.

“Eu não fiz nada. Não fiz mal a ninguém.”

“Até dez anos de prisão. Isso é o que é.”

“Em isolamento, para sua própria segurança”, continuou Lucy, ignorando os sinais de Berger para que maneirasse, tendo outro mapa em sua tela.

Berger conseguiu discernir formas verdes que representavam parques, formas azuis onde havia água, uma área cheia de ruas. O BlackBerry de Berger emitiu um sinal sonoro. Alguém acabava de lhe mandar um e-mail, e eram quase três da manhã.

“Confinamento em solitária. Provavelmente em Fallsburg”, disse Lucy. “Estão acostumados a presos da pesada. Como o Filho de Sam. Attica já não é tão legal. Cortaram o pescoço dele lá.”

O e-mail era de Marino:

Paciente mental possiv/ ligada incidente doutora dodie hodge encontrei no cctr não esqueça perguntar
testemunha conhece dodie superocupado explico mais tarde

Berger ergueu os olhos, enquanto Lucy continuava a aterrorizar Hap Judd com o que podia acontecer na cadeia a pessoas como ele.

“Fale-me sobre Dodie Hodge”, disse Berger. “Sua relação com ela.”

Judd primeiro ficou desconcertado, depois se zangou. Deixou escapar: “Ela é uma cigana, uma bruxa de merda. Eu é que deveria estar aqui como vítima, do jeito que aquela puta louca me aborrece. Por que diabos você está me interrogando? O que ela tem a ver com isso? Talvez seja ela quem está me acusando de alguma coisa. É ela quem está por trás disso?”.

“Pode ser que eu responda a suas perguntas depois que você responder a minha”, disse Berger. “Conte-me como foi que a conheceu.”

“Ela é vidente, conselheira espiritual. Chame-a como quiser. Muita gente... gente de Hollywood, gente de sucesso, até políticos... a conhecem, procuram seus conselhos a respeito de dinheiro, da carreira, de seus relacionamentos. Fui muito burro. Falei com ela, e ela não para de me incomodar. Telefona o tempo todo para meu escritório em Los Angeles.”

“Então ela está assediando você.”

“É o que eu digo. Exatamente isso.”

“E quando começou?”, perguntou Berger.

“Não sei. Ano passado. Acho que no outono fez um ano. Ela me foi recomendada.”

“Por quem?”

“Alguém do ramo que achou que eu poderia tirar proveito disso. Orientação profissional.”

“Estou pedindo um nome”, disse Berger.

“Respeito o sigilo. Muita gente a procura. Você ficaria surpresa.”

“Você vai à casa dela ou ela vai à sua?”, perguntou Berger. “Onde vocês se encontram?”

“Ela vem a meu apartamento em TriBeCa. Gente famosa não vai à casa dela, corre o risco de ser seguida e fotografada. Ela também atende por telefone.”

“E como lhe pagam?”

“Em dinheiro. Se a consulta for feita por telefone, você manda um cheque

administrativo para uma caixa postal em New Jersey. Devo ter falado com ela por telefone algumas vezes, mas depois parei porque ela é uma louca varrida. Sim, estou sendo assediado. Podíamos falar sobre esse assédio.”

“Ela aparece nos lugares em que você está? Como em seu apartamento em TriBeCa, onde você está filmando, em lugares que você frequenta, como o bar da rua Christopher aqui em Nova York?”, perguntou Berger.

“Ela deixa mensagens o tempo todo no escritório de meu agente.”

“Ela liga para Los Angeles? Muito bem. Te dou um bom contato no FBI de Los Angeles”, disse Berger. “O FBI cuida dos casos de assédio. É uma de suas especialidades.”

Judd não respondeu. Não tinha nenhum interesse em falar com o FBI de Los Angeles. Era bem astuto, e Berger se perguntou se a pessoa cujo sigilo ele estava protegendo não seria Hannah Starr. De acordo com o que ele acabava de dizer, tinha conhecido Dodie mais ou menos ao mesmo tempo que começaram suas transações financeiras com Hannah. Um ano, no último outono.

“O bar da rua Christopher”, retomou Berger, nem um pouco satisfeita com o fato de Dodie Hodge estar relacionada a algo importante e preocupante a ponto de fazer com que Marino interrompesse o interrogatório daquela pessoa que ela começava a detestar.

“Você não pode provar nada.” A atitude desafiante estava de volta.

“Se acha mesmo que não podemos provar nada, por que se deu ao trabalho de vir até aqui?”

“Principalmente depois de quase ter desistido”, interrompeu Lucy, ocupada com seu MacBook. Escrevendo e-mails e consultando mapas.

“Para colaborar”, disse Judd a Berger. “Estou aqui para colaborar.”

“Entendo. Você não conseguiu encaixar a colaboração em sua agenda há três semanas, quando me chamou a atenção e tentei repetidamente fazer contato.”

“Eu estava em Los Angeles.”

“Esqueci que não há telefones em Los Angeles.”

“Eu estava ocupado, e as mensagens não eram claras. Eu não entendi.”

“Ótimo, então agora você entendeu e decidiu colaborar”, disse Berger. “Então vamos falar do pequeno incidente ocorrido na última segunda-feira. Especificamente, do que aconteceu depois que você saiu da pousada Stonewall, na rua Christopher 53, tarde da noite. Você saiu de lá com o garoto que conheceu, Eric. Lembra-se do Eric? O garoto que fumou maconha com você? O garoto com quem você falou com tanta franqueza?”

“Estávamos drogados”, disse Judd.

“As pessoas dizem coisas quando estão drogadas. Você se drogou e contou-lhe histórias do arco-da-velha, nas palavras dele, sobre o que aconteceu no hospital Park

General, no Harlem”, disse Berger.

Estavam nus debaixo de um edredom, incapazes de dormir, enrolados um no outro e olhando pela janela. A linha do horizonte de Manhattan não era o mar, nem as Montanhas Rochosas, nem as ruínas de Roma, mas era uma vista que eles adoravam, e à noite tinham o hábito de abrir as persianas depois de apagar a luz.

Benton acariciou a pele nua de Scarpetta, o queixo acima da cabeça dela. Beijou-lhe o pescoço, as orelhas, e sentiu-lhe a pele fria onde seus lábios tinham pousado. O peito de Benton estava apoiado nas costas dela, e ela podia sentir-lhe as batidas do coração.

“Nunca pergunto nada sobre seus pacientes”, disse ela.

“Está na cara que não estou sendo muito persuasivo, já que você está pensando em meus pacientes”, disse Benton no ouvido dela.

Ela pôs os braços dele em volta de si e beijou-lhes as mãos. “Talvez você volte a me persuadir outra vez dentro de uns minutos. Quero te perguntar uma coisa, hipoteticamente.”

“Tem todo o direito. Me surpreende que seja uma só.”

“Como é possível que uma antiga paciente sua saiba onde moramos? Não estou dizendo que ela tenha deixado o pacote.” Scarpetta não queria pronunciar o nome de Dodie Hodge na cama.

“Pode-se dizer que se uma pessoa for bastante manipuladora, consegue extrair informação de outras”, disse Benton. “Por exemplo, há funcionários do McLean que sabem onde fica nosso apartamento, já que ocasionalmente enviam correspondência e encomendas para cá.”

“E os funcionários revelariam o endereço a um paciente?”

“Quero acreditar que não, e não estou dizendo que foi isso o que aconteceu. Sequer estou dizendo que essa pessoa tenha estado no McLean, que tenha sido paciente do hospital.”

Não era necessário que ele dissesse isso. Scarpetta não tinha dúvida de que Dodie Hodge tinha sido paciente do McLean.

“Nem estou dizendo que ela tenha alguma coisa a ver com o que foi entregue aqui no prédio”, ele acrescentou.

Não precisava ter dito isso também. Ela sabia que Benton tinha medo de que a antiga paciente tivesse deixado o pacote.

“O que eu diria é que outras pessoas podem suspeitar que ela fez isso, não importa o que possamos descobrir.” Benton falou com suavidade, num tom íntimo que não combinava com o tema da conversa.

“Marino suspeita, na verdade deve estar convencido disso, mas você não está convencido. É isso que você está dizendo.” Scarpetta não acreditava no que estava dizendo.

Acreditava, sim, que Benton estava convencido a respeito de sua antiga paciente chamada Dodie que ousara ligar para a CNN. Benton estava convencido de que ela era perigosa.

“Marino pode ter razão. E pode não ter”, disse Benton. “Embora uma pessoa como essa antiga paciente possa ser negativa e potencialmente perigosa, seria ainda mais perigoso que o pacote tivesse sido enviado por outra pessoa e todos deixassem de perceber isso por achar que já têm a resposta. E se não tiverem? O que vai acontecer? O que vem a seguir? Talvez alguém seja realmente atingido da próxima vez.”

“Não sabemos o que o pacote contém. Pode não ser nada. Você está pondo o carro na frente dos bois.”

“Tem alguma coisa no pacote. Isso eu já poderia jurar”, disse ele. “A menos que você tenha aparecido num filme de Batman sem me dizer nada, você não é legista chefe de Gotham City. Não gostei do tom disso. Não sei bem por que me preocupa tanto, mas preocupa.”

“Porque é depreciativo. É hostil.”

“Talvez. A caligrafia me interessa. Você disse que era tão regular e estilizada quanto uma fonte de impressão.”

“A pessoa que escreveu o endereço, seja lá quem for, tem uma mão firme, talvez uma mão artística”, disse Scarpetta, e percebeu que ele estava pensando em outra coisa.

Ele sabia alguma coisa sobre Dodie Hodge que o levava a prestar atenção à caligrafia.

“Você tem certeza de que não foi feito em impressora?”, perguntou Benton.

“Tive bastante tempo para olhar quando estava no elevador. Tinta preta, caneta esferográfica. Havia uma diferença entre as letras suficiente para tornar óbvio que tinha sido escrito à mão”, disse ela.

“Tomara que ainda haja algo para ver quando chegarmos a Rodman’s Neck. O conhecimento de despacho deve ser nossa melhor prova.”

“Se tivermos sorte”, disse ela.

A sorte ia desempenhar um papel importante naquilo. O mais provável era que o esquadrão de explosivos desativasse qualquer circuito que pudesse haver dentro da caixa lançando contra ela um jato de canhão disruptor, mais conhecido como canhão de água, que emite um jato de água sob pressão propelido por uma escopeta calibre 12 modificada. O alvo seria o suposto mecanismo que servia de fonte de energia para o artefato: as pequenas baterias detectadas pelos raios X. Scarpetta esperava que as baterias não estivessem logo embaixo do endereço escrito à mão no conhecimento de despacho. Se estivessem, na manhã seguinte eles só teriam uma pasta molhada para olhar.

“Podemos ter uma conversa geral”, disse Benton, sentando-se um pouco, ajeitando os travesseiros. “Você conhece a personalidade limítrofe. Uma pessoa que tem interrupções ou fissuras nos limites do ego e que, se submetida a estresse, pode agir com agressividade, com violência. A agressão tem a ver com competição. Competição pelo macho, pela fêmea, pela pessoa mais apta para a reprodução. Competição por recursos naturais, como alimento e abrigo. Competição pelo poder, porque sem uma hierarquia não pode haver ordem social. Em outras palavras, a agressão ocorre quando serve para alguma coisa.”

Scarpetta pensou em Carley Crispin. Pensou no BlackBerry desaparecido. Havia horas que vinha pensando no BlackBerry. Seu coração continuava apertado de ansiedade, fizesse o que fizesse. Mesmo ao fazer amor sentia medo. Sentia raiva. Estava extremamente preocupada consigo mesma e não sabia como Lucy lidaria com a verdade. Scarpetta tinha sido burra. Como pôde ter sido tão burra?

“Infelizmente, esses impulsos primitivos que fazem sentido em termos de sobrevivência das espécies podem se tornar perversos e não adaptativos, podem se traduzir em condutas extremamente inadequadas e sem utilidade”, dizia Benton. “Porque, no final das contas, um ato agressivo, como assediar ou ameaçar uma pessoa proeminente como você, não traz benefício para o autor. O resultado será o castigo, a perda de tudo aquilo por que vale a pena competir. Seja a internação numa instituição psiquiátrica, seja numa prisão.”

“Portanto, eu devo concluir que a mulher que ligou esta noite para a CNN tem uma personalidade limítrofe, pode tornar-se violenta se submetida a estresse e está competindo comigo pelo macho, neste caso, você”, disse Scarpetta.

“Ela ligou para você para me fustigar, e funcionou”, disse ele. “Ela quer minha atenção. A personalidade limítrofe prospera com estímulos negativos, adora ficar no olho do furacão. Acrescente ao coquetel outros distúrbios infelizes de personalidade e estará saindo do olho do furacão para o furacão propriamente dito.”

“Transferência. Essas suas pacientes não têm chance. Querem o que eu já tenho.”

Ela queria outra vez. Queria a atenção dele, e não queria mais falar de trabalho, de problemas, de seres humanos horrorosos. Queria ficar perto dele, sentir que nada lhe estava interdito, e sua ânsia de proximidade era insaciável porque ela não podia ter o que queria. Nunca tinha tido o que queria de Benton, e por isso ainda o queria, queria-o palpavelmente. Era por isso que ela o quisera desde o início, por isso se sentiu atraída por ele, sentiu um intenso desejo por ele assim que se conheceram. Sentia-se da mesma forma agora, vinte anos depois, uma atração desesperada que a preenchia e a esvaziava, e fazer sexo com ele era dessa forma, um ciclo de receber e dar, de preencher e esvaziar, para depois rearmar o mecanismo de modo que pudessem ter mais.

“Eu te amo, você sabe disso”, disse ela junto à boca de Benton. “Até quando

estou brava.”

“Você sempre está brava. Espero que me ame sempre também.”

“Só quero entender.” Ela não entendia, provavelmente não entenderia nunca.

Quando se lembrava das escolhas que ele tinha feito, não conseguia entender como ele pudera deixá-la tão de repente, de modo tão definitivo, e sem dizer-lhe nada. Ela não teria feito o que ele fez, mas não ia trazer o assunto à baila mais uma vez.

“Sei que sempre vou te amar.” Ela o beijou e se pôs por cima dele.

Eles se acomodaram, sabendo intuitivamente como se movimentar, pois tinham ficado para trás os tempos em que precisavam calcular conscientemente qual era o melhor lado ou o limite do cansaço e do desconforto. Scarpetta tinha ouvido todas as combinações de piadas óbvias sobre seus conhecimentos de anatomia e que vantagem isso representaria na cama, o que era ridículo, ou nem mesmo isso, já que ela não achava graça. Com raras exceções seus pacientes estavam mortos, e portanto a reação deles ao toque era irrelevante e nada informativa. Isso não significava que o necrotério não tivesse lhe ensinado algo de vital, porque com certeza tinha. Levara-a a refinar os sentidos, a ver, cheirar e sentir os matizes mais sutis em pessoas que já não podiam falar, destituídas de vontade, que precisavam dela mas nada tinham a dar em troca. O necrotério tinha lhe dado mãos firmes e hábeis, além de desejos intensos. Ela queria calor e contato. Ela queria sexo.

Benton adormeceu, caiu num sono profundo. Não se mexeu nem quando ela saiu da cama, a cabeça a mil outra vez, com a ansiedade e os ressentimentos emergindo de volta. Passava um pouco das três da manhã. Ela tinha pela frente um longo dia que se revelaria à medida que as coisas fossem acontecendo, um desses dias que ela chamava de “improgramáveis”. Rodman’s Neck e sua possível bomba, talvez laboratórios, talvez ir ao escritório para ditar relatórios de autópsia e pôr em dia telefonemas e documentos. Não tinha autópsias agendadas, mas isso sempre podia mudar, a depender de quem saía e do que entrava. O que ia fazer a respeito do BlackBerry. Talvez Lucy tivesse respondido. O que faria com sua sobrinha. Ela vinha agindo de forma tão estranha ultimamente, estava tão irritável, tão impaciente, sem falar no que tinha feito com os smartphones, mudá-los sem pedir autorização, como se fosse prova de generosidade e consideração. *Você devia voltar para a cama e descansar um pouco. Com cansaço, tudo fica pior*, Scarpetta disse a si mesma. Voltar a dormir, nem pensar. Tinha coisas a fazer, precisava falar com Lucy, superar aquilo. *Contar a ela o que tinha feito. Dizer a ela como sua tia Kay era burra.*

Lucy era provavelmente a pessoa tecnicamente mais bem-dotada que Scarpetta já conhecera, curiosa sobre o modo como tudo funcionava desde o dia em que nasceu, juntando e separando coisas, sempre segura de que poderia melhorar o funcionamento do que quer que fosse. Tanto pendor, somado a uma imensa

insegurança, somada a uma necessidade imperiosa de poder e controle, e o resultado era Lucy, uma maga tão capaz de destruir quanto de consertar, a depender de seus motivos e, principalmente, de seu estado de ânimo. Trocar os telefones sem autorização não tinha sido uma ação louvável, e Scarpetta ainda não entendia por que a sobrinha de repente tinha feito isso. Em outros tempos, ela teria perguntado. Não teria se arvorado em administradora de sistemas de todos sem licença, sem nem mesmo um aviso. Ia ficar furiosa quando soubesse a verdade sobre a insensatez de Scarpetta, sobre sua loucura. Lucy ia dizer que era como atravessar uma rua sem olhar, que era como se meter no rotor de cauda do helicóptero.

Scarpetta temia o sermão que certamente ia ouvir quando admitisse ter desabilitado a senha de seu BlackBerry dois dias depois de recebê-lo, de tão grande que tinha sido sua frustração. *Você não devia, de jeito nenhum...* O pensamento dava voltas como uma montanha-russa em sua cabeça. Mas a cada vez que ela tirava o telefone da capa precisava desbloqueá-lo. Se ficasse dez minutos sem usá-lo, ele bloqueava outra vez. Depois a gota d'água, o susto mortal que a fez cometer seis erros de digitação na tentativa de inserir a senha. Oito tentativas erradas — estava escrito com clareza nas instruções de Lucy — e o BlackBerry praticamente se autodestruía, apagando tudo o que estava gravado nele, como no filme *Missão impossível*.

Quando Scarpetta mandou a Lucy um e-mail dizendo que o BlackBerry tinha se “extraviado”, não mencionou o detalhe da senha. Seria bem ruim que alguém pegasse seu smartphone, e Scarpetta estava com muito medo disso, estava com medo de Lucy e, antes de mais nada, estava com medo de si própria. *Quando foi que você começou a ser tão descuidada? Você levou uma bomba para dentro de seu apartamento e desabilitou a senha de seu smartphone. O que há com você? Faça alguma coisa. Corrija alguma coisa. Tome cuidado com as coisas. Não fique só choramingando.*

Ela precisava comer, isso era parte do problema, tinha o estômago irritado por ficar vazio. Se comesse alguma coisa ia se sentir melhor. Precisava fazer alguma coisa com as mãos, ocupá-las em algo que fosse curativo, além de sexo. Preparar comida era um ato revigorante e a acalmava. Fazer um de seus pratos prediletos, prestando atenção nos detalhes, ajudaria a restabelecer a ordem e a normalidade. Cozinhar ou fazer faxina, e ela já tinha feito bastante faxina, ainda sentia o cheiro do lustra-móveis ao passar pela sala em direção à cozinha. Abriu a geladeira em busca de inspiração. Uma fritada, uma omelete, não tinha vontade de ovos, ou pão, ou massa. Uma coisa leve e saudável, com azeite e temperos frescos, como uma salada caprese. Isso poderia ser bom. Era um prato de verão, que deveria ser servido quando fosse tempo de tomates, preferivelmente colhidos em sua própria horta. Mas em cidades como Boston e Nova York, onde quer que haja uma loja Whole Foods

ou uma delicatessen, era possível encontrar variedades de tomate o ano todo: saborosos black krims, exuberantes brandywines, suculentos caspian pinks, delicados golden eggs, green zebras agri doces.

Ela escolheu alguns de uma cesta que havia na bancada, colocou-os sobre uma tábua e dividiu-os em quartos. Aqueceu a mozzarella de búfala à temperatura ambiente colocando-a num saco plástico fechado e submergindo-a em água quente durante algum tempo. Arrumou o tomate e o queijo em círculos num prato, acrescentou folhas de manjerição fresco e um generoso fio de azeite prensado a frio, e terminou com uma pitada de sal marinho grosso. Levou o prato para a sala de jantar, que, dando para o oeste, tinha vista para apartamentos altos iluminados e para o Hudson, além dos distantes sinais de tráfego em New Jersey.

Comeu um bocado da salada enquanto abria o navegador de seu MacBook. Hora de tratar de Lucy. Ela provavelmente atenderia agora. Também devia encarar os fatos e lidar com a perda do BlackBerry. Não era uma preocupação banal, nada para se brincar, e estava em sua cabeça desde que ela notou a perda, e agora tinha se tornado uma obsessão. Durante horas ela tinha tentado recapitular o que havia no aparelho, tentando imaginar a que coisas uma pessoa poderia ter acesso, enquanto uma parte dela desejava poder voltar ao passado, quando sua maior preocupação era a bisbilhotice, alguém que pudesse folhear um fichário rotativo, listas de nomes, protocolos de autópsia e fotografias que normalmente estavam em sua mesa. Nos velhos tempos, sua reação a possíveis indiscrições e vazamentos se resumia a usar chaves. Os documentos mais sigilosos ficavam em arquivos trancados, e se em sua mesa houvesse algo que ela não queria que outros vissem, bastava trancar a porta do escritório quando saísse. Simples e direto. Apenas senso comum. Tudo administrável. Bastava esconder a chave.

Quando ela era médica-legista chefe na Virgínia e seu escritório recebeu o primeiro computador, a situação também foi administrável e ela não teve muito medo do desconhecido, sentiu que podia lidar com o mau e com o bom. É claro que havia falhas na segurança, mas tudo dava para corrigir e evitar. Os telefones celulares também não tinham sido problema importante em sua época, logo no início, quando a desconfiança que lhe inspiravam tinha mais a ver com a possibilidade de ser ouvida atrás das portas e, mais socialmente, com o hábito pouco civilizado e compulsivo de conversar sendo ouvido por terceiros. Esses perigos nem se comparam aos que existem hoje. Já não havia palavras para descrever os medos que ela sentia. A tecnologia moderna já não era sua melhor amiga. Com frequência acabava se voltando contra ela. Dessa vez, o dano poderia ser ainda maior.

O BlackBerry de Scarpetta era um microcosmo de sua vida profissional e pessoal, continha números de telefones e endereços de e-mail de contatos que ficariam furiosos ou comprometidos se uma pessoa mal-intencionada se apoderasse deles.

Mais que qualquer outra coisa, Scarpetta queria proteger as famílias, aqueles que eram deixados para trás na esteira de uma morte trágica. De certa forma, esses sobreviventes se tornavam seus pacientes também, e dependiam dela para conseguir informação, ligavam de repente para falar de um detalhe que acabavam de lembrar, uma pergunta, uma teoria, simples necessidade de falar, principalmente em aniversários ou naquela época do ano, as festas de Natal e fim de ano. As confidências que Scarpetta partilhava com as famílias e pessoas queridas dos mortos eram sagradas, o aspecto mais sagrado de seu trabalho.

Como seria horrível que a pessoa errada, uma pessoa que trabalhasse para uma rede de televisão a cabo de notícias, por exemplo, tivesse acesso a alguns desses nomes, muitos deles relacionados a casos de muita repercussão, um nome como o de Grace Darien. Ela foi a última pessoa com quem Scarpetta tinha falado, lá pelas cinco da tarde, depois da teleconferência com Berger, enquanto se preparava às pressas para ir à CNN. A sra. Darien tinha ligado para o BlackBerry de Scarpetta à beira da histeria porque o comunicado à imprensa que revelava a identidade de Toni Darien dizia que ela sofrera uma agressão sexual e tinha sido surrada até a morte. A sra. Darien tinha ficado confusa e apavorada, achando que uma única pancada na cabeça seria diferente de levar golpes sucessivos, e nada do que Scarpetta pudesse dizer teria lhe devolvido a confiança. Scarpetta não tinha mentido. Não tinha enganado. O comunicado não tinha sido escrito por ela, não eram palavras dela, e por mais difícil que fosse, a sra. Darien precisava entender que Scarpetta não podia entrar em mais detalhes. Ela sentia muito, mas não podia continuar discutindo o caso.

“Lembra-se do que eu disse?”, Scarpetta estava trocando de roupa enquanto falava com ela. “O sigilo é fundamental, porque alguns detalhes só são conhecidos pelo assassino, pelo legista e pela polícia. É por isso que não posso lhe dizer mais nada no momento.”

Ali estava ela, a paladina da descrição e da ética, e com tudo isso alguém tinha encontrado informação sobre Grace Darien num BlackBerry desprotegido e tinha entrado em contato com a mulher atormentada. Scarpetta não conseguia parar de pensar sobre o que Carley tinha proclamado aos quatro ventos, o detalhe sobre o táxi amarelo e a conexão que ele poderia representar entre Hannah Starr e Toni Darien, e a falsa informação sobre o achado de um fio de cabelo de Hannah em decomposição. É claro que um jornalista, principalmente se tivesse sangue-frio e estivesse desesperado, ia querer falar com as Graces Dariens da vida, e a lista de possíveis abusos chocantes causados pelo smartphone perdido ficava cada vez maior à medida que ela colocava a memória em funcionamento. Ela continuou a relacionar nomes de contatos que mantinha desde o início da carreira, primeiro em papel, finalmente em formato eletrônico, exportados de celular para celular à medida

que ela mudava de aparelho até chegar ao que Lucy tinha comprado.

Havia centenas de nomes na pasta de contatos de Scarpetta, supunha ela, muitos deles propensos a nunca mais confiar nela se uma pessoa como Carley Crispin ligasse para seus celulares, para suas linhas diretas ou para sua casa. O prefeito Bloomberg, o comissário Kelly, o dr. Edison, vários funcionários públicos poderosos no país e no exterior, além da ampla rede de contatos profissionais entre legistas, médicos, promotores, criminalistas, sua família, amigos, seus médicos particulares, dentista, cabeleireiro, personal trainer, faxineira. Lugares onde ela fazia compras. As coisas que ela encomendava à Amazon, inclusive os livros que lia. Restaurantes. Seu contador. Seu gerente de banco. Quanto mais ela pensava nisso, mais longa se tornava a lista, e mais problemática. Correios de voz que tinham sido vistos na tela e poderiam ser acessados sem senha. Documentos e apresentações em PowerPoint com imagens gráficas que ela baixara de e-mails — inclusive fotos da cena do crime de Toni Darien. A foto que Carley mostrara no ar poderia ter vindo do telefone de Scarpetta, e agora sua ansiedade se voltava para as mensagens instantâneas, que lhe permitiam e proporcionavam contato permanente.

Scarpetta não confiava em mensagens instantâneas, achava que tecnologias como essa são uma compulsão e não um avanço, talvez a mais infeliz e temerária das inovações da história, gente digitando nas telas e teclados quando devia estar prestando atenção a atividades mais importantes, como dirigir, atravessar uma rua, operar máquinas perigosas, como aviões e trens, ou ouvir uma aula, uma palestra, participar de um estudo de caso, assistir a uma peça de teatro ou a um show, ou prestar atenção à pessoa sentada a sua frente num restaurante ou a seu lado na cama. Não fazia muito tempo, ela pegara um estudante de medicina que estagiava em seu escritório de Nova York digitando mensagens instantâneas durante uma autópsia, pressionando teclas minúsculas com os polegares envoltos em látex. Ela o expulsou do necrotério, deixou de ser sua orientadora e instou o dr. Edison a proibir o uso de aparelhos eletrônicos em qualquer dependência além da antessala, mas isso nunca ia acontecer. Era tarde demais para isso, seria como atrasar os ponteiros do relógio, e ninguém ia obedecer.

Os policiais, os pesquisadores de medicina legal, os cientistas, os patologistas, os antropólogos, os odontólogos, os arqueólogos forenses, os agentes funerários, os técnicos em identificação e os seguranças não iam deixar de lado seus palmtops, iPhones, BlackBerrys, celulares e pagers, apesar das repetidas advertências sobre a divulgação de informação confidencial via mensagens instantâneas, e-mails e, que Deus não permitisse, via fotos e vídeos feitos com esses aparelhos, o que de qualquer modo acontecia. Até mesmo ela tinha se habituado a enviar mensagens de texto e baixar imagens e informações mais do que seria sensato, tinha ficado um pouco relaxada quanto a isso. Vinha passando tanto tempo em táxis e aeroportos,

com o fluxo de informações que não cessava, que não dava uma trégua, quase nunca protegia essas informações com uma senha, por não querer sentir-se tolhida ou, talvez, para evitar ser controlada pela sobrinha.

Scarpetta clicou na entrada de sua caixa postal. O e-mail mais recente, enviado havia poucos minutos, era de Lucy, com palavras provocantes no campo Assunto:

SIGA AS MIGALHAS DE PÃO

Scarpetta abriu o e-mail.

Tia Kay: No anexo, um registro de dados do rastreamento tático do GPS, atualizado a cada 15 seg. Só incluí entradas por hora e lugar, começando aprox às 19:35 quando vc pendurou o casaco no armário da sala de maquiagem, supostamente com o BlackBerry no bolso. Uma foto vale mais que mil palavras. Veja o slideshow e tire suas próprias conclusões. Já tirei as minhas. Nem preciso dizer de minha alegria ao saber que vc está em segurança. Marino me contou sobre o FedEx. – L

A primeira imagem do slideshow era aquilo que Lucy chamava de “vista aérea do Time Warner Center”. Era seguida de um mapa com um endereço, rua e número, latitude e longitude. Não havia dúvida de que o BlackBerry de Scarpetta estava no Time Warner Center às sete e meia da noite, quando ela acabava de chegar à entrada da torre norte pela rua 59. Autorizada pela segurança, tomou o elevador para o quinto andar, avançou pelo corredor que levava à sala de maquiagem e pendurou o casaco no armário. Nesse momento, estavam na sala somente ela e o maquiador, e teria sido impossível que uma outra pessoa mexesse no bolso de seu casaco durante os vinte e poucos minutos em que ela ficou na cadeira de maquiagem e depois esperando, olhando o programa de Campbell Brown pela TV que estava sempre ligada.

Até onde conseguia lembrar, um técnico de som colocou-lhe um microfone por volta das oito e vinte, pelo menos vinte minutos antes da hora habitual, ela se dava conta agora, e depois disso foi conduzida ao estúdio e sentou-se à mesa. Carley Crispin só apareceu minutos antes das nove, sentou-se diante dela e bebeu água com um canudinho. Elas trocaram os cumprimentos de rigor e entraram no ar. Durante o programa e até o momento em que Scarpetta saiu do edifício, lá pelas onze, a localização do BlackBerry era a mesma, segundo Lucy, com uma ressalva:

Se seu BB foi levado a outro ponto do mesmo endereço, a outra sala ou a outro andar, por exemplo, as coordenadas de latitude e longitude não mudariam. Portanto, não posso saber. Só sei que estava no edifício.

Depois disso, perto das onze, quando Carley Crispin e Scarpetta saíram do Time Warner Center, o BlackBerry também saiu. Scarpetta acompanhou o trajeto dele no log de dados, pelo slideshow, clicando numa outra vista aérea, esta do Columbus Circle, e depois em outra vista aérea de seu próprio prédio, na Central Park Oeste, capturada às onze e dezesseis. Nesse ponto, poder-se-ia concluir que o BlackBerry de Scarpetta ainda estivesse em seu bolso, e aquilo que o receptor Waas estava rastreando e gravando a cada quinze segundos era seu próprio deslocamento ao ir para casa. Mas poderia não ser assim. Benton tentou ligar para ela diversas vezes. Se o BlackBerry estivesse no bolso do casaco, por que não teria tocado? Ela não o

desligara. Quase nunca o fazia.

Mais significativo ainda, Scarpetta percebeu, quando ela entrou no edifício o BlackBerry não foi junto. As imagens seguintes do slideshow eram uma série de vistas aéreas, mapas e endereços que mostravam a curiosa viagem do BlackBerry, que começou com um retorno ao Time Warner Center, depois seguiu pela Sexta Avenida e parou na rua 54 Leste, número 60. Scarpetta aumentou a vista aérea, examinou um aglomerado de edifícios de granito acinzentado espremidos entre arranha-céus, carros, táxis congelados na rua, reconheceu os fundos do Museu de Arte Moderna, o edifício Seagram, a agulha da torre gótica da igreja de São Tomé.

Observação de Lucy:

No número 60 da 54 Leste fica o Hotel Elysée, que como se sabe tem o Monkey Bar — que “oficialmente” não está aberto, a menos que você esteja a par. Como um clube privé, muito exclusivo, muito Hollywood. Frequentado por celebridades e atletas.

Seria possível que o Monkey Bar estivesse aberto àquela hora, três e dezessete da manhã? Com base no log de dados, o BlackBerry de Scarpetta ainda estava naquele endereço. Ela lembrou o que Lucy dissera sobre latitude e longitude. Pode ser que Carley nem tivesse estado no Monkey Bar e sim em outra parte do hotel.

Scarpetta mandou um e-mail para a sobrinha:

O bar ainda está aberto ou o BB pode estar no hotel?

Resposta de Lucy:

Poderia estar no hotel. Estou com uma testemunha, senão iria para lá.

Scarpetta:

Marino pode ir, a menos que esteja com você.

Lucy:

Acho que eu deveria apagar todos os dados. Há cópia de quase tudo no servidor. Vai ficar tudo bem. Marino não está comigo.

O que ela estava dizendo era que podia acessar remotamente o BlackBerry de Scarpetta e apagar a maior parte dos dados ali armazenados e as configurações personalizadas — essencialmente, devolver-lhe a configuração original de fábrica. Se a suspeita de Scarpetta se confirmasse, já era um pouco tarde para isso. Seu BlackBerry tinha estado fora de seu controle durante as seis últimas horas, e se Carley Crispin o tivesse roubado, já tivera tempo de sobra para pôr as mãos num tesouro de informações privilegiadas do qual já podia ter se servido, o que explicaria a foto que levava ao ar. Scarpetta não estava disposta a perdoar, e queria provar isso.

Escreveu:

Não apague. O BB e seu conteúdo são provas. Por favor, continue rastreando. Onde está Marino? Em casa?

Resposta de Lucy:

BB não saiu do lugar nas três últimas horas. Marino está no CCTR.

Scarpetta não respondeu. Não ia mencionar o problema da senha, não naquelas

circunstâncias. Lucy poderia resolver apagar tudo o que havia no BlackBerry, mesmo instruída a não fazê-lo, já que ultimamente não precisava pedir licença para nada. Era assustador tudo o que Lucy sabia, e Scarpetta sentiu um desconforto, estava perturbada por algo que não conseguia definir claramente. Lucy sabia onde estava o BlackBerry, parecia saber onde estava Marino, parecia envolvida na vida de todos de uma maneira diferente do que fora no passado. O que mais sua sobrinha saberia, e por que estaria tão interessada em controlar todo mundo, ou pelo menos em ter condições de fazê-lo? Para o caso de você ser sequestrada, Lucy tinha dito, e não estava brincando. *Ou de perder o BlackBerry. Se deixá-lo num táxi, vou poder encontrá-lo*, explicou.

Era esquisito. Scarpetta recordou a ocasião em que surgiram esses sofisticados aparelhos e se encantou com a premeditação, a precisão e a inteligência com que Lucy os surpreendera com seu presente. Uma tarde de sábado, o último sábado de novembro, dia 29, lembrou Scarpetta. Ela e Benton estavam se exercitando na sala de fitness, tinham marcado com o personal trainer, depois iriam para a sauna, jantariam mais cedo e iriam ao teatro, *Billy Elliot*. Tinham hábitos rotineiros, e Lucy conhecia esses hábitos.

Sabia que eles nunca levavam os celulares para a sala de fitness do prédio. O sinal era horrível, e de qualquer forma aquilo não era necessário, já que eles podiam ser encontrados. As ligações urgentes seriam transferidas para a recepção da sala de fitness. Quando eles voltaram ao apartamento, os novos BlackBerrys estavam lá, com um laço vermelho ao redor de cada um, sobre a mesa de jantar, com um bilhete explicando que Lucy — ela tinha a chave do apartamento — estivera ali enquanto eles estavam fora e importara todos os dados de seus celulares velhos para os novos aparelhos. Mais ou menos isso, e instruções detalhadas. Ela devia ter feito algo parecido com Berger e Marino.

Scarpetta levantou-se da mesa de jantar. Pegou o telefone.

“Hotel Elysée. Em que posso ajudar?”, respondeu um homem com sotaque francês.

“Carley Crispin, por favor.”

Uma longa pausa. “A senhora quer que eu ligue para o quarto dela? É muito tarde!”

Finalmente Lucy tinha parado de digitar. Parou de olhar mapas e escrever e-mails. Ia dizer alguma coisa imprópria. Berger sentiu que isso ia acontecer mas não conseguiu detê-la.

“Estive pensando aqui com meus botões o que seus fãs iriam pensar”, disse Lucy a Hap Judd. “Estou tentando entrar na cabeça de um de seus fãs. Esse astro do cinema por quem tenho uma paixonite — e agora minha cabeça é a de um fã. E estou imaginando meu ídolo Hap Judd usando uma luva de látex à moda de camisinha, fodendo o cadáver de uma menina de dezenove anos na câmara frigorífica do necrotério de um hospital...”

Hap Judd ficou estupefato, como se tivesse sido esbofeteado, a boca aberta, o rosto muito vermelho. Ia explodir.

“Lucy, acabo de lembrar, Jet Ranger deve precisar dar uma saída”, disse Berger, depois de uma pausa.

O velho buldogue estava no andar de cima do loft de Lucy, e tinha sido levado à rua para fazer xixi havia menos de duas horas.

“Ainda não.” Os olhos verdes de Lucy encontraram os de Berger. Audácia, obstinação. Se Lucy não fosse Lucy, Berger a demitiria.

“Quer mais uma água, Hap?”, perguntou Berger. “Eu tomaria uma Pepsi light.” Berger sustentou o olhar de Lucy. Não era uma sugestão, era uma ordem.

Ela precisava de um momento a sós com sua testemunha, e precisava que Lucy parasse com aquilo. Tratava-se de uma investigação criminal, não uma disputa de trânsito. O que estava acontecendo com ela?

Berger recomeçou com Judd. “Falávamos do que você contou a Eric. Ele afirma que você fez referências sexuais a uma garota que acabava de morrer no hospital.”

“Nunca disse que tinha feito uma coisa tão repugnante!”

“Você falou de Farrah Lacy a Eric. Disse que suspeitava de comportamentos inadequados no hospital. Funcionários, empregados de agências funerárias comportando-se de maneira inadequada com o corpo dela, talvez com outros corpos”, disse Berger a Judd, enquanto Lucy se levantava e saía da sala. “Por que você falou dessas coisas a uma pessoa que não conhecia? Talvez porque estivesse desesperado para se abrir com alguém, precisasse aplacar a culpa. Quando vocês conversaram sobre o que acontecera no Park General, você estava realmente falando de si mesmo. Sobre o que tinha feito.”

“Isso é lorota! Quem é que está querendo armar para cima de mim?”, Judd gritava. “É dinheiro? É o filho da puta querendo me chantagear, ou algo assim? É

alguma mentira doentia que aquela cadela demente da Dodie Hodge inventou?”

“Ninguém está tentando chantageá-lo. Não tem nada a ver com dinheiro, nem com assédio. Trata-se de algo que você fez no Park General antes de ter dinheiro, talvez antes de ter quem o assediasse.”

O BlackBerry de Berger que estava sobre a mesa emitiu um alarme. Alguém acabava de lhe mandar um e-mail.

“Gente morta. Só de pensar nisso me dá vontade de vomitar”, disse Judd.

“Mas você foi além de apenas pensar, não foi?” Era mais uma afirmação que uma pergunta.

“O que você quer dizer com isso?”

“Você já vai ver”, ela disse.

“Você está procurando um bode expiatório, ou está querendo se afirmar a minha custa.”

Berger não disse que já tinha se afirmado por si mesma e não precisava da ajuda de um atorzinho de segunda linha.

“Vou repetir, o que eu quero é a verdade. A verdade é terapêutica. Você vai se sentir melhor. As pessoas cometem erros.”

Judd enxugou olhos. Balançava a perna com tanta força que poderia sair voando da cadeira. Berger não gostava dele, mas estava gostando menos ainda de si mesma. Lembrou que ele tinha provocado a situação, poderia tê-la evitado se tivesse colaborado quando ela ligou pela primeira vez, três semanas atrás. Se tivesse conversado com ela então, não teria sido necessário inventar um plano que acabou ganhando vida própria. Lucy tinha feito isso acontecer. A intenção de Berger nunca tinha sido indiciar Hap Judd pelo que teria acontecido no Hospital Park General, e levava pouquíssima ou nenhuma fé naquele pau-mandado alcaguete e maconheiro chamado Eric com quem ela jamais estivera. Marino tinha conversado com Eric. Marino disse que Eric tinha lhe contado a história do Park General, e claro, a informação era desconcertante, possivelmente incriminadora. Mas Berger estava interessada num caso muito mais importante.

Hap Judd era cliente da respeitável e bem-sucedida corretora de valores de Hannah Starr, mas não tinha perdido sua fortuna, nem um centavo dela, naquilo que Berger chamava de esquema de pirâmide por procuração. Foi salvo porque em 4 de agosto passado Hannah teria resgatado todo o dinheiro dele investido no mercado de ações. No mesmo dia, exatamente dois milhões de dólares foram depositados na conta bancária dele. Porém, seu investimento original, no valor de um quarto desse montante, feito um ano antes, nunca tinha ido para o mercado de ações e sim para os bolsos de um banco de investimento imobiliário, o Bay Bridge Finance, cujo presidente fora preso recentemente por fraude. Hannah alegou não saber de nada, disse que não sabia mais sobre a pirâmide do Bay Bridge Finance do que sabiam os

bancos, as instituições financeiras e filantrópicas que foram vítimas de Bernard Madoff e sua laia. Não havia dúvida de que Hannah diria que tinha sido enganada como tantos outros.

Mas Berger não engoliu essa. A oportunidade da transação que Hannah Starr tinha armado em favor de Hap Judd, aparentemente sem nenhuma sugestão dele ou de qualquer outra pessoa, era uma prova de que ela sabia exatamente em que estava envolvida e participava da conspiração. Uma investigação de suas atividades financeiras que estava em andamento desde seu desaparecimento, na véspera do Dia de Ação de Graças, sugeria que Hannah, única herdeira da fortuna e da empresa de seu falecido pai, Rupe Starr, empregava práticas financeiras singulares, principalmente quando se tratava de cobrar a seus clientes. Mas isso não fazia dela uma criminosa. Nada chamou a atenção até que Lucy descobriu aquela transação de dois milhões de dólares em favor de Hap Judd. Então, de repente, o desaparecimento de Hannah, que tinha sido tomado como crime violento e estaria portanto dentro da alçada de Berger, começou a assumir diferentes nuances. Berger uniu forças com outros promotores e analistas da Divisão de Investigação, especialmente o Departamento de Fraudes, e consultou o FBI.

A investigação dela era altamente confidencial, e sobre ela o público nada sabia, pois a última coisa que ela queria divulgar aos quatro ventos era sua suposição de que, ao contrário do que se acreditava, Hannah Starr não tinha sido vítima de nenhum psicopata sexual, e se um táxi amarelo estava envolvido provavelmente era por ter sido o veículo que a levou até o aeroporto onde ela teria embarcado num avião particular, que era exatamente o que estava programado. Ela provavelmente tomou seu Gulfstream no Dia de Ação de Graças, pousou em Miami e daí foi para Saint Barts. Nunca apareceu porque tinha outros planos, ainda mais secretos. Hannah Starr era uma artista da trapaça, muito possivelmente estava viva e em liberdade, e não teria poupado Hap Judd de um terrível destino financeiro, a menos que tivesse por ele um interesse além do profissional. Hannah devia ter se apaixonado pelo cliente célebre, e ele podia ter uma pista sobre o lugar em que ela se encontrava.

“O que você nunca imaginou foi que Eric ligaria para meu escritório na terça-feira de manhã, pediria para falar com um de meus investigadores e repetiria tudo o que você lhe contou”, disse Berger a Judd.

Se Marino estivesse presente, poderia ajudar nessa parte. Poderia repetir o que Eric lhe dissera. Berger estava se sentindo isolada e diminuída. Lucy não a respeitava e escondia coisas, e Marino estava ocupado demais.

“Ironicamente”, Berger continuou, “não tenho certeza de que Eric suspeitava de você tanto quanto queria demonstrar. Queria se vangloriar de andar por aí com um astro de cinema, gabar-se de que tinha informação sobre um escândalo de proporções, ser o próximo American Idol, aparecendo em todos os noticiários, o que

hoje em dia parece ser a motivação de todo mundo. Para seu azar, quando começamos a investigar a história de Eric, o escândalo da Park General, descobrimos uma coisa.”

“Ele não passa de um merda que fala demais.” Judd estava mais calmo depois que Lucy saíra da sala.

“Nós verificamos, Hap.”

“Isso foi há quatro anos. Uma coisa assim, há bastante tempo, quando eu trabalhava lá.”

“Quatro anos, cinquenta anos”, disse Berger. “Não há prescrição. Mas reconheço que você apresenta um desafio pouco comum ao povo de Nova York. Geralmente, quando nos deparamos com um caso de profanação de restos humanos, estamos falando de arqueologia, não de necrofilia.”

“Você gostaria que fosse verdade, mas não é”, disse ele. “Juro. Eu nunca faria mal a ninguém.”

“Pode crer, ninguém deseja que uma coisa como essa seja verdade.”

“Vim até aqui para ajudar.” As mãos dele tremiam ao enxugar os olhos. Talvez ele estivesse representando, querendo que ela tivesse pena dele. “E essa história? É tudo mentira, mentira de merda, tudo o que esse cara disse.”

“Eric parecia bastante convincente.” Se o maldito Marino estivesse aqui poderia ajudá-la. Estava furiosa com ele.

“Fodido de merda, quero que se foda. Eu estava brincando depois que saímos do bar. Acendemos um baseado. Eu estava brincando com essa história do hospital. Contando prosa. Meu Deus, eu não preciso fazer uma coisa dessas. Por que eu faria uma coisa dessas? Conversa mole, foi a erva, talvez alguma tequila demais. Estou quieto no bar e esse cara... Esse João-ninguém de merda. Vou acabar com ele. Vou processá-lo, acabo com ele. É isso que eu ganho por ser legal com um tiete de merda.”

“O que o leva a pensar que ele seja um tiete?”, perguntou Berger.

“Ele me abordou no bar. Você vê, estou cuidando da minha vida, tomando uma bebida, e ele me pede um autógrafo. Eu cometo o erro de ser gentil, e na mesma hora estamos de papo, e ele me pergunta um monte de merda sobre mim, obviamente achando que eu era gay, o que não sou nem nunca fui.”

“Eric é gay?”

“Ele frequenta o Stonewall Inn.”

“Você também”, disse Berger.

“Já disse, não sou nem nunca fui gay.”

“Um hábito pouco comum”, observou Berger. “O Stonewall Inn é um dos estabelecimentos gays mais famosos do país, um verdadeiro símbolo do movimento pelos direitos dos gays. Não é lugar para héteros.”

“Quando você é um ator, frequenta todo tipo de lugares, para poder interpretar todos os tipos de personagem. Sou um ator do Método, entende, faço laboratório. Essa é a minha, é assim que tenho ideias e descubro coisas. Todos sabem que arregajo as mangas e faço o que for preciso.”

“Ir a um bar gay é pesquisa?”

“Não tenho problema com os lugares que frequento, estou seguro de mim mesmo.”

“Que outro tipo de pesquisa, Hap? Conhece a Fazenda de Corps no Tennessee?”

Judd ficou confuso, depois incrédulo. “O quê? Agora você está invadindo meus e-mails?”

Ela não respondeu.

“Encomendei algo a eles. Para pesquisa. Estou interpretando um arqueólogo num filme e temos de escavar uma vala comum, sabe, com restos de esqueletos. Centenas, milhares de esqueletos. É pesquisa, e eu estava mesmo pretendendo ir até lá, a Knoxville, para ter uma ideia de como é conviver com essas coisas.”

“Conviver com corpos em decomposição?”

“Se você quer fazer direito, precisa ver a coisa, cheirá-la, só assim vai poder interpretar. Tenho curiosidade de saber o que acontece, sabe, quando um corpo é sepultado ou deixado em algum lugar. Que aspecto tem depois de uma porção de tempo. Mas não tenho de ficar explicando isso, ficar explicando como se representa, como é minha carreira. Não fiz nada. Você desrespeitou meus direitos, entrou no meu e-mail.”

“Não me lembro de ter lhe dito que entramos em seu e-mail.”

“Devem ter entrado.”

“Pesquisa de dados”, ela respondeu, e agora ele a olhava nos olhos ou desviava a vista, mas já não a examinava de cima a baixo. Só tinha feito isso na presença de Lucy. “Você usa computadores ligados a um servidor, faz uma encomenda on-line, é surpreendente como as pessoas deixam rastros. Vamos falar mais sobre Eric”, disse Berger.

“A bicha de merda.”

“Ele disse que era gay?”

“Ele estava me paquerando, certo? Era óbvio, você sabe, estava perguntando sobre mim, sobre meu passado, e eu mencionei que tive muitos empregos diferentes, inclusive como prestador de serviços num hospital. As bichas me paqueram o tempo todo”, ele acrescentou.

“Foi você quem começou a falar sobre o antigo trabalho no hospital, ou foi ele?”

“Não lembro como o assunto surgiu. Ele começou a me perguntar sobre a minha carreira, como eu tinha começado, e contei sobre o hospital. Falei sobre o que eu fazia enquanto tentava me aprimorar e poder me sustentar como ator. Coisas como

coleta de sangue, de amostras, até mesmo ajudar no necrotério, lavando o chão, guardando corpos na câmara frigorífica, ou retirando-os dela, o que fosse preciso.”

“Por quê?”, perguntou Lucy, que voltava com uma Pepsi light e uma garrafa de água.

“O que você quer dizer com ‘Por quê?’” Judd espichou o pescoço, e sua expressão mudou. Ele a odiava. Não fazia o menor esforço para esconder isso.

“Por que fazer trabalhos de merda como esses?” Ela abriu a lata da Pepsi light, colocou-a diante de Berger e se sentou.

“Eu só tinha um certificado de ensino médio”, disse ele, sem olhá-la.

“Por que não era modelo ou qualquer coisa assim enquanto tentava se firmar como ator?” Lucy recomeçou onde tinha parado, insultando-o, provocando-o.

Uma parte de Berger prestava atenção enquanto a outra se distraía com um segundo toque do BlackBerry. Que merda, quem estaria tentando encontrá-la às quatro da manhã? Talvez Marino outra vez. Estava ocupado para vir, e agora voltava a interrompê-la. Alguém estava fazendo isso. Talvez não fosse ele. Ela puxou o BlackBerry para mais perto. Hap Judd continuava falando, dirigindo a ela suas respostas. Melhor checar as mensagens. Dissimuladamente, ela digitou a senha.

“Fui modelo também. Fiz tudo o que podia para ganhar dinheiro e alguma experiência de vida”, disse ele. “Não tenho medo de trabalho. Não tenho medo de nada, a não ser de gente que mente a meu respeito.”

O primeiro e-mail, enviado minutos antes, era de Marino:

Vou precisar ordem de busca o mais rápido possível ref. incidente com doutora mando detalhes em pouco

“Nada me assusta”, prosseguiu Judd. “Sou uma dessas pessoas que fazem o que tem de ser feito. Não fui criado com gente passando a mão na minha cabeça.”

O que Marino dizia é que estava redigindo uma ordem de busca que em breve mandaria por e-mail a Berger. Ela teria de aprovar os termos, fazer as correções necessárias e contatar um juiz para quem pudesse ligar a qualquer hora e ir até a casa dele para que assinasse a ordem de busca. Que ordem de busca era aquela, e o que seria tão urgente? O que estaria acontecendo com Scarpetta? Berger ficou imaginando se isso teria relação com o pacote deixado naquela noite no prédio dela.

“É por isso que posso interpretar meus papéis e ser convincente. Porque não tenho medo, nem de cobras ou insetos”, Judd dizia a Berger, que o ouvia com atenção e ao mesmo tempo cuidava dos e-mails. “Quero dizer que sou capaz de fazer o mesmo que Gene Simmons, pôr um morcego na boca e engolir fogo. Eu mesmo faço minhas cenas, sem dublê. Não quero falar com ela. Vou embora se tiver de falar com ela.” Ele olhava com fúria para Lucy.

O segundo e-mail, que acabava de chegar, era de Scarpetta:

Assunto: Ordem de busca. Com base em minha formação e em minha experiência, acho que a busca do aparelho de armazenamento de dados vai exigir um especialista forense.

Havia ficado óbvio que Marino e Scarpetta estavam se falando, embora Berger não fizesse ideia do que tinha sido roubado, ou do que deveria ser procurado. Ela não conseguia entender por que Scarpetta não tinha dado essa instrução a Marino, para que ele pudesse incluir um perito forense no adendo da ordem de busca que estava redigindo. Em vez disso, Scarpetta preferira dizer diretamente a Berger que queria um civil para ajudar na busca, alguém que conhecesse aparelhos de armazenamento de dados, como computadores. Mas aí caiu a ficha. Scarpetta precisava da presença de Lucy na cena e estava pedindo a Berger que se ocupasse disso. Por alguma razão, era muito importante.

“Bela peça você representou lá no necrotério do hospital”, disse Lucy a Judd.

“Não representei peça nenhuma.” Dirigia-se sempre a Berger. “Só estava falando, dizendo o que eu achava que poderia acontecer, talvez quando chegasse a agência funerária, porque ela era realmente bonita, e continuava bonita mesmo depois do acidente. Estava meio brincando, embora tenha imaginado o que algumas dessas pessoas das agências funerárias podiam fazer, e é verdade. Suspeitava de alguns daqueles que encontrei pelo caminho. Acho que as pessoas são capazes de qualquer coisa desde que possam escapar impunes.”

“Vou citar suas palavras”, disse Lucy. “Hap Judd diz que as pessoas são capazes de qualquer coisa desde que possam escapar impunes. Uma bela manchete para o Yahoo!”

“Talvez seja hora de mostrar a ele o que encontramos”, disse Berger a Lucy. E para Judd: “Você já ouviu falar em inteligência artificial. Isto é ainda mais avançado. Achei que você não acharia estranho o fato de termos pedido que viesse ao nosso encontro neste lugar”.

“Neste lugar?” Ele passou os olhos pela sala, uma expressão vazia em seu rosto de Capitão América.

“Você escolheu a hora. Eu escolhi o lugar. Este espaço minimalista high-tech”, disse Berger. “Vê quantos computadores? Esta é uma empresa de informática forense.”

Ele não reagiu.

“Foi por isso que escolhi este local. E permita que esclareça. Lucy é assessora de investigação contratada pela promotoria distrital, mas é muito mais que isso. Ex-FBI, ex-Afae, não vou chateá-lo recitando todo o currículo dela, levaria tempo demais, mas dizer que ela não é uma policial de verdade não seria lá muito exato.”

Ele não deu mostras de entender.

“Vamos voltar a seu trabalho no Park General”, disse Berger.

“Na verdade não me lembro de muita coisa, quase nada, muito pouco sobre aquela situação.”

“Que situação?”, perguntou Berger, com a “serenidade de um lago”, como Lucy

gostava de dizer. Só que, quando dizia isso, não era como elogio.

“A garota”, disse ele.

“Farrah Lacy”, disse Berger.

“Sim, quero dizer, não. Estou tentando, o que estou dizendo é que faz muito tempo.”

“Isso os computadores têm de bom”, disse Berger. “Eles não se importam se faz muito tempo. Principalmente os computadores de Lucy, com suas redes neurais, que imitam o funcionamento do cérebro. Vou refrescar sua memória sobre seus velhos tempos no Park General. Quando entrava no necrotério do hospital, você tinha de usar um cartão magnético, certo?”

“Acho que sim. Quero dizer, devia ser essa rotina.”

“Assim, todas as vezes que você entrava, o código de segurança do cartão entrava no sistema de computadores do hospital.”

“Como as gravações em vídeo das câmeras de vigilância”, acrescentou Lucy. “Como seus e-mails, porque passavam pelo servidor do hospital, que faz backup de seus dados de rotina, o que quer dizer que ainda existem os registros eletrônicos dos tempos em que você trabalhou lá. Inclusive tudo o que você escreveu em qualquer computador do hospital que tenha usado. E se você entrou em contas de e-mail particulares a partir de computadores do hospital, essas contas também estão lá. Tudo está interligado. É só uma questão de saber como fazer. Não quero aborrecê-lo com todo esse jargão de informática, mas é o que faço aqui. Faço conexões iguais às que os neurônios de seu cérebro estão fazendo neste instante. Nervos sensoriais e motores de seus olhos, de suas mãos, recebendo e enviando impulsos, um fluxo de informações que o cérebro combina para cumprir funções e resolver problemas. Imagens, ideias, mensagens escritas, conversas. Até mesmo roteiros. Tudo isso interconectado, formando padrões, tornando possível detectar, decidir e predizer.”

“Que roteiro?” Hap Judd tinha a boca seca, parecia pegajosa quando ele falava. “Não sei do que você está falando.”

Lucy começou a digitar. Apontou um controle remoto para uma tela plana que havia na parede. Judd pegou sua garrafa de água, mexeu na tampa, tomou um grande gole.

A tela plana dividiu-se em janelas, cada uma com uma imagem: um Hap Judd mais jovem, com traje de centro cirúrgico, entrando no necrotério do hospital, pegando luvas de borracha de uma caixa, abrindo a câmara frigorífica de aço inoxidável; uma foto de jornal de Farrah Lacy, dezenove anos, uma linda afro-americana de pele clara vestida de líder de torcida, empunhando pompons e sorrindo; um e-mail; uma página de roteiro.

Lucy clicou na página de roteiro e ela ocupou a tela inteira:

corta para:
int. quarto, noite

Uma bela mulher na cama, os lençóis enrolados em seus pés descalços. Parece morta, os dedos cruzados sobre o peito, numa atitude religiosa. Está completamente nua. Um **intruso** que não se pode ver chega mais perto, mais perto, mais perto! Ele a agarra pelos tornozelos e desliza o corpo inerte para os pés da cama, abrindo-lhe as pernas. Ouve-se o clique do cinto dele ao abrir-se.

intruso

Boas notícias. Você está a ponto de ir para o céu.

A calça dele cai ao chão.

“Onde você conseguiu isso? Quem foi que lhe deu isso? Você não tem o direito de entrar em meu e-mail”, disse Hap Judd gritando. “E não é o que você está pensando. Você está querendo plantar provas!”

Lucy clicou o mouse e a tela plana mostrou um e-mail:

Sinto o que aconteceu com quem sabe como se chama. Que se foda. Não disse isso leteralmente. Ligue se estiver a fim de um prezuntinho. Hap

“Eu quis dizer um lanche.” Tinha a voz pastosa, trêmula. “Não lembro quem... Olhe, devia ser um sanduíche de presunto. Eu estava perguntando a alguém se queria fazer um lanche comigo.”

“Não sei”, disse Lucy a Berger. “Parece que ele entendeu que interpretamos ‘presuntinho’ como alguma outra coisa. Talvez um cadáver? Você devia usar um corretor ortográfico de vez em quando”, disse Lucy a ele. “E devia ter cuidado com o que faz, com o que manda por e-mail, com suas mensagens de texto em computadores ligados a um servidor. Como o servidor de um hospital. Podemos ficar aqui com você a semana toda, se quiser. Tenho programas de computador capazes de conectar todas as peças de sua vida confusa e falsa.”

Era um blefe. Naquele momento, elas tinham muito pouco, não muito mais que as coisas que ele escrevera nos computadores do hospital, seus e-mails, tudo o que tinha passado pelo servidor naquela época, além de algumas imagens das câmeras de vigilância e o registro de suas entradas no necrotério durante o período de duas semanas em que Farrah Lacy esteve hospitalizada. Não tinha havido tempo para examinar mais nada. Berger temia que se a conversa com Hap Judd fosse adiada, ela perdesse a oportunidade. Isso era o que ela chamava de “ataque relâmpago.” Se antes já não se sentia bem em relação a isso, agora estava totalmente fora de sua zona de conforto. Tinha dúvidas. Sérias dúvidas. As mesmas dúvidas que já vinha tendo, só que agora muito piores. Lucy estava no comando. Tinha um destino em mente, e não lhe importava de que forma chegaria lá.

“Não quero ver mais nada”, disse Judd.

“Temos toneladas de coisas para examinar. Estou ficando vesga.” Lucy tocou a tela do MacBook com o indicador. “Tudo baixado. Coisas de que duvido que você se lembre, nem tem ideia. Não sei bem o que a polícia faria com este material. Senhora Berger? O que a polícia faria com isto?”

“O que me preocupa é o que pode ter acontecido com a vítima enquanto ainda estava viva”, disse Berger, porque tinha de ir adiante. Não podia parar agora. “Farrah esteve duas semanas no hospital antes de morrer.”

“Doze dias, ao todo”, disse Lucy. “Respirando com aparelhos, nunca recuperou a consciência. Em cinco desses dias, Hap estava de serviço no hospital. Alguma vez foi ao quarto dela, Hap? Talvez aproveitar-se dela enquanto ela estava em coma?”

“É você a perversa aqui!”

“Sim ou não?”

“Eu já lhe contei”, disse ele a Berger. “Nem a conheço.”

“Farrah Lacy”, repetiu Berger. “A líder de torcida de dezenove anos cuja foto você viu no jornal on-line, no *Harlem News*. A mesma foto que acabamos de lhe mostrar.”

“A mesma foto que você mandou a si mesmo por e-mail”, disse Lucy. “Deixe-me tentar. Você não lembra. Vou ajudá-lo a lembrar. Você mandou a foto para si mesmo no mesmo dia em que ela apareceu nos noticiários on-line. Mandou a matéria sobre o acidente de carro para você mesmo. Acho isso muito interessante.”

Com um clique, ela fez a foto voltar à tela plana da parede. A foto de Farrah Lacy em seu uniforme de líder de torcida. Hap Judd desviou os olhos.

“Não sei nada sobre um acidente de carro.”

“A família voltava para casa depois de passear no parque do Memorial Marcus Garvey no Harlem”, disse Berger. “Numa linda tarde de sábado, em julho de 2004, algum rapaz falando pelo celular fura um sinal vermelho na avenida Lenox e atinge o carro deles na perpendicular.”

“Não lembro”, disse Judd.

“Farrah sofreu um trauma cerebral fechado, em que o ferimento não fica visível”, disse Berger.

“Não lembro. Lembro vagamente de que ela esteve no hospital.”

“Certo. Você lembra que Farrah foi paciente do hospital quando você trabalhava lá. Respirava por aparelhos, no cti. Às vezes você ia ao cti para colher sangue, lembra-se disso?”, perguntou Berger.

Ele não respondeu.

“Não é verdade que você tinha fama de extrair sangue muito bem?”, perguntou Berger.

“Ele conseguia tirar sangue de uma pedra”, disse Lucy. “Foi o que uma das enfermeiras contou a Marino.”

“Quem diabos é Marino?”

Lucy não devia ter mencionado aquele nome. Fazer referência a investigadores de Berger ou a qualquer pessoa que estivesse colaborando com ela num caso era prerrogativa dela própria, não de Lucy. Marino tinha conversado com algumas pessoas no hospital, pelo telefone e com muito tato. Era uma situação delicada. Berger estava tratando o caso com responsabilidade exacerbada pelo fato de o possível réu ser quem era. Lucy evidentemente não tinha essa preocupação. Ao que

parece, tinha o propósito de acabar com Hap Judd, como tinha ocorrido em relação ao controlador de tráfego aéreo poucas horas antes e ao rapaz que ela repreendera no fbo. Berger tinha ouvido tudo através da porta do banheiro. Lucy queria sangue, talvez não só o de Hap Judd, mas o sangue de uma porção de gente. Berger não sabia por quê. Ela já não sabia o que pensar.

“Temos muita gente investigando sua situação”, disse Berger a Judd. “Lucy está atrás de você e de todo tipo de dados pelos computadores há dias.”

Não era bem verdade. Lucy tinha passado talvez um dia nisso, de longe, quando estava em Stowe. Uma vez que Marino deu início ao processo, o hospital colaborou, enviando por e-mail certas informações sem objetar pelo fato de tratar-se de uma questão pessoal, um assunto referente a um ex-funcionário, e Marino deu a entender, como só ele sabia fazer, que quanto mais o Park General colaborasse, maior seria a possibilidade de resolver as coisas diplomaticamente e com discrição. Mandados e liminares judiciais, mais um ex-funcionário que agora era famoso, levariam o caso para todos os jornais. Totalmente desnecessário, já que no fim talvez ninguém fosse incriminado, e seria lamentável fazer a família de Farrah Lacy passar por tanto sofrimento outra vez, e a maneira como os processos criminais são conduzidos hoje em dia não é nada compassiva, isso disse Marino, ou algo com o mesmo efeito.

“Vou refrescar sua memória”, disse Berger a Hap Judd. “Você entrou no cti, no quarto contíguo ao de Farrah, na noite de 6 de julho de 2004, para tirar sangue de uma outra paciente, esta bastante idosa. Ela tinha veias horríveis, então você se ofereceu para atendê-la, já que conseguia tirar sangue de uma pedra.”

“Posso mostrar o boletim da paciente”, disse Lucy.

Outro blefe. Lucy não tinha como mostrar uma coisa dessas. O hospital não permitira que o pessoal de Berger tivesse acesso a informação confidencial sobre outros pacientes.

“Posso puxar o vídeo, você chegando com as luvas postas, com seu carrinho, entrando no quarto dela.” Lucy estava implacável. “Posso puxar o vídeo de cada entrada sua em cada quarto do Park General, inclusive no de Farrah.”

“Nunca fiz isso. É mentira, é tudo mentira.” Judd estava derreado em sua cadeira.

“Você tem certeza de que não entrou no quarto dela naquela noite, quando estive no cti?”, perguntou Berger. “Você disse a Eric que entrou. Você disse que tinha curiosidade a respeito de Farrah, que ela era mesmo linda, que você queria vê-la nua.”

“Mentiras de merda. Ele é um mentiroso filho da puta.”

“Ele vai dizer a mesma coisa, sob juramento, quando estiver no banco de testemunhas”, acrescentou Berger.

“Era pura conversa. Mesmo que eu tenha entrado, foi só para olhar. Eu não fiz nada. Não machuquei ninguém.”

“Os crimes sexuais têm a ver com poder”, disse Berger. “Talvez você tenha se sentido poderoso ao estuprar uma adolescente indefesa, inconsciente, que nunca ia dizer nada, fazendo você se sentir grande e forte, principalmente se naquela época você lutava para ser ator e mal conseguia papéis secundários em seriados de TV. Imagino que você se sentisse bastante mal espetando agulhas nos braços de gente doente e irritadiça, lavando pisos, recebendo ordens de enfermeiras, de qualquer um, puxa vida, você estava lá embaixo na cadeia alimentar.”

“Não”, disse ele, balançando a cabeça de um lado para outro. “Eu não fiz isso. Eu não fiz nada.”

“Mas parece que fez, Hap”, disse Berger. “Vou continuar refrescando sua memória com alguns fatos. No dia 7 de julho, saiu nos jornais que os aparelhos que mantinham Farrah Lacy com vida seriam desligados. Quando eles foram desligados, você foi trabalhar, embora não estivesse escalado. Você era diarista, só trabalhava quando era chamado. Mas o hospital não chamou você na tarde de 7 de julho de 2004. Mesmo assim, você se apresentou e assumiu a tarefa de limpar o necrotério. Lavando o piso, esfregando aço inoxidável, tudo isso segundo um guarda que ainda trabalha lá e por acaso está num vídeo que já vamos te mostrar. Farrah morreu e você foi direto para o décimo andar, para o cti, para levar o corpo até o necrotério. Lembra-se disso?”

Ele fitou o tampo de aço escovado da mesa e não respondeu. Berger não conseguiu descobrir o que ele sentia. Talvez estivesse em choque. Talvez estivesse ponderando o que ia dizer em seguida.

“O corpo de Farrah Lacy foi levado ao necrotério por você”, repetiu Berger. “Isso foi captado pela câmera. Você quer ver?”

“Isso é uma porcaria. Não é assim como você está dizendo.” Esfregou o rosto com as mãos.

“Vamos te mostrar o vídeo agora mesmo.”

Um clique do mouse, outro clique, e o vídeo começou. Hap Judd em traje de centro cirúrgico e um guarda-pó, empurrando uma maca para dentro do necrotério do hospital, parando diante da porta de aço inoxidável da câmara frigorífica. Um guarda entrando, abrindo a porta da câmara, olhando a etiqueta sobre o lençol que cobre o corpo, dizendo: “O que eles vão declarar? Ela tinha morte cerebral e desligaram o aparelho”. Hap Judd dizendo: “A família quis assim. Não me pergunte. Ela era bonita pra caralho, líder de torcida. Como a garota dos seus sonhos, a que você levaria ao baile de fim de ano”. O guarda dizendo: “É mesmo?”. Hap Judd puxando o lençol, mostrando o corpo da garota, dizendo: “Que desperdício”. O guarda balançando a cabeça, dizendo: “Leve-a para dentro, tenho mais o que fazer”. Judd empurrando a maca para dentro da câmara frigorífica, dando uma resposta ininteligível.

Hap Judd afastou a cadeira e se pôs de pé. “Quero um advogado”, disse.

“Não posso fazer nada nesse sentido”, disse Berger. “Você não está preso. Não informamos pessoas que não estão presas a respeito de seus direitos. Se quer um advogado, isso é com você. Ninguém está te segurando. Vá em frente.”

“Você diz isso porque pode me prender. E acho que é o que vai fazer, é por isso que estou aqui.” Parecia inseguro, e não olhava para Lucy.

“Agora não”, disse Berger.

“Por que estou aqui?”

“Não é para ser preso. Não agora. Depois, talvez seja, talvez não. Não sei”, disse Berger. “Não foi para isso que pedi para falar com você há três semanas.”

“Então qual é? O que você quer comigo?”

“Sente-se”, disse Berger.

Ele se sentou de novo. “Você não pode me acusar de uma coisa dessas. Entendeu? Não pode. Você tem uma arma por aqui? Por que não me dá logo uma porra de um tiro?”

“São dois assuntos diferentes”, disse Berger. “Primeiro: podemos continuar investigando e você pode ser acusado. Talvez seja indiciado. E depois o que vai acontecer? Sua sorte estará nas mãos de um júri. Segundo: ninguém vai lhe dar um tiro.”

“Estou dizendo, não fiz nada com aquela garota”, disse Judd. “Não fiz nada.”

“E a luva?”, perguntou Lucy incisivamente.

“Você tirou as palavras da minha boca. Vou perguntar a ele sobre esse assunto”, disse Berger a ela.

Não aguentava mais. Lucy tinha de parar já com isso.

“Eu faço as perguntas”, disse Berger, sustentando o olhar de Lucy até ter certeza de que ela dessa vez não lhe faria caso.

“O guarda diz que saiu do necrotério e deixou você lá, sozinho, com o corpo de Farrah Lacy.” Berger continuou perguntando, repetindo informações que Marino conseguira, tentando não pensar no quanto estava aborrecida com ele naquele momento. “Ele disse que foi verificar uns vinte minutos depois e você estava saindo. Ele perguntou o que você estava fazendo no necrotério durante aquele tempo todo e você não soube o que responder. Ele lembrou que você trazia uma única luva e parecia ofegante. Onde estava a outra luva, Hap? No vídeo que acabamos de mostrar você estava com as duas luvas. Podemos mostrar-lhe uma outra sequência em que você entra na câmara frigorífica e fica lá dentro quase quinze minutos, com a porta escancarada. O que você estava fazendo lá? Por que tirou uma das luvas? Seria para usá-la para outro fim, talvez em outra parte do corpo? Quem sabe em seu pênis?”

“Não”, disse ele, balançando a cabeça.

“Você quer contar isso diante de um júri? Quer que um júri popular ouça tudo isso?”

Ele olhava para a mesa, deslizando o dedo pelo tampo de metal, como uma criança pintando com o dedo. Arquejava, tinha o rosto vermelho.

“Estou vendo que você gostaria de deixar tudo isso para trás”, disse Berger.

“Diga-me como.” Ele não ergueu os olhos.

Berger não tinha testes de DNA. Não tinha testemunhas nem provas de outro tipo, e Judd não ia confessar. Berger nunca teria nada além de circunstâncias que não eram muito mais que insinuações. Mas isso já era muito se ela precisasse destruir Hap Judd. Em seu nível de celebridade, a acusação era uma condenação. Se ela o indiciasse por profanação de restos humanos, a única acusação prevista para necrofilia, acabaria com a vida dele, e Berger não faria isso com leviandade. Nunca se soube que ela instaurasse processos viciados, que conduzisse casos baseados em procedimentos condenáveis ou que apresentasse provas obtidas por métodos inadequados. Nunca recorrera a expedientes injustificados ou pouco razoáveis, e não ia começar a fazer isso agora, nem ia permitir que Lucy a levasse a isso.

“Vamos voltar a três semanas atrás, quando eu liguei para seu empresário. Você se lembrará de ter recebido minhas mensagens”, disse Berger. “Seu empresário disse que as passou a você.”

“Como faço para deixar isso para trás?”, perguntou Judd, olhando para ela. Queria fazer um trato.

“A cooperação é uma coisa boa. Colaboração... exatamente o que você tem de fazer para participar de um filme. Trabalho em equipe.” Berger depôs a caneta sobre seu bloco de notas e entrelaçou os dedos. “Você não foi colaborador há três semanas, quando liguei para seu empresário. Eu queria falar com você, mas você não quis se incomodar. Eu poderia ter mandado a polícia a seu apartamento em TriBeCa, ou localizá-lo em Los Angeles ou onde quer que você estivesse e fazê-lo vir, mas poupei-o desse trauma. Fui discreta por saber quem você é. Mas agora estamos numa situação diferente. Preciso de sua ajuda e você da minha. Porque agora você está com um problema que não existia há três semanas. Você não tinha conhecido Eric num bar há três semanas. Eu nada sabia a respeito do Hospital Park General e de Farrah Lacy há três semanas. Talvez possamos nos ajudar mutuamente.”

“Pode falar.” Medo em seus olhos.

“Vamos falar de seu relacionamento com Hannah Starr.”

Ele não reagiu. Não respondeu.

“Você não vai negar que conhecia Hannah Starr”, disse Berger.

“Por que negaria?” Ele deu de ombros.

“E você não suspeitou nem por um minuto que eu poderia estar ligando por causa

dela?”, perguntou Berger. “Você sabe que ela está desaparecida, não sabe?”

“É claro.”

“E não passou pela sua cabeça que...”

“Está bem. Sim. Mas não quis falar dela por razões particulares”, disse Judd. “Teria sido injusto para com ela, e não vejo que relação isso possa ter com o que lhe aconteceu.”

“Você sabe o que lhe aconteceu”, disse Berger, como se ele soubesse.

“Na verdade, não sei.”

“Está me parecendo que sabe.”

“Não quero me envolver nisso. Não tem nada a ver comigo”, disse Judd. “Meu relacionamento com ela não interessa a mais ninguém. Mas ela poderia lhe dizer que não sou um pervertido. Se ela estivesse aqui, diria a você que essa história do Park General é lorota. O que quero dizer é que as pessoas fazem coisas como essa quando não podem conseguir pessoas vivas, certo? Ela diria a você que não tenho problemas nesse departamento. Não tenho problema para conseguir sexo.”

“Você estava tendo um caso com Hannah Starr.”

“Pus um ponto final nisso logo de início. Tentei.”

Lucy olhava para ele com dureza.

“Você fez contrato com a firma de investimentos dela há pouco mais de um ano”, disse Berger. “Posso lhe dizer a data exata, se você quiser. Você há de entender que temos muita informação devido ao que aconteceu.”

“Sim, eu sei. É tudo o que se ouve nos noticiários. E agora a outra garota. A maratonista. Não lembro o nome. E talvez um assassino em série ao volante de um táxi amarelo. Não me surpreenderia.”

“O que o leva a pensar que Toni Darien fosse maratonista?”

“Devo ter ouvido na TV, ou visto na internet, alguma coisa assim.”

Berger tentou se lembrar de alguma referência a Toni Darien como maratonista. Não conseguiu lembrar nada que tivesse saído na imprensa, só se dizia que ela corria.

“Como você conheceu Hannah?”, ela perguntou.

“No Monkey Bar, onde vai uma porção de gente de Hollywood”, disse ele. “Ela estava lá uma noite e começamos a conversar. Ela era muito esperta com relação a dinheiro, me contou um monte de coisas sobre as quais eu não sabia porra nenhuma.”

“E você sabe o que aconteceu com ela há três semanas”, disse Berger, enquanto Lucy ouvia com atenção.

“Faço uma ideia. Acho que lhe fizeram alguma coisa. Você sabe, ela irritava as pessoas.”

“Quem se irritava com ela?”, perguntou Berger.

“Tem um catálogo telefônico? Vamos procurar nele.”

“Muita gente”, disse Berger. “Você está afirmando que ela irritava quase todo mundo que conhecia?”

“Eu inclusive. Admito. Ela sempre queria fazer tudo do seu jeito. Tinha seu jeito de fazer tudo, absolutamente tudo.”

“Você está falando dela como se estivesse morta.”

“Não sou ingênuo. A maior parte das pessoas acha que aconteceu alguma coisa ruim com ela.”

“Você não parece perturbado com a possibilidade de que ela esteja morta”, disse Berger.

“Claro que estou perturbado. Eu não a odiava. Só fiquei cansado dela me pressionando, me pressionando. Me perseguindo, se quer que eu seja franco. Ela não gostava de ouvir não.”

“Por que ela devolveu seu dinheiro — na verdade, quatro vezes o investimento original? Dois milhões de dólares. Um belo retorno para um investimento de apenas um ano.”

Ele deu de ombros outra vez. “O mercado estava nervoso. O Lehman Brothers estava arruinado. Ela me ligou e recomendou que eu saísse, e eu disse para fazer o que achasse melhor. E aí veio o depósito bancário. E depois? Não é que ela tinha razão? Eu teria perdido tudo, e ainda não ganho milhões e milhões. Ainda não estou entre os mais bem pagos. Com certeza não quero perder o que posso poupar depois de pagar as despesas.”

“Quando foi a última vez que você e Hannah fizeram sexo?” Berger tomava nota em seu bloco mais uma vez, consciente da presença de Lucy, da sua frieza, do modo como ela olhava para Hap Judd.

Ele precisou pensar. “Ah, sim, lembrei. Depois da ligação. Ela me disse que estava tirando meu dinheiro, que eu passasse por lá, se pudesse, que ela me explicaria o que estava acontecendo. Era só uma desculpa.”

“Passar por onde?”

“Pela casa dela. Passei por lá, e uma coisa leva a outra. Foi a última vez. Em julho, acho. Eu ia viajar para Londres e, seja como for, ela tinha marido. Bobby. Eu não ficava muito à vontade na casa dela quando ele estava.”

“Ele estava naquela ocasião? Quando ela pediu que você passasse por lá antes de ir a Londres?”

“Hum, não me lembro se ele estava dessa vez. A casa é enorme.”

“A casa da Park Avenue?”

“Ele dificilmente estava em casa.” Judd não respondeu à pergunta. “Viaja o tempo todo nos jatinhos particulares deles, vai para a Europa e volta, vai para toda parte. Tive a impressão de que ele passa muito tempo no sul da Flórida, que frequenta os

círculos de Miami, eles têm uma casa na praia. Ele tem um Enzo lá. Uma dessas Ferraris que custam mais de um milhão de dólares. Na verdade, eu mal o conheço. Vi-o poucas vezes.”

“Quando e como você o conheceu?”

“Quando comecei a investir com a corretora deles, há pouco mais de um ano. Eles me convidaram para ir a casa deles. Eu o vi lá na casa deles.”

Berger refletiu sobre a data e mais uma vez lembrou-se de Dodie Hodge.

“Hannah foi quem te falou de sua adivinha, Dodie Hodge?”

“Sim, foi ela. Ela lia a sorte de Hannah e Bobby na casa deles. Hannah sugeriu que eu falasse com Dodie, foi um erro. A mulher é louca de pedra. Ficou obcecada por mim, disse que eu era a reencarnação de um filho que ela teve numa vida passada no Egito. Eu era um faraó e ela era minha mãe.”

“Vamos ver se entendi de que casa você está falando. É a mesma onde você esteve em julho passado, quando fez sexo com Hannah pela última vez?”, perguntou Berger.

“A casa do velho, vale mais ou menos oitenta milhões, a enorme coleção de carros dele, antiguidades inacreditáveis, estátuas, pinturas de Michelangelo nas paredes e no teto, afrescos, seja lá como se chamem.”

“Duvido que sejam de Michelangelo”, ironizou Berger.

“Deve ter uns cem anos, estupenda, inacreditável, ocupa praticamente uma quadra inteira. Bobby também tem dinheiro. Então ele e Hannah têm uma parceria de negócios. Ela me dizia que eles nunca faziam sexo. Nem uma só vez.”

Berger anotou que Hap Judd continuava a falar de Hannah no passado. Ainda falava dela como se estivesse morta.

“Mas o velho cansou de tê-la como uma menina rica e mimada, e disse que ela tinha de sossegar com alguém, para que ele pudesse ter certeza de que seus negócios seriam bem conduzidos”, continuou Judd. “Rupe não queria deixar nada para ela se continuasse na badalação, você sabe, solteira e festeira, e de repente acabava se casando com um babaca que ia meter a mão em tudo. Por isso, como você vê, ela ficou com Bobby... embora me dissesse que às vezes chegava a ter medo dele. Não era um relacionamento de verdade, o acerto entre eles era outro.”

“Quando foi que você começou a ter um relacionamento sexual com Hannah?”

“A primeira vez lá na mansão? Vou lhe contar. Ela era muito simpática. Eles tinham uma piscina coberta, um spa completo, como na Europa. Estávamos lá, eu e alguns clientes vip, novos clientes, para ficar na piscina, beber, jantar, todos aqueles empregados por toda parte, Dom Pérignon e Cristal rolando como se fosse limonada. Eu estava na piscina e ela não parava de olhar. Foi ela quem começou.”

“Ela começou em sua primeira visita à casa do pai dela, em agosto fez um ano?”

Lucy continuava sentada, de braços cruzados, olhando. Estava em silêncio e não

queria olhar para Berger.

“Ela deu muita bandeira”, Judd disse.

“E onde estava Bobby enquanto ela dava essa bandeira toda?”

“Não sei. Talvez exibindo seu novo Porsche. Lembro-me disso. Ele tinha comprado um Carrera gt vermelho. Sabe aquela foto dele dos jornais? É aquele carro. Ele levava as pessoas para subir e descer a Park Avenue no carro. Se quer saber a minha opinião, eu diria que você devia investigar. Como, por exemplo, onde estava ele quando Hannah desapareceu, hein?”

Bobby Fuller estava em seu apartamento de Miami Beach quando Hannah desapareceu, mas ela não ia dar a Judd essa informação.

“Onde você estava na noite da véspera do Dia de Ação de Graças?”

“Eu?” Ele quase riu. “Agora você está achando que fiz alguma coisa a ela? De jeito nenhum. Não faço mal a ninguém. Não é a minha.”

Berger tomou nota. Judd estava dando por certo que alguém tinha “feito mal” a Hannah.

“Fiz uma simples pergunta”, disse Berger. “Onde você estava na noite da véspera do Dia de Ação de Graças, quarta-feira, 26 de novembro?”

“Estou pensando.” A perna dele balançava para cima e para baixo. “Sinceramente, não me lembro.”

“Só três semanas atrás, feriado de Ação de Graças, e você não se lembra?”

“Espere um pouco. Eu estava na cidade. Então, no dia seguinte, fui para Los Angeles. Gosto de viajar nos feriados porque os aeroportos não ficam tão cheios. Fui para Los Angeles. Na manhã de Ação de Graças.”

Berger escreveu em seu bloco e disse a Lucy: “Vamos checar isso”. E, para Judd: “Lembra qual foi a companhia aérea, o número de seu voo?”.

“American Airlines. Por volta do meio-dia, não lembro o número do voo. Não comemoro o Dia de Ação de Graças, estou cagando para peru recheado e tudo o mais. Não significa nada para mim, por isso tive de pensar um instante.” A perna dele balançava à toda. “Sei que provavelmente você vai achar isso suspeito.”

“O que eu vou achar suspeito?”

“Que ela desapareça e no dia seguinte eu entre num avião e caia fora daqui”, disse ele.

O Crown Vic de Marino estava coberto de uma película de sal, o que lhe lembrou a própria pele, que ficava seca e descascava nessa época do ano. Ele e seu carro reagiam da mesma forma aos invernos nova-iorquinos.

Rodar num veículo sujo, arranhado e amassado nas laterais, com o estofamento gasto e um pequeno rasgão no teto meio caído não fazia seu estilo, e ele estava permanentemente consciente disso, às vezes ficava irritado e constrangido. Quando se encontrara com Scarpetta diante do edifício dela, ele notara um rastro esbranquiçado na jaqueta dela, bem onde tinha roçado a porta do carona. Agora ia apanhá-la e queria muito encontrar um lava a jato aberto pelo caminho.

Ele sempre tinha sido exigente com o aspecto de seu meio de transporte, fosse uma viatura, uma caminhonete ou uma Harley. O carro de briga de um homem era uma projeção de si mesmo e do que ele pensava sobre si, com exceção da bagunça, que em geral não lhe importava desde que certas pessoas não a vissem. Era um relaxado assumido — e culpava suas antigas inclinações autodestrutivas por isso —, principalmente na época de Richmond. Sua viatura vivia cheia de papéis, copinhos de café, embalagens de comida, o cinzeiro entupido a ponto de não fechar, roupas jogadas no banco de trás e, na mala, uma mixórdia de material de trabalho, sacos para coleta de provas periciais e sua Winchester Marine. Mas agora não. Marino tinha mudado.

Deixar de beber e de fumar tinha transformado radicalmente sua vida, como um velho edifício posto abaixo. O que ele construía em seu lugar até o momento era bastante bom, mas tanto seu calendário quanto seu relógio interiores estavam desligados e talvez para sempre, não só por causa da maneira como ele empregava ou deixava de empregar seu tempo, mas porque agora tinha muito mais tempo, segundo seus cálculos, de três a cinco horas a mais por dia. Ele tinha feito as contas no papel, como tarefa passada por Nancy, sua terapeuta, no centro de reabilitação da costa norte de Massachusetts, em junho do ano anterior. Recolheu-se a uma espreguiçadeira do lado de fora da capela, onde podia sentir o cheiro do mar e ouvir as ondas quebrando nas pedras, o ar fresco, o sol quente na cabeça enquanto fazia as contas. Nunca esqueceu o susto. Cada cigarro lhe tomava cerca de sete minutos de sua vida, com outros dois ou três minutos para preparar o ritual: onde e quando, pegar o maço, tirar um cigarro, acendê-lo, dar a primeira tragada profunda, depois mais cinco ou seis tragadas, apagar o cigarro, livrar-se da guimba. O álcool lhe roubava ainda mais tempo, já que o dia acabava quando começava a happy hour.

“A serenidade vem de saber o que você pode e o que não pode mudar”, disse-lhe

Nancy quando ele lhe apresentou os resultados. “E o que você não pode mudar, Pete, é o fato de ter desperdiçado pelo menos vinte por cento de suas horas de vigília durante cerca de meio século.”

Ou ele preenchia com sensatez aqueles dias que tinham ficado vinte por cento mais longos ou retomava seus velhos hábitos, o que estava fora de cogitação depois dos problemas que eles tinham causado. Ele se interessou pela leitura, passou a informar-se sobre os acontecimentos, a navegar na internet, a fazer faxina, arrumação, consertar coisas, passear entre as gôndolas da Zabar e da Home Depot, e, quando não conseguia dormir, dar uma passada pela Dois, tomar um café, levar o cachorro Mac para passear e usar a garagem enorme da Unidade de Serviços de Emergência. Fez de sua viatura caindo aos pedaços um projeto, trabalhou nela pessoalmente, colou e retocou a pintura o melhor que pôde. Deu um jeito de conseguir uma sirene marca Code 3 novinha, uma grelha cromada e um farol de milha. Com uma boa conversa, conseguiu que a loja de reparos programasse seu rádio Motorola P25 para captar uma porção de outras frequências além da Divisão de Operações Especiais. Pagou de seu próprio bolso um organizador TruckVault com gavetas, que instalou no porta-malas para transportar materiais e suprimentos, desde baterias e munição de reposição a uma bolsa de equipamentos com sua carabina Beretta Storm de nove milímetros, roupas de chuva, roupas de campanha, um colete à prova de balas e um par sobressalente de botas Blackhawk com zíper.

Marino esguichou uma boa dose de líquido no para-brisa e acionou os limpadores, que desenharam dois arcos no vidro limpo. Estava saindo da Zona Gelada, a área restrita da Police Plaza 1, à qual só pessoas autorizadas, como ele, tinham acesso. A maior parte das janelas do edifício de tijolinhos marrons estava às escuras, principalmente as do décimo quarto andar, onde ficava o Centro de Comando Executivo, a sala Teddy Roosevelt e a sala do comissário, nenhuma delas ocupada. Passava das cinco da manhã, ele tinha levado um tempo para digitar a ordem de busca e mandá-la para Berger, junto com uma mensagem em que justificava sua ausência na entrevista com Hap Judd, perguntava se tinha corrido bem e lamentava não ter ido, mas estava com uma emergência importante.

Ele lhe falava da possível bomba deixada no edifício de Scarpetta, e agora estava preocupado com alguma brecha na segurança do Instituto Médico Legal e até do Departamento de Polícia de Nova York que pudesse ter sido aberta pelo roubo do BlackBerry da doutora. Havia neles mensagens e informações privilegiadas que envolviam toda a comunidade policial e judiciária de Nova York. Talvez houvesse algum exagero nisso, mas ele tinha dado um cano em Berger, sua chefe. Pusera Scarpetta em primeiro lugar. Berger iria acusá-lo de não lidar bem com suas prioridades, e não seria a primeira vez que o faria. Bacardi o acusava da mesma coisa, e por isso já não se davam tão bem.

No cruzamento entre a rua Pearl e a Finest, ele reduziu a velocidade diante da guarita branca da guarda, de onde o vulto indistinto de um policial acenou para ele através do vidro embaçado. Marino pensou em ligar para Bacardi como costumava fazer na época em que podia falar com ela a qualquer hora, não importava o que ela estivesse fazendo. No começo de seu relacionamento, nada era inconveniente. Falava com ela sempre que tinha vontade e lhe contava o que estava acontecendo, ouvia a opinião dela, seus comentários irônicos, sua reclamação constante de que sentia saudade, querendo saber quando se veriam outra vez. Teve vontade de ligar para Bonnell — L. A., como ele agora a chamava —, mas tinha certeza de que ainda não podia fazer isso, e se deu conta de quanto desejava ver Scarpetta, mesmo que fosse por questões de trabalho. Tinha ficado surpreso e quase não acreditou quando atendeu o telefone e era ela dizendo que estava com um problema e precisava da ajuda dele. Ficou muito satisfeito ao ser lembrado de que o super-homem Benton tinha suas limitações. Benton não podia fazer porra nenhuma quanto ao roubo do BlackBerry da doutora, cometido por Carley Crispin, mas Marino podia. Ele ia dar um jeito naquilo.

A agulha de cobre do velho edifício Woolworth apontava para o céu escuro sobre a ponte do Brooklyn como um chapéu de bruxa, onde o trânsito estava desafogado mas constante, fazendo um barulho como de ondas, como um vento distante. Marino ligou o rádio da polícia e começou a ouvir as conversas entre a central e alguns policiais, numa linguagem singular de códigos e mensagens entrecortadas que não fazia sentido para o resto do mundo. Marino tinha bom ouvido para isso, como se tivesse falado dessa forma a vida inteira, era capaz de discernir o número de sua viatura por mais preocupado que pudesse estar.

“... oito-sete-zero-dois.”

O efeito foi como o de um assobio para um cachorro, e de imediato ele ficou alerta. Sentiu uma descarga de adrenalina, como se alguém tivesse pisado fundo no acelerador, e pegou o microfone.

“Aqui zero-dois K falando”, disse, evitando mencionar o número completo de sua viatura, 8702, já que preferia um pouco de anonimato sempre que possível.

“Pode ligar para um número de telefone?”

“Dez-quatro.”

A central lhe deu um número, que ele anotou num guardanapo, mesmo dirigindo. Um número de Nova York que lhe pareceu conhecido, mas que ele não conseguiu localizar. Ligou e alguém atendeu ao primeiro toque.

“Lanier”, disse uma voz de mulher.

“Detetive Marino, Departamento de Polícia de Nova York. A central acaba de me dar seu número. Alguém me procura?” Ele cortou caminho pela Canal, em direção à Oitava Avenida.

“Quem fala aqui é a agente especial Marty Lanier do FBI”, disse ela. “Obrigada por retornar a ligação.”

Ligando para ele antes das cinco da manhã? “O que está acontecendo?”, disse ele, compreendendo por que o número lhe parecia conhecido.

Era a central 384 da divisão executiva do FBI em Nova York, que ele usara muitas vezes, mas não conhecia Marty Lanier nem seu ramal. Nunca tinha ouvido falar nela, nem podia imaginar por que ela estivesse em seu encalço àquela hora da manhã. Foi aí que ele lembrou. Petrowski tinha enviado umas fotos ao FBI, as imagens da câmara de segurança que mostrava o homem de pescoço tatuado. Esperou que a agente especial Lanier dissesse o que queria.

“Acabamos de receber informações do cctr, segundo as quais o senhor é apontado como contato para uma pesquisa de dados. O incidente da Central Park Oeste.”

Isso o intrigou um pouco. Ela falava do pacote suspeito entregue na Central Park Oeste no mesmo instante em que ele estava indo para lá, para pegar Scarpetta.

“Sim”, disse ele. “Vocês acharam alguma coisa?”

“O computador encontrou uma pista numa das nossas bases de dados”, disse ela.

Ele esperava que fosse a base de dados sobre tatuagens. Estava impaciente para ter notícias do imbecil de boné do FedEx que tinha deixado a encomenda suspeita para a doutora.

“Podemos falar sobre isso pessoalmente aqui em nosso escritório. Esta manhã, um pouco mais tarde”, disse Lanier.

“Mais tarde? A senhora está dizendo que tem uma pista e que isso pode esperar?”

“Temos de esperar até que o Departamento de Polícia de Nova York cuide do objeto.” Ela falava do pacote do FedEx. Estava trancado num dispositivo para transporte de explosivos em Rodman’s Neck, e ninguém sabia ainda o que havia dentro. “Não sabemos se teremos um registro de ocorrência relativo à Central Park Oeste”, explicou ela.

“Quer dizer que vocês precisam de um número para tomar qualquer outra providência?”

“Conversamos mais tarde.”

“Então por que me ligou agora, como se fosse uma emergência?” Ficou profundamente irritado por ter recebido uma ligação do FBI de imediato mas que eles se recusassem a lhe dar detalhes, fazendo-o esperar até a hora que lhes conviesse para uma porcaria de reunião.

“Pensei que o senhor estivesse trabalhando, já que acabamos de receber a informação”, explicou Lanier. “Pela hora que aparecia na pesquisa de dados. Como se estivesse no turno da meia-noite.”

Federais de merda cheios de babaquices, pensou, aborrecido. Não tinha nada a ver com o turno da meia-noite de Marino. Tinha a ver com Lanier. Se ela ligava de

uma central 384 era porque estava na divisão, dando a entender que alguma coisa era importante a ponto de fazê-la estar no trabalho àquela hora. Alguma coisa estava acontecendo. Ela lhe explicou que tinha de decidir quem mais estaria na reunião — traduzindo, Marino não ia ser informado de porra nenhuma até chegar lá, sabe-se lá quando. Muita coisa dependia do que o esquadrão de explosivos do Departamento de Polícia de Nova York encontrasse no pacote de Scarpetta.

“Qual é seu cargo no Bureau?” Marino achou que devia perguntar, já que ela estava decidindo as coisas e dizendo a ele o que devia fazer.

“Atualmente estou trabalhando na Força Tarefa Conjunta para Assaltos a Bancos. E sou uma das coordenadoras do Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos”, ela respondeu.

O grupo a que Lanier pertencia era a mais antiga força-tarefa dos Estados Unidos, integrada por investigadores do Departamento de Polícia de Nova York e agentes do FBI, um pau para toda obra que se ocupava de tudo, desde assaltos a bancos, sequestros e assédio até crimes praticados em alto-mar, como agressões sexuais em navios de cruzeiro e pirataria. Marino não ficou surpreso com o envolvimento dessa força-tarefa num caso em que os federais tinham interesse, mas e o Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos? Em outras palavras, em conjunto com a Unidade de Análise Comportamental. Em outras palavras, Quantico. Marino não esperava por essa, puta merda. A agente especial Marty Lanier era aquilo em que ele ainda pensava como um perfilador, o mesmo que Benton. Marino agora entendia melhor por que ela estava sendo tão reservada ao telefone. O FBI estava atrás de uma coisa grave.

“A senhora está insinuando que Quantico está envolvido no incidente da Central Park Oeste?”, arriscou Marino.

“Nos vemos mais tarde”, respondeu ela, e com isso encerrou a conversa.

Marino estava a poucos minutos do prédio de Scarpetta, na altura dos quarenta e poucos da Oitava Avenida, coração da Times Square. Outdoors luminosos, banners de vinil, sinalização, telas multicoloridas e brilhantes exibindo dados lembravam os do cctr. Táxis amarelos rodavam, mas não havia tanta gente na rua, e Marino se perguntou o que o dia lhes reservaria. Será que o público entraria em pânico e ficaria longe dos táxis amarelos por causa de Carley Crispin e de sua indiscrição? Ele duvidava muito. Estamos em Nova York. O pior pânico a que ele já assistira nem tinha sido o Onze de Setembro, mas a economia. Era o que ele vinha observando havia meses, o terrorismo de Wall Street, as desastrosas perdas financeiras e o medo crônico de que as coisas só pudessem piorar. Não ter um centavo no bolso era bem mais apavorante do que um provável assassino em série circulando por aí num táxi amarelo. Se você estivesse falido, não ia ter como pagar a porra de um táxi e ia estar muito mais preocupado com a possibilidade de virar um

morador de rua do que em levar uma porrada enquanto fazia cooper.

No Columbus Circle, o painel eletrônico da CNN exibia outras notícias que nada tinham a ver com Scarpetta e o *Relatório Crispin*, era algo sobre Pete Townshend e The Who, vermelho vivo contra o céu escuro. Talvez o FBI estivesse convocando uma reunião de emergência porque Scarpetta teria criticado o Bureau publicamente, teria chamado a técnica de perfilamento de antiquada. Uma afirmação dessas feita por uma pessoa na situação dela era levada muito a sério e não seria facilmente esquecida. Mesmo que ela na verdade não tivesse dito isso, ou que tivesse dito fora do ar, ou que estivesse fora de contexto e não fosse isso o que ela queria dizer.

Marino se perguntou o que ela realmente tinha dito e tentado dizer, depois passou a achar que a preocupação do FBI, fosse qual fosse, provavelmente não teria nada a ver com difamação, o que, de qualquer forma, não era novidade nem infrequente. Policiais em geral criticavam o Bureau o tempo todo. Principalmente por ciúme. Se eles realmente acreditassem nas críticas que espalhavam, não venderiam a mãe para participar de forças-tarefas com o FBI ou frequentar cursos de treinamento em Quantico. Tinha acontecido alguma coisa que não tinha a ver com o bom nome do Bureau. Ele voltava para a mesma coisa: devia ter a ver com a tatuagem, com o homem de boné do FedEx. Marino ficava louco por ter de esperar pelos detalhes.

Estacionou atrás de um táxi amarelo, um SUV híbrido, a novidade do momento, Nova York ficando verde. Saiu de seu Crown Vic sujo, bebedor de gasolina, e entrou no saguão do prédio. Scarpetta estava sentada no sofá, vestindo um casaco pesado e botas de couro de ovelha, preparada para uma manhã que ia incluir a excursão a Rodman's Neck, lugar sempre chuvoso, frio e com um vento infernal. Trazia no ombro a bolsa de náilon preta que sempre levava quando estava trabalhando, dentro dela uma porção de elementos essenciais. Luvas, sapatilhas, macacões, uma câmera digital, medicamentos. A vida deles era assim, nunca sabiam onde iriam parar ou o que iam encontrar, sempre sentindo que tinham de estar a postos. A expressão dela era de preocupação e cansaço, mas sorriu como sempre fazia ao se sentir agradecida. Estava grata por ele ter vindo em seu socorro, e ele se sentia bem com isso. Ela se levantou, encontrou-se com ele na porta e juntos desceram a escada para a rua escura.

“Onde está Benton?”, perguntou Marino, abrindo a porta do carona. “Tenha cuidado com seu casaco. Este carro está sujo como o diabo. Todo o sal e a sujeira por causa da neve, não tem jeito de mantê-lo em condições. Não é como na Flórida, Carolina do Sul, Virgínia. Você encontra um lava a jato e de que adianta? Anda uma quadra e parece que passou por uma mina de giz.” Ele estava constrangido outra vez.

“Pedi a ele que não viesse”, disse Scarpetta. “Não que ele vá ajudar com a história de meu BlackBerry, mas com Rodman's Neck também não. Tem uma porção

de coisas acontecendo. Ele tem muito o que fazer.”

Marino não lhe perguntou por que nem o quê. Não demonstrou o quanto estava contente por não ter Benton por perto, não precisar se submeter a ele e a suas atitudes. Benton nunca tinha sido afável com Marino, nos vinte anos em que se conheciam. Nunca tinham sido camaradas, nunca saíram juntos, nunca fizeram coisa nenhuma juntos. Não era a mesma coisa que se dar com outro policial, nunca tinha sido. Benton não pescava, não jogava boliche, cagava para motos e caminhonetes. Eles nunca tinham ido juntos a um bar, comentado seus casos policiais ou falado sobre mulheres, como todos os caras fazem. Para dizer a verdade, a única coisa em comum entre Marino e Benton era a doutora, e ele mal conseguia lembrar qual tinha sido a última vez que estivera a sós com ela. Ele se sentia bem feliz por tê-la só para ele. Ia cuidar do problema dela. Carley Crispin estava ferrada.

Scarpetta disse o que dizia sempre: “Ponha o cinto de segurança”.

Ele ligou o motor e puxou o cinto, embora detestasse ficar amarrado. Um desses velhos hábitos, como fumar e beber, que ele podia abandonar mas nunca esqueceria, nem se sentiria bem em relação a ele. E daí se ele preferisse não usar? Não podia ficar de pé usando um cinto de segurança, e isso não ia mudar, e só lhe restava esperar que nunca se visse em situação de ter de sair correndo do carro e opa! que merda, o cinto de segurança estava posto, e ele acabava morrendo. Perguntou-se se alguma viatura especial ainda estaria circulando para fazer inspeções aleatórias só para ferrar algum policial que não estivesse usando o cinto e deixá-lo no estaleiro durante seis meses.

“Vamos. Você deve saber de situações em que essas malditas coisas acabaram matando alguém”, disse ele a Scarpetta, a pessoa mais indicada para uma resposta precisa a essa questão.

“Que coisas?”, perguntou, enquanto se afastavam da casa dela.

“Cinto de segurança. Você sabe, essas camisas de força automotivas sobre as quais você está sempre fazendo sermões, doutora Pior Cenário. Todos aqueles anos em Richmond? Nunca vi policiais transformados em alcaguetes andando por aí tentando pôr os colegas em apuros por não usar cinto de segurança. Ninguém se importava, e jamais usei cinto. Nem uma vez. Nem mesmo quando você costumava subir ao meu carro e começar com a ladainha sobre todas as maneiras pelas quais eu poderia me ferir ou morrer se não tomasse esses cuidados.” Lembrar os dias em que saía dirigindo sozinho com ela, sem Benton, deixou-o de bom humor. “Lembra aquela vez em que me vi no meio de um tiroteio em Gilpin Court? Se não tivesse conseguido me libertar do carro, quem sabe o que teria acontecido?”

“Você não tinha o reflexo de soltar o cinto por causa de seu mau hábito”, disse ela. “E se bem me lembro, era você quem estava caçando aquele traficante e não o contrário. Não acredito que o cinto de segurança tenha sido importante, o fato de

estar preso ou não.”

“Historicamente, os policiais não usam cinto de segurança por uma razão”, respondeu ele. “Desde o início dos tempos, os policiais não usam cinto. Não se usa cinto e não se acende a luz interna do veículo. Por quê? Porque a única coisa pior do que ter um vagabundo abrindo fogo com você amarrado ao carro pelo cinto de segurança é ter a luz de dentro acesa para que o cretino veja você melhor.”

“Posso mostrar estatísticas”, disse Scarpetta, olhando pela janela, serena. “Todas as pessoas que poderiam não ter morrido se estivessem usando o cinto de segurança. Não tenho certeza de poder te dar um único exemplo de alguém que morreu por estar usando o cinto.”

“E se você despenca num barranco e cai num rio?”

“Se não estiver usando cinto, provavelmente sua cabeça vai bater no para-brisa. Perder os sentidos não vai ser lá de muita ajuda se você estiver submerso. Benton recebeu uma ligação do FBI”, disse ela. “Suponho que ninguém vai me contar o que está acontecendo.”

“Talvez ele saiba, porque eu com certeza não sei.”

“Você teve notícias deles?”, perguntou ela, e Marino achou que ela estava triste.

“Não faz nem quinze minutos, estava vindo te apanhar. Benton contou alguma coisa? Era uma perfiladora chamada Lanier?” Marino dobrou na Park Avenue e lembrou-se de Hannah Starr.

A mansão dos Starr não ficava longe do lugar onde eles estavam.

“Ele estava ao telefone quando saí”, ela disse. “Só sei que estava falando com o FBI.”

“Então ele não disse nada a respeito do que ela queria.” Marino supôs que fosse Marty Lanier, ligando para Benton depois de falar com ele.

“Não posso responder. Ele estava ao telefone quando saí”, ela repetiu.

Havia alguma coisa sobre a qual ela não queria falar. Talvez ela e Benton tivessem discutido, ou talvez ela estivesse tensa e deprimida por causa do BlackBerry roubado.

“Não estou conseguindo ligar os pontos”, prosseguiu Marino, incapaz de se conter. “Por que teriam ligado para Benton? Marty Lanier é uma perfiladora do FBI. Por que precisa falar com um antigo perfilador do FBI?”

Ele sentia um prazer inconfessável ao dizer isso em voz alta, amassar um pouco a fulgurante armadura de Benton. Ele já não era do FBI. Não era sequer um policial.

“Benton trabalhou em muitos casos que têm a ver com o FBI.” Ela não se pôs na defensiva, falava pausado e com tristeza. “Mas eu não sei.”

“Você está dizendo que o FBI lhe pede conselhos?”

“Às vezes.”

Marino ficou desapontado ao saber disso. “É uma surpresa. Pensei que ele e o

Bureau se odiassem.” Como se o Bureau fosse uma pessoa.

“Ele não é consultado por ter sido ligado ao FBI. É consultado por ser um respeitado psicólogo forense, muito ativo na prestação de avaliações e opiniões em casos criminais em Nova York e outros lugares.”

Ela olhava para Marino, na escuridão do banco do carona, com o rasgão no forro do teto a poucos centímetros do cabelo. Era só encomendar emborrachado e adesivo a cola quente e trocar aquela porcaria.

“O que posso afirmar com certeza é que tem a ver com a tatuagem”, disse ele, mudando de assunto. “Quando estive no cctr, sugeri que ampliássemos o campo de busca e fôssemos além dos dados armazenados pelo Departamento de Polícia de Nova York, porque não conseguimos nada sobre a tatuagem, as caveiras e o ataúde no pescoço do cara. Achamos algo sobre Dodie Hodge. Além de ter sido presa em Detroit no mês passado, ela aparece num registro de ocorrência aqui em Nova York, envolvida num tumulto ocorrido num ônibus, no qual ela mandou uma pessoa ir para o inferno por FedEx. Bem, é interessante, uma vez que o cartão que ela mandou para Benton estava num envelope do FedEx e o cara tatuado que entregou seu pacote do FedEx usava um boné do FedEx.”

“Você não acha que isso equivale a dizer que há uma relação entre duas cartas porque ambas trazem selos?”

“Sei disso. É provável que esteja forçando a barra”, disse Marino. “Mas não consigo deixar de pensar que pode haver uma relação entre ele e a doente mental que mandou um cartão musical para vocês e depois ligou ao vivo para o programa de TV. E se for assim, por que você acha que eu ficaria preocupado? O cara do pescoço tatuado, se estiver na base de dados do FBI, não deve ser candidato ao prêmio de cidadão modelo, certo? Se estiver é porque já foi preso ou é procurado por algum motivo, talvez um crime.”

Ele diminuiu a velocidade, com o toldo vermelho do Hotel Elysée logo à frente, à esquerda.

“Eu desabilitei a senha de meu BlackBerry”, disse Scarpetta.

Não parecia próprio dela fazer aquilo. De início, ele não soube o que dizer e notou que ela ficou constrangida. Scarpetta quase nunca ficava constrangida.

“Também fico de saco cheio de ter de desbloquear a cada instante.” Ele a compreendia, até certo ponto. “Mas de jeito nenhum deixaria sem a senha.” Ele não queria parecer crítico, mas o que ela tinha feito não era nada inteligente. Era difícil imaginar que pudesse ser tão descuidada. “E agora?”

Ele começou a ficar nervoso ao pensar em seus próprios contatos com ela. E-mails, mensagens de voz, mensagens de texto, cópias de relatórios, fotos do caso Toni Darien, inclusive as que ele tinha feito dentro do apartamento dela, e o comentário dele a respeito.

“Ou seja, você quer dizer que Carley pode ter visto tudo o que havia gravado na porcaria do BlackBerry? Merda!”

“Você usa óculos”, disse Scarpetta. “Você está sempre de óculos. Eu uso óculos de leitura e nem sempre estou com eles. Então imagine o que acontece quando estou andando pelo meu prédio ou saio para pegar um sanduíche e preciso fazer uma ligação e não enxergo nada para digitar a porcaria da senha.”

“Você pode aumentar o tamanho da fonte.”

“Essa droga de presente de Lucy me faz sentir como se tivesse noventa anos. Por isso desabilitei a senha. Foi uma boa ideia? Não. Mas foi o que fiz.”

“Você disse isso a ela?”, perguntou Marino.

“Eu ia tomar uma providência em relação a isso. Não sei o que ia fazer. Suponho que ia tentar me adaptar, pôr a senha de novo, mas ainda não tinha tido tempo. Não contei a ela. Ela pode apagar por controle remoto todo o conteúdo, mas não quero que faça isso ainda.”

“Não. Vai que você o recupera e a única coisa que ele vai conter é o número de série. Posso acusar Carley de delito grave, já que o valor ultrapassa duzentos e cinquenta dólares. Mas poderia acusá-la de coisas ainda mais graves.” Ele pensou um pouco. “Se ela roubou dados, temos mais com que trabalhar. Com toda a merda que você tem no seu BlackBerry? Podemos processá-la por roubo de identidade, um delito grave, talvez eu possa provar premeditação, acusá-la de pretender vender dados do Instituto Médico Legal, tirar proveito de dar publicidade a esses dados. Talvez com isso ela tenha uma crise nervosa.”

“Espero que ela não faça uma coisa tão estúpida.”

Marino não teve bem certeza se ela se referia a Carley Crispin ou a Lucy.

“Se não houver dados em seu telefone...”, ele começou a repetir.

“Eu disse a ela para não apagar.”

“Então ela não vai apagar”, disse Marino. “Lucy é uma investigadora experiente, uma perita em informática forense que já foi agente federal. Sabe como o sistema funciona e provavelmente sabe também que você não estava usando a maldita senha, já que instalou uma rede num servidor, e não me peça para usar o jargão dela quando falo do suposto favor que ela nos fez. Seja como for, ela está chegando para trazer o mandado de busca.”

Scarpetta ficou em silêncio.

“O que quero dizer é que provavelmente ela podia verificar que você não estava usando senha, certo? Ela podia saber que você deixou de usar a senha, certo? Tenho certeza de que ela controla essas coisas.”

“Não creio que seja eu a pessoa que ela está controlando ultimamente”, respondeu Scarpetta.

Marino começava a entender por que Scarpetta estava agindo como se alguma

coisa a corresse por dentro, algo além do smartphone roubado, além de uma possível briga com Benton. Mas ele não comentou nada, os dois continuavam sentados no carro desconjuntado diante de um dos melhores hotéis de Nova York, um porteiro que não se atrevia a sair olhando para eles, mas deixando-os sossegados. O pessoal dos hotéis reconhecia de longe um carro da polícia.

“Mas acho que ela anda controlando alguém”, disse Scarpetta por fim. “Comecei a pensar nisso depois de ver o registro de gps de que te falei. Lucy é capaz de saber onde cada um de nós está, a cada instante, se quiser. E não acho que ela esteja controlando a mim, ou a você. Nem Benton. Não acho que tenha sido por acaso que de repente ela tenha decidido que nós deveríamos ter esses smartphones novos.”

Marino estava com a mão na maçaneta, sem saber bem o que dizer. Lucy andava distraída, diferente, impaciente, mal-humorada e um pouco paranoica nas últimas semanas, e ele deveria ter prestado mais atenção. Deveria ter chegado àquela mesma conclusão, que lhe parecia cada vez mais óbvia, pairando na escuridão de seu carro sujo. Nunca tinha lhe passado pela cabeça que Lucy pudesse estar espionando Berger. E não lhe passou pela cabeça porque ele não queria acreditar. Não queria pensar no que Lucy era capaz de fazer quando se sentia posta de lado, ou quando simplesmente achava que tinha razão. Não queria pensar no que ela fizera com o filho dele. Rocco nasceu ruim, era um criminoso incorrigível que não gostava de ninguém. Se Lucy não o tivesse tirado de cena, outra pessoa o faria, mas Marino não queria pensar. Era difícil digerir aquilo.

“Tudo o que Jaime faz é trabalhar. Não posso imaginar por que Lucy tenha ficado tão paranoica, e não posso imaginar o que aconteceria se Jaime soubesse... bem, se for verdade. Espero que não seja. Mas conheço Lucy, e sei que alguma coisa não vai bem e não é de hoje. E você não diz uma palavra, provavelmente não seja a hora de discutir isso”, disse Scarpetta. “Então, como vamos cuidar de Carley?”

“Quando uma pessoa trabalha o tempo todo, às vezes o outro pode se sentir um pouco confuso. Você sabe, agir de modo estranho”, disse Marino. “Estou tendo o mesmo problema com Bacardi.”

“Você a controla com um receptor gps Waas instalado num smartphone que lhe deu de presente?”, perguntou Scarpetta, com amargura.

“Sou como você, doutora. Já tive vontade de jogar esse telefone no lago”, disse ele, muito sério, sentindo-se mal por ela. “Você sabe como digito mal, mesmo num teclado normal, e outro dia achei que estava apertando o botão do volume e tirei uma porra de uma foto do meu pé.”

“Você não controlaria Bacardi com um gps nem se pensasse que ela estava tendo um caso. Não é isso que gente como nós faz, Marino.”

“Sim, bem, Lucy não é como nós, e não estou afirmando que ela esteja fazendo isso.” Ele não tinha certeza, mas provavelmente era isso mesmo o que estava

acontecendo.

“Você trabalha com Jaime. Não quero perguntar se há algum fundamento...” Ela não concluiu a frase.

“Não há. Ela não está fazendo nada”, disse Marino. “Posso jurar. Se ela estivesse dando suas voltinhas, se alguma coisa estivesse acontecendo, acredite, eu saberia. E não é que lhe falem oportunidades. Pode crer, sei disso também. Espero que de alguma forma Lucy na verdade não esteja fazendo o que você supõe. Espionando. Se Jaime descobre uma coisa como essa, não vai deixar rolar.”

“Você deixaria rolar?”

“Não, porra. Se você tem um problema comigo, é só falar. Acha que estou fazendo alguma coisa, fale. Mas não me dê um telefone moderninho de presente para poder me espionar. Isso quebra a confiança de qualquer um.”

“Espero que não quebre nada”, ela disse. “Como vamos fazer isso?” Falava do confronto com Carley.

Saíram do carro.

“Vou mostrar meu distintivo na recepção e pegar o número do quarto”, disse Marino. “Depois vamos lhe fazer uma pequena visita. Contenha-se e não lhe dê uma surra. Não gostaria de autuá-la por agressão.”

“Espero que eu consiga”, disse Scarpetta. “Você não faz ideia.”

Ninguém atendeu no quarto 412. Marino esmurrou a porta com seu punho de ferro e começou a chamar o nome de Carley Crispin.

“Departamento de Polícia de Nova York”, disse bem alto. “Abra a porta.”

Ele e Scarpetta esperaram, de ouvidos atentos, no corredor comprido e suntuoso, com arandelas de cristal e um tapete marrom e amarelo que parecia uma estampa persa de Bijar.

“Estou ouvindo a TV”, disse Marino, batendo na porta com uma das mãos e segurando sua caixa de instrumentos na outra. “Coisa esquisita ela estar vendo TV às cinco da manhã. Carley?”, chamou ele. “Departamento de Polícia de Nova York. Abra a porta.” Fez sinal para Scarpetta se afastar da porta. “Desista”, disse. “Ela não vai atender. Então agora vamos fazer jogo duro.”

Tirou o BlackBerry do estojo e inseriu a senha, o que lembrou a Scarpetta a confusão que ela causara e a triste realidade: ela não estaria ali se Lucy não tivesse feito uma coisa horrível. Sua sobrinha tinha instalado um servidor e comprado smartphones de última geração como estratégia. Tinha usado e enganado todos eles. Scarpetta se sentiu muito mal por Berger. Sentia-se mal por si mesma, por todos. Marino ligou para o número do cartão de visita que o gerente da noite lhe dera momentos antes e se encaminhou com Scarpetta para o elevador. Achavam que Carley devia estar acordada em seu quarto e não queriam que ela ouvisse a conversa.

“Olhe, você vai ter de vir até aqui”, disse Marino ao telefone. “Nada. E bati na porta com uma força que teria despertado um morto.” Uma pausa. “Pode ser, mas a TV está ligada. É mesmo? Bom saber disso.” Ele desligou e disse a Scarpetta: “Parece que já tiveram problema com o volume da TV, outros hóspedes reclamaram.”

“Isso parece bem estranho.”

“Carley é meio surda ou algo assim?”

“Não que eu saiba. Acho que não.”

Chegaram ao outro extremo do corredor, perto do elevador, onde ele abriu uma porta encimada por um aviso luminoso de saída.

“Então, se você quiser sair do hotel sem passar pela recepção pode usar a escada. Mas para entrar precisa usar o elevador”, disse ele, mantendo a porta aberta, olhando para os lances da escada de concreto. “Não há como chegar à escada vindo da rua, por razões óbvias de segurança.”

“Você está achando que Carley chegou ontem tarde da noite e saiu pela escada

para não ser vista?” Scarpetta quis saber por quê.

Carley, com seus saltos agulha e suas saias agarradas, não parecia ser do tipo que prefere usar escadas ou fazer um esforço evitável.

“Não que ela fizesse segredo de sua estada aqui”, Scarpetta lembrou. “O que eu também acho curioso. Se você souber que ela está aqui, ou imaginar que possa estar, como aconteceu comigo, basta ligar e pedir para transferirem para o quarto dela. A maioria das pessoas muito conhecidas não figura na lista de hóspedes para evitar invasão de privacidade. Este hotel, especialmente, está bem habituado a ter hóspedes célebres. Isso vem dos anos 1920, é um ponto de referência para ricos e famosos.”

“Ele tornou-se famoso por causa de quem, por exemplo?” Ele pôs a maleta de instrumentos no carpete.

Ela não sabia assim de cabeça, mas lembrava que Tennessee Williams tinha morrido no Hotel Elysée, em 1983, asfixiado com uma tampa de garrafa.

“Personagens que você sabe que morreram aqui”, disse Marino. “Mas Carley não é tão famosa, eu não a incluiria na lista das Pessoas que Dormiram ou Morreram Aqui. Ela não é nenhuma Diane Sawyer, nenhuma Anna Nicole Smith, e duvido que muita gente a reconheça na rua. Tenho de resolver a melhor maneira de fazer isso.”

Ele pensava, encostado na parede, usando ainda as mesmas roupas que vestia da última vez que Scarpetta o vira, cerca de seis horas atrás. Uma barba grisalha por fazer ensombrecia o rosto dele.

“Berger disse que podia mandar uma ordem de busca para cá em menos de duas horas.” Ele olhou para o relógio. “Faz quase uma hora que falei com ela. Talvez uma hora mais, e Lucy é capaz de aparecer com a ordem. Mas não vou esperar esse tempo todo. Vamos entrar. Vamos achar o BlackBerry, apanhá-lo e quem sabe o que mais acharemos.” Ele percorreu com os olhos toda a extensão do corredor silencioso. “Incluí todos os itens possíveis na declaração juramentada, tudo e mais um pouco. Armazenamento de dados digitais, mídias digitais, algum disco rígido, pen drives, documentos, e-mails, números de telefone, achando que Carley poderia ter baixado o conteúdo de seu BlackBerry, que teria sido copiado para um computador, ou impresso. Não há nada de que eu goste mais do que bisbilhotar um bisbilhoteiro. E é bom que Berger tenha pensado em Lucy. Se eu não encontrar nada, ela com certeza encontrará.”

Não tinha sido Berger quem pensou em Lucy. Tinha sido Scarpetta, e naquele momento ela estava menos interessada na ajuda da sobrinha do que em vê-la. Elas precisavam conversar. Não dava para esperar mais. Depois que Scarpetta mandou o e-mail para Berger sugerindo a inclusão de um parágrafo que autorizasse a presença de um civil durante a busca no quarto de Carley, Scarpetta tinha falado com Benton. Ela se sentara ao lado dele, tocara-lhe o braço, acordando-o. Estava indo para uma

cena de crime com Marino, provavelmente ficaria com ele a maior parte da manhã, e tinha um problema pessoal grave para resolver, explicou. Seria melhor que Benton não fosse com eles, disse ela, antes que ele pudesse sugerir a mesma coisa, e então o celular dele tocou. Ligação do FBI.

A porta do elevador se abriu e dele saiu o gerente da noite, Curtis, um homem de meia-idade e bigode, impecável em seu terno de lã escura. Acompanhou-os pelo corredor até o quarto 412, bateu na porta, tocou a campainha, observou o aviso luminoso de não perturbe. Comentou que o aviso estava ligado quase o tempo todo. Abriu a porta, meteu a cabeça para dentro do quarto, chamou olá, olá, e voltou para o corredor, onde Marino lhe dissera que devia esperar. Marino e Scarpetta entraram no quarto e fecharam a porta, sem ver sinal de que houvesse alguém ali. A TV da parede estava ligada na CNN, o volume baixo.

“Você não deveria estar aqui”, disse Marino a ela. “Mas há tantos BlackBerrys como o seu que preciso que você o identifique. Essa é minha versão, e vou mantê-la.”

Eles ficaram perto da porta, olhando a suíte júnior de luxo ocupada por uma pessoa desmazelada, possivelmente antissocial e depressiva que ficava ali sozinha, deduziu Scarpetta. A cama queensize estava desfeita e cheia de jornais e roupas masculinas. Na mesa de cabeceira havia uma montanha de garrafas de água vazias e xícaras de café. Do lado esquerdo da cama havia uma cômoda abaulada e uma grande janela com as cortinas fechadas. Do lado direito havia uma área de estar, com duas poltronas francesas de estofamento azul cheias de livros e papéis empilhados, uma mesinha de centro de mogno com um laptop e uma pequena impressora, e bem à vista, em cima de uma pilha de papéis, um aparelho touchscreen, um BlackBerry protegido por uma capa de emborrachado cinza. Ao lado dele estava a chave magnética do quarto.

“É ele?”, perguntou Marino, indicando o aparelho.

“Parece que sim, o meu tinha uma capa cinza”, disse Scarpetta.

Ele abriu a maleta de instrumentos e tirou dela dois pares de luvas de cirurgia, entregando um deles a Scarpetta. “Não é que estejamos fazendo algo indevido, mas isto é o que eu chamo de emergência.”

Provavelmente não era. Scarpetta não via nada que pudesse insinuar que alguém estava tentando escapar ou destruir provas. A prova parecia estar bem diante dela, e ali não havia ninguém além deles dois.

“Acho que não preciso lembrá-lo da metáfora do fruto da árvore venenosa.” Scarpetta se referia à nulidade das provas colhidas numa busca e apreensão indevidas. Não pôs as luvas.

“Não precisa, tenho Berger para me lembrar disso. Espero que a esta hora ela já tenha conseguido tirar da cama seu juiz predileto, o juiz Fable, que nome. Uma

lenda, na opinião dele mesmo. Repassei todos os fatos pelo viva-voz, com ela e outro detetive que ela lançou para figurar como requerente. É o que se conhece como testemunho de ouvir dizer, um pouco intrincado, mas espero que não cause problemas. A questão é que Berger não quer saber de correr riscos com mandados baseados em declarações testemunhais, foge de ser ela mesma a requerente como o diabo da cruz. Eu não estou nem aí para quem requereu o mandado, ou para quê. Espero que Lucy chegue logo.”

Marino foi até onde estava o BlackBerry e ergueu-o por uma das pontas emborrachadas.

“A única superfície que serve para colher impressões digitais é a tela, que não quero tocar antes de empoar”, ele disse. “Depois escovo para a amostra do teste de DNA.”

Ele se agachou ao lado da maleta de instrumentos, de onde tirou um pó preto e uma escova de fibra de carbono, enquanto Scarpetta dava atenção às roupas de homem que estavam sobre a cama, chegando perto o bastante para sentir um cheiro ruim, o mau cheiro de corpo humano sem banho. Observou que os jornais eram de vários dias atrás, *The New York Times* e *The Wall Street Journal*, e ficou encafifada com um celular Motorola que estava sobre um travesseiro. Várias peças espalhadas sobre a roupa de cama amarrotada: uma calça cáqui suja, uma camisa social azul e branca, vários pares de meias, um pijama azul-claro e cuecas com o gancho manchado de amarelo. A roupa parecia estar havia muito tempo sem lavar, como se uma pessoa a tivesse usado dia após dia sem nunca mandá-la para a lavanderia. Essa pessoa não era Carley Crispin. Essas roupas não podiam ser dela, e Scarpetta não viu sinal de Carley para onde quer que olhasse. Se não fosse pelo BlackBerry, o nome de Carley nem lhe passaria pela cabeça.

Scarpetta olhou o conteúdo de diversos cestos de papel, sem remexê-los ou esvaziá-los no chão. Papel amassado, lenços, mais jornais. Entrou no banheiro e parou logo depois da porta. A pia e a bancada de mármore estavam cobertas de cabelos, chumaços de cabelo grisalho de diferentes comprimentos, alguns com até oito centímetros, outros curtíssimos. Em cima de uma toalha havia uma tesoura, um barbeador e um pote de creme de barbear Gillette comprado na Walgreens, além de outra chave magnética do hotel ao lado de um par de óculos de armação preta, quadrada e antiquada.

Sobre a bancada e mais atrás havia uma escova de dentes, um tubo de Sensodyne quase vazio, um kit de higiene pessoal, um cotonete. Um carregador prata Siemens aberto mostrava dois aparelhos auditivos Siemens Motion 700 cor da pele, do tipo concha intra-auricular. O que Scarpetta não encontrou foi o controle remoto, e voltou para o quarto tratando de não tirar nada do lugar, resistindo à tentação de abrir armário e gavetas.

“Uma pessoa com perda auditiva de moderada a severa”, disse ela a Marino, que colhia impressões digitais do BlackBerry. “Aparelhos auditivos de última geração, com redução de ruídos, cancelamento de feedback, Bluetooth. Você pode conectá-los ao celular. Deve haver um controle remoto em algum lugar.” Ela andou para lá e para cá mas não encontrou o controle. “Para o ajuste de volume, verificação do nível da bateria, essas coisas. Normalmente as pessoas o levam no bolso, ou na bolsa. Deve estar com ele, embora não esteja usando os aparelhos. O que não faz muito sentido, ou talvez não seja um bom sinal.”

“Consegui algumas bem boas aqui”, disse Marino, alisando a fita adesiva posta sobre um cartão branco. “Não tenho ideia do que você está dizendo. Quem usa aparelhos auditivos?”

“O homem que fez a barba e raspou o cabelo no banheiro”, disse ela, abrindo a porta do quarto e voltando para o corredor, onde Curtis, o gerente, esperava nervoso e inquieto.

“Não quero ser indiscreto, mas não entendo o que está acontecendo”, disse ele.

“Deixe-me fazer algumas perguntinhas”, respondeu Scarpetta. “O senhor disse que começou a trabalhar à meia-noite.”

“Trabalho da meia-noite às oito, é isso mesmo”, disse Curtis. “Não a vi desde que cheguei. Sequer posso dizer que a tenha visto alguma vez, como expliquei minutos antes. A senhora Crispin hospedou-se no hotel em outubro, supostamente porque queria ter uma casa na cidade. Acho que deve ser por causa do programa. Não que os motivos dela sejam da minha conta, mas é o que me disseram. A verdade é que ela raramente usa o quarto, e o cavalheiro amigo dela não gosta de ser perturbado.”

Essa informação era nova, justamente o que Scarpetta procurava. “Sabe o nome do cavalheiro amigo dela ou onde ele pode estar?”

“Lamento, mas não sei. Nunca o vejo por causa de meu horário.”

“Um senhor mais velho, com cabelo e barba grisalhos?”

“Nunca o vi, não sei como é sua aparência. Mas me disseram que ele é sempre convidado do programa dela. Não sei o nome dele nem posso lhe dizer mais nada sobre ele, a não ser que é muito reservado. Eu não devia dizer isso, mas ele é um pouco esquisito. Nunca fala com ninguém. Sai, compra comida, traz para cá, deixa sacos de lixo do lado de fora do quarto. Não usa o serviço de quarto, nem o telefone, e não pede arrumadeira. Não há ninguém no quarto?” Ele continuava olhando para a porta entreaberta do 412.

“Doutor Agee”, disse Scarpetta. “O psiquiatra forense Warner Agee. É convidado frequente do programa de Carley Crispin.”

“Não vejo o programa.”

“É o único convidado frequente de que me lembro que é quase surdo e tem cabelos e barba grisalhos.”

“Não sei. Só sei mesmo o que lhe disse. Temos muitas pessoas famosas hospedadas aqui. Não fazemos perguntas. Nosso único problema com o homem que fica neste quarto é o barulho. Na noite passada, por exemplo, outros hóspedes reclamaram da TV outra vez. Sei disso por causa das notas que deixaram para mim na recepção, dizendo que diversos hóspedes tinham reclamado no começo da noite.”

“No começo da noite a que horas?”, perguntou Scarpetta.

“Por volta das oito e meia, quinze para as nove.”

A essa hora ela estava na CNN, Carley também. Warner Agee estava no quarto do hotel com a TV ligada a todo volume e outros hóspedes reclamaram. A TV ainda estava ligada quando Scarpetta e Marino chegaram, pouco antes, mas o volume tinha sido baixado. Ela imaginou Agee sentado na cama desarrumada, assistindo ao *Relatório Crispin*. Se ninguém mais reclamou depois de oito e meia ou quinze para as nove e a TV estava ligada, ele deve ter baixado o volume. Devia ter posto os aparelhos auditivos. E depois, o que aconteceu? Ele tirou os aparelhos, fez a barba, raspou a cabeça e saiu?

“Se alguém ligasse procurando Carley Crispin, você não saberia necessariamente se ela estaria aqui”, disse Scarpetta para Curtis. “Só que ela é uma hóspede registrada com seu próprio nome, e é isso que o computador vai mostrar quando alguém na recepção procurar saber. O quarto está em nome dela, mas quem o ocupa é um amigo dela. Aparentemente, é o doutor Agee. Estou querendo ter certeza de que entendi.”

“Correto. Supondo que a senhora esteja certa a respeito de quem é o amigo dela.”

“A conta sai em nome de quem?”

“Na verdade, eu não posso...”

“O homem que estava no quarto, o doutor Agee, não está mais lá. Estou preocupada”, disse Scarpetta. “Por muitas razões, estou muito preocupada. O senhor não tem ideia de onde ele pode estar? Ele é deficiente auditivo e está sem seus aparelhos, ao que parece.”

“Não. Eu não o vi sair. Isso é muito preocupante. Acho que explica o hábito de deixar o volume da TV tão alto de vez em quando.”

“Ele pode ter saído pela escada.”

O gerente passou os olhos pelo corredor, o aviso vermelho de saída brilhando lá no final. “Isso tudo é muito desconcertante. O que vocês esperam encontrar ali?”, perguntou, olhando para o 412.

Scarpetta não ia lhe dar informações. Quando Lucy chegasse com a ordem de busca, ele receberia uma cópia e teria uma ideia do que estava sendo procurado.

“E se ele saiu pelas escadas, ninguém o terá visto”, continuou ela. “O porteiro não ia ficar na calçada tarde da noite, com este frio. Em nome de quem está a conta?”, ela perguntou de novo.

“Em nome dela, da senhora Crispin. Ela esteve aqui e passou pela recepção ontem à noite por volta de quinze para a meia-noite. Mais uma vez eu não estava. Cheguei minutos depois.”

“Por que ela passou pela recepção se está hospedada aqui desde outubro?”, perguntou Scarpetta. “Por que não foi direto para o quarto?”

“O hotel trabalha com chaves magnéticas”, disse Curtis. “Sem dúvida já lhe terá acontecido de ficar um tempo sem usar sua chave e ela não funcionar. Quando fazemos novas chaves magnéticas, isso fica registrado no computador, que inclui dados do check-out. Foram feitas duas chaves novas para a senhora Crispin.”

Isso era mais do que surpreendente. Scarpetta pediu a Curtis que pensasse um pouco no que estava dizendo. Se um amigo de Carley — o dr. Warner Agee — estivesse usando o quarto dela, ela não ia deixá-lo com uma chave que não funcionava.

“Se ele não está registrado como hóspede nem paga a conta”, ela explicou, “não teria como solicitar uma chave nova quando a validade da antiga expirasse e ela deixasse de funcionar. Ele não poderia sequer estender a reserva do quarto, suponho, já que não paga a conta e sequer está registrado como hóspede.”

“É verdade.”

“Então talvez seja possível concluir que a chave de Carley não estava vencida, que na verdade não foi por isso que ela pediu chaves novas”, disse Scarpetta. “Ela fez alguma outra coisa ao passar pela recepção esta noite?”

“Dê-me um momento, por favor. Vou ver o que posso descobrir.” Pegou o telefone e fez uma ligação. “Você saberia informar se a senhora Crispin não conseguiu entrar no quarto, ou simplesmente foi até a recepção e pegou chaves novas? Nesse caso, por que razão fez isso?” Depois de uma pausa para ouvir a resposta, ele disse: “É claro. Sim, sim, por favor, faça isso agora. Lamento ter de despertá-lo”. Ficou esperando.

Ligaram para o recepcionista que atendera Carley naquela noite, que provavelmente estaria em casa, dormindo. Curtis desculpou-se com Scarpetta por fazê-la esperar. Ele ficava cada vez mais atrapalhado, enxugava a testa com um lenço e pigarreava sem parar. Do quarto chegou a voz de Marino, e ela pôde ouvi-lo andando de um lado para outro. Estava ao telefone, mas Scarpetta não distinguia o que ele estava dizendo.

“Sim, estou na linha”, disse o gerente. Balançou a cabeça. “Entendo. Sim, faz sentido.” Meteu o celular no bolso do paletó. “A senhora Crispin chegou e foi direto para a recepção. Disse que não vinha ao hotel havia algum tempo e achou que a chave poderia não funcionar. Além disso, o amigo dela ouvia mal, ela temia que não a ouvisse bater na porta. A reserva dela era mensal, a última renovação tinha sido em 20 de novembro, o que quer dizer que a chave venceria amanhã, sábado. Se ela

quisesse manter o quarto, precisaria renovar a reserva. Foi o que ela fez, e lhe deram duas chaves novas.”

“Ela renovou a reserva até vinte de janeiro?”

“Na verdade, renovou-a só pelo fim de semana. Disse que provavelmente sairia do quarto na segunda-feira, dia 22”, disse Curtis, olhando a porta entreaberta do quarto 412.

Scarpetta ouvia os movimentos de Marino lá dentro.

“Ele não a viu sair”, disse Curtis. “A pessoa que estava na recepção quando ela chegou a viu pegar o elevador, mas não a viu descer. E eu com certeza não a vi, como já disse.”

“Então ela deve ter saído pela escada”, disse Scarpetta. “Porque nem ela nem seu amigo, suponho que seja o doutor Agee, estão no quarto. Você saberia dizer se nas vezes anteriores em que esteve aqui a senhora Crispin saiu pela escada?”

“A maior parte das pessoas não faz isso. Nunca ouvi ninguém dizer que ela tenha saído por ali. Agora, alguns de nossos hóspedes famosos procuram ser muito discretos no que se refere a suas entradas e saídas. Mas, sinceramente, a senhora Crispin não me parece ser o tipo de pessoa que eu chamaria de reservada.”

Scarpetta pensou no cabelo cortado sobre a pia. Por acaso Carley teria entrado no quarto e visto o que havia no banheiro? Ou talvez Agee ainda estivesse no quarto quando ela chegou para entregar-lhe o BlackBerry que roubara de Scarpetta. Teriam saído juntos? Será que saíram pela escada deixando o BlackBerry roubado no quarto? Scarpetta imaginou Agee com o rosto e a cabeça rapados, sem aparelhos auditivos e provavelmente sem óculos, escapando pela escada com Carley Crispin. Não fazia sentido. Alguma outra coisa deve ter acontecido.

“O sistema do hotel tem como controlar as entradas e saídas dos quartos com o emprego das chaves magnéticas?” Scarpetta achava pouco provável, mas resolveu perguntar.

“Não. Os sistemas dos hotéis, pelo menos os que eu conheço, não têm essa função. Nas chaves tampouco há informações.”

“Não há nomes, endereços, número de cartão de crédito. Não há nada disso codificado nos cartões”, disse ela.

“Absolutamente nada”, ele respondeu. “Esses dados estão no sistema, mas não nos cartões. Eles só servem para abrir as portas. Não temos registro disso. Na verdade, a maior parte das chaves magnéticas não tem sequer o número do quarto codificado, nenhuma informação a não ser a data do check-out.” Olhando para o quarto 412, disse: “Suponho que não tenham encontrado ninguém. Não há ninguém aí”.

“O detetive Marino está aí.”

“Bem, felizmente”, disse Curtis, aliviado. “Não queria pensar o pior sobre a

senhora Crispin ou seu amigo.”

O que ele quis dizer é que não queria pensar que um deles, ou os dois, estivessem mortos no quarto.

“O senhor não precisa esperar aqui”, disse Scarpetta. “Vamos avisá-lo quando acabarmos. Pode demorar um pouco.”

O quarto estava em silêncio quando ela entrou e fechou a porta. Marino tinha desligado a TV e estava de pé no banheiro, segurando o BlackBerry com a mão enluvada, olhando o que havia na pia, na bancada e no piso.

“Warner Agee”, disse ela, calçando as luvas que Marino lhe dera. “Era ele quem estava no quarto. Não era Carley, provavelmente nunca foi. Parece que ela esteve aqui na noite passada, por volta de quinze para a meia-noite, suponho que expressamente para entregar meu BlackBerry a Warner Agee. Preciso do seu emprestado. Não posso usar o meu.”

“Se foi ele quem fez isso, não me cheira nada bem”, disse Marino, digitando a senha em seu BlackBerry, que em seguida passou para Scarpetta. “Não estou gostando nada disso. Rapar a cabeça e sair sem aparelhos auditivos e sem óculos?”

“Quando foi a última vez que você checkou o ege e a doe? Alguma coisa acontecendo que devemos saber?” Ela estava interessada nas atualizações do Escritório Gestão de Emergências e da Divisão de Operações Especiais.

Marino fez uma cara estranha.

“Posso checar”, ela acrescentou. “Mas não saberei nada se alguém estiver no hospital, ou preso, num abrigo ou perambulando pelas ruas. Só vou ficar sabendo de alguma coisa se a pessoa estiver morta e se tiver morrido em Nova York.” Ela digitou um número no BlackBerry de Marino.

“Ponte George Washington”, disse Marino. “Não pode ser.”

“O que tem a ponte?” O telefone chamou a Unidade de Investigações do Instituto Médico Legal.

“O cara que saltou. Lá pelas duas da manhã. Vi isso numa transmissão ao vivo quando estava no cctr. Uns sessenta anos, talvez, calvo, sem barba. Um helicóptero da polícia gravou tudo.”

Um pesquisador médico-legal chamado Dennis atendeu.

“Preciso saber o que chegou a vocês”, disse-lhe Scarpetta. “Há alguma coisa relativa à ponte George Washington?”

“Com certeza”, disse Dennis. “Uma queda com testemunhas. A Unidade de Emergência tentou dissuadi-lo, mas ele não deu atenção. Eles têm tudo gravado em vídeo. O helicóptero da polícia gravou tudo, e já avisamos que queremos uma cópia.”

“Bem lembrado. Temos alguma suposição sobre a identidade?”

“O policial com quem falei disse que eles não conseguiram nada que lhes

adiantasse isso. Homem branco, cinquenta ou sessenta e poucos anos. Não tinha objetos pessoais que dessem uma pista sobre quem era. Nenhuma carteira, nenhum telefone. Você não vai ter nenhuma visão agradável. O aspecto dele é péssimo. Acho que do ponto onde ele estava deve ter caído de uma altura de pelo menos sessenta metros. Como um edifício de vinte andares. Vocês não vão ter vontade de mostrar essa imagem a ninguém.”

“Faça-me um favor”, disse Scarpetta. “Vá lá embaixo e reviste os bolsos dele. Procure qualquer coisa que possa estar com ele. Fotografe e mande para mim. Ligue-me de volta enquanto o corpo ainda estiver com vocês.” Ela lhe deu o número de Marino. “Outros homens brancos não identificados?”

“Nenhum que não tenha pelo menos uma pista. Até agora, acho que sabemos quem são todos eles. Outro suicídio, um tiro, um atropelamento, uma overdose, o cara chegou com a boca ainda cheia de pílulas. Isso era novo para mim. Vocês estão procurando alguma pessoa em especial?”

“Estamos atrás de um psiquiatra desaparecido. Warner Agee.”

“Por que esse nome me parece familiar? Mas não temos ninguém com esse nome.”

“Vá revistar o suicida e ligue-me em seguida, está bem?”

“Ele me pareceu conhecido”, disse Marino. “Fiquei olhando quando estava lá sentado, e continuo achando que me parecia conhecido.”

Scarpetta voltou ao banheiro e pegou pelas bordas a chave magnética que estava na bancada.

“Vamos empoá-la, a da mesinha também. Vamos pegar também um pouco de cabelo e a escova de dentes, tudo o que possa ser necessário para a identificação. Vamos fazer isso logo, aproveitando que estamos aqui.”

Marino calçou luvas novas e pegou a chave da mão dela. Começou a empoá-la, enquanto Scarpetta pegava seu BlackBerry para checar as mensagens de voz. Havia onze chamadas depois das sete e quinze da noite, quando ela usou o celular para falar com Grace Darien, pouco antes de ir para a CNN. Desde então, a sra. Darien tentou ligar três vezes, entre as dez e as onze e meia, sem dúvida por causa do que ouviu nos noticiários, graças a Carley Crispin. As demais ligações não atendidas tinham sido feitas de números que apareciam como *desconhecidos*, a primeira delas às dez e cinco, a última perto da meia-noite. Benton e Lucy. Ele tentara encontrá-la quando ela estava voltando para casa em companhia de Carley, e Lucy provavelmente tinha ligado depois de ouvir as notícias sobre a bomba. Pelos ícones verdes que apareciam junto de cada aviso de nova mensagem de voz, Scarpetta pôde comprovar que nenhuma delas tinha sido ouvida, e poderiam ter sido. Os avisos de mensagem de voz não pedem a senha do assinante, só a do BlackBerry, que, como se sabe, estava desativada.

Marino trocou de luvas mais uma vez e começou a trabalhar na segunda chave magnética, enquanto Scarpetta ponderava se devia acessar remotamente suas mensagens de voz, com o telefone dele. Estava interessada principalmente nas mensagens deixadas por Grace Darien, cuja aflição deve ter sido impensável depois de ouvir o que se dizia sobre o táxi amarelo e a informação falsa sobre o fio de cabelo de Hannah Starr. A sra. Darien provavelmente deve ter pensado o que um monte de gente pensou: que sua filha tinha sido morta pelo mesmo agressor que matara Hannah, e se a polícia tivesse divulgado antes essa informação talvez Toni nunca tivesse entrado num táxi. *Não seja idiota outra vez*, pensou Scarpetta. *Não abra arquivo algum antes que Lucy chegue*. Deu uma olhada nas mensagens de texto e nos e-mails. Nenhum dos novos tinha sido lido.

Ela não percebeu indícios de que alguém tivesse visto o conteúdo de seu BlackBerry, mas não podia ter certeza. Não seria capaz de dizer se alguém tinha visto suas apresentações em PowerPoint, fotos de cenas de crimes ou arquivos que ela já abrira anteriormente. Mas não viu razão para que Warner Agee tivesse se absterido de olhar o que havia no BlackBerry, e isso era surpreendente. Certamente ele teria tido curiosidade a respeito das mensagens deixadas pela mãe da corredora morta. Que bela informação para o programa de Carley! Por que ele não abriu? Se Carley tinha estado ali por volta de quinze para a meia-noite, ele ainda não estava morto, supondo que fosse ele o homem da ponte George Washington duas horas e meia depois. *Depressão e desinteresse por tudo*, ela pensou. *Talvez fosse isso*.

Marino acabou de cuidar das chaves magnéticas, e Scarpetta pegou com ele outro par de luvas. As luvas usadas formavam uma pilha arrumadinha no chão, como pétalas de magnólia. Ela pegou a chave que tinha sido encontrada no banheiro e colocou-a na fechadura da porta. Uma luz amarela acendeu.

“Nada”, disse ela, e experimentou a outra chave, a da mesinha de centro, que tinha sido deixada junto de seu BlackBerry. Acendeu-se uma luzinha verde e ouviu-se um clique promissor. “Esta é a nova”, disse ela. “Carley deixou meu BlackBerry e uma chave nova para ele e deve ter ficado com a outra para si mesma.”

“Só posso achar que ele não estava aqui”, disse Marino, escrevendo com um pincel atômico na etiqueta de um saco de provas que arrumou com cuidado em sua maleta de instrumentos.

Scarpetta lembrou-se dos velhos tempos, quando ele costumava guardar provas, objetos pessoais da vítima e equipamento policial em qualquer coisa que houvesse à mão. Normalmente saía da cena do crime com uma porção de sacos de pão ou caixas recicladas que guardava num bagageiro apelidado de Triângulo das Bermudas, onde havia também material de pesca, uma bola de boliche e uma caixa de cerveja. Ele dava um jeito de nunca perder nem contaminar nada que fosse importante, e ela só se lembrava de umas poucas ocasiões em que a falta de

disciplina de Marino provocara prejuízo mais sério do que um pequeno contratempo no andamento de um caso. Ele representava uma ameaça sobretudo para si mesmo e para qualquer pessoa que dependesse dele.

“Ela chega e para na recepção porque não tem outro jeito. Precisa ter certeza de que sua chave funciona e quer modificar sua reserva, então sobe, entra no quarto e descobre que ele saiu.” Marino tentava imaginar o que Carley teria feito quando chegou ali a noite passada. “A menos que ela tenha resolvido usar a privada quando esteve lá, não havia motivo para ter notado o que havia no banheiro. Aquele cabelo todo, os aparelhos auditivos. Eu, pessoalmente? Não acredito que ela tenha visto tudo aquilo, ou tenha visto Agee. Acho que ela deixou seu telefone e a chave nova, e caiu fora pelas escadas, querendo chamar para si a menor atenção possível, sabendo que estava fazendo algo errado.”

“Então talvez ele já tivesse saído um tempo antes, para perambular por aí.” O pensamento de Scarpetta estava em Agee. “Pensando naquilo, no que estava querendo fazer. Supondo que tenha feito alguma coisa trágica.”

Marino estava fechando a maleta quando seu telefone tocou. Olhou a tela e passou-o a Scarpetta. Era do Instituto Médico Legal.

“Não tinha nada nos bolsos, que estavam virados pelo avesso”, disse Dennis. “A polícia já tinha procurado, atrás de algo que pudesse identificá-lo, contrabando, armas, o que fosse. Puseram umas coisas num saco, dinheiro trocado e um objeto que parece um pequeno controle remoto. Talvez alguma coisa que faça funcionar um tocador de música, ou um rádio?”

“Tem o nome do fabricante?”, perguntou Scarpetta.

“Siemens.” Dennis soletrou a marca.

Alguém bateu na porta, Marino foi atender. Scarpetta perguntou a Dennis se o controle remoto estava ligado.

“Bem, ele tem uma janelinha, sabe. É como um display.”

Lucy entrou, entregou a Marino um envelope de papel manilha e tirou a jaqueta de couro. Estava vestida de piloto, calça cargo, camisa militar e botas leves com solado de borracha. Pendurada no ombro trazia a bolsa marrom push que levava para toda parte, uma espécie de mochila com uma porção de bolsos e divisões, numa das quais provavelmente haveria uma arma. Ela tirou a mochila do ombro, abriu o zíper da divisão principal e pegou o MacBook.

“Deve haver um botão para ligar”, disse Scarpetta, vendo Lucy abrir o computador, enquanto Marino voltava sua atenção para o BlackBerry de Scarpetta, os dois falando em voz baixa, que Scarpetta ignorou. “Aperte o botão até sentir que desligou o controle remoto”, ela disse a Dennis. “Mandou uma foto?”

“Já devia tê-la recebido. Acho que apaguei isto agora.”

“Então estava ligado enquanto ficou no bolso dele”, disse Scarpetta.

“Foi o que pensei.”

“Se estivesse, a polícia não teria visto nada na tela que pudesse identificá-lo. Você não vê mensagens como essa até ligar o aparelho. É isso que você vai fazer agora. Aperte o botão para baixo outra vez e veja se aparece algum tipo de mensagem. Como quando você liga o celular e a tela mostra seu número. Acho que o controle remoto que está com você é de um aparelho auditivo. Na verdade, de dois aparelhos auditivos.”

“Não há aparelho auditivo algum com o corpo”, disse Dennis. “É claro, devem ter se perdido quando ele saltou da ponte.”

“Lucy?”, chamou Scarpetta. “Você poderia entrar em minha caixa postal de trabalho e abrir um e-mail que acaba de ser enviado? Uma foto. Você sabe a minha senha. É a mesma que você habilitou para o meu BlackBerry.”

Lucy pôs o computador num console que havia sob a TV da parede. Começou a digitar. Apareceu uma imagem na tela do computador. Ela procurou dentro da bolsa e encontrou um adaptador vga e um cabo. Plugou o adaptador numa das portas do computador.

“Aparece uma coisa no display. *Em caso de perda, favor contatar dr. Warner Agee.*” Dennis disse o número do telefone. “Isso sim é uma coisa importante.” Scarpetta ouvia a voz dele, exaltada. “Ganhei a noite. Dois-zero-dois é o quê? Código de área de Washington, D.C.?”

“Ligue para esse número e vamos ver o que acontece.” A ideia de Scarpetta foi bem boa.

Lucy estava plugando o cabo na lateral da tela da TV quando o celular tocou em cima da cama. O toque era alto, a fuga em ré menor de Bach. A imagem de um corpo ensanguentado numa maca apareceu na tela plana da parede.

“É o cara da ponte”, disse Marino, aproximando-se da TV. “Reconheço a roupa que ele estava usando.”

O saco de plástico preto tinha o zíper aberto, as duas metades bem separadas. O rosto barbeado, coberto de sangue coagulado, era completamente irreconhecível. A parte superior da cabeça estava fragmentada, com sangue e massa encefálica saindo pelos tecidos lacerados do couro cabeludo. O lado esquerdo da mandíbula estava fraturado em pelo menos um ponto, o queixo caído e torcido, os dentes inferiores expostos, ensanguentados e quebrados, alguns ausentes. O olho esquerdo estava quase completamente fora da órbita, o globo ocular mal se prendia à cavidade. A jaqueta escura tinha se rasgado na costura do ombro, a perna esquerda da calça estava aberta, e uma extremidade irregular de seu fêmur saía pelo tecido cáqui rasgado como um bastão quebrado. Os tornozelos dobravam-se em ângulos pouco naturais.

“Ele chegou ao solo de pé, depois bateu o lado esquerdo”, disse Scarpetta. O

celular da cama parou de tocar e a fuga de Bach sumiu. “Suspeito que a cabeça tenha batido numa pilastra da ponte durante a queda.”

“Ele estava de relógio”, disse Dennis ao telefone. “Está no saco com os outros pertences. Esmagado. Um Bulova de prata antigo e pulseira elástica, parado nas duas e dezoito. Acho que temos a hora da morte. Quer que ligue para a polícia com a informação?”

“A polícia está comigo”, disse Scarpetta. “Obrigada, Dennis. Eu tomo conta disso de agora em diante.”

Desligou, e o BlackBerry de Marino começou a tocar quando ela o entregava de volta. Ele atendeu e começou a andar de um lado para outro.

“Está bem”, disse, olhando para Scarpetta. “Mas provavelmente vou sozinho.” Desligou e disse a ela: “Lobo. Ele acaba de chegar a Rodman’s Neck. Preciso ir”.

“Nem bem comecei aqui”, disse ela. “A causa e a forma da morte não serão problema. A questão é o resto.”

A autópsia que ela faria no corpo do dr. Warner Agee era do tipo psicológico, e sua sobrinha também devia estar precisando de uma. Scarpetta pegou o equipamento que tinha deixado bem ao lado da porta. Tirou da maleta um saco de provas transparente que tinha dentro um envelope do FedEx com o cartão de Natal musical de Dodie Hodge. Scarpetta não tinha visto o cartão. Não o ouvira. Benton o tinha entregado a ela naquela manhã bem cedo, quando ela saiu sem ele.

“Acho que você deve levar isto”, disse a Marino.

As luzes de Manhattan lançavam um brilho nebuloso na linha do horizonte, colorindo-a de um púrpura azulado como um hematoma. Benton rodava pela West Side Highway para o sul, seguindo o curso do Hudson, na direção do centro ainda escuro.

Entre armazéns e cercas, ele vislumbrava o edifício Palmolive e o relógio Colgate, que marcava vinte para as sete. Lá estava a estátua da Liberdade em relevo, contra o fundo do rio e do céu, com o braço levantado. O motorista cortou caminho pela Vestry, no coração da zona bancária, onde os sintomas da decadência econômica eram palpáveis e deprimentes: janelas de restaurantes cobertas de papel pardo, notificações de confisco pregadas nas portas, liquidações totais, lojas e apartamentos para alugar.

À medida que as pessoas iam embora, chegavam os pichadores, desfigurando com tinta spray restaurantes e lojas abandonados, portas metálicas e outdoors vazios. Garatujas toscas, grosseiras, a maior parte delas escabrosas e sem sentido, e quadrinhos por toda parte, alguns deles muito bons. O mercado financeiro, representado por um personagem de história infantil, levando um baita tombo. O navio *USS Economy* afundando como o *Titanic*. Um mural mostrando uma das maiores seguradoras do país retratada como bicho-papão, num trenó entupido de dívidas, com suas oito renas subprime cavalgando sobre o telhado de imóveis penhorados. O Tio Sam curvado para que a seguradora AIG botasse na bunda dele.

Warner Agee estava morto. Scarpetta não tinha contado a Benton. Marino sim. Ligara minutos antes, não porque soubesse ou pudesse imaginar o papel que Agee desempenhara na vida de Benton. Marino simplesmente pensou que Benton gostaria de saber que o psiquiatra forense saltara de uma ponte, e que o BlackBerry de Scarpetta tinha sido encontrado no quarto de hotel onde ele se hospedava desde meados de outubro, para a temporada de outono da CNN. Carley Crispin, ou alguma outra pessoa, deve ter feito um acordo com Agee. Ela o traria a Nova York, providenciaria hospedagem, cuidaria dele em troca de informações e aparições em seu programa. Por algum motivo, ela achava que ele valia isso. Benton se perguntou se ela realmente acreditaria na veracidade das afirmações de Agee ou se não se importava desde que conseguisse ganhar fama e chegar ao horário nobre. Ou será que Agee estaria envolvido em alguma coisa que Benton nem imaginava? Ele não sabia, não sabia nada, na verdade, e se perguntava se algum dia conseguiria deixar Warner Agee para trás, e por que não se sentia aliviado, ou vingado, por que não sentia absolutamente nada. Estava entorpecido. Foi assim que se sentiu quando

finalmente emergiu da vida clandestina, depois de estar supostamente morto.

A primeira vez que pôde percorrer o porto de Boston, cidade de sua juventude, onde estivera em diversos esconderijos e fora de circulação durante seis anos, tentando se convencer de que não precisava mais ser o ficcional Tom Haviland, não se sentiu eufórico. Não se sentiu livre. Simplesmente não sentiu nada. Compreendeu plenamente a razão pela qual algumas pessoas saem da cadeia e assaltam a primeira loja de conveniência que encontram pela frente para poder voltar para lá. Benton quis voltar a se exilar de si mesmo. Achou fácil deixar de carregar o fardo de ser Benton. Achou bom sentir-se mal. Encontrou significado e consolo em sua existência insignificante e em seu sofrimento, mesmo quando fazia de tudo para encontrar uma saída, planejando com precisão cirúrgica a eliminação dos responsáveis por sua necessidade de não existência, o cartel do crime organizado, a família francesa Chandonne.

Primavera de 2003. Frio, quase gelado, o vento açoitava o porto. O sol brilhava, e Benton, de pé no Burroughs Wharf, olhava a unidade marítima do Departamento de Incêndios de Boston a escoltar um contratorpedeiro de bandeira norueguesa, os barcos vermelhos em volta do gigantesco navio cinzento, bombeiros entusiasmados operando suas mangueiras em alto, uma esteira de água cortando o ar, como uma saudação marota. *Bem-vindo aos Estados Unidos*. Como se as boas-vindas fossem para ele. *Seja bem-vindo, Benton*. Mas ele não se sentia bem-vindo. Não sentia nada. Olhava o espetáculo fingindo que era só para ele, o mesmo que se beliscar para saber se ainda estava vivo. *Você está vivo? É você?*, ele se perguntava. *Quem eu sou?* Sua missão tinha sido executada enfim, no coração obscuro da Louisiana, nos córregos, nas mansões decadentes e nos portos, onde ele usara seu cérebro e sua arma para se livrar de seus opressores, os Chandonne e seus cupinchas, e ganhara. *Acabou*, disse para si mesmo. *Você ganhou*. Não esperava sentir-se assim, continuava pensando enquanto andava pelo cais, olhando os bombeiros se divertindo. Suas fantasias sobre a alegria que ia sentir tornaram-se falsas e insípidas num piscar de olhos, como morder um bife e perceber que é de plástico, como rodar por uma estrada abrasada pelo sol e nunca chegar um só centímetro mais perto de uma miragem.

Sentiu-se aterrorizado com a perspectiva de voltar para algo que já não existia, viu-se com tanto medo de ter escolhas quanto tivera de não tê-las, com tanto medo de ter Scarpetta de volta quanto temera nunca tê-la de novo. A vida e suas complexidades e contradições. Nada faz sentido e tudo faz sentido. Warner Agee teve o que merecia, fez aquilo sozinho, não era culpa de Benton, ele não seria responsabilizado. Uma meningite aos quatro anos de idade tinha selado seu destino de uma forma que não teria sido mais determinante se ele tivesse sido atingido por um carro e desencadeado uma reação em cadeia, uma colisão depois da outra, sem

parar, até que seu corpo fosse parar no pavimento de uma ponte. Agee estava no necrotério e Benton num táxi, ambos com algo em comum naquele preciso instante: tinham um dia de acerto de contas olhando nos olhos deles, estavam a ponto de enfrentar seu Criador.

O FBI ocupava seis andares do edifício Jacob K. Javits, do governo federal, onde funcionava também o Tribunal Alfandegário. Ficava no coração do centro administrativo, um complexo arquitetônico modernista de vidro e concreto circundado pelos mais tradicionais edifícios de colunas da corte de justiça e repartições, a algumas quadras da Prefeitura, da Police Plaza 1, da Hogan Place 1 e da cadeia municipal. Como acontecia na maior parte das dependências do governo federal, estava isolado com fita amarela e tapumes, com obstáculos de concreto estrategicamente distribuídos para evitar a aproximação excessiva de veículos. Toda a praça fronteiriça, um labirinto de bancos verdes e montículos de grama seca pontilhados de manchas de neve, tinha o acesso vedado ao público. Para entrar no edifício, Benton precisava saltar do táxi no parque Thomas Paine e passar pela Lafayette, sempre engarrafada. Virou à direita na rua Duane, também fechada para autos, com uma cancela, um triturador de pneus e uma guarita para o caso de alguém não notar o aviso de *Entrada Proibida*.

O edifício de quarenta e um andares de vidro e granito ainda não estava aberto. Benton apertou uma campainha e se identificou para um oficial do FBI de uniforme que estava do outro lado da porta envidraçada da entrada lateral. Disse que procurava a agente especial Marty Lanier, e depois de uma verificação o oficial deixou-o entrar. Benton entregou a carteira de motorista, esvaziou os bolsos e passou por um escâner de raios X, recebendo tratamento não muito diferente do que se dispensa aos imigrantes que fazem fila pela rua Worth todos os dias úteis, com o objetivo de se tornarem cidadãos americanos. Do outro lado de um saguão de granito havia um segundo ponto de controle, atrás de uma pesada porta de metal e vidro perto dos elevadores, e ele passou pelo mesmo processo mais uma vez, só que agora teve de entregar a carteira de motorista e pegar um cartão e um crachá.

“Todos os aparelhos eletrônicos, inclusive celulares, ficam ali”, disse o oficial que estava na guarita, indicando uma mesa cheia de cofres, como se Benton nunca tivesse estado lá. “Mantenha seu crachá sempre visível, sua carteira será entregue quando devolver o cartão.”

“Obrigado. Vou ver se consigo me lembrar de tudo.”

Benton fingiu depositar o BlackBerry no cofre, mas enfiou-o na manga. Como se houvesse grande perigo no fato de fotografar ou filmar uma droga de escritório executivo. Pôs a chave do cofre no bolso do casaco, entrou no elevador e apertou o botão do vigésimo oitavo andar. O crachá, com um enorme V que o identificava como visitante, era outro insulto, e ele enfiou-o no bolso, avaliando se tinha agido

corretamente quando Marino ligou para relatar o suicídio de Agee.

Marino mencionara que estava a caminho de Rodman's Neck e que veria Benton mais tarde na reunião, quando o FBI conseguisse resolver a que horas seria. Benton, que acabava de entrar no táxi, estava indo ao centro exatamente para a reunião de que Marino falara, e preferira não lhe dizer nada. Segundo seu raciocínio, não cabia a ele dar a informação. Ficava claro que Marty Lanier não tinha pedido a presença de Marino. Benton não sabia quem mais ela convocara para a reunião, mas Marino não estava na lista, ou não estaria indo para o Bronx e sim para ali. Benton achou que quando falou com Lanier, Marino podia ter dito algo que a irritara.

A porta do elevador se abriu diante da Seção de Gerência Executiva, atrás de portas envidraçadas gravadas com o símbolo do Departamento de Justiça. Benton não viu sinal de vida e não entrou para se sentar, preferindo esperar no corredor. Passeou entre as vitrines típicas de todas as sedes do Bureau em que ele já estivera — troféus de caça, como ele dizia. Tirou o casaco, olhando e procurando ouvir a chegada de alguém, enquanto percorria lentamente as reminiscências da Guerra Fria. Pedras, moedas e maços de cigarros ocultos para o transporte clandestino de microfilmes. Armamento antitanque do bloco soviético.

Perambulou entre cartazes de filmes sobre o FBI. *“G” Men contra o império do crime, A história do FBI, A casa da rua 92, Coração de trovão, Donnie Brasco*, uma parede de cartazes que continuavam se multiplicando, surpreendendo-o sempre com o insaciável interesse do público por tudo o que se refere ao Bureau, não só no país como no estrangeiro. Nada do que ocorria com os agentes do FBI era corriqueiro, a menos que você fosse um deles. Nesse caso virava um trabalho como outro qualquer, com uma diferença: esse trabalho era seu dono. Não só seu dono, mas dono de todos os que tinham alguma relação com você. Enquanto o Bureau foi seu dono, era dono também de Scarpetta, e foi isso que permitiu a Warner Agee se intrometer para separá-los, para arrancar um do outro, para forçá-los a entrar em trens diferentes para diferentes campos de concentração. Benton disse a si mesmo que não tinha saudade de sua vida antiga, que não tinha saudade da porra do FBI. O puto do Agee lhe fizera um puta favor. Agee estava morto. Benton sentiu uma pontada de emoção, assustou-se com isso, como se tivesse levado um choque.

Virou-se ao ouvir passos apressados, e viu uma mulher que não conhecia andando em sua direção, morena, muito bonita, belo corpo, uns trinta e cinco anos, usando uma jaqueta de couro castanha, calça escura e botas. O Bureau tinha como hábito contratar mais pessoas de boa aparência e bem-dotadas do que o normal. Não é um estereótipo, é um fato. Era surpreendente que não confraternizassem mais, homens e mulheres, ombro a ombro, todo santo dia, alto nível, um tanto deslumbrados pelo poder e com uma boa dose de narcisismo. Na maior parte das vezes eles se continham. Quando Benton era agente federal, os namoricos no trabalho eram a

exceção, ou tão dissimulados que raramente eram descobertos.

“Benton?” Ela estendeu a mão e apertou a dele com firmeza. “Marty Lanier. A segurança avisou que você estava subindo e não quis fazê-lo esperar. Você já esteve aqui antes.”

Não era uma pergunta. Ela não teria perguntado se já não soubesse a resposta e tudo o que quisesse saber sobre ele. Ele a classificou na mesma hora. Inteligentíssima, obsessiva, não sabia o que era fracasso. Era o que ele chamava de epm: em perpétuo movimento. Benton tinha seu BlackBerry na mão. Não lhe importava que ela o visse. Checava suas mensagens na maior cara de pau. Que não lhe dissessem o que tinha ou não de fazer. Ele não era um visitante de merda.

“Estamos na sala de conferências do diretor”, disse ela. “Vamos tomar café antes.”

Se ela estava usando a sala de conferência do diretor, a reunião não seria só entre eles dois. O sotaque dela tinha nuances do Brooklyn, ou da parte branca de New Orleans, difícil distinguir. Fosse qual fosse o dialeto, ela lutava para atenuá-lo.

“O detetive Marino não está aqui”, disse Benton, enfiando o BlackBerry no bolso.

“Não é necessário que esteja”, ela replicou, já andando. Benton achou a observação antipática.

“Falei com ele há pouco, como você sabe, e em vista dos últimos acontecimentos, acho que ele será mais útil a todos os interessados estando onde está.” Ela olhou o relógio, um Luminor preto de borracha muito usado pelos seals, integrantes da força de operações especiais da Marinha, e imaginou que ela devia fazer parte da equipe de mergulhadores, mais uma Mulher Maravilha do Bureau. “Ele deve chegar lá em breve.” Ela falava de Rodman’s Neck. “O sol sai lá pelas sete e quinze. O volume em questão deve ser analisado daqui a pouco, assim saberemos o que é e como devemos agir.”

Benton não disse nada. Ficou irritado. Sentindo-se hostil.

“Eu deveria dizer ‘se devemos agir’, se houver razão para isso. Não sabemos com certeza se isso será relevante em relação às outras coisas.” Ela continuava respondendo a perguntas que não tinham sido feitas.

FBI típico, como se os novos agentes frequentassem uma escola Berlitz de linguajar burocrático para aprender a falar com duplo sentido. Para dizer o que querem que os demais fiquem sabendo, não importa o que eles precisem saber. Confundir, omitir ou, mais frequentemente, não dizer nada.

“Difícil saber o que é relevante para que neste momento”, disse ela.

Ele se sentiu como se uma cúpula de vidro tivesse caído sobre ele. Não adiantava comentar. Não seria ouvido. A voz não atravessaria o vidro. Talvez ele nem tivesse voz.

“Liguei para ele porque tinha sido indicado como contato a respeito de uma

pesquisa de dados enviada eletronicamente pelo cctr”, ela estava dizendo. “Uma tatuagem num sujeito que entregou o pacote em seu edifício. É como expliquei durante nossa breve conversa telefônica, Benton, e entendo que você não sabe mais nada sobre isso. Peço desculpas, mas pode ter certeza de que não o teria chamado a esta hora se não fosse por uma questão de extrema urgência.”

Eles caminhavam pelo longo corredor, passando por salas de interrogatório, que tinham apenas uma mesa e duas cadeiras, além de uma barra de ferro para algemar detentos, tudo bege e azul, o que Benton chamava de “azul federal”. O fundo azul de todas as fotos que já tinha visto dos diretores. O azul dos vestidos de Janet Reno. O azul das gravatas de George W. Bush. O azul de pessoas que mentem até ficar com a cara azul. Azul republicano. Havia um monte de republicanos azuis no FBI. Sempre tinha sido uma organização ultraconservadora. Não era de estranhar que tivessem afastado Lucy, demitindo-a. Benton era um independente. Nada além disso.

“Tem alguma pergunta antes de nos reunirmos aos demais?” Lanier parou diante de uma porta metálica bege. Digitou um código no teclado e a fechadura abriu.

“Suponho que você espera que eu explique ao detetive Marino por que lhe disseram que ele devia estar aqui. E por que estamos aqui para sua reunião e ele não sabe nada sobre isso.” Benton fervia de cólera.

“Você tem uma relação antiga com Peter Rocco Marino.”

Era estranho ouvir alguém chamá-lo pelo nome completo. Lanier andava rápido de novo. Outro corredor, mais longo ainda. Benton encolerizado. Estava a ponto de explodir.

“Você trabalhou em diversos casos com ele nos anos 1990, quando você era chefe da Unidade de Ciências Comportamentais. Que agora se chama Unidade de Análise de Conduta”, ela disse. “E então sua carreira se interrompeu. Presumo que saiba das novidades.” Ela não olhava para ele ao caminhar. “Sobre Warner Agee. Não o conhecia, nunca o vi. Embora durante algum tempo tenha sido uma pessoa de interesse.”

Benton parou, estavam os dois sozinhos no meio de um corredor interminável e vazio, uma monotonia de paredes bege encardidas e cerâmica cinza gasta. Despersonalizado, institucionalizado. Pretendia não ser provocante, ou imaginativo, ou agradável ou esquecível. Ele pôs a mão no ombro dela e se surpreendeu com sua solidez. Ela era pequena mas forte, e quando seus olhos encontraram os dele, havia neles uma interrogação.

“Não tente me fazer de palhaço”, disse ele.

Os olhos dela tinham um brilho metálico quando ela disse: “Por favor, tire a mão de mim”.

Ele deixou cair o braço e repetiu o que havia dito, com calma e sem inflexão alguma: “Não me faça de palhaço, Marty”.

Ela cruzou os braços, olhando para ele, numa atitude levemente desafiadora mas sem temor.

“Você pode ser da nova geração e ter sido entupida de instruções, mas eu sei mais sobre como a coisa funciona do que você poderá aprender em dez vidas”, disse ele.

“Ninguém questiona sua experiência e sua competência, Benton.”

“Você sabe exatamente do que estou falando, Marty. Não assobie para mim como se eu fosse uma merda de um cachorro para depois arrastar-me para uma reunião, onde você poderá mostrar a todos os truques que o Bureau me ensinou na idade das trevas. O Bureau não me deu treinamento algum, não me ensinou porra nenhuma. Eu mesmo me treinei, e você nunca vai chegar a entender o que passei e por quê. Nem quem são eles.”

“*Quem são eles?*” Ela não parecia nem um pouco desconcertada com o que ele dizia.

“As pessoas com quem Warner estava metido. Por que é aí que você quer chegar, não é? Como uma traça, Warner tomou as formas sombrias de seu ambiente. Depois de algum tempo, você não é capaz de apartar seres como ele dos edifícios poluídos aos quais se aferram. Ele era um parasita. Tinha um distúrbio antissocial de personalidade. Um sociopata. Um psicopata. O que hoje em dia vocês chamam de monstro. Justo agora, quando eu começava a sentir pena do surdo filho da puta.”

“Não posso imaginar que você sentisse pena dele. Depois do que ele fez...”

Benton foi pego de surpresa.

“O que quero dizer é o seguinte: se Warner Agee não tivesse perdido tudo, e não falo apenas do aspecto financeiro, se não tivesse se descompensado além de sua capacidade de controle, se não tivesse entrado em desespero, em outras palavras”, ela prosseguiu, “teríamos muito mais com que nos preocupar. Quanto ao quarto de hotel, Carley Crispin podia estar pagando por ele, por uma razão de ordem prática. Agee não tinha cartões de crédito. Foram todos cancelados. Ele estava na penúria, e provavelmente reembolsava Carley em dinheiro, pelo menos em parte. Sinceramente, duvido que ela tenha alguma coisa a ver com isso. A ela só importava que o espetáculo continuasse.”

“Com quem ele estava metido.” Não era uma pergunta.

“Tenho um palpite de que você sabe quem são. Se encontrar os pontos de pressão certos, você pode neutralizar alguém que tem duas ou três vezes o seu tamanho.”

“Pontos de pressão. No plural. Mais de um”, disse Benton.

“Estamos investigando essa gente, não temos certeza de quem são, mas estamos perto de acabar com eles. É por isso que você está aqui”, ela disse.

“Eles não desapareceram”, disse Benton.

Ela recomeçou a andar.

“Não pude me livrar de todos eles”, disse Benton. “Tiveram tempo para se

organizar, para causar problemas, decidir o que querem.”

“Como terroristas”, disse ela.

“São terroristas. De um outro tipo.”

“Li o dossiê sobre o que você eliminou na Louisiana. Impressionante. Seja bem-vindo de volta. Eu não queria estar no seu lugar durante aquilo tudo. Eu não queria estar no lugar de Scarpetta. Warner Agee não estava de todo errado... você corria perigo em grau extremo. Mas os motivos dele não poderiam estar mais errados. Ele queria que você desaparecesse. Era pior do que simplesmente matá-lo.” Ela disse isso como se estivesse comparando o que era pior, meningite ou gripe aviária. “O resto foi erro nosso, embora eu não estivesse aqui na época, era uma novata, estava na Promotoria de New Orleans. Vim para o Bureau um ano depois, fiz o mestrado em psicologia forense depois daquilo porque queria trabalhar com análise comportamental, sou coordenadora do Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos do escritório executivo de New Orleans. Não negaria que fui influenciada por aquela situação, ou por você.”

“Você estava lá naquela época. Quando eles estavam lá. Sam Lanier. Juiz de instrução de Baton Rouge Leste”, disse Benton. “São parentes?”

“Meu tio. Suponho que seja possível dizer que trabalhar com o lado mais sombrio da vida está no sangue. Sei o que aconteceu lá, na verdade estou lotada no escritório executivo de New Orleans. Cheguei aqui há poucas semanas. Poderia me acostumar a isto, a Nova York, se alguma vez encontrasse vaga para estacionar. Você nunca deveria ter sido forçado a deixar o Bureau, Benton. Naquele tempo eu não pensava assim.”

“Naquele tempo?”

“Warner Agee foi convincente. A avaliação dele a seu respeito abertamente a favor da Unidade de Segurança de Agentes Secretos. O quarto de hotel em Waltham, Massachusetts. Verão de 2003, quando ele concluiu que você não estava mais apto para o trabalho, sugeriu uma função administrativa ou de treinamento de novos agentes. Sei muito bem. Mais uma vez, fez-se a coisa certa pelo motivo errado. A opinião dele devia ser ouvida, e talvez tenha sido melhor assim. Se você tivesse ficado, o que acha que teria feito?” Ela olhou para ele e se deteve diante de uma porta fechada.

Benton não respondeu. Ela digitou a senha e entraram os dois na Divisão Criminal, um labirinto de pequenos espaços de trabalho separados por divisórias, todos azuis.

“Foi uma perda para o Bureau, uma grande perda”, disse ela. “Podemos tomar café na copa mesmo.” Ela dirigiu-se para lá, uma saleta com uma cafeteira, geladeira, mesa e quatro cadeiras. “Eu não diria que se colhe o que se semeou. Sobre Agee”, esclareceu, servindo o café para os dois. “Ele matou sua carreira, ou

tentou matar, e agora fez a mesma coisa consigo próprio.”

“Não é de hoje que ele começou a destruir a própria carreira.”

“É verdade.”

“O único que escapou do corredor da morte no Texas”, disse Benton então. “Não me livrei de todos eles. Não me livrei dele, não consegui encontrá-lo. Ele ainda está vivo?”

“O que você põe no café?” Lanier abriu um potinho de creme e enxaguou uma colher de plástico na pia.

“Não me livrei de todos eles. Não o peguei”, disse Benton de novo.

“Se um dia conseguirmos nos livrar de todos eles, eu ficarei sem emprego”, disse Lanier.

A Seção de Armas de Fogo e Táticas do Departamento de Polícia de Nova York em Rodman’s Neck era rodeada de uma cerca de três metros de altura encimada por uma rede de arame farpado. Se não fosse por esse obstáculo pouco amigável e pelos avisos de perigo: explosão, mantenha distância e nem pense em estacionar aqui, o extremo sul do Bronx, apontado como um dedo no estuário de Long Island, seria, na opinião de Marino, a melhor propriedade imobiliária do nordeste americano.

A manhã era cinzenta e nublada, com ervas marinhas e árvores nuas agitadas pelo vento. Marino rodava com o tenente Al Lobo numa SUV preta através do lugar no qual ele pensava como se fosse um parque temático de uns vinte hectares, com paióis de material, edificações para instrução tática, oficinas de reparo, hangares com caminhões para atendimento de emergência e veículos blindados, estandes de tiro internos e externos, um deles para franco-atiradores. Policiais, agentes do FBI e de outros órgãos disparavam tantos tiros que havia ali mais tambores de metal com cartuchos vazios do que latas de lixo numa área de piquenique. Nada se desperdiçava, nem mesmo viaturas policiais destruídas em serviço ou simplesmente usadas até acabar. Vinham parar aqui, eram alvejadas e explodidas em simulacros de ocorrências urbanas, como distúrbios e ação de homens-bomba.

Apesar de toda essa sobriedade, a base tinha seus toques de humor policial, no mais puro estilo das histórias em quadrinhos, bombas, foguetes e obuses em cores vivas enterrados no chão e espetados nos lugares mais estranhos. Nas horas vagas, quando o tempo ajudava, os técnicos e instrutores preparavam a comida diante de seus barracões Quonset, jogavam baralho e brincavam com os cães rastreadores de bombas. Naquela época do ano, ficavam conversando e consertavam algum dispositivo elétrico de brinquedos doados a famílias necessitadas que não podiam comprar presentes de Natal. Marino adorava o Neck, e enquanto rodava com Lobo conversando sobre Dodie Hodge, lembrou que era a primeira vez que vinha a este lugar e não ouvia disparos de armas semiautomáticas e submetralhadoras automáticas mp5s, um barulho tão familiar que para ele chegava a ser tranquilizador,

era como estar no cinema e ouvir a pipoca estourando.

Até os patos marinhos se acostumavam ao barulho e talvez viessem para ouvi-lo, êideres e patos de cauda afilada que nadavam para lá e para cá e se aventuravam marchando na beirada. Não é de se estranhar que algumas das melhores aves de caça fossem encontradas naquele lugar. Os patos não identificam disparos de arma de fogo com o perigo — o que é bastante antidesportivo, diria Marino. Deveriam chamar o esporte de “tiro ao alvo fácil”, pensou ele, e se perguntou que influência a descarga constante de armas e as detonações exerceriam sobre a pesca, porque tinha ouvido dizer que havia excelentes lobinas e linguados no estuário. Um dia ele ainda ia ter um barco, que guardaria numa marina de City Island. Talvez fosse até morar lá.

“Acho que devíamos saltar aqui”, disse Lobo, parando a Tahoe a certa distância do recinto de explosão de artefatos, a cerca de cem metros de onde o pacote de Scarpetta estava encerrado. “Vou deixar o carro fora do caminho. Eles ficam danados quando um do município vai pelos ares acidentalmente.”

Marino saltou, pisando com cuidado no solo irregular coberto de pedras, fragmentos de granadas e restos de metal. Viu-se no meio de um terreno de valas e barreiras construídas com sacos de areia, em que trilhas de terra levavam a recipientes de armazenamento de explosivos e pontos de observação de concreto e vidro blindado, além dos quais estava a água. Pelo menos até onde ele podia ver, havia água, alguns barcos ao longe e o late Clube de City Island. Ele ouvira histórias sobre barcos que se soltavam de suas amarras, ficavam à deriva e eram levados pela maré até Rodman’s Neck, já que os serviços de reboque civis não se davam ao trabalho de recuperá-los, dizendo às vezes que o dono não poderia pagar pelo serviço. Achado não é roubado, era assim que devia ser. Havia um World Cat 290 com dois motores Suzuki de quatro tempos encalhado na areia, e Marino enfrentaria uma chuva de balas e metralhadora se não tivesse de devolvê-lo.

A técnica em explosivos Ann Droiden estava logo ali, vestida com seu uniforme de campanha de lona azul-escura, calças de sete bolsos, provavelmente forrado de flanela por causa do frio, uma parca, coturnos Atac e óculos escuros âmbar. Não usava gorro nem luvas, e com as mãos desnudas estava encaixando o tubo metálico de um disruptor pan a uma base dobrável. Merecia uma olhada, embora fosse provavelmente jovem demais para Marino. Trinta e poucos, ele apostou.

“Comporte-se”, disse Lobo.

“Acho que ela devia ser classificada como arma de destruição em massa”, disse Marino, que sempre passava um mau pedaço tentando não ficar olhando abobado para ela.

Alguma coisa na compleição forte e atraente de Droiden, em suas mãos surpreendentemente ágeis, lembrou-lhe a doutora, ou como ela era quando tinha essa

idade, quando eles começaram a trabalhar juntos em Richmond. Naquela época, era inusitado que uma mulher fosse chefe de um sistema de medicina forense de abrangência estadual tão importante como o da Virgínia, e Scarpetta fora a primeira médica-legista que ele conhecera, talvez a primeira que viu na vida.

“A ligação telefônica do Hotel Elysée para a CNN. Foi só uma ideia que tive, e vou mencioná-la ainda que pareça absurda, porque essa senhora tem o que, uns cinquenta anos?” Lobo retomou a conversa que eles tinham começado dentro do carro.

“O que a idade de Dodie Hodge tem a ver com a ligação telefônica?”, perguntou Marino, e já não tinha certeza se deixar Lucy e Scarpetta sozinhas no Hotel Elysée havia sido uma boa ideia.

Ele não sabia o que estaria acontecendo lá, exceto que Lucy sabia muito bem cuidar de si, provavelmente era melhor nisso que o próprio Marino, para ser franco. Ela era capaz de arrancar um pirulito do palito a cinquenta metros de distância. Mas estava desconfiado, tentando entender o que estava acontecendo. Segundo Lobo, a ligação de Dodie Hodge para a CNN na noite anterior tinha sido feita no Hotel Elysée. Era de lá o número registrado no identificador de chamadas da emissora, embora Dodie Hodge não estivesse hospedada no hotel. O mesmo gerente com quem Marino falara antes disse que não havia registro anterior de ninguém com esse nome, e quando Marino lhe deu a descrição de Dodie, com base na informação que obtivera no cctr, o gerente lhe deu certeza. Ele não fazia ideia de quem fosse Dodie Hodge, e além disso nenhuma ligação tinha sido feita para o 0-800 do *Relatório Crispin* naquela noite. Na verdade, nenhuma ligação tinha sido feita do hotel às 9:43, hora em que Dodie ligou para a CNN e foi deixada em espera antes de ir ao ar.

“Você sabe alguma coisa a respeito de como enganar um identificador de chamadas?”, perguntou Lobo, andando ao lado de Marino. “Já ouviu falar num cartão que faz isso?”

“Ouvi falar. Mais uma atrapalhão para complicar a porra da vida da gente”, disse Marino.

Ele não estava autorizado a usar o celular ali, nada que emitisse sinal eletrônico. Queria que Scarpetta ligasse para lhe contar sobre Dodie Hodge. Ou quem sabe pudesse contar a Lucy. Dodie Hodge devia ter alguma ligação com Warner Agee. Ele não podia ligar para ninguém, não na área de explosão, onde poderia haver pelo menos uma bomba trancada num recipiente.

“Nem me fale”, disse Lobo, enquanto eles continuavam caminhando, sentindo o vento gelado que vinha do estuário através da cerca e entre as barreiras. “Você compra esses cartões perfeitamente legais e pode fazer aparecer o número que quiser no identificador de chamadas da pessoa para quem você está ligando.”

Marino pensou na possibilidade de Dodie Hodge ter uma relação com Warner

Agee, que obviamente tinha uma relação com Carley Crispin, em cujo programa Agee estivera várias vezes naquele outono. Dodie tinha ligado naquela noite, talvez existisse uma relação entre os três. Loucura. Como era possível que Agee, Dodie e Carley estivessem relacionados, e por quê? Era como aquelas ramificações que aparecem nos monitores múltiplos do cctr. Você procura um nome e encontra mais cinquenta ligados a ele, o que lembrou a Marino o colégio católico Saint Henry, os três ramos entrelaçados que ele desenhava no quadro negro quando era obrigado a esquematizar um diagrama de sentenças compostas na aula de inglês.

“Há alguns meses”, continuou Lobo, “meu telefone tocou e apareceu um número no meu identificador. Era o número da mesa telefônica da Casa Branca. Fiquei grilado, ‘que merda é essa?’. Atendo e é minha filha de dez anos, tentando disfarçar a voz, dizendo: ‘Um momento, vou passar para o presidente’. Não achei graça. É o celular que uso para trabalhar, e por um momento meu coração parou.”

Havia um nome que todas as ramificações tinham em comum, disse Marino a si próprio, qual era mesmo?

“Acontece que a ideia e o cartão eram coisa de um dos amigos dela, um menino de uns onze anos”, disse Lobo. “Você entra na internet, o telefone da Casa Branca está logo ali. É foda. Toda vez que você descobre como parar essa merda, aparece mais uma coisa para acabar com nosso esforço.”

Hannah Starr, resolveu Marino. Como até agora parecia que o único elo entre aquelas pessoas era a doutora, ele estava preocupado. É por isso que estava caminhando entre os galpões de explosivos na madrugada gelada. Levantou a gola do casaco, as orelhas tão frias que estavam a ponto de cair.

“Parece que se você comprar um cartão desses, pode ser rastreado pela operadora”, disse a Lobo.

Ann Droiden estava indo na direção do recipiente para explosivos de metal branco com uma jarra de leite vazia. Colocou-a debaixo da torneira e começou a enchê-la de água.

“Se a operadora receber uma intimação, talvez você tenha sorte, mas só no caso de você ter um suspeito. Se não tiver suspeito, como vai saber a quem o número falso pode remeter, principalmente se quem ligou não usou o próprio telefone? É um pesadelo de merda”, disse Lobo. “Então essa moça, Dodie Hodge, admitindo que seja esperta, pelo menos tão esperta quanto uma menina de dez anos, pode ter usado o cartão para nos despistar. Talvez tenha usado o cartão quando ligou para o *Relatório Crispin* ontem à noite, dando a entender que estava no Hotel Elysée quando, na verdade, não temos a menor ideia de onde ela estava. Ou talvez ela estivesse armando pra cima desse Agee de quem você me falou. Pode ser que não goste dele, e quisesse fazer uma brincadeira de mau gosto. A outra dúvida é por que você tem tanta certeza de que foi ela quem mandou o cartão musical, por exemplo?”

“Era a voz dela gravada no cartão.”

“Quem disse isso?”

“Benton. Ele deve saber, já que conviveu com ela na cadeia.”

“Isso não quer dizer que ela tenha mandado o cartão. Precisamos ter cautela com as suposições, só isso. Merda, que frio. E nada do que fazemos aqui fora me permite usar umas luvas que sirvam para alguma coisa.”

Droiden pôs a jarra com água no chão perto de um grande estojo preto rígido que continha cartuchos de escopeta calibre 12 e componentes do disruptor pan, ou seja, o canhão de água. Ao lado havia um pente metálico portátil, sacolas de instrumentos e equipamento, algumas delas bem grandes, cujo conteúdo devia ser mais equipamentos e instrumentos, inclusive o traje de descarte de bomba e o capacete que ela usara quando se preparou para resgatar o pacote do recipiente de explosivos. Ela se agachou ao lado do estojo aberto e tirou dele um plugue de plástico preto, um tambor de atarraxar e um cartucho de escopeta. Ouviu-se ao longe o ruído de um motor a diesel — uma ambulância do Serviço de Emergências surgiu e estacionou na trilha de terra, de prontidão para o caso de algo dar errado.

“Insisto”, disse Lobo, tirando uma bolsa do ombro, “não estou afirmando que essa Dodie tenha usado um cartão. Só estou dizendo que o identificador de chamadas já não significa porra nenhuma.”

“Nem me fale”, disse Droiden, plugando um dos extremos do tubo. “Meu namorado foi vítima de um cartão desses, uma imbecil contra quem ele conseguiu uma ordem de afastamento. Ela ligou, e o identificador de chamadas dizia que era a mãe dele.”

“É uma pena”, disse Marino, que não sabia que ela tinha namorado.

“É como essas ferramentas da internet que as pessoas usam para que não seja possível rastrear o IP delas, ou para você pensar que elas estão em outro país quando podem estar na porta ao lado.” Ela inseriu o projétil de escopeta no tambor e aparafusou-o na extremidade plugada do tubo. “Você nunca pode ter certeza de que algo é o que parece quando se trata de telefones e computadores. Os infratores usam um manto de invisibilidade. Não se sabe quem está fazendo o quê, e mesmo se souber, é difícil provar. Já não se pode responsabilizar ninguém.”

Lobo tirou um laptop da bolsa e ligou-o. Marino se perguntou por que se podia usar um computador naquele local e não o telefone celular. Mas não verbalizou. Estava sobrecarregado, como se seu motor pudesse superaquecer a qualquer momento.

“Será que não preciso usar uma roupa especial ou algo assim?”, perguntou Marino. “Tem certeza de que aí dentro não há nada como antraz, ou algum produto químico que me provoque um câncer?”

“Ontem à noite, antes de pôr o pacote no recipiente de explosivos”, disse Droiden,

“examinei-o de cabo a rabo com o detector de radioatividade fh 40, o de agentes biológicos 2200r, o de produtos químicos apd 2000, uma câmara iônica de longo alcance, um monitor de gases e todos os detectores que você possa imaginar, sobretudo por causa do alvo.”

Ela queria dizer por causa de Scarpetta.

“Para dizer o mínimo, a coisa foi levada a sério”, prosseguiu Droiden. “O que não quer dizer que sejamos displicentes em algum momento, mas estas circunstâncias são consideradas especiais. Deu negativo para agentes biológicos, pelo menos os que são conhecidos, como antraz, ricina, botulismo, enterotoxina estafilocócica e peste bubônica. Negativo para radiação alfa, beta, gama e de nêutrons. Não há agentes químicos nem substâncias irritantes. Não há agentes neurotóxicos ou vesicantes... entre os que são conhecidos, repito. Não há gases tóxicos, como amônia, cloro, sulfato de hidrogênio, dióxido de enxofre. Nenhum alarme disparou, mas seja o que for que esteja no pacote, desprende algum gás. Senti o cheiro.”

“Provavelmente é o que está no objeto em forma de frasco”, disse Marino.

“Algo com um cheiro repulsivo, fedorento como alcatrão”, ela respondeu. “Não sei o que é. Nenhum dos detectores conseguiu identificá-lo.”

“Pelo menos sabemos o que não é”, disse Lobo. “O que é um alívio. Esperamos que não seja nada preocupante.”

“Pode ser algo que reaja com algum dos contaminantes daqui?” Marino pensava em todos os dispositivos que já tinham sido desativados no recinto. Décadas de bombas e artefatos pirotécnicos alvejados por canhões de água e detonados.

“Como dizia, não chegamos a uma conclusão”, disse Droiden. “Além disso, levamos em conta a possibilidade de interferência de vapores que podem causar falsos positivos. Artefatos desativados por nós que pudessem emitir gases, além de gasolina, óleo diesel e água sanitária. Não encontramos níveis detectáveis de vapores interferentes. Nenhum falso alarme ontem à noite, embora as baixas temperaturas não sejam as ideais, já que os detectores lcd detestam ficar ao relento com esse tempo, e não íamos levar o recipiente de contenção para qualquer recinto fechado sem saber com que tipo de coisa estamos lidando.”

Ela inclinou o canhão de água, apontou-o quase que para a frente, encheu-o de água, depois fechou a extremidade frontal com um tampão vermelho. Nivelou o tubo de metal e apertou as braçadeiras. Tirou do estojo aberto um dispositivo a laser que fez deslizar até a ponta do cano do canhão, como se fosse uma alça de mira. Lobo pôs o laptop, em cuja tela havia uma imagem de raios X do pacote de Scarpetta, sobre um saco de areia. Droiden ia usar essa imagem para traçar um alvo reticulado que seria alinhado com a mira de laser, de modo que pudesse acertar a fonte de energia — as baterias tipo botão — com o canhão de água.

“Pode me passar o tubo de ondas de choque?”, Droiden pediu a Lobo.

Ele abriu a caixa de munição, um contêiner metálico verde de tamanho médio, do Exército, e tirou dela um rolo de algo que parecia um fio calibre 12 encapado de plástico amarelo vivo, na verdade um cordel detonador de baixa potência que se podia manipular sem o uso de roupa antichamas ou antibomba. O interior do tubo estava revestido com explosivo hmx, a quantidade justa para transmitir as ondas de choque necessárias para acionar o percutor dentro do tambor, que por sua vez atingiria a cápsula do cartucho, que inflamaria a pólvora, só que naquele caso o cartucho estava vazio. Não havia projéteis. O que seria propelido pelo tubo seriam cerca de 200 ml de água a cerca de 240 m por segundo, o que basta para abrir um buraco de bom tamanho na caixa de FedEx de Scarpetta e eliminar a fonte de energia.

Droiden desenrolou vários metros do tubo e amarrou um dos extremos a um conector no tambor e o outro num dispositivo de disparo, que parecia um pequeno controle remoto verde com dois botões, um vermelho, outro preto. Droiden abriu o zíper de duas das sacolas Roco, tirou delas a jaqueta verde, a calça e o capacete da roupa antibomba.

“Agora, rapazes, se me dão licença... Tenho de me vestir.”

O laptop de Warner Agee, um Dell bem antigo, estava conectado a uma pequena impressora, ambos plugados na tomada da parede. Havia fios atravessados no carpete, impressos empilhados e esparramados, o que tornava difícil andar sem tropeçar ou pisar em papel.

Scarpetta desconfiou que Agee tinha trabalhado sem parar no quarto de hotel que, ao que tudo indicava, Carley alugara para ele. Esteve ocupado com alguma coisa não muito tempo antes de tirar os aparelhos auditivos e os óculos, deixar a chave magnética sobre a bancada da pia, descer pela escada e talvez entrar num táxi, encaminhando-se finalmente para a morte. Ela se pôs a imaginar o que ele teria conseguido ouvir naqueles últimos momentos de vida. Provavelmente não teria sido os socorristas do esu, com cordas, arneses e equipamentos, arriscando a própria segurança ao tentar alcançá-lo. Nem teria sido o trânsito na ponte. Nem mesmo o vento. Ele baixou o volume e borrou a imagem para que ficasse mais fácil descer para o nada sem voltar atrás. Ele não só não queria mais ficar aqui, mas por algum motivo tinha decidido não ter opção.

“Vamos começar com as ligações mais recentes”, disse Lucy, voltando sua atenção para o celular de Agee, que ligou num carregador encontrado numa tomada perto da cama. “Parece que ele não demorou muito no telefone. Algumas ligações na manhã de ontem, depois nada mais até as oito e seis da noite. Depois disso, mais uma ligação, duas horas e meia mais tarde, às dez e quarenta. Vou começar pela chamada das oito e seis, vou dar uma busca e ver a quem o resultado remete.” Ela começou a digitar em seu MacBook.

“Desabilitei a senha de meu BlackBerry.” Scarpetta não sabia bem por que dissera essas palavras, justo naquele momento. Aquilo estava em sua cabeça, mas não na ponta da língua, e agora estava diante de ambas, como um fruto caído de maduro. “Não creio que Warner Agee tenha olhado meu BlackBerry. Ou que Carley tenha olhado, a menos que tenha procurado fotos de cena do crime. Pelo que posso ver, nenhuma das ligações, mensagens ou e-mails que entraram desde que o usei pela última vez tinha sido aberto.”

“Já sei de tudo isso”, disse Lucy.

“O que você supõe que significa isso?”

“Meu Deus. É como se um milhão de pessoas tivessem esse número que ligou para o celular de Agee. O celular está em nome dele, claro, com um endereço de Washington. Um plano Verizon, um dos mais baratos, de poucos minutos. Parece que não era muito falante, talvez por causa do problema de audição.”

“Duvido que esse seja o motivo. Os aparelhos auditivos eram de última geração, com adaptador Bluetooth”, disse Scarpetta.

Olhando o quarto de hotel, ela poderia deduzir que Warner Agee tinha passado a maior parte do tempo num mundo claustrofóbico que com frequência estava silencioso. Scarpetta duvidava que tivesse amigos, e se tivesse parentes, não era muito chegado a eles. Imaginou que o único contato humano de Agee, no fim das contas sua única ligação emocional, era com a mulher que se tornara sua benfeitora em proveito próprio: Carley. Ela lhe dera trabalho e um teto, isso era o que parecia, e de vez em quando vinha com uma nova chave. Scarpetta desconfiou que Agee estivesse sem dinheiro, e se perguntou o que poderia ter acontecido com sua carteira. Talvez tivesse se livrado dela depois de sair do quarto, na noite passada. Talvez não quisesse ser identificado, mas não se lembrara do controle remoto Siemens, que muito provavelmente estava em seu bolso por uma questão de hábito. Devia ter esquecido a mensagem inscrita no aparelho, que levaria uma pessoa como Scarpetta direto a seu dono.

“O que você quer dizer com *já sei de tudo isso*?”, ela perguntou a Lucy de novo. “O que é que você sabe? Você já sabia que ninguém entrou no meu BlackBerry?”

“Pegue o aparelho. Vou fazer uma experiência.” Lucy pegou seu próprio BlackBerry e teclou um número que via no MacBook. Ouviu por um longo tempo e encerrou a chamada, dizendo: “Está só tocando, tocando. Aposto que é um telefone descartável, o que explica por que tanta gente diferente já teve o mesmo número e por que o correio de voz não estava ativado.” Ela olhava para o celular de Agee mais uma vez. “Vou checar uma coisa”, disse. “Quando você me mandou um e-mail dizendo que o celular tinha sumido, eu quis apagar tudo e você não deixou. Então chequei de imediato e vi que suas novas mensagens, assim como os e-mails e correios de voz não tinham sido acessados. Foi a única razão pela qual eu simplesmente não apaguei tudo, apesar de suas instruções. Por que você desabilitou a senha?”

“Há quanto tempo você sabia?”

“Só depois que você me disse que tinha perdido o celular.”

“Eu não o perdi.”

Lucy achava difícil olhá-la nos olhos. Não porque sentisse remorso, não era isso o que Scarpetta via. Sua sobrinha estava alterada. Assustada, com os olhos de um verde-escuro como as águas profundas de uma mina, e seu rosto tinha uma expressão incomum de derrota e cansaço. Parecia mais franzina, como se não se exercitasse havia muito, sua força e sua forma num nível baixo. Durante as semanas que se passaram desde que Scarpetta a vira pela última vez, Lucy fora dos quinze aos quarenta anos.

Lucy pressionou umas teclas e disse: “Agora estou procurando esse segundo

número que ligou para o telefone dele ontem à noite”.

“A ligação das dez e quarenta?”

“Essa. Aparece como desconhecido, mas a pessoa que ligou não se preocupou em bloquear o identificador de chamadas, e por isso o número ficou registrado no celular de Agee. Seja quem for, foi a última pessoa com quem ele falou. Pelo menos até onde sabemos. Portanto, ele estava vivo e bem às dez e quarenta.”

“Vivo sim, mas duvido que estivesse bem.”

Lucy continuou digitando no MacBook e, percorrendo os arquivos do laptop, era capaz de executar dez tarefas ao mesmo tempo. Ela podia fazer quase tudo, menos ter uma conversa franca sobre o que era realmente importante em sua vida.

“Ele foi astuto o bastante para deletar seu histórico e esvaziar a memória”, disse ela. “Para o caso de você se interessar. Isso não me impede de encontrar aquilo que ele achou que tinha eliminado. Carley Crispin”, disse então. “O número desconhecido que ligou para ele às dez e quarenta. Era ela. Carley. É o celular dela, da operadora at&t. Ela ligou para Agee, e eles conversaram durante uns quatro minutos. A conversa não deve ter sido muito boa, considerando que poucas horas depois ele saltou de uma ponte.”

Às dez e quarenta da noite anterior Scarpetta ainda estava na CNN, na sala de maquiagem, conversando a portas fechadas com Alex Bachta. Ela tentou localizar com precisão em que momento tinha saído. Talvez dez ou quinze minutos depois, e teve a sensação horrível de que o que temia era verdade. Carley estivera escutando atrás da porta e ouviu o bastante para entender o que a esperava. Scarpetta ia ocupar seu lugar como apresentadora do programa, ou isso foi o que Carley deve ter pensado, em todo caso, porque nunca lhe ocorreria imaginar que alguém pudesse dizer não a uma proposta como a que Alex fizera. Carley ia ser dispensada, e isso deve ter acabado com ela. Mesmo que tivesse ficado atrás da porta até ouvir a recusa de Scarpetta e sua explicação de por que ela achava que não era uma boa ideia, Carley teve de aceitar a inevitabilidade de algo que fizera de tudo para impedir: aos sessenta e um anos, teria de procurar emprego e as chances de que o encontrasse numa rede de tanto prestígio e poder quanto a CNN eram quase nulas. Naquela situação de crise econômica e na idade dela, poderia não encontrar nada.

“E daí?”, perguntou Scarpetta, depois de contar a Lucy o que tinha acontecido na noite anterior depois do programa de Carley. “Será que ela se afastou da porta, talvez retornando a seu camarim, e fez uma rápida ligação para Warner? O que ela teria lhe dito?”

“Talvez que não precisava mais de seus serviços”, disse Lucy. “Se ela perde o programa, para que mais vai precisar dele? Se ela não estiver no ar, ele também não estará.”

“Desde quando apresentadores de programas de entrevistas pagam estadas de

hotel prolongadas para seus convidados?”, Scarpetta voltava ao tema. “Principalmente agora, que todo mundo está cortando custos.”

“Não sei.”

“Duvido muito que a CNN a ressarcisse. Ela teria dinheiro? Dois meses neste hotel devem custar uma fortuna, por melhor que fosse a tarifa que lhe tenham oferecido. Por que ela ia gastar tanto dinheiro? Por que não instalar Warner em algum outro lugar, alugando para ele algo infinitamente mais barato?”

“Não sei.”

“Talvez seja por causa da localização”, considerou Scarpetta. “Talvez houvesse mais alguém financiando isso. Ou financiando Warner. Alguém sobre quem nada sabemos.”

Lucy não dava sinal de estar ouvindo.

“E se ela ligou às dez e quarenta para dizer a Warner que estava despedido e devia desocupar o quarto, por que se daria ao trabalho de entregar-lhe meu BlackBerry?” Scarpetta continuava pensando em voz alta. “Por que não lhe dizer simplesmente que fizesse as malas e deixasse o hotel no dia seguinte? Se pretendia chutá-lo, por que teria trazido meu telefone? Por que ele se sentiria ainda obrigado a ajudá-la se estava sendo cortado? É possível supor que Agee devesse entregar meu BlackBerry a outra pessoa?”

Lucy não respondeu.

“Por que meu BlackBerry é tão importante?”

Era como se Lucy não ouvisse uma só palavra do que Scarpetta dizia.

“A não ser que seja um atalho para chegar a mim. Para tudo o que me diz respeito. Para tudo o que nos diz respeito, na verdade”, disse ela, respondendo à própria pergunta.

Lucy continuava calada. Não queria continuar falando sobre o BlackBerry furtado para não ter de falar dos motivos que a tinham levado a comprá-lo.

“Ele sempre sabe onde estou por causa do receptor de gps que você instalou nele”, acrescentou Scarpetta. “Desde que ele esteja comigo, é claro. Embora eu não ache que você estivesse particularmente preocupada com os lugares em que estive, ou devesse estar.”

Scarpetta começou a folhear as páginas impressas que estavam sobre a mesinha, aparentemente centenas de buscas na internet sobre novidades, editoriais, referências e blogues relativos ao caso Hannah Starr. Mas estava difícil se concentrar, a pergunta mais importante esbarrava numa barreira mais sólida que uma parede de concreto.

“Você não quer falar no assunto nem admitir o que fez”, disse Scarpetta.

“Falar de quê?” Nem levantou os olhos.

“Bem, nós vamos falar disso.” Scarpetta folheava mais matérias novas que Agee

imprimira, sem dúvida se tratava de uma pesquisa que ele estava fazendo para Carley. “Você me dá um presente que não pedi e na verdade não queria, um smartphone extremamente sofisticado, e de uma hora para outra toda a minha vida está numa rede que você criou e eu viro refém de uma senha. E depois você se esquece de me controlar? Se você estivesse mesmo tão decidida a melhorar minha vida... melhorar a vida de Marino, de Benton e de Jaime..., por que não fez o que qualquer administrador de sistemas respeitável faria? Checar seus usuários para saber se suas senhas estão devidamente habilitadas, que a integridade dos dados está como deve ser, que não há brechas na segurança e não há problemas?”

“Não sabia que você gostava de ser controlada.” Lucy digitava velozmente no laptop Dell, e entrou na pasta de downloads.

Scarpetta pegou outra pilha de papéis. “O que Jaime acha de você controlá-la?”, disse ela.

“Em setembro, ele assinou um contrato com uma imobiliária de Washington”, disse Lucy.

“Jaime sabe que o BlackBerry dela tem um gps?”

“Parece que pôs a casa à venda e se mudou. Está anunciada como sem mobília.” Lucy voltou ao MacBook e digitou mais alguma coisa. “Vamos ver se já a vendeu.”

“Vai conversar comigo ou não?”, perguntou Scarpetta.

“Não só não vendeu como a casa estava em processo de reintegração de posse. É um apart-hotel, dois quartos, dois banheiros, na rua 14, perto do Dupont Circle. Começou em seiscentos e vinte mil e agora está por pouco mais de quinhentos. Portanto, um dos motivos pelos quais ele acabou neste quarto é que não tinha para onde ir.”

“Não tente me enrolar, por favor.”

“Comprou a casa há oito anos por pouco menos de seiscentos. Os tempos estavam melhores para ele na época, suponho.”

“Você contou a Jaime sobre o gps?”

“Eu diria que o cara faliu. Bem, agora está morto, acho que não vai se importar que o banco fique com a casa”, disse Lucy.

“Eu sei do receptor de gps que você instalou. E ela, sabe? Você disse a Jaime?”

“Você perde tudo e talvez isso acabe te levando para a beira do abismo, ou, no caso de Agee, para a ponte”, disse Lucy, mudando de atitude, com a voz quase imperceptivelmente trêmula. “O que era que você lia para mim quando eu era pequena? Aquele poema de Oliver Wendell Holmes. ‘A carroça de um cavalo só.’ *Uma coisa te direi: na construção das carruagens/ sempre há um ponto fraco. / ... E essa é a razão pela qual/ Uma carroça quebra mas não se gasta...* Quando eu era pequena e visitava você em Richmond, volta e meia ficava morando com você, querendo que você pudesse ficar comigo. Minha mãe de merda. Nesta época do ano,

é sempre a mesma coisa. Será que vou para o Natal? Fico meses sem notícia dela, e aí ela pergunta se vou lá para o Natal, porque o que ela quer mesmo é ter certeza de que eu não vou esquecer de mandar um presente. Alguma coisa cara, de preferência um cheque. Que se foda.”

“O que aconteceu para você desconfiar de Jaime?”, perguntou Scarpetta.

“Você se sentava na minha cama naquele quarto ao fim do corredor onde também ficava o seu, o quarto que acabou sendo o meu em sua casa de Windsor Farms. Eu adorava aquela casa. Você lia para mim um livro de poemas dele. ‘Velho guerreiro’, ‘O náutilo’, ‘Dias que se foram’. Tentava me explicar os fatos da vida e da morte. Você dizia que as pessoas são como aquela carruagem: rodam durante cem anos e um dia se desmoronam de uma vez, num monte de poeira.” Lucy falava com as mãos nos dois teclados, abrindo e fechando arquivos e links em ambas as telas, olhando para qualquer coisa que não fosse a tia. “Você dizia que era a metáfora perfeita para a morte, essas pessoas que acabavam no necrotério, para quem tudo dava errado mas continuavam em frente até o dia em que acontecia aquilo. A coisa que provavelmente tinha a ver com seu ponto fraco.”

“Eu supunha que seu ponto fraco fosse Jaime”, disse Scarpetta.

“E eu supunha que era dinheiro.”

“Você andou espionando Jaime? Foi por isso que você nos deu os celulares?” Scarpetta apontou para os dois BlackBerrys na mesinha de centro, o dela e o de Lucy. “Você acha que Jaime está metendo a mão no seu dinheiro? Você tem medo de que ela seja como sua mãe? Ajude-me a entender.”

“Jaime não precisa do meu dinheiro nem de mim.” Firmou a voz. “Ninguém tem o que antes tinha. Nesta economia, o dinheiro derrete como gelo diante dos nossos olhos, como uma elaborada escultura de gelo que custa uma fortuna para construir, vira água e evapora. E você se pergunta se ela um dia existiu, para começar, e de onde vinha tanta emoção. Não tenho o que tinha.” Hesitou, como se qualquer coisa que pensasse fosse quase impossível de dizer. “Não se trata de dinheiro. É outra coisa em que me meti e por isso passei a interpretar tudo errado. Talvez isso seja tudo o que eu tenho a dizer. Comecei a interpretar mal as coisas.”

“Interpretar mal deve dar trabalho a uma pessoa que cita poesia tão bem”, disse Scarpetta.

Lucy não respondeu.

“O que foi que você interpretou mal desta vez?”, Scarpetta queria fazê-la falar.

Mas Lucy não queria. Por um momento, as duas permaneceram em silêncio, ao som dos teclados de Lucy e do movimento dos papéis que Scarpetta tinha no colo. Ela continuava folheando as pesquisas impressas sobre Hannah Starr, e também sobre Carley Crispin e seu programa fracassado, novas histórias sobre aquilo que um comentarista chamou de queda livre de Carley nos índices de audiência, e havia

menções a Scarpetta e ao Fator Scarpetta. A única coisa interessante que Carley tinha conseguido naquela temporada, dizia um blogueiro, foram as apresentações como convidada da analista forense da CNN, a intrépida, durona e afiada Scarpetta, cujos comentários eram precisos. *“Kay Scarpetta vai direto ao cerne do problema com suas observações, e é páreo duro — duro demais — para a espalhafatosa e superficial Carley Crispin.”* Scarpetta levantou-se da cadeira.

“Você se lembra de uma daquelas visitas a Windsor Farms em que você ficou brava comigo, reformatou todo o meu computador e depois o desmontou? Acho que você tinha dez anos e levou a mal alguma coisa que eu tenha dito ou feito, interpretou mal, entendeu mal, reagiu mal, para dizer o mínimo. Será que você está reformatando sua relação com Jaime e em processo de desmontá-la, e ao menos perguntou a ela se isso tem razão de ser?”

Abriu a maleta e tirou outro par de luvas. Passou pela cama bagunçada de Warner, cheia de roupas espalhadas, e começou a revistar as gavetas da cômoda.

“O que foi que Jaime fez que você possa ter entendido mal?”, Scarpetta rompeu o silêncio.

Mais roupas de homem, nenhuma delas dobrada. Cuecas, camisetas, meias, pijamas, lenços e pequenas caixas de veludo com abotoaduras, algumas antigas, nenhuma delas cara. Em outra gaveta havia moletons, camisetas com logos. Da Academia do FBI, de vários escritórios executivos do FBI, das equipes de resgate de reféns e de gestão de emergências, todas elas velhas e gastas, representando o que Agee sempre quis ser e nunca conseguiu. Não era preciso conhecer Warner Agee para concluir que ele era movido por uma necessidade desesperada de valorização e pela crença inabalável de que a vida não era justa.

“O que você pode ter entendido mal?”, Scarpetta perguntou outra vez.

“Não é fácil falar disso.”

“Tente, pelo menos.”

“Não posso falar sobre ela. Não com você”, respondeu Lucy.

“Nem com ninguém, para falar a verdade.”

Lucy olhou para ela.

“Não é fácil para você falar com quem quer que seja sobre as coisas muito importantes”, disse Scarpetta. “Você fala sem parar de coisas que afinal de contas são sem importância, banais, insignificantes. Máquinas, o ciberespaço invisível e intangível, pessoas que habitam o nada, gente que eu chamo de sombras, que perde tempo tuitando, batendo papo, blogueando e dizendo bobagens a respeito de nada para ninguém.”

A última gaveta da cômoda estava emperrada, e Scarpetta precisou enfiar os dedos para dentro dela e tirar do lugar algo que parecia papelão e plástico duro.

“Eu sou real, estou num quarto de hotel real que foi ocupado por um homem que

está todo quebrado no necrotério porque resolveu que a vida já não valia a pena. Fale comigo, Lucy, diga-me exatamente o que está errado. Fale comigo numa linguagem de carne e osso, na linguagem dos sentimentos. Você acha que Jaime deixou de amar você?”

A gaveta liberada abriu-se. Estava entupida de embalagens vazias de celulares descartáveis, cartões para despistar identificadores de chamadas, folhetos de instruções, manuais e cartões telefônicos que pareciam nunca terem sido usados porque as bandas magnéticas do verso não tinham sido raspadas. Havia instruções impressas sobre um serviço on-line que permitia aos usuários que falavam bem mas tinham dificuldade de audição receber em tempo real, palavra por palavra, uma ligação telefônica legendada.

“Vocês duas estão com dificuldade de comunicação?” Ela continuava fazendo perguntas, e Lucy continuava em silêncio.

Scarpetta remexia a mixórdia de carregadores e envelopes plásticos brilhantes para reciclagem de celulares pré-pagos, pelo menos cinco.

“Vocês estão brigando?”

Ela voltou para a cama e começou a revirar a roupa suja, puxando os lençóis.

“Não estão fazendo sexo?”

“Meu Deus”, gemeu Lucy. “Pelo amor de Deus, você é minha tia.”

Scarpetta começou a abrir as gavetas ao lado da cama. “Meto a mão em corpos nus o dia inteiro, e fazer sexo com Benton é uma forma de trocar energias e nos fortalecer reciprocamente, de sentir que pertencemos um ao outro, de nos comunicarmos e de lembrar que existimos.” Artigos de jornal, mais impressos nas gavetas, nada mais, nenhum celular. “Às vezes brigamos. Ontem à noite brigamos.”

Ela se abaixou para olhar debaixo da mobília.

“Eu costumava dar banho em você, cuidar de seus machucados, ouvir suas explosões de raiva e resolver as confusões que você arrumava, ou pelo menos tirar você delas de uma forma ou outra, e às vezes eu chorava em meu quarto, de tanto que você me irritava”, disse Scarpetta. “Conheci sua longa sucessão de parceiras e paqueras e tenho uma ideia bastante clara sobre o que você faz com elas na cama, porque somos todos iguais, temos essencialmente as mesmas partes do corpo, que usamos de forma parecida, e ousa dizer que já vi e ouvi muito mais do que você imagina.”

Ela se pôs de pé, sem ter visto nem sinal de um celular em parte alguma.

“Por que motivo você teria pudores em relação a mim?”, ela perguntou. “E não sou sua mãe. Graças a Deus não sou aquela pobre coitada da minha irmã, que praticamente deu você de presente, e eu gostaria que tivesse dado mesmo. Gostaria que ela tivesse dado você a mim, e eu teria ficado com você o tempo todo, desde o primeiro dia. Sou sua tia. Sou sua amiga. A essa altura da vida, somos colegas. Você

pode conversar comigo. Você ama Jaime?”

Lucy tinha as mãos pousadas no colo, e olhava para elas.

“Você a ama?”

Scarpetta começou a esvaziar cestos, revirando papéis amassados.

“O que você está fazendo?”, Lucy perguntou por fim.

“Ele tinha celulares descartáveis, talvez uns cinco. Provavelmente comprados depois que se mudou, há dois meses. Só códigos de barras, não há adesivos que possam informar onde ele os comprou. Provavelmente os usava junto com os cartões que enganam identificadores de chamada para dissimular e falsificar a identidade nas chamadas que fazia. Você ama Jaime?”

“De quantos minutos era a carga dos celulares?”

“Cada um deles vem com sessenta minutos e/ou noventa dias.”

“Então você pode conseguir um deles num quiosque de aeroporto, numa loja para turistas, numa loja da Target, da Walmart, e pagar em dinheiro. Depois de usar seus sessenta minutos, em vez de recarregar com mais minutos, o que normalmente exige um cartão de crédito, você joga fora o telefone e compra outro. Há cerca de um mês, Jaime passou a não querer mais que eu ficasse para dormir.” O rosto de Lucy estava ficando vermelho. “Primeiro isso acontecia uma ou duas noites por semana, depois três ou quatro. Ela diz que é porque tem muito trabalho. Claro está que se você não está dormindo com uma pessoa...”

“Jaime sempre teve muito trabalho. Gente como nós sempre tem muito trabalho”, disse Scarpetta.

Abriu o armário e descobriu um pequeno cofre de parede. Estava vazio, com a porta aberta.

“É mais grave que isso, não é? Essa é a merda da questão, não é?”, disse Lucy, que parecia infeliz, o olhar zangado e ferido. “Significa que para ela é diferente, não é? Você ainda quer estar com Benton, não importa o quanto possa estar ocupada, mesmo depois de vinte anos, mas Jaime não quer estar comigo, e mal ficamos juntas uma noite por semana. Então a porra da questão não é que esteja ocupada.”

“Concordo. Aí tem mais alguma coisa.”

Scarpetta passou os dedos enluvados pelas roupas que tinham estado em moda nos anos 1980 e 1990: ternos risca de giz com colete, jaquetões de lapelas largas e lenço no bolso, camisas brancas de abotoadura que lembravam as caricaturas de gângsteres dos tempos do FBI de J. Edgar Hoover. Cinco gravatas listradas estavam penduradas nos cabides, e enrolados em torno de outro cabide havia dois cintos dupla-face — um deles pespontado, o outro imitando crocodilo — combinando com os sapatos Florsheim marrons e pretos em estilo inglês que estavam no chão.

“Quando você e eu estávamos tentando localizar meu BlackBerry sumido, ficou claríssimo o que o seu receptor Waas gps é capaz de fazer. É por isso que estamos

neste quarto. Essas noites em que Jaime não está com você, você a acompanha de longe? Conseguiu informação significativa?”

No fundo do armário, empurrada contra a parede, havia uma mala preta dura, arranhada e muito usada, um emaranhado de etiquetas rasgadas com seus cordões ainda enrolados na alça.

“Ela não foi a parte alguma”, disse Lucy. “Esteve trabalhando no escritório até tarde e em casa. A menos que não tenha levado o BlackBerry, mas isso não quer dizer que não tenha ido ninguém ao apartamento dela, ou que ela não esteja tendo alguma coisa com uma pessoa do trabalho.”

“Talvez você consiga hackear o provedor das câmeras de segurança do prédio dela, do prédio da Promotoria, de toda a Hogan Place 1. É isso o que vem agora? Ou simplesmente instalar algumas câmeras no escritório dela, na sala de reuniões, na cobertura, e espioná-la dessa forma. Por favor, não me diga que já fez isso.”

Scarpetta lutava para tirar do armário a mala pesadíssima.

“Deus do céu! Não.”

“Não se trata de Jaime. Isso é com você.” Scarpetta pressionou os fechos da mala, que se abriram com um forte estalo.

*

O estrondo de um disparo de escopeta.

Marino e Lobo tiraram os protetores de ouvido e saíram de trás de toneladas de blocos de concreto e vidro blindado, a cerca de cem metros de distância de Droiden, que usava sua roupa antibomba. Ela foi até o buraco onde estava a caixa FedEx de Scarpetta que tinha sido alvejada e ajoelhou-se para verificar o que tinha acabado de abater. Seu capacete virou-se para Marino e Lobo, ela fez sinal de positivo com o polegar, a pequena mão nua muito pálida, saindo de um acolchoado verde-escuro que duplicava o tamanho da usuária.

“Foi como abrir uma caixa de biscoitos premiada”, disse Marino. “Mal posso esperar para ver qual é o prêmio.”

Esperava ao mesmo tempo que o conteúdo da caixa FedEx de Scarpetta fosse e não fosse digno de tanto alvoroço. Sua carreira era um conflito crônico sobre o qual ele não falava, sequer gostava de admitir para si mesmo o que sentia. Para que uma investigação fosse compensadora, deveria concluir com a existência de um perigo ou de um dano real, mas que ser humano, em sã consciência, ia desejar uma coisa dessas?

“O que temos aí?”, perguntou Lobo.

Outro técnico ajudava Droiden a tirar a roupa antibomba. A expressão dela era de desgosto ao vestir o casaco e puxar o zíper.

“Uma coisa fedorenta. O mesmo cheiro repulsivo. Não é um trote, mas não se parece com nada que eu já tenha visto. Ou melhor, cheirado”, disse ela a Lobo e

Marino, enquanto o outro técnico se ocupava da roupa antibomba, dobrando-a. “Três pilhas tipo botão AG-10 e morteiros, pirotecnia. Uma espécie de cartão de felicitações com uma boneca de vudu amarrada na parte superior. Uma bomba de fedor.”

A caixa FedEx tinha ficado escancarada, presa à barreira de sacos de areia sujos. Virou uma massa de papelão esfacelado e encharcado, vidro quebrado, restos de um vestidinho de boneca branco e o que parecia ser pelo de cachorro. Um módulo de gravação de voz não muito maior que um cartão de crédito tinha se quebrado em vários pedaços, ao lado dos destroços das pilhas botão, e quando Marino chegou mais perto sentiu o cheiro de que Droiden falava.

“O cheiro parece o de uma mistura de asfalto, ovos podres e cocô de cachorro”, disse ele. “Que diabo é isso?”

“É o que estava no frasco.” Droiden abriu uma bolsa Roco e pegou sacos de provas, uma lata de alumínio forrada internamente com epóxi, máscaras e luvas de nitrilo. “Não parece nenhum cheiro que eu já tenha sentido, uma espécie de cheiro de petróleo, mas não é. Como piche, enxofre e excremento.”

“Para que serve isso?”, perguntou Marino.

“A questão é que, no momento em que a caixa fosse aberta, o cartão de Natal com a boneca presa na parte superior seria visto. Abre-se o cartão e ele explode, espatifando o frasco de líquido fétido. A fonte de energia do módulo de voz, ou seja, as pilhas botão, estava conectada a três morteiros de artifício amarrados a um detonador elétrico, dispositivo de pirotecnia profissional.” Ela apontou para o que restara dos três traques ligados a uma fina ponte de fio.

“Os detonadores elétricos são muito sensíveis à corrente”, disse Lobo a Marino. “Não precisam de nada além de umas poucas pilhas de gravador. Neste caso, o que tiveram de fazer foi alterar o interruptor do módulo de voz e o circuito de gravação, de modo que a corrente elétrica proveniente das pilhas desencadeasse a explosão em vez de acionar a gravação.”

“Uma pessoa comum poderia fazer isso?”, perguntou Marino.

“Certamente, desde que não seja estúpida e siga instruções.”

“Encontradas na internet”, Marino pensou em voz alta.

“Claro, você pode praticamente construir uma bomba atômica”, disse Lobo.

“E se a doutora tivesse aberto o pacote?” Marino começou a perguntar.

“Difícil saber”, disse Droiden. “Poderia ter se machucado, isso é certo. Talvez perdesse alguns dedos, ou ficasse com cacos de vidro no rosto e nos olhos. Poderia ter ficado desfigurada. Cega. Com certeza ficaria impregnada desse líquido imundo.”

“Presumo que essa seja a questão”, disse Lobo. “Alguém quis derramar esse líquido, seja lá o que for, em cima dela. E fazê-la passar um mau pedaço. Deixe-me

dar uma olhada no cartão.”

Marino abriu o zíper de sua pasta e entregou a Lobo o saco de provas que Scarpetta lhe dera. Lobo calçou um par de luvas e começou a olhar. Abriu o cartão de Natal, um Papai Noel em maus lençóis na capa brilhante perseguido por sua mulher com um rolo de macarrão. Uma voz de mulher, fininha e desafinada, cantava. “*Um doce Natal, um Dodie Natal...*” Lobo ergueu o papel rígido e retirou o módulo de voz, ouvindo o som desagradável que continuava. “*Enfie uns enfeites onde achar mais legal...*” Desconectou as pilhas do gravador, três pilhas ag 10 não maiores que as que se usam num relógio de pulso. Silêncio, rajadas de vento vindo da água através da cerca. Marino já nem sentia as orelhas e tinha a boca como a do Homem de Lata, precisando de óleo. Tinha dificuldade para falar e sentia muito frio.

“Um simples módulo de voz, perfeito para montar um cartão de felicitações.” Lobo aproximou o gravador de Marino para lhe mostrar. “Do tipo usado por artesãos e por adeptos do faça-você-mesmo. Um circuito completo com alto-falante, interruptor de correção comprado pronto para reprodução automática, que é o xis da questão toda. O interruptor fecha o circuito e detona a bomba. Pronto para levar. Muito mais fácil do que montar um por si mesmo.”

Droiden extraía partes da bomba do meio da maçaroca molhada e suja. Levantou-se e aproximou-se de Marino e Lobo, tendo na palma da mão enluvada fragmentos de plástico e metal prateados, pretos e verde-escuros, além de fios pretos e de cobre. Pegou o módulo de gravação intacto que estava com Lobo e começou a compará-los.

“O exame microscópico vai confirmar”, disse ela, mas estava claro o que ela queria dizer.

“Mesmo tipo de gravador”, disse Marino, pondo as mãos enormes em volta das dela para impedir que o vento levasse os fragmentos, desejando que o tempo parasse para ficar junto dela. Mesmo tendo passado a noite em claro e estando a ponto de virar picolé, de repente ele se sentiu aquecido e desperto. “Jesus, isso fede. E o que é isso, pelo de cachorro?” Com o dedo protegido por uma dedeira de borracha sintética, alisava uns pelos grossos e longos. “Por que diabos tem pelo de cachorro aqui?”

“É como se a boneca tivesse sido recheada de pelos. Pode ser pelo de cachorro”, disse ela. “Vejo semelhanças significativas na construção. O circuito, o interruptor de correção, o botão de gravação e o alto-falante.”

Lobo examinava o cartão do Papai Noel. Virou-o para ver o que tinha no verso.

“Made in China. Papel reciclável. Uma bomba de Natal ambientalmente correta. Que legal!”

Scarpetta arrastou a mala aberta pelo chão. As vinte e nove pastas sanfona que estavam dentro dela, presas com elástico e identificadas por etiquetas brancas nas quais se viam datas escritas à mão, cobriam um espectro de vinte e seis anos. A maior parte da carreira de Warner Agee.

“Se eu conversasse com Jaime, o que acha que ela me diria sobre você?”, ela continuou a sondar.

“Muito simples. Sou maluca.” Lucy deixou escapar um lampejo de cólera.

Às vezes, sua cólera era tão repentina e intensa que Scarpetta a via como um relâmpago.

“Estou brava o tempo todo. Quero machucar alguém”, disse Lucy.

Agee devia ter levado muitas de suas coisas pessoais para o Hotel Elysée, com certeza aquelas que eram mais importantes para ele. Scarpetta pegou alguns dos arquivos mais recentes e sentou-se no carpete, aos pés da sobrinha.

“Por que você quer machucar alguém?”, perguntou Scarpetta.

“Para recuperar a merda que me tiraram. Para me salvar de alguma forma e ter uma segunda chance, assim nunca mais permitirei que alguém faça aquilo comigo outra vez. Entende como é horrível?” Os olhos de Lucy se incendiavam. “É horrível decidir que há pessoas que podem ser destruídas sem problemas, que podem ser mortas. E imaginar essa situação, trabalhar isso em sua cabeça, e não sentir nem mesmo um arrepio, nem uma pontada. Não sentir nada. Como provavelmente aconteceu com ele.” Apontou com o braço, como se Warner Agee estivesse no quarto. “É quando o pior acontece. Quando você já não sente nada. É quando você faz isso... faz uma coisa que não tem volta. É horrível saber que você no fundo não é muito diferente dos imbecis que você persegue, dos quais tenta proteger as pessoas.”

Scarpetta retirou o elástico da pasta que parecia ser a mais recente, que começava em 1º de janeiro daquele ano e não tinha data de término.

“Você é diferente deles”, disse ela.

“Não posso voltar atrás”, disse Lucy.

“Não pode voltar atrás de quê?”

Os seis compartimentos da pasta estavam lotados de papéis e recibos, havia um talão de cheques e uma carteira de couro marrom lisinha e deformada, durante anos levada num bolso traseiro.

“Não posso voltar atrás do que fiz.” Lucy respirou fundo, recusando-se a chorar. “Sou má.”

“Não é, não”, rebateu Scarpetta.

A carteira de motorista de Agee estava vencida havia três anos. O Master Card estava vencido. Seus cartões Visa e American Express estavam vencidos.

“Sou sim”, disse Lucy. “Você sabe o que eu fiz.”

“Você não é má, e digo isso sabendo o que fez. Talvez não saiba tudo, mas sei o bastante”, disse Scarpetta. “Você era do FBI, do Afae, e, como Benton, estava envolvida em muitas coisas que não podia evitar e das quais, com certeza, não podia falar, e talvez ainda não possa. É claro que tenho consciência disso, como tenho consciência de que você fez o que fez por dever, ou por uma razão muito forte. Como um soldado na frente de batalha. É isso que os policiais são, soldados que vão além dos limites do que é normal para garantir de alguma forma que os outros tenham vida normal.”

Ela contou 1440 dólares em dinheiro, todos em notas de vinte, como se tivessem sido sacados de um caixa eletrônico.

“É mesmo? E o que me diz de Rocco Caggiano?”, perguntou Lucy.

“E o que me diz do pai dele, Pete Marino, se não fosse você?” Scarpetta não sabia dos detalhes do que tinha acontecido na Polônia, nem queria saber, mas entendia o motivo. “Marino estaria morto. Rocco estava metido com o crime organizado e teria matado o pai. Isso já estava em andamento, e você deteve o processo.”

Começou a revistar notas de compras de comida, artigos de higiene pessoal e transporte, muitas delas de hotéis, lojas, restaurantes e táxis em Detroit, Michigan. Tudo pago em dinheiro.

“Gostaria de não ter feito isso, que outra pessoa tivesse feito. Matei o filho dele. Fiz uma porção de coisas que não posso desfazer”, disse Lucy.

“E alguém pode desfazer o que está feito? Palavras impensadas, uma frase. As pessoas dizem isso o tempo todo, mas na verdade não podemos trazer nada de volta”, disse Scarpetta. “Tudo o que podemos fazer é superar as confusões que provocamos, assumir a responsabilidade, pedir desculpas e ir em frente.”

Ela fazia pilhas no chão e revirava as pastas sanfona, determinada a descobrir que coisas Agee tinha achado importantes em sua vida a ponto de guardá-las. Achou um envelope de cheques cancelados. Em janeiro, ele tinha gasto mais de seis mil dólares em dois aparelhos auditivos Siemens Motion 700 e acessórios. Doou os antigos à organização beneficente Goodwill e guardou o recibo. Pouco depois, assinou um serviço telefônico on-line de ligações legendadas. Nenhum contracheque ou extrato bancário que indicasse de onde vinha o dinheiro. Ela tirou um envelope de papel manilha com uma etiqueta que dizia ipa. Estava cheio de newsletters, programas de conferências, artigos de revistas, tudo em francês, e mais recibos e bilhetes de avião. Em julho de 2006 Agee viajara a Paris para uma conferência do Instituto de Psicologia Anômala.

Scarpetta não falava francês muito bem, mas lia com bastante facilidade. Escaneou a carta de um membro da comissão do Projeto Consciência Global que agradecia a Agee por sua participação num debate sobre o uso de instrumental científico para a busca de uma estrutura de dados aleatórios por ocasião de grandes acontecimentos, como o Onze de Setembro. Esse homem teria o maior prazer em ver Agee mais uma vez e supunha que sua pesquisa sobre psicocinese ainda estaria encontrando dificuldades para replicar suas descobertas. *O problema, está claro, reside na matéria-prima, os seres humanos, e nas restrições legais e éticas*, ela traduziu.

“Por que você está pensando em matar e morrer?”, perguntou a Lucy. “Quem você quer matar? Gostaria de morrer?”, perguntou, e mais uma vez teve o silêncio como resposta. “É melhor que me diga, Lucy. Pretendo ficar neste quarto com você todo o tempo que for preciso.”

“Hannah”, respondeu Lucy.

“Você quer matar Hannah Starr?” Scarpetta ergueu os olhos para ela. “Ou você a matou, ou gostaria que estivesse morta?”

“Não a matei. Não sei se está morta, nem ligo. Só queria que fosse castigada. Eu mesma gostaria de fazer isso.”

Agee respondera em francês ao membro do comitê: *Embora seja certo que os seres humanos são parciais e por isso tendem a não ser confiáveis, esse obstáculo pode ser transposto se os sujeitos do estudo forem monitorados de um modo que iniba a consciência.*

“Castigada por quê? O que ela fez para que você queira dar um jeito nela pessoalmente?”, perguntou Scarpetta.

Abriu outra pasta. Mais parapsicologia. Artigos de jornal. Agee era fluente em francês e respeitado no campo da psicologia paranormal, do estudo do “sétimo sentido”, a ciência do sobrenatural. O Instituto de Psicologia Anômala de Paris custeara suas despesas de viagem e talvez lhe tenha pago diárias e outras benesses, inclusive subvenção. A Fundação Lecoq, que financiava o ipa, estava profundamente interessada no trabalho dele. Havia repetidas menções ao interesse de Monsieur Lecoq em encontrar-se com Agee para discutir “paixões e interesses comuns”.

“Ela lhe fez alguma coisa”, continuou Scarpetta, e não estava perguntando. Lucy devia conhecer Hannah. “O que aconteceu? Você teve um caso com ela? Fez sexo com ela? O que houve?”

“Não fiz sexo com ela. Mas...”

“Mas o quê? Ou fez ou não fez. Onde você a conheceu?”

Um sumário. *Dans cet article, publié en 2007, Warner Agee, l'un des pionniers de la recherche en parapsychologie, en particulier l'expérience de mort imminente et de sortie hors du corps...*

“Ela me queria para fazer uma experiência, para começar uma coisa, um ensaio”, disse Lucy.

“Uma coisa física...”

“Ela dava por certo que todo mundo queria fazer uma experiência com ela, flertar com ela”, disse Lucy. “Eu não queria. Ela me paquerou. Ela se exibiu. Estávamos sozinhas. Pensei que Bobby ia estar lá, mas não estava. Só estava ela, e ela estava me provocando. Mas eu não caí. Vadia filha da puta.”

Experiências de quase morte e fora do corpo. Pessoas que morrem e voltam à vida com dons e faculdades paranormais: curar, dominar a matéria com a mente. A crença de que os pensamentos podem controlar o corpo e influenciar sistemas e objetos físicos, Scarpetta continuou lendo... *como dispositivos eletrônicos, barulhos, dados, da mesma forma que as fases da Lua influenciam os índices de perdas dos cassinos.*

“Então, o que foi que Hannah fez de tão terrível?”, perguntou a Lucy.

“Já lhe falei sobre meu assessor financeiro.”

“Sim, o que você chamava de Homem do Dinheiro.”

Declaração do imposto de renda de 2007. Rendimentos de um fundo de pensão, mas nenhum outro tributo, embora estivesse claro pela correspondência e por outros papéis que ele estava recebendo dinheiro de alguém ou de algum lugar. Possivelmente da Fundação Lecoq, em Paris.

“O pai dela. Rupe Starr. Era ele o Homem do Dinheiro”, disse Lucy. “Desde o começo, quando eu não tinha nem vinte anos e comecei a ganhar bem, ele me assessorou. Se não tivesse sido por ele? Bem, provavelmente eu teria dissipado tudo, era tão feliz inventando, sonhando, apresentando ideias que era capaz de executar. Criar uma coisa do nada e fazer com que as pessoas a desejassem.”

Pasta de 2008. Não há viagens à França. Agee ia a Detroit, voltava. Onde conseguia dinheiro?

“A certa altura, eu estava trabalhando com um troço digital maneiro e achei que podia ser promissor na área da animação”, Lucy disse, “e a pessoa que conheci nessas circunstâncias trabalhava para a Apple e me falou em Rupe. Você deve saber que ele era um dos mais respeitados e bem-sucedidos assessores financeiros de Wall Street.”

“Eu me pergunto por que você achava que não podia conversar comigo sobre ele ou sobre seu dinheiro”, disse Scarpetta.

“Você nunca perguntou.”

O que havia em Detroit além de uma indústria automobilística falimentar? Scarpetta pegou o MacBook de Lucy.

“Devo ter perguntado.” Mas não se lembrou de nenhuma ocasião em que isso tivesse ocorrido.

“Não perguntou”, disse Lucy.

Procurou Fundação Lecoq no Google e não achou nada. Procurou Monsieur Lecoq e encontrou apenas a esperada avalanche de referências ao romance policial francês do século XIX de Émile Gaboriau. Não encontrou alusão alguma a uma pessoa real chamada Monsieur Lecoq, um suposto filantropo rico que investia em psicologia paranormal.

“E você com certeza não titubeia em me interrogar sobre qualquer outra coisa que lhe venha à cabeça”, prosseguiu Lucy. “Mas nunca me perguntou alguma coisa específica sobre minhas finanças, e se eu mencionei o Homem do Dinheiro, você nem mesmo perguntou sobre ele.”

“Talvez eu tivesse medo.” Scarpetta refletiu sobre essa triste probabilidade. “Então fugi do assunto com o pretexto de não me intrometer.”

Procurou no Google os hotéis Motor City Casino e Grand Palais em Detroit. Havia recibos de ambos ao longo dos últimos anos, mas nenhuma prova de que Agee tivesse se hospedado em qualquer dos dois. Para fazer o quê? Jogar? Seria um jogador e ocupava quartos de cortesia? Como ele podia bancar o jogo? Um papel de um bloco de memorandos personalizado: *Da mesa de Freddie Maestro*, mais algo que parecia uma senha, o nome *City Bank de Detroit* e um endereço escrito com um marcador. Por que o nome de Freddie Maestro lhe parecia conhecido? A senha seria de um caixa eletrônico?

“Certo”, disse Lucy. “Você pode falar de cadáveres e sexo, mas não sobre os rendimentos de uma pessoa. Você escarafuncha os bolsos, as gavetas, arquivos pessoais e recibos de um morto, mas não me pergunta coisas básicas sobre como ganho a vida e com quem tenho negócios. Você nunca me perguntou”, repetiu Lucy. “Achei que você não queria saber porque achava que eu estava fazendo alguma coisa ilegal. Roubando ou trapaceando o governo, então deixei pra lá porque iria ser um inferno ficar me explicando para você ou para qualquer pessoa.”

“Eu não sabia porque não queria saber.” Era a insegurança da própria Scarpetta, porque tinha sido criada na pobreza. “Porque eu queria igualdade de oportunidades.” Seu próprio mal-estar porque, sendo criança, não podia fazer nada pela família sem dinheiro e pelo pai moribundo. “E não posso competir com você quando se trata de ganhar dinheiro. Sou bem boa para conservar aquilo que ganho, mas nunca tive o toque de Midas, nem fiz um negócio da China apenas pelo negócio. Não sou muito boa nisso.”

“Por que você ia querer competir comigo?”

“Essa é a questão. Eu não queria. Não queria porque não posso. Talvez tivesse medo de perder seu respeito. E por que você respeitaria minha sagacidade para os negócios? Se eu tivesse me tornado uma brilhante mulher de negócios, não teria estudado direito, nem medicina, nem passado doze anos em cursos de pós-graduação

para ganhar menos do que ganham muitos corretores de imóveis ou vendedores de carros.”

“Se eu fosse uma brilhante mulher de negócios, não estaríamos tendo esta conversa”, disse Lucy.

Michigan no Google. A nova Las Vegas, um monte de filmes sendo rodados no local, um estado fazendo o que podia para bombear dinheiro para a economia que sangrava. Quarenta por cento de incentivo fiscal. Cassinos. Michigan tinha uma escola profissionalizante para a formação de crupiês, e entre as entidades que oferecem ajuda de custo para os aprendizes estão a associação de veteranos de guerra, o sindicato dos metalúrgicos e o dos trabalhadores da indústria automotiva. Voltou do Iraque? Perdeu seu emprego na General Motors? Vire um crupiê.

“Eu me fodi. Rupe morreu em maio, e Hannah herdou tudo e tomou conta de tudo. Ela tem mba por Wharton, não digo que não seja competente”, disse Lucy.

“Ela assumiu sua carteira?”

“Tentou.”

De alguma forma as pessoas tinham de sobreviver, e as coisas andavam bem para vícios e entretenimento. Cinema, indústria de alimentos e bebidas. Sobretudo bebida alcoólica. Quando as pessoas se sentem mal, procuram tenazmente sentir-se melhor. E o que tem isso a ver com Warner Agee? Em que estaria metido? Scarpetta pensou no chaveiro de dados de Toni Darien e que o boliche High Roller Lanes fosse como Las Vegas, nas palavras de Bonnell. A mãe de Toni disse que ela esperava um dia chegar a Paris ou Monte Carlo, e o pai, Lawrence Darien, formado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, era um jogador que devia ter ligações com o crime organizado, segundo Marino. Freddie Maestro, Scarpetta lembrou. O nome do homem que era dono do High Roller Lanes. Ele tinha fliperamas e outros negócios em Detroit, em Louisiana, na Flórida e não se sabe onde mais. Essencialmente, tinha sido o patrão de Toni Darien. Talvez conhecesse o pai dela.

“Nos encontramos umas poucas vezes, depois tivemos uma discussão na casa dela da Flórida e eu lhe disse que não”, contou Lucy. “Mas baixei a guarda e embarquei numa dica que ela me deu. Escapei de uma bala e levei uma facada nas costas. Não segui minha intuição e ela fodeu comigo. Me fodeu direitinho.”

“Você está falida?”, perguntou Scarpetta.

Dr. Warner Agee no Google, com uma combinação de palavras. *Jogo, cassinos, indústria do jogo e Michigan.*

“Não”, disse Lucy. “O problema não é o que eu tenho. Nem mesmo o que perdi. Ela quis me magoar. Isso lhe deu prazer.”

“Se Jaime está fazendo uma investigação tão completa, como pode não saber?”

“Quem está fazendo a investigação completa, tia Kay? Não é ela. Não a parte eletrônica. Tudo isso é comigo.”

“Então ela não faz ideia de que você conhecia Hannah, que você não é isenta no que se refere a Hannah. Porque é exatamente esse o caso.” Scarpetta falava e vasculhava novas pastas sanfona.

“Ela teria me excluído do processo, e isso seria totalmente contraproducente e ridículo”, respondeu Lucy. “Se há alguém que deve estar colaborando, sou eu. E eu não era cliente de Hannah, era cliente de Rupe. Sabe o que havia nas anotações de Rupe? Digamos desta forma: nada relacionado ao que Hannah me fez virá à luz. Eu me garanti.”

“Isso não está certo.”

“O que não está certo é o que ela fez.”

Um artigo publicado por Agee numa revista britânica, *Quantum Mechanics*, dois anos antes. Epistemologia e mensuração quânticas. Planck, Bohr, De Broglie, Einstein. O papel da consciência humana no colapso da função de onda. Interferência do fóton único e violação da causalidade na termodinâmica. A inacessibilidade da consciência.

“Que diabos você está olhando?”, perguntou Lucy.

“Não tenho certeza.”

Scarpetta virava as páginas, uma atrás da outra, lendo, parando em certos pontos.

Disse: “Estudantes recrutados para pesquisas. A relação entre a capacidade criativa e artística e a psicologia. Uma pesquisa feita na escola de música Juilliard aqui em Nova York. Pesquisa nas universidades Duke, Cornell, Princeton. O experimento *Ganzfeld*”.

“Fenômenos psíquicos? Percepção extrassensorial?” O rosto de Lucy estava inexpressivo.

“Privação sensorial. Para que íamos querer atingir um estado de privação de sentidos?”, perguntou Scarpetta, olhando para a sobrinha.

“É inversamente proporcional à percepção, à aquisição de informação”, respondeu Lucy. “Quanto menos informação sensorial, mais intuição e criação. É por isso que as pessoas meditam.”

“Então, por que alguém ia querer o oposto? Superestimulação, em outras palavras?”, perguntou Scarpetta.

“Ninguém ia querer.”

“Uma pessoa do ramo de cassinos pode querer”, disse Scarpetta. “Dessa forma, busca os meios mais eficientes para superestimular, para evitar um estado de privação de sentidos. Ia querer que as pessoas fossem movidas por impulso, perdessem o rumo, e para isso bombardeia o ambiente visual e auditivo, o campo total, o *Ganzfeld*, e os clientes se convertem em presas aturdidas, sem a menor ideia do que é seguro e do que não é. Ficam cegos e surdos com as luzes e o barulho, assim outros podem tomar o que eles têm. Podem roubar.”

Scarpetta não conseguia parar de pensar em Toni Darien e em seu emprego num lugar iluminado, com luzes faiscantes e imagens que se sucediam nos telões, onde as pessoas eram estimuladas a gastar dinheiro em comida, bebida e jogo. Errou a jogada, jogue um pouco mais. Errou a jogada, beba um pouco mais. A foto de Hap Judd pendurada no High Roller Lanes. Ele devia ter conhecido Toni. Devia ter conhecido uma antiga paciente de Benton, Dodie Hodge. Marino tinha dito a Berger algo nesse sentido na conferência da noite anterior. Warner Agee deve ter conhecido o patrão de Toni Darien, Freddie Maestro. Todas essas pessoas se conheciam entre si ou estavam ligadas de alguma forma. Eram quase nove horas, e Scarpetta estava rodeada de recibos, passagens, programas, publicações — o que restava da vida egoísta e desorientada de Agee. *O filho da puta desalmado*. Ela se levantou.

“Precisamos ir”, disse a Lucy. “Para o prédio do DNA. Já.”

*

Imagens de um homem e uma mulher captadas por uma câmera de vigilância ocupavam inúmeras telas planas no interior da sala de conferências do diretor. Desde junho, pelo menos dezenove bancos tinham sido assaltados pelo mesmo casal de bandidos ousados que o FBI apelidara de Vovó e Clyde.

“Está vendo isto?”, Jaime Berger virou o MacBook para que Benton visse o que ela estava vendo, outro e-mail que acabava de ser enviado.

Ele aquiesceu. Ele sabia. Estava abrindo as mensagens assim que chegavam a seu BlackBerry, as mesmas mensagens que Lucy e Marino estavam mandando para Berger, todos os quatro em comunicação praticamente em tempo real. O pacote-bomba tinha sido operacionalizado e o módulo de voz encontrado em seu interior era do mesmo tipo utilizado no cartão musical de Dodie Hodge, só que Benton já não acreditava que o cartão fosse de Dodie. Ela gravara sua voz e pode ter escrito o endereço no conhecimento de entrega, mas Benton duvidava que a cantiga de Natal hostil tivesse sido ideia sua. Não tinha sido ela o cérebro que planejara tudo o que aconteceu daí em diante, inclusive sua ligação para a CNN, que pretendia deixar Benton preocupado, dar a ele um aviso antes que caísse a bomba seguinte. Literalmente.

Dodie era boa de teatro, mas esse teatro não era dela, não era o espetáculo dela, nem mesmo seu *modus operandi*. Benton sabia de quem era, tinha certeza disso, e devia ter imaginado isso antes, mas não quis ver. Deixou de ver porque quis acreditar que não precisava ver. Era inacreditável que ele tivesse simplesmente esquecido, mas foi o que aconteceu. Ele tinha se esquecido de manter seu escâner funcionando, e agora o monstro estava de volta, tinha assumido uma forma diferente, um outro aspecto, mas a sua marca era tão identificável quanto um mau cheiro. Sadismo. Sempre tinha de haver sadismo, e uma vez que começara, não ia parar. Brincar com o rato e torturá-lo até o limite antes de feri-lo de morte. Dodie não era

tão criativa, nem tão experiente, nem tão destrambelhada ou brilhante a ponto de inventar um enredo tão vasto e intrincado. Mas era histriônica e limítrofe, ansiava por aquele teste de interpretação e se preparava para ele.

Em algum momento, Dodie Hodge tinha se envolvido com o crime organizado. O mesmo fizera Warner Agee, que parecia ser o responsável por projetos de pesquisa antiéticos ligados ao ramo do jogo internacional, a cassinos dos Estados Unidos e do exterior, principalmente da França. Benton acreditava que Agee e Dodie fossem soldados rasos da família Chandonne, tinham se envolvido com o pior deles, o filho sobrevivente, Jean-Baptiste, perverso e violento, que deixara seu DNA no banco de trás de uma Mercedes preta ano 1991 usada num assalto a banco cometido em Miami um mês antes. Não se sabe o que ele fazia no carro. Talvez tenha estado presente pela emoção, ou talvez simplesmente tenha sido transportado na Mercedes roubada por alguma razão antes que ela fosse usada como veículo de fuga. Jean-Baptiste com certeza saberia que seu DNA estava na base de dados codis do FBI. Era assassino condenado e fugitivo. Começava a ficar descuidado, dominado por suas compulsões. Se seu passado servisse de indício, ele devia estar abusando de álcool e drogas.

Três dias depois do golpe em Miami, houve um outro, o décimo nono de que se tinha notícia, dessa vez em Detroit. Por acaso foi no mesmo dia em que Dodie tinha sido presa por furto numa loja e por desordem, a cena que fez depois de esconder quatro DVDs de Hap Judd dentro da calça. Era descontrolada. No caso de uma pessoa como ela, perder o controle, fazer uma cena, era só uma questão de tempo, e acabou acontecendo no Betty's Bookstore Café. Foi um acidente inconveniente, na hora errada, e alguém teve de resolver o que fazer com ela antes que criasse mais exposição para pessoas que não podiam se expor. Alguém contratou para ela um advogado de Detroit, Sebastian Lafourche, natural de Baton Rouge, Louisiana, cidade com a qual, no passado, os Chandonne tinham tido fortes laços.

Lafourche sugeriu que Dodie fosse avaliada por Warner Agee. O móvel dessa sugestão não foi a recém-conquistada condição de celebridade de Agee e sim seu envolvimento com o crime organizado, com a rede dos Chandonne, ainda que de modo periférico. Era como pôr um gângster aos cuidados de um carcereiro a soldo da máfia. Mas o plano não funcionou. O promotor distrital e o McLean não aceitaram. A rede teve de repensar, reorganizar-se e tirar proveito de uma oportunidade para causar prejuízo e desordem. Dodie vai a Belmont, o que indica o ato seguinte: o inimigo se transferiu para o campo do alvo, o campo de Benton, talvez, indiretamente, o campo de Scarpetta. Dodie internou-se no hospital e ficou no pé de Benton, a brincadeira-tortura continuou, enquanto espocavam risos no interior da casa medieval de Chandonne.

Benton olhou para Marty Lanier do lado oposto da mesa. “Este novo sistema de

informática de vocês consegue vincular dados, como o do cctr?”, perguntou. “Ele nos dá algo como uma árvore de decisões para que vejamos as probabilidades? Podemos visualizar aquilo de que estamos falando? Porque estou achando que isso poderia nos ajudar a esclarecer. As raízes são profundas e suas ramificações, densas e de longo alcance, e é importante distinguir o melhor possível o que é importante do que não é. Por exemplo? O assalto a banco de 1º de agosto no Bronx. Naquela manhã de sexta-feira, às dez e meia, quando o American Union foi atacado.” Ele olhava suas anotações. “Menos de uma hora depois, Dodie Hodge recebeu uma intimação num ônibus na esquina do Southern Boulevard e da rua 149 Leste. Em outras palavras, ela estava na área, a umas poucas quadras do banco que foi assaltado. Estava agitada, chamando a atenção, se meteu numa discussão.”

“Não sei nada sobre essa intimação”, disse o detetive Jim O’Dell, do Departamento de Polícia de Nova York, quarenta e poucos anos, cabelo ruivo rareando e uma barriguinha.

Estava sentado junto de seu parceiro da Força Tarefa Conjunta de Assaltos a Bancos: Andy Stockman, agente especial do FBI, trinta e tantos anos, cabelos pretos, bastos, e nenhuma barriga.

“Apareceu durante a garimpagem de dados, quando procurávamos alguma coisa que tivesse a ver com o FedEx”, disse Benton a O’Dell. “Quando Dodie foi abordada pelo policial por estar causando transtorno no ônibus, ela lhe disse que ele podia ir para o inferno por FedEx, entrega expressa. Um link feito pelo cctr.”

“Expressão bem estranha. Nunca a tinha ouvido antes”, disse Stockton.

“Ela gosta de coisas ligadas ao FedEx. Está sempre com pressa e quer o resultado de suas encenações imediatamente. Eu não sei”, disse Benton impaciente, porque os clichês e as hipérboles de Dodie não tinham importância e pensar nela o irritava profundamente. “O que interessa é o padrão que vocês verão repetidamente à medida que se aprofunde a discussão. Impulsividade. Um líder, um chefe da máfia, compulsivo e impulsivo, movido por forças interiores que não consegue controlar, e as pessoas que o cercam não são muito melhores. Os opostos nem sempre se atraem. Às vezes, as semelhanças se atraem.”

“Farinha do mesmo saco”, disse Lanier.

“Jean-Baptiste e suas farinhas”, disse Benton. “É isso.”

“Precisamos de monitores múltiplos como o deles”, disse O’Dell a Berger, como se ela pudesse fazer algo a respeito.

“Que tenham sorte.” Stockton procurou seu café. “Aqui estamos pagando de nosso bolso até a água mineral.”

“Ver os links, todas essas conexões, poderia ser útil”, disse Berger.

“Você não sabe do que se trata até que põe mãos à obra”, disse Benton. “Principalmente numa coisa complicada como esta. Porque esses crimes não

começaram em junho passado. Remontama antes do Onze de Setembro, mais de uma década, pelo menos meu envolvimento com isso é dessa época. Não especificamente os assaltos a bancos, mas a família Chandonne, a vasta rede criminosa que lhes servia.”

“O que você quer dizer com ‘servia’?”, perguntou O’Dell. “Se o que ouvi aqui é verdade, parece que eles estão vivinhos e bem ativos.”

“Mas já não são o que eram. É difícil de entender. Basta dizer que agora é diferente”, disse Benton. “É a semente ruim assumindo os negócios da família e arrastando-a para o chão ou para o abismo.”

“Como os últimos oito anos na Casa Branca”, gracejou O’Dell.

“A família Chandonne já não é a família do crime organizado que foi um dia, não chega nem perto.” Benton estava sem senso de humor naquela manhã. “No fim, está desorganizada, à beira do caos absoluto, com Jean-Baptiste no comando. A história dele tem um único desfecho, não importa quantas vezes ele a conte ou quantos personagens diferentes ele interprete. Ele consegue ficar focado durante algum tempo, e talvez o tenha feito, embora seus pensamentos invasores e obsessivos tenham continuado, porque não desaparecem. Não no caso dele, e o resultado disso é previsível. Seus pensamentos invasores vencem. Ele delira um pouco. Delira muito. Delira além de todos os limites. Sua destrutividade não tem fim. Só que sempre acaba em morte. Alguém morre. Depois morrem muitos mais.”

“Certo, podemos fazer um modelo previsível, ponham um gráfico na parede”, disse Lanier a O’Dell e Stockman.

“Um minutinho.” Stockman começou a usar o teclado de seu laptop. “Só os assaltos a bancos ou tudo?” Olhou para Lanier.

“Não estamos falando só de assaltos a bancos”, disse ela com certa impaciência. “Acredito que tenha sido isso o que Benton destacou e o motivo desta reunião. Os assaltos a banco são incidentais. A ponta do iceberg. Ou, mais adequado para esta época do ano, o anjinho do topo da árvore de Natal. Quero a árvore inteira.”

Essa referência lembrou a Benton a musiquinha estúpida de Dodie, sua vizinha ofegante e desafinada desejando a Scarpetta e a ele um doce Natal, um Dodie Natal, um cumprimento cheio de insinuações sexuais violentas e uma pista do que estava por vir. Scarpetta seria linchada, e Benton que fosse tomar no cu, ou algo assim, e ele imaginava o deleite de Jean-Baptiste Chandonne. Provavelmente o cartão tinha sido ideia dele, a primeira provocação, seguida em pouco da próxima: um FedEx com uma bomba. Não apenas uma bomba comum. Os e-mails de Marino falavam de *“uma bomba de mau cheiro que poderia ter arrancado os dedos da doutora, ou tê-la cegado”*.

“Puxa, é ridículo que os federais não possam ter uma coisa dessas”, reclamava O’Dell. “Uma plataforma de monitores múltiplos como a do cctr. Precisamos de algo

dez vezes maior que uma sala de conferências, porque isto não é uma árvore de decisões, é uma puta floresta.”

“Vou colocá-la numa tela só”, disse-lhe Stockman. “Sessenta polegadas, do tamanho de um dos cubos de projeção Mitsubishi do cctr.”

“Acho que não.”

“Perto disso.”

“Não. Íamos precisar de uma sala de projeção imax.”

“Pare de reclamar e vamos pôr isso na parede para poder ver.”

“Só estou dizendo que, com esta complexidade, precisamos de uma parede de dois andares pelo menos. Tudo isto numa tela plana? Você vai ter de reduzir isso ao tamanho de letras de jornal.”

Fazia muito tempo que O'Dell e Stockman trabalhavam juntos, costumavam implicar um com o outro e resmungar como um casal de muitos anos. Nos últimos seis meses, vinham trabalhando nos assaltos a bancos do tipo Vovó e Clyde, em conjunto com outras forças-tarefas dos escritórios executivos do FBI, principalmente em Miami, Nova York e Detroit. O Bureau conseguira um jeito de manter a onda de assaltos a bancos e suas teorias a respeito dela fora da mídia, e tinha boas razões para isso. Suspeitavam que os bandidos fossem peões de um jogo muito maior e mais perigoso. Eram peixes-piloto, pequenos peixes carnívoros que acompanham tubarões.

O Bureau queria os tubarões, e Benton tinha certeza de que sabia a que família pertenciam eles. Eram tubarões franceses. Tubarões Chandonne. Mas a questão era saber por quais nomes eles se faziam chamar agora e como encontrá-los. Onde estaria Jean-Baptiste Chandonne? Ele devia ser o grande tubarão-branco, o chefe, o chefe pervertido do que restara da destacada família mafiosa. O pai, Monsieur Chandonne, gozava sua aposentadoria no presídio de segurança máxima de La Santé, nos arredores de Paris. O irmão de Jean-Baptiste, o herdeiro óbvio, estava morto. Jean-Baptiste não tinha sido talhado para um papel de liderança, mas era motivado e alimentado por fantasias violentas e ideias sexuais obsessivas, ansiava por vingança. Era capaz de se controlar por algum tempo, mantendo adormecidas suas reais tendências por um breve período até que o frágil envoltório se rompia, expondo neurônios e nervos, uma mixórdia de impulsos palpitantes capazes de uma luxúria assassina, anseios de crime e cólera e jogos cruéis mais explosivos do que qualquer coisa que os técnicos já tivessem desativado em suas dependências. Jean-Baptiste precisava ser desativado. Isso tinha de acontecer de imediato.

Benton acreditava que Jean-Baptiste fosse o remetente do pacote-bomba. Ele estava por trás daquilo. Provavelmente tinha sido obra dele. Deve ter observado a entrega na noite passada. Mutilar Scarpetta, física e mentalmente. Benton imaginou Jean-Baptiste diante do edifício deles, em algum ponto na escuridão, olhando,

esperando que Scarpetta voltasse da CNN. Benton imaginou-a andando relutante ao lado de Carley Crispin, passando por um sem-teto embrulhado em camadas e camadas de panos e um acolchoado, num banco próximo ao Columbus Circle. A referência ao sem-teto tinha preocupado Benton desde a primeira vez que Scarpetta falou nisso, quando conversavam com Lobo dentro do carro de Marino. Uma sensação que lhe vinha das entranhas, algo inquietante. Quanto mais pensava nisso, mais perturbado ficava. Quem quer que estivesse por trás da bomba visava atingir Scarpetta, ou Benton, ou ambos, e dificilmente teria resistido a observá-la na noite passada.

Mutilar Scarpetta ou Benton. Podia ser qualquer um dos dois, ou talvez ambos saíssem feridos, mutilados, talvez não mortos, talvez pior que mortos. Jean-Baptiste deve ter ficado sabendo que Benton estava em Nova York, estava em casa naquela noite, esperando que sua mulher voltasse do programa ao vivo na CNN. Jean-Baptiste sabia tudo o que quisesse saber, e sabia o que havia entre Scarpetta e Benton. Jean-Baptiste sabia o que eles tinham, porque sabia o que ele próprio não tinha, nunca tinha tido. Ninguém compreendia a separação melhor do que Jean-Baptiste, e compreender seu isolamento infernal o fez compreender sua antítese. Escuridão e luz. Amor e ódio. Criação e destruição. Todos os opostos estão intimamente relacionados. Benton tinha de encontrá-lo. Benton tinha de detê-lo.

O método mais seguro seria atacar vulnerabilidades. O credo de Benton: você não é melhor que as pessoas que o cercam. Ficou dizendo a si mesmo, garantindo a si mesmo que Jean-Baptiste tinha cometido um erro. Tinha recrutado mal, tinha contratado pequenos carnívoros que não eram grandes cérebros, nem bem programados, com certeza inexperientes, e ia pagar por suas decisões precipitadas, seus desejos doentios e escolhas subjetivas. Seria vítima de sua mente enfermiça. Vovó e Clyde iam derrubá-lo. Jean-Baptiste nunca deveria ter se rebaixado a práticas que para os padrões Chandonne eram crimes indignos. Deveria ter evitado gente inepta para o serviço, gente volúvel que se deixava levar por suas próprias fraquezas e defeitos. Jean-Baptiste deveria ter ficado longe de criminosos medíocres desequilibrados e dos bancos.

Era o mesmo padrão em todos os golpes, como se tivesse sido aprendido num manual. A agência bancária já tinha sido assaltada pelo menos uma vez no passado, em alguns casos mais de uma. Não tinha divisórias à prova de balas, conhecidas como “barreiras do bandido”, separando caixas e público. Todos os assaltos tinham sido cometidos numa sexta-feira, entre nove e onze da manhã, horário em que a agência provavelmente estava mais vazia e com mais dinheiro. Uma velha de aparência bondosa, que até esta manhã o FBI só conhecia como Vovó, entrava na agência, com jeito de professora de escola dominical, com vestido desmazelado e tênis, a cabeça coberta com uma echarpe ou um chapéu. Sempre usava óculos

escuros com armações antigas. Dependendo do tempo, podia usar casaco e luvas de lã. Se o assalto ocorresse num dia de calor, ela usava um par de luvas de plástico descartáveis, como as que usam os manipuladores de alimentos, para não deixar impressões digitais ou DNA.

Vovó estava sempre com uma pasta, cujo zíper ela começava a abrir ao se dirigir ao caixa. De dentro da pasta ela sacava uma arma, que as imagens ampliadas pela perícia indicavam que era sempre a mesma, uma pistola de brinquedo de nove milímetros e cano curto. A ponta laranja que toda arma de brinquedo que pareça real deve trazer, por força de lei, tinha sido removida. Ela passava um bilhete ao caixa, sempre do mesmo tipo, que dizia: *Esvazie as gavetas na pasta. Nada de bombas de tinta, senão te mato*. O recado era escrito com precisão, em letra de imprensa, numa folha de bloco branca. Ela mantinha a pasta aberta, e o caixa a enchia de dinheiro. Vovó fechava o zíper, corria para fora e entrava num carro dirigido por seu cúmplice, um homem que os caras do FBI chamavam de Clyde. Em todas as ocorrências, usavam um carro roubado que era abandonado pouco depois no estacionamento de um shopping.

Quando entrou na sala de conferências, horas antes, Benton reconheceu de imediato a Vovó e os bilhetes que ela passava. A letra era tão perfeita que parecia de máquina. O FBI disse que era praticamente idêntica a uma família tipológica chamada Gotham, simples e despretensiosa, comum em ambientes urbanos, um design que se vê normalmente em letreiros de sinalização, a mesma caligrafia usada para endereçar o envelope do FedEx que continha o cartão musical de Dodie Hodge e possivelmente a mesma que endereçou o pacote com a bomba. Sobre esta última, era difícil saber exatamente. De acordo com a enxurrada de e-mails de Marino, o conhecimento de transporte não sobrevivera ao canhão de água. Mas talvez isso não tivesse importância.

Imagens de Dodie Hodge usando disfarces, juntamente com imagens de sua caligrafia, estavam nas paredes da sala de conferências. Dodie em imagens de vídeo congeladas vestida do personagem Tia Bia, inocente como o vilarejo ficcional de Mayberry, entrando e saindo de bancos. Benton a teria reconhecido em qualquer lugar, apesar do esforço de dissimulação. Ela não conseguia disfarçar o rosto grande de queixo duplo, os lábios finos, o nariz bulboso e as orelhas de abano. Era pouco o que ela podia fazer para dissimular o corpo de matrona e as pernas desproporcionalmente finas. Na maior parte dos assaltos, ela era branca. Em alguns, era preta. Num assalto recente, em outubro, era mulata. Uma vizinha inofensiva, uma avó inocente de aspecto doce. Em algumas das imagens, ela sorria ao fugir com pelo menos dez mil dólares dentro de sua pasta antichama, de uma cor diferente para cada assalto: vermelha, azul, verde, preta, todas elas dando proteção adequada para o caso de suas instruções escritas não serem observadas e uma bomba de tinta

explodir, espalhando tinta e fumaça vermelhas e possivelmente gás lacrimogêneo.

É possível que Dodie Hodge nunca tivesse chamado a atenção de ninguém e continuasse roubando bancos, talvez durante muito tempo, se seu cúmplice, cujo nome verdadeiro era Jerome Wild, não tivesse mandado fazer no pescoço uma tatuagem inconfundível, em maio passado, quando estava na base de Camp Pendleton, pouco antes de desertar. Ele nunca conseguia encobrir a tatuagem, nem se esforçava muito para isso usando uma gola alta, uma bandana ou a maquiagem profissional que Dodie usava, cujos resíduos foram recuperados nos carros de fuga. Maquiagem mineral, explicou Marty Lanier. Os laboratórios do FBI em Quantico identificaram nitreto de boro, óxido de zinco, carbonato de cálcio, caolin, magnésio, óxidos de ferro, sílica e mica — aditivos e pigmentos usados em sombras, batons, bases e pós altamente sofisticados do ponto de vista técnico, populares entre atores e modelos.

A tatuagem de Jerome Wild era grande e trabalhada. Começava logo acima da clavícula esquerda e terminava atrás da orelha, e talvez ele achasse que isso não era problema. Ele era o motorista da fuga e nunca entrou nos bancos, supondo provavelmente que nunca seria capturado por uma câmera. Suposição errada. Num dos assaltos, a câmera de segurança de outro banco, do outro lado da rua, captou-o claramente ao volante de um Ford Taurus branco roubado, com a mão esquerda do lado de fora, ajustando o retrovisor lateral. Usava luvas pretas forradas de pele de coelho.

Essa foto, que foi a ruína dele, estava numa tela da sala de conferências do sac. Era o rosto que Benton vira na noite passada, nas imagens congeladas das câmeras de seu prédio. Jerome Wild de óculos escuros, um boné e luvas pretas de couro, forradas de pele de coelho. Esqueletos saindo de um ataúde cobriam o lado esquerdo de seu pescoço. A imagem de um assalto a banco e a da noite passada, uma ao lado da outra, em janelas contíguas de uma grande tela plana. É o mesmo homem, o peixe-piloto, um pequeno predador, um recruta demasiado tosco e incauto para acreditar que um dia pudesse ser pilhado, ou sequer para pensar nessa possibilidade. Wild não sabia nada sobre bases de dados de tatuagens, e, aparentemente, Jean-Baptiste também não.

Wild tinha apenas vinte e três anos, era esperto, ansiava por emoções fortes e adorava correr perigo, mas não tinha valores nem crenças. Não tinha consciência. Com certeza não tinha nenhum patriotismo e se lixava para seu país e para aqueles que lutavam por ele. Alistou-se no corpo de fuzileiros navais por dinheiro, e quando foi mandado a Camp Pendleton ainda não tivera tempo de sofrer a perda de companheiros caídos. Ainda não tinha embarcado no C-17 que o levaria ao Kuwait, ainda não tinha feito coisa nenhuma além de passar uma boa temporada na Califórnia com todas as despesas pagas. A única inspiração que tivera para aquela tatuagem

carregada de simbolismo e seriedade tinha sido a ideia de fazer uma tatuagem, qualquer tatuagem, desde que fosse “maneira”, nas palavras de outro soldado que já tinha sido entrevistado diversas vezes pelo FBI.

Pouco depois de fazer sua tatuagem maneira, Wild voltou a sua Detroit natal para um fim de semana de licença antes de embarcar. Nunca mais voltou a sua base da Marinha. Foi visto pela última vez por um antigo colega do ensino médio que tinha certeza de tê-lo reconhecido no hotel-cassino Grand Palais, jogando nas máquinas caça-níqueis, e as câmeras de segurança do hotel confirmaram que era mesmo ele. Jogando nos caça-níqueis, na roleta, em certo momento passando pelo salão com um senhor bem-vestido que o FBI identificou como sendo Freddie Maestro, que segundo se supunha tinha ligação com o crime organizado e era dono de vários estabelecimentos, entre os quais o boliche High Roller Lanes em Nova York. Duas semanas depois, no começo de junho, uma agência bancária perto do shopping Tower Center, em Detroit, foi assaltada por uma mulher branca que usava um conjunto de linho antiquado e fugiu num Chevy Malibu roubado, dirigido por um negro.

Benton ficou perplexo e se sentiu como um otário. Precisava reexaminar sua vida, mas não era o momento para isso, não durante uma reunião como aquela, com gente como aquela, na sala de conferências do diretor. Para todos os fins práticos, ele tinha deixado de ser um agente da lei, funcionário da justiça, para se tornar um acadêmico de merda. Uma assaltante de bancos se tornara sua paciente, e ele não fazia ideia dos motivos pelos quais não tinha sido autorizado a investigar a vida pregressa de Dodie Hodge, não tinha sido autorizado a descobrir nada sobre quem ou o que era ela além de uma mulher detestável, portadora de um grave transtorno de personalidade, que se dizia tia de Hap Judd.

Benton poderia se cansar de dizer a si mesmo que ainda que tivesse feito uma verificação rigorosa do passado dela, o que havia para descobrir? Logicamente, a resposta era nada. Sentiu-se furioso e humilhado, com vontade de ser de novo um agente do FBI, com vontade de portar de novo uma arma e um crachá e ter carta branca para investigar o que quisesse. *Mas você não teria encontrado nada*, continuou dizendo a si mesmo, sentado à mesa de reuniões numa sala que era, é claro, toda azul, desde o carpete até as paredes e o estofado das cadeiras. *Ninguém tinha achado nada até que você viu as fotos dela na parede*, Benton disse a si mesmo. Ela não tinha sido reconhecida. Não era possível encontrá-la por meio de computadores.

Dodie não tinha sinais particulares, como uma tatuagem, que pudesse ir parar numa base de dados. Nunca tinha sido acusada de nada mais sério do que promover desordens num ônibus no Bronx, furto de loja e perturbação da ordem em Detroit no mês passado, e em nenhuma dessas ocasiões houve o menor motivo para ligar essa mulher de cinquenta e seis anos, espalhafatosa e desagradável, a uma série de

roubos executados com perícia que não por acaso cessaram completamente no período em que ela foi paciente do McLean. Benton lembrou a si mesmo repetidamente que poderia ter verificado tudo o que quisesse e mesmo assim nunca encontraria vínculo entre ela e Jerome Wild ou os Chandonne. O vínculo fora descoberto por puro acaso. Um acaso com a ajuda de Jean-Baptiste, já que para ele nada era o bastante. Descuidou-se a ponto de deixar seu DNA numa Mercedes roubada, ultimamente vinha fazendo um monte de coisas que foram longe demais. Estava descompensando, e agora aparecia diante deles, diante de Benton outra vez. Não só uma ligação ou um ramo, mas a raiz.

Sua foto três por quatro aparecia numa tela plana do outro lado da mesa em que estava Benton, a última foto conhecida, feita no Departamento de Justiça do Texas havia quase dez anos. Que aspecto teria o puto agora? Benton não tirava os olhos da foto na parede. Era como se eles estivessem se olhando, defendendo-se, confrontando-se. A cabeça rapada, o rosto assimétrico, um olho mais baixo que o outro e o entorno das órbitas inflamado e vermelho devido a uma queimadura causada por um produto químico que, segundo o próprio Jean-Baptiste, o deixara cego. Não estava. Dois guardas do presídio de Polunsky descobriram isso da maneira mais difícil quando Jean-Baptiste socou-os contra uma parede de concreto e esmagou o pescoço deles. Na primavera de 2003, Jean-Baptiste saiu de sua cela no corredor da morte usando o uniforme e a identificação de um dos guardas assassinados, levando no bolso a chave do carro dele.

“Não é uma ramificação, mas uma sequência”, dizia Lanier a Berger, e as duas passaram a debater o assunto, que Benton realmente não estava ouvindo.

Chegou outro e-mail de Marino:

Indo para edif DNA encontrar lucy e doutora

“Ficará mais evidente quando tivermos uma visão do conjunto. Concordo com Benton. Mas Jerome não é violento”, dizia Lanier. “Nunca foi violento. Tão pacífico que desertou. Alistou-se porque não encontrava emprego e se mandou quando apareceu uma oportunidade de fazer algo ilegal.”

Benton perguntou a Marino por e-mail:

Por quê?

Lanier continuava falando. “Os tentáculos dos Chandonne estão em Detroit. Da mesma forma que na Louisiana, Las Vegas, Miami, Paris, Monte Carlo. Cidades portuárias. Cidades de jogo. Talvez até mesmo Hollywood. Qualquer coisa que atraia o crime organizado.”

Benton lembrou a todos os que estavam à mesa: “Mas o pai já não está. Nem o irmão de Jean-Baptiste. Extirpamos a maçã podre em 2003. Não chegamos ao cerne, mas ele não é da mesma estirpe”.

Marino respondeu:

Benton continuou. “Vocês estão falando de alguém que mata por prazer, uma pessoa movida por impulsos e compulsiva demais para conduzir com êxito um cartel, essa coisa complexa em que os negócios de sua família se transformaram durante quase um século. Não podemos lidar com ele como se lida com o crime organizado. Teremos de tratá-lo como um caso de assassinatos sexuais em série.”

“A bomba era viável”, disse Berger a Lanier, como se Benton não tivesse dito nada. “Poderia ter matado Kay, ou tê-la ferido gravemente. Como você pode interpretar isso como não violência?”

“Você não entendeu aonde quero chegar”, disse Lanier. “Depende de sua intenção e se de fato Wild serviu apenas de mensageiro, pois nesse caso ele poderia nem saber o que havia na caixa do FedEx.”

“E o modus operandi do cara? Em todos esses assaltos a bancos? Ele não fez nada violento. É um covarde, fica no carro. Até a arma é de brinquedo”, disse Stockman, pondo a árvore de decisões, ou a floresta de decisões, como ele dizia, na tela plana. “Tenho de concordar com Marty que ele e a vovó... essa Dodie... Desculpem. Há seis meses que a chamo de vovó. Seja como for, Jerome e Dodie são paus-mandados.”

“Dodie Hodge não é pau-mandado de ninguém”, disse Benton. “Ela vai atrás de qualquer coisa desde que receba uma compensação. Desde que se divirta. Mas ela não é teleguiada. É cooperadora e controlável até certo ponto, e essa é a razão pela qual Jean-Baptiste cometeu um erro ao recrutá-la, ao recrutar Jerome, ao recrutar quem quer que tenha recrutado. Todos serão falhos, porque ele é falho.”

“Então por que roubar DVDs, santo Deus?”, perguntou Berger a Lanier. “Valia a pena ser presa por causa de uns filmes de Hap Judd?”

“Esse não foi o motivo”, disse Benton. “Ela não conseguiu se conter. E com isso a rede arrumou um problema. Um de seus assaltantes foi preso. Eles contratam um advogado, que está mancomunado com eles, e tenta fazer com que ela seja examinada por um perito mancomunado com eles. Mas acabam dando comigo por causa do exibicionismo de Dodie, de seu narcisismo. Ela queria ir para o hospital para onde vão os ricos e famosos. Repito, ela não é teleguiada. Foi um recrutamento infeliz.”

“Um tiro no pé, o roubo daqueles DVDs”, disse Stockman, concordando com Berger. “Eles ainda estariam assaltando bancos se ela não tivesse metido a porra dos DVDs dentro da calça.”

“E foi um tiro no pé abrir a boca para falar de Hap Judd”, acrescentou Benton. “Não que ela seja capaz de se controlar, mas está causando problemas, criando uma exposição. Não sabemos exatamente qual é o envolvimento de Hap Judd em tudo isso, mas ele está ligado a Dodie, e está ligado a Hannah Starr, e há uma foto dele

com Freddie Maestro no High Roller Lanes, o que poderia ligar Hap a Toni Darien também. Precisamos dessa árvore na parede, para ter um panorama. Vou mostrar a vocês como tudo isso está interligado.”

“Vamos voltar à bomba”, disse Berger a Lanier. “Só para eu entender. Você acha que alguém mais está por trás da entrega do pacote, que essa pessoa seria Jean-Baptiste, e essa teoria se baseia em quê?”

“Eu não quis dizer que foi no bom senso...”, disse Lanier.

“Quis sim, e foi o que você disse”, contestou Berger. “E a arrogância não ajuda em nada.”

“Deixe-me terminar. Eu nem de longe quis insinuar nada arrogante em relação a você, Jaime. Ou em relação a nenhum dos presentes. Do ponto de vista analítico” — e o que Lanier realmente quis dizer era *Do ponto de vista de um analista de investigação criminal do FBI, um perfilador* — “o que fizeram à doutora Scarpetta, ou o que tentaram fazer, é algo de índole pessoal.” Lanier olhou para Benton. “Eu diria pessoal e íntimo.” Era quase como concluir que Benton devia ter sido a pessoa que deixou a bomba para sua mulher.

“Não estou entendendo a parte do bom senso.” Berger olhava Lanier nos olhos.

Berger não gostava dela. Provavelmente isso não tinha nada a ver com ciúme, insegurança, ou qualquer outra razão pela qual duas mulheres poderosas se perseguem mutuamente. Havia um problema prático a enfrentar. Se o FBI assumisse a totalidade da investigação, inclusive sobre o envolvimento que Dodie Hodge, Hap Judd ou qualquer outra pessoa de quem se falasse naquela sala pudesse ter com Hannah Starr, o caso iria parar na Promotoria dos Estados Unidos, não nas mãos do promotor distrital do condado de Nova York, não nas mãos de Berger. *Extrapolando*, pensou Benton. Esse troço ia além dos cinco distritos de Nova York. Era de âmbito federal. De âmbito internacional. Sujo e extremamente perigoso. Se Berger pensasse nisso um minuto, não ia querer ficar a menos de um quilômetro do caso.

“O tipo de bomba, como ela foi descrita”, disse Lanier a Berger. “Uma ameaça implícita. Intimidação. Zombaria. E conhecimento prévio da vítima, de seus hábitos e do que era importante para ela. Dodie Hodge pode ter servido como principal parceira, mas quem tiraria maior proveito da situação seria Chandonne.”

“Gostaria de estar lá”, disse Stockman, olhando alguma coisa em seu computador. “A casa de Dodie Hodge em Edgewater.” Ele começou a digitar um e-mail. “Ela tem problemas com a bebida? Garrafas de vinho por toda parte.”

“Precisamos entrar.” O’Dell olhava o que a tela do computador de Stockman exibia. “Veja se encontra cédulas de dinheiro, ou outras coisas que a vinculem aos assaltos e quem sabe o quê. Quero dizer, seria legal que esses rapazes olhassem, mas eles não sabem o que sabemos.”

“Uma preocupação mais urgente é Jean-Baptiste”, disse Benton, porque a polícia

e o FBI estavam à procura de Dodie, mas ninguém procurava Chandonne.

“Não encontraram cédulas até agora, mas algumas pistolas de brinquedo”, disse O’Dell a Stockman, enquanto agentes e policiais da Força-Tarefa para Assaltos a Bancos davam uma busca na casa de Dodie e enviavam informações em tempo real. “Bingo”, disse Stockman ao ler uma mensagem. “Drogas. Parece que a vovó gosta de uma cocaína. E mais, ela fuma. Ei, Benton, você sabe se ela fuma cigarros franceses? Gauloises? Sei que não pronuncio direito esse nome.”

“Pode ser que alguém esteja hospedado com ela”, disse Stockman, enquanto respondia aos colegas que participavam da busca.

“Vou parar de ouvir por um minuto”, disse Benton.

Era uma tática que funcionava quase sem exceção. Quando as pessoas começavam a discutir, se distraíam e mandavam a pauta de trabalho para o espaço, Benton anunciava que ia parar de ouvir e imediatamente todos paravam de falar.

“Vou dizer o que penso, e vocês devem me ouvir porque isso vai ajudá-los a compreender o que verão quando todos os vínculos forem estabelecidos e estiverem na parede”, disse Benton. “Como vai nosso diagrama?”, perguntou sem rodeios.

“Alguém mais está precisando de um café?”, perguntou O’Dell, frustrado. “Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, e estou apertado para lavar as mãos.”

No oitavo andar do prédio de DNA do Instituto Médico Legal, Scarpetta, Lucy e Marino estavam sozinhos no laboratório usado para formação científica. Ali não se analisavam casos criminais, mas ainda assim se aplicavam as normas de trabalho em câmara asséptica.

Era difícil reconhecer os três, com roupas de proteção descartáveis, a cabeça e os sapatos cobertos, máscaras, luvas e óculos de segurança que tinham recebido no vestibulo, de onde passaram por uma eclusa de ar até chegar a um espaço de trabalho descontaminado, equipado com instrumentos para experimentos de última geração, o que Marino chamava de geringonças: analisadores de genoma, amplificadores de genes, centrífugas, agitadores vórtex, termocicladores em tempo real e robôs de extração para manipulação de grandes quantidades de líquido, como sangue. Ele se mexia sem parar, com o avental azul de fibra Tyvek estalando e farfalhando, erguendo e ajustando os óculos de segurança, a máscara e aquilo que ele chamava de “touca de banho”, ajustando isto ou aquilo, brigando com a roupa.

“Vocês já puseram sapatinhos de papel num gato?” A máscara se mexia quando ele falava. “O bicho corre de um lado para outro como louco tentando se livrar daquilo. É assim que estou me sentindo, porra.”

“Eu não torturava animais, não ateava incêndios e não fazia xixi na cama quando era criança”, disse Lucy, pegando um microcabo usb que tinha esterilizado e embrulhado.

Diante dela, numa bancada coberta de papel pardo, havia dois MacBooks que tinham sido esfregados com álcool isopropílico e envoltos em polipropileno transparente, além do dispositivo BioGraph que parecia um relógio. Ele tinha sido examinado para testes de DNA tarde da noite da véspera, na sala de exames de provas, e já podia ser manipulado. Lucy plugou o cabo no BioGraph e conectou-o a um dos laptops.

“É como plugar um iPod, ou um iPhone”, disse ela. “Está sincronizando com alguma coisa. Que temos aí?”

A tela ficou preta e pediu usuário e senha. Na parte superior havia uma longa faixa de zeros e uns que Scarpetta reconheceu como sendo um código binário.

“É estranho”, disse ela.

“Muito estranho”, disse Lucy. “Ele não quer revelar o nome. Está codificado em binário, o que funciona como elemento de dissuasão, para te fazer desistir. Se você for uma dessas pessoas que ficam navegando na rede e sem querer dão com este site, vai ser bem difícil que faça uma vaga ideia a respeito de onde chegou. Mesmo

assim, você não vai poder entrar a menos que esteja autorizado ou tenha uma chave mestra.”

Chave mestra era um dos eufemismos de Lucy para hackear.

“Aposto que esse endereço em código binário não se transforma em texto que diga BioGraph.” Lucy digitou algo no outro MacBook e abriu um arquivo. “Se fizesse isso, meus motores de busca o teriam encontrado, porque sabem muito bem como procurar sequências de bits e as palavras ou sequências que elas representam.”

“Meu Deus”, disse Marino. “Já não estou entendendo porra nenhuma do que você está dizendo.”

Ele estava sendo um pouco desagradável desde o instante em que Scarpetta se juntara a ele no saguão do edifício para acompanhá-lo ao oitavo andar. Estava preocupado com a bomba. Ele não ia dizer isso a ela, mas depois de vinte anos nem era preciso que dissesse nada. Ela o conhecia melhor que ele mesmo. Marino estava irritado porque estava assustado.

“Vou começar de novo e desta vez tentarei mover os lábios quando falo”, atalhou Lucy.

“Sua boca está tapada. Não consigo ver seus lábios. Vou acabar tirando essa touca. Como se eu tivesse algum cabelo. Estou começando a suar.”

“Sua cabeça careca solta células de pele”, disse Lucy. “Provavelmente é por isso que você tem tanto pó em seu apartamento. Este suposto relógio foi projetado para sincronizar com um laptop, pode ser conectado a praticamente qualquer computador pela microporta usb. É provavelmente por isso que toda espécie de gente está usando estes supostos relógios, colhendo dados como Toni Darien fazia. Vamos converter o código binário em ascii.”

Ela digitou a sequência de uns e zeros num campo do outro MacBook e apertou a tecla return. Na mesma hora, o código foi traduzido para texto. Scarpetta ficou extática e sentiu calafrios.

Dizia *Calígula*.

“Não foi o imperador que tocou fogo em Roma?”, perguntou Marino.

“Esse foi Nero”, disse Scarpetta. “Calígula provavelmente era pior. É provável que tenha sido o imperador mais demente, depravado e sádico da história do Império Romano.”

“Agora estou esperando passar pela barreira de nome de usuário e senha”, disse Lucy. “Simplificando, sequestrei este site e tudo o que havia no BioGraph, assim os programas que tenho em meu servidor poderão nos ajudar.”

“Acho que vi um filme sobre ele”, disse Marino. “Fazia sexo com as irmãs e morava no palácio com o cavalo, uma coisa assim. Um filho da puta da pior espécie. Acho que era pervertido.”

“Um nome assustador para um web site”, disse Scarpetta.

“Vamos lá!” Lucy estava impaciente com o computador, com os programas que trabalhavam, invisíveis, para lhe dar acesso ao que ela queria.

“Bem que eu lhe falei dessa história de ir e voltar sozinha”, disse Marino a Scarpetta, pensando na bomba, no que ele acabava de ver em Rodman’s Neck. “Quando você aparece ao vivo na TV, precisa de segurança. Talvez agora você não bata mais o pé a esse respeito.”

Ele estava dando por certo que se a tivesse acompanhado na noite anterior, teria reconhecido o pacote do FedEx como suspeito e jamais teria permitido que ela o tocasse. Marino se sentia responsável pela segurança dela, se habituara a ser obsessivo a esse respeito, embora, por ironia, a pior situação de insegurança por que ela passara tinha sido em companhia dele, não fazia tanto tempo.

“Calígula provavelmente é a patente de um projeto.” Lucy estava atarefada no outro MacBook. “É o que suponho.”

“A questão é: o que virá a seguir?”, disse Marino a Scarpetta. “Sinto como se alguém estivesse fazendo aquecimento para alguma coisa. O cartão musical que Benton recebeu ontem no Bellevue. Menos de doze horas depois, a bomba do FedEx com uma boneca de vudu. Meu Deus, como fedia! Não vejo a hora de saber o que Geffner vai dizer.”

Geffner era analista de provas do laboratório de criminalística do Departamento de Polícia de Nova York no Queens.

“Liguei para ele quando estava vindo para cá e lhe disse que era melhor ele começar a trabalhar no microscópio assim que lhe chegassem os restos da bomba.” Marino olhou para sua manga de papel azul e puxou-a para cima com a mão enluvada para ver o relógio. “Ele deve estar examinando agora. Puxa, devíamos ligar para ele. Meu Deus, quase meio-dia. Parecia uma mistura de asfalto quente, ovos podres, cocô de cachorro, um cenário de incêndio grave, como se alguém tivesse usado um acelerador para queimar uma porcaria de uma latrina. Quase vomitei, e é preciso muita coisa para me fazer vomitar. E pelo de cachorro. A paciente de Benton? A maluquete que ligou para a CNN? Para mim é difícil imaginar que ela tenha feito uma coisa dessas. Lobo e Ann disseram que estava muito bem-feita.”

Como se fazer uma bomba capaz de arrancar as mãos de uma pessoa ou coisa pior fosse algo a ser elogiado.

“Entramos”, disse Lucy.

A tela preta com a aba da sequência binária tinha se tornado azul noite, e a palavra calígula apareceu no centro, escrita em letras tridimensionais prateadas que pareciam talhadas em metal. Um tipo de letra conhecido. Scarpetta sentiu-se enjoada.

“Gotham”, disse Lucy. “Interessante. A fonte é Gotham.”

O avental de papel que Marino usava farfalhou quando ele chegou mais perto para

ver o que ela queria dizer, com os olhos injetados por trás dos óculos de segurança. “Gotham? Não estou vendo Batman em lugar nenhum.”

A tela dizia a Lucy que ela devia pressionar qualquer tecla para continuar. Mas ela não fez isso. Estava intrigada com a fonte Gotham e com o que poderia significar.

“Passa autoridade, é prática e tida como a família tipográfica mais funcional para lugares públicos”, disse ela. “É o tipo sem serifa que se vê em nomes e números de letreiros, paredes, edifícios e no marco da Torre da Liberdade, no local do World Trade Center. Mas a fonte Gotham chamou mais atenção ultimamente por causa de Obama.”

“Primeira vez que ouço falar de uma fonte chamada Gotham”, disse Marino. “Mas, claro, não recebo newsletters nem assino revistas mensais sobre fontes, nem vou a congressos de fontes.”

“Gotham foi a fonte que o pessoal de Obama usou durante a campanha”, disse Lucy. “E você deve prestar atenção às fontes, como já te disse uma porção de vezes. Elas fazem parte da pesquisa de documentos no século XXI, é perigoso ignorá-las. O que elas são e por que alguém as escolhe para um tipo determinado de comunicação pode ser informativo e significativo.”

“Por que Gotham para este site?” Scarpetta recordou o conhecimento de entrega do FedEx e a caligrafia impecável, quase perfeita, com que fora preenchido.

“Não sei, exceto que essa escolha pretendia demonstrar credibilidade”, disse Lucy. “Inspirar confiança. Subliminarmente, que devemos levar este site a sério.”

“O nome Calígula inspira tudo menos confiança”, disse Scarpetta.

“Gotham é popular”, disse Lucy. “É maneiro. Supõe-se que deveria sugerir a coisa certa para que alguém se convença a levar a sério seu produto, ou seu candidato, ou talvez algum tipo de projeto de pesquisa.”

“Ou levar a sério um pacote perigoso”, disse Scarpetta, ficando brava de repente. “Essa tipologia é bem parecida, senão idêntica, à que foi usada no pacote que recebi ontem à noite. Acho que você não chegou a ver a caixa antes que recebesse a descarga do canhão de água”, ela disse a Marino.

“Como eu lhe disse, as pilhas que eles alvejaram estavam logo abaixo do endereço. Você disse que se dirigiram a você como legista chefe de Gotham City. Portanto, é mais uma referência a essa Gotham. Alguém além de mim acha estranho que Hap Judd apareça num filme do Batman e foda cadáveres?”

“Por que Hap Judd teria mandado à tia Kay isso que você chamou de bomba de fedor?”, perguntou Lucy, atarefada no outro computador.

“Talvez porque esse degenerado doente tenha assassinado Hannah. Ou talvez porque tenha alguma relação com Toni Darien, já que esteve no High Roller Lanes e é provável que a tenha pelo menos conhecido. A doutora fez a autópsia de Toni e

pode acabar sendo a legista do caso Hannah também.”

“E por isso mandam uma bomba para ela? E isso evitaria que Hap Judd fosse preso no caso de o corpo de Hannah aparecer ou seja lá por que motivo for?”, perguntou Lucy, como se Scarpetta já não estivesse ali no laboratório com eles. “Não estou dizendo que o imbecil não fez nada com Hannah ou que não sabe onde ela está.”

“Sim, ele e seus cadáveres”, disse Marino. “Bem interessante, agora que sabemos que Toni morreu alguns dias antes que o corpo fosse descartado. Imagino onde ela poderia estar e como alguém poderia estar se divertindo com ela. Ele provavelmente fez o mesmo com aquela garota na câmara frigorífica do hospital. Por qual outro motivo teria ficado quinze minutos na geladeira e saído com uma luva só?”

“Mas não acredito que ele deixasse uma bomba para tia Kay achando que ela se assustaria a ponto de abandonar um caso, ou dois casos, ou quantos fossem. É uma besteira”, disse Lucy. “E a fonte Gotham não tem nada a ver com Batman.”

“Talvez tenha se a pessoa estiver fazendo algum tipo de jogo maluco”, justificou Marino.

O cheiro de queimado e enxofre, Scarpetta continuava pensando na bomba. Uma bomba fétida, um tipo diferente de bomba suja, uma bomba emocionalmente destruidora. Alguém que conhecia Scarpetta. Alguém que conhecia Benton. Alguém que conhecia a história deles quase tão bem quanto eles mesmos. *Jogos*, ela pensou. *Jogos perversos*.

Lucy apertou a tecla return, caligula saiu e foi substituído por:

Bem-vinda, Toni.

Depois:

Quer sincronizar dados? Sim, Não

Lucy escolheu sim e a mensagem seguinte dizia:

Toni, faz três dias que você não atualiza suas escalas. Quer completá-las agora? Sim, Não

Lucy clicou em Sim, a tela anterior sumiu e apareceu outra:

Por favor, dê notas a estes adjetivos conforme se aplicarem a como você se sente hoje.

A mensagem era seguida de opções como eufórica, confusa, contente, feliz, irritada, zangada, entusiasmada, inspirada, cada opção seguida de uma escala de cinco pontos de um a cinco, um para *muito pouco ou nada* e cinco para *demais* .

“Se Toni fazia isso todos os dias”, disse Marino, “não estaria em seu laptop? Será que foi por isso que ele desapareceu?”

“Não devia estar no laptop. O que você está vendo está hospedado no servidor deste site”, disse Lucy.

“Mas ela conectava o relógio ao laptop”, disse Marino.

“Sim. Para entrar com informação e carregá-lo. Os dados colhidos por este

dispositivo não eram para uso dela e não devem estar em seu laptop. Ela não só não usava os dados como sequer tinha o software necessário para agrupá-los, classificá-los, dar-lhes significado.”

Apareciam mais perguntas na tela e Lucy as respondia para ver o que ia acontecer a seguir. Respondeu *muito pouco* ou *nada* para os estados de espírito. Se Scarpetta estivesse respondendo a perguntas sobre seu próprio estado de espírito, estaria marcando sempre *demais*.

“Não sei”, disse Marino. “Não consigo deixar de pensar que esse projeto Calígula deve explicar por que alguém entrou no apartamento dela para levar embora o laptop, o celular e quem sabe mais o quê.” Seus óculos de segurança estavam voltados para Scarpetta. “Não sabemos se era de Toni a imagem da câmera de segurança, você tem razão quanto a isso. Só porque o vulto vestia algo que parecia ser o casaco dela. Como seria se a pessoa fosse mais ou menos do tamanho dela e estivesse usando tênis parecidos? Ela não era pequena, era magra mas alta. Cerca de um e setenta e cinco, não? Não vejo como ela poderia estar entrando no edifício na quarta-feira por volta de quinze para as seis e saindo às sete. Você acha que ela estava morta desde a terça-feira. E agora esse tal de Calígula está dizendo a mesma coisa. Faz três dias que ela não responde ao questionário.”

“Se é verdade que alguém se fez passar por ela nos vídeos da segurança”, disse Lucy, “essa pessoa estava com o casaco dela, ou outro muito parecido, e tinha as chaves do apartamento.”

“Ela estava morta havia pelo menos trinta e seis horas”, disse Scarpetta. “Se as chaves do apartamento estivessem em seu bolso, e o assassino soubesse onde ela morava, não teria sido difícil pegar as chaves, tirar o que quisesse da cena e repor as chaves no bolso dela antes de jogar o corpo no parque. Talvez essa pessoa estivesse com o casaco dela também. Talvez ela estivesse usando o casaco quando saiu pela última vez. Isso explicaria por que ela estava tão desagasalhada quando o corpo foi encontrado. Talvez parte de sua roupa tivesse desaparecido.”

“Havia uma porção de problemas e muito risco”, disse Lucy. “Alguém não planejou as coisas direito. Parece que tudo foi calculado depois do acontecimento, e não antes do crime. Talvez tenha sido um crime cometido por impulso, e o assassino era alguém que ela conhecia.”

“Se ela tinha se comunicado com ele, essa pode ser a razão do desaparecimento do laptop e do celular.” Marino insistia naquilo. “Mensagens de texto guardadas no telefone. Quando você conseguir entrar no e-mail dela... Talvez ela estivesse se comunicando por e-mail com essa gente do Calígula, ou talvez haja documentos comprometedores no computador dela.”

“Então por que deixar o BioGraph no braço dela?”, perguntou Lucy. “Por que deixar a possibilidade de alguém fazer o que estamos fazendo neste instante?”

“Pode ser que o assassino quisesse o computador ou o telefone dela”, disse Scarpetta. “O que não significa que tenha havido um motivo racional e único. Talvez a ausência de motivo explique por que não levaram o BioGraph.”

“Sempre há um motivo”, disse Marino.

“Não o tipo de motivo de que você está falando, porque este pode não ser um crime do tipo que você está supondo”, disse Scarpetta, e pensou em seu BlackBerry.

Ela reconsiderou o motivo do furto, teve a impressão de que tinha se enganado a respeito do que levava Carley Crispin a querer seu BlackBerry, que não dizia respeito apenas ao que Carley tinha dito quando elas passavam pelo Columbus Circle depois de sair da CNN: *“Aposto que você poderia convencer qualquer pessoa a vir, com os contatos que você tem”*. Como que a dizer que Scarpetta não teria problema para atrair convidados para um programa de TV, supondo que tivesse seu próprio programa, e daí que Scarpetta tenha atribuído um motivo para o sumiço de seu smartphone. Carley queria informação, queria os contatos de Scarpetta, e talvez tivesse mesmo feito uso das fotos da cena quando teve oportunidade. Mas é possível que no fim das contas o BlackBerry pode não ter sido cobiçado por Carley, ou por Agee, mas por alguma outra pessoa. Uma pessoa astuta e má. A última pessoa que esteve com o BlackBerry tinha sido Agee, e talvez o tivesse repassado a uma terceira pessoa se não tivesse se matado.

“Nem sempre as pessoas que cometem assassinatos e voltam à cena do crime o fazem por paranoia, para tentar apagar pistas”, explicou Scarpetta. “Às vezes o fazem para reviver um ato violento gratificante. Talvez no caso de Toni haja mais de uma motivação. Seu telefone, seu laptop são suvenires, e foram também um meio de assumir a personalidade dela antes que o corpo fosse encontrado, para nos despistar sobre o momento da morte, fingindo ser ela e usando seu celular para mandar uma mensagem de texto para a mãe por volta das oito da noite. Quarta-feira à noite. Manipulações, jogos, fantasia, com uma força motriz emocional, sexual, sádica. Uma mescla de motivos que criou uma incongruência perversa. Como tanta coisa na vida. Não é uma coisa só.”

Lucy acabou de responder às questões sobre o estado de espírito e apareceu uma caixa de diálogo de enviar. Ela clicou na caixa e recebeu a confirmação de que suas escalas preenchidas tinham sido enviadas ao site com sucesso, para revisão. *Revisão feita por quem?* Scarpetta pensou um pouco. O mentor de uma pesquisa, psicólogo, psiquiatra, neurocientista, assistente de pesquisa, estudante de pós-graduação, quem diabos fosse. Mas devia haver mais de uma pessoa. Provavelmente todo um corpo docente. Esses mentores invisíveis podiam ser quaisquer pessoas, existir em qualquer lugar e estar engajados num projeto que obviamente pretendia fazer previsões sobre o comportamento humano que pudessem ser úteis para alguém.

“É um acrônimo”, disse Lucy.

Na tela:

Obrigado por participar da pesquisa para o CALculo de integração de dados de GPS (Uploads de Luz e Atividade)

“CALÍGULA”, disse Scarpetta. “Ainda não entendo por que alguém escolheria um acrônimo como esse.”

“Sofria de pesadelos e insônia crônica.” Lucy estava garimpando em arquivos abertos em seu outro MacBook pesquisas do Google sobre Calígula. “Costumava perambular pelo palácio durante a noite toda, esperando que o sol aparecesse. O acrônimo deve ter a ver com isso. Se, por exemplo, a pesquisa for relacionada a distúrbios do sono e aos efeitos da luz e da obscuridade sobre o estado de espírito. O nome dele é diminutivo de ‘caliga’, que significa ‘borzeguim’.”

“E o seu sobrenome significa ‘sapatinho’”, disse Marino a Scarpetta.

“Vamos lá, rapazes”, murmurou Lucy, falando com seus programas de rede neural e motores de busca. “Seria bem mais simples se eu pudesse levar isso para meu escritório.” Ela falava do BioGraph.

“Aparece na internet, numa porção de lugares, que Scarpetta significa ‘sapatinho’ em italiano”, continuou Marino, mostrando desconforto nos olhos por trás do plástico grosso. “Sapatinho, galochinha, a mocinha com um chutão.”

“Agora estamos chegando lá”, disse Lucy.

Dados começaram a rolar na tela, uma sopa de letras, símbolos, números.

“Me pergunto se Toni sabia exatamente que dados estavam sendo colhidos por esse troço que ela usava no pulso de manhã, de tarde e de noite”, disse Lucy. “Ou se a pessoa que a matou sabia.”

“Improvável que ela soubesse”, disse Scarpetta. “Os detalhes de uma teoria que os pesquisadores esperam provar, seja lá qual for, não são anunciados ou divulgados publicamente. Nem os voluntários conhecem os detalhes, só generalidades. De outra forma, poderiam distorcer os resultados.”

“Algum interesse ela devia ter nisso”, disse Marino. “Usar esse relógio o tempo todo. Responder perguntas todos os dias.”

“Ela podia ter interesse pessoal em distúrbios do sono, em distúrbios afetivos sazonais, sabe-se lá em quê, e encontrou um anúncio sobre a pesquisa, ou alguém lhe passou a informação. A mãe dela disse que ela era depressiva e sensível ao mau tempo”, disse Scarpetta. “Normalmente as pessoas que participam de pesquisas são pagas para isso.”

Ela pensou no pai de Toni, Lawrence Darien, e suas atitudes agressivas ao reclamar o corpo e os pertences da filha. Engenheiro bioelétrico formado pelo mit. Jogador e bêbado, ligado ao crime organizado. Quando fez uma cena, no necrotério, talvez estivesse na verdade atrás do BioGraph.

“É inacreditável o que está armazenado nesta coisa.” Lucy pôs um banquinho

diante de seus MacBooks e sentou-se, sem deixar de olhar os dados brutos armazenados no BioGraph de Toni. “Evidentemente, isto combina um registro de dados actigráficos com um acelerômetro de alta sensibilidade ou um elemento bimorfo num sensor piezoelétrico de duas camadas que, basicamente, mede a atividade motora bruta. Não vejo nada que me indique propósitos militares ou do governo.”

“O que você queria?”, Marino perguntou. “Que isso fosse da cia ou algo assim?”

“Isso não. Aqui não há nada criptografado do modo como estou habituada a ver quando uma informação é tida pelo governo como ultrassecreta. Não é o padrão normal de cifras de três blocos com o tamanho dos bits e dos blocos que eu associo a algoritmos usados em criptografia de chave simétrica. Sabe como é, essas chaves muito grandes, com mais de quarenta bits, que supostamente são exportáveis mas cujo código é muito difícil de quebrar. Não é isso o que temos aqui. Isto não é da área militar nem de um órgão de inteligência. É da área privada.”

“Suponho que não devemos perguntar como é que você sabe a forma como o governo codifica sua informação ultrassecreta”, comentou Marino.

“O objetivo disso é reunir dados para algum tipo de pesquisa que não tem a ver com espionagem, nem com guerra, nem mesmo com terroristas, pelo menos desta vez”, disse Lucy, enquanto os dados rolavam na tela. “Não foi criado para o usuário, mas para pesquisadores. Uns geeks que analisam os dados, mas para quem? Variabilidade dos padrões de sono, quantidade de sono, padrões de atividade diurna, relacionados à exposição luminosa. Vamos, comecem a classificar isso com algum tipo de critério que seja fácil de consultar.” Lucy estava falando com seus programas outra vez. “Mostrem gráficos. Mostrem mapas. Está classificando por tipos de dados. Muitos dados. Uma tonelada. Gravando dados a cada quinze segundos. Cinco mil setecentas e sessenta vezes por dia este negócio capturava sabe Deus quantos tipos diferentes de dados. Leituras de gps e de pedômetro. Dados sobre localização, velocidade, distância, altitude e sinais vitais do usuário. Batimento cardíaco e saturação periférica de oxigênio.”

“Saturação periférica de oxigênio? Você deve ter se enganado”, disse Scarpetta.

“Estou olhando para a spo2”, disse Lucy. “Centenas de milhares delas. spo2 capturada a cada quinze segundos.”

“Não vejo como isso seja possível”, disse Scarpetta. “Cadê o sensor? É impossível medir a oximetria do pulso, a saturação de oxigênio no sangue sem algum tipo de sensor. Normalmente na ponta de um dedo da mão ou do pé, ou no lobo da orelha. Tem de ser uma parte fina do corpo, que permita a passagem da luz através do tecido. Uma luz composta de comprimentos de onda vermelhos e infravermelhos que vai determinar a oxigenação, a porcentagem de saturação de oxigênio no sangue.”

“O BioGraph tem Bluetooth”, disse Lucy. “Talvez o sensor da oximetria do pulso tenha Bluetooth também.”

“Com fio ou sem fio, tem de haver um sensor que faça essas medições que estamos vendo”, respondeu Scarpetta. “Um sensor que ela usasse praticamente o tempo todo.”

Um ponto de laser vermelho começou a se deslocar sobre nomes, lugares e ramificações que os ligavam ao diagrama de árvore que apareceu na tela plana.

“Vamos supor que Monsieur Chandonne, o pai, já não esteja no comando.” Benton tinha na mão um indicador de laser com o qual ilustrava o que ia dizendo. “E que as associações familiares que ele deixou tenham se dispersado. Ele e vários de seus comandantes estão na cadeia. O suposto herdeiro Chandonne, o irmão de Jean-Baptiste, está morto. E a maior parte dos agentes da lei voltou sua atenção para outros problemas internacionais. Al Qaeda, Irã, Coreia do Norte, a crise econômica mundial. Jean-Baptiste, o filho sobrevivente, aproveitou a oportunidade de assumir, começar a vida de novo e desta vez fazer as coisas direito.”

“Não vejo como”, disse O’Dell. “Ele é lunático.”

“Ele não é lunático”, disse Benton. “É extremamente inteligente, extremamente intuitivo e por vezes seu intelecto se sobrepõe a suas compulsões e obsessões. A questão é quanto tempo isso pode durar.”

“Discordo totalmente”, disse O’Dell a Benton. “Esse cara, um chefão da máfia? Ele nem pode circular em público sem esconder a cabeça com um saco. É um fugitivo internacional, procurado pela Interpol, um degenerado, um monstro.”

“Pode discordar o quanto quiser. Você não o conhece”, disse Benton.

“Tem uma doença genética”, prosseguiu O’Dell. “Não me lembro o nome.”

“Hipertricose lanuginosa congênita”, disse Marty Lanier. “É uma doença raríssima que consiste no crescimento anômalo de pelos finos e macios, como os de bebê, no corpo inteiro, inclusive em áreas normalmente pouco pilosas, ou sem pelo nenhum. Testa, palmas das mãos, cotovelos. Pode apresentar ainda outras anomalias, como hiperplasia gengival e dentes muito pequenos e espaçados.”

“Como eu disse, um monstro, parece um lobisomem”, disse O’Dell a todos os que estavam à mesa. “Provavelmente a lenda nasceu de gente que tinha essa doença.”

“Ele não é um lobisomem, e sua doença não tem nada a ver com histórias de horror. Não é uma lenda, é bem real”, disse Benton.

“Não sabemos quantos são”, acrescentou Lanier. “Algo como cinquenta, cem casos, no mundo todo. Muito poucos casos relatados.”

“*Relatados* é a palavra-chave”, disse Jaime Berger, que estava meio apagada. “Casos não relatados não são contados, e é fácil entender por que a hipertricose se presta a associações negativas, a estigmas, como o de que o portador é um monstro, um malvado.”

“E então ele é tratado como se fosse um monstro e talvez acabe se transformando nisso mesmo”, acrescentou Lanier.

“As famílias escondem os membros que sofrem dessa doença, e Jean-Baptiste não foi exceção”, prosseguiu Benton. “Foi criado num porão, um lugar que era basicamente uma masmorra subterrânea e sem janelas na casa do século XVII da família Chandonne na Île Saint-Louis, em Paris. É possível que o gene herdado por Jean-Baptiste venha de um homem de meados do século XVI que nasceu com o corpo coberto de pelos e ainda criança foi levado ao rei Henrique II em Paris e criado no palácio real como curiosidade, para divertimento, como uma mascote. Esse homem se casou e vários de seus filhos apresentaram a mesma anormalidade. Acredita-se que no fim do século XIX, um de seus descendentes tenha se casado com uma Chandonne, e cem anos depois o gene recessivo tornou-se dominante na pessoa de Jean-Baptiste.”

“O que estou tentando dizer é que as pessoas saem correndo e gritando se toparam com uma pessoa assim”, disse O’Dell. “Como Jean-Baptiste seria capaz de assumir e operar os negócios fora da casa da família em Paris?”

“Não sabemos onde mora Jean-Baptiste”, respondeu Benton. “Não sabemos o que ele esteve fazendo nos últimos cinco anos. Não sabemos que aparência tem. Depilação a laser, próteses dentárias, cirurgia plástica, toda a tecnologia médica que existe atualmente. Não temos ideia do que aconteceu com ele desde que escapou do corredor da morte. O que sabemos é que você colheu DNA dele do banco traseiro de uma Mercedes roubada em Miami, o que sem sombra de dúvida o vincula aos assaltos a bancos praticados por Jerome Wild e Dodie Hodge. Eles dois têm vínculos com Detroit, o que torna possível que Jean-Baptiste tenha contatos nessa cidade. E em Miami. E aqui.”

“A indústria do jogo”, disse Lanier. “E talvez a do cinema.”

“A família Chandonne meteu a mão em tudo o que pudesse ser lucrativo”, disse Benton. “Entretenimento, jogo, prostituição, drogas, armas ilegais, pirataria de grifes, contrabando de todo tipo. Jean-Baptiste conhece bem tudo aquilo que se possa associar a crime organizado. Está na família dele. Em seu sangue. Ele teve cinco anos para se beneficiar de uma poderosa rede em função dos contatos da família. Teve acesso a dinheiro. Trabalhou em seu plano, seja ele qual for, e qualquer plano organizado exige recrutamento. Ele precisa de soldados. Se pretendia tentar recompor a família criminosa Chandonne, ou construir um império próprio, reinventar-se, recriar-se, ia precisar de muita gente, e escolheu mal. Um indivíduo com seu passado de maus-tratos, com sua história de psicopatologia e crimes extremamente violentos, não ia ter as qualidades necessárias para ser um líder perspicaz e bem-sucedido, pelo menos não por muito tempo. E ele é movido por suas compulsões sexuais violentas. É movido por vingança.”

A raiz do diagrama de árvore que se via na parede era Jean-Baptiste. O nome dele estava bem no meio da tela, e todos os outros nomes levavam a ele, direta ou indiretamente.

“Então temos Dodie Hodge e Jerome Wild ligados a ele.” Benton apontou o laser e o ponto vermelho se mexeu sobre esses nomes, à medida que ele os mencionava.

“Deveríamos acrescentar Hap Judd”, disse Berger, e ela estava diferente, extremamente triste. “Ele está vinculado a Dodie, por mais que diga que não tem mais nada a ver com ela.”

Berger não estava normal, e Benton não sabia o que tinha acontecido. Quando todos os demais estavam tomando café, ela tinha se sentado à mesa de um agente que não estava presente e fez uma ligação pelo telefone fixo. Daquele momento em diante tinha ficado muito quieta. Parou de dar ideias e opiniões, e deixou de contestar cada coisa que Lanier dizia. Benton pressentiu que isso não tinha nada a ver com jurisdição, com disputa de território, com briguinhas sobre quem ia assumir qual caso. Jaime Berger parecia derrotada. Parecia exausta.

“Supostamente, Hap procurou os conselhos espirituais dela durante algum tempo”, disse Berger num tom monocórdio. “Afirmou isso quando estive com ele esta madrugada. Diz que ela é uma chata, que liga para o escritório dele em Los Angeles a toda hora, e que ele foge dela.”

“Como foi que ele conheceu Dodie?”, Lanier quis saber.

“Aparentemente, ela dava aconselhamento espiritual e previa o futuro para Hannah Starr”, respondeu Berger. “Isso não é raro. Muitas celebridades, muita gente rica e influente, inclusive políticos, procuram conselho de pessoas que se apresentam como adivinhos, ciganas, bruxas, magos e profetas, farsantes em sua maioria.”

“Suponho que a maior parte deles não acabe como assaltantes de bancos”, disse Stockman.

“Você se surpreenderia com o que muitos deles acabam sendo”, disse Berger. “Roubo, extorsão, fraudes financeiras chegam naturalmente a quem exerce essa profissão.”

“Dodie Hodge esteve alguma vez na mansão dos Starr na Park Avenue?”, perguntou Lanier a Berger.

“Hap diz que sim.”

“Você considera Hap suspeito no caso Hannah Starr?”, perguntou O’Dell. “Ele sabe onde ela está, ou tem alguma coisa a ver com isso?”

“Acho que ele é o suspeito mais importante até agora”, disse ela, como se estivesse extenuada, quase alheia, talvez arrasada.

Não tinha nada a ver com cansaço. Era alguma outra coisa.

“Hap Judd deveria estar nessa parede, por causa de Dodie e por causa de Hannah.” Berger passava os olhos em torno da mesa, mas na verdade não se

comunicava com ninguém, quase como se estivesse se dirigindo a um corpo de jurados. “E Toni Darien também. Tem laços com o High Roller Lanes e possivelmente com Freddie Maestro, e deveríamos acrescentar o Hospital Park General, no Harlem, não muito distante do local onde o corpo de Toni foi encontrado, em frente à rua 110.”

Mais ramificações na tela plana: Hannah Starr ligada a Hap Judd, este ligado a Dodie e, indiretamente, a Jerome Wild. Todos esses vínculos conduziam a Toni Darien, ao High Roller Lanes e ao Hospital Park General, e voltavam à raiz, a Jean-Baptiste Chandonne. Berger falou do passado de Judd no hospital do Harlem, da jovem Farrah Lacy, depois voltou à ligação dele com os Starr, suas visitas à mansão da Park Avenue pelo menos uma vez para jantar e em outras ocasiões para fazer sexo. O’Dell interrompeu-a para lembrar que Rupe Starr não teria convidado um ator menor que não tinha mais de meio milhão de dólares para investir.

“Esses grandes jogadores como Rupe”, explicou O’Dell, “nem dirigem a palavra a uma pessoa que não tenha muito mais do que isso para investir.”

“Isso foi cerca de um ano antes da morte de Rupe Starr”, disse Berger. “Nessa altura, Hannah já estava casada com Bobby Fuller.”

“Talvez fosse uma dessas situações em que os parentes começam a tomar o lugar do chefe, começam a tocar as coisas do jeito que querem”, sugeriu Stockman.

“Sei que vocês olharam as contas de Hannah”, disse Berger, referindo-se ao FBI. “Por causa de informações que repassei, coisas que Lucy e eu descobrimos.”

Como se todo mundo soubesse quem era Lucy e, significativamente, quem era Lucy para Berger.

“Muita movimentação numa porção de bancos aqui e no exterior”, disse Stockman. “Começou há dois anos. E então, depois da morte de Rupe Starr, a maior parte do dinheiro se perdeu.”

“Hap afirma que estava em Nova York na véspera de Ação de Graças, quando Hannah desapareceu. No dia seguinte, viajou para Los Angeles. Vamos precisar de mandados de busca para a casa dele em TriBeCa. Devemos fazer isso sem perda de tempo. Ele diz que Hanna e Bobby nunca fizeram sexo”, prosseguiu Berger, sem nada da força que normalmente tinha na voz e nem um lampejo de seu humor cáustico. “Em suas palavras, nem uma só vez.”

“Ah, claro”, disse O’Dell com sarcasmo. “A história mais velha do mundo. Não tem fogo na lareira, você procura calor em outro lugar.”

“Hannah Starr era uma socialite, levava uma vida dissipada, ombro a ombro com ricos e famosos no país e no estrangeiro, mas nunca na mansão”, Berger continuou. “Sua vida era mais pública, possivelmente frequentava mais a coluna social do *Post* do que a sala de jantar da família, pois seu estilo e o de seu pai eram opostos. Suas prioridades eram nitidamente diferentes. Foi ela quem fez contato com Hap, segundo

ele. Encontraram-se no Monkey Bar. Pouco depois, ele foi convidado para um dos jantares de Rupe e tornou-se seu cliente. Hannah cuidava pessoalmente do dinheiro dele. Hap diz que Hannah tinha medo de Bobby.”

“Não foi Bobby quem esteve na cidade na noite em que Hannah desapareceu e no dia seguinte estava num avião”, disse Lanier, crítica.

“Certíssimo”, disse Berger, olhando para Benton. “Estou muito preocupada com o envolvimento de Hap com todas essas pessoas. E com suas predileções. Kay diz que Toni Darien foi morta trinta e seis horas antes que o corpo fosse abandonado no parque. Ela foi mantida em ambiente interno refrigerado, em algum lugar. Talvez agora isso esteja fazendo sentido.”

Mais nomes iam sendo acrescentados ao diagrama na parede.

“Warner Agee e Carley Crispin”, disse Benton a Stockman. “Eles deveriam estar ali.”

“Não temos nenhum motivo para pensar que Agee ou Carley tivessem alguma associação com qualquer das pessoas que pusemos na parede”, disse O’Dell.

“Sabemos que Carley é ligada a Kay”, disse Benton. “E eu estou ligado a Agee.”

O clique de teclas. Os nomes de Scarpetta e Benton apareceram na tela plana. Era horrível vê-los ali. Ligados a todos. Ligados à raiz, a Jean-Baptiste Chandonne.

Benton prosseguiu. “Com base no que Lucy e Kay acharam no quarto de hotel de Agee, suspeito que ele estivesse ligado ao ramo do jogo.”

Foi acrescentada a palavra *cassino* à parede.

“Ele estava usando seus interesses paranormais e sua influência para pesquisar alguma coisa, manipular alguma coisa.” *Paranormalidade* tornou-se mais uma ramificação do diagrama.

“Talvez com o patrocínio de um francês rico supostamente chamado Lecoq”, prosseguiu Benton, e o nome apareceu na parede. “Alguém... talvez esse Monsieur Lecoq... pagava a Agee em dinheiro. É possível que Freddie Maestro estivesse nessa também. Assim, Lecoq e Maestro poderiam estar ligados entre si, o que ligaria Detroit à França.”

“Não sabemos quem é Lecoq, nem se ele existe mesmo”, disse Lanier a Benton.

“Ele existe. Mas não sabemos quem é.”

“Você está pensando que esse Lecoq é o Lobisomem?”, perguntou O’Dell a Benton.

“Não vamos chamá-lo assim. Jean-Baptiste Chandonne não é um estereótipo. Não é um mito. É um homem que nesta altura dos acontecimentos pode ter um aspecto perfeitamente normal. Pode ter um monte de pseudônimos. Na verdade, deve ter mesmo.”

“Ele tem sotaque francês?” Stockman estava com seu laptop, acrescentando as ramificações que apareciam na tela.

“Ele pode falar com diferentes sotaques, ou com sotaque nenhum”, disse Benton. “Além do francês, ele é fluente em italiano, espanhol, português, alemão e inglês. Talvez agora até em outras línguas. Eu não sei.”

“Por que Carley Crispin?”, perguntou Stockman, trabalhando no diagrama. “E por que ela pagava pelo hotel de Agee? Ou era alguma outra pessoa canalizando o dinheiro por intermédio dela?”

“Provavelmente uma lavagem de dinheiro de pouca monta.” Lanier tomava notas. “Parece que temos vários casos aqui, embora em pequena escala. Pessoas pagando em dinheiro. Pessoas pagando a outras pessoas para que paguem a outras. Sem cartões de crédito, transferências bancárias ou cheques que deixem rastro. Pelo menos no caso de negócios que podem não ser vistos como legais.”

“Carley ia botá-lo para fora do hotel neste fim de semana.” Os olhos de Berger encontraram os de Benton, e estavam impenetráveis como pedra. “Por quê?”

“Posso propor uma teoria”, disse Benton. “Agee enviou a Carley uma informação que teria recebido de uma testemunha, e sabemos que era falsa. Ele materializou Harvey Fahley usando o serviço telefônico para surdos. Lucy encontrou a transcrição dessa e de outras conversas no computador de Agee. Os produtores do *Relatório Crispin* estão numa fria infernal por causa do que ela disse no ar a noite passada sobre o fato de um fio de cabelo de Hannah Starr ter sido achado num táxi amarelo. Um detalhe que Agee inventou numa entrevista por telefone falsificada, e Carley embarcou nessa. Ou lhe pareceu conveniente embarcar. Seja como for, ela não podia se permitir ter mais problemas com a rede além dos que já tinha.”

“Então ela o dispensou”, disse Lanier.

“Por que não o faria? Ela sabia que estava também a ponto de ser dispensada. Já não ia precisar de Agee, independentemente de quem fosse a pessoa que estivesse pagando pelo hotel dele. Pode haver um elemento pessoal”, disse Benton. “Não sabemos o que Carley disse a Agee quando ligou para ele da CNN por volta das onze da noite passada. Ao que parece, foi a última ligação que ele recebeu.”

“Temos de falar com Carley Crispin”, disse Stockman. “Muito ruim, a morte de Agee. Está me parecendo que ele poderia ser a chave de tudo.”

“O que ele fez foi de uma burrice sem igual”, disse O’Dell. “Ele era um psiquiatra forense. Devia saber disso. Esse Harvey Fahley ia negar que tivesse falado com ele.”

“Já fez isso”, Berger disse. “Falei com a detetive Bonnell enquanto tomávamos café. Ele falou com ela depois do programa de ontem. Ele admitiu ter enviado um e-mail para Agee, mas disse que nunca conversou com ele nem disse nada a respeito de um fio de cabelo de Hannah.”

“A gravação dos telefonemas de Harvey Fahley pode mostrar se ele falou com Agee...”, começou a dizer O’Dell.

“A ligação foi feita de um celular descartável que desapareceu”, interrompeu Benton. “Agee tinha uma gaveta cheia de embalagens vazias de celulares descartáveis. Acho que a entrevista com Fahley foi falsificada, e Lucy também acha. Mas duvido que a intenção consciente de Agee fosse ser mandado embora.”

“Uma intenção inconsciente”, Lanier sugeriu.

“É o que penso.” Benton acreditava que Warner Agee estava pronto para a autodestruição. “Duvido muito que a ideia de suicídio só tenha passado pela cabeça dele ontem, pela primeira vez. Seu flat em Washington está a ponto de ser arrestado. Seus cartões de crédito estão vencidos. Ele depende de outras pessoas para injeções de dinheiro vivo, é um parasita que não tem nada a esperar além de suas limitações e de seus demônios, e parece que ficou enrolado com algo além de suas possibilidades de controle e provavelmente sabia que ia ser apanhado.”

“Outro recrutamento que resultou numa má escolha”, disse Lanier para todos, mas olhando para Benton. “Você acha que Jean-Baptiste sabia?”

“De quê?” Benton fuzilou de raiva. “Se sabia que Agee fez o que pôde para que eu fosse exilado de minha vida e que minha recompensa foi ter sido afastado do FBI? Que ele só foi capaz de fazer isso por causa dos Chandonne?”

Silêncio na sala de conferência do FBI.

“Se eu penso que ele se encontrava com Jean-Baptiste, que de alguma forma eles eram próximos? Penso que sim”, disse Benton. “Agee era um arrivista que teria desejado profundamente conversar com o chamado monstro Jean-Baptiste Chandonne, e teria se sentido atraído por ele mesmo sem saber quem era, no suposto caso de que Agee o tenha conhecido com um pseudônimo. Teria sido atraído pela psicopatologia de Jean-Baptiste, pela perversidade que emana dele, e esse teria sido o maior dos erros que Warner Agee cometeu na porra da vida dele.”

“Obviamente”, disse Lanier depois de uma pausa. “Por isso está no necrotério enquanto conversamos.”

“O Hotel Elysée fica bem perto da mansão de Starr na Park Avenue.” Berger parecia calma, demasiado calma. “Três ou quatro quadras. Do hotel até a mansão são cinco ou dez minutos a pé.”

Stockman digitou alguma coisa e apareceram na tela o Hotel Elysée e a mansão dos Starr, os dois ramos mais novos da árvore.

“E você precisa pôr o nome de Lucy Farinelli ali”, disse Berger. “O que significa que deve pôr o meu também. Não só porque estamos investigando o desaparecimento de Hannah e entrevistamos o marido dela e Hap Judd, mas porque estou ligada a Lucy. Ela foi cliente de Rupe Starr. Durante mais de dez anos. É difícil imaginar que ela nunca tenha se encontrado com Hannah e possivelmente com Bobby.”

Benton não sabia do que ela estava falando nem onde tinha conseguido a

informação. Buscou o olhar dela para fazer a pergunta, porque não queria fazê-la em voz alta, e o olhar insistente que ela lhe devolveu foi a resposta. Não. Lucy não tinha lhe contado. Berger tinha descoberto isso de alguma outra maneira.

“Fotos”, disse Berger a todos. “Álbuns encadernados em couro na sala de livros raros de Rupe Starr. Festas e jantares com clientes ao longo de anos. Ela está num desses álbuns. Lucy.”

“Quando foi que você descobriu isso?”, perguntou Benton.

“Há três semanas.”

Se ela sabia disso havia tanto tempo, a súbita mudança de comportamento se devia a algo mais. Bonnell deve ter dado pelo telefone alguma outra informação ainda mais desconcertante.

“Mil novecentos e noventa e seis. Ela tinha vinte anos, ainda estava na faculdade. Não vi fotos dela em nenhum outro álbum, talvez porque ela tenha se tornado agente do FBI depois da faculdade e passou a ser extremamente cuidadosa no que se refere a frequentar grandes festas e jantares, e certamente não permitia que a fotografassem”, prosseguiu Berger. “Como vocês sabem, depois que o desaparecimento de Hannah foi denunciado por seu marido, Bobby, pedimos autorização para colher objetos pessoais e DNA na casa da Park Avenue, e eu pedi para falar com ele.”

“Ele estava na Flórida quando ela desapareceu, certo?”, disse O’Dell.

“Na noite em que ela não voltou depois de ir ao restaurante”, disse Berger, “Bobby estava no apartamento deles em Miami Beach norte, e confirmamos isso com os e-mails enviados pelo endereço IP do computador do apartamento. Além disso, temos gravações telefônicas e o depoimento da governanta, Rosie. Ela foi interrogada. Eu mesma falei com ela pelo telefone, e ela confirmou que Bobby estava lá na noite de 26 de novembro, véspera de Ação de Graças.”

“Você tem certeza de que foi Bobby quem mandou os e-mails e fez as ligações telefônicas?”, perguntou Lanier. “Como é que você sabe que não foi Rosie quem fez isso e mentiu para proteger o patrão?”

“Não tenho causa provável, nem sequer uma razoável suspeita para submetê-lo a vigilância em circunstâncias em que não há evidência alguma de atividade criminosa por parte dele”, disse Berger, sem nenhuma inflexão na voz. “Significa que confio nele? Não confio em ninguém.”

“Sabemos o que há no testamento de Hannah?”, perguntou Lanier.

“Ela era a única filha de Rupe Starr, que deixou tudo para ela ao morrer, em maio”, Berger respondeu. “Ela reviu seu próprio testamento pouco depois. Se morrer, vai tudo para uma fundação.”

“Então ela deixou Bobby de fora. Não lhe parece um pouco estranho?”, disse Stockman.

“O melhor pacto antenupcial que uma pessoa pode fazer é garantir que o cônjuge não possa tirar proveito de traí-la ou matá-la”, respondeu Berger. “E agora isso já não importa. Hannah Starr tinha alguns milhões em ativos e um monte de dívidas. Ao que tudo indica, perdeu quase tudo em setembro, no mercado financeiro e em esquemas de pirâmide e tudo o mais.”

“Ela provavelmente está num iate no Mediterrâneo, fazendo as unhas em Cannes ou Monte Carlo”, disse Lanier. “Então Bobby fica sem nada. Que impressão você teve dele? Além de sua natural inclinação para não confiar em ninguém.”

“Extremamente perturbado”, disse Berger, sem se dirigir a ninguém em particular. Continuava falando para a mesa, como se estivesse num tribunal. “Extremamente preocupado, estressado, quando falei com ele na casa deles. Está convencido de que ela foi vítima de violência, que ela nunca teria ido embora e nunca o teria deixado. Eu estava disposta a levar essa possibilidade muito a sério até que Lucy descobriu a informação financeira da qual todos vocês estão cientes.”

“Voltemos à noite do desaparecimento de Hannah”, disse O’Dell. “Como Bobby ficou sabendo que ela tinha sumido?”

“Ele tentou ligar para ela, o que está registrado em gravações telefônicas que ele nos entregou”, disse Berger. “No dia seguinte, Ação de Graças, Hannah deveria pegar um jatinho para Miami, onde passaria o fim de semana prolongado com ele para depois ir a Saint Barts.”

“Sozinha?”, quis saber Stockman. “Ou iriam os dois?”

“Sozinha”, respondeu Berger.

“Então ela estava a ponto de se mandar do país”, disse Lanier.

“Foi o que imaginei”, disse Berger. “Mas se fez isso, não foi em seu jatinho privado, o Gulfstream. Ela nunca apareceu no fbo de White Plains.”

“Isso foi o que Bobby lhe disse?”, perguntou Benton. “Sabemos se isso é verdade?”

“Foi ele quem disse, e há uma lista de passageiros do voo. Ela não se apresentou no fbo. Não embarcou no jatinho e tampouco estava na lista de passageiros do voo para Saint Barts”, respondeu Berger. “Também não atendia ao telefone. Sua governanta de Nova York...”

“O nome dela é?”, quis saber Lanier.

“Nastya.” Ela soletrou o nome, que apareceu na parede. “Mora na mansão e, segundo disse, Hannah não voltou para casa depois de jantar no Village no dia 26 de novembro. Mas aparentemente não havia motivo para chamar a polícia. Ela às vezes não voltava. Tinha ido a um jantar de aniversário. No restaurante One if by Land, Two if by Sea, na rua Barrow. Esteve com um grupo de amigos e teria sido vista pegando um táxi amarelo quando todos saíram do restaurante. É o que sabemos até agora.”

“Bobby sabia que ela lhe punha chifres?”, perguntou O’Dell.

“Ficavam juntos de modo muito espaçado, como diria Bobby. Não sei o que ele sabe”, disse Berger. “Talvez o que Hap disse seja verdade. Bobby e Hannah eram parceiros de negócios mais do que qualquer outra coisa. Ele diz que a ama, mas isso é o que se ouve sempre.”

“Em outras palavras, eles tinham um acordo. Talvez ambos pulassem a cerca. Ele tem grana, não tem?”, disse O’Dell.

“Tem grana, mas não no nível dela. Vem de uma família próspera da Califórnia, estudou em Stanford, obteve um mba por Yale, era um bem-sucedido gerente de negócios, envolvido em diversos fundos, um deles no Reino Unido, outro em Mônaco.”

“Esses caras de fundos de hedge. Quero dizer que alguns deles estão ganhando centenas de milhões”, disse O’Dell.

“Muitos deles já não estão, alguns até foram para a cadeia. Qual é a de Bobby?”, perguntou Stockman a Berger. “Perdeu até as calças?”

“Como muita gente, ele contava com a alta nos preços das ações de energia e mineração e a queda dos papéis do setor financeiro. Foi isso o que ele me disse”, ela respondeu.

“E aí, em julho, a maré virou”, disse Stockman.

“O que ele chamou de banho de sangue”, disse Berger. “Ele não pode mais bancar o estilo de vida a que se acostumou desde pequeno sem a fortuna dos Starr, isso é certo.”

“Então o que houve entre eles foi mais uma fusão do que um casamento”, disse O’Dell.

“Não posso afirmar nada sobre seus sentimentos. Quem sabe a verdade sobre o que as pessoas sentem?”, disse ela, sem um traço de emoção. “Ele parecia perturbadíssimo quando falei com ele, quando me encontrei com ele. Diz que quando ela não apareceu para embarcar, no dia de Ação de Graças, ele entrou em pânico, chamou a polícia, e a polícia fez contato comigo. Bobby diz que temia que sua mulher tivesse sido vítima de violência e afirmou que ela já sofreu assédio no passado. Foi para Nova York, encontrou-se conosco na casa, percorreu-a toda conosco, e foi quando levamos uma escova de dentes de Hannah para o DNA para o caso de ser necessário. Supondo-se que apareça um corpo em algum lugar.”

“Os álbuns de fotos.” Benton ainda pensava em Lucy e se perguntava que outros segredos ela guardaria. “Por que ele os mostrou a você?”

“Perguntei sobre os clientes de Hannah, se um deles poderia tê-la como alvo. Ele disse que não sabia quem eram a maior parte dos clientes do pai dela, Rupe Starr. Bobby sugeriu que nós...”

“Nós quem?”

“Marino estava comigo. Bobby sugeriu que olhássemos os álbuns porque Rupe tinha o hábito de entreter os novos clientes em sua mansão, era mais uma iniciação do que um convite. Se você não fosse jantar, ele não fazia negócio. Queria manter um relacionamento com os clientes, e parece que conseguia.”

“Você viu uma foto de Lucy de 1996”, disse Benton, imaginando como Berger teria se sentido. “Marino a viu também?”

“Eu a reconheci na foto. Marino não estava na biblioteca comigo nesse momento. Ele não viu.”

“Você perguntou a Bobby sobre isso?” Benton não ia perguntar por que ela ocultou essa informação de Marino.

Ele achava que sabia. Berger esperava que Lucy lhe dissesse a verdade, que não teria de pô-la contra a parede. Obviamente, Lucy não disse nada.

“Não mostrei a foto a Bobby, nem disse nada”, Berger disse. “Ele não teria reconhecido a Lucy daquele tempo. Hannah e Bobby estavam juntos havia menos de dois anos.”

“O que não quer dizer que nunca tenha ouvido falar de Lucy”, disse Benton. “Hannah poderia ter mencionado o nome dela. Eu ficaria surpreso se isso não tivesse acontecido. Quando vocês estavam na biblioteca, Jaime, vocês escolheram aquele álbum em especial entre as dezenas que Rupe Starr devia ter na estante?”

“Dezenas de álbuns”, disse ela. “Bobby pôs uma pilha deles na mesa para mim.”

“Alguma possibilidade de que ele quisesse que você encontrasse a foto de Lucy?” Benton teve um de seus pressentimentos outra vez. Alguma coisa em suas entranhas estava mandando uma mensagem.

“Ele pôs os álbuns sobre a mesa e saiu da biblioteca”, Berger respondeu.

Era um jogo. E um jogo cruel, se é que Bobby tinha planejado aquilo, Benton pensou. Se soubesse da vida privada de Berger, saberia que ela ficaria perturbada ao descobrir que sua parceira, sua perita em computação forense, tinha estado na mansão de Starr, tinha convivido com aquela gente e não lhe dissera nada a respeito.

“Se não se importa com minha pergunta”, disse Lanier a Berger, “por que você permitiu que Lucy assumisse a computação forense dessa investigação se ela tinha laços com a suposta vítima? Na verdade, com toda a família Starr?”

Berger não respondeu de pronto. “Eu estava esperando que ela explicasse isso”, disse por fim.

“E qual é a explicação?”, perguntou Lanier.

“Ainda estou esperando.”

“O.k. Isso pode se tornar um problema de percurso”, disse Stockman. “Se isso chegar ao tribunal.”

“Considero que é um problema agora.” O rosto de Berger estava carregado. “Um problema muito maior do que posso descrever.”

“Onde está Bobby agora?”, perguntou Lanier a Berger, num tom mais delicado do que usara até então.

“Parece que está de volta à cidade”, disse Berger. “Manda e-mails para Hannah. Todos os dias.”

“Isso é maluquice”, disse O’Dell.

“Maluquice ou não, é o que ele está fazendo. Sabemos disso porque estamos monitorando a conta de e-mail dela, é claro. Mandou um e-mail para ela ontem, tarde da noite, dizendo que tinha ouvido falar em algum desdobramento do caso e estaria voltando a Nova York hoje bem cedo. Espero que já esteja aqui a esta hora.”

“A menos que o cara seja um imbecil, deve suspeitar que alguém está monitorando os e-mails dela. Me leva a desconfiar que está fazendo isso por nossa causa”, disse O’Dell.

“Foi o que primeiro me veio à cabeça”, disse Lanier.

Jogos, Benton pensou, e a sensação de desconforto se agravou.

“Não sei de que ele suspeita. Aparentemente, espera que Hannah esteja viva em algum lugar, lendo os e-mails que ele lhe envia”, disse Berger. “Estou dando por certo que ele saiba o que aconteceu ontem à noite no *Relatório Crispin*, sobre o fio de cabelo de Hannah supostamente encontrado num táxi. E que esse é o motivo pelo qual está voltando para cá às pressas.”

“É o mesmo que ouvir dizer que ela está morta. Malditos repórteres”, disse Stockman. “Fazem qualquer coisa pelos índices de audiência e não dão a menor importância ao que podem causar às pessoas cujas vidas eles destroem.” E para Benton: “Ela disse mesmo isso sobre nós? Você sabe, sobre o FBI, sobre as técnicas de perfilação serem antiquadas?”.

Stockman falava de Scarpetta e do que saiu no painel da CNN e em toda a internet na noite anterior.

“Acho que ela foi mal interpretada”, disse Benton calmamente. “Acho que ela quis dizer que os velhos tempos já passaram e nunca foram assim tão bons.”

Os pelos eram longos e ásperos, com quatro listras pretas e brancas ao longo de uma haste que terminava em ponta.

“Você pode fazer DNA quando quer confirmar uma espécie”, Geffner falava pelo viva-voz. “Conheço um laboratório na Pensilvânia, o Mitotyping Technologies, especializado em determinação de espécies de animais. Mas desde já posso lhe dizer o que tenho aqui. É um lobo, o lobo das grandes planícies, uma subespécie do lobo cinzento.”

“Não é cachorro, tudo bem, se você está dizendo. Reconheço que me parece pelo de pastor-alemão”, disse Scarpetta, sentada a uma estação de trabalho onde podia ver as imagens que Geffner lhe enviava.

Em frente a ela, Lucy e Marino controlavam o que estava acontecendo nos MacBooks, e, de onde estava, Scarpetta podia ver os dados que estavam sendo acrescentados a diagramas e mapas.

“Você não encontraria essa pelagem listrada num pastor-alemão”, disse Geffner.

“E os pelos acinzentados mais finos que estou vendo?”, perguntou Scarpetta.

“Misturados com os pelos grossos. É a pelagem interna. Sabe a boneca de vudu que foi colada na frente do cartão? Era recheada de pelos, externos e internos, com alguns resíduos misturados, talvez um pouco de cocô, folhas secas e coisas assim. Indica que o pelo não foi processado, veio provavelmente de seu hábitat natural, talvez de um covil. Não examinei todo o pelo que me foi enviado, é claro. Mas meu palpite é que se trata, todo ele, de pelo de lobo. Pelos das camadas interna e externa.”

“Onde pode ter sido conseguido?”

“Fiz algumas pesquisas e concluí que há algumas fontes possíveis”, disse Geffner. “Áreas de preservação, santuários de lobos, jardins zoológicos. Em Salem, Massachusetts, há uma loja de artigos de bruxaria chamada Hex que também vende pelo de lobo.”

“Na rua Essex, dentro da área histórica”, disse Scarpetta. “Já estive lá. Tem muitos óleos e velas bacanas. Nada de magia negra, nada de maligno.”

“Não é preciso ser maligno para ser usado para o mal, suponho”, disse Geffner. “A Hex vende amuletos, poções e pelo de lobo que vem em bolsinhas de seda dourada. Diz-se que protege e tem propriedades curativas. Duvido que alguma coisa vendida dessa forma tenha sido processada, portanto o pelo de lobo pode ter vindo de uma loja de magia.”

Lucy olhava para Scarpetta do outro lado da sala, como se estivesse encontrando

alguma coisa importante que Scarpetta ia querer ver.

Como Geffner explicou: “Os lobos têm duas camadas de pelo. A camada interna, composta de pelos macios e lanosa, tem função isolante. É o que eu chamo de pelo de preenchimento. A camada externa é formada por pelos grossos e resistentes que repelem água e sujeira, com a pigmentação que você viu na imagem que mandei. A diferença entre as espécies está na cor. O lobo das grandes planícies não é nativo desta área e sim do Meio-Oeste, principalmente. E normalmente não aparecem pelos de lobo em casos criminais. Não aqui em Nova York”.

“Nunca me apareceu, creio”, disse Scarpetta. “Nem aqui nem em parte alguma.”

Lucy e Marino, vestidos com suas roupas de proteção, se levantavam e conversavam nervosamente. Scarpetta não conseguia ouvir o que estavam dizendo. Alguma coisa estava acontecendo.

“Eu já vi, por alguma razão”, disse Geffner com calma em sua voz de tenor. Não havia muita coisa que o surpreendesse. Fazia muitos anos que ele rastreava criminosos pelo microscópio. “As porcarias na casa das pessoas. Você já observou cotões ao microscópio? Mais interessante que astronomia, todo um universo de informação sobre as pessoas e as coisas que entram e saem da residência de uma pessoa. Todo tipo de cabelos e pelos.”

Marino e Lucy olhavam os diagramas que rolavam na tela dos MacBooks.

“Merda”, disse Marino em voz alta, e seus óculos de segurança estavam voltados para Scarpetta. “Doutora? É melhor que veja isto.”

A voz de Geffner continuava. “Tem gente que cria lobos ou, principalmente, híbridos, uma mistura de lobo com cachorro. Mas pelo de lobo autêntico, sem processamento, numa boneca de vudu? É mais provável que isso tenha a ver com o tema ritualístico da bomba. Tudo o que estou encontrando indica que isso tem a ver com magia negra, embora o simbolismo seja confuso e um tanto contraditório. Os lobos não são maus. Só que o resto é, inclusive os explosivos, os petardos, que poderiam ter machucado você ou outra pessoa, poderiam ter causado danos reais.”

“Não sei o que vocês encontraram.” Scarpetta estava lembrando a ele que tudo o que ela sabia até o momento era que aquilo que Marino supusera ser pelo de cachorro — e agora estava sendo identificado como pelo de lobo — tinha sido recuperado dos estilhaços da bomba.

Do outro lado do laboratório, rolavam mapas na tela de um dos MacBooks. Mapas de ruas. Mapas fotográficos, de relevo, mapas topográficos.

“De início, isso é tudo o que posso dizer.” Era a voz de Geffner. “O cheiro horrível, que cheiro! Como uma espécie de piche, uma espécie de merda, se perdoa meu francês. Você conhece a assa-fétida?”

“Não faço comida indiana, mas sei o que é. Uma erva conhecida pelo cheiro nauseabundo.”

Marino se aproximou de Scarpetta, com o material de sua roupa de proteção roçando. “Ela usava aquilo o tempo todo.”

“Ela usava o quê?”, perguntou Scarpetta.

“O relógio e um daqueles sensores.” A parte do rosto dele que se via entre a máscara e a touca estava vermelha e suada.

“Desculpe”, disse ela a Geffner. “Sinto muito. Estou fazendo vinte coisas ao mesmo tempo. O que você disse sobre o diabo?”

“Há um motivo para que ela seja chamada de esterco do diabo”, Geffner repetiu, “e talvez possa lhe interessar saber que os lobos, ao que parece, são atraídos pelo cheiro da assa-fétida.”

Som de passos amassando papel. Era Lucy andando pelo piso de cerâmica branca até uma estação de trabalho, checando várias conexões e desligando da tomada um grande monitor de tela plana. Foi até outra estação de trabalho e desligou o monitor.

“Alguém se deu ao trabalho de moer assa-fétida e qualquer coisa parecida com asfalto e misturou isso com um óleo translúcido, como óleo de uva, óleo de linhaça.”

Lucy levou os monitores para onde estava Scarpetta e colocou-os na mesa dela. Plugou os monitores num hub e as telas começaram a se iluminar. Imagens confusas, que depois ficavam mais definidas, iam rolando devagar. O som farfalhante de Lucy, que voltava a seus MacBooks, até onde estava Marino, os dois conversando. Scarpetta entreouviu as palavras *Lento pra cacete e que bagunça*. Lucy estava irritadíssima.

“Vou determinar a massa específica do gás por cromatografia”, ia dizendo Geffner. “Espectroscopia no infravermelho com transformada de Fourier. Mas até agora, com o microscópio...”

Diagramas e mapas e imagens capturadas rolando na tela. Sinais vitais, datas e horas. Movimentação e exposição à luz ambiente. Scarpetta deu uma olhada nos dados do BioGraph e examinou o arquivo que se abria na tela que tinha diante de si. Imagens microscópicas: lascas metálicas enroladas, cobertas de uma camada de ferrugem, e algo semelhante a fragmentos de projéteis.

“Sem sombra de dúvida, são aparas de ferro”, ouviu-se a voz de Geffner. “São identificadas visualmente e com o emprego de um ímã. Misturadas a elas, há partículas cinzentas opacas, também pesadas. Foram ao fundo de um tubo com água. Chumbo, talvez.”

Sinais vitais de Toni Darien, locais onde esteve, o tempo, datas e horas, tudo registrado a cada quinze segundos. Às 14h12 da última terça-feira, 16 de dezembro, a temperatura era de vinte e um graus Celsius, a intensidade da luz branca ambiente era de quinhentos lux, típica da iluminação de interiores, sua oximetria de pulso estava em noventa e nove por cento, seu ritmo cardíaco em sessenta e quatro

batimentos por minuto, ela se deslocava cinco passos a cada quinze segundos e estava em seu apartamento da Segunda Avenida. Estava em casa, acordada e caminhando. Supondo que fosse ela a única pessoa a usar o BioGraph. Scarpetta ia partir dessa hipótese.

Geffner continuava no viva-voz. “Vou testar com espectroscopia por fluorescência de raios X. Fragmentos de quartzo com certeza, o que eu esperaria encontrar com o asfalto pulverizado. Encostei uma agulha de tungstênio quente no material pastoso marrom-escuro e preto para testar se amolecia, e foi o que ocorreu. Tem cheiro característico de asfalto/petróleo.”

Foi o cheiro que Scarpetta sentira quando carregava a caixa do FedEx para cima. Assa-fétida e asfalto. Ela observou os diagramas e mapas que rolavam na tela devagar. Acompanhou a jornada de Toni Darien que a levaria para a morte. Às 14h15 de 16 de dezembro, ela acelerou o passo e a temperatura caiu para quatro graus Celsius. A umidade do ar era de oitenta e cinco por cento, a luz ambiente de oitocentos lux, vento nordeste. Ela estava ao relento, fazia frio e o céu estava encoberto. A oximetria do pulso continuava em noventa e nove por cento mas os batimentos cardíacos começaram a aumentar: 65, 67, 70, 85, subindo à medida que os minutos passavam. Ela seguia pela rua 86 Leste, sentido leste-oeste, a um ritmo de trinta e três passos a cada quinze segundos. Toni estava correndo.

Geffner explicava. “Vejo algo que poderia ser pimenta-do-reino em pó, com propriedades físicas e morfologia características de pimenta-preta, branca e rosa. Vou confirmar com a análise por gc-ms. Assa-fétida, ferro, chumbo, pimenta, asfalto. Ingredientes de uma poção que deve ser um feitiço.”

“O que Marino chama de bomba de fedor.” Scarpetta conversava com Geffner e ao mesmo tempo seguia Toni Darien pela rua 86 Leste.

No momento em que ela virou para o sul, na Park Avenue, mantinha a oximetria de pulso em noventa e nove por cento e seu ritmo cardíaco chegava a 123 batimentos por minuto.

“Ritual de magia negra, mas não consigo encontrar nada que identifique alguma seita ou religião específica”, ia dizendo Geffner. “Não é *palo mayombe* nem *santería*, nada do que vi lembra o que eu associo com rituais ou bruxarias dessas seitas. Só sei que sua poção não deveria lhe trazer sorte, o que me conduz a uma contradição. Os lobos são tidos como benéficos, com grande poder de restabelecer a paz e a harmonia, além de terem propriedades curativas e trazerem boa sorte na caça.”

Às 15h4min30, Toni cruzou a rua 63, ainda correndo pela Park Avenue em direção ao sul. A intensidade da luz ambiente era de menos de setecentos lux, e a umidade relativa do ar estava em cem por cento. O céu se mostrava ainda mais encoberto e chovia. A oximetria de pulso continuava igual, os batimentos passaram a cento e

quarenta. Grace Darien tinha dito que Toni não gostava de correr com mau tempo. Mas ela estava fazendo isso, correndo no frio e na chuva. Por quê? Scarpetta continuava olhando os dados, Geffner continuava falando.

“A única relação que vejo com bruxaria é a palavra da língua navajo para ‘lobo’, mai-coh, que significa bruxa. Uma pessoa que pode se transformar em outra, ou em alguma coisa, se vestir uma pele de lobo. Segundo o mito, as bruxas e lobisomens mudam de forma para poder circular sem serem identificados. E os índios pawnees usavam peles de lobo para proteger seus tesouros e em várias cerimônias mágicas. Procurei saber o que pude enquanto levávamos as coisas de um lado para outro. Não quero que você pense que sou o maior especialista do mundo em maldições, fórmulas mágicas e crendices.”

“Acho que o problema será descobrir se foi a mesma pessoa que mandou o cartão musical.” Olhando os dados rolando na tela, Scarpetta pensava na antiga paciente de Benton, Dodie Hodge.

Oximetria de pulso igual, mas o batimento cardíaco estava caindo. Na esquina da Park Avenue com a rua 58 Leste ela deve ter parado de correr. Foi para 132, 131, 130, e continuou caindo. Ela caminhava na chuva pela Park Avenue rumo ao sul. Eram 15h11.

“Acho que a questão é saber o que a pessoa que fez sua bomba de fedor tem a ver com o assassinato de Toni Darien”, disse Geffner.

“Você pode repetir, por favor?” Scarpetta olhava para uma tela de gps capturada pelo BioGraph de Toni Darien às 15h14 da tarde da última terça-feira. Uma flecha vermelha no mapa topográfico apontava um endereço na Park Avenue.

A mansão de Hannah Starr.

“O que foi que você disse a respeito de Toni Darien?”, perguntou Scarpetta, olhando novas telas capturadas de gps, achando que estava interpretando mal, mas não estava.

A corrida de Toni Darien a levava ao endereço dos Starr. Era por isso que ela estava correndo com mau tempo. Ia encontrar alguém.

“Mais pelo de lobo”, disse Geffner. “Fragmentos de pelos externos.”

Oximetria de pulso noventa e nove por cento. Batimentos cardíacos, oitenta e três, caindo. As telas de gps capturadas se sucediam e, à medida que os minutos passavam, o ritmo cardíaco de Toni diminuía, até voltar ao repouso. O ruído das sapatilhas na cerâmica. Marino e Lucy estavam se aproximando.

“Você viu onde ela está?” O olhar de Lucy era penetrante, através dos óculos de segurança. Ela queria ter certeza de que Scarpetta tinha entendido o significado dos dados do gps.

“Estou longe de terminar a análise do que você mandou a respeito do caso Darien.” A voz de Geffner ecoava no laboratório de treinamento. “Mas misturados

às amostras que você enviou ontem, há fragmentos de pelo de lobo, pelo externo, fragmentos microscópicos semelhantes aos que vi quando examinei o pelo que estava na boneca de vudu. Branco, preto, duro. Posso não ter sido capaz de identificá-lo como pelo de lobo porque não estava intacto, mas passou pela minha cabeça. De lobo ou de cachorro. Mas depois de ver o que veio com sua bomba... É o que estou pensando que é. Na verdade, poderia apostar que é.”

Marino franziu o cenho, estava muito agitado ao perguntar: “Você está dizendo que não é pelo de cachorro. É pelo de lobo nos dois casos? No caso de Toni Darien e no caso da bomba?”.

“Marino?” Geffner parecia confuso. “É você?”

“Estou aqui no laboratório com a doutora. De que diabos você está falando? Tem certeza de que não trocou as bolas?”

“Vou fazer de conta que você não disse isso. O laboratório de DNA de que eu lhe falava, doutora Scarpetta?”

“Concordo”, ela respondeu. “Precisamos identificar as subespécies de lobo, ter certeza de que se trata de lobos das grandes planícies nos dois casos.”

Ela o ouvia e olhava os dados. Temperatura de três graus, umidade relativa do ar noventa e nove por cento, batimento cardíaco setenta e sete. Dois minutos e quinze segundos depois, às 15h17, a temperatura vai a vinte graus e a umidade a trinta por cento: Toni Darien estava na casa de Hannah Starr.

A detetive Bonnell estacionou diante de uma mansão de pedra calcária que a Berger lembrava Newport, Rhode Island, enormes monumentos de uma época em que a riqueza astronômica dos Estados Unidos se baseava em carvão, algodão, prata e aço, mercadorias palpáveis que praticamente já não existiam.

“Não consigo entender.” Bonnell olhava a fachada de calcário de uma residência que ocupava a maior parte de uma quadra a poucos minutos a pé da Central Park Sul. “Oitenta milhões de dólares? Quem tem tanto dinheiro?” Sua expressão era uma mescla de reverência e repugnância.

“Bobby já não tem”, disse Berger. “Pelo menos que se saiba. Suponho que vai ter de vendê-la, e ninguém vai comprar a menos que seja um xeique de Dubai.”

“Ou se Hannah aparecer.”

“Ela e a fortuna da família desapareceram há muito. De uma forma ou outra”, disse Berger.

“Jesus.” Bonnell olhava para a mansão e para os carros e pedestres que passavam. Olhava para tudo menos para Berger. “Isso me faz pensar que na verdade não estamos no mesmo planeta que certa gente. Minha casa no Queens? Eu não saberia como é morar num lugar em que não se ouvem imbecis gritando, carros buzinando e sirenes apitando de manhã, de tarde e de noite. Semana passada me apareceu um rato. Correu pelo chão do banheiro e desapareceu atrás da privada, e

não consigo tirar isso da cabeça toda vez que entro lá, se é que você entende o que quero dizer. Acho que não é verdade que eles vêm do esgoto.”

Berger soltou o cinto de segurança e tentou falar com Marino pelo BlackBerry mais uma vez. Ele não estava atendendo, nem Lucy. Se ainda estivessem no prédio do DNA, poderiam ter ficado sem sinal, ou ter sido proibidos de usar o celular, dependendo do laboratório ou da área de trabalho em que estivessem. As dependências de ciências biológicas forenses do Instituto Médico Legal deveriam ser as maiores e mais sofisticadas do mundo. Marino e Lucy poderiam estar em qualquer ponto delas, e Berger não queria pedir à mesa telefônica que os localizasse.

“Estou indo para a entrevista na Park Avenue”, mais uma mensagem que ela deixou para Marino. “Posso não estar em condições de atender quando você chamar. Me pergunto o que foi que vocês encontraram no laboratório.”

A voz dela soou fria, grave, de poucos amigos. Ela estava brava com Marino e não sabia bem o que sentia em relação a Lucy, se tristeza ou raiva, amor ou ódio, ou alguma coisa além, algo um pouco como a morte. Ou pelo menos até onde Berger sabia sobre a morte. Imaginava que fosse como escorregar despenhadeiro abaixo, segurando-se até não poder mais, e na descida ir pensando em quem jogar a culpa. Berger culpava Lucy e se culpava. Negação, fazer vista grossa, talvez a mesma coisa que Bobby estava fazendo ao continuar enviando e-mails diários a Hannah.

Fazia três semanas que Berger ficara sabendo das fotos tiradas em 1996, na mesma mansão em que agora ela e Bonnell estavam a ponto de entrar, e sua reação tinha sido embarcar na evasiva, apressar o passo e fugir daquilo com que não conseguia lidar. Se alguém sabia alguma coisa sobre a falsidade e seus descaminhos era Berger. Ela falava com pessoas esquivas e insinceras o tempo todo, mas isso não fazia diferença — saber não resolve nada quando o que você sabe é que vai sofrer, que vai perder tudo — e ela tinha ido em frente, firme e forte, até aquela manhã. Até que Bonnell a localizara no escritório executivo do FBI para lhe passar a informação que ela achava que a promotora devia ter.

“Só vou lhe dizer uma coisa antes de entrarmos”, disse Berger. “Não sou fraca, nem covarde. Ver umas fotos feitas há doze anos é uma coisa. O que você me contou é outra. Eu teria motivos para acreditar que Lucy conheceu Rupe Starr quando estava na faculdade, mas nenhuma razão para crer que estivesse financeiramente envolvida com Hannah há apenas seis meses. Agora as coisas mudaram, e vamos agir de acordo com isso. Quero que você ouça isso pessoalmente, porque você não me conhece. E esta não é uma boa maneira de começar.”

“Eu não quis sugerir alguma coisa ilegal.” Bonnell tinha dito isso várias vezes. “Mas e o que Lucy encontrou no quarto de Warner Agee, no computador dele? Agora isso tem a ver com meu caso, porque ele se fez passar por minha testemunha,

Harvey Fahley. E não sabemos aonde vamos chegar, em que essas pessoas todas estão metidas, principalmente no que se refere às implicações com o crime organizado e ao que você me contou sobre o francês portador de um transtorno genético.”

“Você não precisa se explicar.”

“Não é que eu quisesse me intrometer, ou estivesse curiosa, e por isso tenha abusado de minhas prerrogativas como policial. Eu não teria consultado o cctr se não me preocupasse sinceramente com a credibilidade de Lucy. Eu teria de depender dela, e tinha ouvido coisas. Ela já foi paramilitar, não foi? E foi afastada do FBI ou do Afae. O fato de ela estar ajudando você com Hannah Starr não tinha nada a ver comigo. Mas agora tem. Sou a detetive encarregada do caso Toni Darien.”

“Entendo”, disse Berger. E entendia mesmo.

“Quero ter certeza de que você entende”, disse Bonnell. “Você é a promotora distrital, a chefe da Unidade de Crimes Sexuais. Estou em homicídios há apenas um ano e ainda não trabalhamos juntas. Para mim tampouco é uma boa maneira de começar. Mas não vou aceitar uma testemunha pelo seu valor nominal, sem questionar, só porque é uma pessoa que você conhece, uma amiga. Lucy será minha testemunha, por isso tenho de checar algumas coisas.”

“Ela não é minha amiga.”

“Ela vai acabar no banco de testemunhas se o caso Toni chegar ao tribunal. Ou se o caso Hannah chegar ao tribunal.”

“Ela não é apenas uma amiga. Você e eu sabemos o que ela é”, disse Berger, as emoções se atropelando dentro dela. “Tenho certeza de que eu estava naqueles malditos monitores múltiplos do cctr para todo mundo ver. Ela é mais que uma amiga. Sei que você não é boba.”

“Por uma questão de respeito, os analistas não puseram a informação sobre Lucy nos monitores. Nem nada sobre você. Estávamos numa estação de trabalho repassando os dados, todos os links encontrados. Não estou me intrometendo em seus assuntos. Não me importa o que as pessoas fazem em sua vida pessoal desde que não seja ilegal, e não esperava que o cctr acabasse fazendo o que fez sobre a financeira Bay Bridge. Isso vincula Lucy diretamente a Hannah. O que não quer dizer que Lucy esteja envolvida em fraude.”

“Isso vamos saber”, disse Berger.

“Se ele nos disser, ou se ele souber.” Bonnell falava de Bobby. “E ele não deve saber, pela mesma razão que Lucy não deve saber. Algumas pessoas de muito dinheiro não conhecem os detalhes, porque terceiros fazem os investimentos, administram e tudo o mais. Foi o que aconteceu com as vítimas de Bernie Madoff. A mesma coisa. Eles não sabiam, e não fizeram nada errado.”

“Lucy não é o tipo de pessoa que não fica sabendo”, disse Berger, e sabia também

que Lucy não era de deixar para lá.

A financeira Bay Bridge era uma corretora supostamente especializada em diversificação de carteiras de investimentos em ramos como madeira, mineração, extração de petróleo e propriedades imobiliárias, inclusive apartamentos elegantes de frente para o mar no sul da Flórida. Com base no que Berger sabia sobre a magnitude da fraude do tipo pirâmide perpetrada por essa financeira, que viera à luz não fazia muito tempo, havia boa chance de Lucy ter perdido bastante dinheiro. Ela pretendia extrair o que pudesse de Bobby Fuller, não apenas sobre as finanças de Hannah, mas também sobre seu caso com Hap Judd, cujas preferências eram profundamente perturbadoras e talvez perigosas. Era hora de pôr Bobby contra a parede a respeito de Hap Judd e de muitas outras coisas, apresentar-lhe um número astronômico de vínculos na esperança de que ele pudesse esclarecê-los, e ele parecia disposto a isso. Quando Berger falou com ele por telefone menos de uma hora antes, ele dissera que de bom grado conversaria com ela e com Bonnell desde que não fosse num lugar público. Como da última vez, elas teriam de encontrá-lo em sua casa.

“Vamos”, disse Berger a Bonnell, e ambas saíram do carro de polícia sem identificação em que estavam.

Fazia muito frio e ventava, havia nuvens escuras espalhadas pelo céu como acontece sempre que está chegando uma nova frente. Provavelmente um fenômeno de alta pressão, e amanhã o tempo estaria aberto e a “visibilidade ilimitada”, como diria Lucy, mas ia fazer um frio terrível. Elas seguiram pela passarela que levava até a entrada da mansão, sobre a qual estava hasteada uma bandeira verde e branca com o brasão de armas dos Starr: um leão rampante, um elmo e o dístico *Vivre en espoir*, viver de esperança. Uma ironia, pensou Berger. Esperança era a única emoção que ela não experimentava naquele exato momento.

Apertou o botão do interfone no qual estava escrito *Starr — Residência Particular*. Meteu as mãos nos bolsos do casaco, esperando em silêncio ao lado de Bonnell, no vento, a bandeira drapejando ruidosamente. Provavelmente estariam sendo monitoradas por um circuito fechado de câmeras, e qualquer coisa que dissessem poderia ser ouvida. O clique de um trinco, a porta da entrada em mogno entalhado se abriu, e entre os espaços das barras do portão de ferro forjado surgiu o vulto de uma pessoa vestida com o uniforme preto e branco de governanta.

Nastya, Berger supôs, deixou-as entrar sem perguntar quem eram, porque já sabia, tinha observado as duas pelo monitor de segurança, e elas eram esperadas. Sua condição de imigrante legal tinha sido alardeada pelos noticiários, acompanhada de fotos e boatos acerca dos serviços que ela prestava a Bobby além de preparar-lhe o jantar e fazer sua cama. A governanta que a imprensa apelidara de “Nasty” tinha cerca de trinta e cinco anos, pômulos pronunciados, pele olivácea e olhos muito

azuis.

“Entrem, por favor.” Nastya se pôs de um lado.

O saguão era de mármore travertino com arcadas, um pé-direito de seis metros e um forro em desníveis de cujo centro pendia um antigo lustre cinzento de ametista e quartzo. De um dos lados, uma escadaria curva com corrimão de ferro forjado levava para o andar de cima. Nastya pediu-lhes que a acompanhassem até a biblioteca. Berger lembrava que ficava no terceiro andar, na direção dos fundos da mansão, uma enorme sala interna onde Rupe Starr reunira ao longo da vida uma biblioteca de antiguidades digna de uma universidade ou de um palácio.

“O senhor Fuller dormiu tardíssimo e levantou-se cedo, estamos muito preocupados com o que saiu nos noticiários.” Nastya parou no meio da escada, voltou-se e olhou para Berger. “É verdade?” Continuou andando, o som de seus passos no piso de pedra enquanto ela seguia, falando de costas para as duas, virando ligeiramente a cabeça para um dos lados. “Sempre me preocupo com os motoristas de táxi. Você entra sem saber de nada e sai por aí com um estranho que pode levá-la a qualquer lugar. O que gostariam de beber? Café, chá, água, ou algo mais forte? Não há problema em beber na biblioteca, desde que não ponham nada perto dos livros.”

“Estamos bem”, respondeu Berger.

No terceiro andar, elas seguiram por um longo corredor coberto por uma antiga passadeira de seda em diferentes tonalidades, do vermelho vivo ao rosa. Passaram por uma série de portas fechadas que levavam à biblioteca, que cheirava a mofo mais do que da primeira vez, três semanas antes, pelo que Berger se lembrava. Com suas luminárias elétricas de prata e suas luzes veladas, a sala era arrepiante e sem vida, como se ninguém tivesse estado ali depois de Berger no dia de Ação de Graças. Os álbuns de fotos de couro florentino que ela tinha olhado ainda estavam empilhados sobre a mesa, diante da cadeira lateral de tapeçaria que ela ocupava quando encontrou diversas fotos de Lucy. Numa mesa menor, cujo pé era um grifo, havia uma garrafa de cristal vazia, deixada por Bobby depois de beber vários dedos de conhaque para acalmar os nervos. Não tinham dado corda ao relógio de pé que havia perto da lareira.

“Refresque minha memória sobre sua situação nesta casa”, disse Berger, enquanto Bonnell se sentava num sofá de couro. “Você tem um apartamento em qual andar?”

“No quarto andar, nos fundos”, disse Nastya, e seus olhos captaram os mesmos detalhes que os de Berger. O relógio parado e o vidro sujo. “Estive fora até hoje. Com o senhor Fuller longe...”

“Na Flórida”, disse Berger.

“Ele me disse que vocês estariam aqui, e vim correndo. Estava num hotel. Ele foi bem legal por me instalar num hotel não muito longe daqui, assim fico à disposição

quando é necessário mas não durmo sozinha nesta casa. Você entende, isso seria bem desconfortável no momento.”

“Qual hotel?”, perguntou Bonnell.

“Hotel Elysée. A família Starr recorreu a ele durante muitos anos, sempre que tinham convidados de fora e parceiros de negócios que não queriam se hospedar em sua casa. Fica a poucos minutos a pé. Você há de entender por que eu não gostaria de ficar aqui nesse momento. Bem, essas últimas semanas têm sido bem estressantes. O que aconteceu com Hannah, depois a mídia, as vans com suas câmeras. Você nunca sabe quando eles vão aparecer, e agora está pior por causa da mulher que disse aquelas coisas na CNN ontem à noite. Todas as noites, é só disso que ela fala, e está sempre incomodando o senhor Fuller querendo entrevistá-lo. As pessoas não têm respeito. O senhor Fuller me deu folga porque... como eu ia querer ficar sozinha aqui agora?”

“Carley Crispin”, disse Berger. “Ela incomoda Bobby Fuller?”

“Não a suporto, só assisto porque quero saber. Mas já não sei em que acreditar”, disse Nastya. “Foi terrível o que ela disse ontem à noite. Comecei a chorar, fiquei muito perturbada.”

“Como ela consegue incomodar o senhor Fuller?”, perguntou Bonnell. “Imagino que não deva ser fácil chegar até ele.”

“Só sei que ela já esteve aqui.” Nastya puxou uma cadeira e sentou-se. “Uma ou duas festas, há tempos. Quando ela era da Casa Branca, como é que vocês dizem? Assessora de imprensa. Eu ainda não estava aqui, foi antes da minha época, mas vocês sabem da vida do senhor Starr e seus jantares e festas famosos. É por isso que há todos esses livros de retratos.” Ela mostrou os álbuns de retratos sobre a mesa. “E muitos, muitos outros nas estantes. Uns trinta anos de fotos, e vocês provavelmente não viram tudo, viram?” Ela não estava na casa quando Berger e Marino vieram.

Só Bobby estava em casa na ocasião, e Berger não tinha olhado todos os álbuns, só alguns deles. Depois de ver as fotos de 1996, ela parou de olhar.

“Não que seja uma surpresa o fato de Carley Crispin ter vindo a jantares aqui”, prosseguiu Nastya, com orgulho. “É provável que metade das pessoas famosas do mundo tenha passado ao menos uma vez na vida por essa casa. Mas Hannah provavelmente a conhecia, ou pelo menos já tinham se encontrado. Detesto este silêncio de agora. Desde que o senhor Starr morreu, aqueles tempos pertencem ao passado. Costumávamos ter muitas comemorações, muita agitação, muita gente. O senhor Fuller é muito mais reservado, e fica fora a maior parte do tempo.”

A governanta parecia perfeitamente à vontade sentada numa biblioteca que ela não tinha limpado nem arrumado nas últimas três semanas. Não fosse pelo uniforme, ela poderia ser a senhora da casa, e era interessante que chamasse Hannah Starr pelo

primeiro nome e falasse dela no passado. Já Bobby era o sr. Fuller, e estava atrasado. Eram 16h20 e nem sinal dele. Berger se perguntou se seria possível que ele não estivesse em casa, que afinal tivesse decidido não se encontrar com elas. A casa estava imersa em silêncio, nem mesmo o barulho distante do trânsito atravessava as paredes de calcário. Na biblioteca não havia janelas, o espaço se parecia a um mausoléu ou a um porão, talvez para proteger os livros raros, objetos de arte e antiguidades de uma indesejável exposição à luz e à umidade.

“E o pior de tudo é a maneira como ela fala de Hannah”, Nastya continuou falando de Carley Crispin. “Noite após noite. Como ela pode fazer isso com uma pessoa que conheceu?”

“Você tem alguma ideia de quando foi a última vez que Carley esteve aqui?”, perguntou Berger, pegando o celular.

“Não sei.”

“Você disse que ela incomoda o senhor Fuller.” Bonnell voltou ao tema. “Ela o conhece, talvez por intermédio de Hannah?”

“Só sei que ela ligou pra cá.”

“Como ela tinha o número?”, perguntou Bonnell.

Berger queria ligar para o celular de Bobby para saber onde ele estava, mas não conseguiu sinal na biblioteca.

“Não sei. Já não estou atendendo o telefone. Tenho medo que seja um repórter. Você sabe, hoje em dia as pessoas conseguem encontrar muita coisa. Nunca se sabe quem conseguiu seu número de telefone”, disse Nastya, passeando os olhos por uma enorme tela com navios, talvez um Montague Dawson, que ocupava inteiramente um painel de mogno situado entre as estantes do chão ao teto.

“Por que Hannah tomou um táxi?”, perguntou Bonnell. “Que transporte ela usava normalmente quando saía para jantar?”

“Ela dirigia.” Os olhos de Nastya estavam fixos no quadro. “Mas quando ia tomar uma bebida, não dirigia. Às vezes um cliente ou amigo lhe dava uma carona, ou ela usava uma limusine. Mas sabe como é, estamos em Nova York, e quem quer que seja toma um táxi quando é preciso. E às vezes ela pegava um táxi quando estava em cima da hora. Com todos aqueles carros, um monte deles muito velhos e sem condições de ir à rua. Viu a coleção do senhor Starr? Quando esteve aqui, o senhor Fuller não a mostrou?”

Berger não tinha visto e não respondeu.

“Na garagem subterrânea”, completou Nastya.

Quando Bobby Fuller mostrara a casa a Berger e Marino, não tinham passado pela garagem. A coleção de carros antigos não parecera importante na ocasião.

“Às vezes um deles fica bloqueado”, disse Nastya.

“Bloqueado?”, perguntou Berger.

“O Bentley, porque o senhor Fuller esteve mudando as coisas de lugar lá embaixo.” A atenção de Nastya retornou à marinha na parede. “Ele tem muito orgulho de seus carros, passa muito tempo com eles.”

“Hannah não pôde sair com o Bentley para jantar porque estava bloqueado”, repetiu Berger.

“O tempo estava péssimo também. Todos aqueles carros, e a maior parte não pode ser usada. O Duesenberg. O Bugati. O Ferrai.” Ela não pronunciava direito os nomes.

“Talvez eu esteja fazendo confusão”, disse Berger. “Achei que Bobby não estivesse em casa naquela noite.”

Scarpetta ficou sentada na estação de trabalho, sozinha no laboratório de treinamento. Lucy e Marino tinham saído momentos antes para encontrar-se com Berger e Benton.

Continuava revisando o que Geffner mandava e ao mesmo tempo o que rolava nos outros dois monitores, analisando fragmentos com numerosas camadas de tinta, um amarelo cromo, o outro vermelho como um carro de corrida, além dos dados que acompanhavam cada instante da vida de Toni Darien, que chegava ao fim.

“Os fragmentos que você colheu do ferimento na cabeça de Toni Darien e principalmente do cabelo dela”, disse Geffner pelo viva-voz. “Seccionei esses que você está vendo, mas ainda não tive tempo de aplicar Melt Mount a algumas das amostras, portanto isso é grosseiro, um primeiro tratamento. Você viu as imagens?”

“Sim, vi.” Scarpetta olhava os fragmentos de tinta e os diagramas, mapas e uma enormidade de gráficos.

Milhares de relatórios do BioGraph, e ela não podia parar uma imagem, nem voltar nem adiantar, só podia ver os dados da forma como os programas de Lucy os tinham disponibilizado e organizado. O processo não era rápido nem fácil, era também confuso. O problema era Calígula. Eles não tinham o programa original que tinha sido feito para o objetivo expresso de reunir e manipular a imensidão de dados captados pelo BioGraph.

“O fragmento amarelo é uma tinta à base de óleo, melamina acrílica e resina alquídica, de um veículo antigo”, explicava Geffner. “E o fragmento vermelho, esse é muito mais recente. Isso se sabe porque seus pigmentos são de base orgânica, sem metais pesados.”

Scarpetta seguiu Toni Darien pela casa de Hannah Starr durante vinte e sete minutos, os últimos minutos dela, de 15h26 a 15h53 da terça-feira anterior. Nesse período, a temperatura ambiente da mansão da Park Avenue variara entre vinte e vinte e dois graus, à medida que Toni se deslocava pelos diferentes cômodos da casa, num ritmo lento e irregular, os batimentos cardíacos nunca passando de sessenta e sete por minuto, como se ela estivesse relaxada, andando de um lado a outro e conversando com alguém. De repente, a temperatura começou a cair. De vinte para dezoito, para dezessete, caindo mais, enquanto a mobilidade dela era constante, dez a vinte passos a cada quinze segundos, um ritmo tranquilo. Ela estava andando dentro da casa dos Starr, num lugar mais frio.

“Obviamente, a tinta não foi transferida da arma para o ferimento”, disse Scarpetta a Geffner. “A menos que a arma estivesse pintada com tinta automotiva.”

“O mais provável é que tenha havido uma transferência passiva”, ouviu-se Geffner dizer. “De algo que se chocou contra ela, ou talvez do veículo que transportou o corpo.”

Dezesseis graus, quinze, catorze, a temperatura continuava caindo enquanto Toni se movimentava em ritmo lento. Oito passos. Três passos. Dezessete passos. Nenhum passo. Um passo. Quatro passos. A cada quinze segundos. Temperatura de treze graus. Fazia frio. A movimentação dela era constante. Andava e parava, talvez conversando, talvez olhando para alguma coisa.

“Não vêm da mesma fonte, a menos que seja outra transferência passiva”, disse Scarpetta. “A tinta amarela é de um veículo antigo, a vermelha é de um veículo muito mais novo.”

“Exatamente. Os pigmentos do amarelo cromo são inorgânicos e contêm chumbo”, disse Geffner. “Já sei que vou encontrar chumbo, mesmo sem a análise de micro-ftir, ou priólise gc-ms. Os fragmentos que vocês estão pesquisando são facilmente discerníveis um do outro em termos de idade. A tinta mais recente tem uma espessa camada protetora transparente como acabamento, uma camada fina de pigmento vermelho orgânico e três demãos na base. O amarelo cromo não tem a camada do acabamento, a camada de pigmento é espessa e sob ela a primeira demão. Os fragmentos pretos? São de tinta mais nova também. Só a amarela é antiga.”

Mais diagramas e mapas rolando lentamente nas telas. Um minuto para as quatro, horário de Toni Darien. Quatro e um. Quatro e três. Oximetria de pulso noventa e nove por cento, sessenta e seis batimentos cardíacos por minuto, oito a dezesseis passos, iluminação constante de trezentos lux. A temperatura caiu para doze graus. Ela estava andando em algum lugar frio e pouco iluminado. Seus sinais vitais não indicavam nenhum tipo de aflição.

“Faz quanto tempo que não se usa mais tinta com chumbo?”, perguntou Scarpetta. “Vinte e poucos anos?”

“Os pigmentos de metais pesados são dos anos 1970, 1980 ou antes, porque são prejudiciais ao ambiente”, ele respondeu. “Coincidem em idade com as fibras que você encontrou no ferimento, no cabelo, em várias partes do corpo. Fibras de monoacrílico sintético, tingidas de preto, até agora vi pelo menos quinze tipos, que associo a fibras de um material barato usado normalmente em tapetes e no revestimento do bagageiro de carros antigos.”

“E o que me diz de fibras de um veículo mais novo?”, perguntou Scarpetta.

“Até agora tudo o que vi do material que você mandou foram fibras do material antigo.”

“Como se o corpo tivesse sido transportado num carro”, disse Scarpetta. “Mas provavelmente não num táxi amarelo.”

Quatro e dez da tarde, horário de Toni Darien, e alguma coisa aconteceu. Algo

repentino, rápido e decisivo. Num intervalo de trinta segundos, o andar dela caiu de dois passos a zero e ela parou de se movimentar. Não mexia os braços nem as pernas, e a oximetria de pulso caiu: noventa e oito, depois noventa e sete por cento. O ritmo cardíaco caiu para sessenta batimentos por minuto.

“Calculo que você tenha mencionado isso por causa do que saiu nos noticiários”, disse Geffner. “Em média, a idade dos táxis de Nova York é de menos de quatro anos. Você pode imaginar o quanto esses carros rodam. Não é provável, na verdade é muito improvável, que o fragmento amarelo de cromo tenha vindo da pintura de um táxi. Veio de um veículo velho, não sei qual.”

Quatro e dezesseis, horário de Toni Darien. Ela começou a se movimentar de novo, mas não caminhava. O podômetro do BioGraph marcava zero. Estava em movimento, mas não andava, provavelmente nem estava de pé. Alguém fazia com que ela se movimentasse. A oximetria de pulso era de noventa e cinco por cento; os batimentos cardíacos, de cinquenta e sete. Mesma temperatura e mesma iluminação. Ela continuava na mansão, no mesmo cômodo, e estava morrendo.

“... outro resíduo é de ferrugem. E partículas microscópicas de areia, pedras, argila, matéria orgânica decomposta, fragmentos de insetos. Resumindo, sujeira.”

Scarpetta imaginou Toni Darien sendo agredida por trás, um único golpe contundente na região posterior esquerda da cabeça. Ela deve ter desmaiado na mesma hora, caindo ao chão. Já não estava consciente. Às quatro e vinte, a saturação de oxigênio no sangue era de noventa e quatro por cento e o ritmo cardíaco estava em cinquenta e cinco. Ela se movimentava de novo. Bastante movimento, mas o podômetro continuava marcando zero. Ela não estava andando. Alguém a levava.

“... Posso lhe mandar imagens disso”, disse Geffner, mas Scarpetta mal ouvia. “Pólen, fragmentos de pelos que mostram danos causados por insetos, matéria fecal de insetos e, é claro, ácaros. Muitos ácaros por todo o corpo, e duvido que tenham vindo do Central Park. Talvez do veículo que a transportou. Ou de algum lugar muito empoeirado.”

Diagramas rolando. Picos e quedas nos actigráficos. Movimentação regular a cada quinze segundos, minuto após minuto. Alguém a movia repetidamente, ritmicamente.

“... São aracnídeos microscópicos que podem ser encontrados em grande quantidade num tapete velho, ou num cômodo com muita poeira. Os ácaros morrem se não tiverem com que se alimentar, como células epiteliais mortas, que é o que eles mais procuram dentro de uma casa...”

Quatro e vinte e nove da tarde, horário de Toni Darien. Oximetria de pulso noventa e três por cento, quarenta e nove batimentos cardíacos por minuto. Ela estava entrando em hipoxia, a baixa concentração de oxigênio no sangue começava a não irrigar o cérebro, que inchava e sangrava pelo ferimento. Picos e quedas nos

actigráficos, o corpo dela se movia num ritmo de ondas e linhas, um padrão que se repetia durante um intervalo medido em segundos, em minutos.

“... em outras palavras, poeira doméstica...”

“Obrigada”, disse Scarpetta. “Tenho de ir.” Desligou o telefone.

O laboratório de treinamento estava em silêncio. Diagramas, gráficos e mapas rolando nas duas grandes telas planas. Scarpetta ficou hipnotizada pelo movimento, agora diferente, aos trancos, ora mais acelerado, ora mais calmo, depois começava de novo. Às cinco da tarde, horário de Toni Darien, a oximetria de pulso era de setenta e nove por cento e os batimentos cardíacos estavam em trinta e três por minuto. Ela entrou em coma. Um minuto depois, o actigráfico transformou-se numa linha reta porque o movimento cessou. Quatro minutos depois, já sem nenhum movimento, a luminosidade caiu repentinamente de trezentos lux para menos de um. Alguém apagara as luzes. Às cinco e catorze, Toni Darien morreu no escuro.

Lucy abriu o bagageiro do carro de Marino, enquanto Benton e uma mulher desciam de um SUV preto e atravessavam a passos largos a Park Avenue. Passava das cinco, estava escurecendo e fazia frio. Um vento intermitente enfunava a bandeira que havia na entrada da mansão dos Starr.

“Alguma novidade?”, perguntou Benton, levantando a gola do casaco.

“Estivemos andando em torno da casa, tentando ver algo nas janelas, detectar alguma atividade lá dentro. Até agora nada”, disse Marino. “Lucy acha que há um misturador de frequências, e eu acho que devíamos entrar com um aríete e uma escopeta, nada de esperar pela Unidade de Serviços de Emergência.”

“Por quê?”, o vulto escuro de mulher perguntou a Lucy.

“Eu a conheço?” Lucy estava irritada e inamistosa, os nervos à flor da pele.

“Marty Lanier, do FBI.”

“Já estive aqui antes”, disse Lucy, abrindo uma bolsa e uma gaveta no organizador que Marino instalara no bagageiro. “Rupe odiava celulares e não permitia que fossem usados em sua casa.”

“Espionagem industrial...”, Lanier começou a dizer.

Lucy interrompeu-a. “Ele odiava celulares, achava que eram coisa de gente mal-educada. Se você estivesse na casa dele e tentasse usar o celular ou conectar-se à internet, não ia conseguir sinal. Ele não estava fazendo espionagem. Temia que outros pudessem fazer isso.”

“Acho que deve haver uma porção de zonas mudas lá dentro”, disse Benton, referindo-se à construção de pedra calcária, com suas janelas altas e balcões de ferro forjado, que lembrava os *hôtels particuliers*, palacetes privados que Lucy associava ao coração de Paris, à Île Saint-Louis.

Ela conhecia bem o *hôtel* Chandonne, que fora habitado pela nobreza corrompida de quem Jean-Baptiste descendia. A mansão Starr era parecida com ele em estilo e

tamanho, e em algum ponto de seu interior estavam Bonnell e Berger. Lucy ia fazer qualquer coisa para entrar e encontrá-las. Enfiou um aríete hidráulico, dissimuladamente, dentro da bolsa. Depois, às claras, guardou o termovisor que tinha dado a Marino em seu último aniversário, que era em essência um Flir portátil, a mesma tecnologia que ela tinha em seu helicóptero.

“Por mais que eu deteste considerações políticas...”, disse Lanier.

“É um ponto de vista válido”, disse Benton, com a voz crispada de impaciência, parecendo ansioso e frustrado. “Suponhamos que derrubemos a porta e eles estejam sentados na sala tomando café. Minha maior preocupação é uma situação de sequestro que possamos agravar. Não estou armado.” Disse isso dirigindo-se a Marino, como uma acusação.

“Você sabe o que trouxemos”, Marino disse a Lucy, passando-lhe uma instrução não explícita.

A agente especial Lanier fazia de conta que não estava ouvindo a conversa e que não viu Lucy pegando um estojo preto macio do tamanho de uma raquete de tênis, com o dístico *Beretta CX4* bordado. Passou-o a Benton, que pendurou-o num dos ombros, e fechou o bagageiro. Eles não sabiam quem estava na mansão ou nas proximidades, mas esperavam Jean-Baptiste Chandonne. Ele podia ser Bobby Fuller ou outra pessoa, e trabalhava com outros, gente que estava sob suas ordens, gente de maus bofes que iria até onde fosse preciso. Se houvesse um confronto, Benton não pretendia se defender com os punhos, mas com uma carabina compacta que disparava projéteis 9 milímetros.

“Acho melhor chamar a Unidade de Serviços de Emergência e pedir o grupo de assalto.” Lanier falava com cautela, não queria ensinar o Departamento de Polícia de Nova York a fazer seu trabalho.

Marino ignorou-a, fitava a casa. “Quando foi isso?”, perguntou a Lucy. “Quando foi que você esteve aqui e viu o sistema de bloqueio?”

“Há poucos anos”, disse ela. “Ele tinha um sistema desses desde o começo dos anos 1990 pelo menos. Um bloqueador de alta potência capaz de paralisar radiofrequências situadas entre três e vinte mil mega-hertz. Os rádios do Departamento de Polícia de Nova York são em oitocentos mega-hertz e não serviriam para porra nenhuma lá dentro, nem telefones celulares. Quer um conselho tático? Estou de acordo”, disse, olhando para Lanier. “Chame a Unidade de Emergência, o grupo A, porque a parte mais difícil não vai ser derrubar a porta. Difícil vai ser o que fazer se encontrarmos resistência, já que não sabemos quem ou o quê nos espera lá dentro. Vai que forcamos a entrada sozinhos. Podemos voar pelos ares, e se nada acontecer, a polícia nos crucifica. Escolha.”

Falava a voz da razão, mas por dentro Lucy gritava, sem nenhuma disposição de esperar ninguém.

“Em que frequência você está, para o caso de eu ver alguém?”, perguntou Lucy a Marino.

“Tac I”, disse ele.

Lucy caminhou rápido em direção à Central Park Sul e, ao dobrar a esquina, começou a correr. Nos fundos da mansão havia um pátio de manobra que levava até a porta da garagem, uma porta vaivém de madeira pintada de preto que abria para o lado esquerdo. Ali perto estava um policial fardado com quem Lucy já tinha se encontrado. Ele vasculhava os arbustos com uma lanterna, os quatro andares às escuras, nenhuma janela iluminada.

“Vamos fazer o seguinte”, disse Lucy, abrindo o zíper da bolsa e pegando o termovisor. “Vou voltar aqui e pesquisar as janelas em busca de uma fonte de calor. Você deveria ir lá para a frente da casa. Estão querendo derrubar a porta.”

“Ninguém me chamou.” O policial olhava para a cara dela, a fisionomia indistinta à luz fraca da rua. De uma maneira delicada, ele estava dizendo à nerdzinha de Berger que fosse se foder.

“O grupo A está a caminho e ninguém vai chamar você. Pode confirmar com Marino. Ele está em Tac Ida.” Lucy ligou o termovisor e focalizou as janelas logo acima, que ficaram verdes através dos raios infravermelhos, enquanto as cortinas viravam manchas brancas acinzentadas. “Talvez os corredores irradiem algum calor”, disse ela, enquanto o policial começava a se afastar.

O policial sumiu de vista, foi-se, em busca de uma entrada forçada que não ia acontecer no lugar para o qual ele estava indo. Ia acontecer exatamente no lugar de onde ele se afastava. Lucy pegou o aríete hidráulico portátil, ferramenta capaz de exercer uma pressão de setecentos bar. Introduziu as pontas opostas da pinça entre o lado esquerdo da porta da garagem e seu batente, e começou a acionar o pedal da bomba. A madeira deformou-se e ouviram-se as dobradiças entortando e saltando. Ela pegou suas ferramentas e passou pela abertura, fechando a porta atrás de si para que a brecha não ficasse visível da rua. Ficou imóvel no frio e no escuro, apurando os ouvidos, orientando-se, no nível inferior da garagem dos Starr. O termovisor não seria útil ali, ele só servia para detectar calor, portanto ela pegou sua lanterna SureFire e acendeu-a.

O alarme da mansão estava desligado, indicando que Bonnell e Berger tinham vindo, e a pessoa que as fez entrar não tinha religado o sistema de segurança. Nastya, talvez, pensou Lucy. Ela a vira da última vez que esteve na mansão e se lembrava da governanta como uma mulher descuidada e presunçosa, recentemente contratada por Hannah, ou talvez tivesse sido escolhida por Bobby. Mas Lucy achava estranho que pessoas como Nastya de repente passassem a fazer parte da vida de Rupe. Elas não faziam seu tipo, e a decisão provavelmente não tinha sido dele, o que levou Lucy a imaginar o que na verdade teria acontecido com ele. Ela

não achava possível matar alguém com salmonela, e era pouco provável que tenha havido um erro de diagnóstico, pelo menos em Atlanta, cidade conhecida por seus centros de controle e prevenção de doenças. Talvez ele mesmo tivesse querido morrer porque Hannah e Bobby estavam tomando conta da vida dele e ele sabia o que teria pela frente, que era ficar sem nada, ficar velho, sem forças, à mercê deles. Era possível. As pessoas faziam isso. Tinham câncer, sofriam acidentes, apressando o inevitável.

Ela pôs a bolsa no chão e sacou sua pistola Glock do coldre preso ao tornozelo, tendo o longo fecho de luz da lanterna tática sondando as proximidades, varrendo as paredes de pedra caiada e a cerâmica terracota. À esquerda da porta da garagem havia uma área para a lavagem de carros, onde uma mangueira enrolada de qualquer jeito pingava, e viam-se toalhas de papel sujas espalhadas no piso, um balde de plástico derrubado e, perto dali, vários galões de branqueador Clorox. Havia marcas de solas de sapatos e de pneus, além de um carrinho de mão e uma pá, ambos com uma crosta de cimento seco.

Lucy seguiu as marcas dos pneus e as pegadas, de tipos e tamanhos diferentes, e muita poeira, talvez as marcas de um tênis, talvez de umas botas, pelo menos duas pessoas, talvez mais. Procurou ouvir e explorou com a lanterna, sabendo como o porão devia estar e observando o que estava diferente, encontrando por toda parte indícios de atividades que nada tinham a ver com a manutenção de carros antigos. O poderoso fecho de luz saltou para uma área de trabalho onde havia bancadas, ferramentas hidráulicas, medidores, compressores de ar, carregadores de bateria, macacos, embalagens de óleo e pneus, tudo empoeirado e desordenado, como se tivesse sido tirado do lugar mas não usado nem respeitado pelo que valia.

Nada a ver com os velhos tempos, quando se poderia comer no piso, já que a garagem era a alegria e o orgulho de Rupe, ela e a biblioteca, os dois espaços ligados por uma porta escondida atrás de um quadro de navios. A luz percorria a grossa camada de poeira e as teias de aranha no elevador automotivo que Rupe mandara instalar quando proibiram os fossos, considerados perigosos por causa do monóxido de carbono produzido em seu interior quando o motor de um carro estivesse ligado. Antes não havia aquele colchão junto à parede, sem lençol, com grandes manchas escuras, que pareciam de sangue. Lucy encontrou cabelos, cabelos compridos, escuros, claros, e sentiu um cheiro, ou pensou que o sentira. Ao lado havia uma caixa de luvas cirúrgicas.

A cerca de dez passos ficava o velho fosso, coberto com uma lona que não costumava estar ali. Em volta dela, o piso estava crivado de pegadas iguais às outras que Lucy tinha visto, entre respingos e manchas de cimento seco. Ela se agachou para levantar a ponta da lona, debaixo da qual viu umas placas largas de compensado cobrindo o fosso. No fundo, a lanterna iluminou uma camada irregular

de cimento, não muito alta, cerca de meio metro. A pessoa que trabalhara com o cimento úmido não se dera ao trabalho de nivelar a superfície, que ficou com saliências e ondulações. Lucy achou que estava sentindo aquele cheiro de novo e ficou bem atenta para sua arma.

Andando mais rápido agora, ela subiu a rampa, sempre junto à parede, até o nível superior, onde Rupe Starr mantinha seus carros, e à medida que a rampa se curvava, começou a ver luz. Suas botas não faziam ruído no piso italiano, normalmente imaculado mas agora empoeirado e sulcado de marcas de pneus, com muita areia e sal. Ouviu vozes e parou. Vozes de mulher. Pensou que ouvira a voz de Berger. Algo sobre ser *“impedido de entrar”* e uma outra voz que dizia *“Bem, alguém fez isso”* e *“Recebemos instruções”*, e diversas vezes a frase *“Evidentemente não é verdade”*.

E depois: “Que amigos? E por que você não nos disse isso antes?”, perguntou Berger.

A pergunta foi seguida de uma voz escandida, abafada, uma mulher falando rápido. Lucy pensou em Nastya e ouviu uma voz de homem, a voz de Bobby Fuller. Onde estaria ele? A mensagem que Berger deixara para Marino quando ele e Lucy ainda estavam sem telefone no laboratório de treinamento dizia que Berger e Bonnell iam se encontrar com Bobby. Ele devia ter chegado de Fort Lauderdale de manhã bem cedo por causa do que ouvira nos noticiários a respeito dos fios de cabelo de Hannah, e Berger pediu para falar com ele de novo porque tinha perguntas a lhe fazer. Ele negou-se a ir a Hogan Place 1 ou a qualquer lugar público e sugeriu a casa, esta casa. Onde estava? Lucy tinha verificado, tinha falado com a torre de controle do aeroporto de Westchester, com o mesmo controlador de voo que era sempre tão grosseiro.

O nome dele era Lech Peterek, era polonês, secarrão, indelicado ao telefone porque esse era seu jeito, não tinha nada a ver com Lucy. Na verdade, parecia que ele não a identificara até que ela recitou o número de seu helicóptero, e mesmo depois disso ele foi reservado. Disse que não havia registro de uma chegada naquele dia do sul da Flórida, não o Gulfstream que Bobby Fuller e Hannah Starr usavam normalmente — o Gulfstream de Rupe. Ele ainda estava no hangar, havia semanas, o mesmo hangar que Lucy usava, porque era Rupe quem intermediava para ela a compra de aeronaves. Tinha sido Rupe quem a apresentara a máquinas excepcionais como os helicópteros Bell e as Ferraris. Ao contrário de Hannah, sua filha, ele tinha sido bem-intencionado. Até a morte dele, Lucy não sentiu nenhuma insegurança sobre seus recursos, nem imaginava que alguém pudesse querer arruiná-la por pura maldade.

Chegou ao alto da rampa, sempre colada à parede, na penumbra. As únicas luzes visíveis vinham de uma área que ficava junto ao canto esquerdo mais distante, de onde vinham também as vozes, mas ela não conseguia ver ninguém. Berger e

provavelmente Bonnell e Nastya estavam escondidas atrás dos veículos e de grossas colunas que tinham sido revestidas de mogno e envoltas em neoprene preto para não causar nenhuma mocha nas portas dos preciosos carros. Lucy chegou mais perto, esperando ouvir uma altercação ou algum sinal de perigo, mas as vozes continuavam calmas, envolvidas numa conversa contínua que às vezes se tornava desafiadora.

“Bem, alguém fez, é óbvio.” Inequivocamente, a voz de Berger.

“As pessoas estavam sempre entrando e saindo. Eles recebiam muita gente. Sempre receberam.” Aquele sotaque, de novo.

“Você disse que isso tinha diminuído depois da morte de Rupe Starr.”

“Sim. Mas nem tanto. Mas ainda vêm algumas pessoas. Eu não sei. O senhor Fuller é muito reservado. Ele e seus amigos vêm aqui para baixo. Eu não me meto.”

“Você quer nos levar a crer que não conhece quem entra e sai?” A terceira voz devia ser de Bonnell.

Os carros de Rupe Starr. Uma coleção tão seleta e emocional quanto impressionante e rara. O Packard 1940 como um que o pai de Lucy tivera. O Thunderbird 1957, o sonho de Rupe quando era colegial e tinha um Fusca. O Camaro 1969 como aquele que ele teve depois do mba em Harvard. O Mercedes sedã 1970 com que ele se premiara quando começou a se dar bem em Wall Street. Lucy passou pelo querido Duesenberg Speedster 1933, pela Ferrari 355 Spyder e pelo último carro que ele comprara antes de morrer e nem teve tempo de restaurar: um Checker 1979, um táxi amarelo que lembrava a Nova York dos bons tempos, como ele dizia.

As novas aquisições de sua coleção, as Ferraris, os Porsches, o Lamborghini, tinham sido influenciadas por Hannah e Bobby, inclusive o Bentley Azure branco conversível estacionado de frente para a parede mais distante, bloqueado pelo Carrera gt vermelho de Bobby. Berger, Bonnell e Nastya estavam de pé ao lado do para-choque traseiro do Bentley, conversando, de costas para Lucy, ainda sem notar sua presença. Ela gritou “olá” e lhes disse que não se assustassem. Aproximou-se do Checker e notou restos de areia nos pneus e marcas no piso que levavam até eles. Disse bem alto que estava armada e continuou se aproximando. As três se viraram, e ela reconheceu aquela expressão no rosto de Berger porque já a vira antes. Medo. Desconfiança e dor.

“Não faça isso”, disse Berger, e era de Lucy que ela tinha medo. “Baixe essa arma. Por favor.”

“O quê?”, perguntou Lucy, pasma, e notou o movimento da mão direita de Bonnell.

“Por favor, abaixe a arma”, disse Berger, sem nenhuma emoção na voz.

“Tentamos ligar, localizar você pelo rádio. Cuidado, devagar”, Lucy avisou Bonnell. “Afasto bem devagar as mãos do corpo. Fique com os braços estendidos

para a frente.” Lucy tinha a pistola preparada.

“Nada do que você tenha feito justifica isso. Por favor abaixe a arma”, disse-lhe Berger.

“Vamos devagar. Fique calma. Vou me aproximar e conversamos”, disse Lucy, avançando. “Você não sabe o que aconteceu. Não conseguimos nos comunicar. Que merda!”, gritou para Bonnell. “Pare de mexer a porra da mão!”

Nastya murmurou alguma coisa em russo e começou a chorar.

Berger se aproximou de Lucy e disse: “Me dê essa arma e vamos conversar. Sobre o que você quiser. Está tudo bem. Não importa o que você tenha feito. Seja dinheiro, seja Hannah”.

“Eu não fiz nada. Me escute.”

“Está tudo bem. Me dê a arma, só isso.” Berger olhava para Lucy, que olhava para Bonnell, para ter certeza de que ela não ia pegar sua arma.

“Não está tudo bem. Você não sabe quem é ela.” Lucy falava de Nastya. “Ou quem é qualquer um deles. Toni veio para cá. Você não sabe disso porque não conseguimos informá-la. O relógio que Toni estava usando tinha um gps e ela esteve aqui. Chegou na terça-feira e morreu aqui.” Lucy olhou para o Checker amarelo. “Ele ficou aqui com ela durante um tempo. Ou eles ficaram.”

“Ninguém esteve aqui.” Nastya sacudia a cabeça de um lado para outro e chorava.

“Você é uma mentirosa de merda”, disse Lucy. “Onde está Bobby?”

“Não sei de nada. Só cumpro ordens”, gritou Nastya.

“Onde ele estava na terça-feira à tarde?”, perguntou Lucy. “Onde você e Bobby estavam?”

“Eu não venho aqui quando eles mostram os carros às visitas.”

“Quem mais estava aqui?”, Lucy perguntou, mas Nastya não respondeu. “Quem esteve aqui na terça à tarde e na quarta o dia todo? Quem saiu daqui às quatro e pouco da manhã de ontem? Dirigindo esse carro?” Lucy virou a cabeça na direção do Checker e disse a Berger: “O corpo de Toni estava aí. Não conseguimos falar com você. Os fragmentos de tinta amarela são de um objeto antigo. Um carro antigo pintado de amarelo.”

“Já houve muito dano. De algum jeito vamos ter de consertar. Por favor, me dê a arma, Lucy.”

Lucy estava começando a sacar o que Berger tentava dizer.

“Não importa o que você tenha feito, Lucy.”

“Eu não fiz nada.” Lucy falava com Berger, mas não tirava os olhos de Bonnell e Nastya.

“Para mim não tem importância. Vamos superar isso”, disse Berger. “Mas isso tem de acabar agora. Você pode acabar com isso agora. Dê-me a arma.”

“Ali perto do Duesenberg há umas caixas”, disse Lucy. “O sistema estacionário que interferiu em seus celulares, em seu rádio. Se olhar para lá vai vê-las. Estão à minha esquerda, encostadas naquela parede. Parecem pequenas máquinas de lavar e secar, com fileiras de luzinhas na frente. Comutadores para diversas bandas de radiofrequência. Rupe mandou instalar isso, e daqui vocês podem ver que está ligado. As luzinhas estão vermelhas porque todas as frequências foram embaralhadas.”

Ninguém se mexeu, ninguém olhou. Os olhos das três estavam cravados em Lucy, como se ela pudesse matá-las a qualquer momento, fazer com elas o que Berger metera na cabeça que Lucy tinha feito com Hannah. “*E você estava em casa naquela noite. Muito estranho que não tenha visto nada.*” Berger fizera repetidamente essa observação nas últimas semanas porque o apartamento de Lucy ficava na rua Barrow e Hannah tinha sido vista pela última vez na rua Barrow. Berger sabia do que Lucy era capaz e não confiava nela, estava assustada, pensava que ela fosse uma estranha, um monstro. Lucy não sabia o que dizer para mudar isso, para repor a vida delas nos trilhos, mas não ia deixar que a destruição avançasse. Nem mais um centímetro. Ia pôr um fim naquilo.

“Jaime, vá até ali e olhe”, disse Lucy. “Por favor. Vá até as caixas e olhe. Comutadores destinados a diferentes frequências.”

Berger passou por ela mas não se aproximou, nem Lucy a olhou. Estava ocupada vigiando as mãos de Bonnell. Marino tinha dito que não fazia muito tempo que Bonnell era detetive de homicídios, e Lucy percebia claramente que ela era inexperiente e não entendia o que estava acontecendo porque não dava ouvidos a seus instintos e sim a sua cabeça, e estava em pânico. Se Bonnell desse ouvido a seus instintos perceberia que Lucy estava sendo agressiva porque Bonnell também estava, não tinha sido Lucy quem tinha provocado o que agora tinha se transformado num impasse, num confronto.

“Estou diante das caixas”, disse Berger, ao chegar à parede lateral.

“Acione todos os comutadores”, disse Lucy, sem olhar para ela. Seria o fim da picada ser morta por uma policial de merda. “As luzes vão ficar verdes, e você e Bonnell vão receber uma porção de mensagens em seus telefones. Isso vai provar que as pessoas estavam tentando encontrar vocês, que estou dizendo a verdade.”

O ruído dos comutadores.

“Experimente seu rádio”, disse Lucy a Bonnell. “Marino está na rua diante da casa. Se o Grupo A ainda não derrubou a porta da frente, ele e os demais estão lá fora. Pegue seu rádio. A frequência dele é Tac Ida.”

O que ela queria dizer era que Bonnell devia usar a frequência ponto a ponto Tac I em vez de usar o serviço de rádio convencional, que passaria por uma central. Bonnell tirou o rádio do cinto, sintonizou a frequência e apertou o botão de

transmissão.

“Fumante, copia?”, disse ela, olhando para Lucy. “Fumante, você está no ar?”

“Sim, copio, Los Angeles.” Era a voz tensa de Marino. “Como você está?”

“Estamos no porão com o Craque.” Bonnell não estava respondendo à pergunta de Marino.

Ele estava perguntando se ela estava bem, e ela lhe dizia onde estava, usando para eles dois e para Lucy os nomes que eles tinham combinado entre si. Lucy era o Craque, e Bonnell não confiava nela. Bonnell não estava dizendo a Marino que ela ou qualquer outra pessoa estivesse em segurança. Estava fazendo o contrário.

“Craque está com você?”, perguntou Marino. “E a Águia?”

“Positivo para ambos.”

“Alguém mais?”

Bonnell olhou para Nastya e respondeu “Hazel”. Outro nome que ela acabava de inventar.

“Diga a ele que abri a porta da garagem”, disse Lucy.

Bonnell transmitiu o recado, enquanto Berger vinha de volta, olhando para o BlackBerry, vendo as mensagens chegando numa rápida sucessão de *chimes*. Chamadas recentes de Marino, de Scarpetta. E de Lucy, pelo menos cinco, até ela compreender que Berger estava a caminho e que não sabia o que estava acontecendo, faltava-lhe informação crucial. Lucy continuou ligando, ficou apavorada, ficou assustada como nunca em toda a sua vida.

“Como vocês estão?” Era a voz de Marino perguntando a Bonnell se todos estavam bem.

“Não sabemos ao certo quem está lá dentro e estamos com problemas com o rádio”, respondeu Bonnell.

“Quando acha que poderão sair?”

“Diga a ele que venha pela garagem”, disse Lucy. “Está aberta e eles precisam subir a rampa para o porão superior.”

Bonnell transmitiu a mensagem e disse a Lucy: “Tudo bem”. Queria dizer que não ia sacar a arma, que não ia cometer a estupidez de atirar nela.

Lucy abaixou a Glock, mas não a devolveu ao coldre. Ela e Berger começaram a andar por ali, e Lucy mostrou a Berger o táxi Checker amarelo e a sujeira nos pneus e no piso de cerâmica, mas elas não tocaram em nada. Não abriram as portas, apenas olharam pelas janelas de trás e viram o carpete preto rasgado e gasto, o tecido preto do estofamento surrado e manchado, o assento rebatido. No chão havia um casaco. Verde. Parecia uma parca. A testemunha, Harvey Fahley, disse que viu um táxi amarelo. Se não fosse muito ligado em carros, não ia notar que aquele táxi tinha cerca de trinta anos e a típica faixa xadrez que os modelos contemporâneos já não tinham. O que uma pessoa comum notaria ao passar por ele no escuro seria a cor,

amarelo cromo, o chassi quadrado da General Motors e a luz do teto, que, segundo Fahley, estava apagada, indicando táxi ocupado.

Lucy deu a Berger a informação esparsa que recebera de Scarpetta pelo telefone quando ela e Marino estavam vindo para a mansão, temendo que alguma coisa ruim tivesse acontecido. Berger e Bonnell não estavam atendendo o rádio da polícia nem os celulares, e não tinham como saber que Toni Darien tinha chegado correndo àquela casa na terça-feira, que provavelmente morreu no porão e talvez não fosse a única vítima. Lucy e Berger conversaram, atentas à chegada de Marino, e Lucy pediu desculpas, mas Berger disse-lhe para parar com aquilo. As duas eram culpadas de ter guardado para si coisas que deveriam ter sido discutidas, nenhuma das duas tinha sido franca, disse Berger, enquanto se aproximavam de duas bancadas de plástico com gavetas e latas. Espalhadas sobre elas havia ferramentas e peças diversas: emblemas de capô, válvulas, cromados, parafusos, porcas. Uma caixa de marchas com uma grande alavanca de aço manchada de sangue, ou talvez ferrugem. Elas não tocaram na alavanca, nem nos carretéis de cabos finos, nem no que pareciam minúsculos circuitos eletrônicos que Lucy identificou como módulos de gravação, e uma agenda.

Estava coberta com um pano preto com estrelas amarelas, que Lucy ergueu com o cano da pistola. Era um livro de palavras mágicas, receitas e poções de feitiço, de proteção, de conquista, de sorte, tudo escrito à mão numa caligrafia perfeita, idêntica à fonte Gotham. Na bancada havia também saquinhos de seda dourada, alguns deles com o enchimento para fora: eram pelos pretos e brancos compridos, e mechas emaranhadas de pelo lanoso. Havia algo que parecia pelo de lobo espalhado na superfície de trabalho e no chão, que alguém limpava deixando grandes marcas. Tinham secado ou esfregado alguma coisa perto do Lamborghini Diablo vt laranja metálico. A capota estava arriada, e no assento do carona havia um par de meias-luvas de náilon Hestra, verde-oliva com palmas castanhas e couro, e Lucy imaginou Toni Darien subindo para a mansão depois de entrar correndo por aqui.

Imaginou Toni Darien à vontade com quem quer que a tenha recebido na porta, com quem quer que a tivesse levado ao porão, onde fazia no máximo treze graus. Ela podia estar com o casaco quando foi levada para dar uma volta, ver os carros, e teria ficado impressionada com o Lamborghini. Deve ter se sentado ao volante e tirado as meias-luvas para sentir o contato da fibra de carbono e devanear, e quando desceu, aquilo deve ter acontecido. Uma pausa enquanto ela se virava, e alguém agarrou um objeto, talvez uma alavanca de câmbio, e bateu na cabeça dela.

“E aí ela foi violentada”, disse Berger.

“Ela não estava andando mas se mexia”, contou-lhe Lucy. “Tia Kay diz que isso durou mais de uma hora. E depois que ela morreu, aquilo começou de novo. Como se ela tivesse sido deixada aqui, talvez no colchão, e então ele tenha vindo. Isso

continuou durante um dia e meio.”

“Quando ele começou a matar”— Berger falava de Jean-Baptiste — “estava com seu irmão, Jay. O irmão era o gostosão, o que fazia sexo com as mulheres, depois Jean-Baptiste batia nelas até matá-las. Ele nunca fazia sexo com elas. Seu prazer era matar.”

“Jay fazia sexo com elas. Talvez ele tenha encontrado outro Jay”, disse Lucy.

“Precisamos encontrar Hap Judd imediatamente.”

“Como você o relaciona com Bobby?”, perguntou Lucy, no momento em que Marino e quatro policiais de operações especiais surgiam no topo da rampa e se dirigiam até onde elas estavam, com as armas nas mãos.

“Depois da reunião no escritório do FBI, liguei para o celular dele”, disse Berger.

“Ele não estava em casa, não nesta casa”, disse Lucy. “A menos que tenha desligado o misturador de frequências e religado depois de falar com você.”

“Há uma taça de conhaque lá em cima na biblioteca”, disse Berger. “Ela pode nos dizer se Bobby é ele.” Ela queria dizer Jean-Baptiste Chandonne, mais uma vez.

“Onde está Benton?”, perguntou Lucy a Marino, assim que ele chegou perto.

“Ele e Marty foram buscar a doutora.” Os olhos dele perscrutavam tudo, registrando o que havia nos banquinhos, no chão, observando o táxi Checker. “O pessoal de cena do crime está a caminho para ver se conseguimos descobrir que diabos aconteceu aqui, e a doutora está trazendo o farejador.”

Na sala que o pessoal do prédio do DNA chamava de Pinga Sangue, Scarpetta mergulhou um cotonete num frasco de hexano. Distribuiu o resíduo de um material sobre uma placa de Petri que tinha posto no piso de cerâmica e ligou o Analisador Leve de Restos Sepultados e Odor de Decomposição, apelidado de Labrador.

O nariz eletrônico, ou farejador, lembrava um cão robótico que poderia ter sido desenhado pelo criador dos Jetsons: uma barra em forma de S com pequenos microfones, um de cada lado, que poderiam passar por orelhas, e o focinho, como um favo de mel de doze sensores, que detectava diferentes cheiros químicos, como o olfato de um cachorro real. Scarpetta pendurou ao ombro uma correia à qual se prendia um conjunto de baterias, segurou a barra ao lado de seu corpo e apontou o nariz para a amostra que estava na placa de Petri. O Labrador respondeu com um gráfico de barras luminoso que apareceu no painel de controle e um sinal sonoro, parecido com o som de uma harpa de sintetizador, um padrão de harmonia próprio do hexano. O nariz eletrônico estava feliz. Tinha avisado sobre a presença de um alcano, um solvente simples, e passou no teste. Agora ia empreender uma missão muito mais séria.

Scarpetta se baseava numa premissa simples. Tudo indicava que Toni Darien tinha sido assassinada na mansão dos Starr, e a pergunta era: outras vítimas poderiam ter sido atraídas para lá no passado, ou Toni seria a única? Ela tinha estado num dos porões, supunha Scarpetta, com base nas temperaturas registradas pelo BioGraph e nas conclusões da autópsia, segundo as quais o corpo tinha sido conservado em lugar frio mas protegido. O corpo deixara moléculas e substâncias por onde quer que tenha andado. Deixara cheiros que o nariz humano não conseguiria captar, mas o Labrador conseguia. Scarpetta desligou-o e guardou-o num estojo de náilon preto. Apagou os refletores deslizantes de um trilho que havia no teto, que por um instante lhe trouxeram à lembrança um estúdio de televisão, Carley Crispin. Scarpetta vestiu o casaco. Saiu da sala, desceu por uma escada de vidro até o saguão e saiu do prédio. Faltava pouco para as oito da noite, e o jardim e seus bancos de granito estavam vazios, açoitados pelo vento, e às escuras.

Dobrou à direita na Primeira Avenida, passou pela calçada do Centro Hospitalar Bellevue e encaminhou-se de volta para seu escritório, onde pretendia encontrar Benton. A porta frontal do edifício devia estar trancada, por isso ela dobrou à direita novamente para pegar a rua Trinta e viu a luz que chegava à rua através de uma das rampas de acesso, já que a porta de metal estava levantada. Lá dentro havia uma van branca, com o motor ligado e a porta de trás aberta, mas não se via ninguém. Com

seu cartão magnético, ela abriu a porta interna no topo da rampa, viu a mistura familiar de azulejos brancos e verde azulados, ouviu música. Rock suave. Filene devia estar de plantão. Não era seu hábito deixar a porta da rampa erguida.

Scarpetta passou pela balança de plataforma e dirigiu-se ao necrotério sem ver ninguém. A cadeira diante da janela de acrílico estava virada para um lado, o rádio de Filene no chão, a jaqueta com a inscrição Segurança do Instituto Médico Legal pendurada atrás da porta. Ouviu passos, e surgiu um guarda com uniforme azul-escuro vindo da área dos armários, provavelmente do banheiro masculino.

“A porta da rampa de acesso está aberta”, disse ela. Não sabia o nome dele, nem nunca o vira antes.

“Uma entrega”, disse ele, que tinha alguma coisa de familiar.

“De onde?”

“Uma mulher atropelada por um ônibus no Harlem.”

Ele era magro mas forte, tinha as mãos alvas com veias salientes. Mechas de cabelo preto fino como o de um bebê escapavam-lhe do gorro, os olhos cobertos por óculos de lentes cinzentas. O rosto bem escanhado mostrava dentes brancos e certinhos demais, como se fosse uma dentadura, mas ele era jovem demais para isso. Parecia agitado, excitado ou nervoso, e Scarpetta pensou que talvez ele se sentisse pouco à vontade trabalhando no necrotério depois do anoitecer. Talvez um prestador de serviços temporário. À medida que a economia se deteriorava, o pessoal fixo diminuía, e quando as verbas eram cortadas radicalmente tornava-se mais prático recorrer ao pessoal temporário, a mais terceirizados, e muitos funcionários estavam em casa com gripe. Pensamentos dispersos se atropelaram em sua cabeça, e ela sentiu um formigamento no couro cabeludo e o pulso acelerado. Sentiu a boca seca e virou-se para correr, mas ele segurou-lhe o braço. Na luta, as bolsas de náilon que ela levava escorregaram do ombro, enquanto ele a empurrava com força brutal para a rampa onde se encontrava a van branca com o motor ligado e a porta traseira aberta.

Os sons que ela emitia eram ininteligíveis, primitivos demais para expressar palavras ou pensamentos, estavam mais para explosões de pânico. Ela tentava fugir, desvencilhando-se das sacolas e de suas alças, chutando-o e puxando enquanto ele puxava com força a porta por onde ela passara momentos antes. A porta bateu contra a parede com tanta força que parecia uma britadeira num bloco de concreto, bateu uma e outra vez. A bolsa comprida que continha o Labrador enganchou-se de través no batente da porta, e Scarpetta achou que tinha sido por isso que ele a soltara, desabando aos pés dela, o sangue empoçando no alto da rampa e escorrendo por ela. Benton saiu de trás da van branca, com uma carabina na mão, e correu para Scarpetta, apontando a arma para o homem enquanto ela se afastava do corpo imóvel.

O sangue jorrava de um ferimento na testa que se prolongava até a parte posterior do crânio. Havia um borramento de sangue no batente da porta a centímetros de onde ela tinha estado. Sentiu frio em áreas molhadas no rosto e no pescoço, enxugou sangue e restos de tecido cerebral da pele. Atirou as bolsas no piso branco de cerâmica e viu uma mulher entrando pela rampa de acesso, empunhando uma pistola com as duas mãos, o cano apontado para cima. Ela abaixou a arma ao se aproximar.

“Ele está lá embaixo”, disse ela, e Scarpetta achou que mais alguém tinha sido atingido. “O reforço está a caminho.”

“Certifique-se de que não há mais ninguém além daqui”, disse Benton para a mulher, passando por cima do corpo e do sangue que havia na rampa. “Vou ver se não há mais ninguém lá dentro”, disse ele a Scarpetta, correndo os olhos pelo entorno. “Tem mais alguém lá? Sabe se há alguém mais lá dentro?”

“Como pôde acontecer isso?”, perguntou ela.

“Fique comigo”, ele disse.

Benton entrou na frente dela, examinando corredores, a agência funerária, abrindo com um chute as portas dos armários masculinos e femininos. Perguntava sem parar a Scarpetta se ela estava bem. Disse que no porão da casa dos Starr havia roupas e bonés parecidos com os que o pessoal da segurança do Instituto Médico Legal usava, e que isso fazia parte do plano. Ele repetiu que fazia parte do plano ir buscá-la ali, e talvez a chegada de Berger tivesse precipitado as coisas. Ele sempre dava um jeito de saber onde todos estavam ou não estavam, Benton continuava dizendo aquilo, continuava falando dele, e continuava perguntando se ela estava ferida, se estava bem.

Marino tinha ligado para Benton para falar sobre as roupas, estava preocupado com o uso que podia ser feito delas, e quando Lanier e Benton chegaram e viram a porta da rampa aberta, imediatamente se mobilizaram. Estavam na rua Trinta quando Hap Judd surgiu da escuridão e subiu a rampa para entrar na van. Quando ele saiu correndo, Lanier correu atrás dele e Jean-Baptiste Chandonne saiu da porta interna com Scarpetta.

Benton seguiu pelo corredor de cerâmica branca, examinando a antessala, a sala de autópsias principal. Hap Judd estava armado e morto, disse Benton. Bobby Fuller, que Benton acreditava ser Jean-Baptiste Chandonne, estava morto. No fim do corredor, depois do elevador que levava os corpos para reconhecimento, havia gotas de sangue no piso, depois manchas. Uma porta levava a uma escadaria, em cujo patamar jazia Filene, e perto dela um martelo ensanguentado, desses que se usam para fazer caixas de pinho. Parecia que a vigia tinha sido arrastada para cá, e Scarpetta foi até onde ela estava e pressionou os dedos contra a lateral do pescoço dela.

“Peça uma ambulância”, pediu a Benton.

Sentiu o ferimento na parte posterior da cabeça de Filene, do lado direito, uma área inchada pegajosa e ensanguentada. Levantou as pálpebras de Filene para ver-lhe as pupilas. A direita estava dilatada e imóvel. A respiração dela era irregular, o pulso rápido e também irregular, o que levou Scarpetta a suspeitar de uma compressão do tronco cerebral.

“Preciso ficar aqui”, disse ela a Benton, que estava ligando em busca de ajuda. “Ela pode vomitar ou ter uma convulsão. Preciso manter desimpedidas as vias respiratórias dela.” Dirigindo-se a Filene, disse: “Estou aqui. Você vai ficar bem. O socorro está chegando”.

Seis dias depois

No interior da Sala do Memorial da Two Truck, cadeiras e bancos tinham sido distribuídos perto de uma máquina de Coca-Cola e de um cofre de armas porque na cozinha não havia espaço para todos se sentarem. Scarpetta tinha comprado um monte de comida.

Sobre a mesa, grandes tigelas de papardelle com espinafre e ovos, rigatone, penne e espagete; no fogão, panelas com molhos tinham sido postas a esquentar. Uma com molho de cogumelos, outra com bolonhesa e uma terceira com prosciutto di Parma. Havia um molho de tomate simples para a lasanha de Marino, que havia pedido também uma porção extra de carne e de ricota. Benton quis iscas de vitela fritas com molho marsala; Lucy pediu sua salada preferida com funcho, enquanto Berger deu-se por feliz com seu frango ao molho de limão. O ar estava impregnado de cheiros: parmesão, cogumelos e alho. O tenente Al Lobo preocupava-se com a multidão.

“A cidade inteira está vindo para cá”, disse ele, examinando o pão. “Ou talvez o Harlem inteiro. Precisamos estar preparados.”

“Deve fazer som de oco quando se bate nele”, disse Scarpetta, enxugando as mãos no avental e abrindo a porta do forno para dar uma olhada. Uma cheirosa onda de calor saiu dele.

“Parece oco.” Lobo lambeu o dedo com o qual dera uns tapinhas no pão.

“É assim que ele examina as bombas também.” Marino adentrou a cozinha, com o boxer Mac e o buldogue de Lucy, Jet Ranger, à frente, ambos com as unhas clicando no piso de cerâmica. “Dá umas pancadas e se não explode, ele pode ir cedo para casa, para ele é coisa de todos os dias. Eles podem comer alguma coisa?” Marino falava dos cachorros.

“Não”, respondeu Lucy bem alto, lá da Sala do Memorial. “Nada de comida humana.”

Do outro lado da porta aberta, ela e Berger estavam arrumando guirlandas de luzinhas brancas em cima da vitrine que guardava objetos pessoais de Joe Vigiano, John D’Allara e Mike Curtin, os socorristas da Two Truck mortos no Onze de Setembro. O equipamento deles, recuperado dos escombros, estava arrumado em estantes. Um bom sortimento de algemas, chaves, coldres, alicates, lanternas, argolas em D e fivelas de arneses Roco, derretidas e retorcidas. No chão, uma barra de aço do World Trade Center. Fotos dos três homens e de outros membros da Dois caídos em serviço estavam dispostas nas paredes cobertas de painéis de bordo. Sobre a cama de Mac, um edredom com a bandeira americana feito por crianças de uma escola primária. Música natalina acompanhava o falatório dos rádios da polícia.

Scarpetta ouviu passos na escada.

Benton tinha saído com Bonnell para apanhar o resto da comida, um sorvete de musse de chocolate com pistache, pão de ló, frios e queijos. Scarpetta tinha caprichado no antepasto para que sobrasse, pois não havia nada melhor do que sobras para policiais sentados em seus postos ou trabalhando na garagem, à espera de emergências. Era dia de Natal, lá pelo meio da tarde, frio e com precipitações de neve. Lobo e Ann Droiden tinham vindo do sexto distrito, todos reunidos na Dois porque Scarpetta resolvera oferecer a ceia de Natal às pessoas que tinham feito tanto por ela nos últimos tempos.

Benton surgiu no limiar da porta com uma caixa, o rosto vermelho por causa do frio.

“L. A. ainda está estacionando. Nem policiais têm vaga para estacionar por aqui. Onde querem que ponha isto?” Entrou, olhou em volta, sem achar nenhum espaço vazio na bancada nem na mesa da cozinha.

“Aqui.” Scarpetta puxou umas tigelas. “O sorvete de musse vai para o freezer por enquanto. E vejo que trouxe vinho. Bem, suponho que você não vai atender a nenhuma emergência. A lei permite que se tome vinho aqui?”, perguntou, desafiante, a qualquer pessoa que estivesse na Sala do Memorial e se dispusesse a responder: Lobo, Droiden, Berger e Lucy.

“Só se o vinho tiver tampa de rosca ou vier em caixinha”, respondeu Lobo.

“Qualquer coisa que custe mais de cinco paus é proibida”, acrescentou Droiden.

“Quem está de plantão?”, perguntou Lucy. “Eu não. Nem Jaime. Acho que Mac precisa de penico.”

“Está soltando puns outra vez?”, perguntou Lobo.

O boxer malhado era velho e tinha artrite, como Jet Ranger, ambos salvos do abandono. Scarpetta pegou o pacote de petiscos que tinha assado, uns biscoitos saudáveis de manteiga de amendoim e farinha de trigo vermelho. Deu um assobio e os cachorros correram para cima dela. Não eram velozes, mas não tinham perdido o entusiasmo. Ela disse: “Senta!”, e deu-lhes a recompensa.

“Se fosse fácil assim com as pessoas”, disse ela, tirando o avental. “Vamos lá”, disse ela a Benton. “Mac precisa de um pouco de exercício.”

Benton pegou a guia e ambos vestiram seus casacos. Scarpetta meteu no bolso vários sacos plásticos. Desceram com Mac pela velha escada de madeira, passaram pela enorme garagem cheia de caminhões de emergência e equipamentos, quase sem espaço para andar, e ganharam a rua. Do outro lado da Décima Avenida havia uma pracinha, perto da igreja de Santa Maria, e ela e Benton levaram Mac para lá porque a grama careca congelada era melhor para ele do que o pavimento.

“Constatação”, disse Benton. “Faz dois dias que você está cozinhando.”

“Eu sei.”

“Não quero levantar o assunto lá”, disse ele, enquanto Mac começava a farejar, puxando-o primeiro para uma árvore pelada, depois para um arbusto. “De qualquer modo, eles vão falar disso a noite inteira. E acho que devíamos deixá-los cedo e ir para casa. Faz uma semana que não ficamos sozinhos.”

Tampouco tinham podido dormir muito. A escavação do porão da casa dos Starr levou vários dias, já que o nariz eletrônico, o Labrador, tinha sido tão diligente em seu farejamento quanto Mac agora, levando Scarpetta para cada canto, alertando para vestígios de sangue decomposto. Por um momento, ela teve medo de encontrar muitos corpos nos dois subterrâneos da casa onde Rupe Starr guardava seus carros e cuidava deles, mas isso não ocorreu. No fim, só Hannah estava lá, debaixo de concreto, no fundo do fosso, morta de uma forma não muito diversa da de Toni Darien, a não ser pelo ferimento, maior e mais eloquente. Foi golpeada no rosto e na cabeça dezesseis vezes, possivelmente com a mesma arma usada para matar Toni, uma alavanca de câmbio com uma grande manopla de aço, da forma e do tamanho de uma bola de bilhar.

O kit de câmbio pertencia a um carro feito à mão chamado Spyker que, segundo Lucy, Rupe tinha restaurado e vendido havia cerca de cinco anos. Nele foi encontrado DNA de várias pessoas, três delas identificadas: Hannah, Toni e a pessoa que Scarpetta supunha que as tinha golpeado mortalmente, Jean-Baptiste Chandonne, também conhecido como Bobby Fuller, um empresário americano tão fictício quanto tantos outros personagens incorporados por Chandonne. Scarpetta não fez a autópsia de Chandonne, mas assistira a ela, sabendo que era importante para seu futuro como tinha sido para seu passado. O dr. Edison assumiu o caso, e o exame foi feito no Instituto Médico Legal de Nova York como qualquer outro. Scarpetta não pôde deixar de pensar no quanto isso teria sido decepcionante para Chandonne.

Ele não era nem mais nem menos importante que qualquer outra pessoa, apenas um corpo em cima da mesa, com a única diferença de que tinha mais sinais de reconstrução estética e embelezamento do que o normal. Suas cirurgias corretivas devem ter levado anos de visitas à sala de cirurgia e longas convalescenças que podem ter sido uma tortura. Scarpetta só podia imaginar o sofrimento causado pela depilação a laser de corpo inteiro e pela implantação de coroas em todos os dentes. Mas talvez ele tenha ficado satisfeito com o resultado, já que por muito que ela tivesse examinado o corpo no necrotério, encontrou poucos sinais de suas deformidades, apenas as marcas das cicatrizes cirúrgicas reveladas quando lhe raspavam a cabeça em volta dos ferimentos de entrada e saída do projétil de nove milímetros que Benton disparou em sua testa.

Jean-Baptiste Chandonne estava morto, e Scarpetta tinha certeza de que era ele. O DNA não mente. Ela podia ter a segurança de saber que ele nunca mais estaria num banco de jardim, ou no necrotério onde ela trabalhava, ou numa mansão ou em

qualquer outro lugar. Hap Judd estava morto, e apesar de ter coreografado tão bem a satisfação de suas inclinações perversas e seus crimes, deu um jeito de deixar um bom rastro de DNA: no BioGraph que Toni usava como participante de um projeto de pesquisa chamado Calígula, financiado por Chandonne, ao qual ela chegara por intermédio do pai, um bandido com diploma do mit; na vagina dela, porque luvas de borracha não são tão impermeáveis quanto camisinhas; no cachecol vermelho que estava enrolado em seu pescoço; em toalhas de papel amassadas que Marino recolhera do lixo dela, provavelmente usadas por Hap para tentar remover indícios de que tinha estado no apartamento; e em dois livros de crimes verídicos que estavam na gaveta da mesinha de cabeceira. Provavelmente era ele quem aparecia nas imagens gravadas pela câmera de segurança, representando seu último ato.

Ele vestiu a parca de Toni e um par de tênis de corrida parecido com os que ela usava, mas pegou as luvas erradas, porque ela tinha começado a usar meias-luvas de esqui, como as Hestra verde-oliva e castanhas que deixou no banco da frente da Lamborghini, com um oxímetro de pulso ainda dentro de uma delas. Hap entrou no edifício de Toni usando chaves que encontrou junto ao corpo dela, ao qual depois as devolveu, e embora Scarpetta nunca tenha sabido o que ele tinha em mente, suspeitava que fosse uma combinação de motivos. Ele queria eliminar qualquer vestígio de sua relação com Toni, e havia montes deles, coletados no celular e no laptop dela, ambos encontrados no apartamento dele em TriBeCa, assim como a carteira dela e outros objetos, inclusive carregadores, que mostravam que ela passara algum tempo com ele no apartamento. Ela enviara para ele centenas de mensagens de texto, e ele mandara para ela e-mails com alguns de seus roteiros inquietantes, que estavam salvos no disco rígido do laptop dela. As mensagens de texto que ele enviava deixavam claro que o relacionamento entre ambos tinha de ser secreto pelo fato de ele ser uma celebridade, e Scarpetta duvidou que Toni fizesse alguma ideia de que as fantasias sexuais de seu namorado famoso a respeito dela fossem tão grotescas quanto as que ele escrevia e gostava de ler.

As pessoas que poderiam fazer mais revelações sobre os Chandonne e sua rede e tudo o que pode ter acontecido ainda estavam sendo procuradas pelo FBI. Dodie Hodge e um marine desertor chamado Jerome Wild em breve estariam no topo da lista dos dez mais procurados. Carley Crispin, que deixara impressões digitais no BlackBerry de Scarpetta, contratou um proeminente advogado. Seu programa já não estava no ar e provavelmente nunca mais voltaria, pelo menos na CNN. As governantas Rosie e Nastya estavam sendo interrogadas, e havia rumores de que o corpo de Rupe Starr seria exumado, o que Scarpetta esperava que não acontecesse, pois achava que não ia ajudar em nada, seria apenas mais uma sensação nos jornais. Benton disse que a relação de personagens era grande, aqueles facínoras todos que Chandonne recrutara, e ainda levaria algum tempo antes que se soubesse quem era

real, como Freddie Maestro, e quem foi apenas mais uma forma assumida por Jean-Baptiste, como o filantropo francês Monsieur Lecoq.

“Muito bem, que bom rapaz”, elogiou Scarpetta, agradecendo enfaticamente a Mac por sua contribuição.

Recolheu o cocô com uma das sacolas plásticas e, ao lado de Benton, voltou a atravessar a Décima Avenida, com a luz do crepúsculo já desaparecendo. A neve caía em pequenos flocos que não aderiam, mas pelo menos eram brancos, como disse Benton, era Natal, e aquilo era um sinal.

“Sinal de quê?”, ela perguntou. “Lavar nossos pecados, talvez? E você pode pegar esta mão. Não vá pegar a outra!”

Ela deu-lhe a mão que não estava segurando a sacola de plástico, e tocaram a campainha da Dois.

“Se nossos pecados fossem lavados, o que nos restaria?”, perguntou Benton.

“Nada de interessante”, disse ela, enquanto a porta destrancava. “Na verdade, pretendo cometer todos os pecados que puder quando chegarmos em casa esta noite. Tome isso como uma advertência, Agente Especial Wesley.”

Lá em cima, juntaram-se todos na pequena cozinha porque Benton estava abrindo o vinho e servindo-o em copos de plástico, um ótimo Chianti para quem se permitisse. Marino abriu a geladeira, de onde tirou refrigerantes para Lobo e Droiden, e uma cerveja sem álcool para si mesmo. A essa altura Bonnell tinha aparecido, e todos acharam que era uma boa hora para um brinde. Foram para a Sala do Memorial e Scarpetta seguiu-os, levando um cesto de pães.

“Uma tradição familiar que eu gostaria de revelar a vocês, se me permitem”, disse ela. “Pão da lembrança. Minha mãe fazia esse pão quando eu era pequena, e ele tem esse nome porque quando você come um pedaço, lembra de alguma coisa importante. Pode ser algo de sua infância. Pode ser de qualquer época, de qualquer lugar. Então acho que podíamos fazer um brinde, lembrar coisas por que passamos e quem éramos nós, porque isso é também o que somos agora.”

“Você tem certeza de que devemos fazer isso aqui?”, perguntou Bonnell. “Não quero faltar com o respeito.”

“Esses rapazes?” Lobo se referia aos companheiros caídos, cujos pertences não pareciam tão esquecidos ao brilho das luzinhas brancas. “Eles seriam os primeiros a querer que fizéssemos isso agora. Estou com vontade de servir um prato para eles. Lembro que John adorava animais.” Olhava para a foto de D’Allara, enquanto Marino afagava Mac. “Ainda temos um bastão de pegar cobras no armário dele.”

“Acho que nunca vi uma cobra em Manhattan”, disse Berger.

“Todo dia aparece uma”, disse Lucy. “Ganhamos a vida com elas.”

“As pessoas abandonam cobras no parque”, disse Droiden. “Pítons de estimação que não querem mais. Uma vez apareceu um jacaré. E aí, quem é chamado?”

“Nós”, disseram todos.

Scarpetta passou o cesto de pão e cada um dos presentes serviu-se de um pedaço. Ela explicou que o segredo do pão da lembrança era que podia ser feito daquilo que você quisesse. Podia ser de sobras de cereais, batata, queijo, ervas, porque o melhor era que as pessoas dessem atenção ao que tinham e não desperdiçassem nada. As lembranças são como as coisas que você encontra na cozinha, disse ela, todos aqueles restinhos nas gavetas e no fundo do armário, porções que parecem irrelevantes ou até mesmo ruins mas que na verdade dão um realce ao que você faz.

“Aos amigos”, disse ela, erguendo o copo.

Créditos

Agradecimentos especiais aos seguintes consultores técnicos:

Dra. Staci Gruber, diretora do Centro de Neuroimagem Cognitiva e Clínica do Hospital McLean; professora-adjunta do Departamento de Psiquiatria, Escola de Medicina de Harvard.

Barbara A. Butcher, chefe de pessoal e diretora de investigações forenses, Instituto Médico Legal da Cidade de Nova York.

Subdelegado Paul J. Browne, Departamento de Polícia da Cidade de Nova York.

Nicholas Petraco, chefe de criminalística, Divisão de Investigações Forenses, Departamento de Polícia de Nova York.

Tenente Mark Torre, comandante do esquadrão antibomba do Departamento de Polícia de Nova York.

Dr. Louis Schlesinger, professor de psicologia forense, Faculdade John Jay de Justiça Criminal.

Dra. Marcella Fierro, ex-chefe do Instituto Médico Legal da Virgínia.

Promotora Lisa Friel, chefe da Unidade de Crimes Sexuais da Promotoria do Condado de Nova York.

Reverenda Lori Bruno, vidente e médium da Hex: Old World Witchery, Salem, Massachusetts.



DEBRA GINGRICH

PATRICIA CORNWELL nasceu em Miami, em 1956, e é uma das escritoras de maior sucesso nos Estados Unidos. Foi a primeira americana a ganhar o prestigioso prêmio Galaxy British Book Awards na categoria Romance Policial do Ano (2008). Sua personagem Kay Scarpetta foi premiada em 1999 com o Sherlock Award de melhor detetive criado por um autor americano, e é protagonista da série que inclui *Contágio criminoso*, *Foco inicial*, *Post-mortem* (Grande Prêmio Francês de Literatura Policial) e *Desumano e degradante* (Gold Dagger Award de 1993). É fundadora do Instituto de Ciência e Medicina Forense de Virgínia.

Copyright © 2009 by CEI Enterprises, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL **The Scarpetta Factor**

CAPA **Milena Galli**

FOTO DE CAPA **Mari Juliano**

PREPARAÇÃO **Renato Potenza Rodrigues**

REVISÃO **Larissa Lino Barbosa e Gabriela Ubrig Tonelli**

ISBN **978-85-8086-719-0**

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, CJ. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Table of Contents

[Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[Seis dias depois](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)